ISSN: 1645-4790

16
17
Outubro 2009/2010

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

1709-2009

Cláudio Poullart des Places

Escritos • Estudos • Testemunhos

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

SÉMINAIRE DU ST ESPRIT
PARIS

COR UNUM ET ANIMA UNA

Cláudio Francisco
Poullart des Places
1679-1709

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. José Manuel Sabença (Superior Provincial de Portugal);
P. Lourenço Ndjimbu (Superior Provincial de Angola);
P. Adalberto Ferezini (Superior Provincial de Brasil);
P. João Baptista F. Barros (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Conceição Sousa (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Agradecemos o contributo de cada autor e o de todos os seguintes colaboradores:
P. Agostinho Tavares
P. Alberto dos Anjos Coelho
P. António dos Santos Moreira
P. Domingos Neiva
P. Eduardo Miranda Ferreira
P. Ernesto Neiva
Ir. Manuel Carmo Figueiredo Gomes

Design Gráfico e capa:
Victor Silva e Damasceno dos Reis

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Rua de Santo Amaro à Estrela, 51
1200-801 Lisboa
Tel.: 213 933 000 - Fax: 213 933 019
missaoespiritana@espiritanos.org

Distribuição gratuita

Composição, paginação e impressão:
SMIprint - Artes Gráficas e Design, Lda.

ISSN: 1645-4790
Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 1000 exs.

Cláudio Poullart des Places

1709-2009

Escritos • Estudos • Testemunhos

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
LYRASIS Members and Sloan Foundation

http://archive.org/details/missoespiritanan1617cong

Sumário

MISSÃO ESPIRITANA
Número especial sobre Poullart des Places

Editorial – Eduardo M. Ferreira 7

I. Fontes

1. Cronologia da vida de Cláudio Francisco Poullart des Places 13
2. Escritos de Poullart des Places – *Tradução crítica de Agostinho Tavares* 15
3. Pensamentos de Poullart des Places – *Coligidos por Ramos Seixas* 71

II. Ao encontro do seu tempo

4. Naquele Pentecostes há 306 anos – *Christian De Mare* 87
5. O contexto histórico em que viveu Poullart des Places – *José Costa* 103
6. As origens históricas da nossa consagração ao Espírito Santo e à Imaculada Conceição – *Joseph Michel* 115
7. Poullart des Places e as almas abandonadas – *Joseph Michel* 127
8. Poullart des Places e a reforma do clero – *Adélio Torres Neiva* 141
9. O Seminário do Espírito Santo – *António Farias* 153
10. A Regra das origens – *Ignace Schwindehhammer* 167

III. A mística de um sonho

11. Um jovem rico no seguimento de Cristo pobre – *Joseph Michel* 185
12. A personalidade espiritual de Poullart des Places – *Jean Savoie* 203

13. Poullart des Places e Nossa Senhora
– *Pedro Iwashita* 221
14. Ensaio sobre o carisma espiritano de 1703 a 1839
– *Henry Koren* 229
15. O itinerário espiritual da Congregação
ao longo da sua história
– *Adélio Torres Neiva* 241
16. Trabalhar com os pobres com os olhos
de Poullart des Places
– *Pedro Fernandes* 265

IV. Testemunhos

17. Testemunho do P. Tomás 281
18. Testemunho do do P. Besnard 285
19. Na intimidade com Poullart des Places
– *Ramos Seixas* 289
20. As pegadas de Poullart des Places na minha vida
– *Fátima Monteiro* 305

V. Arquivo

21. A causa da beatificação de Poullart des Places
– *Jean Savoie* 311
22. As Cartas Patentes da Congregação 319
23. O segundo centenário da Congregação
– *Mons. Le Roy* 325

Eduardo Ferreira*

Celebração do tricentenário da morte de Cláudio Francisco POULLART DES PLACES

«Estou decidido a seguir o caminho que me indicares»[2]

Por ocasião do nosso último Capítulo Geral celebrado na Torre d'Aguilha, Portugal, os capitulantes deram graças a Deus pelos numerosos frutos do Ano Jubilar 2002-2003. Esse Ano Jubilar terá permitido à Congregação melhor "viver hoje, com autenticidade, o carisma espiritano". No primeiro documento capitular, "A Renovação Espiritual da Congregação", os capitulantes exprimiram o desejo de **"dar continuidade às celebrações do Jubileu Espiritano"**, dizendo: "não devemos esperar mais 300 anos para nova celebração." O tricentésimo aniversário da morte de Cláudio Francisco Poullart des Places, fundador da nossa Congregação, dá-nos a ocasião providencial de nova celebração.

Este número especial de MISSÃO ESPIRITANA, totalmente dedicado a Cláudio-Francisco Poullart des Places, quer convidar-nos a tirar partido desta nova ocasião de encontrar coragem e inspiração na vida de nosso primeiro Fundador.

A ideia de marcar, de um modo especial, o tricentésimo aniversário da morte de Cláudio Francisco Poullart des Places, sugerida

---

* *Eduardo Miranda Ferreira, missionário espiritano. Licenciado em Filosofia e Teologia. Foi Provincial de Portugal durante nove anos. Actualmente é membro do Conselho Geral e segundo assistente do Superior Geral, em Roma.*

[2] *"Escolha de um estado de vida" in Claude-François Poullart des Places, Écrits, Centro Espiritano, Roma, 1988, pag. 41.*

há já alguns anos por muitos confrades, encontrou um eco favorável em toda a Congregação. O recente Conselho Geral Alargado celebrado em 2008, em Ariccia, nos arredores de Roma, encorajou fortemente o Conselho Geral a fazer propostas concretas para a celebração deste tricentenário. Mas já antes, várias circunscrições começaram a reflectir nas modalidades práticas dessa celebração e a organizar programas de animação e de celebração.

O ano "oficial" da celebração será o que decorre entre 02 de Outubro de 2009 e 02 de Outubro de 2010. É claro que estas datas são indicativas. Cada circunscrição poderá adaptá-las à sua situação e circunstâncias próprias.

Com este ano de Poullart des Places, o Conselho Geral deseja aproveitar este ano para pôr em evidência quatro pontos.

– Descobrir a importância do nosso voto de pobreza e da nossa opção preferencial pelos pobres. Na história pessoal de Cláudio Francisco Poullart des Places, a pobreza por ele vivida e a dedicação aos pobres são inseparáveis. Ele via na pobreza e no despojamento pessoais a condição indispensável para estar totalmente disponível à vontade de Deus, como o indica a citação de seus escritos, escolhida como tema deste ano jubilar**: *"Estou decidido a seguir o caminho que me indicares".*** Cerca de 150 anos mais tarde, encontramos a mesma dupla exigência no P. Libermann. Admirável coincidência! Hoje, estaremos também nós, verdadeiramente persuadidos da importância da pobreza pessoal e da prioridade a dar ao serviço evangélico dos mais pobres de nosso mundo?

– Redescobrir a importância e o sentido de nossos compromissos ao serviço da educação. Faz parte da tradição de nossa Congregação ligar à protecção de Cláudio Francisco Poullart des Places as nossas diferentes obras educativas. Foi assim que em 1935, ao evocar a consagração da capela de Santa Teresa de Lisieux em Auteuil, o Padre Brottier escreveu estas palavras: *"Torrentes de esperança nos são permitidas, e os nossos Fundadores só podem alegrar-se com isso. (...) Poullart des Places deve estar feliz que a Congregação que tinha fundado para ajudar os seminaristas pobres, seja hoje encarregada de uma obra de órfãos pobres e sem apoio, em condições tais que talvez amanhã, multidões de infelizes sem família sejam recolhidos pelos filhos de Poullart des Places"*[3].

– Um melhor conhecimento da história da Congregação entre a fundação (1703) e a fusão (1848). Se a história da Congregação de 1848 até aos nossos dias é estudada de modo regular e cuidado, com a publicação de numerosas monografias relacionadas com as nossas missões e circunscrições, parece que o período anterior não beneficia dos mesmos esforços de investigação e de publicação. O

[3] *In Alphonse Gilbert, En Confiance, Daniel Brottier, OAA, Paris, 1990, pag. 359*

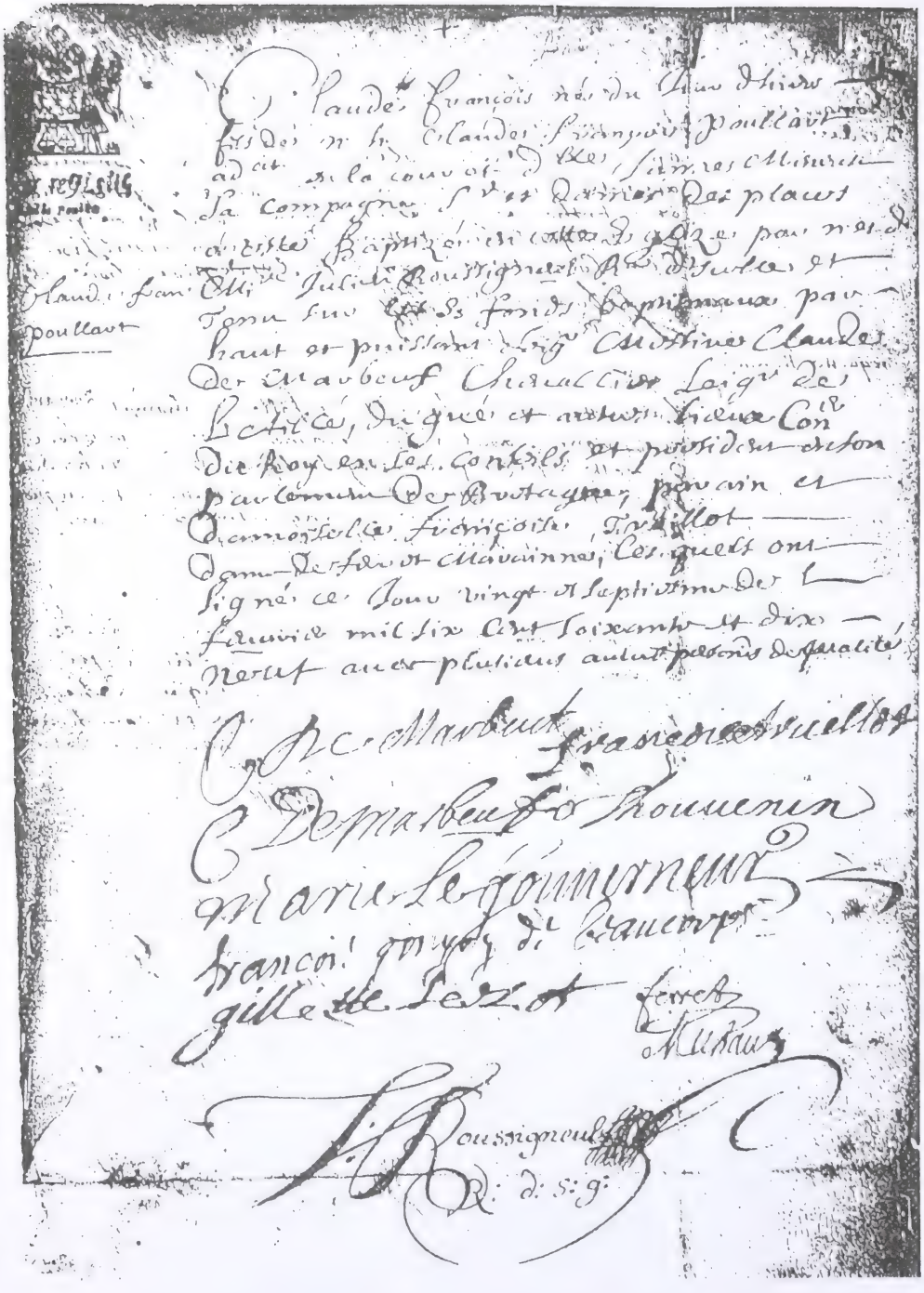
Conselho Geral deseja vivamente utilizar o ano do tricentenário para relançar o interesse de nossos investigadores e historiadores (jovens em formação inicial, confrades em estudos de especialização, investigadores ...) sobre este primeiro e longo período da nossa história.

– **Um movimento renovado em favor da beatificação de nosso primeiro Fundador, Cláudio Francisco Poullart des Places.** Sabemos muito bem que na nossa Congregação são numerosos os "santos". Mas estes não "caem do céu". É necessário um amplo movimento de reconhecimento popular e de oração fervorosa para obter o reconhecimento oficial da sua santidade. Que o ano do tricentenário da morte de Cláudio Francisco Poullart des Places seja também a ocasião de um novo movimento em favor de sua beatificação, sem esquecer as nossas outras "causas"!

O leque de artigos que compõem este número especial de MISSÃO ESPIRITANA inserem-se bem nos objectivos propostos. A apresentação das fontes de Poullart des Places (cronologia e tradução crítica dos "Escritos" e "Pensamentos"), a contextualização da sua vida e intuições, os elementos marcantes de seu itinerário espiritual, sem esquecer as suas três conversões, o discernimento da sua missão e sua atenção às necessidades e aos problemas da Igreja do seu tempo, o testemunho daqueles que de perto com ele conviveram ... são peças preciosas do tesouro que Poullart des Places, que morreu aos 30 anos, nos deixou: o livro da sua vida, que foi e é fonte de inspiração para os Espiritanos. A leitura atenta desta edição, nos faz compreender bem que, de Poullart des Places, até pela sua jovem idade, herdamos mais um espírito e um carisma que uma estrutura ou organização. Basta recordar algumas linhas de força da sua vida, espiritualidade e missão que atravessam os vários artigos: disponibilidade evangélica ao Espírito Santo, mística de pobreza e despojamento, serviço aos pobres e às situações de urgência da Igreja e centralidade do Espírito Santo e Maria como pilares da espiritualidade espiritana.

A caminho do Capítulo Geral 2012. O Conselho Geral deseja que o ano jubilar 2009-2010 seja vivido como a primeira etapa da preparação espiritual do nosso próximo Capítulo Geral que será celebrado em 2012, nalguma parte em África. A RVE 214 precisa que o primeiro objectivo de qualquer Capítulo Geral é "verificar a fidelidade da Congregação à sua missão na Igreja". Esta fidelidade não se mede também pela nossa fidelidade às intuições e convicções evangélicas do nosso Fundador, Cláudio Francisco Poullart des Places?

I. Fontes



Certidão de baptismo de Cláudio Francisco na Igreja de S. Pierre-en-Saint-Georges, em Rennes, a 27 de Fevereiro 1679, no dia seguinte ao seu nascimento.

1. Cronologia da vida de Cláudio Francisco Poullart des Places

1679 – *26 Fevereiro:* nascimento de Cláudio Francisco Poullart des Places, em Rennes; batizado no dia seguinte na igreja (S. Pedro) da abadia de São Jorge.

1690 – *Outubro:* aos 11 anos e meio entra no colégio jesuíta de São Tomás de Rennes.

1691 – Com Luís Maria Grignion de Monfort, e sob a orientação espiritual do P. Bellier, um "padre do Espírito Santo", começa a preocupar-se com os pobres e a cuidar deles.

1694 – *Outubro:* aluno do colégio jesuíta de Caen.

1695 – De novo no colégio São Tomás de Rennes – filosofia 1.

1698 – *Julho:* filosofia 2 e filosofia 3.

1698 – *25 de Agosto:* "Sessão Magna" ante a elite de Rennes;
– viagem a Versalhes; seu retrato feito por Jouvenet;
– retiro de orientação vocacional;
– desejo de ser padre formado na Sorbona; sonho passageiro;
– Outubro: enviado para Nantes pelo pai, frequenta o I ano de direito.

1699 – *Outubro:* II ano de direito;
– um certo relaxamento na sua vida de fé.

1700 – *Verão:* regresso a Rennes: passa lá um ano inteiro a ajudar o pai na gestão dos seus negócios; parece inclinar-se para a magistratura.

1701 – *Verão:* Tem de tomar uma decisão quanto ao seu futuro: aceitará ele vestir a toga de Conselheiro do Parlamento? A possibilidade de tal escolha deixa-o inquieto. Seu grande retiro de conversão e de escolha da vocação, em Rennes.

1701 – *Outubro:* dá entrada no colégio jesuíta Luís-o-Grande (Paris): 1º ano de teologia;
– *Dezembro:* entra para a Assembleia dos Amigos (AA).

1702 – *Maio:* encontra João Batista FauIconnier, "estudante pobre";
– *Agosto:* retiro; redação de um Regulamento pessoal; no dia 15 recebe a tonsura e a batina;
– *Outubro:* 2° ano de teologia; cada vez mais envolvido com os "estudantes pobres";
– primeiro aluguer de quartos na rua des Cordiers. Visita de Luís Maria Grignon de Montfort.

1703 – *Março, início da Quaresma:* deixa o colégio Luís-o-Grande para partilhar a vida dos "estudantes pobres" na rua des Cordiers;
– *27 de Maio:* Festa do Pentecostes: fundação da Comunidade do Espírito Santo, na capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, na igreja de Santo Estêvão des Gres;
– *Outubro:* 3º ano de teologia; o crescimento numérico da comunidade vai impedi-lo de prosseguir a sua formação teológica.

1704 – *Dezembro:* retiro de reorientação: reflexões sobre o passado.

1705 – *Primeiro colaborador:* Miguel Vicente Le Barbier, etc..

1706 – *18 de Dezembro:* Poullart é ordenado subdiácono.

1707 – *19 de Março:* é ordenado diácono;
– *17 de Dezembro:* ordenação sacerdotal. As três ordenações tiveram lugar em Paris.

1709 – *2 de Outubro:* Cláudio Francisco morre de doença infecciosa, em consequência dum inverno rigoroso e da fome subsequente; foi enterrado na vala comum dos clérigos pobres em Santo Estêvão do Monte.

2. Escritos de Cláudio Francisco Poullart des Places

NOTA INTRODUTÓRIA

Cláudio Francisco Poullart des Places lançou os fundamentos da Congregação do Espírito Santo com apenas 24 anos de idade, tendo falecido aos 30, sem ter tido tempo de consolidar a Obra.

Não admira, por isso, que só nos tenha deixado alguns breves escritos. Exceptuando os Regulamentos Gerais e Particulares, destinados à comunidade dos Estudantes Pobres, estamos apenas diante de notas pessoais, não destinadas a ser difundidas e menos ainda a ser publicadas. No entanto, se os lemos com olhar atento e contextualizado, podemos encontrar neles o coração crente do jovem Fundador, tocado pela ternura do amor de Deus.

A tradução dos seus Escritos que aqui se apresenta tem em consideração as publicações levadas a cabo por Henry Koren[2], Joseph Lécuyer[3] e Joaquim Ramos Seixas[4], sem que se tenha tido a possibilidade de consultar os manuscritos do Fundador.

Os primeiros dois manuscritos – I. Reflexões sobre as Verdades da Religião Realizadas num Retiro por uma Alma que Pensa Conver-

---

* *Agostinho Tavares, tradutor destes Escritos de Poullart des Places, é director do Centro de Espiritualidade CESM, Centro Espírito Santo e Missão, Silva, Portugal. Missionário Espiritano trabalhou vários anos em Angola, dedicou depois vários anos à formação como Mestre de Noviços. Formado em Filosofia, Teologia e com uma Pós Graduação pela Universidade de Comillas, Madrid, em Discernimento vocacional.*

[2] *Henry J. Koren, Les Écrits Spirituels de M. Claude-François Poullart des Places, Fondateur de la Congrégation du Saint-Esprit, Duquesne University (Pittsburg), Éditions Spiritus, Rhenen (Hollande), Éditions1959. E. Nauwelaerts, Louvain (Belgique), 1959.*

[3] *Joseph Lécuyer, Les Écrits de Claude-François Poullart des Places (1679-1709), réédition des Cahiers Spiritains, nº 16, 1988.*

[4] *Joaquín Ramos Seixas, Cláudio Poullart des Places, I, Antologia Espiritana.*

ter-se; II. Escolha de um Estado de Vida –, foram redigidos por Poullart des Places no retiro que fez aos 22 anos, no intuito de discernir o estado de vida a que Deus o chamava. Retiro decisivo que marcou toda a sua vida, pois nele decidiu não resistir mais ao amor misericordioso de Deus e dizer Sim ao seu apelo, dedicando-se inteiramente a Ele, na vida sacerdotal.

O terceiro manuscrito – III. Fragmentos dum Regulamento Particular –, chegou até nós incompleto. Trata-se de um verdadeiro projecto pessoal de vida espiritual, que nos dá a entender a intensidade de vida de oração em que o Fundador entrou após o retiro acima referido.

O quarto manuscrito – IV. Reflexões sobre o Passado –, remete-nos para o retiro que Cláudio Poullart des Places realizou em fins de 1704, num momento de profunda crise espiritual. Nele podemos perceber, simultaneamente, o profundo fervor espiritual que se seguiu ao retiro de discernimento vocacional – comparável à descrição da oração de afeição feita por Libermann – e a aridez e perplexidade em que se encontra o Fundador cerca de ano e meio depois de ter lançado – 27 de Maio de 1703 – os alicerces da Congregação.

O quinto e último manuscrito – V. Regulamentos Gerais e Particulares –, oferece-nos os Regulamentos que Cláudio Poullart des Places redigiu para garantir a boa Ordem do Seminário do Espírito Santo. Devedores, sem dúvida, ao espírito da época em que o Fundador viveu, eles dão-nos, no entanto, uma preciosa informação sobre a qualidade de vida espiritual e intelectual que quis garantir aos seus seminaristas pobres.

REFLEXÕES SOBRE AS VERDADES DA RELIGIÃO REALIZADAS NUM RETIRO POR UMA ALMA QUE PENSA CONVERTER-SE

Quis verdadeiramente retirar-me do convívio do mundo para passar oito dias na solidão. Nada me obrigou a fazer este pequeno sacrifício ao Senhor. Podia ter desperdiçado, como tantas vezes fiz até aqui, estes momentos que quero dedicar, neste santo lugar, à minha conversão e à minha salvação. Devo reconhecer, neste louvável propósito, a graça que me iluminou na minha cegueira. Se não tivesse recebido este santo chamamento, teria tido, por isso, o direito de não voltar para Deus? Não rejeitei já tantas graças suas, às quais não quis abrir a porta do meu coração? E não fez o Senhor por mim mais do que devia, visto que nada podia exigir dEle, e Ele, contudo, me socorreu frequentemente no perigo, como se a isso fosse obrigado?

Todos os homens têm direito a querer salvar-se, visto que, ao pensar na sua salvação, pensam em agradar a Deus e em tornar eficaz, para si, o precioso sangue de Jesus Cristo. Aliás, se atendermos ao fim para o qual fomos criados, não há um só homem que a isso não seja necessariamente obrigado. Parece-me, todavia, que nesta necessidade tão geral, nem todos são igualmente condenáveis por renunciar ao Paraíso. Quantos cristãos encontro que serão mais criminosos que os outros, se não aproveitam tantas possibilidades que a Providência tão liberalmente lhes oferece todos os dias! Considero-me felizmente um desses filhos queridos a quem meu Pai e Criador oferece tantas vezes meios fáceis e admiráveis para me reconciliar com Ele. Serei infelizmente desse número se não sei ou, para ser mais sincero, se não quero responder aos apelos de um Deus que deveria ser insensível aos meus.

Vamos, minha alma, é tempo de te renderes a tantas perseguições amáveis. Poderás hesitar um momento em abandonar todos os teus sentimentos mundanos, para, com mais atenção e recolhimento, reprovares a tua ingratidão e dureza de coração à voz do teu Deus? Não deverás sentir vergonha de ter combatido tanto tempo, de ter destruído, desprezado, espezinhado o sangue adorável do teu Jesus?

Como recordo, com grande pena, esses momentos em que, prestes a cair no precipício, encontrava a mão de Deus que me detinha, que se opunha à minha queda, e que eu não deixava de forçar. Quantas vezes encontrei a graça como um muro de bronze que me servia de obstáculo e que, mil vezes seguidas, desfazia os meus esforços criminosos e as minhas diligências desordenadas! As coisas mais fáceis para os outros de ofender o Senhor eram difíceis para mim. E não exagerarei se disser que me eram quase impossíveis. Tudo se me opunha: os lugares, o tempo, as pessoas eram-me adversos. Para pecar, precisava de fazer um grande sacrifício, pois tinha de me armar de paciência e de coragem para vencer tantos inimigos, que só queriam o meu bem, e para esquecer tantas fadigas, que por si sós, deviam ser capazes de me causar repulsa.

Vós me procuráveis, Senhor, e eu fugia de vós. Tínheis-me dado a razão, mas não queria servir-me dela. Queria desentender-me convosco, e vós de modo algum o consentíeis. Não merecia eu que me tivésseis enfim abandonado, que vos tivésseis cansado de me fazer bem e começásseis a fazer-me mal? No castigo, ao sentir o peso do vosso braço, teria reconhecido a minha culpa, teria sentido a enormidade dos meus crimes. Como sois amável, meu divino Salvador! Não quereis a minha morte, não quereis senão a minha conversão. Como se tivésseis necessidade de mim, tratais-me sempre com doçura. Parece que vos gloriais em conquistar um coração tão insensível como o meu. Parece-vos bela esta conquista. Podendo embora com uma só palavra vencer tantos milhões de homens que cantariam sem cessar os louvores do seu Conquistador e vos compensariam, se ouso falar assim, da perda de um miserável como eu, permitis que vos façam guerra, mas não quereis que eu os siga na sua desordem e impiedade.

Só a Vós pertence, ó meu Deus, tocar o coração do homem. Que eu reconheça a eficácia do vosso amor, ao reconhecer o vosso poder! Amais-me, meu divino Salvador, e dais-me disso provas bem sensíveis. Sei que a vossa ternura é infinita, pois não se esgotou com as minhas inumeráveis ingratidões. De há muito que quereis falar-me ao coração, mas não tenho querido escutar-vos. Tentais persuadir-me de que quereis servir-vos de mim nas tarefas mais santas e religiosas, mas procuro não acreditar em Vós. Se, às vezes, a vossa voz causa alguma impressão no meu espírito, o mundo apaga, pouco depois, os sinais da vossa graça. Há quantos anos trabalhais em restaurar o que as minhas paixões destroem continuamente! Estou convencido que não quereis continuar a combater sem êxito, e que encaminhais a vitória para a parte justa. O assalto que me fizestes neste retiro será glorioso para Vós, embora muito menos difícil que os anteriores. Não vim aqui defender-me, mas para me deixar vencer.

Falai, meu Deus, quando vos aprouver. E visto que todo o mal que vos pude fazer, fazendo-me um mal infinito, não vos impediu de gritar por mim (de correr atrás de mim), agora, Senhor, que me arrependo da minha cegueira e renuncio de todo o coração a todas as coisas que me obrigavam a fugir de Vós, agora, Senhor, que venho procurar-vos e estou disposto a seguir todas as santas ordens da vossa divina Providência, descei ao coração em que, desde há muito, desejais entrar: não mais terá ouvidos a não ser para Vós e não terá mais afeições a não ser para vos amar como deve. Nele encontrareis um lugar que nenhuma paixão manchará, e, envolto pelas virtudes que a vossa santa lei me manda praticar, nele podereis dar-me a conhecer a vossa santa vontade. Nada no mundo será capaz de vos roubar um servidor que vos dedica, com a coragem digna de um cristão, uma obediência cega e uma infinita submissão.

Para pôr-me num estado propício a escutar os vossos sábios conselhos, renovarei um plano de vida que me aproximará tanto da perfeição do cristianismo como a minha conduta, até agora, me aproximou

da imperfeição que se encontra na ambição e na vaidade do mundo[5]. É necessário, por assim dizer, que eu mude de natureza, que me despoje do velho Adão para me revestir de Jesus Cristo. Doravante, meu divino Salvador, ou sou inteiramente vosso, ou assino a minha própria condenação[6]. Quereis, meu Deus, que eu seja homem, mas que o seja segundo o vosso coração. Compreendo o que, numa palavra, me pedis, e quero dar-vo-lo, porque me ajudareis, dar-me-eis a força e me ungireis com a vossa Sabedoria e a vossa virtude.

Preciso da vossa ajuda para me defender do tentador. Abandono o seu partido, mas ele tentará prender-me às suas horríveis cadeias[7]. Este inimigo é poderoso quando não estais presente. É tarefa vossa, meu Deus, combater por mim. Confio-me inteiramente a Vós, porque sei que tomais sempre o partido daqueles que esperam em Vós, e que nada têm a temer quando fazem o que podem e Vós os amparais.

Não retireis o vosso braço, Senhor, com medo de me socorrer enquanto vos for fiel, mas deixarei de o ser quando cair em pecado. Guardai-me, amável Salvador, de tão perigoso mal. Dai-me antes a morte do que permitirdes que perca o vosso favor, depois ter sido objecto da vossa complacência. Livrai-me da infelicidade de vos esquecer. E visto que o pecado tanto vos desagrada, mudai a minha fraqueza em coragem; e se uma frágil cana como eu tiver de estar exposta ao furor dos ventos e às mais fortes tempestades, cingi-me com a vossa misericórdia e cobri a minha debilidade com o manto da justiça.

Conservai-me, meu Deus, num tão santo horror àquilo que mais vos desagrada. Acabo de o compreender melhor do que até aqui. Acabam de me mostrar até onde vai a vossa ira na punição do pecado. O exemplo da vossa justiça, castigando os anjos maus, assusta-me e, ao mesmo tempo, aumenta o meu amor. Olho a tremer o vigor da vossa vingança pela sua ofensa, e comovo-me de reconhecimento ao ver a paciência com que suportastes todos os meus crimes.

Que diferença, porém, entre esses seres tão perfeitos e uma criatura tão miserável! Anjos que, como eu, eram obra vossa, mas que o eram de maneira tão excelente e admirável, não eram capazes de deter a vossa cólera e desarmar a vossa justiça? Pecaram apenas uma vez. Poderei enumerar as vezes que já caí? O seu pecado não foi senão uma fraqueza; os meus foram pensados para vos ofender. O deles foi apenas um pensamento; os meus foram pensamentos e acções. Pecaram muito menos que eu, mas fui mais perdoado. Se tivessem tido um momento para o reconhecer, tê-lo-iam aproveitado.

---

[5] *Na margem: "Christianitas, mors criminum et vita virtutum": O cristianismo é a morte dos vícios, e a vida das virtudes.*

[6] *Na margem: "Aut in igne, aut in Christo": Ou no fogo, ou em Cristo.*

[7] *Na margem: "Me secutus est errantem, me sequetur paenitentem": Perseguiu-me nos meus desvarios, perseguir-me-á na penitência.*

Quantas ocasiões me ofereceu o Senhor que não quis aproveitar! Não teria eu uma alma desnaturada se não admirasse a ternura do meu Deus e não voltasse prontamente para Ele?

Conhecendo a sua justiça, estou admirado com a sua misericórdia para comigo. Sei que um pecado contra Ele merece a morte e suplícios eternos. A ofensa deve medir-se pela qualidade da pessoa que a cometeu e da que a recebeu. Uma bofetada dada a um camponês por um fidalgo merece alguma reparação, mas se fosse dada a um fidalgo, a um Senhor ou a um Rei por um camponês, que mereceria este, ou melhor, que é que não mereceria? Não se pode comparar a injúria que faço a Deus com a que o maior dos reis da terra pudesse receber do último dos patifes. Que deve, pois, suceder a uma criatura que, pelo seu pecado, manchou as mãos no sangue do seu Deus? Como esta expiação, meu Redentor, me ensina admiravelmente quão horrível é o pecado e que reparação exige! Só os méritos da vossa Paixão podiam apagá-lo. E ainda que eu tivesse sido o único a pecar no mundo e tivesse pecado uma só vez, teríeis dado igualmente a vida para reparar a minha ofensa, que, por ser um mal infinito, exigiria, em consequência, uma reparação infinita.

Eis-me persuadido, meu Deus, do horror do pecado. Como sou feliz em reconhecer a sua enormidade e quantos milhões de graças vos hei-de dar por mo terdes feito ver com olhos que, embora estivessem realmente abertos, não viam. Mas que desgraçado sou também por não ter querido deixar-me iluminar antes, e por tantas vezes ter recusado deixar-me convencer daquilo que no mundo mais precisava de crer. É tarde, meu Deus, para regressar dos meus desvarios, porque me conservaram tanto tempo vosso inimigo. Mas Vós sois o Pai das misericórdias, recebeis no seio de Abraão as ovelhas que buscam o pastor que perderam. Vós sois a vide e eu sou um sarmento que quereis unir à cepa, para que viva da mesma vida que o pé. As minhas folhas e os meus frutos não mais serão diferentes dos vossos; não produzirei pequenos ramos que não conheceis, Senhor, desde que me comuniqueis a vossa graça que é o alimento e a substância que me fará produzir as flores que amais.

Quero, meu Salvador, a qualquer preço, tornar-me digno do vosso amor. Este é, agora, o limite dos meus desejos. O meu coração, até aqui, cheio de vaidade e de ambição nada encontrava no mundo suficientemente elevado e grande para o encher. Não me admiro que coisas terrenas e perecíveis sejam incapazes de o contentar. Estava reservado para um Deus e encontra agora com que encher-se inteiramente. Não mais será ocupado senão por Vós. Haverá algum momento em que não se eleve para Vós, em que não vos consagre todos os seus pensamentos, que serão outras tantas reflexões que fará para manter-se alerta?

Mantendo, meu divino Jesus, com a vossa graça, uma tão grande atenção sobre todas as minhas acções, terei sempre um ódio implacável ao pecado. E temendo, doravante, cometer um só que seja, evitarei assim cair

no precipício do mau hábito de que acabam de nos falar e do qual estou ainda totalmente horrorizado.

Confesso que a maior desgraça que pode acontecer a uma alma que insensivelmente se afastou da piedade, é cair no hábito de um vício, por mais pequeno que seja. É o cúmulo da desordem, e, em pouco tempo, o próprio pecador, ao tornar-se necessariamente escravo da sua paixão, põe voluntariamente o último selo na sua condenação eterna. Senhor, acabo de prometer-vos não vos ofender mais. Conheceis a minha intenção, e sois o Deus verdadeiro que descobre, nas pregas e repregas do coração o que nele há de mais secretamente escondido[8]. O desejo que tenho de estar sempre diante dos vossos olhos, com a simplicidade da pomba e a prudência da serpente, dá-me a ousadia de vos prometer inviolável fidelidade.

Com estes sentimentos, exporia mil vezes a vida a renunciar às promessas que vos faço. Mas, perante o exemplo de David e a recordação de Salomão e de S. Pedro, que posso prometer, o que posso responder, se os mais altos cedros caíram? Não tenho presunção bastante para me fiar da minha coragem. Sou homem, e, portanto, fraco, capaz de vos esquecer precisamente no momento em que pense vigiar-me com mais cuidado. Detesto, Senhor, de antemão, estes pecados, e se tiver a desgraça de ser surpreendido, que a minha queda, ó meu Deus, seja inadvertida e irreflectida ao máximo. Que dela tire motivos de profunda humilhação. Que o mal me sirva para o bem e não seja um atractivo para permanecer no vício, e que o primeiro pecado não seja um chamariz que me arraste para o segundo.

Se eu caísse nesta desordem, retirar-me-íeis as vossas graças e não poderia levantar-me[9]. Depressa esqueceria, meu divino Salvador, a minha promessa de viver só para Vós. Deixaria de vos amar, porque deixaria de vos ter comigo. Nunca mais teria alegria interior nem paz de consciência; mas amaria as minhas inquietações, beijaria as minhas cadeias e, por mais pesadas que fossem, pensaria que eram leves e agradáveis, para não abandonar o meu crime e comprazer-me mais na minha desordem. Daí, a facilidade em pecar: beberia a iniquidade como água, afundar-me-ia no vício, e, com a repetição de actos maus, o mal tornar-se-me-ia familiar e comum. Daqui vem a insensibilidade depois do pecado.

Não teria mais remorsos de consciência: o que antes me teria parecido um sacrilégio, parecer-me-ia uma pequena imperfeição ou um ligeiro defeito[10]. E não iria eu mais longe ainda? Não veria inclusive os meus crimes como crimes, como outras tantas abomina-

---

[8] *Na margem: "Scrutans renes et corda, Deus": Ó Deus, que sondais os rins e o coração" (Sl 7,10).*

[9] *Na margem: "Ex sola consuetudine peccandi facta est necessitas": Só pelo hábito de pecar, o pecado torna-se uma necessidade.*

[10] *Na margem: "Omne peccatum consuetudine vilescit": O hábito torna-nos insensíveis ao pecado.*

ções e monstruosidades, sem me impressionar, sem buscar remédio para os combater, sem o mínimo sentimento de dor?[11] Em consequência, a impenitência final, a aversão a Deus, a condenação eterna, suplícios horrorosos e infinitos. Nenhum pesar em ter ofendido o Criador, nenhuma liberdade para se arrepender. Quando muito, algumas palavras à hora da morte, que querem dizer algo mas nada dizem. É o pecado que deixa o pecador, e não o pecador o pecado. Talvez o quisesse nesses momentos, mas o meu coração se oporia. O meu desejo seria ineficaz: o meu corpo, já sem força nem vigor, prestes a voltar ao seu nada primitivo, de bom grado renunciaria à paixão; mas a vontade, tão acostumada a consentir em tudo o que se lhe apresenta, seguiria a sua inclinação habitual[12]. Miserável, imploraria misericórdia e, ao mesmo tempo, o meu coração teria afectos injuriosos para Deus.

Acaso teria eu um minuto para fazer penitência? Não morreria como vivera? Durante a vida não teria pensado na minha salvação, e não pensaria na hora da morte. Surpreender-me-ia, morreria sem ter sido avisado, sem ter sido prevenido por uma debilidade, por uma doença ou qualquer outro sintoma mortal. Teria o pecado no coração e prestes a carregar-me de novo com mais algum. Pararia, seria obrigado a terminar a viagem. A gente que tanto teria amado, as minhas paixões, o diabo que tão bem teria servido, ninguém poderia dar-me um quarto de hora de vida. As orações que por mim fariam, as exortações, os sacramentos de nada me serviriam, porque, na hora da morte, o meu pecado viveria ainda em mim, por justo castigo de Deus[13].

Conservai em mim, ó meu Deus, a salutar apreensão que tenho de jamais cair em tão grande desgraça. Como ofender-vos com advertência, meu Salvador, como cometer alegremente o crime, sem sentir por isso nenhum pesar nem temer desagradar-vos, esperar tranquilamente o vosso juízo, irritar-vos de novo cada dia, cada hora, cada instante, estar sempre na vossa presença mas sempre como vosso inimigo, cometer na vossa presença o pecado que tanto vos desgosta, viver, apesar disso, como se não existísseis, como se não houvesse nem justiça divina, nem castigo, nem inferno. Estremeço de horror, ó meu Deus. Guardai-me sempre na virtude, para que bendiga o vosso santo nome para sempre[14]. Se a vossa graça a tal ponto me abandonasse, que glória tiraríeis de mim? Na verdade, satisfaríeis a vossa vingança, faríeis cair sobre mim as flechas da vossa cólera e os

---

[11] *Na margem. "Ab assuetis non fit passio": Aquilo a que se está habituado não faz sofrer.*

[12] *Na margem: "Consuetudo ligat": O hábito ata.*

[13] *Na margem: "In peccatis vestris moriemini": Morrereis no vosso pecado (Jo 8,21).*

[14] *Na margem: "Non mortui laudabunt te, Domine, neque qui descendunt in infernum": Não são os mortos que vos louvam, Senhor, nem os que descem ao inferno (Sl 113,17).*

raios da vossa indignação. Mas, Vós, que sois o Deus de doçura, o cordeiro inocente e o amável pastor, que quereis curar a alma e a quereis saudável, não ficareis mais contente se eu for objecto do vosso amor e da vossa misericórdia? Tereis o prazer de ver a minha fidelidade, a minha constância e a minha coragem em servir-vos como devo[15].

Faço-vos, doravante, responsável da minha conduta, meu Deus. Declaro-vos que quero resistir às funestas seduções do pecado. Não o posso fazer sem a vossa ajuda, e nunca vo-lo pedirei bastante. Não permitais jamais que me torne cego e iluminai-me com a mesma luz com que iluminastes Agostinho, Paulo, Madalena e tantos outros santos. Não poderei familiarizar-me com os ídolos, irei destruí-los nas suas mais fortes trincheiras e, com razões sólidas e apoiadas pela graça, tentarei arrancar as cabeças do dragão. Dar-vos-ei a conhecer a corações que não vos conheciam. Conhecendo eu mesmo a desordem das almas que vivem no mau hábito, persuadirei, convencerei, forçarei a mudar de vida; e sereis louvado eternamente por lábios que eternamente vos amaldiçoariam.

Anunciarei a esses miseráveis o que a vossa divina bondade me fez compreender hoje. Servir-me-ei dos poderosos meios da vossa graça para os converter. Sem ela e sem uma sincera cooperação da sua parte, é impossível que, caindo em si, voltem para Vós, e, com certeza, perder-se-ão eternamente, perdendo-vos a Vós para sempre. Não lhes dareis a vossa graça, se a não pedirem e não procurarem merecê-la.

Incentivá-los-ei por isso a rezar sinceramente, a não desanimar, a chamar frequentemente, a importunar-vos e a não vos deixar enquanto não virem que os escutais. Saberão que o seu endurecimento não vem senão da diminuição das graças que lhes tínheis preparado e de que tantas vezes recusaram servir-se. Compreenderão a vossa cólera pela pouca atenção que dareis às suas orações e aos seus primeiros lamentos, mas imediatamente compreenderão a vossa misericórdia, se for viva e verdadeira a sua pena e se quiserem sinceramente renunciar à sua vida passada.

A vossa graça, meu Deus, é inesgotável. Basta pedir de todo o coração e fazer o possível para merecer que derrameis sobre as nossas cabeças os óleos sagrados que nos conservam no bem. E como, da vossa parte, destes tudo o que é necessário quando fizestes descer a vossa graça sobre o pecador, nada mais é necessário que o seu consentimento para usar os meios salutares que a vossa misericórdia lhe concedeu. Tem de fazer penitência, ser austero, pôr o machado na árvore e cortar os ramos e o tronco principal. Mas como o cepo que ainda fica pode produzir novos rebentos perigosos, não pode ficar tranquilo enquanto não revolver toda a terra e arrancar até as mais pequenas raízes. Ser-

[15] *Na margem: "Volo vincere inimicos. Clamo ad te": Quero vencer os meus inimigos. Clamo por Vós.*

lhe-á penoso. Mas não o merece ele? E ainda que lhe custe demasiado, não valerá a pena para evitar os suplícios eternos?

Muito feliz há-de sentir-se ainda, meu Deus, por quererdes ouvir os seus rogos. Permaneceu muito tempo no seu pecado para poder sentir o mal que advém do crime. Não seria justo que gozasse da doçura encantadora que saboreiam as almas que vos são fiéis. Não receberá este favor enquanto o não merecer, e não o merecerá a não ser pela constância no bem e pela firmeza em fugir do mal.

As tentações tornam-se então mais violentas e o diabo mais atrevido e mau que nunca[16]. Vê que vai perder um dos seus partidários e faz tudo o que pode para o reaver, favorece as ocasiões, espia os momentos, segue por toda a parte a sua presa, parece mais agradável do que antes, expõe os seus tesouros, mostra as suas riquezas, oferece os seus prazeres, os seus encantos, os seus atractivos. Diante do seu desertor, compara a vida mole e sensual com a vida austera do cristianismo, engana, mente, nunca diz a verdade e sabe encobrir a sua perfídia com tanto artifício que é muito difícil não se deixar enganar.

Um coração particularmente habituado a satisfazer as suas paixões, que nunca soube atar uma que fosse à cruz do Senhor, que em tudo seguiu os seus apetites e desejos em detrimento da lei do seu Deus, dificilmente abandona o vício para abraçar a virtude! É como a árvore que a violência dos ventos inclinou para um lado: cai sempre para onde está inclinada. Raramente, quase nunca se endireita para cair para o outro lado. Eis a imagem do homem que se afeiçoou ao pecado e fez dele um hábito. Esta imagem, Senhor, confirma-me no meu medo. Quero ter sempre presente na minha imaginação esta tão grande desgraça, para discernir melhor as seduções do diabo e não me familiarizar com ele. Não serão os castigos que adviriam do meu pecado a causa da minha prudência e sensatez, mas o receio de vos desagradar e de ofender um Mestre que tão ternamente merece ser amado é que me conservará na fidelidade que vos devo, meu Deus.

Doravante não quero pensar senão no que possa precaver-me de cair no miserável pecado, que faz perder a graça. Acabam de dar-me um meio seguro para vigiar até a mais pequena das minhas acções e conservar-me sempre agradável aos olhos de Deus. Eis o segredo que buscava e que devo acarinhar. Eu to repito, minha alma, para que jamais o esqueças. Lembra-te que hás-de morrer e não pecarás mais[17].

Ó salutar conselho, ó sentença admirável! Se tenho um pouco de religião e quero a minha salvação, poderei pensar na morte e ter a

---

[16] *Na margem: "Adsumit secum septem spiritus nequiores se": Toma consigo sete espíritos piores do que ele (Lc 11,26).*

[17] *Na margem: "Memorare novíssima tua, et in aeternum non peccabis": Lembra-te do teu fim e jamais pecarás (Sir 7,40).*

fraqueza de pecar? Porque hei-de sujar o coração com as coisas deste mundo, se terei de as abandonar? Apego-me a bens terrenos e perecíveis que em vão se apegariam a mim, visto que passam como eu. Só estou cheio de ideias da vida e em breve serei obrigado a deixar tudo. Não devo viver apenas para morrer, mas devo viver bem para bem morrer. A eternidade feliz depende da minha morte, como a minha morte depende da minha vida. Em que estado desejo morrer? No mesmo em que vivo. Tal vida, tal fim. Cabe-me a mim tomar as medidas que eu quiser. Depende de mim morrer ou não em graça, pois depende de mim, com a ajuda do céu, viver santamente ou sem piedade. Como sou feliz em poder decidir a minha morte! Quero ter a morte dos justos; por isso, é necessário que viva uma vida inteiramente santa e puramente cristã.

Vou começar a fazer o que à hora da morte, desejaria ter feito. E o que é que não desejaria de modo algum ter feito? Que austeridades não gostaria de ter praticado, que virtudes julgaria inúteis, que momentos não acharia terem sido propícios para pensar na minha salvação, que censuras não teria de me fazer se não tivesse empregado o tempo que me fora dado para fazer boas obras? Com que olhos não olharia a minha cegueira, se tivesse posto no mundo todo o meu prazer e toda a minha esperança? Ajudai-me, meu Deus, a servir-vos fielmente, e gravai com muita antecedência no meu coração a sentença que devo suportar para que não realize nenhuma acção senão em vista da morte e como se fosse a última da minha vida.

Não estou menos persuadido da incerteza do momento em que terei de comparecer diante de Vós do que estou da sua certeza. Vós mesmo dizeis que vireis surpreender-nos na hora em que menos pensarmos[18]. Infeliz de mim, meu Deus, se me mandais a morte numa altura em que não pense senão em viver. Estarei preparado para vos apresentar as contas que a vossa justiça pesará com a medida do santuário?[19] Talvez não terei posto em ordem a minha consciência, mas não deixareis de me pedir satisfação[20].

Por vãos divertimentos, por bagatelas, por prazeres proibidos e pouco razoáveis, ser condenado a sofrer eternamente! Que loucura encher o coração com as coisas do mundo e ter a cabeça adornada de vanglória! Que me ficará do que existe na terra depois da minha morte? A mim, uma fossa de seis pés, uma fraca roupa e meio usada e uma caixa de quatro ou cinco pedaços de madeira apodrecidos jun-

[18] *Na margem: "Veniam sicut fur": Virei como um ladrão (Ap 3,3).*

[19] *Esta expressão aparece várias vezes na Bíblia: cf. Ex 30,13.24,etc. Trata-se de um peso do qual os sacerdotes guardavam um padrão no templo. Os pregadores usaram com frequência metaforicamente esta expressão " pesar com a medida do santuário" para significar que se julga não segundo os critérios mundanos, mas à luz dos valores do Evangelho.*

[20] *Na margem: "Redde rationem villicationis tuae": Presta contas da tua administração (Lc 16,2).*

tos. E que deixarei no mundo? Os bens que tiver adquirido e um cadáver que com tanta delicadeza cuidei todos os dias. Eis o que levarei e o que não levarei ao morrer.

Todos os hábitos que tiver adquirido com tanta dificuldade, toda a estima que tiver conseguido com tanto trabalho, a amizade e a confiança das pessoas que tiver atraído com tantos serviços, os bens, as riquezas, as honras, os prazeres, tudo isso irá comigo para o túmulo ou servir-me-á de algo para falar a Deus em meu favor? Os meus maiores amigos, os meus parentes mais próximos inclusive, lembrar-se-ão de mim por muito tempo? E, se o fizessem, de que me aproveitaria?

Quando já não existir, não se preocuparão mais comigo. Pensamos nos vivos porque temos de lidar com eles, mas não pensamos nos mortos porque já não podem servir-nos. Que cegueira amar coisas tão indiferentes que não se ligam a nós a não ser na medida em que lhes servimos para algo! Os mortos sentir-se-ão melhor por não terem pensado senão no prazer? Não lhes teria sido mais proveitoso ter trabalhado na sua salvação? O meu tempo passará como o deles: será justo que aplique a mim as mesmas reflexões que faço sobre os outros. Sou um miserável, se, falando assim, não abandono seriamente todas as coisas da terra e se não penso senão em morrer santamente.

Não posso preparar-me melhor para uma boa morte do que não voltar a pecar. Espero que a ideia que tenho de morrer me conservará na virtude. Mas se fosse tão infeliz que esta verdade tão terrível não fosse capaz de travar as minhas paixões (é verdade que o trato com o mundo abafa os melhores sentimentos)[21], devo lembrar-me ainda de que não será só a questão de morrer mas que terei de ser julgado pelo Deus vivo que pune tão rigorosamente os crimes como liberalmente recompensa as virtudes.

Livra-te, minha alma, de esquecer as vivas imagens que acabam de te apresentar da vingança do teu Deus. Deves tremer enquanto não estiveres segura da tua predestinação, visto que serás julgada com tanta justiça e terás de prestar contas do menor pensamento que tiver tido na minha vida. Se não cumprir o meu dever de cristão, qual será o teu suplício e o teu desespero? Ao deixar esta vida, talvez na altura em que te julgares mais longe disso, comparecerás sozinha diante do tribunal da divina Majestade. Estarás diante do teu Deus sem te poderes esconder do seu olhar clarividente. Ninguém falará por ti a não ser as tuas boas acções; e poderão elas falar mais alto do que os teus crimes? Nem Santos nem Santas intercederão por ti. Se falassem, não pediriam senão a tua condenação, visto que desprezaste o sangue de Jesus Cristo. De nada servirão as tuas preces. E terás, sequer, coragem de pedir? Estarás diante de um Juiz mais amável que o próprio amor e mais terrível que a vingança; mas a sua bondade não fará vacilar a sua cólera, se fores criminoso, e o sangue que Ele derramou por ti não servirá senão para aumentar a crueza da sua ira ao castigar-te.

---

[21] *Na margem: "Fascinatio nugacitatis obscurat bona": A fascinação do vício obscurece o bem (Sab 4,12).*

E qual é o suplício horrível com que o Senhor ameaça os cristãos infiéis? Tremo quando penso nele e não posso falar dele sem horror. É o inferno, o conjunto dos males mais atrozes, das mais vivas dores, dos tormentos mais violentos e insuportáveis. É tudo o que de mais mordaz podem ter o desespero, a raiva, a vingança, o ódio, a inveja, a cólera e a impaciência. É um exílio perpétuo do Paraíso, a proscrição eterna da consolação e do alívio, a pena infinita de jamais ver Deus, numa palavra, o inferno. Ah, que cruel castigo, que terrível severidade da justiça divina!

Por um só pecado mortal, condenar um homem cheio de fraqueza e leviandade a arder por toda a eternidade, sem descanso, sem consumação, sempre inteiro, sempre a arder e, ao fim de um milhão de anos, sentindo a acção do fogo com a mesma violência do primeiro dia! Que dor, meu Deus, que sofrimento! Contar centenas de milhões de anos como de gotas de água que há no mar, de folhas nas árvores, de grãos de areia nas praias, de ervas na terra e átomos no ar! Isto não é um ano de eternidade, nem um mês, nem um dia, nem uma hora sequer. Dificilmente é um momento, ou, para ser mais exacto, é menos que um momento, porque não os há na eternidade.

Que espantoso horror! Gritar toda a eternidade! Chorar toda a eternidade! Arder sem cessar durante toda a eternidade! E arder sem cessar em todas as partes do corpo ao mesmo tempo! Não ver acabar nunca os sofrimentos, e, para cúmulo, ter essa eternidade de tormento sempre presente na imaginação e conceber claramente o que ela é: algo que jamais acabará, que durará sempre, onde não há dias, nem meses, nem anos, nem tempo, sem limite nem fim, um espaço infinito sem medida, enfim, uma eternidade a sofrer, sem parar um instante, sem alívio, sem poder morrer, sempre a ranger os dentes, dilacerando-nos de raiva e desespero, jurando e blasfemado o nome de Deus, e, ao fim de dez milhões de séculos, sem mais alívio nem mais perto de se ser aliviado do que no primeiro instante!

Na verdade, a minha razão perde-se neste abismo e não sei se deva acreditar, porque é incompreensível. Sem dúvida, nunca acreditaria se Jesus Cristo não o tivesse dito, palavra por palavra, sem equívoco nem dissimulação. Meu Deus, como é que isso pode ser? Não voltareis atrás? Não vos tornareis flexível um dia? Oh, não, de forma alguma mudareis os vossos decretos eternos. Apesar do meu espanto, estou persuadido da veracidade do inferno. É mais verdade do que não ser verdade eu estar vivo. Sim, meu Deus, destinastes suplícios aos pecadores impenitentes, que jamais acabarão enquanto fordes Deus. Deixareis de o ser antes que a sua pena possa findar. Não é um conto, é um artigo de fé. Não no-lo dizem para nos intimidar e obrigar a fazer o bem. Dizem-no-lo porque fostes o primeiro a no-lo ensinar e não há nada mais certo e seguro do que este castigo. Meu Deus, mereço ser vítima da vossa ira e arder eternamente nas chamas eternas, se depois da certeza que tenho destas penas, cair alguma vez deliberadamente no menor pecado.

Que eu compreenda com isto, meu Deus, quanto odiais o pecado, pois com tanto rigor o castigais. O pecado tem de ser um mal bem grande e é, por conseguinte, muito infeliz quem o comete. É sem dúvida um mal infinito, porque ataca um bem infinito. Um crime contra um rei é um crime de lesa-majestade, que não seria senão uma leve ofensa contra um súbdito; e como, entre os homens, o que torna uma injúria mais ou menos considerável é a condição da pessoa ultrajada e a da que ultraja, também o que deve fazer-nos compreender a enormidade do pecado é a dignidade de Deus que é ofendido, e a baixa condição do homem que O ofende. Ao considerar agora a diferença entre Deus e o pecador, não me espanto que sejam tão medonhos os suplícios para castigar uma coisa tão indigna.

Compreendo, meu Deus, que não cometeis maior injustiça em condenar ao fogo eterno um miserável que vos ofendeu, que eu, por exemplo, ao matar um mosquito que me picou. Nada nos deveis, e nós tudo vos devemos, pelo que não há pena que o homem não mereça quando quis desagradar-vos e expor-se a perder a vossa graça.

Quando perdemos esta ajuda, não me admiro que morramos em pecado. Acaso podemos manter-nos um instante no bem, se a graça não está connosco? Todavia, que uso fazemos dela, meu Deus, quando a possuímos? Na verdade, há cristãos que permanecem vigilantes com receio de perder este tesouro, mas quantos há que vigiem suficientemente a sua conduta para não cometer pecados que os esfriem na graça? Pensa-se que basta evitar o pecado mortal e não se tem muito escrúpulo em cair no venial. É uma cegueira, meu Deus, em que mesmo as almas mais regradas, caem facilmente. Pode, no entanto, duvidar-se do desgosto que vos causa, tendo em conta a sanção que destes ao mandar David matar setenta mil homens do seu reino para expiar a vanglória que sentira por todas as tropas que podia mobilizar para o seu serviço? O pecado deste rei, todavia, não era senão um débil pecado de pensamento, e com tanto rigor o punistes!

Não preciso de mais, meu Deus, para compreender a atenção que devemos ter para evitar os menores pecados, que, a nosso ver, chamamos pequenos, mas que são sempre enormes em relação a Vós. Sois demasiado puro e perfeito para não odiardes a imperfeição. Não quereis suportar de modo algum na Jerusalém celeste almas não completamente purificadas nesta vida ou na outra. As penas e os tormentos do purgatório, que seriam tão horríveis como os do inferno, se fossem tão longos, devem ser para nós uma prova bem sensível de que o pecado, seja de que natureza for, é objecto do vosso ódio e da vossa indignação. Não quero, por isso, meu Deus, perdoar-me, doravante, fraqueza alguma que possa resfriar-me na vossa graça; e visto que seria preferível que a terra inteira se arruinasse com todos os homens que a habitam do que cometer um só pecado venial, evitarei, com a vossa santa graça, cair em tão grande mal.

O segredo que hoje nos deram para realizarmos este tão louvável propósito de nunca vos desagradar, parece-me admirável e desejo de todo o coração não o esquecer jamais. É necessário, portanto, que me lembre que estou sempre na vossa presença, que me vedes em qualquer parte do mundo que seja e que não posso ofender-vos sem que sejais testemunha da minha infidelidade. Se não esquecer que estais em toda a parte, nos meus pensamentos, nas minhas palavras, no meu coração, bem como no meu quarto, na rua ou noutro lugar qualquer, permanecerei sempre no respeito e submissão, não pensarei, não falarei, não desejarei nem agirei nunca a não ser depois de vos ter consultado e ter examinado se não há mal nas minhas diligências; não deixarei nunca de elevar o coração para Vós, para vo-las oferecer, e, por conseguinte, nada mais farei que possa ser contrário à vossa glória e infrutífero para a minha salvação.

Se guardar, meu Deus, todas estas boas resoluções, não será senão à vossa santa graça que deverei a minha piedade. Mas qual poderá ser o meu reconhecimento por um tão grande favor? Tenho algo bem precioso e de que sou muito feliz de poder oferecer-vos todos os dias. Isto é o que pagarei e estou convencido de que apreciareis muito a minha paga. Será, meu Deus, o sacrifício da missa, de mérito infinito diante da vossa divina Majestade. Não deixarei, portanto, de assistir, durante toda a vida, a este augusto mistério no qual o próprio Jesus Cristo em corpo e alma nos é apresentado pelas mãos do sacerdote. Com que veneração e recolhimento não verei eu celebrar tão grande sacrifício! Os meus pecados passados, embora mos tenhais perdoado tantas vezes, roubaram-me talvez graças que me teríeis dado se vos tivesse sido sempre fiel. Mas consola-me saber que, pelos méritos do Precioso Sangue do meu Salvador, nada podeis recusar-me. Oferecendo-vos esta vítima sem mancha, forçar-vos-ei, meu Deus, a dar-me de novo todas as graças de que necessito para ser um verdadeiro santo e não transgredir a vossa lei que não só me obriga a fugir do mal, como também a fazer o bem.

Eis, em duas palavras, o que devo fazer agora e o que não devo fazer. O pormenor deste mandamento encerra muitas coisas que seria demasiado longo escrever. Devo lembrar-me disto, pois tantas vezes mo repetem aqui: vale mais tê-lo no coração que no papel.

Coragem, minha alma, promete ao teu Deus fazer penitência dos teus pecados e mostrar-lhe o horror que por eles tens, pelo cuidado que terás em evitar recaídas. Que nada no mundo seja capaz de me afastar da virtude. Percamos respeito humano, complacência, fraqueza, amor-próprio, vaidade, percamos tudo o que temos de mau e guardemos apenas o que pode ser bom. Digam o que quiserem, que me aprovem, que trocem de mim, que me tratem de visionário, de hipócrita ou de homem de bem, doravante tudo me será indiferente. Procuro o meu Deus[22]. Ele não me deu a vida senão para que fiel-

[22] *Na margem: "Ego Deum meum quaero": Procuro o meu Deus.*

mente O sirva. Em breve irei prestar-lhe contas do tempo que tive aqui para realizar a minha salvação. O mundo não me recompensará por me apegar a ele. Teria simplesmente muita dificuldade se nele tivesse de encontrar um verdadeiro amigo, que me amasse desinteressadamente. Só Deus me ama sinceramente e me quer bem. Se posso agradar-lhe, sou muito feliz; se lhe desagrado, sou o homem mais miserável do mundo. Terei ganho tudo, se viver em graça; tudo terei perdido, se a perco.

Conservai-me, Meu Deus, tão santas resoluções, e dai-me, por favor, a graça da perseverança final[23]. Terei de combater inimigos que, procurando destruir a minha virtude com mil ocasiões perigosas, buscarão ao mesmo tempo a minha ruína e perdição. Defendei-me, Senhor, contra estes tentadores, e visto que o mais temível é a ambição, minha paixão dominante, humilhai-me, abatei o meu orgulho, confundi a minha glória. Que por toda a parte encontre mortificações, que os homens me rejeitem e desprezem. Consinto nisso, meu Deus, contanto que me ameis muito e me queirais. Ser-me-á difícil suportar e sufocar esta vaidade de que estou tão cheio. Mas que não deve fazer um homem por Vós que sois um Deus e por mim derramastes o vosso Precioso Sangue?

Nada me será difícil se quiserdes socorrer-me e eu me abandonar inteiramente a Vós. Devo desconfiar de mim mesmo e esperar tudo da vossa misericórdia. No estado em que estou, tenho a recear tudo. Não estou de modo algum, Senhor, naquele em que desejais que esteja, e para alcançar a minha salvação como devo, é preciso que eleja o que me destinastes. Esta é a primeira coisa em que devo pensar agora. Serei muito feliz, meu Deus, se não me enganar na escolha. Vou tomar as mais santas precauções para descobrir a vossa vontade. Quero declarar ao meu director as minhas inclinações e as minhas repugnâncias sobre cada género de vida, a fim de examinar com mais atenção o que me possa convir. Não esquecerei nada do que julgar necessário para consultar a vossa Providência. Que a vossa graça, meu divino Mestre, me ilumine em todas as minhas diligências e possa merecê-la por uma adesão inviolável e perpétua a tudo o que possa agradar-vos.

Fim das Reflexões[24]

II. ESCOLHA DE UM ESTADO DE VIDA

Ó meu Deus, que conduzis à Jerusalém celeste os homens que se confiam verdadeiramente a Vós, recorro à vossa divina Providência, abandono-me inteiramente a ela, renuncio às minhas inclinações, aos meus apetites e à minha própria vontade, para seguir cega-

---

[23] *Na margem: "Qui perseveravit usque in finem, hic salvus erit": Quem perseverar até ao fim será salvo (Mt 10,22)*

[24] *Estas palavras que encerram o manuscrito deste caderno não são da mão de Poullart des Places.*

mente a vossa. Dignai-vos dar-me a conhecer o que quereis que eu faça, a fim de que, vivendo aqui em baixo o género de vida que me destinastes, possa servir-vos, durante a minha peregrinação, num estado em que eu vos seja agradável e no qual derrameis abundantemente sobre mim as graças de que necessito para dar-vos para sempre a glória que é devida à vossa divina Majestade[25].

É neste retiro, meu Deus, que espero que falareis ao meu coração e me tirareis, por vossa misericórdia, das inquietações embaraçosas em que me lança a minha indeterminação. Sinto bem que não aprovais a vida que levo, que me destinastes a algo melhor, e que é necessário que tome uma determinação firme e razoável para pensar seriamente na minha salvação. Estou felizmente persuadido da necessidade de me salvar e, desde que estou aqui, meditei nesta verdade como a mais importante e necessária do cristianismo. Tinham-me perguntado mil vezes até agora se sabia para que fim tinha vindo ao mundo, e mil vezes também tinha repetido, sem reflectir, as mesmas palavras que hoje pondero com tanta atenção. Deus não me criou senão para O amar, servir e gozar depois da felicidade prometida às almas justas. Eis o meu único desejo, eis o fim para o qual devo dirigir todos os meus actos. Sou um louco se não trabalho em conformidade com este fim, visto que não devo ter nenhum outro. Aconteça o que acontecer, doravante é preciso que me lembre que todos os momentos não empregados em viver bem, são outros tantos momentos perdidos, dos quais terei de prestar contas a Deus.

Compenetrado até ao fundo do coração deste dever, prometo-vos, meu Deus, não fazer nenhuma diligência sem antes me examinar, sem me observar de perto e sem me perguntar se é para vossa glória que ajo. Em qualquer estado em que me encontre quero ter este cuidado nas minhas ideias, nas minhas palavras e nas minhas acções. Permanecerei onde estiverem os vossos interesses para os proteger, mas onde só encontrar os do mundo, fugirei como diante duma serpente[26]. Se tiver a felicidade, meu Deus, de descobrir o estado no qual a vossa Providência quer que vos sirva, dar-me-eis as graças necessárias para ter sempre presente ao meu espírito a questão da minha salvação e esquecer todos os demais afazeres da vida. Desprendo-me, meu Deus, de todo o modo humano de ver que tive até agora em todas as eleições de vida em que pensei. Sei que é necessário deixar todas as minhas indecisões a fim de realizar uma opção e não mudar mais. Mas não sei qual convém e temo enganar-me.

O assunto é de enorme consequência. Daí que vos peça que venhais em minha ajuda. Estais comprometido, Senhor, em conduzir os meus passos, pois estou decidido a seguir o caminho que me indi-

---

[25] *Na margem: "Notam fac mihi viam in qua ambulem, quia at te levavi animam meam": Mostrai-me o caminho que devo seguir, porque para Vós elevo a minha alma" (Sl 143,8).*

[26] *Na margem: "Tamquam a facie colubri fugiam": Como duma cobra, fugirei (cf. Sir 2,12).*

cardes. Renuncio a todas as vantagens que poderiam lisonjear-me e que não aprovais. Adquiri uma grande indiferença por todos os estados. Falai, meu Deus, ao meu coração; estou disposto a obedecer-vos[27].

Visto que não tenho prevenção contra nada e nada me previne, é preciso ainda que recomece a examinar as inclinações e as repugnâncias que possa ter por cada género de vida. Neste lugar santo, nada me dissipará. Aqui, mais que em qualquer lugar, estou na presença de Deus. De modo nenhum devo dissimular o que tenho no coração, visto que Deus o conhece melhor do que eu, e me enganaria a mim mesmo se não me falasse sinceramente. Quero ponderar as coisas com a medida do santuário[28], a fim de que, quando tiver escolhido, nada mais tenha a reprovar-me e veja que Deus me queria nesse estado.

Devo, antes de mais, consultar o meu temperamento para ver de que sou capaz e recordar as minhas inclinações boas e más, por recear esquecer as primeiras e deixar-me surpreender pelas outras. Tenho uma saúde maravilhosa, embora pareça bastante delicado. Tenho bom estômago. Como toda a espécie de víveres, e nada me faz mal. Sinto-me mais forte e vigoroso do que qualquer outro. Resistente à fadiga e ao trabalho, mas muito amigo, no entanto, do repouso e da preguiça, não me aplicando a não ser por razão e ambição. Sou naturalmente delicado e brando, excessivamente complacente, não querendo desgostar alguém; e é apenas nisto que sou constante. Tenho um pouco de sanguíneo e muito de melancólico. De modo excessivo, bastante indiferente pelas riquezas, mas muito apaixonado pela glória e por tudo o que pode elevar um homem acima dos outros, pelo mérito. Fico cheio de inveja e desespero com os sucessos alheios, mas sem deixar transparecer esta indigna paixão e sem fazer nem dizer nunca nada para satisfazê-la. Muito discreto nas coisas secretas, bastante político em todas as acções da vida. Empreendedor em meus projectos, mas apagado na execução. Procuro a independência, mas sou escravo da grandeza. Tenho medo da morte. Sou, por consequência, cobarde. Mas, apesar disto, incapaz de sofrer uma afronta importante. Lisonjeiro a respeito dos outros, mas impiedoso para comigo quando cometo uma falta aos olhos do mundo. Sóbrio nos prazeres da boca e do paladar, e bastante reservado nos da carne. Admirador sincero das verdadeiras pessoas de bem. Amante, por consequência, da virtude, mas não a praticando quase nada. O respeito humano e a inconstância são, para mim, grandes obstáculos. Por vezes, sou devoto como um anacoreta, ao ponto de levar a austeridade para além do que se pede a um homem neste mundo. Outras vezes, sou mole, relaxado, tíbio no cumprimento dos meus deveres de cristão. Sempre assustado quando me esqueço do meu Deus e peco. Escrupuloso em excesso, e quase tanto no relaxamento como no fervor. Conhecendo suficientemente o bem e o mal, e não me faltando nunca as graças do Senhor para descobrir a minha ce-

---

[27] *Na margem: "Quid me vis facere, Domine? Paratum cor meum": Que quereis que eu faça, Senhor? O meu coração está pronto (Act 9,6; Sl 57,8 e 108,2).*

[28] *Ver nota 15.*

gueira. Gosto muito de dar esmola. Compadeço-me naturalmente da miséria alheia. Odeio os maldizentes. Nas igrejas, guardo respeito, sem hipocrisia. Eis-me por inteiro. E quando olho este retrato, encontro-me perfeitamente pintado.

Há coisas boas entre muitas más, na figura natural que acabo de pintar. Devo guardar o grão e lançar ao fogo o joio que, em pouco tempo, seria capaz de sufocar as espigas, que são preciosas e de boa semente. Se tivesse coragem de queimar, sem compaixão, as ervas más, não estaria tão preocupado sobre que estado de vida escolher. Todos os estados seriam aceitáveis para mim e não teria mais repugnância por um do que por outro. Seria perfeito se não tivesse estas imperfeições. É verdade que podem ser diminuídas, mas é muito difícil que não fique ainda alguma coisa. Não devo, por isso, tomar uma decisão sem ter em conta tudo, com receio de que, não pensando nos meus inimigos, caia mais facilmente em suas mãos.

Mas como não há senão três estados de vida para escolher, não há também senão três géneros de vocação. É preciso decidir entre o estado religioso, que se chama o claustro, o estado eclesiástico que é o dos padres seculares, e o terceiro estado a que se chama o mundo. Nos três, podemos salvar-nos ou condenar-nos. O cilício e a batina cobrem tão bem um coração vicioso e pecador como a toga do magistrado ou a farda galardoada do cavaleiro. O juiz e o militar podem ter um coração puro e virtuoso como o eremita mais austero e o sacerdote mais regular. Tanto uns como outros podem ser velhacos ou gente de bem. Deus está em toda a parte com estas diferentes pessoas; a uns e a outros dá as suas graças, conforme as merecem: podemos merecê-las de igual modo em todos os estados, desde que tenhamos escolhido aquele a que Deus nos destinou. O segredo, portanto, é não se enganar na escolha; e o meio mais seguro para escolher bem, é não ter em vista senão a glória de Deus e o desejo de salvar-se[29]. Vejamos agora, meu coração, entre nós dois, se só tens em vista este motivo. Julgarei a tua sinceridade pelo conhecimento que tenho da tua inclinação. Não tentes enganar-me. Tens grande interesse nisto e, visto que olhas com indiferença todos os estados de vida, sem mais apego a um do que a outro, reconhecerei aquele que deves escolher, se descobrir um em que não busques senão a tua salvação.

Quero propor-te, primeiramente, a vida religiosa e é preciso que me digas as razões que te levam a não ter repugnância por este estado. Sei que na tua inclinação devem existir algumas perspectivas sobre Deus, mas ficarei mais esclarecido quando souber em que Ordem gostarias de entrar e conhecer melhor as razões que, por vezes, te inclinam para este estado. Respondes-me que não vestirás nunca o hábito de monge a não ser para tornar-te Cartuxo. Louvo a tua escolha por esta

[29] *Este princípio é quase literalmente o que Santo Inácio dá nos Exercícios espirituais, segunda semana, no começo dos conselhos para fazer uma boa eleição: nada deve levar-nos a preferir uma coisa a outra a não ser a relação que uma e outra podem ter com a glória de Deus e a nossa salvação.*

família religiosa, pois creio que não mergulharias na solidão por outra razão que a de pensar seriamente na tua salvação. No entanto, não teria a preguiça parte nesta questão, nem o desgosto de não ser suficientemente estimado no mundo ou de não ter um nascimento bastante ilustre ou bastantes bens para te elevar até onde quererias, nem a tua apreensão de um dia eu não parecer ter tanto espírito como se pensava? Mil outros motivos de vaidade não te levariam a amar a solidão? Não sei o que pensar. Mas supondo – o que não é possível –, que a tua ambição insatisfeita não te leva a pensar neste estado, não terias nenhuma razão que te impedisse e não se opusesse a esta vida solitária? Embora gostes de estar só, tornas-te melancólico, sonhador e mal-humorado na solidão. Nestes momentos, impedes o meu espírito de aplicar-se a qualquer coisa boa, porque a tua inconstância suscita continuamente em ti novos desejos. Os teus novos desejos fazem nascer mil quimeras que me atormentam e roubam a tranquilidade. Presentemente, és tão volúvel, prezas tanto a tua liberdade, que duvido de que seja adequado para ti não ver nada mais que os mesmos muros e não poder soltar mais as cadeias que te atariam. Como conciliarias a tua solidão com a inclinação que tens pela minha irmã. Tu ama-la ternamente, não suportas estar muito tempo longe dela; ela não está estabelecida e é-te bastante querida para que queiras que não me interesse pela sua felicidade. Meu pai está velho e deixará depois negócios consideráveis que pouca gente além de mim seria capaz de pôr em ordem. Sabes as minhas obrigações para com o pai e a mãe que me deram a vida. Não se oporão à minha vocação, quando souberem que é santa; mas não seria para eles uma consolação ter-me no mundo e contar comigo? Meu coração, dizes que és indiferente a todos os estados de vida, mas respondo por ti que não o és tanto quanto pensas, e que a vida religiosa não te agrada nada.

Passemos aos outros dois géneros de vida. Talvez tenhas melhores razões para não sentires nenhuma repugnância por eles. Noto em ti muita inclinação pelo estado eclesiástico, e, dos três, aparentemente é aquele pelo qual te decidirias mais facilmente. Não censuro a tua inclinação, desde que nela encontre a condição necessária, isto é, a glória de Deus e o desejo de te salvares. Na verdade, há muito disto, mas descubro também muitas outras coisas. Estou convencido de que quererias que tomasse esta decisão para converter almas para Deus, para manter-me mais regularmente na virtude, para poder mais facilmente fazer o bem e para dar esmola aos pobres com mais liberalidade. Este desígnio é inteiramente louvável e é verdadeiramente tudo quanto te peço para aprovar a escolha que fizeres. Mas, sinceramente, é este o único motivo pelo qual quererias comprometer-me com a Igreja? A vaidade, que é a tua paixão dominante, não faria ela a tua vocação mais forte? Sentes-te adulado por eu poder pregar e ser aplaudido, e, em consequência, obter glória e honra. É o teu ponto mais sensível, pois se decidisse ser sacerdote, com a condição de nunca subir ao púlpito, não poderias certamente consentir. Que queres pois que conclua?

É inútil que me digas que, na verdade, há um pouco de presunção misturada nos teus desígnios, porque é muito difícil que em todas as tuas acções não se encontre sempre um pouco dela, pois é inseparável de ti, porque desde há muito tens esta paixão e a consideras como a metade de ti mesmo, tão antiga como o teu nascimento e sempre tão viva como a tua vida. Não posso aprovar-te por isso. Dizes que se quero esperar encontrar um estado pelo qual sintas inclinação sem que nele se encontre sempre algo de ambição, não me resta senão esperar permanecer sempre na indecisão em que estou e que, em definitivo, a virtude a que te entregarias perfeitamente neste estado poderia diminuir muito o teu fraco pela glória, que aproximando-me com frequência dos altares sagrados, abandonando as companhias que vejo que te entretêm todos os dias na tua paixão, aurindo na teologia as luzes da fé e aplicando-as a meditar na necessidade que temos de seguir o exemplo de Jesus Cristo, sempre humilde, pretendes, digo eu, que este fumo passará, e que, uma vez perdida esta paixão, nada mais terás que me impeça de me tornar um santo e fiel servidor de Deus.

Creio, meu coração, para ser justo contigo, que pensas tudo isso e que procurarás apagar a tua vaidade. Mas que me respondes dos obstáculos que te proporcionarão a tua complacência, os teus ciúmes, a tua dissimulação, a astúcia que tens para empreender muitas coisas em que não deverias pensar, a adulação, o respeito humano, a inconstância no bem, a moleza, a inclinação para a vida fácil, a melancolia e os todos os outros defeitos da minha mente e do meu temperamento? Ser-te-á difícil destruir tantas coisas opostas a este santo estado e que devem ser consideradas abomináveis num sacerdote. Sei que esperas muito da graça, pois tentarás colaborar com ela. Esta é a tua melhor razão; as outras que me insinuas não têm valor.

Prometes-me que renunciarás à complacência e pedirás ao Senhor firmeza, e que, para tal, me obrigarás, daqui a algum tempo, a entrar num seminário piedoso, onde aurirás uma vida nova e, adquirindo o hábito suave da virtude, mudarás a tua inclinação para a facilidade e não te servirás mais da tua complacência a não ser para o bem, coisa admirável quando um coração doce e complacente abraça seriamente a virtude. Queres até que a tua inclinação para a facilidade seja razão para levar-me a tomar este partido, porque, no mundo, esta tendência rapidamente corrompe e as ocasiões são muito mais frequentes. Pretendes ainda que se, por desgraça, me deixasse arrastar pelas solicitações que me fizessem, mais prontamente pensaria em levantar-me no estado eclesiástico do que se vivesse no mundo. Quanto aos outros obstáculos, garantes-me que o meu espírito, ocupado unicamente na sua salvação, em breve renunciaria a tantos defeitos que, no fundo, não devem ser olhados como paixões enraizadas em ti e difíceis destruir. Dizes que essas imperfeições não podem, de modo algum, ser um obstáculo, quando se tem propensão por um estado e se tem, além disso, mil coisas

necessárias e boas para superar a própria inclinação. Pretendes que a indiferença pelo sexo, o receio pelo matrimónio, a delicadeza da minha consciência, o ciúme que, na verdade, tenho de moderar, embora me servissem de aguilhão para dedicar-me ao trabalho, a atracção que desde tenra idade sempre tive pela Igreja, a inclinação pelos pobres, o respeito pelas coisas sagradas, o amor pela virtude, e, além disto, mil outras boas razões devem levar-me a aprovar este estado e a consentir na escolha de um género de vida que parece ser muito adequado para mim.

Confesso, meu coração, que tens mais inclinação para o estado eclesiástico do que para o estado religioso. Descubro facilmente que a tua inclinação para o estado eclesiástico é muito maior, apesar da indecisão que te faz vacilar entre tantas possibilidades. Se não te conhecesse, consentiria imediatamente no que quisesses. Mas consentirias tu mesmo, se te dissesse em seguida: vamos, meu coração, quero contentar-te; digamos adeus ao mundo para sempre, tomemos o partido da Igreja, tens de renunciar doravante às outras formas de vida? Sinto bem que tens ainda algum apego ao mundo, pedir-me-ias algum tempo para pensá-lo. É irritante que queiras tudo e não queiras nada. Encontras mil razões para provar-me que é conveniente que entre no estado eclesiástico, e, se estivesse disposto a entrar imediatamente, quererias ainda esperar um pouco. Amas, portanto, um pouco o mundo e ainda não sabes que estado abraçar. Acomodas-te, divertes-te. Basta que te fale de um atrás do outro, que sentes inclinação por cada um. Quero ainda saber que pensas quando consideras o mundo. Depois disso, tentarei obrigar-te a tomar uma decisão.

Pergunto-te, como de costume, se somente Deus e a minha salvação são os motivos que te fariam permanecer no mundo. Prometeste-me falar sinceramente e não mentir; não ousas, pois, garantir-me que esse seja o teu único objectivo. Sei muito bem que a influência de religião dá sempre às tuas ideias algum desejo de servir a Deus e de salvar-te, mas nem por isso abandonas, como eu quereria, as tuas más paixões e encontro sempre em teus desígnios algo oposto aos sentimentos que o cristianismo deve inspirar-te.

Para mais facilmente te convencer, tens que me dizer, na hipótese de ficares no mundo, que escolherias, a espada, a toga ou as finanças, uma vez que só podes duvidar entre estas três profissões diferentes? Não tens nenhuma inclinação para a guerra, visto que tens, como dizes, uma consciência delicada e não é fácil salvar-se neste estado, porque nele a morte é quase sempre imprevisível e ninguém pensa, por isso, mais nela.

Gostarias mais da côrte, e um cargo junto do Rei seria muito do teu agrado, porque a tua ambição seria satisfeita e aparentemente levarias sempre uma vida fácil e tranquila, ora num lugar ora noutro, encontrando maneira de fazer valer a tua diplomacia, a tua lisonja e dissimulação nos teus planos, o teu respeito humano, a tua

doçura, a tua complacência, o pouco mérito que imaginas que tenho. Na verdade, nada no mundo te pode convir mais, se não tenho em conta a religião e se quero satisfazer as tuas paixões. É inútil que me digas que não te entregarias às tuas más inclinações e que, lá como em qualquer lugar, viverias como um homem honesto, tal como deve fazer um homem de bem. Prevejo mil razões que poderias aduzir, e a que talvez não faltasse eloquência, pois que isso é muito do teu gosto, e, se fosses o teu único dono, não permanecerias muito tempo indeciso e rapidamente optarias por este estado. Mas respondo-te com um antigo provérbio que aqui se aplica muito a propósito: a ocasião faz o ladrão[30]. És brando, não tens suficiente coragem para fugir às ocasiões demasiado prementes. Numa palavra, sabes que devo submissão e obediência a uns pais amáveis, que não podem aprovar tal plano e merecem que nada faça contra a sua vontade.

É necessário, portanto, que te decidas entre a toga e as finanças. Este último estado não te agrada e percebo facilmente que não te convém. Fica apenas a toga, e terei muito gosto em examinar um pouco quais seriam as tuas pretensões neste estado. Creio que amarias a justiça e defenderias, por inclinação natural, o miserável, a viúva e os órfãos, quando o direito estivesse do seu lado. Aplicar-te-ias ao teu cargo, desempenhá-lo-ias dignamente se a complacência em tudo isso não fosse capaz de contrariar tão bons propósitos. Quererias cumprir o teu dever porque tens fé e quererias, portanto, escutar as solicitações, porque gostas de servir toda a gente. Tal forma de vida acomodar-se-ia muito bem à tua ternura secreta e extrema por teus pais. Estarias em melhores condições de poder vê-los frequentemente e aliviá-los depois dos seus grandes trabalhos. Pretendes que a política te poderia ser muito útil junto dos poderosos e a tua doçura cativaria o coração de toda a gente, como as ocasiões de falar em público atrairiam a estima e o aplauso de todos. E para satisfazer esta ambição que é a paixão mais forte que tens de combater em todos os estados, procurarias cuidadosamente um cargo adequado para falar e arengar frequentemente. E como a tua vaidade não poderia contentar-se com a simples profissão de advogado, na qual os discursos públicos e os escritos impressos são da essência deste estado, quererias um posto que, por si mesmo, te granjeasse o respeito que pelo teu mérito saberias depois aumentar.

Meu coração, não encontro, de modo nenhum, nestas perspectivas, o fim que te peço e é necessário. Descubro, aliás, obstáculos na tua repugnância pelo matrimónio – e isso é importante –, porque não deves pensar obrigar-me a aceitar ficar solteiro toda a vida no mundo, pois tal não é bem visto e pode mesmo ser-te perigoso para a salvação, por causa da tua complacência. Descubro ainda oposição da parte da

[30] *Na margem: "Fuge longe. Qui quaerit periculum peribit in ilo": Foge para longe. O que procura o perigo, nele perecerá (cf. Si 3,27).*

minha consciência escrupulosa que jamais teria paz, porque, estando mais em situação de seguir tanto as pequenas como as grandes paixões que lhe são naturais, faria, frequentemente, o que desaprovo, e, descontente com as minhas fraquezas, tornar-me-ia ainda mais melancólico do que sou por temperamento, a não ser que perdesse esses benignos remorsos que tenho quando falho, e seria então mais infeliz que nunca, porque cairia no endurecimento. Queres, meu coração, que, com a idade, ficarei mais firme, e, fazendo-me mais razoável com a bondade da minha consciência, tornar-me-ei menos brando e mais incorruptível e que, além disso, passaria toda esta vaidade e, visto que sou muito infeliz por ser naturalmente inconstante, poderia, nesta profissão, estar menos sujeito ao arrependimento e desgostos que a leviandade causa; enfim, que poderias moderar, com os anos, toda a tua ambição e não te deixarias levar por essa ânsia que tens em elevar-te a todo o custo e, por ser tão inclinado a dar esmola, estarias em posição de obrigar-me a fazer boas acções, atraindo assim do Senhor graças que me libertariam das minhas paixões.

Eis todas as tuas razões que poderia ainda combater, se nelas me quisesse deter, mas de que me serviria, visto que não me dizes, com toda a tua inclinação pelo mundo, que absoluta e efectivamente preferes este estado aos outros. Embora nada me tenhas respondido acerca da tua indiferença pelo matrimónio, não deixo, todavia, de saber o que de razoável me poderias dizer. Sei que todos os dias há quem se case por conveniência e, quando se tem um coração tão recto, tão complacente, tão bom e tão sensível à gratidão como o teu, não se corre grande risco casando. Sei, meu coração, por tudo o que me fazes pensar, que não tens mais repugnância formal pelo mundo do que pelo estado religioso e eclesiástico. Queres porque crês que não te tomarei a sério, mas, se escolhesse um, não o quererias, porque terias pena de deixar os outros.

Não é esta, meu coração a pura verdade? E para não fazer mais distinção entre nós os dois, devo confessar que sou muito infeliz por ser tão indeciso. É a Vós, meu Deus, que devo dirigir-me a fim de decidir-me segundo a vossa vontade. Vim aqui para receber conselho da vossa divina Sabedoria. Destruí em mim todos os apegos mundanos, que por toda a parte me acompanham. Que não tenha, no estado de vida que escolher para sempre, outro objectivo senão o de vos agradar; e porque, na situação em que estou, me é impossível decidir nada, e sinto, todavia, que quereis algo mais de mim que as minhas incertezas, vou falar, Senhor, sem disfarce, aos vossos ministros.

Fazei, por vossa santa graça, que encontre um Ananias que me mostre, como a S. Paulo, o verdadeiro caminho[31]. Seguirei os seus conselhos como ordens vossas. Não permitais, meu Deus, que me engane. Em Vós ponho todas as minhas esperanças.

[31] *Cf. Act 9,10s.*

III. (FRAGMENTOS DE UM REGULAMENTO PARTICULAR) [32]

... e o Sancta Maria[33], etc., para pedir as luzes do Espírito Santo e a protecção da Santíssima Virgem; mas não darei a estas orações mais de um quarto de hora.

13º. As minhas orações da manhã consistirão num Veni Sancte, etc., a minha pequena oração de Meu Deus, tomo a liberdade, etc., três Pais-nossos e três Avé Marias: a 1ª em honra da Santíssima Trindade, a 2ª em honra da Santíssima Virgem para o hábito pequeno[34], e a 3ª em honra do meu anjo da guarda, para que me assista sempre com os seus conselhos e me alcance uma boa morte... Acrescentarei um De Profundis, etc., pelo descanso das pobres almas do purgatório e recitarei a Santa Maria para me pôr particularmente sob a protecção da Santíssima Virgem, de quem fui outrora filho predilecto, tendo-lhe sido consagrado por meus pais, que me vestiram de branco, em sua honra, durante sete anos[35]... Quanto ao fim que me proponho nas minhas orações, farei as seguintes súplicas duas vezes ao dia, de manhã e à tarde, mais ou menos assim:

"Santíssima e adorabilíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, que, por vossa graça, adoro de todo o coração, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, permiti que muito humildemente vos ofereça as minhas pobres orações para vossa maior honra e glória, para minha santificação, para remissão de meus pecados, pela conversão de meu pai, mãe, irmã, prima, e de todos os meus familiares, ami-

---

[32] *Este título não está no manuscrito. Este começa pelas últimas palavras de um parágrafo que devia ser o 12º. Há duas notas na margem, que foram acrescentadas: 1. Tudo o que está aqui escrito é da mão do Sr. des Places; 2. Quando estava no colégio.*

[33] *Trata-se de uma oração em uso nas Congregações Marianas, então muito florescentes nos colégios dos Jesuítas. Este é o texto, publicado em 1660, em "La Flèche": "Sancta Maria, Mater Dei et Virgo, ego N... te hodie in Dominam, Patronam et Advocatam eligo, firmiterque statuto ac propono, me unquam te derelicturum neque contra te aliquid unquam dicturum aut facturum, neque permissurum ut a meis subditis, aliquid contra tuum honorem unquam agatur. Obsecro te igitursuscipe me in servum perpetuum, adsis mihi in actionibus meis, nec me deseras in hora mortis. Ámen."*
Eis a tradução: "Santa Maria, Virgem e Mãe de Deus, elejo-vos hoje como minha Senhora, minha Patrona e Adovogada. Decido e proponho firmemente nunca vos abandonar, não decidir ou fazer algo contra vós, nunca permitir aos que dependam de mim que façam algo contra a vossa honra. Peço-vos, pois, que me recebais para sempre como vosso servo. Assisti-me em todos os meus actos e não me abandoneis na hora da minha morte. Ámen".

[34] *É possível que se trate do escapulário do Carmelo, em forma reduzida, muito em uso no tempo de Poullart des Places.*

[35] *Este facto foi mencionado também por M. Thomas, primeiro biógrafo de Poullart des Places.*

gos, inimigos, benfeitores, e, em geral, por todos aqueles por quem devo rezar, vivos ou defuntos. Permiti, meu Deus, que vos ofereça o santo sacrifício da Missa por esta mesma intenção, e para que vos digneis conceder-me a fé, a humildade, a castidade, a pureza de intenção, a rectidão nos meus juízos, uma grande confiança em Vós, uma grande desconfiança de mim mesmo, a constância no bem, a perseverança final, a dor dos meus pecados, o amor dos sofrimentos e da cruz, o desprezo pela estima do mundo, a regularidade no cumprimento das minhas pequenas regras, a vossa graça e virtude contra a tibieza, contra o respeito humano, e, de modo geral, contra todos os vossos inimigos. Concedei-me ainda a graça, meu Deus, de gravar em meu coração, com indeléveis traços da vossa graça, a morte e a paixão do meu Jesus, a sua vida sagrada e a sua santa Encarnação, para que o recorde sem cessar e seja sensível como devo. Enchei o meu coração e o meu espírito da grandeza dos vossos juízos, da grandeza dos vossos benefícios e da grandeza das promessas que vos fiz por vossa santa graça, para que o recorde para sempre, e suplico-vos me deis antes mil mortes do que permitir que vos seja infiel. Que os momentos perdidos da minha vida passada estejam sempre presentes ao meu espírito, com o horror dos meus pecados (mesmo que devesse morrer de dor, se tal não é contra a vossa santa vontade) para que, doravante, com a vossa santa graça, seja melhor administrador dos que me restam. Nada mais me falta pedir-vos, meu Deus, a não ser a total privação de todos os bens terrenos e perecíveis. Concedei-me ainda esta graça, desprendendo-me totalmente de todas as criaturas e de mim mesmo, para que não pertença senão a Vós, e para que, estando o meu coração e o meu espírito cheios de Vós, viva sempre na vossa presença, como devo. Fazei, meu Deus, que vos peça esta graça do mais profundo do meu coração, bem como também a de me carregar de opróbrios e sofrimentos, a fim de que, meu divino Mestre, me torne digno de obter da vossa infinita bondade o vosso santo amor, o da Santíssima Virgem, a graça de conhecer e executar com perfeita resignação a vossa santa vontade. Eis as três graças que vos peço acima de todas as coisas. Que eu esteja pronto a ser antes enforcado e a sofrer o suplício da roda do que consentir em cometer deliberadamente um único pecado venial. Suplico-vos, meu Deus, que me humilheis por todos os modos que vos aprouver. Na verdade, desde que não vos ofenda, nada mais desejo e peço-vos que jamais deseje outra coisa. Peço-vos todas estas graças, ó meu Deus e meu tudo, não apenas pelo santo sacrifício da missa em que, por vossa graça, espero participar, e por estas pequenas orações que vos faço, mas peço-vo-las pelo precioso Sangue que o meu amável Salvador J.C. quis derramar por mim na árvore da cruz, por todas as Missas que até aqui vos foram oferecidas, que presentemente vos são oferecidas, e que vos serão oferecidas particularmente, em que o Corpo do meu Jesus será imolado. Peço-vos estas graças, por todas as sagradas comunhões que até aqui se fizeram, que neste momento se fazem e que se farão até ao fim do mundo. Peço-vos estas graças, por todas as santas orações que vos foram

dirigidas, que vos são presentemente dirigidas e que vos serão dirigidas, pedindo-vos, meu Deus, por isso, que permitais unir a minha intenção à de todas estas santas pessoas, para as quais vos peço que sejais, como sois para mim, um Deus de misericórdia, desde agora e para sempre, pelo precioso Sangue que o meu Senhor J.C., meu querido e único amor, por vossa santa graça, quis derramar por todos nós e que suplico à Santíssima Virgem que vos ofereça com os nossos corações, para merecer que nos seja eficaz. Assim seja."

14º. Quanto às orações da tarde, depois de ter feito o exame no meu quarto, durante um quarto de hora, direi a ladainha da Santíssima Virgem, três Pais-nossos e três Avé Marias e o Credo. Fixo uma meia hora para isto. Depois, diante do S. Sacramento, a ladainha do S. Nome de Jesus, o De Profundis, o Sancta Maria, etc. e a oração acima citada. Para estas últimas orações, conto outra meia hora.

15º. Nunca entrarei nem sairei do meu quarto (se não tiver afazeres muito urgentes), sem ajoelhar-me e sem pedir a bênção do Bom Deus, mais ou menos do seguinte modo... "Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, que, por vossa graça, adoro de todo o coração, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, suplico-vos que vos digneis conceder-me a fé, a humildade, a castidade, a graça de não fazer, de não dizer, de não pensar, de não ver, de não escutar e de não desejar senão o que Vós quereis que eu faça, diga, pense, veja e escute. Concedei-me estas graças, meu Deus, com a vossa santíssima bênção, e que – o meu coração e o meu espírito, não estando cheios senão de Vós – eu permaneça sempre na vossa presença e vos reze sem cessar, como devo. + + + Meu Jesus, sede meu Jesus eternamente; permanecei eternamente em mim e eu em Vós. Por intermédio da Santíssima Virgem, entrego em vossas mãos o meu espírito e o meu coração; em nome do meu Jesus e de Maria.[36]"

16º. De manhã, antes de ir aos Casos[37], saudarei, de passagem, o S. Sacramento; farei o mesmo entre os Casos e a Teologia, bem como depois do almoço e da ceia. A minha oração consistirá num Ave Salus mundi verbum, etc., um Adoramus, um Corpus et sanguis, etc., e uma oração semelhante à referida acima para pedir a bênção do meu Jesus.

[36] *Cf. Cahiers Spiritains, nº16, p 59, nota 6.*

[37] *Os Casos eram exercícios periódicos de Teologia Moral destinados à solução de casos de consciência: Casuística.*

IV. Ad. M.D.G.V.q.M.[38]
REFLEXÕES SOBRE O PASSADO

Se amasse um pouco a Deus e a minha salvação, deveria estar inconsolável por ter passado este ano como o passei. É isto o que o Senhor devia esperar do meu reconhecimento? Há mais de três anos que, por extraordinária misericórdia, me tirou do mundo, quebrou as minhas criminosas cadeias, me arrancou das garras de Satanás, para me vestir de novo com a veste da santidade. Fez milagres por mim; para atrair-me a si, fechou os olhos a um enorme crime[39], cúmulo das minhas iniquidades, que cometi precisamente na altura em que Ele mais me pressionava para me converter. Não só não pareceu ficar ressentido, como, pelo contrário, serviu-se dele para me tocar. O excesso da sua paciência começou a trespassar-me o coração. Não teria hesitado muito naquele momento em entregar-me a Ele, se tivesse ousado esperar da sua bondade o que Ele fez verdadeiramente, mas que eu não tinha o direito de esperar d'Ele. Basta que eu o recorde, sem o escrever aqui no papel. Só Deus e o meu coração não devem esquecer nunca o mais prodigioso efeito de misericórdia que jamais existiu. Primeiro, para exigir de mim um reconhecimento sem igual, segundo, para jamais amar a não ser tão liberal benfeitor.

Mas não confinou aí o Deus de bondade, os instantes movimentos da sua ternura por mim. Consenti finalmente em regressar a sua casa, depois de Ele ter realizado as condições[40] que eu tinha tido quase a ousadia, se assim posso expressar-me, de impor à sua misericórdia; tudo me foi aberto, e o céu antecipava-se aos meus pedidos; por um pequeno acto de amor para com Deus, sentia interiormente visitas suas que de modo algum se podem exprimir. Recebia consolações em abundância; os meus olhos não paravam de verter lágrimas, quando, estando só, podia meditar nos meus desvarios e nas misericórdias do meu Deus. Se me esforçava por dar um passo em direcção ao Senhor, logo Ele, terno Mestre, me carregava léguas inteiras aos seus ombros. Rapidamente consegui fazer sem a menor dificuldade o que considerara, algum tempo antes impossível para um homem como eu...

---

[38] *Estas letras são as iniciais da fórmula latina: Ad Majorem Dei Gloriam Virginisque Mariae: Para a maior glória de Deus e da Virgem Maria.*

[39] *Joseph Michel pensa ter identificado este "enorme crime": tratar-se-ia de uma disputa com o carroceiro de Batz, que Poullart des Places teria ferido com a espada, no início de Outubro de 1697 (cf. Joseph Michel, Claude-François Poullart des Places, Ed.Saint-Paul, Paris, 1962, 46-48).*

[40] *De que condições se trata? Podemos talvez remeter-nos para o pedido com que termina o seu retiro de conversão e eleição de um estado de vida: "Fazei, por vossa santa graça, que encontre um Ananias que me mostre, como a S. Paulo, o verdadeiro caminho. Seguirei os seus conselhos como ordens vossas. Não permitais, meu Deus, que me engane. Em Vós ponho todas as minhas esperanças."*

Vem a propósito recordar aqui esses momentos de fervor que tive a felicidade de experimentar no início do meu regresso a Deus. Quais eram então os meus pensamentos e os meus desejos, a minha maneira de viver e as minhas ocupações habituais?... Quase não podia pensar senão em Deus. A minha maior pena era não pensar sempre n'Ele. Não desejava senão amá-l'O, e, para merecer o seu amor, tinha renunciado até às coisas mais lícitas da vida. Desejava ver-me um dia despido de tudo, a viver apenas de esmolas, depois de tudo haver dado. De todos os bens temporais, nada queria guardar a não ser a saúde para dela fazer um total sacrifício a Deus no trabalho das missões. E sentir-me-ia imensamente feliz, se, após ter abrasado o mundo inteiro com o amor de Deus, pudesse dar até à última gota o meu sangue por Aquele cujos benefícios tinha quase sempre presentes. Não me cansava de falar destes benefícios, encontrava pouquíssima gente a quem contá-los, não sentia prazer a não ser nas conversas em que Deus não era esquecido, constituía motivo de escrúpulo para mim ter ficado em silêncio quando tivesse tido uma ocasião para falar d'Ele. As pessoas que me entretinham com outra coisa, eram-me insuportáveis. Passava tempos consideráveis diante do Santíssimo Sacramento: passava aí os meus melhores e mais frequentes recreios. Rezava a maior parte do dia, mesmo andando pelas ruas, e ficava inquieto quando me apercebia que tinha perdido, por uns instantes, a presença d'Aquele que queria amar unicamente. Via pouca gente e gostava da solidão. Aí repassava com frequência os desvarios da minha vida. Meditava-os regularmente no começo das minhas orações. Constituíam inclusive, ordinariamente, todo o seu tema. Na minha cegueira que cada dia me parecia maior, os meus olhos choravam abundantemente. O que dois ou três meses antes me teria parecido ser apenas um pecado de malícia corrente, parecia-me agora algo infinitamente horroroso. A sua malícia aumentava todos os dias a meus olhos na medida em que avançava na sua meditação diante de Deus. Totalmente confundido nesses momentos, horrorizado de mim mesmo, sem poder suportar-me, permanecia numa atitude de humildade. Sentia desprezo por mim mesmo e dava-o a conhecer àqueles que via, sentindo, ás vezes, prazer em humilhar-me na sua presença. Esta virtude que, por surpreendente efeito da graça, começava a praticar, depois de ter sido talvez o homem mais vaidoso do mundo, atraía-me inumeráveis bênçãos de Deus...

Experimentava-as [as bênçãos] visivelmente na santa impaciência que sentia em aproximar-me do Santíssimo Sacramento do altar. Embora tivesse a honra de comungar frequentemente, não o fazia tanto como desejava. Ansiava este pão sagrado com tal avidez que, logo que o comia, não podia muitas vezes reter torrentes de lágrimas. Era na participação do Corpo de Jesus que extraía esse desapego que me fazia desprezar o mundo e os seus modos. A sua estima pouco me preocupava; às vezes, procurava até desagradar-lhe, con-

trariando os seus costumes[41]. Jesus crucificado ocupava-me a maior parte das vezes, e, não obstante o amor-próprio ainda me dominar, eu começava a violentar-me um pouco e a impor-me algumas mortificações, ao contemplar a cruz d'Aquele que eu amava.

Embora não fosse muito longe em tudo isto e não encontrasse consolação a não ser na esperança de fazer infinitamente mais depois, era pelo menos fiel às minhas práticas e consideraria um crime enorme se tomasse as minhas refeições, não importa que afazeres tivesse tido, sem ter antes alimentado o meu espírito com o alimento salutar que me dava a oração. Nestas santas conversações com Deus, tinha aprendido a fechar os ouvidos a todas as notícias, a não abrir nunca os olhos a coisas puramente curiosas, nem sequer quando andava pela cidade. Não sabia novidades, não olhava nada de belo, não queria subtrair um momento ao meu Deus, não queria pensar senão n'Ele, e embora estivesse bem longe de pensar sempre n'Ele, e me distraísse, não deixava de ter o espírito cheio d'Ele, por vezes, durante o sono, e sempre, ao acordar.

Podia acrescentar certas disposições de ternura que sentia por aqueles que sofriam, uma doçura bastante razoável, depois todo o meu orgulho passado, com aqueles com quem mantinha alguma relação, um zelo ardente por atrair a Deus os pecadores, não achando inclusive nada demasiado humilhante para consegui-lo; finalmente, uma obediência cega ao meu director cujas ordens respeitava tanto, que não desejaria fazer a mínima coisa sem lha ter comunicado e ter a sua licença[42].

Tive o prazer de viver assim, durante dezoito meses. Sentir-me-ia demasiado feliz se tivesse aumentado como devia estes começos de regularidade. Digo começos de regularidade, pois estava bem longe de pensar que este estado fosse o estado suficiente de virtude e de santidade que devia ter. Havia pouco tempo ainda que deixara o mundo para que os maus hábitos que adquirira não misturassem, no meio destas pequenas virtudes, uma infinidade de imperfeições e pecados. É verdade que Deus, que sabia de onde me havia tirado, e que, no início da minha conversão, se contentara com os meus diminutos

---

[41] *O P. M. Thomas, primeiro biógrafo de Poullart des Places, narra um destes factos, provavelmente ocorrido no dia em que recebeu a tonsura (15 de Agosto de 1702): "Tinha conservado, exteriormente e em seu porte, um ar muito polido e segundo o mundo. Mas em 1702, mostrou-se totalmente diferente do que até então se vira. Conservou apenas essa honestidade, essa doçura e alegria necessárias para não ser insociável. No colégio, onde todos o conheciam, viu-se-lhe abandonar repentinamente todo o aspecto e maneiras do mundo para revestir-se ao mesmo tempo com o hábito e a simplicidade dos eclesiásticos mais reformados. Não o incomodava de modo nenhum o que pudessem dizer dele". (cf. Cahiers Spiritains, 16, p. 68, nota de rodapé).*

[42] *Não se sabe exactamente quem é este director. Segundo J. Michel, parece tratar-se do P. Simon Gourdan (cf. cf. Joseph Michel, Claude-François Poullart des Places, Ed.Saint-Paul, Paris, 1962, 170).*

esforços, sabia ainda contentar-se com o pouco que lhe dava, esperando que, por fim, lhe daria muito mais. Não chamava a julgamento o seu pequeno e pobre servo, porque conhecia a minha fraqueza e a profundidade do abismo de que acabava de sair. Não me encontrava, portanto, num estado em que pudesse estar perfeitamente satisfeito comigo. Fazia-me justiça e reconhecia que estava muito longe de chegar aonde já deveria ter chegado, se tivesse sido fiel às graças que Deus me dava todos os dias. A inquietação que me causava a minha infidelidade, e a meditação da minha vida passada, desordenada e abominável, suscitavam, de vez em quando, no meu espírito, pensamentos tão cruéis de tristeza, que até o corpo se ressentia. Fiquei extremamente magro e abatido, embora a minha saúde fosse sempre boa... Se a minha pouca fidelidade de então me causava pena tão sensível, o que não deveria causar-me hoje o miserável estado de tibieza em que me encontro!

Não seria demasiado ter lágrimas de sangue para chorar a minha miséria. É verdade que nunca fui o que deveria ser, mas pelo menos fosse inteiramente diferente do que sou. Sentir-me-ia feliz se só tivesse perdido metade do que conseguira adquirir por meio da graça. Ai de mim, que não presto a atenção à presença de Deus, nem penso n'Ele durante o sono e quase nunca ao acordar; estou sempre distraído, até nas minhas orações!

Já não sou fiel à meditação, sem método nem temas fixos, nem horas certas; reduzo até, com frequência, o tempo da oração bem como o da leitura espiritual. Sempre sem gosto e devoção, perdi, neste santo exercício como no da comunhão, o dom das lágrimas.

Já não tenho ânsia por este sagrado alimento dos anjos, nem recolhimento depois de o receber.

Já não tenho coragem para me mortificar sempre em algo, nem sequer para ter um pé menos cómodo, o que já tinha empreendido tão generosamente, para obrigar-me a recordar, a cada momento do dia, que devia fazer continuamente penitência de uma vida pela qual não podia castigar bastante o meu corpo.

Deixei de ter atenção na guarda dos sentidos. Falo de bom grado de coisas indiferentes. Olho e escuto tudo. Já não tenho essa santa solicitude em falar de Deus e falo facilmente de qualquer outra coisa.

Tenho pouco zelo na correcção de meus irmãos e logo a deixo, se não tenho êxito. Esqueço encomendar a Deus estas tarefas, de tal modo as faço sem atenção nem reflexão.

Falta de desprezo pela estima do mundo, sensibilidade à reputação de homem virtuoso, às vezes rebuscada, em coisas que possivelmente não faria e a que antes dava pouca atenção, quando só buscava a estima de Deus; tornei-me, com bastante agrado, lisonjeador, etc.

Tenho pouca doçura nas palavras e maneiras e muitas vezes sou orgulhoso, seco e mal-humorado; tom de voz altivo, palavras aze-

das, repreensões duras e longas; rosto sombrio, sinal de mau humor; muito sensível a respeito da minha família, só dificilmente digo que meu pai e minha mãe são negociantes de panos e cera, e receio até que as pessoas o saibam; dou muito pouco a conhecer que não tenho parte na boa obra dos estudantes pobres, sinto, pelo contrário, certo prazer interior em que as pessoas que pouco me conhecem, ou não me conhecem nada, pensem que sou um homem rico, que mantém estes jovens com seus bens.

Enfim, tenho pouca exactidão em todos os meus deveres, seja em relação a Deus, seja em relação aos meus estudos, só trabalho e rezo quase por brincadeira, mudo quase sempre as horas marcadas, inclusive as horas das refeições, ora comendo cedo, ora muito tarde: por exemplo, almoçar às três e cear às nove. Faço, no entanto, todos os dias muitos e bons propósitos para mudar de vida e, apesar disso, sinto-me cansado de ser tão indisciplinado. Sem deixar de o ser, sigo sempre as minhas ideias e caprichos, sem consultar, como dantes, o meu director, que substituí, por assim dizer, pelas minhas imaginações.

Numa palavra, diante de Deus o confesso, não sou mais que um homem que tem alguma reputação de ainda viver mas que está realmente morto, pelo menos se comparo o presente com o passado. Ai de mim! Não sou mais do que uma máscara de devoção e uma sombra do que fui. Feliz de mim se não vou mais longe na minha extrema desgraça, se paro aqui e me sirvo da graça que Deus me faz de reflectir, mais seriamente do que nunca, no meu lamentável estado, para impedir-me de cair em maiores desordens. Foi precisamente assim que começou a escorregar o pé a tanta gente de eminente virtude, que acabou por perecer miseravelmente. Quem mais do que eu poderá temer semelhante queda, depois de ter sido toda a minha vida tão inconstante em voltar para Deus e com tão longas desordens depois?

Esta funesta experiência que tenho de mim mesmo dá-me um motivo muito razoável para desconfiar das minhas forças. Sendo tão vaidoso e presunçoso, e além disso tão infiel à graça, porque não haveria de recear o total abandono de Deus? Se tal desgraça ainda não me aconteceu, deve-se apenas à sua misericórdia infinita. Sempre cheio de ternura por mim, incapaz de me deixar perder, depois de me ter preservado toda a vida do endurecimento da impenitência final, mais por milagre do que por efeito ordinário da sua Providência, permitiu que eu fizesse este retiro, numa altura em que nem sequer pensava nisso. Dispôs, aliás, as coisas de tal modo que encontrasse facilmente o caminho aberto para voltar uma vez mais ao meu dever e não tivesse pretextos ilusórios para o abandonar. Refiro-me ao cuidado do governo desses pobres estudantes que a Providência alimenta e que me enredava mais do que o permitido... Devo crer, além disso, que o Bom Deus ainda terá piedade de mim, se voltar para Ele com todo o coração, porque, embora me encontre agora na aridez, demasiado embaraçado em discernir as disposições de Deus

sobre mim e o caminho por onde poderei voar para Ele e lançar-me aos pés da sua misericórdia, a conduta que teve até aqui: 1º de não permitir que estivesse um só instante contente comigo mesmo, sempre inquieto e desgostado com o meu desregramento; 2º de me conceder a graça de me fazer ver sempre em meu interior que não era nada do que pensavam e diziam de mim; 3º de não permitir que eu superasse os meus escrúpulos que, embora tenham contribuído um pouco para me desorientar, fizeram-me aproximar mais frequentemente do sacramento da penitência e sentir mais preocupação, quando aparecia uma ocasião de ofender Deus: repito, toda esta conduta de Deus faz-me esperar que o céu não estará fechado para mim se pensar, de boa fé, chorar as minhas faltas e pôr-me novamente em graça com de Deus.

Cheio desta santa confiança, com a graça de Deus, vou examinar qual é o caminho mais curto, sem ter em conta, doravante, o mais agradável à natureza, para regressar Àquele sem o qual, faça o que fizer, não posso viver um momento em paz. Para tal, penso, antes de mais, que a origem do meu relaxamento (ou, para falar justamente e com devo, da minha queda e desvario), foi o ter saído demasiado cedo da solidão, ter-me expandido para fora, ter empreendido o estabelecimento dos estudantes pobres e ter querido manter a obra. Não tinha bastante fundo de virtude para isso, e não tinha adquirido ainda suficiente humildade para me pôr, com toda a segurança, à cabeça desta boa obra. Dez anos de retiro para pensar só em mim, depois de uma vida como a minha, não seria um tempo demasiado longo. Sei muito bem que podia, aproveitando fielmente todas as graças de Deus, permanecer absolutamente vigilante e firme no meio das minhas ocupações. Posso pensar assim pelos começos, quando ainda não tinha perdido completamente o fervor. Mas isto sucedeu quando a coisa estava pouco clara e quase sepultada na mais humilde poeira. Podia, portanto, aguentar-me perfeitamente, é verdade, e podia crer assim, de certo modo, que não fazia senão a vontade de Deus. Era, no entanto, difícil, que permanecesse de pé e a cabeça não me desse voltas. Era um meio subtil e tanto mais perigoso quanto me parecia ser um bem, para fazer voltar a entrar pouco a pouco o orgulho no meu coração, e dominar-me assim e precipitar-me, com a mesma armadilha com que já me tinha feito perder-me, em desordens talvez ainda mais infames, se possível, do que as primeiras; e não me enganaria, assim, em crer que o demónio se tivesse transformado nesta ocasião em anjo de luz para me seduzir.[43] Nem sei que pensar disso. O que me aconteceu faz-me recear que me tenha enganado.

É verdade que não empreendi a obra sem licença do meu director.[44] Mas é nisto que a minha consciência me reprova depois de

[43] *Cf. 2 Cor 11,14.*

[44] ***Poucas semanas antes de fundar a obra, Cláudio disse a Grignion de Montfort que tinha sido confirmado no seu projecto "por pessoas esclarecidas".***

me ter reprovado muitas outras vezes: Como lhe propus o assunto? De que rodeios não me servi? Não se tratava, dizia eu, mais do que quatro ou cinco pobres estudantes que tranquilamente alimentaria, sem que isto parecesse ter ressonância. Não disse talvez todos os aspectos da minha ambição e da minha vaidade, e tudo me leva a temer, e tremo por isso diante de Deus, que não tive, em todas estas diligências, a candura, simplicidade e abertura que devia ter. Estas reflexões fazem-me sofrer. Deixei o mundo para buscar Deus, renunciar à vaidade e salvar a minha alma. Será possível que não tenha senão mudado de objecto e conservado sempre o mesmo coração? De que me serviria então ter dado o passo que dei?

V. REGULAMENTOS GERAIS E PARTICULARES

CAPÍTULO PRIMEIRO: DAS REGRAS FUNDAMENTAIS

Artigo Primeiro
Da casa, da sua consagração, e dos directores que a conduzem.

1. Todos os estudantes adorarão de modo particular o Espírito Santo ao qual foram especialmente consagrados. Terão também uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob a protecção da qual foram oferecidos ao Espírito Santo.

2. Escolherão as festas do Pentecostes e a da Imaculada Conceição como festas principais. Celebrarão a primeira para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino, e a segunda para obter da Santíssima Virgem uma pureza angélica: duas virtudes que devem constituir o fundamento da sua piedade.

3. Farão todos os anos um retiro de oito dias no começo do ano lectivo. Pedir-se-á aos Reverendos Padres Jesuítas o favor de o orientar.

4. A casa será dirigida pelos Reverendos Padres Jesuítas. Não se poderá escolher outros confessores, nem mudar aqueles que se tiver escolhido. Não se quer, todavia, molestar ninguém com esta norma. Poderá haver razões pelas quais se permitirá dirigir-se a um sacerdote de preferência a outro.

Artigo Segundo
Da admissão dos candidatos.

5. Não se admitirão nesta casa senão candidatos cuja pobreza, costumes e aptidão para as ciências sejam conhecidas.

6. Não se poderão admitir, sob nenhum pretexto, indivíduos que possam pagar noutro lugar a pensão. Poder-se-ão, contudo, receber alguns alunos que, embora não vivam em extrema pobreza, não

têm com que sustentar-se noutro lugar. Será bom exigir a estes algo para os gastos mínimos da casa, a fim de que não sejam causa de diminuição do número dos mais pobres que devem ser, de preferência, recebidos.

7. Não se admitirá ninguém, seja qual for a recomendação, que não tenha feito a Retórica e não esteja em condições de começar a filosofia ou a teologia.

8. Examinar-se-á, escrita e oralmente, os que se apresentarem como candidatos, e se for para a teologia, serão examinados sobre lógica e física.

O tempo normal para estes exames será o começo do ano, e não se admitirá ninguém sem ter examinado todos os que tiverem pedido para entrar e a quem se possa dar lugar. Far-se-á por não responder aos primeiros enquanto não se tiver examinado os últimos.

9. Ter-se-á muito cuidado, na admissão, em nunca escolher a não ser pessoas de aspecto amável, modesto e equilibrado.

Artigo Terceiro
Da permanência dos estudantes na casa.

10. Os estudantes admitidos serão examinados duas vezes por ano, quer em ciência quer em comportamento, a saber, no fim da Quaresma e no fim de Julho. O Superior despedirá aqueles com quem não estiver satisfeito e não dêem esperanças para o futuro.

11. Normalmente, aqueles que tiverem terminado a teologia não permanecerão na casa mais de dois anos. Empregarão estes dois anos no estudo da Moral e do Direito Canónico, no qual poderão graduar-se.

12. Os que forem capazes, defenderão uma tese na aula, no fim do ano. Pagar-se-á de bom grado a despesa, quando o merecerem.

13. Ninguém sairá nunca de casa, sob pretexto algum, sem licença do Superior.

14. Nunca se comerá fora de casa, e educadamente não se dará licença a quem a pedir.

15. Nos domingos e dias de festa, ninguém sairá para a cidade, nem sequer se pedirá licença.

16. Não se terá uma amizade demasiado estreita com nenhum dos colegas. Amar-se-ão a todos, de verdade, com muita ternura, mas a estima será igual com todos.

17. Ninguém terá relação particular com pessoas de fora. Por conseguinte, receber-se-ão poucas visitas, e ser-se-á breve com aqueles que se tiver de contactar.

18. Se alguém tiver que atender uma mulher que, por razão importante, pede par o ver, o Superior, uma vez avisado, dar-lhe-á um colega para o acompanhar durante o tempo que tiver de conversar com essa pessoa, excepto se for a mãe ou uma irmã.

19. Sob pretexto nenhum se permitirá que uma mulher entre

em casa, a não ser que se trate de benfeitoras que queiram entrar por razões de caridade ou por edificação.

20. Em nenhum dia se deixará de assistir à santa missa, à meditação, à leitura espiritual e ao exame, a não ser sábado à tarde, dia em que a conferência substituirá a leitura.

21. Sempre que sairmos de casa para algum lado, reunir-nos-emos todos na capela para nos encomendarmos à protecção da Santíssima Virgem.

22. Sair-se-á em grupos de três, para ir às aulas ou a qualquer outro lado.

23. Todos os cargos serão semanais, por turnos, e ninguém está isento.

24. Ser-se-á muito fiel em praticar com exactidão todos os regulamentos gerais e particulares. Cada dois meses ler-se-ão publicamente os regulamentos.

25. Recomenda-se, sobretudo, uma obediência cega às ordens dos encarregados de governar. Ver o artigo c.2.

CAPÍTULO SEGUNDO:
DOS DIFERENTES DEVERES E OBRIGAÇÕES COMUNS A TODOS OS ESTUDANTES

Artigo Primeiro
Da oração e dos outros exercícios de piedade.

26. Far-se-á, todas as manhãs, um pouco mais de meia hora de oração vocal e mental. A primeira será sempre a mesma e só durará um quarto de hora, para deixar cerca de meia hora para a segunda, cujo tema poderá mudar todos os dias.

27. Tirar-se-á todos os dias um quarto de hora, antes do almoço, para o exame particular.

28. Rezar-se-á o Angelus três vezes por dia, com a oração Per sanctam, para conservar sempre grande pureza de coração e de corpo.

29. Recitar-se-á todos os dias o Domine, non secundum peccata, etc., e, depois, o Sacrum convivium ou Inviolata, sem nunca omitir a oração pelos benfeitores.

30. Antes de cada estudo ou explicação[45], pedir-se-á ao Espírito Santo luz para trabalhar com eficácia: o Veni Sancte Spiritus, com esta finalidade, e uma Ave-Maria em honra da Santíssima Virgem, para obter luz do seu Esposo. Rezar-se-á a mesma oração no princípio da leitura espiritual, e, no fim, o Sub tuum praesidium, etc.

31. Recitar-se-á todos os dias o Ofício do Espírito Santo.

32. Ao descer para o refeitório, dir-se-á o De profundis.

---

[45] *Aula em casa.*

33. Depois da ceia, antes de sair do refeitório, ler-se-á um resumo da vida do santo do dia seguinte.

34. Assistir-se-á todos os dias, em comum, a uma leitura espiritual de um quarto de hora. Cada um estará atento e, com modéstia e simplicidade, repetirá o que lhe chamou a atenção na leitura, se o Superior lho pedir.

35. Elevar-se-á o mais frequentemente possível o coração para Deus, durante o dia. Alguém a isso convidará com as seguintes palavras: Sursum corda.[46]

36. Nada se recomenda mais insistentemente do que a assistência à santa Missa com todo o respeito possível, a que não se faltará nunca a não ser por doença.

37. Aproximar-nos-emos de oito em oito dias do sacramento da penitência. Quanto à Eucaristia, exorta-se veementemente os estudantes a aproximarem-se dela mais frequentemente ainda, mas em conformidade com o parecer dos seus directores.[47]

38. Aos domingos e dias de festa, depois da comunhão, far-se-á a acção de graças na igreja, durante cerca de um quarto de hora.

39. Haverá todos os sábados uma conferência a que todos assistirão.

40. Todos os domingos, depois do Angelus da manhã, far-se-á a Repetição da meditação, e, depois desta, dir-se-á Domine, exaudi orationem meam etc., Oremus: Ure igne Sancti Spiritus, etc.

41. Todos os domingos, dias de festa, de férias e de passeio, rezar-se-á, em dois coros, o terço.

42. Não se sairá para a cidade, para ir às aulas ou à qualquer outro lado, mesmo quando se vá só para qualquer afazer, sem que se entre em alguma igreja para adorar o Santíssimo Sacramento. Far-se-á o mesmo ao regressar a casa, depois das aulas.

43. Escolher-se-á um dia por mês para pensar seriamente na morte. No dia anterior, comungar-se-á como se fosse o último dia da vida. A meditação desse dia será sobre a morte, e o exame particular, será sobre a ordem em que, nesse momento, se hão-de ter os mínimos afazeres. A leitura far-se-á sobre um tema conveniente ao dia. No entanto, não se interromperão os estudos, nem se aumentarão os exercícios de piedade.

Este dia decorrerá, como se deseja, para o bem dos particulares, se cada um fizer as suas acções neste dia como se fosse o último da sua vida. À noite, cada um procurará deitar-se como se entrasse no seu caixão, com o santo pensamento de que talvez não verá o dia seguinte.

44. Haverá também, todos os meses, uma pequena peregrinação de devoção na qual se exortará a aproximar-se da sagrada Mesa

[46] *Corações ao alto.*

[47] *Naquela época, era considerado uma graça reservada aos mais fervorosos, comungar todos os oito dias.*

aqueles que tenham esse santo desejo. Escolher-se-á um dia de descanso e de passeio para estas viagens.

Artigo Segundo
Do Estudo da Sagrada Escritura, da filosofia e da teologia.

45. Haverá oito horas e meia de estudo nos dias de aulas; aos domingos, cerca de seis horas e meia; e nos dias de descanso do colégio, que não sejam dias de passeio para a casa, estudar-se-á cerca... horas[48] e meia.

As horas de estudo compreenderão o tempo das aulas, as explicações e a preparação da Sagrada Escritura.

46. Não se estudarão, sem licença expressa, outras matérias além da filosofia se se é filósofo, ou da teologia se se é teólogo.

47. Não se poderão ler nem filósofos nem teólogos, sem consultar o Superior.

48. Marcar-se-ão horas especiais para o estudo da moral e para fazer conferências sobre ela aos teólogos aptos para tal.

49. Todos os estudantes serão obrigados, à vez e por ordem de chamada, a defender publicamente uma tese em casa, durante hora e meia, cada semana. Os que forem designados para argumentar contra nos dias indicados, não devem recusar-se.

50. Todos os domingos e dias de festa haverá meia hora preparação para a explicação da Sagrada Escritura à qual se seguirá a repetição.

51. Haverá todos os dias duas explicações para os teólogos e uma para os filósofos. Nos domingos e dias de festa, os teólogos terão também só uma.

52. Recomenda-se muito, tanto aos filósofos como aos teólogos, que argumentem e respondam nas aulas o maior número de vezes possível.

53. Serão também aconselhados a pedir livremente aos explicadores a solução para as suas dificuldades, os quais de bom grado marcarão algumas horas para esclarecer as dúvidas.

54. Pede-se-lhes, enfim, que adiram sempre, em todos os aspectos doutrinais, às decisões da Igreja, à qual devem dedicar plena submissão.

Artigo Terceiro
Das cerimónias, da declamação e da catequese.

55. Duas vezes por semana, às terças e sábados, quando não forem festivos, aprender-se-ão em comum as cerimónias da Igreja.

Todos os dias de festa dedicar-se-á uma hora inteira a este exercício; às terças e sábados só meia hora.

56. Para treinar os estudantes a falar em público, dar-se-ão temas

[48] *Falta o número.*

de sermão ou de homilia aos teólogos; aos filósofos, marcar-se-ão capítulos da Bíblia para que os declamem durante a ceia dos domingos, dias de festa e de descanso em que não haja passeio.

57. Porque é dever dos eclesiásticos instruir os outros, inclusive as crianças, o Superior nomeará um estudante para dar catequese aos seus companheiros: ensinar-lhes-á e eles responder-lhe-ão como se fossem crianças. Não se dedicará outro tempo a isto a não ser uma hora, depois do meio-dia, nos dias de descanso em que não se vá a passeio.

Artigo Quarto
Das refeições.

58. Comeremos todos juntos, mas em grande silêncio, prestando menos atenção em alimentar o corpo do que em alimentar a alma, por meio da leitura que então se fará.

59. Não se servirá nada de extraordinário a ninguém. Os alimentos serão sempre igualmente distribuídos a todos. Só a doença poderá justificar uma excepção a esta regra.

60. O Superior mandará dar algo de extraordinário nas refeições, nos dias de passeio e em certos dias de festa.

61. Cada um terá o mesmo lugar no refeitório.

62. Não trocaremos o talher com o de outrem, mas servir-nos-emos sempre do mesmo.

63. Se não estiver doente, ninguém comerá fora do refeitório.

64. Nunca se pedirá licença para ir comer à cidade; aliás, nunca acontecerá. Quando alguém for convidado no lugar em que estiver, declinará muito delicadamente o convite.

65. Se alguém crê razoavelmente necessitar algo de extraordinário, seja para conservar seja para restabelecer a saúde, avise o Superior, que lhe há-de proporcionar todos os alívios possíveis.

66. Como não compete aos estudantes preocuparem-se com a alimentação, devendo comer sempre em acção de graças o que lhes for apresentado, o Superior terá todo cuidado e atenção para remediar qualquer necessidade, se for preciso, de acordo com o seu poder.

67. A fim de manter a maior uniformidade na casa, não nada de especial será servido ao Superior. Uns e outros devem comprazer-se em considerar-se como pobres a quem a Providência apresenta o alimento que lhes é servido no refeitório.

68. Não haverá nenhum dia de jejum além dos estabelecidos pela Igreja, excepto na vigília da Imaculada Conceição, que se escolheu como festa principal da Santíssima Virgem para a casa.

69. Não se comerá demasiado depressa: é gula, nem demasiado devagar: é sensualidade.

70. Contentar-nos-emos com tudo o que for servido e não procuraremos nada de especial. Deus deu-nos o paladar para nos alimentarmos, e não para favorecer a nossa sensualidade. Quando se

tem gosto pelas coisas do espírito, não se é tão delicado e difícil para as do corpo.

Portanto, não se pedirá nada ao servente, mas cada um comerá a sua parte.

71. Nunca se comerá fora das refeições, nem fora do refeitório.

72. Não se falará nunca do que se gosta e do que se não gosta.

73. Não se louvará nem se criticará de modo algum o que se comeu. É indigno dum verdadeiro cristão pensar demasiado, entreter-se ou lamentar-se de tais coisas. Mas cair neste defeito, é, para um religioso ou um eclesiástico, uma falta de mortificação bem mais grave.

74. Nunca nos informaremos sobre o que vai ser dado nas refeições.

75. Não se pedirá nunca ao ecónomo que compre isto ou aquilo.

76. Cortar-se-á o pão e a carne como requerem a delicadeza ou a mortificação e não como desejaria a sensualidade.

77. Nunca nos queixaremos das coisas mal preparadas, ou que lhes falta ainda este ou aquele condimento. Evitaremos mostrar isso à mesa com gestos, tais como olhar insistentemente o pão ou a carne, antes de começar a comer. Um homem mortificado, come indiferentemente o que se lhe dá. Acha tudo bom, quando se lembra que o seu Deus foi dessedentado com fel e vinagre.

78. Será uma grande falta conversar sobre estas coisas com os companheiros. Só se permite aos estudantes dizer algo ao Superior, quando julgarem que alguma coisa pode afectar a sua saúde.

Artigo Quinto
Dos recreios.

79. Nos dias de aulas, só haverá uma hora e três quartos de recreio; aos domingos e dias de festa, dar-se-á cerca de mais uma hora; nos dias de férias sem passeio, dar-se-á mais meia hora do que nos dias de festa.

80. No verão, haverá todas as semanas um dia de passeio pelo campo. Ninguém será dispensado, sem uma razão muito particular.

Nunca se permitirá mais do que uma hora de estudo antes da ceia, neste dia destinado a espairecer o espírito dos estudantes e a dispô-los para se aplicarem durante o resto da semana.

81. Sair-se-á imediatamente depois da meditação da manhã para o lugar do passeio.

82. Caminhar-se-á em grupos de três, de acordo com a ordem determinada pelo Superior, mas não se rezará o terço, como nos dias em que se vai às aulas.

83. Juntar-nos-emos todos à saída da cidade, e ninguém se separará do grupo, indo à frente ou atrás, durante o caminho. O regulamentário será sempre o primeiro da frente.

84. Se for um dia de peregrinação, o Superior dará um pequeno tema de meditação apropriado ao lugar para onde se vá, e cada

um, em profundo silêncio, fará, em particular, a sua reflexão, para melhor se preparar para a santa Missa.

85. Ao regressar à cidade, juntar-nos-emos em grupos de três, segundo a ordem observada de manhã.

86. Evitar-se-ão sempre os lugares públicos e grandes aglomerações.

Artigo Sexto
Da modéstia.

87. Observar-se-á em toda a parte a modéstia clerical, especialmente na igreja e em todos os exercícios de piedade.

88. Quando formos à Missa, aproximar-nos-emos o mais possível da balaustrada; todavia não nos ajoelharemos nela, mas no pavimento por respeito a Deus.

89. Ao entrar e ao sair, nunca nos esqueceremos de fazer a genuflexão ao Santíssimo Sacramento.

90. Durante o Santo Sacrifício, na meditação, na leitura espiritual, etc., teremos o cuidado de não olhar para um lado e para o outro; antes conservaremos os olhos humildemente fixos no chão ou modestamente levantados para o crucifixo.

91. Nunca se voltará a cabeça para trás, durante este tempo, por qualquer ruído que se oiça.

92. Conservar-se-ão habitualmente e em qualquer lugar os braços cruzados.

93. Nunca se andará na rua nem demasiado depressa nem demasiado devagar.

94. Nos lugares destinados à oração nunca nos apoiaremos: Deus está aí presente mais que noutro lugar e deve-se estar diante d'Ele com profundo respeito.

95. Evitar-se-á toda a postura mole, indolente e todo o sinal de amor-próprio, sempre diligente em buscar por toda a parte a sua comodidade, em detrimento da modéstia.

96. Ter-se-á cuidado para não esticar as pernas nem cruzá-las, quando se estiver ajoelhado, nem pô-las uma sobre a outra ou baloiçá-las, quando se estiver sentado.

97. Na rua, não se olhará para as lojas nem para as tabuletas. Não se olhará, inclusive, para muito longe, mas apenas três ou quatro passos adiante. Há pessoas que teriam conservado a pureza de coração e o espírito interior, se tivessem mais cuidado com a vista.

98. Nunca se fixará o olhar nas pessoas sumptuosamente vestidas, sobre os móveis, equipamentos e adornos mundanos. Pensa-se no prazer, no mundo e na vaidade quando se fixa facilmente os olhos sobre tais coisas.

99. Nunca se tocará nos outros, excepto quando a caridade ou a educação o exijam. Longe de nós esses jogos de mãos que muitas vezes acabam em desgostos.

100. No refeitório descer-se-á um pouco o chapéu sobre os olhos, a fim de comer com mais modéstia e melhor aproveitar da leitura.

101. Nunca se poisarão os cotovelos sobre a mesa, mas somente os punhos.

102. Quando se acabar de comer ficar-se-á no lugar, sem se mover de um lado para o outro.

103. Evitar-se-á em toda a parte fazer esgares para fazer rir os outros.

104. Ter-se-á sempre o hábito abotoado de cima a baixo.

105. Usar-se-ão chapéus que se segurarão por si sós, sem laços. Evitar-se-á tê-los de lado na cabeça. Não se usarão chapéus elegantes.

106. Se se for absolutamente obrigado a usar peruca, ter-se-á uma que seja o mais simples possível.

107. Ao vestir-se e ao despir-se, ter-se-á a máxima atenção para o fazer por detrás das cortinas da cama. Estaria mal aparecer diante dos outros em camisa ou de pernas nuas.

108. Nunca se sairá do quarto com gorro de dormir para ir aonde quer que seja.

109. Ter-se-á cuidado de nunca falar, sem necessidade extrema, de certas coisas que a simples educação condena, diante de pessoas de respeito. Com tais coisas evitar-se-ão contos ou brincadeiras.

110. Nada de palavras baixas e populares, nada de anedotas ou gracejos de mau gosto.

111. Os que tiverem ordens sacras serão obrigados a usar batina. Os outros terão licença para só usar sotaina.

Ninguém, por conseguinte, poderá vestir de qualquer cor, nem usar calças que não sejam pretas.

112. Ter-se-á cuidado para que ninguém use calças de veludo, mesmo que sejam pretas: este género é demasiado luxuoso para nós.

113. Recomenda-se a todos um grande asseio. Pode andar-se asseado com roupas muito pobres.

114. De modo nenhum se permitirá que alguém tenha caixa de rapé ou que use tabaco.

Os Superiores não permitirão que os estudantes o tomem por nenhum motivo.

Artigo Sétimo
Do silêncio.

115. Fora dos recreios e dos quartos de hora livres, nunca se falará a não ser por extrema necessidade, e mesmo assim, pedir-se-á licença.

116. Fazer-se-á em toda a parte o menor ruído possível.

117. Em qualquer assunto e licença que se tenha de falar aos outros, nunca se falará alto, para não perturbar a paz que deve reinar na casa.

118. Não se chamará em voz alta a pessoa com quem se quer tratar algum assunto, mas ir-se-á procurá-la aonde estiver, se for necessário falar-lhe.

119. Hão-de fechar-se e abrir as portas o mais suavemente possível.

120. Logo que tocar para o fim dos recreios, qualquer frase começada ou algo que se tivesse para dizer, ainda que a palavra fique a meio, deixar-se-á de falar com os colegas e ir-se-á prontamente, em profundo silêncio, para onde a campainha chamar.

121. Para pedir algo que se necessite durante as refeições, dar-se-á um toque o mais suavemente possível; se for necessário falar ao servente, falar-se-á baixo para não perturbar o refeitório.

122. Ao subir e ao descer as escadas, se não for hora de recreio, não se dirá uma só palavra.

123. Durante os estudos guardar-se-á o mesmo silêncio.

124. Observar-se-á religiosamente o silêncio, sobretudo depois da oração da noite até depois da meditação da manhã. Uma palavra dita então será considerada uma grande falta contra a regra.

Artigo Oitavo
Da obediência.

125. Nada mais necessário para a ordem da casa que a obediência. E nada há também mais recomendável. É uma grande virtude submeter em tudo a própria vontade à de outrem.

126. Por conseguinte, obedecer-se-á sempre com prontidão e alegria.

127. Evitar-se-á cair nos seguintes defeitos: murmurar contra o que for mandado; dar a entender, por gestos e tom de voz, que não se está contente em obedecer; dar ao rosto um ar mal-humorado e triste; discorrer longamente sobre o que é mandado; discutir, às vezes, com o que manda; pedir razões e exigir uma que satisfaça; queixar-se aos colegas do rigor das ordens; etc.

128. Não se sairá de nenhum exercício público sem licença.

129. Não se escreverá nenhuma carta ou coisa semelhante sem o pedir.

130. Não se pedirá nada emprestado aos da casa ou a estranhos sem licença do Superior.

CAPÍTULO TERCEIRO:
DOS DIFERENTES CARGOS DOS ESTUDANTES

Artigo Primeiro
Dos Explicadores.

131. O explicador de Sagrada Escritura fará a sua palestra todos os domingos e dias de festa, durante três quartos de hora.

Explicará ou mandará explicar, primeiramente, a Escritura palavra por palavra.

Se existir controvérsia a respeito das passagens em questão, explicará então as diferentes opiniões dos Santos Padres e dos autores.

Tirará alguma conclusão moral dos capítulos explicados, segundo os melhores intérpretes da Escritura.

132. Responderá às dificuldades que lhe forem apresentadas. Interrogará, durante a explicação, aqueles que entender.

133. Será ele que nomeará os estudantes para declamar, no refeitório, os sermões ou os capítulos do Antigo Testamento.

Dará e corrigirá os temas dos sermões. Promoverá ensaios de declamação, nalguns recreios.

134. O explicador de teologia dará as explicações acima indicadas. [nº 51]. Terá o cuidado de falar, de vez em quando, com os professores de teologia dos seus alunos.

135. Nomeá-los-á, à vez, para defender teses bem como os que argumentarão contra eles.

Estará presente nas Teses.

Avisará os Professores sobre o momento em que os seus alunos podem defender as teses na aula.

136. Dedicará nos dias de aula algum tempo aos alunos que tiverem alguma dificuldade a propor-lhe e que poderia fazê-los atrasar no estudo das suas notas.

137. Proporcionalmente, o explicador de filosofia fará o mesmo com os seus alunos.

Artigo Segundo
Do regulamentário e vice-regulamentário.

138. O regulamentário levantar-se-á todos os dias às quatro e quarenta e cinco, para poder tocar a campainha às cinco.

Irá, depois, a cada quarto, e dirá ao entrar: Benedicamus Domino,[49] etc.

139. Tocará para todos os exercícios do dia exactamente às horas marcadas. Irá, um momento antes da hora, para junto da campainha e tocá-la-á um pouco, a fim de que toda a gente possa dirigir-se para os exercícios antes do fim do secundo toque.

140. Marcará todas as semanas, segundo a ordem do Superior, os encarregados dos diferentes serviços, durante oito dias. Escrevê-los-á, e, depois da ceia de sábado, lê-los-á em voz alta e fixará o papel no lugar destinado para tal, a fim de qualquer pessoa o poder ler, se precisar.

Logo que toque para o fim dos exercícios avisará o Superior.

141. Em qualquer lugar em que se encontre com os colegas, será sempre o primeiro a sair. Ocupará o mesmo lugar ao vir para casa.

[49] *Bendigamos ao Senhor...*

Esperará, durante um tempo razoável, que os estudantes se juntem nos lugares determinados, antes de sair de lá.

142. Dirigirá todas as orações do dia, a não ser que os próprios Superiores o façam, ou qualquer estudante por eles designado.

Avisará, de véspera, o dia de Comunhão ordinária, para que toda a gente se confesse durante a tarde.

143. Preparará todos os livros necessários para os exercícios.

144. Na ausência do regulamentário, o vice-regulamentário desempenhará as mesmas funções.

Artigo Terceiro
Do bibliotecário.

145. Terá um registo exacto dos livros que lhe tiverem sido confiados para uso dos estudantes.

Ordená-los-á por ordem alfabética e colará para este efeito uma letra e um número no dorso de cada livro.

146. Registará o nome daqueles a quem tiver emprestado livros e a data.

De vez em quando, limpará a biblioteca por dentro e por fora.

147. Nunca emprestará livros da casa a ninguém de fora.

Artigo Quarto
Do sacristão e vice-sacristão.

148. O sacristão cuidará de tudo o que diz respeito à capela.

Conservará tudo muito limpo.

149. Mudará os ornamentos da capela segundo os diferentes dias do ano.

Acenderá as velas nas festas importantes.

150. Esfregará com frequência o estrado do altar, os bancos e o pavimento da capela.

Providenciará para que haja sempre cal nos escarradores.

Limpará, de vez em quando, o barro das esteiras que se põem debaixo dos pés.

151. Não deixará que as pias de água benta fiquem vazias.

152. O vice-sacristão ajudá-lo-á em tudo isto.

Artigo Quinto
Do leitor.

153. Fará a leitura durante o almoço e a ceia.

Começará sempre a leitura com alguns versículos do Novo Testamento.

Será também o leitor da leitura espiritual.

154. Fará as orações da manhã e da noite na capela durante a sua semana.

Dará sinal, de vez em quando, para que as pessoas elevem o coração para Deus [cf. nº 35].

155. Quando o Superior o repreender, não alterará o tom de voz, e, se por acaso for repreendido com maus modos, o leitor, por respeito, há-de conformar-se com a correcção.

Artigo Sexto
Do ecónomo e vice-ecónomo.

156. O ecónomo estará atento para que nada falte no refeitório e na cozinha.

Avisará o Superior sobre os víveres necessários, e, com sua licença, comprá-los-á em tempo oportuno.

157. Será extremamente cuidadoso.

Encarregar-se-á da manteiga, do pão, da carne e das outras provisões maiores para a cozinha.

158. Dará tudo por medida ao cozinheiro, inclusive a lenha, que também estará a seu cargo.

Avisará todas as tardes o cozinheiro do que será preciso fazer no dia seguinte.

Mandará o cozinheiro ir às compras nas horas convenientes.

159. Fechará bem à chave as provisões da casa.

Terá um chaveiro com todas as chaves necessárias para não as perder e não ter demasiada dificuldade em encontrá-las, colocando-as num sítio e noutro.

160. Cuidará para que a baixela e os outros utensílios da cozinha estejam sempre muito limpos.

Seja qual for a razão, não permitirá que se leve nenhum móvel do refeitório para a cozinha ou para os quartos.

161. Mandará aquecer bem a água para lavar a loiça e fará que esteja pronta no fim das refeições.

Terá preparados os aventais para os serventes.

Preparará também os esfregões para os lavadores da loiça, a fim de que não tenham de esperar depois da refeição.

No Inverno, avisará o cozinheiro para que aqueça a água para todas as refeições.

162. Comerá sempre no segundo turno, porque deverá estar atento, durante a primeira mesa, para que nada falte.

Estará sempre presente na cozinha durante a preparação das rações.

163. Terá o cuidado de fechar, no fim do dia, as janelas do refeitório e abri-las por cima todas as manhãs.

Fora das refeições e do tempo marcado para o cozinheiro limpar o refeitório, tê-lo-á fechado à chave.

164. Nos dias de passeio comprará o que for necessário no campo.

165. Terá o registo exacto dos móveis da cozinha e do refeitó-

rio. O Superior examiná-lo-á de vez em quando.

Receberá contada a roupa da lavandaria e entregará também contada a suja.

Do mesmo modo entregará ao cozinheiro, contada, a roupa da cozinha, e contará também a suja, quando a receber.

166. Terá um livro para apontar regularmente o dinheiro que tiver recebido para as provisões da casa. Apontará, ao lado, aquilo em que o empregou.

167. O vice-ecónomo substituirá o ecónomo na ausência deste.

Artigo Sétimo
Do despenseiro e vice-despenseiro.

168. O despenseiro terá a seu cargo o vinho, a cerveja e todas as outras coisas concernentes à despensa.

169. Porá o vinho nas garrafas antes da refeição.

A ninguém servirá mais do que meio quartilho ao almoço e à ceia.

Servirá uma segunda medida, mas não mais, aos que lha pedirem e puderem pagar.

Encherá também as garrafas do Superior e dos Professores de modo que tenham dois meios quartilhos por refeição.

Terá uma lista exacta dos que beberam vinho e do dinheiro recebido.

170. Apontará depois do pequeno-almoço os que quiserem vinho extra durante o dia; se lho pedirem noutro altura, não lho dará.

Se um estudante avisar de manhã que quer vinho e mudar de parecer durante o dia, o despenseiro dá-lo-á na mesma, para evitar maior confusão.

171. O vice-despenseiro desempenhará todas estas funções, quando o despenseiro não as puder realizar.

Artigo Oitavo
Do encarregado e vice-encarregado das luzes.

172. Se for necessário, o encarregado das luzes levará, todos os dias, luz para todos os quartos, ao despertar.

Acenderá também as luzes da capela, da escada e lugares comuns, quando for necessário.

No Inverno, iluminará as salas de estudo.

173. Ser-lhe-á dado uma caixa onde terá o cuidado de guardar o óleo e as candeias; só a ele se pedirá óleo e candeias.

174. Mandará serrar lenha para a caldeira, quando fizer frio. Metê-la-á na caldeira, quando for necessário.

175. Estará atento para que o vento não se infiltre nos quartos e incomode os estudantes. Remediá-lo-á imediatamente.

176. Guardará também os jogos e os objectos de jogar. Terá o cuidado de os recolher no fim do recreio.

Se alguém, por infelicidade, se zangar durante o jogo, advertilo-á suave e caritativamente.

177. O vice-encarregado das luzes suprirá o encarregado.

Artigo Nono
Dos roupeiros e seus ajudantes.

178. O primeiro dos roupeiros será responsável de toda a roupa da comunidade.

Terá um armário para arrumar ordenadamente toda a roupa.

179. Fará quatro colunas com as toalhas de mesa, guardanapos e toalhas de mão, aventais e esfregões necessários para cada semana, entregando a primeira coluna na primeira semana, a segunda na segunda semana, [e] assim sucessivamente, de modo que a mesma roupa só servirá de mês a mês.

180. Terá um registo de toda a roupa de que está encarregado. Marcará toda a roupa que der ao ecónomo, para que este preste contas dela quando estiver suja.

Dará aos estudantes lençóis limpos todos os meses. Anotará com exactidão o nome daqueles a quem der lençóis, bem como o mês e o dia.

181. O segundo roupeiro terá a seu cargo a roupa dos estudantes, e quando a receber, fá-los-á pagar o que custar a lavagem.

Se não puder atender a tudo sozinho, pode entregar ao seu ajudante a limpeza dos cabeções e manguitos,

182. Os dois obrigarão a lavadeira a pagar a roupa que estragar. Estarão atentos para que ela não a troque, e, se o fizer, não lhe darão a que receberam enquanto não trouxer a deles.

Quando a roupa não estiver bem limpa, irão ter com a lavadeira, para que a lave novamente.

Só pagarão à lavadeira na segunda-feira, quando vier buscar a roupa suja.

183. Terão livros para apontar o dinheiro que receberem, tanto do Superior como dos estudantes. Prestarão contas a este e àqueles do uso que dele fizeram.

184. Na ausência dos dois roupeiros os dois ajudantes estarão encarregados de todos estes cuidados.

Artigo Décimo
Do enfermeiro e vice-enfermeiro.

185. O enfermeiro avisará o Superior logo que saiba que alguém está indisposto. Procurará sabê-lo atempadamente. Terá o cuidado de dar aos doentes aquilo de que necessitarem. Levá-los-á a suportar a doença por amor de Jesus Cristo.

186. Não terá repugnância dos pequenos incómodos que este cargo implica, tais como: despejar os bacios, fazer as camas, etc., e

fá-los-á de bom grado por amor a Deus. Servirá os doentes como se cuidasse do próprio Jesus Cristo.

187. Fará de modo a que aquilo que der aos doentes seja limpo e conveniente, e as camas estejam também muito limpas.

Não lhes dará nada sem ordem, administrando-lhes o que tiver sido mandado, nas horas e circunstâncias determinadas, pelo que deve anotar imediatamente tudo o que tiver sido prescrito para o doente.

188. Se alguém, por necessidade, toma medicamentos aos domingos e dias de festa, fá-lo-á ir à missa das onze ou mais cedo, se estiver em condições, devendo informar-se disso junto do médico ou do cirurgião.

Estará atento para que os que tiverem tomado medicamentos não saiam nesse dia, a fim de ficarem quentes e tranquilos no quarto.

189. Se alguém tiver que ser hospitalizado, o enfermeiro irá à Caridade[50], na véspera, marcar lugar. Levá-lo-á lá no dia seguinte.

190. Logo que o doente puder escutar a leitura espiritual, o enfermeiro terá o cuidado de lha fazer à mesma hora em que é feita em comum.

191. Terá consigo alguns utensílios de cozinha para o serviço dos doentes, que nunca emprestará ao ecónomo. Não se servirá também da loiça do ecónomo.

192. O vice-enfermeiro não prestará serviço a não ser quando o enfermeiro não bastar.

Artigo Décimo Primeiro
Do encarregado da limpeza.

193. O encarregado da limpeza visitará os quartos todos os dias de descanso, às oito e meia, para ver se estão limpos.

Procederá de modo a conservar os móveis da casa.

194. Não permitirá que deixem ficar hábitos velhos sobre as camas nem sapatos velhos no quarto.

Verificará se não há alguma camisa velha e outras coisas semelhantes, entre o colchão e a enxerga de palha.

Obrigará todos os estudantes a ter um cabide e um baú para pôr o que lhes pertence.

195. Porá etiquetas nas chaves de todas as portas da casa. Guardará na sua caixa as que não estiverem em uso.

Mandará coser prontamente o que nas camas, por dentro ou por fora, se tiver rasgado. Mandará consertar as tábuas de cama que estiverem partidas.

196. Terá cuidado para que não se percam os ferrolhos, as dobradiças, as cavilhas etc. das portas ou das janelas. Se se desprenderem do lugar, fá-las-á colocar imediatamente, e anotará o quarto onde tiver encontrado algo a reparar.

---

[50] ***Hospital.***

197. Mandará substituir os vidros partidos. Procurará saber quem da casa os terá partido e obrigará o culpado a pagá-los.

Terá o mesmo cuidado com as mesas, as cadeiras, os tamboretes, etc.

198. Mandará o cozinheiro e o alfaiate varrer o refeitório, a cozinha e os quartos de dormir, uma vez por dia.

Mandará os mesmos varrer o locutório, as salas de estudo e a escada, de alto a baixo, três vezes por semana.

199. Encarregar-se-á de que haja ferros no pátio da casa para que cada um tire a lama dos sapatos.

Providenciará para que os lugares onde, ao entrar, se mudam os sapatos por chinelos estejam sempre limpos.

200. O ajudante do encarregado da limpeza fará uma visita, todos os domingos, para ver se cada um dos estudantes pegou numa camisa branca e num lenço.

No primeiro domingo de cada mês, obrigará toda a gente a mostrar-lhe o terço, livro de horas, escrivaninha, pentes e escovas. Apontará o que faltar a cada um.

201. Quando tiver algum trabalho extraordinário para mandar fazer a toda a gente, estará atento para que cada um faça bem a sua tarefa.

Artigo Décimo Segundo
Dos chefes de canto.

202. Ensinarão o canto gregoriano aos estudantes da casa.

Terão o cuidado em recolher os livros de canto e de colocar a estante no seu lugar.

203. Avisarão o Superior se alguém se exime de cantar.

Zelarão para que os estudantes preparem as antífonas, hinos e salmos que terão de cantar nas Vésperas, no domingo seguinte.

Artigo Décimo Terceiro
Do refeitoreiro e vice-refeitoreiro.

204. O refeitoreiro terá o cuidado de partir o pão antes de cada refeição.

205. Pedirá toalhas e guardanapos ao roupeiro todos os domingos, e entregará, ao mesmo tempo, a roupa suja.

Colocará os candelabros nas mesas quando for precisa luz para cear, e, no fim da refeição, depois da acção de graças, colocá-los-á no seu sítio.

206. No dia mais conveniente da primeira semana do mês, avisará o ecónomo para mandar esfregar a loiça do refeitório e da cozinha com.

207. No fim de cada refeição verificará se cada um colocou o copo, a colher, o garfo e o guardanapo no seu lugar habitual; de contrário, ele próprio o fará.

208. O vice-refeitoreiro substituirá o refeitoreiro, na sua ausência.

Artigo Décimo Quarto
Dos serventes de mesa.

209. Os serventes servirão os estudantes e levantarão a mesa.
Terão a cabeça coberta enquanto servirem.
Usarão grandes aventais de cozinha para não sujarem a roupa.
210. Um dos dois serventes ficará sempre no refeitório para dar imediatamente o que lhe pedirem.
211. Depois da acção de graças ou lá para o fim da refeição, recolherão o pão que tiver ficado sobre as mesas.
Um pouco antes das pessoas se levantarem, passarão pequenos pratos para que cada um apanhe as pequenas migalhas de pão que houver na toalha da mesa.
212. Logo que os da primeira mesa se levantem servirão os da segunda e também as suas próprias rações. Depois de terem almoçado ou ceado, levantarão a mesa.

Artigo Décimo Quinto
Dos lavadores da loiça.

213. Cada semana haverá três encarregados de lavar a loiça, dos quais o primeiro lavará a loiça e os outros dois secá-la-ão. Quando terminarem, juntar-se-ão aos outros no recreio.
Os três comerão sempre na primeira mesa; imediatamente depois da saída do refeitório irão para a cozinha lavar a loiça.
214. Deixarão os utensílios grandes da cozinha e a loiça da segunda mesa para o cozinheiro lavar.
Terão sobretudo cuidado em secar bem tudo o que lavarem e não deixar nenhuma gordura.
215. Nas quintas-feiras à noite, lavarão em água quente as colheres e os garfos de toda a gente e colocá-los-ão em seguida nos mesmos lugares de onde os tiraram no refeitório.
Nunca lavarão sem avental.

Artigo Décimo Sexto
Do porteiro e vice-porteiro.

216. O porteiro deixará tudo, logo que oiça bater à porta, para ir abri-la.
Quando falar com as pessoas de fora, terá o cuidado de falar baixo e de tirar o chapéu.
Terá a porta sempre fechada.
217. Não permitirá que nenhuma mulher passe para além do locutório do pátio.

Quando mandarem chamar alguém, avisará o Superior antes de ir dizer ao interessado.

218. Não avisará ninguém, nem ao Superior, sem necessidade extrema, se os mandarem chamar durante as orações comuns, a leitura, as teses, as explicações e as refeições.

Terá, na portaria, o nome de todos os da casa. Quando mandarem chamar alguém, verá primeiro na lista se está em casa.

219. Depois de abrir a porta e antes de ir avisar o Superior, acompanhará os estranhos ao locutório.

Nunca mandará ninguém entrar para o jardim, e menos ainda para a sala, senão pessoas de certa classe, que não podem ser recebidas noutro lugar.

220. O vice-porteiro observará tudo isto quando substituir o porteiro. Isto sucede, habitualmente, quando o porteiro está na Missa ou na mesa.

Artigo Décimo Sétimo
Do alfaiate.

221. Não trabalhará senão para os da casa.

Consertará o mais rápido possível tudo o que lhe derem para coser, tanto a roupa dos estudantes como as coisas da casa.

222. Fará os hábitos dos estudantes.

Procurará sobretudo coser bem, para não ter de recomeçar todos os dias.

Sob nenhum pretexto poderá exigir algo dos estudantes.

223. Irá todos os dias à missa das seis e meia, excepto nos dias de festa e domingos, em que irá à paróquia às sete da manhã, à primeira missa solene, e, depois das duas da tarde, às Vésperas.

De quinze em quinze dias, aproximar-se-á dos Sacramentos. Seria bom que se confessasse a algum confessor da casa.

Sejam quais forem os seus afazeres, assistirá à oração da manhã e da noite.

Poderá ser dispensado da leitura espiritual, se estiver demasiado ocupado.

224. Varrerá todos os dias os quartos de dormir.

Será ajudado pelo cozinheiro nos sábados em que tiver de mover as camas para limpar a sujidade que junta por debaixo.

Varrerá a escada da casa, as salas de estudo e de recreio, três vezes por semana.

Tirará o tempo necessário depois do pequeno-almoço para varrer.

Artigo Décimo Oitavo
Do cozinheiro.

225. Terá o cuidado de ter a cozinha o mais limpa possível.

Porá cada coisa no seu lugar depois de a ter usado.

226. Cozinhará com tempo as carnes e os outros alimentos necessárias, para nunca fazer atrasar um instante as horas das refeições.

Não dará nenhum resto de comida à porta, sem licença.

227. Para fazer as compras, irá à cidade na hora indicada.

Irá também à casa dos Reverendos Padres Jesuítas buscar as sobras que têm a caridade de nos dar. Ao chegar a casa, levará estes comestíveis para o sótão.

228. Irá buscar ao sótão a lenha necessária para o lume; partila-á e serrá-la-á, se for necessário.

Irá todos os dias buscar água para beber, à fonte.

Tirará também do poço a água necessária para lavar as mãos, a loiça, os quartos, etc.

229. Limpará uma vez por dia o refeitório depois do pequeno-almoço.

Poderá pedir ajuda ao alfaiate, quando precisar, para ir buscar água ou fazer compras.

230. Assistirá à oração da manhã e da tarde, seja qual for o trabalho que tiver.

Irá todos os dias à Missa das seis e meia, excepto aos domingos e dias de festa, em que irá à primeira Missa solene da paróquia.

Irá também à tarde à paróquia, para as Vésperas e o sermão.

Aproximar-se-á dos sacramentos de quinze em quinze dias, de acordo com a regra do alfaiate acima referida, artigo 14º [nº 223].

Artigo Décimo Nono
Dos encarregados dos quartos de banho.

231. Os dois encarregados dos quartos de banho esvaziarão cada manhã o balde de madeira onde os estudantes devem esvaziar os bacios.

Levá-lo-ão todas as noites para o mesmo lugar onde o encontraram de manhã.

Durante o dia, arrumá-lo-ão na capoeira.

232. Lavarão, uma vez por semana, os bacios dos estudantes. Fá-lo-ão depois da aula de sábado à tarde.

233. O primeiro encarregado terá a seu cuidado a limpeza dos quartos de banho destinados às necessidades maiores. Porá papel nos sacos, quando não houver.

O segundo encarregado limpará os outros quartos de banho.

CAPÍTULO QUARTO:
ALGUNS CONSELHOS PARA A BOA ORDEM DA CASA

234. Quando houver uma festa ou um dia em que não possam ser realizados, no tempo marcado, alguns exercícios ou cargos indis-

pensáveis para a boa ordem da casa, o Superior, avisado pelos encarregados, determinará outro dia em vez do que está marcado.

235. Nos dias de jejum, excepto na Quaresma, não haverá cântico, nem passeio, nem cerimónias. Nestes dias, desde a aula da manhã até ao fim da aula da tarde, os exercícios serão meia hora mais tarde.

236. O Superior determinará um dia da primeira semana de cada mês para esfregar a loiça, limpar a casa, etc. Procurará ocupar toda a gente, para que os trabalhos terminem rapidamente.

237. Logo que alguém se sentir incomodado, avisará o Superior.

238. Tratar-nos-emos sempre com muita delicadeza, cuidando uns dos outros com todo o respeito, como diz o Apóstolo.

Evitaremos tratar-nos por tu.

Tratar-nos-emos por você.

239. Todos os encarregados darão contas exactas de tudo o que lhes for confiado e de tudo o que se tiver perdido.

240. Ninguém ser servirá dos móveis da casa sem licença do Superior, e quando, com sua licença, alguém deles acabar de ser servir, colocá-los-á em seguida no seu lugar.

241. Cada um terá sempre o cuidado de anotar na sua porta a saída e a chegada.

242. Quando alguém tiver licença de sair, não demorará mais tempo do que o necessário e irá só ao lugar para que tiver pedido licença. No regresso, ao chegar a casa, apresentar-se-á ao Superior.

243. Se se encontrar alguém conhecido na rua, não se ficará com ele; saudar-se-á simplesmente, e se se for totalmente obrigado a falar-lhe, dir-se-lhe-á delicadamente que se é obrigado a ir com os outros e que se tem de os acompanhar.

244. Não se tirará o chapéu a ninguém no refeitório, a não ser quando entrar o Superior.

245. É expressamente proibido entrar na cozinha sem licença, excepto no tempo em que se tem de lavar a loiça. Logo que estiver lavada, os encarregados retirar-se-ão e o ecónomo pedir-lhes-á que não ocupem por mais tempo a cozinha.

246. Logo que termine a primeira mesa, tocar-se-á para a segunda, a qual terminará, cada manhã, às doze e quarenta e cinco ou o mais tardar à uma, e, à noite, às oito e um quarto tocar-se-á para o fim.

247. Cada um terá chinelos para mudar ao entrar em casa.

248. Ao regressar da cidade, cada um se servirá dos ferros que estão no pátio para tirar a lama dos sapatos.

249. Logo que se ouvir o primeiro toque da campainha para qualquer exercício, cada um calar-se-á imediatamente, haja o que houver ainda para dizer, e irá com extrema diligência para o lugar para onde se foi chamado.

250. Ao vir ou ao ir para a Missa, nos dias de férias ou de

festa, não devemos falar uns com os outros, mas entreter-nos interiormente com Deus sobre a grandeza do sacrifício da Santa Missa ou sobre a felicidade de comungar, se nos aproximámos da Sagrada Mesa.

251. Nunca se deixará nada em cima da cama durante o dia.

252. Os que quiserem que lhes cortem a barba só o poderão fazer no recreio depois do almoço de sexta ou de sábado. Se por acaso um desses dias for dia de festa, pode-se antecipar um dia, mas sempre à mesma hora.

253. Ter-se-á o cuidado de não deixar nada em cima ou debaixo das carteiras fora dos tempos de estudo.

254. Cada um terá um baú e uma cruzeta, um crucifixo, um terço, uma colher, um garfo, uma faca, um copo, um pente, espanadores, escovas, esteiras e um bacio.

255. Nos dias de confissão, os que forem ao mesmo confessor esperarão uns pelos outros para regressar em grupos de três, rezando o terço

256. Quando nos encontrarmos nas escadas, no jardim ou noutro lugar, nunca deixaremos de nos saudar reciprocamente.

257. Ao dar ou ao receber algo de alguém, não nos esqueceremos de tirar o chapéu e de dar e receber com a amabilidade que a boa educação cristã deve ter-nos feito adquirir.

258. O Superior nomeará um estudante em cada quarto para apagar a luz, de manhã e á noite: de manhã, quando tocar para a oração, à noite, um pouco antes das nove. O mesmo abrirá todas as janelas do quarto, ao sair de manhã.

259. É expressamente proibido, sem licença especial, estarem dois juntos, durante os passeios e recreios. Devem estar pelo menos três.

Ninguém deverá estar sempre com as mesmas pessoas nestas ocasiões. É bom que mostremos que não sentimos mais afeição por uns do que por outros.

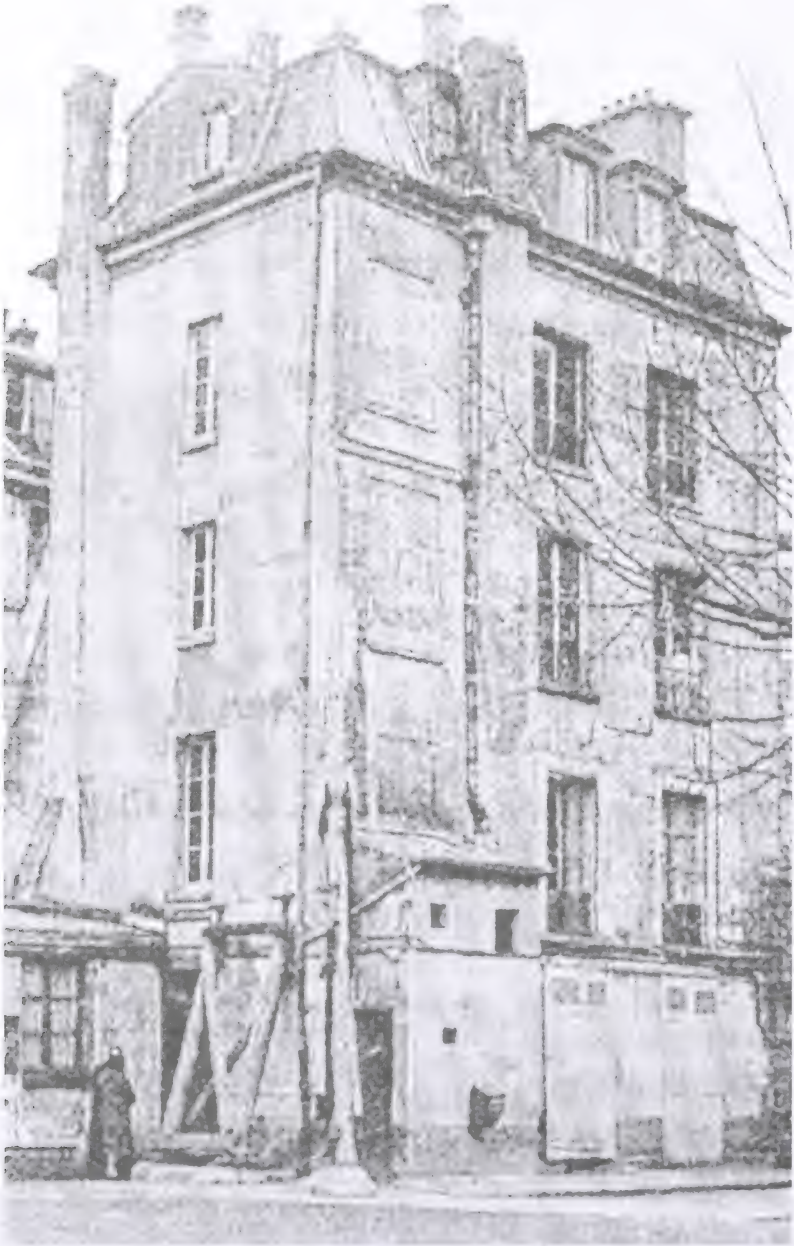
260. Ninguém introduzirá na casa ou no jardim, sem licença, as pessoas da cidade que nos vêm visitar. Contentar-nos-emos em recebê-las no locutório.

261. Cada um terá o cuidado, cada manhã, antes da oração, de fazer bem a cama e estirar as cortinas de modo que não se veja nada por debaixo: o enxergão, os lençóis ou a coberta, etc.

262. Todas as noites, antes da oração, teremos um momento para reflectir sobre o progresso ou sobre as faltas que possamos ter cometido durante o dia ou sobre a virtude de que mais necessitamos.

263. Como a nova regra que se introduziu estipula que a roupa e os sapatos de todos serão feitos pelos alfaiates e sapateiros da casa, não se permitirá aos estudantes ir à cidade para tal fim, visto que também os Superiores terão o cuidado de os fazer encontrar na casa tudo o que precisarem.

TODOS ESTES REGULAMENTOS FORAM REDIGIDOS PELO FALECIDO SENHOR DES PALCES E ESCRITOS COM SEU PRÓPRIO PUNHO E PRATICADOS POR ELE E SEUS ALUNOS.



Desde o Natal de 1705 até à sua morte em 2 de Outubro 1709, Poullart des Places ocupou um quarto no rés-do-chão desta casa, na Rua Rollin, n.º 8.

3. Pensamentos de Cláudio Francisco Poullart des Places

Selecção de textos e títulos do P. Joaquim Ramos Seixas[1]

Como uma espécie de pequeno "ramalhete espiritual", eis alguns pensamentos extraídos das reflexões do P. Poullart des Places, exprimindo atitudes do seu processo de doação a Deus, da sua vida de união e docilidade, de desprendimento e renúncia por amor a Ele, Pai de todos os homens, e aos seus filhos sofredores, mais pobres, humildes e marginalizados.

MODELO DE CONVERSÃO

Deus toma a iniciativa: o desejo de um retiro é graça divina

1. "Eu quis retirar-me do ambiente do mundo para passar oito dias na solidão. Nada me obrigou a fazer ao Senhor este pequeno sacrifício... Neste louvável propósito tenho que reconhecer a graça que me iluminou nas minhas cegueiras... Felizmente, sou do número desses filhos queridos a quem meu Pai e Criador oferece tantas vezes meios fáceis e admiráveis para reconciliar-me com Ele. Vamos, minha alma, é tempo de render-te a tão amável perseguição! Poderás hesitar um momento em abandonar as tuas disposições mundanas e reprovar com mais atenção e recolhimento a ingratidão e dureza do

[1] *Joaquim Ramos Seixas, espiritano português. Vive e trabalha na Província espiritana de Espanha desde 1960 onde, para além de formador, animador missionário e muitos outros serviços e funções, também foi provincial. Foi membro do grupo de especialistas e estudiosos da espiritualidade espiritana, formado pelo Conselho Geral em 1979. Levou a cabo um vasto trabalho de pesquisa sobre história, tradição e espiritualidade da Congregação, em castelhano, num total de 7 volumes.*

teu coração à voz do teu Deus?" (*Claude-François Poullart des Places – Écrits*, Centre Spiritain, Rome, 1988, pp.15-16).

Reconhecer as provas da benevolência divina, caminho da conversão...

2. "Vós me procuráveis, Senhor, e eu fugia de Vós... Como sois amável, meu divino Salvador! Não quereis a minha morte, só quereis a minha conversão. Como se tivésseis necessidade de mim, tratais-me sempre com doçura. Parece que tomais como uma honra seduzir um coração tão insensível como o meu... Amais-me, meu divino Salvador, e dais-me disso provas bem sensíveis. Sei que a vossa ternura é infinita, pois não se esgotou com as minhas inumeráveis ingratidões. Há muito tempo que quereis falar-me ao coração... Procurais persuadir-me de que quereis servir-vos de mim para serviços mais santos e religiosos, mas eu não quero escutar-vos." (Ibd. pp. 16-17).

A conversão abre o coração a Deus e renuncia ao que se lhe opõe...

3. "Falai, meu Deus, quando vos aprouver... Agora, Senhor, que me arrependo das minhas cegueiras, que renuncio de todo coração a todas as coisas que me obrigavam a fugir de Vós, agora que vos venho procurar, que estou disposto a seguir todas as ordens santas da vossa Providência Divina, descei ao coração aonde, desde há muito tempo, quereis entrar: não mais terá ouvidos senão para Vós nem terá mais afeições senão para Vos amar como deve... Nada no mundo será capaz de vos arrancar um servidor que vos consagra, com a coragem digna de um cristão, obediência cega e submissão infinita... É necessário, por assim dizer, que eu mude de natureza, que me despoje do velho Adão para revestir-me de Jesus Cristo. Porque, doravante, Divino Salvador, ou vos pertenço inteiramente ou assino a minha própria reprovação." (Ibd. p. 18)

A conversão torna o homem conforme ao coração de Deus...

4. "Vós quereis, meu Deus, que eu seja homem, mas que o seja segundo o vosso coração. Compreendo o que me pedis e quero dar-vo-lo porque ajudar-me-eis, dar-me-eis a força, ungir-me-eis com a vossa Sabedoria e virtude... Toca-vos, pois, combater por mim. Entrego-me inteiramente a Vós, porque sei que tomais sempre o partido de quem espera em Vós... Mudai a minha fraqueza em coragem, e se é necessário que uma pobre cana como eu esteja exposta ao furor dos ventos e tempestades mais fortes, cingi-me com a vossa misericórdia e cobri a minha debilidade com o vosso manto de justiça. Conservai em mim, oh meu Deus, um santo horror por tudo aquilo que mais Vos desagrada. Assusta-me o exemplo da vossa justiça... e, ao mesmo tempo, aumenta o meu amor... e comove-me de agradecimento a vossa paciência com os meus pecados..." (*Écrits*, pp. 18-19).

A experiência da própria debilidade, da paciência e misericórdia de Deus fortalece a união a Deus e a repulsa de todo pecado...

5. "Vós sois o Pai das misericórdias, recebeis no seio de Abraão as ovelhas que buscam o pastor que perderam... Sois a videira e eu sou um sarmento que quereis unir à cepa para viver da sua mesma vida... Pelo preço que for, eu quero, meu divino Salvador, tornar-me digno do vosso amor... Meu coração, cheio de vaidade e de ambição até agora, nada encontrava no mundo bastante elevado e grande que o enchesse. Já não estranho que as coisas terrenas e perecíveis não fossem capazes de o contentar. Estava reservado para um Deus, e agora encontra com que encher-se inteiramente. Só Vós, e nada mais o ocupará." (Ibd. p. 20-21).

Lembra-te que tens que morrer e não pecarás!...

6. "Confesso, meu Deus, que quero resistir a essas funestas seduções do pecado. Não o posso fazer sem a vossa ajuda nem o pedirei suficientemente... Não permitais nunca que me cegue. Iluminai-me com a mesma luz com que iluminastes um Agostinho, um Paulo, uma Madalena e tantos outros santos... Doravante não quero pensar senão naquilo que possa precaver-me para jamais cair no pecado que faz perder a graça. Acabam de me dar um meio seguro para vigiar a mais pequena das minhas ações e para manter-me sempre agradável aos olhos de Deus. Este é o segredo que buscava e que devo amar. Para que não o esqueças nunca, minha alma, repito-te: '*Lembra-te que tens que morrer, e nunca pecarás*'. Que salutar conselho, que admirável sentença!" (Ibd. pp.24, 27).

Viver na presença de Deus é remédio contra o pecado...

7. "Doravante, meu Deus, não me perdoarei nenhuma debilidade que possa esfriar a vossa graça em mim... com ela procurarei não cair em tão grande mal... Me parece admirável o segredo que hoje nos deram para conseguir o louvável propósito de nunca vos desagradar e desejo de todo coração não o esquecer nunca. É necessário, portanto, lembrar-me que, em qualquer parte do mundo, estou sempre na vossa presença, que Vós me vedes e que não posso ofender-vos sem que sejais testemunha da minha infidelidade. Quando não esqueça que estais em toda a parte, nos meus pensamentos, nas minhas palavras, no meu coração, no meu quarto, na rua e em todos os sítios, eu serei sempre respeitoso e submisso." (Ibd. pp. 33-34).

8. "Tem coragem, minha alma. Promete ao teu Deus fazer penitência dos teus pecados e mostra-lhe o horror que te causam... Que nada no mundo seja capaz de me afastar da virtude. Percamos o respeito humano, a complacência, a fraqueza, o amor próprio, a vaidade, percamos

tudo o que temos de mau e guardemos só o que pode ser bom. Que digam tudo o que quiserem, que me aprovem, que se mofem de mim, que me tratem como visionário, hipócrita ou homem de bem: doravante tudo isso tem que ser indiferente para mim. Busco a Deus. Ele deu-me a vida só para o servir fielmente... Só Deus me ama sinceramente e quer o meu bem. Se posso agradar-lhe, serei muito feliz; se lhe desagrado, serei o homem mais miserável do mundo. Tenho tudo a ganhar se vivo em graça; tudo perdi se a perco". (Ibd. p. 35).

9. "Se cumpro estas boas resoluções, só à vossa graça deverei a minha piedade. E como recompensarei tão grande favor? Tenho algo muito precioso que me fará feliz oferecer-vos todos os dias: será, meu Deus, o sacrifício da Missa que tem um mérito infinito junto da vossa divina Majestade... Com que veneração e recolhimento não assistirei eu à celebração de tão grande sacrifício! Ao oferecer-vos esta vítima sem mancha, vos obrigarei, meu Deus, a conceder-me todas as graças que necessito para tornar-me um verdadeiro santo e não transgredir a vossa lei que me obriga não somente a fugir do mal mas também a fazer o bem". (Ibd. 34).

10. "Conservai-me, meu Deus, tão santas resoluções. Terei inimigos a combater... Defendei-me, Senhor, contra estes tentadores e, posto que o mais implacável é a ambição, a minha paixão dominante, humilhai-me, rebaixai o meu orgulho, confundi a minha glória. Que encontre por toda a parte mortificações, que os homens me rejeitem e me desprezem: consinto-o, meu Deus, contanto que me ameis muito e me queirais. Me causará pena sofrer e apagar esta vaidade de que estou tão cheio. Mas, o que não deve um homem fazer por Vós que sois Deus, que derramastes o vosso Precioso Sangue por mim?" (Ibd. p. 35)m

MODELO DE DISCERNIMENTO E DISPONIBILIDADE

Pureza de intenção: conhecer e realizar os desígnios de Deus

11. "Senhor, tenho tudo a temer no estado em que estou. Não estou naquele que Vós quereis para mim... É necessário que tome o que me destinais. É a primeira coisa em que devo pensar. Serei feliz se não me enganar na escolha; vou tomar todas as precauções mais santas para descobrir a vossa santa vontade. Vou declarar ao meu director todas as minhas inclinações e repugnâncias a respeito de cada género de vida para examinar com a máxima atenção o que me pode ser conveniente. Não esquecerei nada do que julgar necessário para consultar a vossa Providência. Que a vossa graça, divino Mestre, me esclareça em todas as minhas diligências e eu a possa merecer pelo meu apego perpétuo e inviolável a tudo o que vos possa agradar." (Ibd., p.36).

Renúncia à inclinação e vontade próprias e abandono à Providência

12. "Meu Deus, Vós que conduzis à Jerusalém celeste os homens que se confiam verdadeiramente a Vós, recorro à vossa Divina Providência, abandono-me inteiramente a ela, renuncio à minha inclinação e aos meus apetites, à minha própria vontade, para seguir cegamente a vossa. Dignai-vos dar-me a conhecer o que quereis que eu faça a fim de que, realizando aqui em baixo o género de vida que me tendes destinado, eu possa servir-vos durante a minha peregrinação, num estado em que vos agrade e Vós derrameis abundantemente sobre mim as graças que necessito para dar sempre à vossa Divina Majestade a glória que lhe é devida." (Ibd., p. 40).

Critério espiritual de eleição: desprender-se do modo de ver humano para seguir o de Deus e o caminho indicado por Ele.

13. "Espero, meu Deus, que faleis ao meu coração e, por vossa misericórdia, me tireis das inquietações embaraçosas que me causa a minha indecisão. Sinto que não aprovais a vida que levo, que me tendes destinado a algo melhor... Prometo-vos, meu Deus, não fazer nenhuma diligência mais sem perguntar-me a mim próprio se é por vossa glória que eu atuo. Em qualquer estado em que esteja, quero ter estas precauções nos meus pensamentos, nas minhas palavras e nas minhas ações. Onde estejam os vossos interesses eu ficarei para mantê-los, mas onde encontrar só os do mundo, fugirei como diante de uma serpente." (Ibd., pp. 40-41).

14. "Se tenho, meu Deus, a felicidade de [encontrar o estado] no qual a vossa Divina Providência quer que a sirva... desprendo-me de todas as vistas humanas que tenho tido até agora em todas as escolhas de estado de vida em que tenho pensado. Sei que tenho que deixar todas as minhas indecisões para tomar uma definitiva, mas não sei qual me convém e receio enganar-me... Tendes, Senhor, que conduzir meus passos, pois ***estou decidido a seguir o caminho que me indicardes.*** Consegui uma indiferença muito grande a respeito de todos os estados... Falai, meu Deus, ao meu coração, estou disposto a obedecer-vos." (Ibd., p. 41).

Autoconhecimento realista e crítico

15. "Primeiramente, devo consultar o meu temperamento para ver de que sou capaz e recordar as minhas paixões boas e más por temor de esquecer umas e deixar-me surpreender pelas outras... Tenho uma saúde maravilhosa;... resistente à fadiga e ao trabalho, mas muito amigo do descanso e da preguiça aplicando-me apenas por força da razão ou por ambição; afável por natureza e tratável... Sou um pouco sanguíneo e muito melancólico... Bastante indiferente às

riquezas, mas muito apaixonado pela glória e por tudo o que pode elevar um homem acima dos outros por méritos; cheio de ciúme e desespero ante os êxitos dos outros... bastante político em todas as ações da vida... buscando a independência, mas escravo da grandeza... incapaz de suportar uma grande afronta, demasiado adulador dos outros, sem piedade comigo mesmo especialmente quando cometo uma falta em público; sóbrio nos prazeres da boca, bastante reservado nos da carne, admirador sincero das verdadeiras pessoas de bem... sendo o respeito humano e a inconstância grandes obstáculos para mim; devoto às vezes como um anacoreta... outras vezes mole, frouxo, tíbio no cumprimento dos meus deveres de cristão... Gosto muito de dar esmola, sou naturalmente compassivo com a miséria alheia"... (Ibd., pp. 42-43).

Pureza de intenção e liberdade interior

16. "É necessário decidir entre o estado religioso chamado o claustro, o estado eclesiástico que é o dos sacerdotes seculares e o terceiro estado chamado mundo. Nos três a gente pode salvar-se ou condenar-se... Deus está em toda a parte com as diferentes pessoas; dá a graça a umas e a outras conforme merecerem... O segredo, portanto, está em não enganar-se na escolha, e o meio mais seguro para escolher bem é não ter em vista senão a glória de Deus e o desejo de salvar-se. Vejamos agora, coração, se tu tens só esse motivo como objectivo. Julgarei a tua sinceridade pelo conhecimento que tenho das tuas inclinações." (Ibd., pp. 43-44).

17. "Tu me dizes, coração, que és indiferente sobre todos os estados de vida, mas eu repondo-te que não o és tanto como pensas, e que a vida religiosa não é do teu agrado... Sei que tens muita inclinação para o estado eclesiástico e, aparentemente, é dos três aquele pelo qual te decidirias com mais facilidade. Não censuro a tua inclinação contanto que encontre a condição necessária, isto é, a glória de Deus e o desejo da tua salvação... Tu dizes que, se eu quero esperar a descobrir um estado para o qual tenhas inclinação e sem mistura de ambição, permanecerei sempre na indecisão em que estou." (Ibd. 45-46).

18. "Encontras mil razões para me provar que convém entrar no estado eclesiástico e, se há instantes estivesse pronto a entrar nele, quererias ainda tempo para reflectir. Portanto, tu amas um pouco o mundo e não sabes bem ainda que partido deves preferir. Todos se acomodam a ti, todos te agradam... Quero saber ainda o que pensas quando considerares o mundo... Por tudo o que me fazes pensar, coração, sei que não tens repugnância formal pelo mundo e tampouco pelo estado religioso e eclesiástico. Tu queres, porque julgas que não te tomarei a sério, e não quererias, se eu escolhesse um, porque

terias pena de deixar os outros dois... Tenho que confessar que sou muito infeliz por ser tão indeciso... "(Ibd., pp. 48-51).

Espírito de fé em Deus e seus mediadores

19. "É a Vós, meu Deus, que devo dirigir-me para me decidir segundo a vossa vontade. Vim aqui para receber o conselho da vossa divina Sabedoria. Destruí em mim os apegos mundanos que me seguem por toda a parte. Que não tenha, no estado que escolher para sempre, outras vistas que não sejam as de vos agradar; e como na situação em que me encontro é impossível decidir-me, sentindo embora que quereis de mim mais do que as minhas incertezas, vou, Senhor, descobrir-me sem disfarces aos vossos ministros. Fazei, por vossa santa graça, que eu encontre um Ananias que me descubra o verdadeiro caminho, como a S. Paulo. Seguirei os seus conselhos como ordens vossas. Não permitais, meu Deus, que eu seja enganado. Ponho em Vós todas as minhas esperanças." (Ibd. pp. 51-52).

MODELO DE COMPROMISSO APOSTÓLICO E SACERDOTAL

"Deus tinha os seus desígnios... Ele destinava este filho único e tão ternamente amado a um estado bem mais elevado que aquele a que o destinavam: queria uni-lo inteiramente ao seu serviço, fazer dele um modelo das mais heróicas virtudes, o pai e chefe de uma família sacerdotal que devia prestar depois grandes serviços à Igreja." (Koren, *Mémoire P. Thomas*, p. 250).

Desde o mês de Outubro de 1701 encontramos Cláudio no colégio Luís-o-Grande em Paris, seguindo o curso teológico dado pelos Jesuítas e preparando-se para o sacerdócio.

Regulamento particular

Vida de oração. "*No seu retiro,* [escreve o P. Thomas] *ele teve a felicidade de ganhar um gosto particular pela oração vocal e muito mais pela oração mental."*

20 a. "As minhas orações da manhã constarão de um *Veni Sancte* [Vem, Espírito Santo], de três *Pater* e três *Ave* [Três Pai Nossos e três Ave Marias], o primeiro em honra da Santíssima Trindade, o segundo em honra da Santíssima Virgem... o terceiro em honra do meu bom Anjo para que me assista constantemente com seus conselhos e me alcance uma boa morte... Recitarei *Sancta Maria, etc.* para me pôr particularmente sob a protecção da Santíssima Virgem de quem fui outrora filho querido, tendo-lhe sido consagrado por meus pais, que me fizeram usar vestido branco em sua honra durante sete anos.

20 b. "No que diz respeito ao fim proposto nas minhas orações, serão as seguintes petições que farei mais ou menos desta maneira:"

"Santíssima e adorável Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo que, por vossa graça adoro com todo o meu coração, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, permiti-me que Vos ofereça muito humildemente as minhas pequenas orações por vossa honra e glória, pela minha santificação, pela remissão dos meus pecados..." (Ibid.p. 56).

21. "Permiti-me, meu Deus, que vos ofereça o santo Sacrifício da Missa por esta mesma intenção e para que vos digneis conceder-me a fé, a humildade, a castidade, a pureza de intenção, a rectidão dos meus juízos, a maior confiança em Vós e a maior desconfiança de mim próprio, a constância no bem... o amor aos sofrimentos e à cruz, o desprezo da estima do mundo, a regularidade nas minhas pequenas regras... Concedei-me também a graça de gravar no meu coração, com traços indeléveis da vossa graça, a morte e a paixão do meu Jesus, a sua vida santa... Enchei meu coração e meu espírito da grandeza dos vossos juízos, da grandeza dos vossos benefícios e da grandeza das promessas que por vossa santa graça vos fiz, para que sempre os tenha presentes."(Ibd. P.57)

Vida de união com Deus. *"Deus se lhe comunicou,* [escreve o P. Thomas] *infundiu nele as suas luzes,... fez-lhe experimentar as doçuras e consolações que se saboreiam quando se está na disposição de entregar-se a Deus sem reserva":*

22. "Há já mais de dois anos que me tirou do mundo, rompeu as minhas cadeias... Fez milagres a meu favor para me atrair a si, fechou os olhos a um crime enorme que era o cúmulo das minhas iniquidades... O excesso da sua paciência começou a atravessar-me o coração... Mas esse Deus de bondade não limitou a isso a sua ternura por mim... Por um pequeno ato de amor a Deus eu sentia interiormente retribuições suas que não se podem exprimir. Recebia abundantes consolações... Se eu me esforçava um pouco em dar um passo pelo Senhor, este Mestre amoroso levava-me léguas inteiras sobre os seus ombros... Quais eram então os meus pensamentos e desejos, qual era a minha maneira de viver e as minhas ocupações ordinárias?... Quase não podia pensar senão em Deus. A minha grande angústia era não pensar sempre nele. Só desejava amá-lo e, para merecer o seu amor, tinha renunciado até aos afetos mais permitidos da vida. Desejava ver-me um dia privado de tudo, viver só de esmola, depois de ter dado tudo." (Ibd., pp.65- 66).

Vida eucarística

23. "Eu passava tempo considerável diante do Santíssimo Sacramento; estavam ali os meus melhores e mais frequentes recreios. Rezava a maior parte do dia, até na rua, e ficava preocupado quando dava conta que tinha perdido, durante alguns momentos, a presença

do único a quem eu queria amar... Ainda que eu tivesse a honra de comungar frequentemente, não comungava tanto como desejaria... Na participação do corpo de Jesus eu conseguia o desapego que me fazia desprezar o mundo e as suas maneiras... Jesus crucificado era a minha ocupação mais frequente e apesar de que o amor da minha carne ainda me dominava, eu começava a violentar-me e a fazer algumas pequenas mortificações." (Ibd., p. 67-68).

Vida de sacrifício, renúncia e pobreza. *"Nesses felizes momentos, o Sr. Des Places, como ele próprio diz, abjurou com alegria do mundo onde só via vaidade, atou-se ao seu Deus e a tudo o que podia agradar-lhe. As honras, as riquezas, os prazeres do mundo pareciam-lhe dignos só de horror e de desprezo. Os sofrimentos, pelo contrário, as penitências, as humilhações e o desprezo por amor de Jesus Cristo tornaram-se o objecto dos seus desejos."(Memorial P. Thomas,*Koren, p.252).

24. "Só me resta, meu Deus, pedir-vos a privação completa de todos os bens terrenos e perecíveis. Concedei-me, pois, esta graça desprendendo-me completamente de todas as criaturas e de mim próprio para, de modo inviolável, ser somente vosso e para que, com o meu coração e o meu espírito repletos unicamente de Vós, eu me mantenha sempre na vossa presença como devo. Concedei-me que vos peça esta graça do fundo do meu coração... assim como a de carregar-me de opróbrios e de sofrimentos para que, tornando-me digno de obter da vossa bondade infinita... a graça de conhecer e executar com perfeita resignação a vossa santa vontade...eu possa estar disposto a sofrer antes a morte... que consentir em cometer deliberadamente um só pecado venial; peço-vos, meu Deus, que me humilheis como vos agrade, porque nada mais desejo, contanto que nunca vos ofenda." (Ibd. p. 58).

Zelo apostólico e missionário

25. "Dar-vos-ei a conhecer a corações que não vos conheciam; e porque eu próprio conheço a desordem das almas que vivem nos maus hábitos, tratarei de convencê-las, forçá-las a mudar de vida; e vós sereis eternamente louvado por bocas que vos teriam amaldiçoado eternamente... Servir-me-ei dos poderosos meios da vossa graça para convertê-las."

25 bis. "De todos os bens temporais não pretendia reservar-me mais que a saúde que desejava sacrificar inteiramente a Deus no trabalho das Missões, sumamente feliz se, depois de ter abrasado toda a gente no amor de Deus, pudesse dar até à última gota o meu sangue por aquele cujos benefícios eu tinha quase sempre presentes." (Ibd., p. 67).

26. "Poderia juntar certos impulsos de ternura que eu sentia por aqueles que sofrem, uma doçura bastante razoável, depois do

meu grande orgulho passado, por aqueles com quem me tinha relacionado, um zelo ardente para levar os pecadores a voltar para Deus, até ao ponto de não encontrar nada demasiado baixo para o conseguir." (Ibd., p.69).

"Ele assistia com toda a liberalidade os pobres envergonhados e tinha uma maneira maravilhosa de tratá-los para evitar-lhes a confusão. Para estas obras de caridade servia-se, entre outros, de um jovem estudante por quem pagou a pensão durante algum tempo, até que conseguiu colocá-lo numa comunidade assistida por alguns padres Jesuítas." (Koren, Thomas, p. 266).

O Fundador

Espírito de Igreja: cuidado das vocações e da dignidade dos sacerdotes. *"Tinha um afeto particular pelas obras mais obscuras."* (Koren, Thomas, p. 268). *"Sentia que Deus queria servir-se dele para encher o seu santuário de mestres e guias... não podia fazer nada melhor que continuar a ajudar os pobres escolares a subsistir e a continuar os estudos."* (Koren, Besnard, p. 280).

27. "Desde algum tempo, *[respondeu Poullart des Places a Grignion de Monfort]* "eu distribuo tudo o que está ao meu alcance para ajudar escolares pobres a continuar os seus estudos. Conheço muitos que tinham disposições admiráveis e que por falta de ajuda não puderam fazê-las valer, sendo obrigados a enterrar os talentos que seriam muito úteis à Igreja se fossem cultivados. Quisera dedicar-me a isso reunindo-os numa casa. Parece-me que é o que Deus me pede, tendo sido confirmado nesta ideia por pessoas esclarecidas cuja ajuda posso esperar para atender à sua subsistência. Se Deus me concede a graça de o conseguir, pode contar com missionários. Eu preparo-lhos e você dá-lhes trabalho. Deste modo estaremos os dois contentes." (Koren, Besnard, p. 282).

"Em pouco tempo ele formou uma Comunidade de eclesiásticos a quem deu regras cheias de sabedoria." (Koren, Besnard, p. 284).

O espírito do Seminário e da Congregação do Espírito Santo: Consagração ao Espírito Santo e à Santíssima Virgem

28. "Todos os estudantes adorarão particularmente o Espírito Santo a quem foram especialmente consagrados. Terão também uma grande devoção à Santíssima Virgem, sob a protecção da qual foram oferecidos ao Espírito Santo. Escolherão as festas de Pentecostes e da Imaculada Conceição como festas principais. Celebrarão a primeira para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino, e a segunda para obter da

Santíssima Virgem a pureza angélica: duas virtudes que devem ser o fundamento da sua piedade." (*Règlements, 1-2*; Écrits, p. 79).

29. "Esta consagração que fazemos ao Espírito Santo faz parte essencialmente do espírito das nossas Constituições; as santas promessas que com ela fazemos são a herança que nos deixaram os nossos pais. Eles eram pobres dos bens da terra e queriam ser ricos só dos dons do Espírito Santo que constituíam todo o seu tesouro. Legaram-nos também um testemunho dos seus piedosos sentimentos numa fórmula de consagração que nós devemos honrar com uma veneração inteiramente religiosa porque é como seu testamento espiritual... Consagraram-se ao Espírito Santo sob a invocação de Maria concebida sem pecado e nos ofereceram a eles. Não podemos pertencer a melhor Mestre, sob uma melhor salvaguarda como a de Maria. Consagremo-nos, portanto, a um e a outra segundo a intenção dos nossos pais." (P. Warnet, Sup. Geral, cit. por J. Michel, p. 299).

30. "O que o Espírito nos pede neste momento, pede-o para sempre. Devemos pertencer-lhe na vida, na morte... Comprometemo-nos a procurar a honra do Espírito Santo, primeiro dentro de nós próprios, por meio de um espírito de docilidade perfeita à vontade de Deus, de obediência e de submissão aos impulsos da graça, por um espírito de abandono de nós próprios aos desígnios da divina Providência. É necessário deixar-se dirigir pelo Espírito Santo, seguir unicamente as suas impressões e resistir a todas as da carne, não ter mais afetos nem intenções que as que Ele inspira, confiar nele e rejeitar toda inquietação: '*Ele é meu pastor, nada me falta*': Sal. 22,1." (Ibd. p. 301).

Consagração à Imaculada Conceição

31. "Santa Maria, minha mãe e soberana... humilde e piedosamente prostrado a vossos pés, imploro a vossa assistência. Ajudai-me, vosso humilde servo, a dedicar-me, a consagrar-me e entregar-me ao Espírito Santo, vosso celestial esposo, em honra de quem quero tomar hoje um compromisso tão importante, apesar da minha fraqueza. Escutai-me, minha boa Mãe. Espírito omnipotente, escutai a minha boa Mãe e, por sua intercessão dignai-vos iluminar meu espírito com a vossa luz e abrasar meu coração com o fogo do vosso amor, a fim de que eu faça nesta casa que vos está consagrada, tudo o que vos agrada, tudo o que é para vossa glória, para minha santificação e edificação de meus irmãos." (Cit. em J. Michel, p. 298).

Seguimento de Cristo pobre: viver a pobreza para evangelizar os pobres

32. "Não se receberá nesta casa senão indivíduos cuja pobreza, costumes e aptidão para a ciência sejam conhecidos. Sob nenhum

pretexto, poderão ser admitidos nela os que estejam em situação de poder pagar pensão noutros lugares." (Reg., 5-6).

"Todos comerão em comum... dando menos atenção a alimentar o corpo que a dar alimento à alma com a leitura que se fará à mesa... A ninguém se servirá nada de extraordinário. As porções serão sempre distribuídas igualmente a uns como a outros... e devem comer sempre em ação de graças... Para manter maior uniformidade em casa, nada será servido ao Superior mais que aos súbditos. Uns e outros devem sentir prazer em considerar-se como pobres a quem a Providência concede o alimento que se lhes dá no refeitório.:. Não se louvará nem criticará o que se comeu. É indigno de um verdadeiro cristão pensar demasiado em todas essas coisas... e cair neste defeito é uma falta de mortificação ainda mais considerável num religioso ou num eclesiástico. Um homem um pouco mortificado, como se deve ser aqui, come indiferentemente o que se lhe dá. Tudo encontra bom quando se lembra que ao seu Deus lhe deram a beber fel e vinagre. (Koren, *Écrits*, pp. 176, 178: *Rglements*. 58, 59, 66,67, 73,77).

...E de Cristo obediente

33. "Se há de ser muito fiel na prática exacta de todos os regulamentos gerais e particulares. Cada dois meses serão lidos em público os regulamentos. Se recomenda uma obediência cega sobretudo às ordens dos que governam."

"Para a boa ordem da casa não há nada com maiores consequências do que a obediência. Nem há nada que tanto se recomende; é uma grande virtude submeter a própria vontade à de outros. Por isso se obedecerá sempre com prontidão e alegria. Se terá muito cuidado para não cair nos seguintes defeitos: murmurar contra o que foi mandado; mostrar, por gestos ou pelo tom de voz, que não se está muito contente com obedecer; mostrar má cara e tristeza; discorrer muito tempo sobre o que foi mandado; discutir...com quem manda, pedir-lhe explicações... Não se sairá de nenhum exercício público sem autorização. (Koren, *Écrits, p. 168 e 188: Règlements 24, 25; 125-128*).

Partilhar as funções da comunidade

34. "Além das obrigações comuns a todos os membros da comunidade, há ainda os deveres ligados às diferentes funções. Estas funções ou cargos são mais ou menos as que havia naquela época... Têm a dupla vantagem de contribuir economicamente para a boa ordem da casa e para a boa formação dos indivíduos. O cargo mais importante era o de repetidor que foi exercido nos primeiros tempos pelos alunos melhor dotados. As funções de ecónomo eram atribuídas também a um dos estudantes... É necessário acostumar-se a fazer algo mais do que aquilo que agrada, para que no dia em que sejam exigidas imolações difíceis, haja desejo e coragem... Ao longo da sua vida terrestre, Nosso

Senhor Jesus Cristo deu-nos o exemplo desta submissão"... (H. Le Floch: *Claude Poullart des Places*, p. 351-352, 356).

Exemplo edificante do Fundador: "Ele era o primeiro em praticar o que recomendava aos outros"

35. "Dum momento para outro, neste colégio tão numeroso onde era tão conhecido, viram-no abandonar o brilho e as maneiras do mundo para se revestir ao mesmo tempo do hábito e da simplicidade dos eclesiásticos mais reformados. Não lhe causava pena o que pudessem dizer... Quantas vezes foi visto fazendo as ações mais humilhantes aos olhos das pessoas que melhor o conheciam, quando se tratasse de buscar a subsistência para os escolares pobres que ele tinha reunido. Foi visto muitas vezes nas ruas de Paris acompanhado de alguns dos seus pobres escolares, a maioria muito mal vestidos, com os quais parecia tratar como com pessoas iguais a ele. E quando carregavam móveis ou outros utensílios necessários na comunidade, não deixava de aliviá-los se se apresentava a ocasião, sem temor à mofa que podia causar-lhe a sua caridade." (Koren, Thomas, p. 277).

Zelo apostólico, disponibilidade e obediência

36. "Se sabe a que se destinam os jovens eclesiásticos que se reúnem no Seminário do Espírito Santo. Formados para todas as funções do sagrado ministério, e em todas as virtudes sacerdotais... possuem em grau elevado o espírito de desprendimento, de zelo e de obediência. Dedicam-se ao serviço e às necessidades da Igreja, sem mais desejo que o de a servir e de lhe ser úteis. Vêem-se na mão dos superiores imediatos e ao primeiro sinal da vontade destes... formam como que um corpo de tropas auxiliares, dispostos a ir por toda a parte onde haja trabalho para salvar almas, dedicando-se preferentemente às obras das Missões, tanto estrangeiras como nacionais, oferecendo-se para ir residir nos lugares mais pobres e mais abandonados para os quais se encontra mais dificilmente obreiros. Quer seja necessário ser relegado para o fundo duma zona rural ou enterrado no canto de um hospital... ensinar num seminário ou dirigir uma comunidade pobre... quer seja preciso atravessar os mares e ir até ao fim do mundo para ganhar almas para Jesus Cristo, a sua divisa é esta: Eis-nos aqui, dispostos a fazer a vossa vontade! *'Ecce ego, mitte me'*: Is. 6,8." (Koren, Besnard, pp. 286-88).

Tal vida, tal fim... Expirou docemente
"Quão desejáveis são os vossos tabernáculos!..."

"Se determinará um dia por mês para pensar seriamente na morte."(Règlements 43).

37. "A eternidade feliz depende da minha morte, como a minha morte depende da minha vida... Tal vida, tal fim... Depende de

mim, com a ajuda do Céu, viver santamente ou viver sem piedade. Como sou feliz por poder decidir sobre a minha morte! Quero ter a morte dos justos: por conseguinte, é necessário levar uma vida inteiramente santa e puramente cristã... Que loucura encher o coração das coisas do mundo e ter a cabeça transtornada de vanglória! O que me ficará de tudo o que há na terra, e o que ficará de mim na terra depois da minha morte? A mim, uma cova de seis pés,... uma caixa de quatro ou cinco tábuas de madeira apodrecida. O que deixarei de mim no mundo? Os bens que tenha adquirido e o cadáver que cuidei todos os dias com tanta delicadeza... Espero que esta ideia: *'que tenho de morrer!'* e que doravante terei sempre presente, me manterá na virtude." (*Écrits*, pp. 27-29).

38. "Enquanto o P. Des Places se entregava inteiramente aos cuidados que exigia a sua comunidade nascente e se esgotava com austeridades, foi atacado de uma pleurisia, aliada a uma febre contínua e a cólicas violentas que lhe provocaram dores extremas, durante quatro dias. Estas dores não conseguiram arrancar-lhe nenhum queixume, nem sequer uma só palavra de impaciência. Davam-se conta da atrocidade dos seus sofrimentos apenas pelos atos de resignação que recitava. O desfalecimento da sua natureza parecia emprestar-lhe novas forças para constantemente repetir as palavras do santo rei David: "*Como são amáveis as vossas moradas, Senhor do universo! A minha alma suspira e anseia pelos átrios do Senhor!* (Sl. 83, 2-3) Administraram-lhe com tempo os últimos Sacramentos; depois de os ter recebido com consciência e perfeita liberdade de espírito, expirou docemente pelas cinco horas da tarde do dia 2 de Outubro de 1709... Tal foi o santo e célebre P. Des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo." (*Charles Besnard; Écrits*, p. 87).

II. Ao encontro do seu tempo

4. Naquele dia de Pentecostes... já lá vão 306 anos

História da influência de Poullart des Places através das obras e dos artigos que lhe foram consagrados.

Na perspectiva do tricentenário da morte de Poullart des Places

A Congregação do Espírito Santo está a celebrar um centenário importante que nos remete às suas origens: Foi há 300 anos que Poullart des Places faleceu, seis anos depois de ter fundado uma comunidade de formação para estudantes pobres. Tratava-se de os preparar para serem padres ao serviço das classes pobres e esquecidas. Foi a 27 de Maio de 1703, dia de Pentecostes.

A personalidade e a obra deste jovem advogado de Rennes são bem conhecidas depois que Joseph Michell, em 1962, nos confiou o resultado das suas pacientes investigações históricas.[2]

Contudo, outros estudos tanto dele como de outros apaixonados por Poullart, formam um conjunto de contribuições que permitem por ocasião do 300º aniversário da sua morte, redescobrir o jovem fundador que tão pouco escreveu, mas que soube realizar uma obra sólida e durável.

A finalidade deste número especial da revista "Missão Espiritana" não é tanto retomar o que o P. Michel (✞ 23 de Junho de 1996) nos legou como fruto da maturidade do historiador, mas proporcionar a oportunidade de, por ocasião deste tricentenário, reler alguns artigos que fazem ressaltar certos aspectos particulares da pessoa e da obra de Poullart des Places.

---

* ***Christian de Mare, Espiritano francês, antigo Mestre de Noviços, dedicou largos anos à investigação sobre Cláudio Poullart des Places, tendo editado o livro*** *Aux racines de l´arbre Spiritain, écrits et études,* ***que serve de base a esta edição especial da nossa revista e do qual retiramos alguns capítulos, nomeadamente este, pp.27-48.***

[2] ***Joseph MICHEL, Claude François Poullart des Places, Fondateur de la Congrégation du Sain Esprit, 1679-1709. 1962. 352 p***

Durante o Capítulo Geral em Itaici, a Congregação reconheceu a importância do regresso às fontes [3] para ajudar os missionários a trabalhar na missão de hoje segundo o carisma que lhes é próprio:

"Assim como um homem começa provavelmente a envelhecer a partir do momento em que deixa de compreender a sua própria juventude, assim uma Congregação começa a envelhecer quando deixa de se interessar pelas suas origens, pois é no segredo das fontes que se revigora o impulso de todas as renovações".

Esta consciência nem sempre prevaleceu entre os espiritanos; as páginas que se seguem pretendem relançar a história da influência de Cláudio Francisco Poullart des Places ao longo destes 306 anos da história da Congregação do Espírito Santo.[4]

OS ESCRITOS DE POULLART DES PLACES E OS DOCUMENTOS COMPLEMENTARES

Antes de mais, a que fontes é que os espiritanos precisam de recorrer para reencontrar pessoalmente o seu fundador? Os poucos escritos que Poullart des Places escreveu foram editados pelo P. Henry Koren.[5] O texto desta edição comporta um certo número de erros e omissões relativamente ao manuscrito. O P. Joseph Michel sublinhou-as, o que permitiu restabelecer com exactidão o texto de Poullart des Places.

A versão dos *Escritos* feita pelo P. Lecuyer em 1983 nos *Cahiers spiritains* nº 16 de 1988 retoma esta edição sem qualquer mudança.[6] No prefácio, diz o P. Lecuyer:

"O texto dos Escritos foi revisto com cuidado a partir dos manuscritos conservados nos Arquivos da Congregação do Espírito Santo...Num certo número de pontos ele diverge do texto já publicado por Henry Koren. Contudo, como já tinha feito este último, também nós transcrevemos o texto em ortografia moderna, para comodidade dos leitores".

Ora, o exame atento feito pelos PP. Coulon e Jean Ernoult para a preparação do presente volume a inserir na colecção *Mémoire Spiritaine. Études et Documents* revelou que, de facto, o P. Lecuyer

---

[3] ***"O Conselho Geral decidiu confiar a tarefa de velar pela realização de várias obras relativas à nossa história e às nossas fontes espiritanas... Uma comissão internacional foi criada para implementar este trabalho" (Chapitre Général 1992. Itaici. Brasil.***

[4] ***Nota da redacção de Spiritus, introduzindo o artigo de Jean ORCIBAL,"Problêmes d´origine".***

[5] ***Devemos ao P. Gobeil a publicação de uma bibliografia informatizada com o título*** *Publicações sobre Poullart des Places,* ***Roma.***

[6] ***Henry KOREN e Maurice CARRIGAN,*** *Les escrits spirituels de M. Claude François Poullart des Places, fondateur de la Congrégation du Saint Esprit;* ***Henry KOREN*** *The Spiritual writings of Father Claude Francis Poullart des Places, founder of the Congregation of Holy Ghost.* ***Duquesne University, Pitsburg.***

não tinha efectuado todas as correcções necessárias, com certeza por não ter tido conhecimento da lista dos *errrata* elaborada pelo P. Michel. De resto, a edição do P. Lecuyer não incluía o conjunto dos *Regulamentos* do seminário, mas só extractos e portanto não constituía uma edição completa revista e corrigida, dos *Escritos* de Poullart des Places.

Os *Escritos* são antes de mais notas que Cláudio Poullart des Places escreveu no decorrer de retiros. Os primeiros *Escritos* intitulam-se Reflexões *sobre as verdades da Religião formadas durante um retiro por uma alma que pensa na sua conversão.* E o mesmo aconteceu com *Escolha de um estado de vida.*

Estes dois textos que se reclamam um ao outro, referem-se ao retiro que Poullart des Places fez em Rennes em 1701, depois do abandono de uma carreira de magistrado em que ele quase se tinha comprometido. No termo deste retiro em duas etapas, tomou a decisão de se entregar a Deus para a evangelização dos pobres como padre da diocese de Rennes. Partiu para Paris a fim de se lançar nos estudos de teologia no colégio Louis-le-Grand. Aí, no embalo do seu retiro, alimentado pela espiritualidade das Aa [7] e pelas leituras, redigiu um texto de programação do seu tempo e da sua oração ('pode-se datar de 1702): *Fragmentos de um Regulamento particular.*

Entretanto, dois anos passaram: a fundação da comunidade do Espíri to Santo foi a 27 de Maio de 1703, na festa do Pentecostes: Cláudio Poullart des Places começou a experimentar as dificuldades tanto na conduta da sua jovem comunidade como na sua própria vida espiritual. No decurso de um outro retiro (1704) em que ele se interroga sobre a *crise* espiritual e sobre o acerto da sua iniciativa de fundador, redigiu a sua revisão de vida, comparando o que ele tinha vivido até aos tempos recentes e o estado em que estava presentemente – *Reflexões sobre o passado.*

As angústias de Cláudio Poullart des Places estão agora ultrapassadas com a partilha das suas responsabilidades com colaboradores; *estes Messieurs du Saint Esprit* assumem como equipa a condução da comunidade do Espírito Santo, constituída por estudantes pobres [8] cujo número atinge agora cerca de 80.

Cláudio, recentemente ordenado sub-diácono e diácono, redige um texto de *Regulamentos* (provavelmente em 1707) que testemunham uma experiência de vários anos no governo dos seus colegas e estudantes: *Regulamentos gerais e particulares.* Koren reproduziu o conjunto deste último texto e Lecuyer adoptou-o nas suas grandes linhas. Neste volume apresentamos uma edição não só completa, mas revista, corrigida e anotada.

---

[7] ***Joseph LECUYER, "****Les écrits de Claude Poullart des Places,* **1679-1709. in "Cahiers Spiritains nº 16, pacques de 1983 p. 5-87**

[8] *Assembleia dos Amigos,* ***círculos de espiritualidade animados pelos Jesuítas.***

Temos ainda duas outras fontes importantes elaboradas uma por uma testemunha imediata e outra por uma testemunha próxima:

Pierre THOMAS, *Memorial sobre Poullart des Places.* Pierre Thomas foi um dos primeiros discípulos, recebido por ele na comunidade do Espírito Santo em 1704. A finalidade do seu *Memorando* era "contar aquilo de que nós fomos testemunhas desde o começo do estabelecimento da sua comunidade". Infelizmente este documento está incompleto; só vai mesmo até à fundação do seminário. Será que a outra parte do *Memorando* se perdeu? Thomas elabora a sua narrativa num estilo hagiográfico: tem um fundamento histórico (a partir das próprias confidências de Poullart des Places) e mistura pormenores que se lêem na vida dos santos da época e que traduzem a veneração que o autor e a sua comunidade partilhavam a respeito do fundador. Portanto não se pode ver neste texto uma obra de crítica histórica, mas como reflexo de uma narrativa da vida do próprio Poullart des Places é um documento precioso. Foi publicado em francês e em inglês pelo P. Henry Koren.[9]

Charles BESNARD, smm: *Vida de Luís-Maria Grignion de Monfort.* Besnard não conheceu pessoalmente Poullart mas entrou na comunidade do Espírito Santo pouco depois da morte do fundador. Tornando-se depois discípulo de Luís Maria Grignion de Monfort e mais tarde superior geral da Companhia de Maria, Besnard ouviu muitas vezes Luís Maria falar de Cláudio, seu amigo de infância e seu irmão no zelo apostólico. Charles Besnard acabou a sua *Vida de Luís Maria Grignion de Monfort* em 1770, mas ela só veio a ser publicada recentemente, em Roma, em 1981.[10] As páginas 101 a 107 dizem respeito explicitamente a Poullart des Places. Besnard relata acontecimentos, referentes à sua juventude, mas mais particularmente relacionados com a sua vocação particular e a sua obra. Neste contexto, relata-nos a sua última doença e a sua morte. Tem-se a impressão que Besnard teve conhecimento de um texto mais longo de Thomas. O seu estilo é sóbrio e desprovido de detalhes maravilhosos. Foi igualmente editado por Henry Koren na obra acima citada.[11]

Entre os documentos relativos ao reconhecimento legal da Comunidade do Espírito Santo e dos seus directores,[12] alguns deles são

---

[9] ***O termo de comunidade corresponde bem à intenção do fundador e dos estudantes, mas nunca o reivindicaram oficialmente por causa da conotação jurídica que o título comportava. Só 30 anos mais tarde é que esta*** *casa de particulares* ***recebeu um estatuto legal como Sociedade (Congregação) e Seminário do Espírito Santo.***

[10] **KOREN.** *Écrits,* **p. 226-227**

[11] **Charles BESNARD.** *La vie de Mr. Marie Grignion de Monfort, missionnaire apostolique,* manuscrito de 362 folhas, ***escrito pelo ano de 1870, Arquivos das Filhas da sabedoria Roma. Vie de M. Louis Marie Grignion de Monfort Centre International Monfortain 1981.***

[12] ***Koren*** *Écrits* **p. 277-289.**

um precioso testemunho do espírito e das intenções de Poullart des Places: por exemplo as *Cartas Patentes de 1727 e 1734*, assim como as *Regras e Constituições de 1734*.[13]

CLÁUDIO-FRANCISCO POULLART DES PLACES NA CONSCIÊNCIA DOS ESPIRITANOS

"O espírito e as intenções do fundador permaneceram sempre vivas ao longo da história"

O espírito e as intenções do fundador permaneceram sempre vivas ao longo da história da Sociedade e do Seminário do Espírito Santo, apesar de ela ter sido suprimida duas vezes: a primeira, aquando da Revolução de 1792 e a segunda, devido ao mau humor de Napoleão em 1809. É verdade que o imperador tinha descarregado a sua cólera contra um instituto que ainda mal conseguira restabelecer-se da sua total destruição, apesar do decreto da restauração em 1805. Nestas condições, é surpreendente ver através dos sermões de Nicolau Warnet [14] quanto a tradição que remontava a Poullart inspirava ainda a família espiritana, 130 anos depois da sua morte.[15]

De resto, os Regulamentos de 1707 inspiraram a primeira *Regra de 1734*, segundo o confirma o decreto de aprovação do Arcebispo de Paris, Mons. Vintmille. Trata-se evidentemente do mesmo texto que Jacques Bertrout fez aprovar por Roma em 1824, excepto o artigo 2º do capítulo primeiro que estipulava que a Sociedade dependia da Propaganda [16] para tudo o que dizia respeito às missões longínquas. O primeiro a alterar esta venerável herança foi Alexandre Leguay.[17] Mas alguns meses mais tarde, Francisco Libermann que lhe tinha sucedido depois do breve superiorato de Alexandre Monnet, obteve de Roma que estas modificações pouco felizes fossem anuladas no essencial.

Acabamos de falar do P. Libermann. Desde as origens da *Obra dos Negros* [18] se pensava em juntar a nova comunidade missionária à Sociedade do Espírito Santo. Foram precisos pelo menos sete anos para que essa *fusão* se realizasse. A bem dizer não foi senão uma só

---

[13] ***Os directores, chamados Messieurs du Saint Esprit formavam juntos a Sociedade do Espírito Santo, que tinham a seu cargo o Seminário do Espírito Santo e dois outros seminários que lhes tinham sido confiados: o seminário de Meaux até à revolução e o de Verdun durante alguns anos.***

[14] ***Notes et Documents relatifs à l´histoire de la Congrégation du Saint Esprit sous la garde de l´Immaculé Coeur de Marie, 1703-1914 Paris. Maison Mère 1917.***

[15] ***Membro da Sociedade do Espírito Santo, foi superior geral interino nos cinco primeiros meses de 1845, esperando que Alexande Leguay (nono superior geral da Congregação) ficasse disponível.***

[16] ***A Sociedade e o Seminário do Espírito Santo corajosamente recriados por Jacques Bertout (sexto superior geral) depois da Revolução, foram legalmente restaurados em 1816.***

[17] ***Serviço da Santa Sé que se ocupava das actividades das missões longínquas.***

[18] ***Este texto foi aprovado nos princípios de 1848, quando Leguay acabava de pedir a demissão.***

Congregação que ficou. O termo *fusão* sugere que um novo produto nasceu da aliança das duas sociedades. Ora, a verdade é que o que houve foi a integração na Sociedade dos Espírito Santo e dos seus membros e bens da Sociedade do Coração de Maria, que a Propaganda tinha, simplesmente suprimido. Eleito superior geral da Sociedade do Espírito Santo, [19] Francisco Libermann assumiu o cargo de décimo sucessor de Poullart des Places a 22 de Novembro de 1848.

A lealdade do P. Libermann ao fundador e à sua obra pode confirmar-se por vários factos. Sem conhecer a sua vida em todos os pormenores, ele soube, no entanto captar-lhe os traços essenciais:

" A Congregação do Espírito Santo foi fundada no dia do Pentecostes de 1703 por Poullart des Places da diocese de Rennes, com a finalidade de formar eclesiásticos vocacionados para consagrarem as suas vidas ao serviço das obras mais abandonadas. Durante muito tempo esta obra só conseguiu subsistir com esmolas de pessoas caridosas: o venerável fundador ele mesmo ia procurá-las, depois servia os alunos com as próprias mãos e prestava-lhes os serviços mais humildes". [20]

"Um dos primeiros cuidados de Libermann foi manter o espírito das Regras do fundador."

Um dos primeiros cuidados de Libermann foi manter o espírito das Regras do fundador. Restabelecendo as exigências da prática da pobreza, ele recuperava o verdadeiro espírito de Poullart des Places, atenuado pelos acrescentos recentes de Alexandre Leguay.[21] Eis como ele fala deste património herdado do fundador:

"Todas as dificuldades que até aqui se opunham irresistivelmente a esta fusão desapareceram e pelos fins do ano de 1848 operou-se a reunião de todos os membros da Sociedade do Coração de Maria com a Sociedade do Espírito Santo. A Congregação conserva o seu antigo título do Espírito Santo e as suas Constituições, que se encontravam em perfeita harmonia com o espírito da Sociedade do Coração de Maria e deixavam intactos os regulamentos de vida e a organização das comunidades dos seus missionários. A sua entrada na Congregação do Espírito Santo não mudou o seu comportamento: as Constituições desta Sociedade, aprovadas pela Santa Sé, cheias de sabedoria e de prudência, e muito próprias para formar missionários, são mais que perfeitamente observadas". [22]

---

[19] ***Assim se designou em 1839 o projecto missionário de Frederico Le Vavasseur e Eugénio Tisserant. Libermann aderiu a esse projecto e teve um papel primordial na fundação e direcção da Sociedade do Coração de Maria (1841) que assumia esse projecto.***

[20] ***O emprego dos termos "Sociedade" e "Congregação" era bastante largo naquela época; se preferimos o termo "Sociedade" era para marcar que as duas associações reuniam padres seculares; hoje diríamos "Sociedades de Vida Apostólica".***

[21] ***Paul COULON, Paul BRASSEUR,Libermann, 1802-1852 Une pensée et une mystique missionnaire. Paris Cerf, 1988 942 p. 663: "Notice sur la Congrégation du Saint Esprit et de l´Immaculé Coeur de Marie et sur ses oeuvres (Maio 1850).***

[22] ***Superior Geral de 1845 a princípios de 1848, tinha mitigado a regra original em 1847 para atrair para a Sociedade do Espírito Santo padres que o Seminário do Espírito Santo tinha formado, mas que mantinham todo o seu enquadramento nas colónias onde exerciam tarefas pastorais.***

Francisco Libermann dedicou-se também a restaurar o Seminário do Espírito Santo dotando-o de formadores de qualidade e em número suficiente. Não foi tarefa fácil formar seminaristas com ardente espírito apostólico, mas conseguiu-o. Em poucos anos, conseguiu devolver ao Seminário o fervor com que o fundador o tinha marcado, quando em 1850, o seu próprio assistente, o P. Le Vavasseur, regressado de Bourbon, para lhe dar uma mão, se inclinava pelo abandono puro e simples do Seminário. [23] Eis como Libermann respondia aos argumentos inflamados de Le Vavasseur:

"Creio que não podemos, sem faltar gravemente à vontade divina, nem deixar o Seminário nem abandonar as colónias. Deus, na sua divina Providência colocou-nos no Seminário, enviou-nos para Bourbon e para a Maurícia; não nos compete a nós ir contra as suas ordens e dizer que já fizemos bastante para obedecer à sua boa e santa Providência. A obra do Seminário é difícil, muito difícil; nós somos demasiado pobres e fracos. Mas será isso uma razão para renunciar? Não há dificuldade que não se consiga vencer com a ajuda de Deus. Deixemos, portanto agir a divina bondade e não tenhamos a fraqueza de abandonar uma obra tão importante".[24]

Libermann acaba de falar das colónias: é esta uma outra herança espiritana em que ele se empenhará e que será bem sucedido, através de uma impressionante acumulação de correio e iniciativas, apesar da doença o mortificar e afectar as suas forças físicas. Em Janeiro de 1851, três bispos recebiam a sua ordenação episcopal para tomar conta do clero e dos fiéis das suas três dioceses, recentemente criadas Martinica, Reunião e Guadalupe. Assim se resolvia um problema urgente (há vários anos): o da animação pastoral eficaz dos padres e das suas comunidades cristãs nestas terras. Estes padres eram, na sua maioria, filhos do Seminário do Espírito Santo.

Íntimo colaborador e sucessor de Libermann, Inácio Schwindenhammer, não se reconhecia na tradição criada por Poullart des Places. Ele sentia-se mais filho da Sociedade do Coração de Maria. É verdade que a personalidade de Libermann o tinha profundamente marcado. Guiado por ele desde o seu primeiro encontro no Seminário Maior de Estrasburgo na primavera de 1841, [25] ele tinha assumido as suas primeiras responsabilidades pastorais fortificado pela confiança nunca desmentida do seu superior.

Acrescentemos ainda que a integração da Sociedade do Coração de Maria na do Espírito Santo valeu a esta – que então não contava mais de seis membros, a maior parte de idade avançada – um afluxo súbito de quem semeia uma centena de missionários jovens e dinâmicos e outros tantos estudantes em formação: foi uma injecção forte que teve o efeito de uma reanimação. Estas razões explicam

---

[23] **COULON, BRASSEUR ,** *Libermann Notice… p 666-667.*

[24] **COULON, BRASSEUR,** *Libermann p. 661-663*

[25] ***Carta do P. Le Vavasseur. Pentecostes de 1850 ND XIII p 198-199***

sem dúvida a linguagem um pouco ambígua de Schwindenhammer, quando fala das origens da Congregação. Quando em 1863 se dirige ao Arcebispo de Paris, Mons. Darboy, para o convidar para a festa patronal, escreve:

"No dia do Pentecostes, a nossa grande festa patronal, celebrarmos o 160º aniversário da fundação do nosso Instituto: teríamos todos muito gosto em o ter presente connosco nesse dia".[26]

Ao contrário, em 1876, dirigindo-se a um público mais alargado, já se exprime de uma maneira diferente:

"Os Padres do Espírito Santo e do Coração de Maria convidam-vos para vos associardes ao Tríduo de Acção de Graças que vão celebrar a 14, 15 e 16 de Julho para agradecer a Deus pela introdução da causa da beatificação do seu fundador e primeiro superior geral, o Venerável Francisco-Maria-Paulo Libermann". [27]

Os espiritanos desta segunda metade do século XIX considerarão que a sua verdadeira história não vai além de Libermann e da sociedade missionária que ele fundou. É verdade que a Sociedade do Espírito Santo tinha sido profundamente renovada e como que recriada, pela incorporação no seu seio da jovem sociedade e o governo do fundador Cláudio Francisco Poullart des Places, tinha caído no esquecimento.

"Foi a supressão da Congregação do Espírito Santo em 1901 que fez justiça a Poullart des Places como sendo o seu verdadeiro fundador."

Foi a supressão da Congregação do Espírito Santo em 1901 que fez justiça a Poullart des Places como sendo o seu verdadeiro fundador. Como aconteceu a muitas congregações, também a nossa foi efectivamente suprimida pela razão de não ser aquela que as Cartas patentes de 1734 tinham aprovado. Os missionários do Coração de Maria, não reconhecidos ter-se-iam substituído ilegalmente a ela em 1848. O Conselho de Estado emitiu portanto uma decreto de supressão a 14 de Fevereiro de 1901. [28] Ajudado pelos arquivistas e juristas, Mons. Alexandre Le Roy [29] conseguiu demonstrar que se tratava da mesma Congregação do Espírito Santo em que se tinha incorporado a Sociedade do Coração de Maria e que esta tinha sido dissolvida por Roma. O Conselho de Estado aceitou rever as suas conclusões negativas e acabou por reconhecer que a *Associação do Espírito Santo pode ser considerada como uma Congregação religiosa legalmente autorizada.* [30] Quer dizer: pelo facto mesmo reconhecia-se que o nosso fundador era Cláudio Poullart des Places.

Mons. Le Roy conseguiu convencer os confrades espiritanos a que assumissem toda a sua história, desde 1703 e que aceitassem que Libermann não era o seu fundador, mas o seu 11º Superior Geral. Não foi coisa fácil, foi preciso que ele empenhasse toda a sua autoridade pessoal; foi então que o P. Henri Le Floch, seu fiel aliado

---

[26] ***François Libermann preparava-se então para o sub-diaconado***

[27] ***Arquivos do Arcebipado de Paris cassier 32, carton 2***

[28] ***Arq CSSP 54 –A-1***

[29] ***NDH p.96-97 p. 100-1º1***

[30] ***Superior Geral, governou a Congregação do Espírito Santo de 1886 a 1926.***

nesta batalha, se lançasse a escrever a primeira obra espiritana sobre Cláudio Poullart des Places.[31]

Em 1903, o segundo centenário da Congregação do Espírito Santo que então ocorria, teve um largo eco no órgão oficial da administração geral. O editorial do *Bulletin Général* de Maio de 1903,[32] assinado por Mons. Le Roy, traçava fielmente em grandes linhas, a história completa da Congregação a partir de Poullart des Places, integrando a obra de Libermann no quadro do conjunto destes duzentos anos. No final, o Superior Geral concluía:

"o segundo centenário da Congregação do Espírito Santo teve um largo eco no órgão oficial da administração geral."

"Como recordação deste aniversário, o retrato do Servo de Deus Cláudio Poullart des Places e o do Venerável Libermann serão distribuídos aos membros da Congregação. A vida do nosso primeiro fundador, já começada, será publicada logo que possível. Enfim, uma notícia histórica da Congregação do Espírito Santo aparecerá, assim o esperamos, no decorrer do presente ano".

O P. Henri Le floch publicou a primeira edição da vida de Poullart des Places em 1906. [33] Era um ensaio biográfico que acusava uma certa limitação no acesso às fontes. Não se apresentava como um trabalho histórico rigoroso e continha certas inexactidões. A segunda edição (1915) beneficia já das pesquisas do autor nos arquivos da Propaganda e inclui numerosos documentos autênticos sobre a história de Poullart des Places e a sua obra. [34] O mérito do P. Le Floch foi ter sacudido a ignorância da maior parte dos espiritanos de então e ter aberto o caminho a novas investigações mais críticas sobre a nossa história – sub-libermaniana.

" Este livro é também uma história doméstica. Pelas razões já mencionadas quase todos os elementos expostos neste trabalho são ignorados pela maior parte daqueles que se honram de ser filhos de Poullart des Places. Aprendendo o que foram o pensamento e a vida do fundador, vendo como ele criou a sua obra e como formou os seus discípulos, cada um se dará conta que tem, no passado, títulos e tradições, uma herança gloriosa de santidade e de apostolado; cada um compreenderá que tem uma maneira de ser, de sentir e de agir inspirada pelas origens e que tem todo o proveito em fazer uma viagem às fontes com uma fidelidade firme e respeitosa".[35]

---

[31] ***NDH p 101***

[32] ***Henri Le Floch (1862-1950) da diocese de Quimper, fez os estudos secundários no Seminário Menor de Langonnet, depois a Filosofia e a Teologia em Chevilly, ordenado padre em 1886, professo espiritano em 1887; foi professor em vários colégios de França (Merville, Epinal, Beauvais) antes de ser nomeado director do Escolasticado Maior de Chevilly em 1900. De 1924 a 1927 foi superior do Seminário Francês de Roma.***

[33] ***BG nº 195 maio de 1903 p. 125-129***

[34] ***Henri Le Floch*** *Une vocation et une fondation au siècle de Louis XIV: Claude Paoullart des Places, Fondateur du Séminnaire et de la Congrégation du Saint Esprit* ***(1679-1709) nouvelle edition en 1915***

[35] ***Idem p. 537-669. mais 6 planos relativos aos Seminário do Espírito Santo.***

No ano seguinte à segunda edição, o P. Alphonse Eshbach, Procurador junto da Santa Sé e residindo no Seminário Francês de Roma, publicou uma brochura em que resumia o texto do P. Le Floch, [36]seu superior.

Uns dez anos mais tarde, Mons Le Hunsec, Superior Geral desde 1926, quis que o 225º aniversário da nossa fundação não passasse despercebido. A nota do mês do *Bulletin Général* de Junho de 1928, assinado por Mons. Le Roy,[37] convida à acção de graças pelos *nossos Fundadores*, sem insistir na sua obra pessoal. O Boletim dá-nos conta de que, a 19 de Maio, M. René Lefebvre, padre, escolástico do último ano, fez uma conferência em Chevilly sobre a obra de Poullart des Places e as suas relações com o jansenismo: uma espécie de época infernal em que a lealdade e simplicidade de Bouic e Caris [38] fariam com que a Congregação saísse ilesa dessa ameaça.

O período da nossa história de 1929 a 1959 despertou sobretudo um notável interesse por Libermann, depois de décadas de um certo adormecimento. O P. Adolphe Cabon lançou-se na árdua tarefa da publicação de *Notes et Documents*.[39] O P. Louis Liagre trabalhou também eficazmente para fazer renascer o interesse pelo *nosso Venerável Padre*. O P. Bernard Kelly fez o mesmo esforço na província da Irlanda. O secretário particular de Mons. Le Hunsec, o P. Jean Gay, também ele se dedicou e com eficácia ao regresso às fontes da nossa espiritualidade.

Mas Poullart des Places também não foi esquecido: na véspera da segunda guerra mundial, o P. Victor Lithard estudava em paralelo as intuições espirituais dos nossos dois *Fundadores* [40] e, pouco tempo depois, o P. Lambertus Vogel fazia aparecer em holandês uma apresentação da vida e da obra do primeiro.[41]

Em 1950, a primeira carta do novo Superior Geral, o P. Francis Griffin, mostra que ele quer animar a Congregação no espírito de Libermann:

---

[36] ***O P. Floch faz alusão a isso na pag VI da sua introdução: a entrada da Sociedade do Coração de Maria na do Espírito Santo modificará a sua orientação, a sua acção exterior e transformá-la-á por dentro.***

[37] **LE FLOCH,** *Poullart des Places* ***2ª ed. 1915 p IX***

[38] **Alphonse ESCHBACH.** *La vie et l´oeuvre de Claude Poullart des Places, Fondateur de la Société du Saint Esprit. Précurseur du Venerable François-Marie–Paul Libermann.* ***Rome 1916, 126 p.***

[39] ***M. Louis Bouic foi o terceiro Superior Geral da Congregação do Espírito Santo. Durante o seu superiorato, M. Pierre Carris foi o ecónomo do Seminário do Espírito Santo.***

[40] *Notes et Documents relatifs à la vie et à l´oeuvre du Vénérable François Marie Paul Libermann supérieur générale de la Congrégation du Saint Esprit et Saint Coeur de Marie* ***(A Gabon ed.) para distribuição privada 13 vol. 2. Apêndices e Complementos 1929-1956, 8734 p.***

[41] **Victor LITHARD,** *Etudes sur les Écrits Spirituels de M. Poullart des Places et du Venerable Libermann, Fondateurs de la Congrégation du Saint Esprit.* **Paris 1938**

"A cada página das suas cartas e dos seus escritos, o nosso venerável Padre recorda-nos que a nossa vida missionária é essencialmente da ordem sobrenatural e que as obrigações da nossa vida religiosa devem encontrar o seu lugar normal no quadro do nosso ministério. Se, portanto, queremos que a nossa acção apostólica produza resultados duráveis e profundos, é preciso ao mesmo tempo que nos entreguemos ao serviço das almas que nos estão confiadas, não negligenciar a obra da nossa santificação pessoal e permanecermos fiéis, custe o que custar, às obrigações que as nossas Constituições nos impõem e que livremente aceitamos".[42]

Esta profissão de fé Libermaniana não impedirá o seu interesse geral profundamente marcado pelas notáveis redescobertas de Poullart des Places, a partir de 1958. Isto aconteceu a propósito do 250º aniversário da sua morte em 1959. Este acontecimento provocará uma efervescência de estudos e manifestações. No que se refere aos estudos, os protagonistas foram antes de mais Henry Koren e Joseph Michel. Koren publicou em 1958 a sua história da Congregação, com um primeiro capítulo bastante breve sobre Poullart des Places.[43] Logo no ano seguinte publicou os *Escritos Espirituais* do fundador (texto em francês e inglês),[44] incluindo, é certo, erros em relação ao original e por isso o seu texto não se pode considerar uma edição crítica. Isso não impede contudo que a sua obra tenha prestado serviços muito meritórios.

A abordagem de Cláudio Francisco Poullart des Places iria entrar numa nova era com os trabalhos do P. Joseph Michel. Dedicando-se a uma pesquisa de arquivos paciente e profunda, Jean Michel procurou restituir ao nosso fundador o seu verdadeiro rosto. O primeiro artigo a este respeito que dele conhecemos, foi publicado na revista *Spiritus* em 1959.[45] Neste mesmo ano, fazia um esboço de biografia para a revista *Pentecôte sur le Monde*. Estas duas contribuições iam na mesma linha do texto da sua conferência no decurso do tríduo de Rennes, de 16-17-18 de Outubro, comemorando o 250º aniversário da morte do fundador.[46] O Cónego Blanchard e Mons. Morileau, bispo de La Rochelle, tomaram também uma parte notável na celebração da memória do fundador. Notemos, finalmente, que o mesmo cónego Blanchard, que acabava de defender na Sorbona, a 25 de Abril de 1959, a sua obra monumental sobre *O Venerável*

---

[42] ***Lambertus VOGEL, Claude François Poullart des Places, erste atiher der Congregatie van den H. Goest, 1941, 260 p***

[43] ***Carta do Superior Geral a respeito da sua eleição, Chevilly, 30 de Julho de 1950. BG t. 41 p 427***

[44] **Henry KOREN,** *The Spiritans. A History of the Congregation of Holy Ghost. Duquesne university, Pittsburgh* **1958 XXIX 641 p**

[45] **KOREN** *Écrits* ***(cf Nota 5)***

[46] **Joseph MICHEL.** *Claude François Poullart des Places, Fondateur du Seminnaire et de la Congrégation du Saint Esprit. Esquisse d´une biographie,* ***suplemento da revista*** *Pentecôte sur le Monde, Out 1959*

Libermann,[47] publicou igualmente neste mesmo ano de 1959 um breve estudo pondo em paralelo as personalidades e as intuições espirituais de Poullart e Libermann.[48] Nos tempos actuais, a corrente de interesse pelos nossos fundadores está bem lançada. O P. Yves Poulet (Irmão das Escolas Cristãs) estudou em 1961 as primícias de uma cooperação entre João Baptista de La Salle e Poullart.[49]

Os anos de 1962-63 marcam um novo enriquecimento na peregrinação às fontes espiritanas: o P. Joseph Michel publica o resultado das suas investigações sobre Poullart des Places.[50] Esta obra de base é um clássico que ninguém pode ignorar se quiser escrever sobre o fundador. A paciente e notável documentação que acumulou neste livro e na sua continuação, por um trabalho constante até ao seu último dia, fizeram dele um especialista difícil de igualar.[51] Alguns meses mais tarde, fornecia alguns esclarecimentos sobre o regime dos estudos eclesiásticos no tempo de Poullart e sobre as comunidades dos pobres estudantes em Paris.[52] Jean Orcibal, especialista do Jansenismo, propunha também na mesma publicação, uma reflexão sobre o peso das diferentes razões que levaram Poullart a fundar uma comunidade de estudantes pobres.[53] A revista *Spiritus* acabava também de publicar um artigo de Athanase Bouchard sobre Poullart des Places e o seu tempo.[54]

OS DECÉNIOS 70 E 80: UM MELHOR CONHECIMENTO DO FUNDADOR

Passou cerca de uma dezena de anos sem que aparecessem novos contributos para o conhecimento de Poullart des Places; com certeza que foi um tempo de secreto amadurecimento para que as sementes produzissem o seu fruto. Deste silencioso trabalho do Espírito é de justiça salientar o testemunho de um extracto da carta de adeus que o P. Lecuyer nos deixou,

---

[47] *Spiritus* **nº 3 (Fev 1960) p. 274-283, BG 46 p, 170-176. Todo o número 105 do BPF(1959) é consagrado a uma reportagem pormenorizada sobre o memorável tríduo, anunciado por um artigo de Daniel Rops no jornal La Croix de 14 de Outubro precedente.**

[48] **Pierre BLANCHARD.** *Le Venerable Libermann* **(1802-1952) t. I** *Son experience, sa doctrine;* **574 p T.II** *Sa personalité, son action,* **518 p**

[49] **Perre BLANCHARD,** *"Claude–François Poullart des Places et François-Marie-Paul Libermann* **in** *Spiritus* **nº 2 (Out 1959) p. 111-113**

[50] **Yves POUTET,** *Poullart des Places et Jean Baptiste de La Salle,* **in Spiritus nº 6 Fev 1961**

[51] **Joseph MICHEL** *Claude Farnçois Poullart des Places, fondateur de la Congrágation du Saint Esprit* **1679-1709 1962 352 p**

[52] **Sobre o P. Michel e a sua obra ver "Mémoire Spiritaine nº 4. Segundo Semestre 1996 e Joseph Michel historiador espiritano, p 49-154**

[53] **Joseph** MICHEL, *l´ambiance doctrinale d´une fondation,* **in** *Spiritus* **Suplément 1963 "Etudes Spiritaines n p 9-22**

[54] **Jean ORCIBAL "Problêmes d´origine", in Spiritus Suplément 1963 "Etudes Spiritaines" p. 3-8**

quando tinha chegado o momento de abandonar as suas responsabilidades de Superior Geral, que tinha assumido durante seis anos, depois de Mons. Marcel Lefevre. Falando do que as suas visitas a muitos espiritanos através do mundo lhe tinham ensinado, confessava poder testemunhar entre eles o espírito de Poullart des Places e Libermann vivo e activo: a tradição viva e os trabalhos dos especialistas são dois rios da mesma fonte.

"Isto leva-me a exprimir um (terceiro) sentimento que experimentei durante estes anos de superiorato: a minha admiração diante da generosidade de tantos espiritanos e diante do espírito que os anima... Simplicidade: é o refúgio de tudo o que é complicado, extraordinário, procurado, retumbante, exorbitante; nada de pobreza espectacular, nada de obediência trágica ou dilacerante, nada de mortificações espalhafatosas... Mas é também e sobretudo a aceitação sincera e sem retorno de todas as exigências da imitação de Cristo pobre, obediente, casto e crucificado, sem demonstrações cáusticas ou dramas inúteis, para o serviço dos mais deserdados. Pois bem, tudo isso eu o encontrei em muitos espiritanos, entre aqueles que mal ousam falar de si mesmos, mas estão sempre prontos a tudo aceitar, a ir seja para onde quer que sejam enviados, a viver a vida dos pobres, a gastarem-se nas tarefas mais humildes sem que nisso vejam seja o que for de extraordinário ou anormal, mas, pelo contrário vejam nisso uma coisa perfeitamente natural; e sem o procurar, a sua vida irradia a alegria e a paz. Bem sei que não poderei dizer isso de todos os espiritanos. Mas eles são mais do que se possa imaginar. O espírito da Congregação sobrevive e é preciso não o deixar apagar".[55]

Entretanto, durante estes anos, o P. Josef Theodor Rath, empreendia um trabalho paciente: escrever para a província da Alemanha, uma história da Congregação, particularmente no seu país. Publicou o primeiro volume em 1972 e nele apresenta a pessoa, a vida e a obra de Poullart des Places. [56]

Cinco anos depois, era o Brasil que dispunha de uma apequena obra sobre o essencial da mensagem do fundador.[57]

Depois de 1977 a 1988, é outro período rico em produção sobre a pessoa e a obra do fundador. Regressado às suas funções de investigador, depois de ter terminado o seu mandato de Superior Geral, o P. Joseph Lecuyer dedicou-se a tornar acessível aos seus confrades, os manuscritos de Poullart des Places – é verdade que a sua leitura exige uma certa iniciação ao género literário próprio do autor. Assim, publicou nos números 3, 4 e 5 dos *Cahiers Spiritains*, entre Maio de 1977 e Janeiro de 1979, introduções a estes *Escritos*.[58] As notas judiciosas que ele apresentou formam um guia de

---

[55] **Atnanase BOUCHARD,** *"A l´école des besoins de son temps, Claude Poullart des Places,* **in Spiritus nº 12, Setembro de 1962 p 330 e sts.**

[56] **BG nº 272, Abril-Junho de 1974 p. 34-37**

[57] **Josef Theodor RATH,** *Geschichte der Kpngregation von Helligen Geist -I Das pariser Seminar von Hewilligen Geist fur arme Kleliker, 1703 – 1800. 1972*

[58] **Simão vaan ECK, Nicolas VELSINGER, Gilberto van NIEKERK,** *Fontes de espiritualidade espiritana Cláudio Poullart des Places (679-1709) François Marie Paul Libermann* **(1802-1852).Rio de Janeiro 1977 126 p**

leitura que permitem ir direito às fontes das intuições do fundador.

Por vezes o bem vem por mal! Foi o caso dos Padres Séan Farragher e Brian Cogan, quando uma pane de carro os reteve inesperadamente em Rennes, em Julho de 1979. Munidos de uma brochura do P. Jean Michel, partiram à descoberta de Poullart des Places através dos locais da sua infância e da sua juventude (era o tricentenário do seu nascimento). O P. Farragher relatou o acontecimento numa breve crónica nos *Cahiers Spiritains*.[59] Mas foi sobretudo o início de uma investigação aprofundada que iria levar a dotar os espiritanos anglófonos, 14 anos mais tarde, de um livro amplamente documentado sobre o jovem fundador *conduzido pelo Espírito*.[60]

Les *Cahiers Spiritains* reproduziram neste mesmo ano do tricentenário do seu nascimento, a conferência que no dia 2 de Fevereiro o P. Jean Savoie proferiu na Casa Generalícia, quando era o reitor do Seminário Francês, sobre a personalidade espiritual do P. Poullart.[61] Pouco tempo depois, para guiar a visita a Rennes, o P. Alexis Riaud propunha um itinerário histórico sobre os *Passos de Poullart des Places* na revista *Esprit Saint*.[62]

Vimos que as duas edições dos *Escritos* pelo P. Lecuyer (em 1993 e 1988) reproduziam a mesma versão. Este texto espera ainda para ser emendado, corrigindo os erros anotados pelo P. Michel

A primeira edição (em 1958) do livro do P. Koren tinha por título "*The Spiritans*". Em 1983, a segunda edição intitulada *To the Ends of the Earth* integra as correcções e os acrescentos: é uma obra excelente sobre a história da Congregação desde as origens; dezoito páginas são consagradas ao fundador.[63] O P. Francisco Lopes também compôs um estudo importante sobre a vida de Poullart em português.[64]

Enfim, sempre no mesmo ano, o P. Joseph Michel confiava-nos uma parte das suas investigações sobre a influência que a "Assembleia dos Amigos" (Aa) tinha exercido sobre o jovem Cláudio-Francisco no tempo da sua formação.[65] Viria a publicar, nove anos

---

[59] ***Joseph Lecuyer, "En relisant Poullart des Places. "Cahiers Spiritains nº 3, 4 e 5 (Maio de 1977 a Janeiro de 1979) Groupe d´Etudes Spiritaines. Roma.***

[60] ***Sean FARRAGHER, "À la découverte de Poullart des Places",*** *Cahiers Spiritains* ***nº 8, Janeiro de 1979-***

[61] ***Sean FARRAGHER*** *Led b the Spirit, The Life of Claude Poullart des Places, founder of the Congregation of the Holy Spirit.* ***Dublín. Paraclete Press 1992 382 p***

[62] ***Jean SAVOIE, "La personnalité spirituelle de Claude Poullart des Places" in*** *Cahiers Spiritains* ***nº 10 p. 3-26 Set-Out de 1979***

[63] ***Alexis RIAUD, "Claude François Poullart des Places à Rennes" (1679-1709" in Esprit Saint nº 117. Janeiro de 1981 p. 11-21***

[64] ***Henry KOREN,*** *To the Ends of the Earth. A general History of the Congregation of the Holy Ghost.* ***Duquesne University Press. Pittsburg, XIV 548 p.***

[65] ***Francisco LOPES,*** *Ao encontro dos pobres. Vida do P. Cláudio Francisco Poullart des Places.* ***Lisboa 1983 214 p.***

mais tarde, um pequeno livro sobre este tema.[66] Redigiu igualmente no *Dictionnaire de Spiritualité (1985)* um importante artigo sobre este tema.[67] Depois de ter esboçado a grandes traços a vida do fundador, insiste sobre a originalidade da comunidade que ele fundou, sobre as suas ligações com os Jesuítas, as suas relações com João Baptista de La Salle e Grignion de Monfort e sobre a continuidade da sua obra de que Francisco Libermann será o seu décimo sucessor.

Ainda nesse ano, Maurice Gobeil, director do *Centre Spiritain de Recherche et Animation* de Roma, propunha uma leitura aprofundada dos apontamentos do retiro de 1704.[68] Para uso das Fraternidades do Espírito Santo, o infatigável P. Alexis Riaud resumia a obra do P. Michel num pequeno livro.[69]

Em colaboração com Paul Bresseur, Paul Coulon publicou em 1988 uma obra monumental dedicada a Libermann e à sua mística missionária: o P. Michel escreve nessa obra um artigo intitulado *De Poullart des Places a Libermann, os cento e quarenta e cinco primeiros anos da Congregação do Espírito Santo;* a quarta secção dessa mesma obra termina com a contribuição do P. Amadeu Martins: *"Poullart des Places, Libermann e o mistério de Cristo pobre".*[70]

E não podemos esquecer o notável trabalho que o P. Ramos Seixas fez ao publicar uma Antologia Espiritana para os espiritanos de língua espanhola. Trata-se de uma antologia que acompanha a história da Congregação desde as suas origens até à morte de Libermann. Estão já publicados sete grossos volumes, sendo o primeiro dedicado todo a Poullart des Places.

CONCLUSÃO

A celebração solene dos 250 anos da morte de Cláudio Francisco Poullart des Places, em 1959, terá sido particularmente dinamizadora. Abriu o caminho a muitas contribuições sobre a pessoa e a obra do fundador da Congregação do Espírito Santo: trinta anos em que se sucederam estudos importantes, conferências e simples testemunhos pessoais sobre o eco que Poullart des Places continua a fazer ressoar entre os seus filhos. Qual é o espiritano que o possa ignorar hoje?...

"A celebração solene dos 250 anos da morte de Cláudio Francisco Poullart des Places, em 1959, terá sido particularmente dinamizadora."

[66] ***Joseph MICHEL, Les sources de la spiritualité et la génèse de l´oeuvre de Claude François Poullart des Places" in*** *Spiritains Aujourd´hui,* ***nº 4 1985. Roma. Uma versão completa deste estudo é reproduzida neste volume***

[67] ***Joseph MICHEL,*** *Aux origines de la Congrégation du Saint Esprit, L´influence de l´Aa, Association de Piété, sur Claude Poullart des Places.* ***Paris 1992***

[68] *Dictionnaire de Spiritualité* ***(DS), t. XII (1986). Poullart des Places, co. 2027-2035***

[69] ***Maurice GOBEIL, "Poullart des Places: une expérience de vie" in Spiritains Aujourd´hui, nº 4 (1985) p. 26-48***

[70] ***Alexis RIAUD,*** *Claude François Poullart des Places, Fondateur de la Congrégation du Saint Esprit, 1679-1709. Sa vie, son oeuvre, ses vertus.* ***Paris 1985 108 p.***

Este forte movimento beneficiou, através da pessoa de Joseph Michel, de um novo nascimento que ninguém pode contestar: mas tinha tido um precursor na pessoa de Henry Koren[71], que trinta anos antes tinha publicado o seu primeiro livro (1958) e oferecia ainda outro consagrado a uma reflexão aprofundada sobre o carisma e sobre a história dos espiritanos.[72] Não é um ponto final, pois a história continua.

[71] *Henry KOREN Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History. 1990, 149 p.*

[72] *COULON, BRASEUR, Libermann p. 671-694 p. 797-816.*

José Costa*

O contexto histórico em que viveu Poullart des Places

A vida de Cláudio Poullart des Places e as opções que ele foi tomando até fundar a Comunidade do Espírito Santo, não se poderiam entender bem sem algumas referências à Igreja e à sociedade do seu tempo, bem como às suas origens familiares.

Não sendo eu historiador, cabe-me aproveitar do esforço feito por vários confrades espiritanos, eles sim, verdadeiros investigadores, para poder apresentar este breve trabalho. Joseph Michel, Christian de Mare e Bernard Ducol permitiram-me conhecer melhor o século em que Cláudio viveu e é sobretudo do livro "*Aux racines de l'arbre Spiritain*", de Christian de Mare, que eu tiro a maior parte das citações ou referências históricas. Na impossibilidade de abordar com a mesma amplitude os fenómenos religiosos, sociais e políticos da França, ficar-me-ei sobretudo pelas regiões da Bretanha, onde Cláudio nasceu e passou parte da sua juventude e pela região de Paris, capital do reino, onde ele se tornou verdadeiramente fundador. Possa esta viagem pelo fim do século XVII e início do XVIII oferecer alguns elementos para ajudar a conhecer melhor alguém que nos é muito querido, mas de quem, em geral, conhecemos muito pouco.

"viagem pelo fim do século XVII e início do XVIII para nos ajudar a perceber melhor o sonho do nosso fundador."

1. OS EFEITOS DO CONCÍLIO DE TRENTO

Nenhum tempo se entende bem se for isolado e nenhuma época tem limites definidos. Às vezes é preciso recuar bem longe para se saber onde estão as raízes de algumas tendências. Um rápido olhar sobre esse momento histórico e sobre o papel decisivo de alguns santos reformadores pode ajudar-nos a perceber melhor o sonho do nosso fundador.

---

* ***José Costa, espiritano português. Licenciado em Teologia e Filosofia. Formação em direcção e acompanhamento espiritual. Missionário na Guiné-Bissau. Formador e animador vocacional em Portugal durante vários anos. Actualmente faz parte da equipa do Noviciado espiritano europeu.***

Com as grandes invenções do século XV, a descoberta de novos mundos, o grande florescimento da arte e da tecnologia, a Europa de então viveu uma época de desmedida euforia e os valores que regeram a sociedade da Idade Média foram, de repente, abalados. O movimento protestante iniciado por Lutero dividiu a Igreja e os povos. Os papas de então aperceberam-se de que a Igreja estava enferma e denunciaram o pecado em que se vivia. *"O mal transmitiu-se da cabeça aos membros, dos papas aos prelados; nós todos, prelados e clérigos, afastámo-nos do recto caminho, pois desde há muito que já ninguém fazia o bem. Temos por isso de nos humilhar diante de Deus e de lhe dar glória"*, reconhece o Papa Adriano VI (1522).

"Nos finais do século XVI e no século XVII, sob o impulso do Concílio de Trento, os ventos da renovação sopravam fortes"

Nos finais do século XVI e no século XVII, sob o impulso do Concílio de Trento, os ventos da renovação sopravam fortes, e um conjunto de homens e mulheres de enorme talento e grande santidade, propunham novos caminhos e ajudavam a refazer o tecido eclesial e social, curando as feridas causadas pela separação das Igrejas protestantes, fruto das querelas, ataques e guerras geradas entre irmãos da mesma fé. Era chegada a ocasião de arrepiar caminho, era tempo de deixar o Espírito agir.

S. Inácio de Loyola *(1491 – 1556)* vivia em Paris quando, em Trento, se realizava o Concílio; a sua própria experiência de Deus vai servir de base para introduzir um novo conceito de espiritualidade assente na observação do que se passa no coração humano; **Sta. Teresa de Ávila** *(1515 – 1582)* e **S. João da Cruz** *(1542 – 1582)*, grandes místicos, deram um grande impulso ao esforço renovador dos conventos, exigindo a todos e a todas uma vida de grande exigência e um esforço real de fidelidade ao espírito fundador. **S. Filipe de Néri** *(1515 – 1595)* propõe encontros, sessões, momentos de convívio e de estudo da Bíblia aos jovens, aliando a boa disposição ao estudo da Bíblia.

Na França grandes santos estiveram na origem da fundação de novas congregações religiosas e de movimentos ou de correntes de espiritualidade que ainda hoje perduram. Cito alguns dos mais conhecidos.

S. Francisco de Sales (✞ 1622) torna-se o grande pregador da região de Savoia utilizando os meios modernos e inovadores na época, como a impressão de textos em folhas de papel, para repor a verdade que os calvinistas haviam deturpado. Escreveu muitas obras e o seu livro *"Introdução à Vida Devota"* esteve na origem de um tipo de espiritualidade a que depois se chamou *a escola francesa,* que insistia na misericórdia de Deus e na bondade do coração de Jesus; com **Sta. Joana de Chantal** fundou as irmãs da Visitação, também conhecidas por Visitandinas para irem ao encontro dos pobres.

S. Vicente de Paulo (✞ 1660) fundou a Congregação da Missão, com o objectivo de formar padres para evangelizar as zonas descristianizadas; com **Sta. Luisa de Marillac** deram início às Filhas da Caridade, voltadas para o cuidado corporal e espiritual dos pobres e das vítimas da *guerra da religião* entre católicos e protestantes.

S. João Eudes (✞ 1680) ao dar-se conta da má formação dos padres e das consequências que isso tem na fé do povo, funda seminários na Normandia e na Bretanha. Os eudistas, por ele fundados, dedicavam-se à formação do clero e à pregação de missões nas regiões descristianizadas.

Sta. Margarida Maria Alacoq (✞ 1690) entrou no convento das Irmãs da Visitação, em Paray-le Monial, onde teve muitas experiências místicas; Jesus ter-lhe-ia aparecido e mostrado o Seu coração dizendo: "*eis o coração que tanto amou os homens e que da maior parte deles não recebe senão ingratidões*"; a devoção ao Coração de Jesus depressa se divulgou pela Europa e pelo mundo.

S. Luís Maria Grignion de Monfort (1673-1716) amigo de infância de Cláudio, fundou com Maria Luísa Trichet as Filhas da Sabedoria dedicadas ao ensino de crianças pobres; fundou os Padres Monfortinos para trabalharem no mundo rural; e os Irmãos do Espírito Santo, mais tarde chamados Irmãos de S. Gabriel, dedicados ao ensino. Cláudio colaborou muito com ele.

S. João Baptista de la Salle (1651-1719) fundou os Irmãos das Escolas Cristãs; com ele Cláudio colaborou nos últimos anos da sua vida.

2. O REINADO DE LUÍS XIV: O 'REI SOL'

"Cláudio Poullart des Places nasceu e viveu durante o reinado de Luís XIV"

Cláudio Poullart des Places nasceu e viveu durante o reinado de Luís XIV*(1638-1715)*. Se tivesse sido noutro tempo, ou noutro reinado, nem sequer tal facto seria mencionado. Mas neste caso vale a pena deter-nos um pouco sobre este período da história e sobre este rei que mudou a França e a Europa. Algumas das leis por ele promulgadas tiveram impacto directo na vida e na família do Sr. Des Places.

O século XVII foi de grande florescimento espiritual. A que se deve este florescimento? O Rei Luís XIV, a quem está associada a construção do majestoso palácio de Versalhes, afirmou-se por uma bem conseguida política centralizadora. A célebre frase «*l'Etat c'est moi*», *(o Estado sou eu)*, traduz a noção de poder absoluto deste "*Rei Sol*" em volta do qual giravam as forças políticas. Um reinado que elevou os níveis de prestígio do país, e pôs em marcha uma economia geradora de riqueza, sobretudo na primeira parte do reinado, marcada por grandes reformas administrativas: publicou o código civil, o código criminal, o código da floresta, um edital sobre a marinha e o comércio.

Grande impulsionador da arte, da ciência e da cultura, através de um mecenato real, e das academias por ele criadas, ajudou a França a afirmar-se em todos os domínios da cultura. A França dessa época foi berço de grandes escritores e de grandes filósofos. Descartes, Molière, Corneille, Malebranche, Bossuet, Racine, La Fontaine, para citar apenas os mais conhecidos, são figuras que fizeram evoluir o pensamento e marcaram profundamente a história. Se tivéssemos de escolher uma palavra para qualificar Luís XIV essa palavra seria "Grandeza": da sua pessoa, da corte, da França.

"Os limpa-chaminés famintos que deambulavam nas ruas de Paris são disso testemunho."

No entanto, Luís XIV não gastava muito tempo com os problemas reais do povo simples. Muito ocupado em vencer os seus inimigos, dentro e fora do país, procurando redefinir as fronteiras e anexar novos territórios, obcecado com a ideia de uma França "Grande e Una", que todo o mundo pudesse admirar e elogiar, foi carregando com impostos cada vez mais pesados o povo simples que vivia na miséria e que não suportava tanto luxo desregrado. Os limpa-chaminés famintos que deambulavam nas ruas de Paris são disso testemunho. Demasiado virado para as guerras, ele deixava a Colbert as rédeas da economia nacional. Colbert tentou pôr as finanças em ordem mas seus planos fracassaram diante das exigências financeiras cada vez maiores do rei para alimentar as despesas militares, as despesas do luxo e do prestígio da corte de Versalhes e o mecenato das artes.

A referência a Colbert é propositada, pois foi este ministro que, em 1668, no sentido de reformar a nobreza, lhe impôs novas condições, o que fez com que o pai de Cláudio perdesse o direito de pertencer à classe. A esse ministro se deve também a publicação, em 1685, do tristemente célebre "Código Negro" *(Le Code Noir)* sobre a escravatura, que declarava os escravos como mercadoria sujeita a compra e venda, e que os filhos de mães escravas eram considerados bens pertencentes ao seu patrão.

2.1. O panorama eclesial

2.1.1. A convivência difícil entre católicos e protestantes

A reforma protestante teve efeitos fracturantes na sociedade francesa desencadeando uma espécie de guerra civil a que se chamou a *'guerra da religião'*. Várias tentativas de apaziguamento se lançaram mas só em 1598 com o 'edicto de Nantes' o rei Henrique IV conseguiu pôr termo ao conflito. Tal edicto concedia liberdade de culto aos protestantes, dava-lhes o direito de viver em praças ou cidades fortificadas e reconhecia-lhes a possibilidade de terem acesso a todos os cargos e trabalhos, excepto na cidade de Paris. Por este meio se permitia a coabitação no mesmo território de inimigos que se respeitavam.

Luís XIV, desejando aparecer como o campeão do catolicismo, aborrecido porque os 'huguenotes' (protestantes franceses) procuravam demasiado apoio na Inglaterra, decidiu extirpar do reino a *'heresia protestante'*. Baseando-se em relatórios optimistas mas pouco verídicos, o *Rei-Sol* convenceu-se que a *religião reformada* já não se praticava no reino e decidiu derrogar o edicto de Nantes. Com o edicto de Fontainebleau, publicado em 1685, Luís XIV suprimiu o que restava da tolerância religiosa, herdada de Henrique IV. O edicto proibiu a prática do *culto reformado*, ordenou a demolição das escolas e templos protestantes, obrigou a baptizar na fé católica os recém-nascidos dos protestantes, obrigou os pastores a abandonar a

França, mas exigiu que os simples fiéis permanecessem. Autênticas perseguições se organizaram com pilhagens e conversões forçadas, com o roubo das crianças para serem baptizadas contra a vontade dos pais. Mas a *'heresia'* estava longe de ser erradicada e começava a preparar-se o terreno para uma nova *guerra da religião,* cujas feridas da anterior ainda não estavam totalmente cicatrizadas. Apesar da proibição imposta aos simples fiéis de deixarem o país, mais de duzentos mil protestantes entre artesãos, trabalhadores, comerciantes, atravessaram a fronteira para encontrar refúgio fora. Depressa o rei se deu conta do seu erro. A crise não poderia fazer-se esperar, pois estes exilados, saídos da burguesia laboriosa privaram a França de seus talentos e da sua produção. Seria preciso esperar por 1787 para que a tolerância religiosa fosse, de novo, restabelecida em França.

1.1.2. Jansenismo e Galicanismo

O jansenismo tem a sua origem em Cornelius Jansen também chamado Jansenius. Nascido na Holanda em 1582, depois dos estudos na Holanda, veio para Paris onde conheceu Jean Duvergier. De regresso ao seu país, foi nomeado bispo de Ypres. O seu livro *'Augustinus'* provocou o furor dos Jesuítas. Jansen via o homem tão corrompido pelo pecado original que só a graça divina podia assegurar a sua salvação; Deus concedia esta graça aos predestinados escolhidos por Ele, e todos os outros estavam votados à condenação; o Concílio de Trento tinha reafirmado a necessária cooperação da graça divina e da vontade do homem para a sua salvação. Em França estas ideias foram divulgadas por Duvergier que fez da abadia de Port-Royal, perto de Versalhes, onde ele era director espiritual, o grande centro de difusão. Os jesuítas que defendiam a necessária cooperação da vontade humana na obra da graça, contra-atacam e as discussões apaixonam os espíritos. Os teólogos dividem-se e os campos definem-se; o assunto começa a tomar uma tal amplitude que nenhum intelectual da época se podia considerar indiferente. O rei Luís XIV, temendo o pior, decidiu exterminar o movimento e sequestrou as religiosas na sua abadia de Port-Royal. Em 1667 o papa Clemente XI tentou o apaziguamento (*a paz Clementina*), mas durante os 30 anos que seguiram, as disputas continuaram a cozinhar-se em fogo lento. Em 1701 os ânimos explodem de novo com a questão do *caso de consciência*: para receber a absolvição no confessionário, um jansenista devia manifestar apenas um *silêncio respeitoso*, ou precisava de uma verdadeira *submissão interior?* O papa Clemente XI exigiu a submissão interior. Luís XIV apressou-se a impor às religiosas de Port-Royal a submissão interior, exigida pela bula papal. Face à recusa em acatar a bula papal, Luís XIV mandou dispersar as religiosas em 1709, e, em 1711, a abadia foi destruída.

"Jansen via o homem tão corrompido pelo pecado original que só a graça divina podia assegurar a sua salvação"

A universidade da Sorbona, o maior centro de estudos da época, não apoia o jansenismo, embora alguns dos mestres que aí ensi-

"O Galicanismo não é tanto uma questão teológica mas mais uma questão de poderes e de interferências"

nam partilhem essa corrente; ela é, no entanto, um centro importante do galicanismo.

O Galicanismo não é tanto uma questão teológica mas mais uma questão de poderes e de interferências; é uma corrente que reconhece ao Papa uma primazia de honra e de jurisdição mas contesta o seu poder de intervenção nos assuntos que se referem à Igreja de França. Luís XIV opta por tratar as questões religiosas como assuntos de Estado, criando por isso fortes tensões com o Vaticano. Ele apoia o Galicanismo que exige liberdades especiais à Santa Sé.

Quando Cláudio se decide pela fundação de um seminário, os seus alunos não frequentarão a Sorbona. Ele prefere os Jesuítas, que permaneciam fiéis a Roma e à teologia subjacente no Concílio de Trento.

2.1.3. A formação dos padres

A vida cristã nas aldeias do interior estava muito abandonada. Os padres que por lá passavam pregando as missões populares vão-se dando conta disso e tiram as suas conclusões: *"Me parece que são estas as principais razões pelas quais se vêm tantas capelas e paróquias do interior, umas inteiramente abandonadas, outras sem vigários, a maior parte sem professores escolares; um grande número são servidas por padres escandalosos e daí resulta que muitas igrejas são profanadas, os sacramentos não são tidos como coisas santas, as festas foram destituídas da sua solenidade própria, Jesus Cristo já não é conhecido dos cristãos. A maior parte desta pobre gente morre na ignorância dos principais mistérios da nossa religião"*.

"Em 1701 apareceu uma brochura intitulada "Carta aos senhores arcebispos e bispos de França. Seria muito normal que Cláudio figurasse entre os primeiros leitores desta brochura."

Em 1701 apareceu uma brochura intitulada *"Carta aos senhores arcebispos e bispos de França"*. O autor era um tal Tiago Doranlo[2], antigo advogado que depois foi ordenado padre e era prior no priorado de Lande, diocese de São Maló. Esta brochura era o resultado de uma reflexão da equipa de padres da Bretanha das quais fazia parte também o P. Bellier, pregador de missões, muito amigo de Doranlo e do jovem Poullart des Places, licenciado em direito e que queria ser padre. O P. Bellier tinha uma grande influência em Cláudio desde os seus tempos de estudante no colégio dos jesuítas. Seria muito normal que Cláudio figurasse entre os primeiros leitores desta brochura. O autor explica que o abandono espiritual das zonas rurais de França se devia, por um lado, à ignorância de um grande número de padres aos quais a pobreza de suas famílias impedira de fazer estudos normais e regulares, e por outro à recusa dos eclesiásticos melhor formados de aceitarem paróquias pobres. Dizia então o P. Doranlo que os frutos da missão aparecem, mas depressa esmorecem. Os frutos que deveriam aparecer a seu tempo no coração dos fiéis dependem dos cuidados especiais dos párocos das paróquias. Ora: *"na província é raro en-*

[2] *Também aparece escrito Doranleau*

contrar os que sejam bastante bem intencionados e dedicados. Talvez não sejam capazes disso o que faz com que os frutos deste trabalho são de curta duração. Não é de admirar que o rebanho de Jesus Cristo corra o risco permanente de ser devorado uma vez que ele é apascentado por pastores pouco esclarecidos, que são como mercenários, que não se dedicam, mas que fogem quando vêm vir o lobo. A maior parte dos padres não estão à altura do seu sacerdócio".

A ideia do P. Doranlo era pois a criação de pequenos seminários ou pequenas comunidades onde os estudantes pobres fossem acolhidos e sustentados gratuitamente graças à caridade dos fiéis. Mas a nível de formação nada aí seria descurado. Seria preciso de modo especial inculcar-lhes as quatro virtudes cardeais do sacerdócio: a piedade cristã, o zelo pela glória de Deus, o trabalho apostólico e a pobreza de espírito". Sobre cada uma das virtudes ele fez um pequeno tratado. Realizadas estas condições os bispos poderiam encontrar os obreiros para qualquer obra do Senhor, assim como bons párocos e vigários; encontraríamos entre estes padres bons obreiros para a missões estrangeiras.

2.1.4. O fenómeno das pequenas comunidades de formação

Os seminários diocesanos tão desejados pelo Concílio de Trento são ainda raros. O que será necessário fazer é pôr em prática a cláusula do concílio de Trento que diz que se deve dar a possibilidade de os alunos pobres que quiserem ser padres estudarem gratuitamente. Com efeito muitos desses alunos têm mais aptidão que os ricos e seria pena que não pudessem estudar. A reflexão foi-se fazendo no sentido de apontar pistas de solução. O abandono da vida cristã nas aldeias do interior parecia estar ligado à falta de formação dos padres que não tinham meios suficientes para estudar na universidade ou nos colégios reconhecidos para o efeito; tratava-se, por isso de acolher estudantes pobres, em pequenas comunidades, dar-lhes uma boa formação intelectual e teológica durante quatro ou cinco anos, fazê-los praticar todos os exercícios dos seminários maiores, mas tendo o cuidado de conservar neles o hábito de viver pobremente.

Sendo difícil para muitos estudantes pobres assegurar os seus estudos num dos 4 grandes colégios de teologia confiados às grandes ordens monásticas (franciscanos, dominicanos, jesuítas), pequenas comunidades vão abrindo as portas a estes alunos pobres, tornando-se uma alternativa para a formação. Cláudio não foi, pois, um inovador quando fundou a sua comunidade, em 1703; ele inseriu-se neste movimento que procurava oferecer aos estudantes pobres os meios necessários para terem uma boa formação; caso curioso, algumas destas pequenas comunidades de formação desapareceram ou foram, mais tarde, absorvidas pelo seminário do Espírito Santo.

"Sendo difícil para muitos estudantes pobres assegurar os seus estudos num dos 4 grandes colégios de teologia, pequenas comunidades vão abrindo as portas a estes alunos pobres"

O objectivo destas pequenas comunidades era o de assegurar aos seminaristas pobres a mesma formação que teriam nos seminá-

rios maiores, mas conservando neles um espírito de pobreza e de disponibilidade. *"Nas pequenas comunidades, os alunos alimentam-se de pão de mistura, de carne gorda, de legumes, de saladas e de queijos e outros alimentos menos considerados tal como se alimentam os lavradores. Quem for educado desta maneira, poderá viver em qualquer parte".* Assim formados, *"os jovens padres poderiam aceitar as paróquias pequenas de 200 ou 300 libras como uma grande fortuna pois estarão melhor que em casa de seus pais e melhor que no seminário".* Dessas comunidades partirão *"missionários zelosos que irão instruir os povos, limpar a heresia dentro e fora do reino, pregar Jesus Cristo crucificado a todas as nações da terra".* Assim concebidas, as pequenas comunidades são como alfobres onde os senhores bispos poderão ir buscar as pessoas para qualquer tipo de serviço.

3. A BRETANHA

3. 1. Alguns elementos históricos

"Os Bretões, gente de antes quebrar que torcer, foram independentes até ao século XVI."

A Bretanha, é um caso especial no país. Foi lá que Cláudio nasceu em 1679. O ditado popular *"têtu comme un breton"* (teimoso como um bretão) exprime a identidade de um povo que em muitos aspectos difere do resto da França. Os Bretões, gente de antes quebrar que torcer, foram independentes até ao século XVI. Invadidos pelos celtas após a queda do império romano, guardam deles a língua, a música, um certo tipo de organização familiar e um substracto religioso próprio. Ao longo dos séculos vacilaram entre os celtas e os gauleses, aliando-se ora a uns ora a outros conforme os interesses do momento. A integração do ducado na França fez-se através do casamento da Duquesa Cláudia de França, herdeira do ducado com Francisco I, rei da França. O filho do casal, Henrique II, uniu definitivamente a Bretanha à França, em 1532, mas com a garantia de que alguns privilégios seriam mantidos, entre os quais, o de os Bretões conservarem o seu parlamento próprio.[3]

O parlamento de Rennes era o símbolo e o orgulho da Bretanha; tinha um poder judicial e financeiro. O Rei de França era aí representado por um governador, garante da unidade e encarregado de velar pela aplicação das decisões reais; muitas das leis emanadas do rei só tinham aplicação depois da aprovação parlamentar. Em 1655, depois de 37 anos de trabalhos, o Palácio ficou definitivamente concluído e com condições para acolher os parlamentares. Os magistrados tendo à frente o decano dos presidentes, Cláudio de Marbeuf,[4] foram recebidos pelo povo da cidade; tomaram posse no dia 16 de Janeiro. Houve discursos, um *Te Deum* e na praça contígua

[3] ***A ausência de portagens nas auto-estradas da região, são alguns dos restos, ainda hoje visíveis, dessas prerrogativas.***

[4] ***Claude de Marbeuf era o padrinho de Cláudio Poullart des Places.***

acenderam uma fogueira, cantaram e dançaram com aclamações da multidão.[5]

A paisagem urbana alterou-se fortemente no século XVIII. Em 1720 houve um grande incêndio em Rennes que durou uma semana e destruiu 945 casas da cidade, matando 8000 pessoas. O edifício do parlamento foi também afectado; em 1789 com a revolução francesa foi definitivamente extinto, conservando-se, hoje, o edifício reconstruído depois do incêndio, que é o palácio da justiça da cidade.

3.2. Os problemas sociais.

A união da Bretanha à França resolveu alguns problemas mas foi criando outros. A relação com o governo central nem sempre foi fácil; a corte de Versalhes era tremendamente dispendiosa e os impostos não paravam de aumentar. "*Os estados da Bretanha dão ao Rei, cada dois anos, gratuitamente cerca de três milhões; sem falar dos gastos que se fazem para exigir esta soma*". Os Bretões, que não se sentiam na obrigação de pagar as grandezas de Paris, ou as guerras empreendidas pelo rei, reagiam fortemente quando havia uma nova sobrecarga de impostos. Ficou famosa a '*revolta do papel selado*' de Abril a Setembro de 1675 e que teve uma maior amplitude na Baixa Bretanha. O governo decidira que os documentos teriam de ser apresentados em papel, com um selo, o que era entendido como mais um imposto. O povo insurgiu-se e desencadeou uma verdadeira revolução que ficou conhecida também como a '*revolta dos bonés vermelhos*', atendendo a que os insurgidos usavam bonés vermelhos ou azuis conforme a região. Luís XIV teve de enviar tropas para parar os revoltosos e em 18 de Setembro de 1675, transferiu a sede do parlamento para Vannes, que ali permaneceu durante 15 anos, como punição ao povo de Rennes por ter apoiado a insurreição.

A sociedade apresentava uma grande fractura entre as classes; a gente do campo sentia-se cada vez mais pobre e abandonada. Escritos da época falam-nos desse fosso que separava os grandes dos pequenos, no século XVII: "*No começo deste século em que vivemos, S. Francisco de Sales e os outros homens apostólicos queixavam-se com razão do luxo excessivo do seu tempo, que engolia todas as esmolas que eram devidas aos pobres; mas temos muita mais razão de nos queixarmos do excesso deplorável a que assistimos nos dias de hoje... Nos últimos 50 anos o luxo aumentou de tal maneira que se envia cada ano para fora do reino 15 ou 20 milhões mais do que se enviava antes, para a seda, as especiarias e para as outras coisas supérfluas. Só em louça de ouro, de prata e em pedras preciosas, os ricos têm, em valor, mais 50 ou 60 milhões do que*

[5] ***Foi neste parlamento que Poullart des Places defendeu, com grande brilhantismo, a sua tese sobre o conde de Tolouse, filho de Luís XIV nomeado dois anos antes governador da Bretanha, na Assembleia Magna, no dia 25 de Agosto de 1698, ante a elite de Rennes.***

tinham os seus pais, o que poderia dar um rendimento mais que suficiente para todos os mendigos do reino. À medida que o luxo tem aumentado em roupas, em carroças, em louça de ouro e de prata, as esmolas têm diminuído". O autor continua depois dando exemplos bem concretos sobre esta realidade.

O rei Luís XIV queria ter o poder absoluto e suportava mal que as leis emanadas do reino tivessem de ser aprovadas pelo parlamento em Rennes; com seu ministro Colbert, opta por fazer uma reforma profunda da nobreza, tirando-lhe poderes e sobretudo exigindo que alguns cargos fossem comprados. O Sr. Francisco-Cláudio, pai de Poullart des Places, que fizera estudos de direito, tinha-se inscrito como advogado no parlamento da Bretanha, mas em 1668, com a reforma da nobreza bretã, encontrou-se impossibilitado de fazer valer os seus títulos; com uma grande dor a roer-lhe a alma, teve de renunciar, pelo menos na prática, à sua qualidade de escudeiro. As actividades comerciais em que ele se lançou tinham como objectivo poder responder à nova situação. O seu grande sonho era que seu filho recuperasse para a família os títulos de nobreza perdidos. Quando Poullart mais tarde fala da ambição como sendo a sua maior tentação, ou o seu maior defeito, talvez possamos dizer que o *'virus'* lhe tinha sido introduzido em casa.

"O Sr. Francisco-Cláudio, pai de Poullart des Places, com a reforma da nobreza bretã, teve de renunciar, pelo menos na prática, à sua qualidade de escudeiro."

3. 3. Aspecto religioso

A evangelização da Bretanha deu-se no século VII e foi feita pelos monges irlandeses. S. Columbano, discípulo de S. Patrício, fazia parte de um conjunto de monges que defendia um monaquismo duro, radical, com a prática de uma ascese muito severa. Dessa geração de monges ficaram-nos muitos santos que deram origem a comunidades cristãs e que ainda hoje são venerados com muita adesão popular. Fundada sobre o monaquismo irlandês a igreja nascente impunha ritos severos comportando longas penitências.

No século XVII assistia-se a um grande abandono religioso do povo rural. Não tardou muito a que reaparecessem cerimónias semi-pagãs inspiradas nos cultos celtas. Quem passear hoje pela bretanha profunda, encontra muitas pequenas capelas construídas em lugares escondidos, sempre ao lado de uma fonte, onde se misturavam tradições pagãs e cristãs. Neste contexto apareceu um grande trabalho missionário que tinha por fim re-evangelizar a Bretanha. Um dos grandes obreiros desta obra foi o P. Miguel Nobletz (1577-1652) a que se juntaram depois vários jesuítas e muitos padres diocesanos; o P. Bellier que teve muita influência em Cláudio, fazia parte destes missionários itinerantes que andavam de aldeia em aldeia pregando missões populares. A *'carta aos senhores bispos'* acima citada, foi pensada por um grupo de padres da Bretanha, o que levou a que se tomasse muito mais a sério a formação do clero e que se buscassem soluções para os alunos pobres estudarem em boas condições.

4. O CLIMA E AS EPIDEMIAS

O século XVII foi também especial no que toca a epidemias e catástrofes naturais. Algumas ficaram tristemente célebres, como a da peste de 1628 a 1632 que vitimou cerca de dois milhões de pessoas. No reinado de Luís XIV era a fome que periodicamente assolava o país. Não foi por acaso que algumas das congregações religiosas nascidas durante o século XVII se orientaram directa e quase exclusivamente para o cuidado dos pobres e doentes.

O ano de 1709 foi marcado por uma grande instabilidade climática; chuvas e frio em exagero destruíram as sementeiras. O frio começou no dia 5 de Janeiro e foi de tal ordem que "*ninguém tinha memória de um outro parecido. A neve durou dois meses e com a mesma intensidade dos primeiros dias a ponto de os rios ficarem gelados até à foz... quando as neves que cobriram a terra durante esse tempo começavam a fundir, nevou de novo, tão fortemente como antes, durante três semanas*". Este segundo nevão provocou a fome do ano, pois as culturas ficaram queimadas pelo frio. No dia 6 de Janeiro em Auxerre a temperatura atingiu 23 graus negativos a tal ponto que mais de 2000 pessoas deixaram as aldeias para se refugiarem na cidade. O bispo de Auxerre mandou fundir e vender a sua louça rica para alimentar os pobres com esse dinheiro.

O ano de 1709 foi marcado por uma grande instabilidade climática; chuvas e frio em exagero destruíram as sementeiras. A neve durou dois meses a ponto de os rios ficarem gelados até à foz...

Talvez o clima não nos merecesse referência se ele não estivesse na origem do que se passou na comunidade nascente de Poullart des Places. Em Paris os preços dispararam e Cláudio viu-se muito aflito para dar de comer aos jovens. Partilhando as condições de todos os pobres sem regalias nem privilégios foi uma das vítimas deste inverno rigoroso. Na igreja de S. Estêvão do Monte, uma placa assinala que ele ali foi enterrado numa vala comum, sem que o seu corpo pudesse ser identificado.

CONCLUSÃO

Não são as circunstâncias que fazem os santos; é Deus com a sua graça. Cláudio poderia ter enveredado pelo caminho da disputa teológica, ele que era tão bom orador; poderia ter seguido os desejos de seu pai; poderia ter sido advogado, parlamentar... Preferiu seguir Jesus Cristo. Foi com o seu testemunho que ele incendiou, no coração de tantos outros, a mesma paixão que tinha por Jesus e o seu reino.

A Igreja e a praça da Sorbone, segundo uma gravura de Adom Pérelle (1638-1695), conservada no museu Carnavalet, em Paris. À direita pode-se ver uma parte da capela do colégio de Cluny.

Antigo carimbo da Congregação.
A pomba do Espírito Santo repousa sobre o monograma de Maria.

Joseph Michel*

6. As origens históricas da nossa consagração ao Espírito Santo e à Imaculada Conceição [2]

O P. Michel mostra como o nosso fundador herdou a sua devoção ao Espírito Santo, não do seu amigo Grignion de Montfort, mas do próprio P. Luís Lallemant, sobretudo por intermédio dos missionários da Bretanha, formados na sua escola.

"Todos os estudantes adorarão particularmente o Espírito Santo ao qual foram especialmente consagrados. Terão também uma particular devoção à Santíssima Virgem, sob cuja protecção foram oferecidos ao Espírito Santo.

Escolherão as festas do Pentecostes e da Imaculada Conceição como suas festas principais. Celebrarão a primeira, para alcançar do Espírito Santo o fogo do amor divino, e a segunda para alcançar da Santíssima Virgem uma pureza angélica..."

Tais são as primeiras linhas dos *Regulamentos* que Poullart des Places dará aos seus jovens clérigos. Esta dupla devoção ao Espírito

---

* *O P. Michel, (1912-1996), espiritano, antigo capelão geral dos estudantes do ultramar, doutor em letras, especialista da actividade missionária da Bretanha preparou uma obra fundamental sobre Poullart des Places, intitulada: Claude-François Poullart des Places, fondateur de la Congregation du Saint-Esprit, 1679-1709 (Paris, Ed. Saint Paul, 1962). Biografia crítica de Cláudio Poullart des Places.*

[2] *Artigo publicado em Spiritus, 1960, pp.339-352.*

"A origem da consagração ao Espírito Santo poderia ser procurada na data do nascimento oficial do seminário dos estudantes pobres: nas festas do Pentecostes de 1703."

Santo e à Imaculada Conceição exige uma explicação[3].

A origem da consagração ao Espírito Santo poderia ser procurada na data do nascimento oficial do seminário dos estudantes pobres: *nas festas do Pentecostes de 1703*. Isto seria contentar-se com uma solução simplista. Sabemos que Poullart des Places tinha começado a sua obra já alguns meses antes. Nada o impedia de retardar a cerimónia da inauguração até ao início do próximo ano escolar ou até a uma outra festa à sua escolha. Não é portanto a data do Pentecostes que explica a consagração ao Espírito Santo, mas a vontade do fundador de dedicar a sua obra ao Espírito Santo que explica a escolha do Pentecostes.

Diz-se que Grignion de Montfort terá "contribuído abertamente" para fazer consagrar a obra do seu amigo ao Espírito Santo e a Maria Imaculada. Nenhum documento fundamenta tal afirmação. O P. Besnard ignora completamente um tal apadrinhamento. No entanto, ele era antigo aluno do Seminário do Espírito Santo e conservava a sua documentação de discípulos imediatos de Poullart des Places. É portanto a este último que é preciso reservar a total paternidade do vocábulo dado à sua obra.

Para reencontrar as fontes da sua inspiração é preciso regressar à Bretanha. As missões e os retiros tinham sido os principais instrumentos do renovamento espiritual desta província. Ora, não é exagerado dizer, que elas se tinham desenvolvido sob o sinal do Espírito Santo, e isso graças à influência do P. Luís Lallemant. Este jesuíta camponês é o fundador duma escola de espiritualidade que, mais que qualquer outra, acentua a importância da docilidade ao Espírito Santo. Ele morreu em 1635, sem nunca ter posto os pés na Bretanha. No entanto nenhuma província se pode vangloriar de lhe ter dado uma filiação ao mesmo tempo tão brilhante e tão numerosa. Em Rouen, ele tinha impregnado com a sua doutrina os PP. Rigoleuc e Le Grand; em Bourges, tinha exercido a sua influência sobre o P. Maunoir. O P. Rigoleuc foi, por sua vez, o mestre do P. Huby, que ele próprio será, com P. Le Grand, o mestre do P. Champion. Estes pregadores de missões e retiros foram também escritores e directores espirituais. Foram os ramos mestres duma genealogia mística cujos braços deviam dentro em breve cobrir toda a Bretanha.

---

[3] *As primeiras Regras aprovadas pelo arcebispo de Paris em 1731, tinham por título: Regras e constituições do Seminário e Comunidade do Espírito Santo sob a tutela da Santíssima Virgem concebida sem pecado.*
Depois da Fusão, este título foi: Regras e Constituições da Congregação do Espírito Santo sob a tutela do Imaculado Coração da Beatíssima Virgem Maria.
De notar que muito tempo antes de 1848, a Congregação renovava, no domingo da oitava da Imaculada Conceição, a sua consagração ao Imaculado Coração de Maria.
"Considerando que o uso consagrou no Estabelecimento a piedosa consagração da Congregação ao Espírito Santo e ao Imaculado Coração de Maria, nos Domingos das festas do Pentecostes e da Imaculada Conceição..." Registo das deliberações, 14 de Dezembro de 1847.

A ASSOCIAÇÃO BRETÃ DOS PADRES DO ESPÍRITO SANTO NO SÉCULO XVII

No seu trabalho das missões, o bem-aventurado Maunoir e os seus confrades tiveram a ideia de aceitar a ajuda dos padres das paróquias. Uniram-nos mesmo numa "espécie de confederação" que em 1683 terá perto de um milhar de membros. Esta confederação, esta "santa aliança" na qual H. Brémont viu o "elemento fundamental" das missões bretãs, não teria explicação sem a acção conjugada dos PP. Rigoleuc, Huby e Legrand. Os dois primeiros aproveitavam as missões para se dedicarem especialmente à formação pastoral e espiritual dos padres – muitas vezes eram mais de trinta – vindos a prestar auxílio aos missionários. Mas é sobretudo o terceiro que deve fixar a nossa atenção.

O P. Le Grand (1598-1663) passou em Quimper os últimos trinta anos da sua vida. Depois do P. Rigoleuc e do famoso P. Surin, que iremos também encontrar no nosso trabalho, ele é "um dos discípulos de Lallemant onde se reconhece melhor a marca do mestre". A sua notícia necrológica, redigida apenas alguns dias depois da sua morte, apresenta-nos detalhes de grande interesse:

"A sua devoção particular era ao mistério da Incarnação de Jesus Cristo e ao Espírito Santo, pela sujeição de todo o seu interior aos seus movimentos e honrando-o como o princípio da santidade dos padres, aos quais ele é comunicado quando se lhes diz: "*Accipite Spiritum Sanctum*". Ele inspirou este mesmo espírito aos eclesiásticos tendo estabelecido uma congregação de padres baseada nesta devoção... Ele encaminhava-os para a oração, formava-os por meio de exercícios espirituais... Esta congregação depois de 12 anos fazia um bem enorme nos três bispados vizinhos, nos quais deu provas de raras virtudes. Os seus membros, com os seus exemplos, conferências e instruções, contribuiram muito para a reforma dos costumes e no serviço das paróquias"

"A sua devoção particular era ao mistério da Incarnação de Jesus Cristo e ao Espírito Santo, pela sujeição de todo o seu interior aos seus movimentos"

O fervor desta piedosa associação sacerdotal não era fogo de vistas pois que pelos anos de 1667, um quarto de século depois da sua fundação, o velho bispo de Quimper, Mons. Do Louët dizia claramente que ela muito tinha contribuído para mudar a face da sua diocese. Conforme tudo dava a entender, estes Padres do Espírito Santo foram a alma da confederação sacerdotal associada aos trabalhos missionários dos Padres jesuítas. Em Quimper, houve mesmo um corpo especial de *Missionários do Espírito Santo,* que foi encarregado de dirigir o seminário diocesano por ocasião da sua fundação em 1678. E, como tudo naturalmente, este seminário teve o Espírito Santo por titular.

Um manual, redigido para os seus padres pelo P. Le Grand, foi publicado depois da sua morte: "*L'Institution de la Congrégation des*

Ecclésiastiques dédiée au Saint-Esprit sous le titre de son épouse sacrée, la Sainte Vierge…

Como não pensar no seminário de Poullart des Places? Outras aproximações poderiam ser feitas sem medo de ser alcunhadas de subtileza. Contentemo-nos em extrair do manual sacerdotal do P. Le Grand alguns conselhos que, se lembram o P. Lallemant, dão a conhecer também o fundador do seminário dos estudantes pobres:

"Que amem a pobreza espiritual como o fundamento da perfeição evangélica que devem adquirir"

"Que amem a pobreza espiritual como o fundamento da perfeição evangélica que devem adquirir, detestando não só a avareza, mas também tudo o que se pareça com isso…É preciso que se alheiem de qualquer ambição e que renunciem ao desejo de aparecerem e de se elevarem acima dos outros…"

Do que temos dito até aqui quase exclusivamente da Baixa-Bretanha, não se deverá concluir que a influência dos discípulos do P. Lallemant se limitava a esse espaço. Entre Quimper e Vannes, Rennes e Nantes, não havia fronteiras. Todos estes jesuítas, cujo nome fica ligado à história das missões e dos retiros, eram conhecidos no colégio de Rennes por aí terem passado quer como alunos, quer como professores. O P. Rigoleuc era-o por este duplo título; ele deixou na capital bretã uma reputação durável de estudante modelo e de dirigente prestigioso. Aí ensinou humanidades a alunos conhecidos como Julien Maunoir e Vincent Huby!

Todavia a Baixa-Bretanha não teve – é necessário lembrá-lo? – o monopólio das missões do P. Maunoir. Ele pregou muito nas dioceses de Dol, Rennes, Saint-Brieuc e mesmo na Normandia. Nestas ocasiões, jesuítas do colégio de Rennes vinham juntar-se aos PP. Rigoleuc, Le Grand, Huby, Champion e outros companheiros do santo missionário.

Depois, Vannes e Quimper, Rennes e Nantes tiveram a sua casa de retiros. A de Rennes foi fundada em 1675, pelo P. Jean Jégou, reitor do colégio, que vinha de Quimper. A sua irradiação foi considerável. Um documento de 1687 informa-nos que só neste ano, mais de 100 padres participaram em retiros organizados especialmente para o clero. Se, como o afirmam historiadores da Companhia de Jesus, a Congregação do Espírito Santo fundada em Quimper se expandiu, no decurso do século XVIII, em todas as dioceses da Bretanha, é de pressupor que o P. Jégou com os missionários seus confrades, foi o melhor instrumento da sua difusão na Alta-Bretanha, e que, por seu intermédio, o manual do P. Le Grand, reeditado em 1680 se tornou para muitos dos que tinham feito retiros, um guia muito apreciado na sua vida sacerdotal.

NO FIM DO SÉCULO XVII EM NANTES, A OBRA DO P. CHAMPION, "EVANGELISTA DO P. LALLEMANT"

Em Nantes, de 1680 a 1701, o próprio P. Champion orientava os retiros. O P. Maunoir teria querido que este jesuíta de grande va-

lor lhe sucedesse. A Providência tinha as suas razões para decidir doutro modo pois que a estadia de Champion nas margens do Loire deve ser considerada como "um acontecimento de primeira importância na história do misticismo francês".

"a estadia de Champion nas margens do Loire deve ser considerada como "um acontecimento de primeira importância na história do misticismo francês."

Quando Champion chega a Nantes, o futuro da escola do P. Lallemant está longe de estar assegurado. O mestre morreu em 1635 sem nada ter escrito. Os seus primeiros discípulos contentaram-se em viver a sua doutrina e nela inspirar o seu apostolado. Eles próprios desapareceram sem a ter publicado. Uma segunda e uma terceira geração continuam a espalhá-la de muitos modos, para o maior bem das almas, mas ela não está rotulada; até na elite daqueles que mais dela beneficiam, muitos ignoram até o nome de Lallemant. O que é muito mais grave, é que, por não estar escrita, corre o risco de se alterar e mesmo de desaparecer. O P. Huby, agora septuagenário, está vivamente preocupado com esta situação. Para manter a tradição, para a reavivar em toda a sua pureza, pediu ao P. Champion para se fazer "*o evangelista da escola*". Passa-lhe as folhas deixadas pelo P. Rigoleuc: notas tomadas em Rouen, há já meio século, nas conferências do P. Lallemant; pequenos tratados espirituais que ele mesmo tinha composto. O P. Champion compreende a importância vital da missão que lhe é confiada. Todos os seus tempos livres vai dedicá-los no futuro à preparação do que ele chamará de "pequenas obras".

A série inicia-se em 1685 com *"La Vie du P. J. Rigoleuc… avec ses Traités de dévotion et ses Lettres spirituelles* editada em Paris e dedicada a Mons. de Coëtlogon, Bispo de Saint-Brieuc. Esta pequena obra, como a maior parte das que se seguirão, tem mais de 500 páginas. Mesmo na Bretanha alcança um sucesso tão grande que um tipógrafo de Vannes a pôde reeditar três vezes no espaço de cinco anos.

Champion começou portanto por Rigoleuc. Não é que ele esqueça ou tenha menos estima pelo mestre, mas sem negar outras considerações, julga que o discípulo, muito mais conhecido na Bretanha, devia ter aí o papel de precursor. É em 1694 que publica "*La Vie et la Doctrine du P. Lallemant*», dedicada ao Bispo de Nantes, Gilles de Beauveau. Em vendas, o sucesso de Lallemant não alcança o de Rigoleuc. Quer dizer que a sua influência será menor? Acreditemos no juízo de Brémont que não hesita em assinalar '*La doctrine spirituelle*' como "um dos três ou quatro livros essenciais da literatura religiosa moderna…"

Ora, para Lallemant, "os dois pólos de toda a espiritualidade" são a pureza de coração e a conduta do Espírito Santo, sendo o primeiro apenas um meio em vista do segundo.

"O fim a que devemos aspirar, depois de nos termos por muito tempo exercitado na pureza de coração é estarmos de tal modo possuídos e dirigidos pelo Espírito Santo, que seja só ele quem conduz todas as nossas forças e sentidos, e que regule todos os nossos movimentos interiores e exteriores, e que nos abandonemos totalmente a nós mes-

mos, por uma renúncia espiritual das nossas vontades e das próprias satisfações. Assim, não viveremos mais em nós, mas em Jesus Cristo, por uma correspondência fiel ao agir do seu divino espírito".

"o acento é posto sobre o papel do Espírito Santo na transformação da alma em Jesus Cristo."

O carácter cristológico da *Doutrina espiritual* é evidente. Mas o que é importante para nós, é que o acento é posto, e duma maneira inteiramente extraordinária, sobre o papel do Espírito Santo na transformação da alma em Jesus Cristo. Não apenas perto de cem páginas da edição original – umas cinquenta ao todo – são consagradas à terceira Pessoa da Santíssima Trindade, mas pode-se dizer que no decorrer de toda a obra, não há nenhum parágrafo em que o Espírito Santo não seja referido.

A partir de 1694, ficando totalmente ligado à casa de retiros de Nantes, Champion deixa de ter nisso responsabilidade. Pode portanto consagrar mais tempo às suas "pequenas obras". É do P. Jean Surin, este outro discípulo do P. Lallemant que ele agora se ocupa. Conhecido por ter sido o exorcista de Jeanne des Anges, ursulina de Loudun, Surin, morto depois de trinta anos, merecia sê-lo como escritor. Um dia, se lhe reconhecerá "na ordem espiritual, a mesma importância que Boileau na ordem clássica". Mas neste fim do século XVII, as suas obras, no seu conjunto, ficaram manuscritas.

No entanto, uma dentre elas, e não a menor pois que se trata do "*Catéchisme spirituel*", foi editada em Rennes[4], durante a vida do autor, mas sem ele saber. Dizer as circunstâncias que permitiram esta edição sub-reptícia, não será uma divagação.

Em 1644, a Sr.ª Jeanne du Houx, viúva do conde de Forzan, então com trinta anos de idade, tinha-se retirado para Colombier, mosteiro da Visitação recentemente fundado em Rennes. Era uma santa mulher manifestamente favorecida por dons espirituais excepcionais. Mesmo na Bretanha, falava-se muito das possessões das Ursulinas de Loudun e da Madre Jeanne des Anges, sua prioresa. Como noutra parte, os espíritos estavam divididos. Mons. de La Motte-Haudancourt, bispo de Rennes, queria estar desenganado. Em 1654, "para satisfazer uma curiosidade louvável nele", diz-nos amavelmente Dom Lobineau[5], tinha pedido à Sr.ª du Houx para fazer a viagem de Loudun para aí examinar a Sr.ª des Anges, "esta religiosa tão extraordinária". A Senhora de Rennes havia ganho a confiança total da ursulina. A tal ponto que, cinco anos mais tarde, ela sentia-se no dever de retomar o caminho de Loudun para a ajudar a preparar-se para a morte. No intervalo tinha-se trocado uma correspondência muito seguida entre Loudun e o mosteiro de Colombier[6]. Um correio de 1657 tinha levado a Rennes uma das primeiras cópias do *Catéchis-*

[4] ***Catéchisme spirituel pour l'instruction des âmes dévotes contenant les principaux moiens pour arriver à la perfection chrétienne.***

[5] ***Les Vies des Saints de Bretagne, Rennes, 1725, p.498***

[6] ***Foram conservadas pelo menos 146 cartas de Jeanne des Anges à Srª du Houx.***

me spirituel, manuscrito que o P. Surin não tinha nenhuma intenção de publicar. Pensando apenas no bem das almas, a Sr.ª du Houx tinha-se apressado em confiar a obra a um tipógrafo[7].

Um volume de *Lettres spirituelles* do P. Surin aparece em Nantes em 1695, seguido por um segundo em 1697 e um terceiro em 1700. O seu autor não tinha sido rigoroso na sua indiscrição à Sr.ª du Houx, ele mesmo tinha-se tornado seu conselheiro espiritual, e também, por efeito dum piedoso contágio, o de algumas religiosas dos dois mosteiros da Visitação em Rennes. A correspondência que ele lhe tinha enviado ocupava um lugar importante na edição do P. Champion.

Se não há razão para se admirar que "a conduta do Espírito Santo" reapareça como um "leitmotiv" sob a pena do discípulo de Lallemant, é curioso que várias cartas recebidas pela Sr.ª du Houx não têm outro fim senão desenvolver: *"os efeitos do Espírito Santo nos filhos de Deus", "as três coisas"* necessárias *"para ter a conduta do Espírito Santo".*

"Para atrair as almas a Deus, escrevia-lhe o P. Surin, é preciso inspirar-lhes uma grande estima e um grande amor pela vida interior, e ensinar-lhes a se tornarem dóceis à conduta do Espírito Santo... tendo apenas em vista contentar Deus. Se elas não chegam lá, nunca terão uma virtude sólida e perfeita[8]."

"Para atrair as almas a Deus, é preciso inspirar-lhes uma grande estima e um grande amor pela vida interior, e ensinar-lhes a se tornarem dóceis à conduta do Espírito Santo..."

Depois de 1695, Maréchal, o editor de Nantes das *'Lettres spirituelles'*, obtém autorização para dois volumes dos *'Dialogues spirituels'*, mas esta obra do P. Surin só virá à luz mais tarde. Ele se indemniza publicando em 1698, *'La Vie des fondateurs des maisons de retraite, M. de Kerlivio, le Père Vincent Huby et Mademoiselle de Francheville'.*

Em 1701 o P. Champion pode morrer em paz. Cumpriu brilhantemente a sua missão. Graças a ele, a doutrina da *'Ecole du Saint Esprit'*, atravessará os séculos.

A formação de Cláudio Poullart no centro de todas estas influências

Estes anos, marcados pelo P. Champion devido à sua intensa actividade de escritor, eram precisamente aqueles que viam crescer Poullart des Places. A coincidência não deixa de ter consequências. Em Rennes, os jesuítas do colégio e da casa de retiros favoreciam evidentemente a difusão das obras publicadas pelo seu confrade de Nantes. É preciso dizer outro tanto das visitantinas. Um dos resultados mais visíveis desta difusão foi um desenvolvimento da devoção ao Espírito Santo.

---

[7] *A segunda edição do Catéchisme spirituel, igualmente sub-reptícia seria preparada pelo Bretão, Vincent de Meur, um dos fundadores do Seminário das Missões Estrangeiras.*

[8] *Lettres spirituelles, Ed. 1843, pp.126,137 e 278.*

É certo que, para muitos fiéis em Rennes como noutras partes, a terceira Pessoa da Trindade, permanecia, senão como o *Deus desconhecido*, pelo menos Aquele de quem sabiam apenas o nome; mas a atenção da elite cristã para aí tinha sido particularmente atraída devido à importância do seu papel na vida sobrenatural. Sinal que não engana, são as confrarias do Espírito Santo que foram fundadas em várias paróquias da cidade. Em 1698, uma capela da Igreja S. Germano foi mesmo dedicada ao Espírito Santo[9].

Poullart des Places devia estar tanto mais receptivo a esta corrente de devoção, pois nesta rua de S. Salvador onde decorreu a sua adolescência, uma casa, com bastantes probabilidades de ser aquela mesma onde ele habitou com seus pais, era então vulgarmente apelidada de "a casa do Espírito Santo".

Sabemos que a sua formação espiritual recebia a dupla marca dos jesuítas e do P. Bellier. Dupla marca é com certeza? Julien Bellier não tinha ele também sido formado pelos filhos de Santo Inácio no seu colégio e na sua casa de retiros? Não fazia ele parte da equipa missionária de M. Leuduger, tão permeável à influência do P. Huby? Não era ele na Alta-Bretanha, um dos representantes da Congregação do Espírito Santo fundada pelo P. Le Grand? Sobre a alma de Poullart des Places, a sua influência e a dos jesuítas só podiam ser convergentes.

É preciso recordar por fim os estudos de direito feitos em Nantes por Cláudio Francisco (1696-1698); a certeza das suas visitas à casa de retiros desta cidade, a probabilidade de contactos íntimos com o P. Champion.

Desta série de influências reais ou possíveis, qual foi a que determinou a escolha do Espírito Santo como principal titular do seminário fundado no Pentecostes de 1703? Nada nos permite responder claramente a esta questão. Poderia o próprio Poullart des Places fazê-lo? Talvez não. O característico dum ambiente não é precisamente impregnar-nos lentamente, sem choque, à maneira da seiva que, silenciosamente mas sem interrupção, alimenta o gomo, até que ele floresça e frutifique?

---

[9] *Uma confraria do Espírito Santo existia certamente em Toussaint no fim do século XVII pois que a 14 de Abril de 1699 M Philippe, pergaminheiro, atribuía em seu favor uma renda de 44 libras. Arch d'Ict-V: Controle des Actes.*
Sobre a confraria da paróquia S. Germano, ver Guillotin de Corson: Pouillé historique de l'archevéché, t. V, p. 610. Em meados do século XVIII, o seu preboste era M. le Barbier, sobrinho de Michel-Vincent. Le Barbier, primeiro associado de Poullart des Places, Archives d'I, e V. G.534 B.
Emma Boulangey, fundadora da arquiconfraria do Espírito Santo, nascida em Rennes em 1824, ligava a sua obra à grande corrente de devoção ao Espírito Santo que se tinha manifestado na capital bretã nos séculos XVII e XVIII e que tinha sido restaurada pelo Cardeal Brossais Saint-Marc no séc. XIX.

PORQUÊ CONSAGRADOS AO ESPÍRITO SANTO SOB A PROTECÇÃO DA IMACULADA?

Depois da fundação da sua Companhia, os jesuítas distinguiam-se particularmente pela sua devoção à Imaculada Conceição. Não nos admiremos por isso de encontrar entre os representantes da escola de Lallemant, nos seus escritos ou na sua vida, manifestações explícitas da sua fé e da sua piedade acerca deste privilégio mariano. Em primeiro lugar em Lallemant:

"Que preparação a Santíssima Virgem trouxe a esta augusta dignidade (de Mãe de Deus)! Foi em vista da maternidade divina que Deus a isentou, não só do pecado original, mas ainda da obrigação de o contrair, e que, desde o primeiro instante da sua existência, Ele deu-lhe mais graças do que a todos os anjos e homens juntos".

Pouco tempo antes da sua morte, no decorrer duma missão pregada em Lamballe, o bem-aventurado Jean Maunoir fundou aí uma piedosa congregação de citadinos sob o título da Imaculada Conceição.

Curiosa coincidência, numa mesma carta do P. Surin sobre a Imaculada Conceição, encontram-se já reunidas, com intervalo de algumas linhas, as duas graças que Poullart des Places esperou para ele e para os seus da dupla "consagração" da sua obra ao Espírito Santo e à Santíssima Virgem concebida sem pecado: "o fogo do amor divino" e uma "pureza angélica".

"duas graças que Poullart des Places esperou para ele e para os seus da dupla "consagração" da sua obra ao Espírito Santo e à Santíssima Virgem concebida sem pecado: "o fogo do amor divino" e uma "pureza angélica"."

"A admirável *pureza da Rainha dos Anjos* deve-nos ser vivamente apresentada nesta *festa* da sua Imaculada Conceição. As almas que lhe pertencem... devem participar da mesma pureza. Deus mostra-nos uma grande misericórdia por nos conduzir aí e conduz-nos pela fé, pelos sofrimentos... Enfim o *fogo do amor divino* acaba de nos purificar, como vemos que o fogo material purifica tudo".

Tanto na sua própria vida espiritual como na direcção das almas, o P. Champion unia também as duas devoções tão caras a Poullart des Places. Ele via no Coração de Maria "o mais augusto palácio do Espírito Santo". Tinha pela Imaculada Conceição uma veneração especial que se esforçava por comunicar a toda a gente.

Mas seria supérfluo demorar-se nos testemunhos dos discípulos de Lallemant pois que a crença na Imaculada Conceição era comum a todos os filhos de Santo Inácio.

É conhecida a importância das congregações marianas fundadas, desde a origem, nos colégios da Companhia de Jesus. Se se dá crédito a um historiador do dogma da Imaculada Conceição, todos os membros das congregações deviam recitar todos os dias uma oração, começando por estas palavras: "Santa Maria, Mãe de Deus e Virgem concebida sem pecado..."

Em Rennes, como na maior parte dos colégios, tinham sido fundadas duas congregações marianas, uma pelos humanistas, a outra pelos filósofos. No princípio do século XVII, esta última estava erigida sob o título *Beatae Virginis assumptae;* em 1750, será sob o título *Beatae Mariae sine labe conceptae*[10]. Esta substituição não deixa de ter interesse mas é impossível fixar-lhe uma data mesmo aproximativa. Contudo seria temerário descobrir aí uma influência certa sobre Poullart des Places.

Antes de acabar os estudos de filosofia, Cláudio tinha feito, em Caen, um segundo ano de retórica (1692-1693). Nesta cidade, uma das congregações marianas do colégio dos jesuítas fora fundada *sob o título beatae Virginis Conceptae.* Nada de extraordinário nisso pois que os Normandos celebravam, desde o século XII, a Conceição da Santa Virgem. As suas tradições atribuíam mesmo a introdução desta festa a uma decisão tomada por Guilherme, o Conquistador.

"a dita festa de Conceição continuou desde então e sempre respeitada e solenizada neste dito país da Normandia"

"Seguindo tal ordem, a dita festa e Conceição continuou desde então e sempre respeitada e solenizada neste dito país da Normandia e tida em singular reverência e devoção mais que noutro país de tal modo que a dita festa tem vindo da antiguidade e ainda no presente dita e chamada a festa dos Normandos".

No fim do século XVII, as cidades de Caen e Rouen conservavam ainda a sua bela tradição dos *Palinods.* Consistia num concurso de poesias em honra da Imaculada Conceição que revestia um carácter oficial e muito solene. Por vezes, para estes concursos poéticos em honra de Maria, jesuítas do colégio não hesitavam em travar uma discussão. Em 1692, as festividades tiveram lugar como de costume. Antes de ser incendiada em 1944, a biblioteca municipal conservava a *Recolha das obras premiadas sobre o Pico da Imaculada Conceição da Virgem que existia em Caen, na grande escola da Universidade* (35 páginas em 1692). Quaisquer que tenham sido o conteúdo e o valor das "obras premiadas", o Palinod só podia entusiasmar o jovem aluno de retórica que, pouco tempo antes tinha fundado em Rennes uma pequena associação de estudantes em honra da Virgem; na orientação da sua piedade mariana, este 8 de Dezembro de 1692 foi certamente uma data importante.

Na sequência destas influências bretãs e normandas, é preciso assinalar uma outra, mais tardia, que pode ser tida como certa, e que, ajuntando-se às primeiras foi talvez decisiva: a leitura de *La Dévotion à l'Immaculée Mère de Dieu.* O autor desta obra aparecida pela primeira vez em 1696, era Henri Boudon, arquidiácono de Evreux, um dos escritores espirituais mais em voga nesta época. Ora, às muitas provas da Imaculada Conceição, ele

[10] ***Em Rennes, os jesuítas dirigiam também a Congrégation des Messieurs sob o título da Purification, de que fazia parte o pai de Poullart des Places, e a Congrégation des Artisans sob o título de Nativité de N. Sra.***

apresentava *«les ordres et sociètés qui sont en son honneur"*. Infelizmente, para ilustrar a sua demonstração, só podia citar uma congregação de religiosas espanholas e "des ordres de milice". Não era de algum modo, convidar eventuais fundadores a preencher uma lacuna?

REFLEXO DA DEVOÇÃO DE CLÁUDIO POULLART: A ESPIRITUALIDADE DAS FILHAS DO ESPÍRITO SANTO

Poullart des Places redigiu os seus « *Regulamentos* » com uma extrema sobriedade. Não tinha ele ocasião de os comentar oralmente? O eco dos seus comentários chegou até nós por intermédio dos "*Regulamentos*" dados às Filhas do Espírito Santo por um dos seus primeiros discípulos: René Allenou da Ville-Angevin. Este último, na sua redacção, muitas vezes segue de muito perto o texto do seminário do Espírito Santo, mas, em mais de um caso, acompanha-o de comentários que para nós são de grande interesse.

"As Filhas que serão recebidas nesta casa, devendo estar cheias de caridade para poderem cumprir as suas obrigações, honrarão, o mais perfeitamente possível, as três adoráveis pessoas da Santíssima Trindade; mas terão uma devoção especial "à terceira Pessoa, que é o Espírito Santo, o amor do Pai e do Filho, que elas olharão como seu Pai dum modo particular, por lhe estarem especialmente dedicadas e consagradas.

A festa do Pentecostes será portanto a festa principal da sua casa.

E como o melhor meio para obter do Espírito Santo as graças que lhe são pedidas é interessar a Santíssima Virgem, sua cara esposa, terão para com ela uma devoção especial... Olhá-la-ão portanto como sua padroeira e advogada junto do Espírito Santo seu pai; e para assinalar a sua atenção contínua em honrar por todos os títulos e qualidades que a Igreja lhe dá, e de todas as maneiras que ela aprova, darão uma solenidade muito especial à festa da Imaculada Conceição..."

"terão uma devoção especial "à terceira Pessoa, que é o Espírito Santo, o amor do Pai e do Filho, que elas olharão como seu Pai dum modo particular, por lhe estarem especialmente dedicadas e consagradas."

E mais à frente, eis como se encontra determinada a obrigação da pobreza:

"As Filhas que se consagram a Deus nesta casa recordar-se-ão que tomando o Espírito Santo por Pai e a Santíssima Virgem por Mãe, devem renunciar de coração e de afeição a todas as posses..."

Tomar o *Espírito Santo por pai* e a *Santíssima Virgem por mãe* é aderir plenamente à teologia tão luminosamente ensinada por S. Luís Maria de Montfort: "O Deus Espírito Santo sendo estéril em Deus, isto é, não gerando nada doutra pessoa divina, tornou-se fecundo por Maria que ele desposou; é com ela, nela e dela que ele gera a sua obra-prima que é um Deus feito homem e que ele gera todos os dias até ao fim do mundo. Os predestinados são os membros deste corpo adorável; é por isso que, quanto mais ele encontra Maria, sua mãe e

"Tomar o Espírito Santo por Pai e a Santíssima Virgem por Mãe é aderir plenamente à teologia tão luminosamente ensinada por S. Luís Maria de Montfort"

indissolúvel esposa, numa alma, mais ele se torna operante e poderoso para gerar Jesus Cristo nesta alma e esta alma em Jesus Cristo[11]".

Assim esta dupla devoção ao Espírito Santo e à Santíssima Virgem, querida por Poullart des Places, é nele mesmo a expressão duma alta espiritualidade. A fidelidade ao Espírito Santo, a imitação de Maria vão a par para o mesmo fim: uma imitação sempre mais perfeita de Cristo em nós, para a maior glória do Pai.

[11] *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem, Iª parte, cap. I*
S. Luís de Montfort resumiu para as Filhas da Sabedoria a Doutrina espiritual do P. Lallemant numa pequena obra intitulada Maximes pour chaque jour du mois. Cf. J.F. Dervaux, Marie Louise Trichet es les premières filles de M de Montfort, in-8º, Paris,1950,p.218.

7. Cláudio Francisco Poullart des Places e as almas abandonadas

A infância e juventude de Cláudio e o seu ambiente familiar não nos levariam a supor o tipo de vocação que acabaria por abraçar. Sem subestimar a sincera atenção que tinha pelos pobres, devemos considerar a influência que tiveram sobre ele alguns apóstolos seus contemporâneos; entre eles, apontamos Grignion de Montfort e o padre Júlio Bellier.

A vocação de Cláudio alicerçou-se também na preocupação que tinha pelas paróquias pobres e pelos ministérios pastorais menos desejados: era necessário um clero bem formado para aqueles serviços; esta tinha sido já a preocupação de um amigo e colaborador muito próximo do padre Bellier, o padre Doranleau, que escreveu uma carta aos bispos de França relativa à melhor educação que poderia ser dada aos seus clérigos e às vantagens que daí resultariam para a Igreja[2]. Este opúsculo apresenta uma linha de pensamento semelhante a um manuscrito de 1680, que se encontra na biblioteca nacional de França[3].

Aqui encontramos pois, os fundamentos das convicções que levaram Cláudio Poullart a reunir uma pequena comunidade de estu-

---

* *O P. Joseph Michel, (1912-1996), espiritano, antigo capelão geral dos estudantes do ultramar, doutor em letras, especialista da actividade missionária da Bretanha preparou uma obra fundamental sobre Poullart des Places, intitulada: Claude-François Poullart des Places, fondateur de la Congrégation du Saint-Esprit, 1679-1709 (Paris, Ed. Saint Paul, 1962); publicou pela primeira vez este estudo na revista Spiritus de Outubro de 1959.*

[2] *J.A.D.D., Lettre à Nosseigneurs les archevêques et évêques de France..., Paris, 1701.*

[3] *Petits Séminaires pour élever gratuitement et pauvrement, selon l'esprit du Concile de Trente, pendant plusieurs années, les pauvres écoliers destinés au service des paroisses de la campagne. Bibliothèque Nationale, Collection Morel de Thoisy, Réserve Z, vol. 273, p. 404-411, manuscrit de 7 pages in-quarto, dont l'auteur est François de Chanciergues.*

dantes pobres, com o seu estilo de educador, com as suas exigências de formação espiritual e intelectual e com a sua mística de pobreza.

AS ORIGENS DE POULLART DES PLACES

A linhagem dos Poullart des Places vem de uma antiga família da Bretanha, mais propriamente de Paimpol. A história guardou o nome de Geoffroy Poullart, um dos cavaleiros de Beaumanoir, morto no *Combate dos Trinta,* em 1350 e de Guilherme Poullart, bispo de Rennes e mais tarde de Saint-Malo, que faleceu em 1384.

O pai de Cláudio, chamado Francisco Poullart, era advogado no Parlamento de Rennes. Em 1677, casou-se com Joana Le Meneust, educadora dos filhos do Conde de Marbeuf, Presidente do Parlamento da Bretanha. Francisco Poullart era um homem com uma prodigiosa actividade. Juiz-Guarda da Moeda de Rennes a partir de 1685, era também um grande arrendatário de terras de cultivo das quais recolhia os seus lucros; recebia benefícios da abadia de Saint-Melaine e de outras abadias beneditinas; era o cobrador dos dízimos para as dioceses de Rennes e de Saint-Brieuc. E todos estes encargos não o impediram de se tornar num dos maiores negociantes de Rennes da sua época.

Por isso, não demorou a adquirir uma grande fortuna. Em Rennes, comprou várias casas, entre as quais se destaca a *casa nobre des Mottais,* situada na actual rua Waldeck Rousseau, e mandou construir grandes prédios junto das ruas *de la Monnaie* e de Saint-Guillaume. Ao mesmo tempo que comprara a *casa des Mottais*, tornou-se proprietário de cerca de 40 hectares de terreno sobre os quais foram construídos posteriormente os bairros dos Mottais e de Maurepart. Toda esta actividade de Francisco Poullart tinha em vista um objectivo bem preciso: fazer entrar a sua família na linhagem da nobreza da qual fora excluído desde a Reforma de 1668.

OS ANOS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Cláudio Francisco, seu filho, nasceu no ano 1679, a 26 de Fevereiro, e foi baptizado no dia seguinte na igreja Saint-Pierre-en-Saint-Georges. Teve por padrinho o senhor Cláudio de Marbeuf e por madrinha a senhora Ferret, mulher de um dos maiores banqueiros de Rennes.

Com a idade de 7 anos foi para o colégio dos jesuítas. Os seus pais moravam então na paróquia de Saint-Germain, numa casa situada junto da actual praça do Palácio.

"Ao longo de todo o seu ciclo de estudos, o jovem revelou-se um aluno brilhante nas diversas áreas."

Ao longo de todo o seu ciclo de estudos, o jovem revelou-se um aluno brilhante nas diversas áreas. Participou diversas vezes e com talento nos ballets e nas peças de teatro que se faziam de vez em quando no colégio. No fim dos seus estudos, em 1695, foi escolhido para defender o Grande Acto – tese de filosofia, cuja defesa era con-

fiada ao aluno mais dotado e que se realizava cada ano com grande solenidade. A sua tese foi dedicada ao Conde de Toulouse, filho de Luís XVI e governador da Bretanha.

A AMIZADE DE UM SANTO

Mas os seus anos de colégio foram sobretudo marcados pela amizade que desenvolveu com Luís Maria Grignion de Montfort, seu condiscípulo que se tornaria também seu vizinho. Com efeito, em 1690, a família Poullart des Places passou a residir na rua de São Salvador, próxima da rua do Capítulo onde moravam os Grignion e que ficava também nas imediações do santuário de Nossa Senhora dos Milagres.

Entre os dois jovens existia uma notória diferença de idade; Grignion de Montfort era 6 anos mais velho. Eram também muito diferentes no carácter. Mas a devoção à Virgem e o amor pelos pobres aproximava-os e limava as diferenças. Com frequência, durante os anos de estudos, Grignion foi, na época das férias, o convidado de Cláudio para a casa de campo dos Mottais.

"a devoção à Virgem e o amor pelos pobres aproximava-os"

A INFLUÊNCIA DO PADRE BELLIER

É desta época que datam também os encontros de Cláudio com o padre Bellier. Júlio Bellier, que um historiador bretão quis apelidar de "o mais santo dos padres de Rennes", era capelão no hospital de Saint-Yves; mas era bem mais do que isso, pois é justo considerá-lo um precursor de Ozanam – fundador das sociedades de São Vicente de Paulo. O padre Bellier, no tempo de férias, reunia os alunos mais devotos do colégio dos jesuítas, humanistas, filósofos e teólogos. Não só lhes pregava a caridade como também os levava a praticá-la enviando-os em pequenos grupos para as salas do hospital de Saint-Yves ou para outros hospitais da cidade. Ora nestes hospitais não se encontravam apenas doentes. As instalações de Saint-Yves e do hospital central compreendiam não somente o hospital propriamente dito, mas também asilos para os pobres, enfermos e idosos; um orfanato onde as crianças abandonadas eram internadas até à idade dos 10 ou 12 anos, e uma escola de aprendizagem.

Os jovens discípulos do padre Bellier não só colaboravam com as religiosas nos cuidados a prestar aos doentes como deveriam ocupar-se sobretudo da dimensão espiritual, especialmente com o ensino do catecismo aos doentes e aos órfãos.

De vez em quando, o padre Bellier deixava Saint-Yves e a cidade de Rennes durante algumas semanas. Ele fazia parte de um grupo de padres voluntários que, sob a orientação de Dom Leuduger, continuavam, na alta Bretanha, as famosas missões de Miguel Le Nobletz e do bem-aventurado Júlio Maunoir. No regresso, entusias-

mava os seus estudantes mediante as narrações dos milagres que a graça da missão tinha operado nas almas.

Basta ler uma biografia de Luís Maria Grignion de Montfort para nos darmos conta até que ponto o padre Bellier o marcou para o resto da sua vida. Em Poitiers, como na Rochelle – sem falar da Salpêtrière aquando da sua estadia em Paris em 1703 – Grignion consagrou aos hospitais uma boa parte do seu apostolado, e foi para o serviço dos hospitais que ele fundou a Congregação das Filhas da Sabedoria. O resto do seu tempo consagrou-o às missões – fim para o qual fundou a Companhia de Maria (ramo masculino). Luís Maria Grignion de Montfort tinha entrado no seminário de Saint-Sulpice e deixado o padre Bellier desde 1693. Cláudio Poullart des Places deveria receber a sua influência durante mais tempo e de maneira diferente. Dois veteranos, um chamado Cláudio e outro João Francisco Ferret, grandes amigos da família de Poullart, tinham estado na origem da fundação em Rennes, em 1684, de um seminário para estudantes pobres. Em 1697, o bispo de Rennes nomeou o padre Bellier director deste estabelecimento que tinha as seguintes características: ninguém podia ser admitido sem apresentar previamente o *certificado de pobreza*; os seminaristas seguiam nos jesuítas os cursos de filosofia e de teologia. Nem precisamos de referir um documento escrito para podermos afirmar que o jovem Cláudio Poullart des Places visitou com frequência aquele seminário onde o seu mestre de apostolado lhe fez compreender de forma mais concreta as necessidades materiais e espirituais dos clérigos pobres.

"o jovem Cláudio Poullart des Places visitou com frequência aquele seminário onde o seu mestre de apostolado lhe fez compreender de forma mais concreta as necessidades materiais e espirituais dos clérigos pobres."

Foi assim que, à semelhança do que aconteceu com Grignion de Montfort, se bem que por outras razões, Poullart des Places também foi marcado pelo padre Bellier. Servindo de modelo para os dois fundadores de congregações religiosas, *o mais santo padre de Rennes* tinha sido, nas mãos da Providência, um instrumento de particular eficácia. O catecismo dado aos órfãos de Saint-Yves preparava o apostolado dos pequenos savoianos; sobretudo as suas visitas ao seminário dos estudantes pobres, os seus encontros com o director, os seus contactos directos com os próprios seminaristas abriam o espírito e o coração do jovem Poullart des Places para as dimensões reais de um problema para o qual uma solução bem sucedida seria muito importante para a vida da Igreja. Em Paris, encontrará o mesmo problema que poderá ser resolvido com uma resposta semelhante.

A FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO

Entretanto, a formação sacerdotal do futuro fundador seria adiada. Os seus pais previam para o único herdeiro do nome da família um rico casamento e o posto de conselheiro no Parlamento. Por isso, Cláudio tinha que estudar Direito. Fê-lo em Nantes e em Paris. Acabava de fazer a sua licenciatura, quando, diante da sua irredutível decisão, os seus pais permitiram-lhe, enfim, que começasse os estudos de

teologia. Deste modo, no ano 1701, Cláudio torna-se novamente aluno dos jesuítas, desta vez como teólogo no colégio Luís-o-Grande.

Reencontrando em Paris os mesmos problemas aos quais já se tinha dedicado com o padre Bellier em Rennes, começa a interessar-se pelos savoianos a quem ensina o catecismo e também pelos seminaristas pobres. Começou por ajudar alguns destes, fornecendo os fundos necessários para o alojamento e alimentação. Em pouco tempo, quis alargar a sua obra, e para isso alugou uma casa na rua dos Cordiers. Foi lá que, na festa de Pentecostes de 1703, fundou o Seminário do Espírito Santo.

Rapidamente a casa se tornou pequena e era necessário aumentar o espaço. Foi por isso que, em 1705, o Seminário mudou para a rua Neuve-Saint-Etienne e, em 1707, devido a um novo aumento, passou para a rua Neuve-Sainte-Geneviève. Eram recebidos, tal como outrora em Rennes, somente os estudantes que não dispunham de meios para pagar a sua pensão noutro Seminário.

O número de seminaristas não deixou de aumentar de modo que à morte do fundador, em 1709, já eram 70.

"O número de seminaristas não deixou de aumentar de modo que à morte do fundador, em 1709, já eram 70."

A obra de Poullart des Places trazia em si um duplo projecto: o seminário propriamente dito e as bases de uma nova congregação. Os seus primeiros associados foram: Miguel Le Barbier, filho de um notário de Rennes, Tiago Jacinto Garnier, de Janzé, Luís Bouïc que tinha começado os seus estudos em Saint-Méen e Pedro Caris de Vern-sur-Seiche. Estes foram especialmente zelosos em preservar o carácter e a fisionomia da obra segundo o espírito do fundador.

O IMPACTO DE POULLART DES PLACES E DA SUA OBRA

A amizade entre Poullart des Places e Grignion de Montfort prolongou-se na íntima colaboração entre as duas congregações por eles fundadas. Ao longo de todo o século XVIII, o Seminário do Espírito Santo viria a preparar para a Companhia de Maria cerca de dois terços dos seus membros e também 3 superiores gerais.

A influência de Poullart des Places estender-se-ia às Filhas do Espírito Santo de Saint-Brieuc por intermédio de um dos seus primeiros discípulos, Allenou de la Ville-Agevin, que lhes redigiria uma regra inspirada na que o fundador tinha fixado para o Seminário do Espírito Santo.

Os últimos meses da vida de Poullart des Places foram marcados pela colaboração com São João Baptista de la Salle. Tinha surgido o projecto de formar professores primários para as zonas rurais. Um seminário especial chegou mesmo a ser aberto com esse fim, em Saint-Denis, em Março de 1709. Mas, o rigor daquele inverno, a morte do fundador, e outras circunstâncias fizeram com que aquela obra não tivesse continuidade.

Desde os primeiros tempos, alguns alunos do Seminário do Espírito Santo orientaram-se para as missões estrangeiras, especialmente para o Canadá, o Extremo Oriente, a Guiana e Senegal. Depois da

Revolução, foi exclusivamente com este fim das missões coloniais que a Congregação recebeu autorização de Napoleão, e mais tarde, de Luís XVIII para continuar o seu trabalho.

Apesar dos esforços dos respectivos superiores, a congregação passou momentos difíceis para alcançar o objectivo: envio dos missionários para as colónias francesas. Uma solução deveria chegar da parte do venerável Libermann, filho de um rabino de Alsácia. Ora, por uma admirável harmonia, a divina Providência quis que fosse em Rennes, cidade natal de Poullart des Places, e como que o berço inspirador da sua sociedade, que em 1839, o senhor Libermann concebesse o projecto de fundar a Sociedade do Sagrado Coração de Maria cujos membros, vindo a unir-se à do Espírito Santo, em 1848, a consolidariam definitivamente.

"a divina Providência quis que fosse em Rennes, cidade natal de Poullart des Places, que em 1839, o senhor Libermann concebesse o projecto de fundar a Sociedade do Sagrado Coração de Maria cujos membros, vindo a unir-se à do Espírito Santo, em 1848, a consolidariam definitivamente."

O objectivo principal de Poullart des Places foi a obra dos estudantes pobres. Ficou sensibilizado com a angústia, tanto material como espiritual, daqueles jovens escolásticos demasiado pobres para pagar a pensão num seminário, mas não é menos correcto considerar que, ao consagrar-lhes a sua vida, ele ambicionava antes de mais ir, por intermédio deles, em socorro das almas abandonadas. As almas abandonadas, os pagãos, no pensamento do fundador, estavam longe de serem excluídos.

O leitor preferirá certamente ver estas afirmações fundamentadas em documentos mais do que numa bela dissertação...

AS PEQUENAS COMUNIDADES DE ESTUDANTES POBRES

Por alguma razão na sua obra *História dos Seminários franceses até à Revolução*[4], Degert estudou o Seminário do Espírito Santo ao mesmo tempo que as "pequenas comunidades de estudantes pobres", chamadas também "seminários menores". A Biblioteca Nacional de França conserva um manuscrito intitulado: *Seminários Menores para formar gratuitamente, segundo o espírito do Concílio de Trento, durante vários anos, os estudantes pobres destinados ao serviço das paróquias rurais*[5]. Este documento redigido em 1680, é muito interessante para nós, pois trata daquele objectivo e do método empregue para o atingir, em quatro pequeninas comunidades de Paris, das quais, pelo menos duas, em 1715, serão integradas no Seminário do Espírito Santo.

"O projecto que nós tivemos com o estabelecimento dos nossos seminários menores ou das nossas pequeninas comunidades foi de reformar o clero da província, de prover, por este efeito, as paróquias pobres e pequenas de bons

[4] *DEGERT, A. Histoire des Séminaires français jusqu'à la Révolution, Paris, Beauchesne, 1912, t. II, p. 341-341.*

[5] *Petits Séminaires pour élever gratuitement et pauvrement, selon l'esprit du Concile de Trente... Bibliothèque Nationale, Collection Morel de Thoisy, Réserve Z, vol. 273, p. 404-411, manuscrit de 7 pages in-quarto, dont l'auteur est François de Chanciergues.*

padres, as povoações ou grandes vilas de bons vigários, capelães e mestres de escola; aplicamo-nos também a formar os arautos do Evangelho para o nosso país e para o estrangeiro, formamos bons padres para todo e qualquer serviço na Igreja, sobretudo para os lugares difíceis, pobres e abandonados.[6]"

O autor explica o abandono espiritual das aldeias de França devido à ignorância de um grande número de padres que, oriundos de famílias pobres, tinham sido impedidos de prosseguir os seus estudos por falta de meios. E seria em vão, no entanto, pensar que os grandes seminários, tais como existiam, poderiam dar uma solução a esta situação de abandono espiritual. Pois, os grandes seminários poderiam trazer outro problema...

"... o mau comportamento e a escassez dos párocos das aldeias advêm do facto de que, quando se recebem os eclesiásticos pobres nos grandes seminários, como aí eles são incomparavelmente melhor alimentados do que nas casas das suas famílias, vão-se habituando a uma vida demasiado fácil e de algum requinte; tornam-se comilões e sensuais; e depois não aceitam serem nomeados para as paróquias rurais se as suas receitas não forem suficientes para ganharem um bom vinho, pão branco, carne de boi ou cabrito, cozido ou churrasco e outras guloseimas que tinham nos grandes seminários..."

Esta recusa das pequenas paróquias por parte dos eclesiásticos bem formados é desastrosa para as pobres almas.

"Eis, portanto, porque seria benéfico existirem padres nas aldeias, porque algumas estão inteiramente abandonadas, outras sem vigários e a maior parte sem mestres de escola. Muitas delas estão também mal servidas com comportamentos escandalosos, o que faz com que as igrejas sejam profanadas, os sacramentos não sejam tomados como coisas santas, as festas sejam destituídas da solenidade que lhes é própria e Jesus acaba por não ser conhecido pelos cristãos. A maior parte do povo simples acaba por morrer na ignorância dos principais mistérios da nossa religião..."

---

[6] ***Notar o que o P. Charles Besnard, terceiro sucessor de Grignion de Montfort, escreveu, por volta de 1770, a propósito da formação dada no seminário do Espírito Santo: "Que estejam prontos para ser nomeados para uma zona rural do interior, permanecer junto de um hospital, dar instrução num colégio, ser professor num seminário ou dirigir uma comunidade pobre, ultrapassar as fronteiras do País e construir uma casa rudimentar; que estejam prontos a atravessar os mares até aos confins do mundo para ganhar uma alma para Jesus Cristo; a sua divisa é: eis-nos aqui, prontos a executar a vossa vontade – ecce ego, mitte me (Is. 6,8)" in Besnard (C), Vie de M. Louis-Marie Grignion de Montfort, Rome, Centre international montfortain, 1981, vol. 1, Documents et Recherches, IV, p. 283.***

Para remediar a tantos males que tinham origem na ignorância e na falta de formação dos padres sem recursos, foi necessário receber os estudantes pobres, durante quatro ou cinco anos, nas pequenas comunidades, para os fazer praticar todos os exercícios próprios de um seminário, para lhes ensinar o canto, a liturgia, as cerimónias, a pregação, a catequese e a administração dos sacramentos... Mas, com esta diferença dos grandes seminários: desde que conservassem os seus hábitos de uma vida sóbria.

"Nas pequenas comunidades, os estudantes alimentam-se de pão de rolão, toucinho, legumes, ervas, certo tipo de queijos e outros alimentos menos dispendiosos que fazem parte da mesa dos campesinos. Quem tiver sido educado desta maneira, poderá viver em qualquer lugar..."

Assim concebidas, as pequenas comunidades serão constantemente procuradas pelos senhores bispos que escolherão os padres para todo o tipo de ministério. Mas as missões também não serão esquecidas; as pequeninas comunidades prepararão: "*...missionários zelosos que irão instruir os povos, combater as heresias dentro e fora do País e pregar Jesus Cristo crucificado a todas as nações da terra, como se pode verificar pelas individualidades que saíram da Comunidade dos Estudantes Pobres de Paris, neste ano de 1680 e também nos anos precedentes. Veja-se que, desde o mês de Março do ano passado – 1679 – até Abril deste ano, quatro padres da referida Comunidade partiram para a China na qualidade de missionários; dois embarcaram para o Canadá...*"

Todas estas citações nos fazem compreender qual foi a linha de pensamento que, segundo o autor do manuscrito, inspirou a fundação das pequenas comunidades: assegurar aos clérigos sem recursos a mesma formação que poderiam ter obtido nos grandes seminários, com a pequena diferença de se lhes manter o hábito das refeições com sopa de alho, pedacinho de toucinho, pão trigueiro e um cozido igual para todos. E desta forma, mais tarde, estariam prontos a aceitar as pequeninas paróquias. Mesmo o pouco que o povo pudesse pagar-lhes, eles receberiam como uma pequena fortuna, já que se sentiriam melhor do que em casa dos pais e melhor também do que na casa de formação por onde tinham passado.

O fim a atingir é excelente. O meio empregue parece demasiado pragmático e obriga os estudantes pobres a fazerem da falta de condições uma virtude.

CARTA AOS ARCEBISPOS E BISPOS DE FRANÇA

Em 1701 aparecia em Paris um opúsculo com cerca de 100 páginas intitulado: *carta aos senhores arcebispos e bispos de França relativa à melhor educação que pode ser dada aos seus clérigos e às vantagens que daí resultariam para a Igreja.* Este documento era apenas o prefácio de um grande tratado sobre o mesmo tema. Estava assinado

J.A.D.D. as iniciais de Jacques Alloth du Doranleau, que tinha sido advogado, e entretanto responsável do priorado de Lande, na paróquia de Bruc, diocese de Saint-Malo.

O senhor prior Doranleau, como o chamavam os seus contemporâneos, era missionário desde há vinte anos. O seu documento era como que a cristalização de uma corrente de pensamento, a conclusão de uma reflexão comum desta equipa de missionários da Alta Bretanha na qual estavam Dom Leuduger, os eudistas, os jesuítas e também o padre diocesano Júlio Bellier. Visto que o padre Bellier tanto mantinha relações com o padre Doranleau como com Poullart des Places, sobre quem, desde há vários anos, exercia uma grande influência, podemos admitir que tenham existido alguns contactos entre o advogado que se tinha ordenado sacerdote e o jovem licenciado em Direito, que também o queria ser. Poullart des Places terá escutado do seu mestre em apostolado, as sugestões que o próprio padre Doranleau colocou por escrito e publicou. Cláudio foi também um dos primeiros leitores da *carta aos arcebispos e bispos*.

O padre Doranleau, a partir da sua experiência, referia este facto doloroso: na maioria dos casos, os frutos da missão, aparentemente bem feita, desapareciam rapidamente. Os missionários fazem o que podem "*para formar as consciências, para libertar as pessoas do meio sufocante dos espinhos do mundo e do joio do pecado e para lançar nelas a semente de uma nova vida cristã; mas aquele crescimento necessário para fazer brotar no coração dos fiéis os frutos que cada um deve apresentar a seu tempo (...) frequentemente, Deus fá-lo depender do cuidado particular dos párocos*". Então não podemos deixar de dizer que: "*... nas nossas províncias é raro encontrar aqueles que estejam realmente dispostos a sacrificar-se. Pode dever-se ao facto de não se encontrarem suficientemente capacitados, o que faz também com que, geralmente, os frutos dos seus trabalhos apostólicos se façam sentir por pouco tempo... Não é de estranhar que o rebanho de Jesus Cristo esteja exposto ao perigo de ser devorado, já que é conduzido por pastores pouco esclarecidos, que não passam de mercenários, que não se preocupam, e que fogem quando se apercebem da chegada do lobo.*"

E qual é o remédio para estes males? Pôr em prática as orientações do Concílio de Trento sobre os seminários. A maior parte dos sacerdotes não estão à altura do seu ministério sagrado "*... e temos a liberdade de perguntar: onde, quando e como é que os homens poderão adquirir esta perfeição? Onde é que estes mestres poderão beber estas verdades? Onde é que estes ministros poderão receber o espírito desta fidelidade?*"

"Pôr em prática as orientações do Concílio de Trento sobre os seminários. A maior parte dos sacerdotes não estão à altura do seu ministério sagrado"

Não são os cursos ministrados nos colégios que podem dar o espírito sacerdotal aos alunos externos que aliás são demasiado numerosos para que possam ter relações pessoais com os professores de filosofia e de teologia; nem são sequer os seminários onde os jovens clérigos passam apenas alguns meses antes de receberem a ordenação.

O que deve ser feito é concretizar, enfim, o ponto mais importante do decreto conciliar, aquele que diz respeito à gratuidade do

curso em favor dos estudantes pobres. Dentro das grandes causas da deplorável situação do clero devem ser consideradas, com efeito, as grandes despesas: "*... que esgotam frequentemente os recursos das famílias de um grande número que estudam apenas com o objectivo de se tornarem padres, estado para o qual eles têm certamente melhores aptidões do que os candidatos ricos, e que seria pena que não conseguissem lá chegar. (...) Os dons da graça e do espírito, sendo qualidades celestes, nada têm a ver com a carne, nem com o sangue, nem com os bens deste mundo: o Pai celeste reparte os seus dons a quem lhe apraz e fá-lo geralmente aos pequeninos e aos pobres de preferência aos grandes e aos ricos.*"

Estas grandes despesas suportadas pelas famílias transformam-se em hipotecas que pesam sobre o ministério dos escolásticos pobres já ordenados: "*Porque para remediar e reparar as privações pelas quais fizeram passar a família durante os seus estudos, sentem-se obrigados a angariar fundos materiais pelo ministério sacerdotal e fazem-no sempre em detrimento da própria Igreja. Só Deus sabe a desordem que isto provoca e quanto isto custa à Igreja e às suas consciências*".

Poder-se-á reduzir estes inconvenientes através da multiplicação dos colégios e com uma aproximação dos aspirantes ao sacerdócio das suas próprias famílias de forma a aligeirar as contribuições destas. Mas isto, por si só, não resolverá o problema...

"*... até que a piedade dos fiéis tenha assegurado a manutenção dos estudantes pobres, o que não deixará de se realizar desde que se tome a iniciativa. (...) Os meios e os auxílios chegarão em abundância.*"

Desta forma, portanto, para o padre Doranleau, o ideal seria a criação de pequenos seminários ou pequenas comunidades, onde, em conformidade com as intenções dos padres do Concílio de Trento e graças à generosidade dos fiéis, os estudantes pobres seriam, não somente alojados, mas também sustentados gratuitamente. Aliás, os estudantes pobres são chamados a participar tal como os ricos do sacerdócio de Cristo. Nada deve, portanto, ser negligenciado para lhes proporcionar as condições de tal dignidade. Será necessário sobretudo ensinar-lhes o que ele chamava "as quatro virtudes cardeais do sacerdócio: a piedade cristã, o zelo pela glória de Deus, o trabalho apostólico e a pobreza de espírito". E sobre cada uma destas virtudes, o padre Doranleau fez um *pequenino tratado*.

"os estudantes pobres são chamados a participar tal como os ricos do sacerdócio de Cristo. Nada deve, portanto, ser negligenciado para lhes proporcionar as condições de tal dignidade."

Cumpridas estas condições, os bispos encontrariam "os operários preparados para todo o tipo de trabalho na Vinha do Senhor, assim como bons párocos e vigários de paróquias sobre quem impendia a salvação do povo de Deus confiado à sua vigilância pastoral". Mesmo para além das missões diocesanas, encontrar-se-iam entre esses padres, os bons obreiros para as missões no estrangeiro:

"*Surgiriam vários que estariam dispostos a anunciar o Evangelho àqueles que ainda não o ouviram. A pobreza que existe nesses vastos paí-*

ses, segundo o que ouvimos falar, provoca a compaixão daqueles que não podem fazer mais por eles e leva-nos a ansiar também por uma instituição (pequeno seminário) que se encheria e daria infalivelmente os seus frutos. Como poderemos aceitar que existam apenas 72 obreiros na China, quando seriam necessários milhares? E como poderemos deixar de fazer algo mais para, pouco a pouco, formarmos os que seriam capazes de suceder aos que aí trabalham tão corajosamente?".

Até pode parecer que algumas destas citações do padre Doranleau se afastem do tema do seu manuscrito: as pequenas comunidades parisienses para a formação dos clérigos pobres. Porém, o espírito que ressalta do seu opúsculo fala mais longe e mais alto. Ele tem em vista um ideal que se pode concretizar: aceitar a totalidade das despesas dos estudantes pobres. Não pensa somente nos hábitos alimentares da sopa de alho e outros que levarão os estudantes, mas uma vez ordenados padres, estejam dispostos a aceitar de bom grado os ministérios mais "deserdados"; será necessária, para isso, a *virtude* da pobreza espiritual.

Acabava o opúsculo do padre Doranleau de ser publicado quando Cláudio Poullart des Places deixou Rennes e foi estudar teologia em Paris. Desde a sua chegada à capital, o seu amor pelas almas abandonadas levou-o a dar catequese aos limpa-chaminés:

"Desde a sua chegada à capital, o seu amor pelas almas abandonadas levou-o a dar catequese aos limpa-chaminés"

"Existia, já naquele tempo, como nos conta o seu primeiro biógrafo, uma atenção particular pelas obras mais difíceis e abandonadas. Reunia de vez em quando os jovens savoianos e ensinava-lhes o catecismo sempre que podia, persuadido de que as suas almas não eram menos queridas a Jesus Cristo do que as dos grandes senhores, esperando deles tantos ou mais frutos."

Após a sua chegada a Paris, começou a ajudar, material e espiritualmente, os estudantes pobres pelo que não demorou a descobrir que era isso mesmo o que Deus esperava dele. Sabemos que este assunto era bem claro para ele, quando, em Abril de 1703, o seu amigo Grignion de Montfort lhe propôs tornar-se seu associado na Companhia de Maria que ele projectava fundar.

«O senhor Places foi aquele sobre quem fixou a atenção para executar o seu projecto. Foi visitá-lo, propôs-lhe o seu plano e convidou-o a unir-se a ele para constituir o fundamento daquela boa obra (Companhia de Maria). Cláudio respondeu-lhe com toda a candura da sua alma: "Não me sinto atraído pelas missões, mas reconheço o muito bem que por elas se pode fazer. Não deixarei, pois, de contribuir com todas as minhas forças para que elas se realizem. (...) Você sabe que, desde há algum tempo, distribuo tudo o que está ao meu alcance, para ajudar os estudantes pobres a prosseguirem os seus estudos. Conheço vários que teriam disposições admiráveis, mas que, por falta de auxílio, as não podem fazer valer e são

obrigados a enterrar talentos, que, se fossem cultivados, seriam muito úteis à Igreja. É a isto que eu queria aplicar-me, reunindo-os numa mesma casa. Parece-me ser isto o que Deus me pede"».

Na realidade, Poullart des Places tinha sonhado consagrar-se às missões, pelo menos às missões longínquas, mas tinha feito sua aquela conclusão dos padres Doranleau, Bellier e dos missionários da Alta Bretanha que dizia que, para ir em auxílio das almas abandonadas, de um modo eficaz, era necessário primeiramente preparar obreiros apostólicos, virtuosos e capazes. Tem consciência de que a ciência é inseparável da virtude. Costumava dizer que tanto temia a fé e obediência à Igreja de um padre instruído, mas sem piedade, como o zelo cego de um padre piedoso mas sem instrução. Como se pode ver pela resposta dada a Grignion de Montfort, compadecia-se da penúria dos estudantes pobres, e lamentava-se sobretudo por causa das consequências: aqueles talentos enterrados, por não terem sido cultivados, estavam condenados a permanecerem estéreis, o que significava uma grande perda para a Igreja. Para as missões, ele não pretende enviar operários formados à pressa, sob pretexto de que é urgente, mas quer antes enviar obreiros bem qualificados. Para a formação destes não poupará tempo nem esforços. Uma vez ordenados padres, após 2 anos de filosofia e 4 de teologia, estes clérigos poderão permanecer ainda dois anos na sua comunidade a fim de melhorarem a preparação apostólica. Isto porque, a seus olhos, a alma dos pobres limpa-chaminés, como a dos grandes senhores e a dos pobres dos hospitais ou dos pagãos, valem o sangue de Cristo.

"Para as missões, ele não pretende enviar operários formados à pressa, sob pretexto de que é urgente, mas quer antes enviar obreiros bem qualificados."

Mas não poderá o óptimo ser inimigo do bom? Não se sentirão tentados estes jovens padres a tirar proveito pessoal e material dos talentos que longa e cuidadosamente lhes foram ensinados? Não. Se sentirem a tentação, não se deixarão cair, porque na casa de Poullart des Places a pobreza não tem tanto a ver com os recursos mas mais com uma mística, ou seja, a pobreza espiritual fará não só aceitar, como também amar e procurar a pobreza material.

Esta pobreza espiritual, *virtude cardeal do sacerdote*, Poullart des Places não se cansava de a recomendar nas suas conferências de espiritualidade, nos encontros pessoais e pregava-a sobretudo pelo seu exemplo. Herdeiro de uma imensa fortuna, tinha feito voto de pobreza, partilhava a vida com os seus colegas estudantes, recusando três benefícios que o seu pai lhe tinha conseguido da Sé de Roma.

"Esta pobreza espiritual, virtude cardeal do sacerdote, Poullart des Places não se cansava de a recomendar"

Mesmo depois da morte do fundador, o Seminário do Espírito Santo guardará como uma tradição de família este amor à pobreza. A partir das pesquisas das biografias dos antigos alunos da rua Neuve-Sainte-Geneviève ou da rua des Postes, onde esteve sediado o seminário, é fácil encontrar dados apologistas da pobreza espiritana. Basta-nos referir os exemplos de Pedro Caris e José Hédan. O primeiro, conhecido como confidente de Poullart des Places e mais fiel seguidor dos seus ensinamentos, mereceu ser chamado o *padre pobre*. O

segundo, que entrou no Seminário do Espírito Santo em 1707, consagrou a maior parte da sua vida sacerdotal aos pobres do hospital de *la Rochelle*. Ao aproximar-se o momento da sua morte, tinha no bolso um saldo de seis libras[7]. Foi o que ele ofereceu a um pobre, dizendo: «Nasci pobre, vivi pobre e quero morrer pobre».

Eis, pois, como as almas abandonadas constituíam a preocupação primordial de Poullart des Places. E é no seu projecto que devemos encontrar a inspiração deste trecho da Regra da Comunidade e Seminário do Espírito Santo, escrita pelo padre Bouïc em 1733: «Pro fine habet (...) pauperes Clericos educare, qui sint, in manu Praelatorum parati ad omnia, Xernodochiis inservire, Pauperibus et etiam Infidelibus Evangelizare, munia Ecclesiae infima et laboriosa magis pro quibus ministri difficile reperiuntur non modo suscipere sed etiam toto corde amare et prae caeteris eligere».

Traduzindo: «O instituto tem por fim formar clérigos pobres, no zelo pela disciplina eclesiástica e no amor das virtudes, sobretudo da obediência e da pobreza, de modo que se coloquem à disposição dos seus superiores prontos para tudo: tanto para servir nos hospitais, como para evangelizar os pobres e mesmo os infiéis; dispostos não só a aceitar, mas também a amar de todo o coração e a escolher de preferência os ministérios mais humildes e os mais cansativos para os quais dificilmente se encontram obreiros».

"O instituto tem por fim formar clérigos pobres, dispostos não só a aceitar, mas também a amar de todo o coração e a escolher de preferência os ministérios mais humildes e os mais cansativos para os quais dificilmente se encontram obreiros."

[7] *Moeda que existia em França no tempo de Poullart des Places.*

Cláudio Poullart des Places dando a comunhão

Este quadro do século XVIII – que se encontra na Casa Geral, em Roma – inspira-se naquele que foi pintado em 1709, imediatamente após a sua morte. No ângulo está escrito: M. Poullart des Places, fundador da comunidade e do Seminário do Espírito Santo em 1703.

8. Poullart des Places e a reforma do clero

Cláudio Poullart des Places não foi um inovador como S. Bento, Francisco de Assis, Santo Inácio ou Libermann. Ele insere-se na corrente renovadora do clero do século XVII, que respondia aos apelos do Concílio de Trento (1545-1563), realizado um século antes, e que elaborou um programa de renovação para toda a Igreja.
A Igreja vivia uma das mais graves crises da sua história e a reforma da Igreja era incontornável. Nesta crise sobressaía a decadência do clero e da vida monástica. Foi contra esta crise que explodiu a Reforma Protestante e que foi convocado o Concílio de Trento.

1. O CONTEXTO E AS INFLUÊNCIAS DE POULLART DES PLACES NA REFORMA DO CLERO

A Reforma da Igreja vai processar-se em várias frentes e reveste duas modalidades: uma institucional e outra carismática.

1.1. A nível institucional o pico dessa reforma foi o Concilio de Trento. O Concílio prolongou-se por três período distintos: o primeiro teve lugar sob Paulo III de 1545 a 1549; o segundo sob Júlio III de 1551 a 1552; o terceiro finalmente após uma longa interrupção sob Pio IV, de 1562 a 1563. Foi uma reforma global de toda a Igreja tanto no campo doutrinal como no disciplinar. Desta reforma, merece relevo especial o campo da reforma do clero.

---

* *Adélio Torres Neiva, missionário espiritano, licenciado em História pela Universidade de Coimbra, professor de Missiologia na Universidade Católica, Chefe de Redacção da revista Portugal em África, Director da Revista Encontro. Foi Conselheiro Geral da Congregação do Espírito Santo de 1974 a 1986 e tem escrito vários livros, dezenas de artigos e proferido centenas de conferências, merecendo particular destaque a Historia da Província Portuguesa. Actualmente é o Redactor chefe da revista "Missão Espiritana".*

O decreto da reforma do clero e a criação dos seminários há muito esperada, foi talvez o que mais impacto viria a ter. Se o concílio de Trento não tivesse feito outra coisa senão instituir os seminários, teria já prestado um grande serviço à Igreja. São os chamados *seminários conciliares*.

O seminário tinha já precedentes.

O seminário tinha já precedentes. Santo Agostinho, Santo Hilário de Arles e muitos outros bispos tinham já o costume de agruparem á sua volta os seus clérigos e os seus padres para os formar no ministério sacerdotal. E por vezes fazer até comunidade com eles. Mais tarde houve junto de cada catedral uma escola para o desenvolvimento moral e intelectual dos ministros do altar. Mas a multiplicação infinita de paróquias rurais e de benefícios eclesiais haviam engendrado uma situação nova. Duas fundações recentes em plena Roma, haviam aberto uma pista em que o concílio se iria lançar: a do colégio germânico por Santo Inácio de Loiola em 1552 e a do Seminário inglês pelo Cardeal Reginaldo Polé em 1556. Foi a partir deste modelo que o papa e o seu Secretário de Estado Carlos Borromeu, pensaram na criação de um seminário romano que devia concluir-se precisamente nesse ano de 1563, em que o concílio se concluía. O concílio mais não fez que generalizar esta instituição. Esta foi, na sua acção reformadora, a proposta mais feliz e mais inspiradora. É no Capítulo 18 da sessão 23, que se encontra a ordem do concílio que manda criar em cada diocese um seminário: "*Estabelece o santo concílio que todas as igrejas catedrais, metropolitanas e outras superiores a estas, segundo as suas rendas e a extensão do território, sejam obrigados…a restaurar e a educar virtuosamente e a instruir na disciplina eclesiástica certo número de meninos da mesma cidade ou diocese ou daquela província, se no bispado os não houver, um colégio contíguo à mesma Igreja ou em outro lugar conveniente que o bispo elegerá. Neste colégio, pois, serão admitidos aqueles que tiverem pelo menos doze anos, e se forem nascidos de legítimo matrimónio, e saibam ler e escrever competentemente e cuja índole e desejo dêem esperanças de que se entregarão perpetuamente aos ministérios eclesiásticos. O concílio quer que se escolha de preferência filhos dos pobres, mas nem por isso exclui os ricos, contanto que se sustentem á sua custa e mostrem vontade de servir a Deus e a Igreja. Dividirá o bispo estes meninos em tantas classes quantas lhe parecer, conforme o seu número, idade e progresso na disciplina eclesiástica; parte deles, como parecer conveniente empregará no ministério da Igreja e parte conservará no colégio, substituindo outros no lugar dos que se tiraram, de modo que este colégio seja perpetuamente seminário de ministros de Deus.*

Para serem mais facilmente instruídos na disciplina eclesiástica se lhes dará logo ao princípio a tonsura que usarão sempre com o hábito clerical. Aprenderão gramática, canto, cômputo eclesiástico e outras boas artes e além disso, instruir-se-ão na Sagrada Escritura, Livros Eclesiásticos, homilias dos santos e no concernente à administração dos sacramentos, principalmente no que respeita a ouvir as confissões e as formas dos ritos e cerimónias da Igreja. Cuidará o bispo em que ouçam missa todos os

dias e se confessem dos seus pecados ao menos uma vez por mês e conforme o juízo do confessor, recebam o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, ministrem na catedral e em outras igrejas do lugar nos dias festivos. Tudo isto e o mais que parecer oportuno e necessário para este negócio, estabelecerão todos os bispos com o conselho de dois cónegos dos mais velhos e graves, que elegerem, segundo o Espírito Santo lhe inspirar e procurarão que esta instituição se observe visitando-os muitas vezes. Castigarão com severidade os orgulhosos e incorrigíveis e que semearem maus costumes, expulsando-os se for preciso"

Em resumo: para a reforma do clero o concílio aposta sobretudo na formação dos futuros padres. Esta formação inclui: a preferência pelos pobres, a vida em comunidade, a formação teológica, a vida evangélica ou de piedade e um quadro disciplinar exigente.

"para a reforma do clero o concílio aposta sobretudo na formação dos futuros padres."

***1. 2.* A nível carismático**, esta reforma foi sobretudo assumida por um conjunto de santos que estiveram na base da reforma ou da criação de outros tantos institutos religiosos. A provocação do Concílio de Trento e os desafios do Renascimento e da descoberta de uma nova cultura e de novos mundos foram interpelações que despertaram todo um movimento de renovação da Igreja em todas as suas frentes.

Nas antigas ordens lembremos a reforma dos Franciscanos por S. Pedro de Alcântara (1540), conhecida por "Descalços ou de estrita Observância" e o aparecimento dos Capuchinhos (1526) também conhecidos por "Ermitas Franciscanos". Lembremos entre os Carmelitas a reforma dos "Descalços" e dos "Recolectos "(assim chamados por se retirarem para casas de recolecção). Lembremos na vida contemplativa, a reforma de Teresa de Ávila que abandona o convento da Encarnação de Ávila para assumir a radicalidade do Caramelo das origens, fundando o convento de S. José (1563) logo seguida de S. João da Cruz, o contemplativo de Segóvia (1568). Lembremos Santo Inácio de Loyola (1534) e os Jesuítas que se abrem aos novos espaços da evangelização que os novos tempos tinham posto a lume. Lembremos na vida missionária S. Francisco Xavier e os novos caminhos da missão nas terras longínquas, que os Descobrimentos abriram. Lembremos a evangelização da saúde com S.Camilo de Lélis e os seus companheiros. Lembremos o Oratório de S. Filipe de Néri (1575) a criar espaço para a renovação do clero (1575). Lembremos S. José Calazanzo e os seus Esculápios na evangelização do planeta jovem (1597). Lembremos S. João de Deus (1539), convivendo com os doentes mentais procurando integrá-los nos caminhos do Evangelho. Lembremos Santa Ângela de Merici e as Ursulinas, criando um modelo de vida religiosa integrado no mundo e abrindo o seu espaço à juventude feminina. Lembremos Frei Bartolomeu dos Mártires e a evangelização do mundo rural. E podíamos ainda lembrar S. Francisco de Sales,(1567) utilizando os meios modernos e tecnologias de ponta do seu tempo para fazer circular a mensagem evangélica em

todas as frentes da sociedade e S. Vicente de Paulo com Santa Luiza Marillac a abrir os caminhos do Evangelho pelas periferias e margens do sofrimento humano.

"A grande novidade desta época é o aparecimento dos clérigos regulares, um clero que procura a sua renovação assimilando os valores essenciais da vida religiosa. São uma síntese entre o apostolado sacerdotal e a vida religiosa."

1. 3. A criação dos clérigos regulares no século XVI. Fixemo-nos apenas na reforma do clero. A grande novidade desta época é o aparecimento dos clérigos regulares, ou seja, um clero que procura a sua renovação assimilando os valores essenciais da vida religiosa. São uma síntese entre o apostolado sacerdotal e a vida religiosa. Eles compreendem entre outros a Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio (1534), os Camilianos por S. Camilo de Lelis, os Esculápios de S. José Calazanzo, para só falar nos mais conhecidos.

Estes clérigos regulares apresentam um conjunto de características comuns que serão a primeira fonte de inspiração de Poullart des Places:

1. Ao contrário de quase todos os fundadores de institutos religiosos do tempo anterior que em geral eram leigos, agora, ***todos são padres***, pelo menos eram-no no momento em que conseguiram a aprovação da sua congregação; no entanto a maior parte deles concebe o seu projecto antes de receber a ordenação sacerdotal. Eles dão-se conta que para realizar o seu projecto, a ordenação sacerdotal era indispensável. O sacerdócio aparece aqui como garantia de uma formação séria. O mesmo acontecerá com Poullart des Places. O sacerdócio é menos fruto de uma opção pessoal que de um imperativo da obra.

2. *A abertura aos novos tempos ou a internacionalidade*. A Companhia de Jesus pode ser tomada como ponto de referência pois totaliza mais membros que as outras fundações todas juntas. Começa logo a 15 de Agosto de 1534 na capela de S. Denis de Monserrate, com três nacionalidades: Inácio de Loiola, Francisco Xavier, Diogo Lainez, Afonso Salmeron, Nicolau Bobadilha, espanhóis; Pedro Faber: da Sabóia, e Simão Rodrigues de Portugal. A sua finalidade é colocar-se à disposição do papa para ir trabalhar entre os infiéis ou entre os hereges e cismáticos ou mesmo entre os fiéis. Um leque que abrange todos os espaços da evangelização do novo mundo. Será esta abertura de horizontes que permitirá aos padres de Poullart des Places abrirem-se à Acádia e ao Quebec e às colónias francesas.

3. *Uma constituição síntese.* Inácio com os seus companheiros redige umas novas Constituições; os outros institutos contentam-se com adaptar a Regra de Santo Agostinho, acrescentando-lhe uma série de disposições práticas. As Constituições de Santo Inácio referem-se constantemente à sua caminhada espiritual e às reflexões do primeiro grupo de Roma de 1539. Procuram a harmonia entre as aspirações evangélicas e as modalidades apostólicas.

4. *A exclusão das exigências monásticas*. Os clérigos regulares, quanto à organização, quase não apresentam novidades: as estruturas são herdadas das Ordens mendicantes. O que fazem é suprimir

todos os elementos monásticos; o seu género de vida é apostólico, oposto ao monástico: deixam cair o ofício divino em comum, o hábito religioso, as penitências, etc. Por outro lado intensificam a oração pessoal com a meditação e a contemplação de Cristo e dos santos. Pretendem estar disponíveis para a actividade apostólica. É um modelo de vida religiosa, mas liberta das exigências monásticas. Também aqui converge a opção de Poullart des Places.

5. *Uma formação escolar intensa.* Para os s monges canónicos e os mendicantes a escola em que eram formados até ao fim da vida era a vida comum. Não tinham outro espaço formativo. Quem os formava era a vida religiosa como tal. Os clérigos regulares, ao contrário, vão ter alguns anos de formação unicamente consagrados para esse efeito. Esta formação é-lhes ministrada já não nos conventos, mas em casas de formação, em seminários, noviciados e escolasticados. São estruturas que antecedem a vida religiosa. É uma formação intensiva segundo as exigências do concílio de Trento. Santo Inácio prevê um noviciado de dois anos em vez de um, previsto na lei. Após o noviciado, todo o relevo é dado aos estudos. Após os estudos, terceiro ano de noviciado. Santo Inácio dizia que se os Jesuítas tomassem este programa a sério, não precisariam de outras práticas para serem bons religiosos. Vai ser exactamente esta a postura de Poullart des Places.

6. *Uma acção apostólica concertada*. Os clérigos regulares são formados à base de uma actividade apostólica concertada. Mas em vez de se fixarem numa actividade particular como tal, vivem sobretudo uma espiritualidade, que servirá de base para todas as atividades. O que os une é um espírito comum, exactamente como acontecerá com Poullart des Places. Por isso as suas tarefas podem ser muito diversificadas: ensino, educação da juventude, evangelização, saúde, missões, etc. Pode dizer-se que o serviço da Igreja ou do povo de Deus é o motor dos clérigos regulares. O trabalho dos superiores será sobretudo coordenar e orientar as atividades. A obediência torna-se uma característica maior. A obediência ao serviço de uma estratégia comum. Para os anacoretas a obediência era "ouvir " o mestre; para os monges era a inserção na vida comum; para os mendicantes era a comunhão numa orientação preferencial do grupo.

"Para os anacoretas a obediência era "ouvir " o mestre; para os monges era a inserção na vida comum; para os mendicantes era a comunhão numa orientação preferencial do grupo."

A nota distintiva dos clérigos regulares é a sua associação em vista de uma acção apostólica concertada. A comunidade será concebida à imagem de uma armada espiritual com a necessidade de um general para supervisionar o conjunto dos problemas e dos efetivos. É agora que aparece pela primeira vez o cargo de *superior*.ou "prepósito". A comunidade religiosa foi primeiro estruturada segundo o modelo da vida rural, com o *pai-abade* de S. Bento; as ordens mendicantes vão conceber a autoridade na linha da fraternidade: o *ministro* ou seja o mínimo dos menores como acontecia com os Franciscanos ou então o primeiro dos irmãos: o *prior* dos Dominicanos. Mas agora com a Renascença e o paradigma dos Reinos, em vista à eficácia da missão nos novos contextos, a imagem da autoridade passa a ser a de chefe, superior.

1. 4. As novas modalidades de Vida Consagrada nos séculos XVII e XVIII: as Sociedades de padres de vida comum e as Congregações clericais. Um outro passo na reforma do clero vai ser o aparecimento *de Sociedades de padres de vida comum* ou Sociedades Apostólicas, como hoje dizemos, e as *Congregações clericais.*

"No século XVI a vida religiosa ficou marcada por duas grandes coordenadas: a criação dos clérigos regulares e a renovação das antigas ordens."

No século XVI a vida religiosa ficou marcada por duas grandes coordenadas: a criação dos clérigos regulares e a renovação das antigas ordens.

Agora continuam a surgir congregações à procura de novas fórmulas adaptadas às necessidades dos tempos novos: mais de 30.

As três principais inovações são: as *Sociedades de Padres com vida comum*, as *Congregações clericais* e as *Congregações laicais.* As Congregações laicais, como os Irmãos das Escolas Cristãs de S. João Baptista de La Sale e os Monfortinos de S. Luis Maria Grignion de Monfort, na sua primeira fase, não entram no projecto da renovação do clero, pois que se destinam exclusivamente a leigos.

1. *As Sociedades de padres de vida comum*

Já no século XVI S. Filipe de Néri, em Roma, tinha dado origem a uma nova fórmula de associação de padres. Organizou cursos e conferências para elevar o nível cultural e intelectual dos que se destinavam ao sacerdócio. Estes encontros tinham lugar no oratório da sua casa; daí o nome da Sociedade. Filipe de Néri não se preocupou muito com elaborar uma Regra ou dar uma organização estável à sua Sociedade. Os padres no Oratório não tinham votos e podiam deixar o Oratório quando quisessem. As casas eram independentes, o bispo do lugar era o seu superior espiritual.

Cinquenta anos após o primeiro Oratório de Roma, Bérulle (1575-1625) funda também um Oratório em Paris, para a reforma do clero. Tem no entanto, uma organização mais sólida que a do Oratório de S. Filipe de Néri. Não professam votos mas têm um superior geral vitalício, capítulo geral de três em três anos.

Na França aparecem ainda várias outras fundações no século XVII, com o mesmo objectivo de dar uma vida nova ao clero: Os Lazaristas (1625) os Sulpicianos (1624), os Eudistas (1663) e os Espiritanos (1703).

Os *Lazaristas* ou *Congregação da Missão* fundada por S. Vicente de Paulo para as missões populares mantêm a fórmula dos clérigos regulares, mas com votos privados.

O *Sulpicianos*, agrupados por M. Olivier, que veio a ser cura de S. Sulpício em Paris, era uma sociedade para a formação do clero. Os seus sucessores ocupar-se-ão de quase todos os seminários da França. São padres seculares, sem votos com uma espécie de noviciado – o "ano da solidão " – põem em comum as suas rendas, guardando a propriedade dos seus bens.

Os *Eudistas* fundados por S. João Eudes, são consagrados às missões populares e ocupam-se dos seminários.

As *Missões Estrangeiras de Paris*, são uma associação de leigos e

padres, fundada pelo jesuíta Alexandre de Rodes para a missão entre países não cristãos, sobretudo na Ásia. Só se comprometem definitivamente na obra após 3 anos passados em terras de missão.

Os *Espiritanos* fundados por Poullart des Places (1679- 1709) eram uma Sociedade para a formação exclusivamente para clérigos estudantes pobres. Após a sua morte dois dos seus companheiros Yacinthe Garnier e Louis Bouic continuam a sua obra organizando o seminário que ele havia lançado. A partir de 1740 deixam a formação do clero pobre das dioceses de França, pois que então já as dioceses dele se ocupavam, para se dedicarem á formação do clero colonial e à evangelização entre os infiéis.

No século XVII aparecem também as congregações clericais que juntam padres e leigos na mesma vocação, mas com predomínio dos padres: a 2ª fase dos *Monfortinos*, os *Passionistas* de S. Paulo da Cruz, os *Redentoristas* de Santo Afonso Maria de Ligório, etc.

Características comuns destas fundações:

– O fim destas fundações era a evangelização sobretudo das massas populares, mas para isso impunha-se uma condição preliminar: a formação espiritual dos padres. E muitas vezes o fim geral era esquecido para dar prioridade ao fim específico. Pouco a pouco as Sociedades de padres transformaram-se em cenáculos. Enquanto os fundadores dos Clérigos regulares se tornam padres sob a pressão das circunstâncias, nas Sociedades de Padres de vida comum deu-se o contrário: Berulle, Olivier, Eudes, Vicente de Paulo, Poullart des Places foram destinados muito cedo para o sacerdócio. Isto levou também a ver o apostolado unicamente sob o ponto de vista do padre.

– As sociedades de Padres não têm votos públicos que até aqui eram considerados como sinal distintivo da vida religiosa: Poullart des Places não terá votos.

– Abandonam o título de ordem e renunciam a ser considerados religiosos: são mudanças que vão contra tradições seculares. São Sociedades de vida apostólica.

– Por outro lado têm estruturas semelhantes às dos mendicantes e clérigos regulares: regra, superior, assembleia-geral, poder executivo e poder legislativo.

– Obedecem ao superior por promessas ou juramento, professam o celibato, guardam o direito de propriedade mas põem os rendimentos em comum. Quer dizer: não pronunciam votos públicos mas vivem-nos e na prática pouca diferença fazem dos religiosos. A sua originalidade é mais no plano jurídico que prático. Ao fim e ao cabo situam-se na linha dos clérigos regulares. A vida apostólica é o seu grande objectivo: para isso se associam em comunidade.

"Todos os fundadores são padres e o seu recrutamento limita-se ao meio sacerdotal"

– Todos os fundadores são padres e o seu recrutamento limita-se ao meio sacerdotal: a santificação dos membros é uma prioridade em vista do trabalho apostólico. A santificação pessoal é decisiva para a sua vocação. Todos os fundadores situam as suas aspirações à santidade como suporte das actividades apostólicas. A santificação

dos membros é concebida como intensificação da sua vida espiritual, e é condição sine qua non para o apostolado.

– O grande objectivo dos seus membros é serem padres santos e zelosos. Por isso privilegiam a união dos espíritos e dos corações no interior dos círculos privados.

"há todo um conjunto de pequenas comunidades que vão emergindo nesta linha e que, sem dúvida, terão servido de inspiração a Poullart des Places"

Além destas iniciativa de porte, há todo um conjunto de pequenas comunidades que vão emergindo nesta linha e que, sem dúvida, terão servido de inspiração a Poullart des Places: o *seminário do P. Bellier*, (director espiritual de Cláudio, 1683), as *pequenas Comunidades da Providência*, do P. Changièrges(1650) e outras.

De notar que apesar de todas estas iniciativas, a reforma proposta pelo Concilio de Trento levou tempo a chegar à França. Cem anos depois do concílio ainda os seus documentos não estavam traduzidos em francês.

2. PERFIL DE POULLART DES PLACES COMO FORMADOR DE UM CLERO RENOVADO

Penso que no decurso desta exposição já foi emergindo o perfil de Poullart des Places como formador do clero e o seu contributo para a sua renovação. Efectivamente é no quadro de todos estes movimentos de renovação do clero que Poullart des Places se situa. Vou apenas sublinhar algumas das chaves de leitura mais sugestivas que nele emergem para a renovação do clero.

A mística de Poullart des Places assenta em três pilares: *a docilidade ao Espírito Santo, a vida de comunidade e o serviço dos pobres.* É nestes pilares que temos de alicerçar a nossa identidade das origens.

"A sua vida foi a grande escola de formação para os primeiros espiritanos."

2. 1. Para Poullart des Places* ser *formador era antes de mais nada deixar-se formar. De facto toda a sua vida foi o percurso de um formando. É preciso não esquecer que Cláudio ao mesmo tempo que era formador também ele se preparava para receber o sacerdócio. O seu itinerário espiritual é um itinerário de quem procura o seu caminho. A sua vida foi a grande escola de formação para os primeiros espiritanos. Não nos deixou outras orientações nem outro código para a formação dos espiritanos. Nos apontamentos do seu retiro de 1701 sobre a escolha de um estado de vida, ele fala num "*plano de vida para atingir a perfeição*" ou seja numa Regra de Vida, mas dessa regra de vida só nos restam 4 páginas com os pontos 12 a 15, que provavelmente elaborou durante o primeiro semestre no Colégio de S. Luís. Os poucos escritos que nos deixou, à excepção dos Regulamentos, todos falam dele, dos seus problemas, das suas dificuldades, das suas aspirações, dos seus sonhos. Ele ensina-nos que uma vocação não aparece feita, é preciso aceitar períodos de reajustamento do sim inicial, a fim de lhe dar um fundamento mais sólido. No percurso da sua vocação Poullart des Places ensina-nos que se tudo é dado desde o princípio, tudo fica para se fazer passo a passo. Ele ensina-nos

a descobrir caminhos não programados que são para nós ocasião de crescimento, quando ao tempo das certezas sucede o das dúvidas e das perguntas, ao tempo do fervor sucede o do deserto e por vezes, mesmo o da noite. O percurso formativo está cheio de etapas, de conversões necessárias para renovar as nossas convicções na oração, na vida de comunidade, nos apelos do Espírito e da Igreja ao serviço dos pobres e do Evangelho.

2. 2. A passagem da devoção ao Espírito Santo à docilidade ao Espírito Santo. Poullart des Places nasceu num meio marcado pela devoção ao Espírito Santo. Os Jesuítas que evangelizaram a sua Bretanha tinham deixado as marcas do Espírito Santo por toda a parte: pregação, confrarias, novenas, devoções. Depois, nos colégios, as marcas do Espírito Santo continuavam através dos seus mestres espirituais, as Assembleias dos Amigos, as leituras, as experiências apostólicas etc. A sua inserção no quadro dos Jesuítas foi verdadeiramente a moldura do seu itinerário espiritual.

Mas a grande conversão deu-se quando ele passou da devoção à docilidade. O Espírito Santo então deixa de ser uma devoção para se tornar a sua razão de ser. Foi uma conversão difícil de que ele nos dá conta nos seus escritos. Foi quando descobriu a revelação do amor de Deus por ele que o fez ultrapassar todas as barreiras. No seu retiro de 1701 ele faz uma releitura da sua vida, toma consciência deste Deus que sem cessar o procura, o persegue e que não o deixa em paz. Então todas as barreiras caem e ele perde todas as suas defesas. A partir desse momento ele não tem outro desejo senão dar-se a Deus, corresponder a esse amor. Ele entrega-se a ele com todos os seus defeitos, as suas sombras e as suas luzes. A partir daí a docilidade ao Espírito Santo será a bússola que o vai guiar. A disponibilidade apostólica será a marca de origem dos Espiritanos. Será no horizonte desta disponibilidade que ele conhecerá os pobres e se porá do seu lado. E quando Grignion de Monfort lhe vem pedir para colaborar com ele nas missões populares no oeste da França, o seu futuro já estava decidido: ajudar os estudantes pobres na sua formação para o sacerdócio. "*Parece-me o que Deus me pede e várias pessoas esclarecidas me confirmaram neste projecto.*"

"a grande conversão deu-se quando ele passou da devoção à docilidade. O Espírito Santo então deixa de ser uma devoção para se tornar a sua razão de ser."

2. 3. A passagem do acolhimento dos pobres à vivência da pobreza. Poullart des Places descobriu os pobres na companhia do P. Bellier quando visitava o hospital de Saint Yve, onde se refugiavam os sem abrigo e abandonados da rua. Descobriu depois os limpa-chaminés e os estudantes pobres, aspirantes ao sacerdócio que vagueavam pelas ruas de Paris.

Um segundo passo deu-o quando um desses aspirantes entrou na sua vida e com ele começou a partilhar a pensão e a casa: J.B. Faulconnier. Em 1702 começa a alojar alguns deles numa casa à parte. Foi a partir daí que começou a diminuir a distância que o separa-

"a verdadeira conversão deu-se quando aprendeu dos pobres a ser pobre. Então a sua casa deixa de ser um recolhimento de abandonados para se tornar um cenáculo onde a pobreza é vivida como bem-aventurança do Reino."

va dos pobres e a passar de benfeitor a companheiro, igual a eles. Mas a verdadeira conversão deu-se quando aprendeu dos pobres a ser pobre. Então a sua casa deixa de ser um recolhimento de abandonados para se tornar um cenáculo onde a pobreza é vivida como bem-aventurança do Reino. Os pobres ensinaram a pequena comunidade a descobrir a pobreza de Jesus Cristo, a pobreza do Evangelho. Poullart des Places descobriu a pobreza através dos pobres que recolheu mas também através de sucessivas escolhas e por vezes difíceis pelo desapego radical de si mesmo, das suas seguranças e dos seus projectos, para não se enraizar senão na fé e na confiança em Deus, para se tornar disponível ao Espírito Santo. E esta foi outra das grandes chaves de leitura de Poullart des Places como formador.

2. 4. A *partilha das responsabilidades.* Em 1704, Cláudio atravessa uma crise profunda. Passados seis meses após a fundação da comunidade, ela conta já uns quarenta aspirantes e Cláudio é solicitado por um conjunto de tarefas que o ultrapassam: alimentação, alojamento, formação, os problemas, a sua própria preparação para o sacerdócio. Cai num esgotamento físico e numa grande depressão moral. Foi o seu tempo de deserto e de silêncio. Chega a pôr em causa a própria obra, de tal maneira se sentia esmagado por ela. Foi então que, como de costume fez mais um retiro de que fala nas "Reflexões do passado." Recorre a um director espiritual reconhece que o seu grande problema era a falta de distância entre ele e os seus discípulos. Terá que renunciar à paternidade exclusiva da sua obra, partilhando as responsabilidades com outros. Escolhe colaboradores para o ajudarem na direcção da obra e assim, ele poderá ficar mais livre para pacificar o seu interior e continuar os seus estudos de preparação para o sacerdócio. A esse grupo pertencem Vincent Le Barbier e Louis Bouic. Assim nasce o grupo de formadores, que será o núcleo dos *Messieurs du Saint Esprit*, primeira célula do que viria a ser a Congregação do Espírito Santo. Também por aí passou a sua escola da pobreza.

2. 5. A *prevalência do espírito sobre a estrutura*. Uma das constantes dos clérigos regulares do pós tridentino foi a vivência do sacerdócio aproveitando, não tanto a estrutura como os valores da vida religiosa. A comunidade de Poullart des Places corresponde perfeitamente a este modelo.

Efectivamente de Poullart des Places nós herdamos mais um espírito que uma estrutura. A Comunidade viveu sem existência legal durante trinta anos, sem se saber bem se era seminário, se era comunidade. Dava para os dois. E quando em 1734 ela assumiu uma estrutura visível, esta consistia apenas num corpo de directores requeridos pela lei civil, para que pudesse ter personalidade jurídica. Os directores não faziam promessa nem votos de religião, mas apenas um contrato em que se comprometiam a observar os

estatutos, de resto muito simples... Como diz H. Koren, o vigor desta fundação não provinha da sua organização mas do seu carisma. O que eles tinham em comum era a concepção do sacerdócio. Ser padre para eles significava uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito Santo para o serviço dos mais pobres e abandonados, acompanhada de uma pobreza voluntária. Para eles viver esta concepção do sacerdócio bastava para lhes fazer viver a vida religiosa na sua radicalidade e os seus compromissos apostólicos não precisavam de qualquer promessa. O que os motivava não era o quadro legal mas a fidelidade ao Espírito Santo. Não deixa de ser curioso como eles encontraram na renovação do sacerdócio a sua vocação religiosa.

2. 6. ***Uma formação teológica de qualidade.*** O Concílio de Trento tinha criado os seminários para a formação dos aspirantes ao sacerdócio. E o programa que propõe para essa formação era exigente. Poullart des Places insere o programa académico dos estudantes na linha dessa exigência. Os estudos incluíam: três anos de Filosofia, compreendendo as ciências novas, a Matemática e a nova teoria da física de Newton, depois cinco anos de estudos teológicos e finalmente, se necessário um mestrado: dois anos de Direito Canónico ou de Sagrada Escritura. A pastoral dos mais pobres e abandonados merecia todo o esmero desta preparação de nível universitário. Nem hoje os programas de formação dos seminaristas são mais exigentes.

2. 7. ***A comunidade como cenáculo.*** Poullart des Places quer que reine em sua casa uma atmosfera de cenáculo como era apanágio dos padres regulares. Os Regulamentos desdobram-se em pormenores e sugestões para fazerem da comunidade uma escola de fraternidade e comunhão onde reinasse *um só coração e uma só alma*, à imagem da Igreja dos Actos dos Apóstolos. Não é por acaso que a divisa "Um só coração e uma só alma" se tornou a credencial dos Espiritanos.

"Poullart des Places quer que reine em sua casa uma atmosfera de cenáculo como era apanágio dos padres regulares. Não é por acaso que a divisa "Um só coração e uma só alma" se tornou a credencial dos Espiritanos.

Comunidade de fraternidade mas também comunidade de oração. A consagração ao Espírito Santo que caracterizava a comunidade era recordada ao longo do dia pela invocação desse Espírito antes de qualquer actividade escolar. A docilidade a esse Espírito era a sua marca de origem.

Comunidade que amava ternamente Maria, concebida sem pecado, sob cuja protecção todos os membros são consagrados ao Espírito Santo.

Comunidade de vivência eucarística e litúrgica esmerada que ritmava todos os dias da vida dos estudantes.

Comunidade Apostólica. Desta comunidade nasceu a geração de ouro dos Espiritanos, que foi sem dúvida a dos missionários da América do Norte, no tempo das lutas entre a França e a Inglaterra pela posse dessas colónias.

9. O Seminário do Espírito Santo

A melhor resposta às orientações do Concílio de Trento[2]

1. FORMAÇÃO DO CLERO EM FRANÇA NOS FINS DO SÉC. XVII

Reunido para estudar e decidir a reforma da Igreja, o Concílio de Trento (1545-1563) achou que tal não seria possível sem a reforma do clero. Para esse efeito, decretou a abertura de seminários, onde deveriam ser recebidos e formados gratuitamente, de preferência, alunos pobres.

Situação dos candidatos ao sacerdócio

A orientação do Concílio esbarrara-se em França com inúmeros obstáculos. Só passados cem anos, começaram a aparecer os primeiros frutos desta instituição. Habituados a ver os seminários como a via obrigatória para os que se destinam ao sacerdócio ministerial, temos dificuldade em imaginar como nesse tempo era a vida dos aspirantes ao sacerdócio e a dificuldade daqueles que – mais numerosos que hoje – eram chamados de "estudantes pobres" ou "clérigos pobres".[3] Por

---

* *António Farias, missionário espiritano, foi missionário no Brasil, animador missionário e responsável da formação em Portugal, membro do Conselho Geral da Congregação de 1998 a 2004, mestre de noviços da UCAL, no Paraguai.*

[2] *Neste estudo, seguimos de perto os estudos de Joseph Michel, Cssp, Claude François Poullart des Places, Editions Saint Paul, 6, Rue Cassette, Paris VI, e os artigos do mesmo autor, na colectânea organizada por Christian de Mare, Claude François Poullart des Places (1679-1709), Écrits et Études, Congrégation du Saint Esprit, 30, Rue Lhomond, 75005 Paris. As citações são tiradas deste autor.*

[3] *Diferente era a situação dos candidatos filhos de famílias ricas, burguesas e os candidatos das congregações religiosas. Estes seguiam os estudos teológicos nas universidades ou os cursos mantidos pelas respectivas congregações religiosas.*

exemplo, em Rennes, seguiam as aulas de filosofia e teologia nos Jesuítas ou nos Dominicanos, alojavam-se como podiam na cidade e o seu modo de viver não se distinguia dos outros estudantes leigos. Vindos das dioceses vizinhas, eram centenas e não tinham quaisquer contactos pessoais com os professores. Os filhos de pequenos lavradores e de artesãos, por exigências da vida material, estavam impedidos de seguir com regularidade as aulas; alguns para subsistir tinham que procurar trabalho; outros regressavam às suas aldeias na esperança de que a situação de suas famílias melhorasse, e muitas vezes, devido às privações, a saúde se degradava e não voltavam mais.

Também a maioria dos grandes seminários eram *seminários para as ordenações*, quer dizer, os jovens candidatos eram recebidos apenas para se prepararem, por tempos de retiros mais ou menos longos, para as ordenações e as funções do ministério sacerdotal. Por exemplo, em Rennes esse tempo de residência era fixado pelo bispo em doze meses: três meses antes das então chamadas "ordens menores", e três meses antes de cada uma das chamadas ordens maiores: sub-diaconado, diaconado e presbiterado.

Má preparação do clero

Em tempos oportunos, os candidatos eram examinados por um júri nomeado pelo Bispo. Os examinadores, recebiam primeiro os diáconos, depois os sub-diáconos, depois os das ordens menores e finalmente os leigos. Muitos deles eram reprovados repetidas vezes, ao ponto que os examinadores se cansavam. No registo da diocese de Rennes, referente a 1713, encontramos o caso de um sub-diácono de 29 anos, que se apresenta pela quarta vez a exame. Menções: "Não canta, explica mal o Catecismo de Trento, responde um pouco melhor sobre os tratados estudados em Rennes durante o ano inteiro. Recebido, porque nos informam que não poderá fazer melhor. Admitido. Fraco no último grau". Dois anos depois, será reprovado pela terceira vez no exame de admissão ao sacerdócio. Há clérigos que se apresentam até sete vezes para o mesmo exame. Lê-se nas notas referentes a um candidato ao sub-diaconado: "Prevê-se que poderá arrastar-se durante muito tempo nas ordens; no entanto, admitido". Encontram-se, com frequência, as seguintes menções: "*Admitido ad duritiam cordis, ad desperationem, per commiserationem*". Os diáconos reprovados pelo júri podiam recorrer ao Bispo, que acabava por admiti-los com a condição de "ir após a ordenação para onde o Bispo os mandasse".

Para além da péssima preparação teológica, o Bispo não podia dispor livremente dos novos padres ordenados. Cada um decidia de sua vida. Por exemplo, dos 16 padres ordenados pelo Bispo de Rennes em 1715: quatro ingressaram nas universidades de Rennes ou de Nantes, na esperança de obter graus para lutarem por benefícios; oito regressaram às suas famílias ou decidiram permanecer nas suas paróquias; apenas dois ou três permaneceram à disposição do Bispo. Na realidade, muitos padres viviam em suas famílias numa vida de ociosidade, cam-

po aberto para todos os vícios. Além disso, se os examinadores controlavam a ciência dos aspirantes, para julgar de sua moralidade, faziam confiança às atestações e cartas daqueles que os apresentavam.[4]

Se a situação da formação do clero em Rennes era deplorável, em Paris, a condição dos aspirantes ao sacerdócio não era melhor. A este respeito escrevia um autor em 1699: "A vida comum dos estudantes é inteiramente oposta àquela que deve levar um jovem chamado ao sacerdócio. Há em Paris um grande número que estão em condição de beneficiários e outros chamados "padres" que se entregam a uma vida mole, que os dispõe frequentemente à libertinagem e à irreligião. A vida daqueles que têm bens é por vezes menos desregrada, mas não mais eclesiástica: os pobres procuram pão, os outros procuram aumentar a fortuna. Embora todos tenham como fim ser sacerdotes, todos seguem caminhos que, no fundo, deviam excluí-los do sacerdócio e os tornam indignos dele (...) No entanto, Deus reserva sempre para si alguns verdadeiros adoradores que O servem com simplicidade de coração e segundo o espírito do Evangelho".[5]

"Se a situação da formação do clero em Rennes era deplorável, em Paris, a condição dos aspirantes ao sacerdócio não era melhor."

Iniciativas para resolver o problema

Esta desastrosa situação preocupou os melhores sacerdotes das dioceses. Então, aqui e ali, surgiram iniciativas para a formação dos estudantes pobres, que visavam responder ao que o concílio de Trento tinha pedido. Falemos de algumas iniciativas que, pela proximidade e notoriedade, sem dúvida, tiveram a sua influência em Cláudio Poullart des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo.

• Dois Irmãos, cónegos de Rennes, Cláudio e João Francisco Ferret, cunhados da madrinha de Cláudio Poullart des Places, em 1683, contactam com o P. Chanciergues, que em Paris dirigia uma comunidade de estudantes pobres e pedem-lhe alguém para ajudar a fundar em Rennes uma obra semelhante. Com o apoio financeiro desses dois irmãos cónegos, funda-se em Rennes um seminário para estudantes pobres. Mais tarde, o Bispo de Rennes nomeia o Padre Bellier, superior desse seminário. Precisamente o P. Bellier era e o director espiritual de Cláudio. Se este não tivesse visitado o seminário quando os dois irmãos cónegos eram responsáveis, certamente que o visitou muitas vezes para se encontrar com o seu director espiritual e pôde descobrir de modo concreto as necessidades materiais e espirituais dos clérigos pobres. O regulamento do estabelecimento dizia que nenhum estudante seria admitido sem apresentar um certificado de pobreza e os seminaristas seguiam os cursos de filosofia e de teologia com os Jesuítas.

---

[4] *Michel, J., op. cit. pag- 104-108,*

[5] *Lettre à Messieurs les Archevêques..., citado por Michel, Joseph, Claude François Poullart des Places, pag. 114.*

"Em Paris surgiram várias iniciativas, na intenção destes fundadores, estes seminários destinavam-se a alunos pobres que não podiam pagar a pensão noutro lugar."

• Em Paris surgiram várias iniciativas: em 1639 aparece o seminário dos Trinta e Três, fundado por Cláudio Bernard. Renato Lévêque funda em 1650 os Irmãos da Abstinência, que o P. Chanciergues difundirá com o nome de "pequenas comunidades da Providência". Em 1869, Barmondière, antigo pároco de S. Sulpício, decide consagrar a sua fortuna à fundação duma comunidade de estudantes pobres. Germano Gillot funda também uma comunidade de mesmo género, cuja orientação doutrinal converterá os gilotinos em agentes do jansenismo. Na intenção destes fundadores, estes seminários destinavam-se a alunos pobres que não podiam pagar a pensão noutro lugar. Infelizmente, algumas destas fundações não sobreviveram à morte de seus fundadores.

• Entre estas iniciativas, merece especial atenção as "*pequenas comunidades da Providência*" sob a direcção do P. Chanciergues. Quando tomou a direcção dos Irmãos da Abstinência encontrara apenas seis estudantes; dez anos mais tarde, sustentava sessenta aspirantes, repartidos em quatro grupos ou pequenas comunidades. A sua ambição era dotar todas as dioceses de França de pequenos seminários instituídos sobre o modelo de suas comunidades parisienses. No memorando "*pequenos seminários para educar gratuita e pobremente, durante vários anos, segundo o espírito do Concílio de Trento, os pobres estudantes destinados ao serviço das paróquias rurais*", precisava os objectivos e os métodos. O objectivo era reformar o clero das paróquias rurais, prover essas paróquias de bons padres, bons capelães e mestres de escola, tanto em França como nos países estrangeiros. A ambição de Chanciergues não foi frustrada, pois, após a sua morte, em 1691, a sua obra continuou com o P. de Lauzi, pároco de São Tiago da Boucherie. Graças a um legado de Luís de Marillac, as pequenas comunidades, antes dispersas, se uniram no seminário de São Luís, que subsistiu até à Revolução Francesa. Na província foram fundados 38 pequenos seminários segundo o modelo de Chanciergues, muitas vezes com a colaboração de seus discípulos.

• Em 1701 aparecia em Paris uma brochura com cerca de cem páginas, intitulada: "*Carta aos Senhores Arcebispos e Bispos de França sobre a melhor educação que se deve dar aos clérigos e as vantagens que daí advirão para a Igreja*". Tal brochura assinada por J.A.D.D., iniciais de Jacques Alloth du Doranleau, antigo advogado, da diocese de Saint Malo, exprimia o pensar duma equipa de missionários da Alta Bretanha, da qual faziam parte Eudistas, Jesuítas e entre eles o P. Bellier. O P. Doranleau conta a dolorosa experiência, em que os bons frutos das missões populares depressa se desvanecem por falta de continuidade e de padres bem formados nas paróquias. O remédio para tais males seria pôr em prática a orientação do Concílio de Trento, incluindo a gratuidade dos estudos para os estudantes po-

bres. Para Doranleau e sua equipa o ideal seria a instituição das pequenas comunidades, onde conforme às intenções do Concílio de Trento e graças à caridade dos fiéis, os estudantes pobres seriam recebidos, mantidos e formados gratuitamente. A brochura justifica tal ideia dizendo que os estudantes pobres são chamados tanto quanto os ricos ao sacerdócio de Cristo. Para ser dignos devem possuir as quatro virtudes cardeais do sacerdócio: a piedade cristã, o zelo pela glória de Deus, o trabalho apostólico e a pobreza de espírito.

2. FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO

Foi neste ambiente de iniciativas e busca de meios para encontrar respostas à formação dos aspirantes pobres ao sacerdócio, que Cláudio Poullart des Places fundou o Seminário do Espírito Santo. Para uma melhor compreensão sublinhemos alguns aspectos que determinaram esta fundação.

Influência do P. Bellier

Nascido em Rennes em 1679, filho de pais abastados, desde a idade precoce que, Cláudio Poullart des Places mostrou ser um jovem talentoso. Frequentara os colégios dos Jesuítas e aliava uma profunda piedade a uma grande vivacidade e boa disposição.

Nos colégios jesuítas Cláudio criou amizade com Luís Grignion de Montfort, seis anos mais velho que ele, que por sua vez o apresentou a um jovem sacerdote do bairro, o P. Bellier, que irá exercer uma grande influência sobre Cláudio. Este sacerdote, que alguém denominou "o padre mais santo de Rennes" e o precursor d'Ozanam e das conferências de São Vicente de Paulo, soube canalizar a generosidade de Cláudio por uma via segura de santidade, pelo serviço aos pobres e a visita aos doentes no hospital de Saint-Yves. Nos dias feriados, o P. Bellier reunia os alunos mais fervorosos dos colégios jesuítas e além de lhes falar da caridade, enviava-os em pequenos grupos para o hospital de Saint-Yves e outros hospitais da cidade. O hospital de Saint-Yves funcionava também como asilo para pobres, doentes e idosos, e como orfanato onde as crianças abandonadas permaneciam até à idade de 10 / 12 anos, e como escola de artes e ofícios. Os jovens discípulos do P. Bellier não eram apenas convidados para ajudar as religiosas nos cuidados a prestar aos doentes, mas deviam também e sobretudo, ocupar-se da parte espiritual, ensinando o catecismo aos doentes e órfãos.

De vez em quando, o P. Bellier deixava Saint-Yves e Rennes por algumas semanas. Fazia parte dum grupo voluntário de padres que na Alta Bretanha continuavam as famosas missões do P. Michel de Nobletz e do bem-aventurado P. Julien Mauvoir. No regresso o P. Bellier entusiasmava os seus estudantes relatando os milagres que a graça tinha operado nas almas. Este contacto frequente com o P.

Bellier, seu director espiritual e director do seminário para os estudantes pobres em Rennes, marcou profundamente o jovem Cláudio.

No colégio Luís-o-Grande. Influência determinante da Aa [6]

"Cláudio é distinguido pelos membros da Assembleia dos Amigos"

Em seu caminho vocacional, Cláudio faz sua a sugestão de seu director espiritual. Para lutar contra o seu maior defeito, a ambição, renuncia fazer a teologia na Sorbonne e em Outubro de 1702 encontrámo-lo no colégio Jesuíta, Luís-o-Grande. Fiel às resoluções do retiro, preparam-se profundas mudanças. A leitura da vida do Padre Michel Le Nobletz foi-lhe um grande "socorro para desprezar o mundo e pôr-se em tudo acima do respeito humano". É distinguido pelos membros da Assembleia dos Amigos ou Aa, associações secretas de piedade, constituídas por um pequeno número de estudantes em teologia, que nos colégios jesuítas animam a congregações marianas. Após o exame de seu carácter, de sua afeição pelas obras de misericórdia e de sua aptidão para guardar o segredo, é iniciado progressivamente no espírito e nas actividades da associação. Finalmente, foi recebido como membro no decorrer de uma cerimónia e recebe a entrega do manual da Aa.

"Oração, confissão e comunhão frequentes, imitação de Cristo, fervorosa piedade mariana, pobreza e simplicidade de vida, fuga das honras e dos benefícios, mortificações corporais são os meios de santificação dos Amigos."

Oração, confissão e comunhão frequentes, imitação de Cristo, fervorosa piedade mariana, pobreza e simplicidade de vida, fuga das honras e dos benefícios, mortificações corporais são os meios de santificação dos Amigos. Cláudio vive intensamente cada um dos pontos dessa espiritualidade. Quando recebeu a tonsura a 15 de Agosto de 1702, "abandona a ostentação e os modos mundanos e reveste-se do hábito e da simplicidade dos eclesiásticos mais austeros". Em Cristo Eucarístico – Eucaristia e visitas ao Santíssimo – buscava o despojamento das coisas do mundo.

A Assembleia dos amigos, que em sua espiritualidade juntava intimamente santidade e apostolado, transformou Cláudio. Em Rennes, sentia uma grande inclinação para os pobres, mas não pretendia consagrar-lhes a sua vida, abraçar mesmo a pobreza ao ponto de fazer-se pobre com os pobres. A docilidade ao seu director espiritual levou-o ao colégio de Luís-o-Grande e sob a influência da Aa sente uma grande afeição pelas obras de misericórdia. Entre ele e a Aa há uma grande sintonia: desde a sua admissão é o arrebatamento espiritual, e Deus lhe concede a graça de entrar na oração afectiva. Será cerca de 150 anos mais tarde, que Libermann descreverá, em algumas linhas, a admirável audácia que Cláudio manifesta na fundação de seu seminário de estudantes pobres: *"As coisas mais difíceis não custam nada a alguém que, na verdade, está na oração afectiva. Empre-*

[6] ***Assembleias de Amigos (Aa) faziam parte das congregações marianas dos colégios Jesuítas e que cuidavam do aspecto espiritual e apostólico dos alunos mais dotados e piedosos.***

ende-se tudo, é-se capaz de tudo, nada se determina, qualquer que seja o esforço e a dificuldade que se encontra".[7]

A audácia de um simples tonsurado

No colégio de Luís-o-Grande, Cláudio constata por si mesmo a situação deplorável de muitos candidatos ao sacerdócio. Os seminários exigiam aos seus alunos uma pensão que só os ricos podiam pagar. Os chamados "estudantes pobres" viviam numa situação precária. Para sobreviver, dedicavam-se a diversos trabalhos em detrimento dos estudos e da sua formação espiritual.

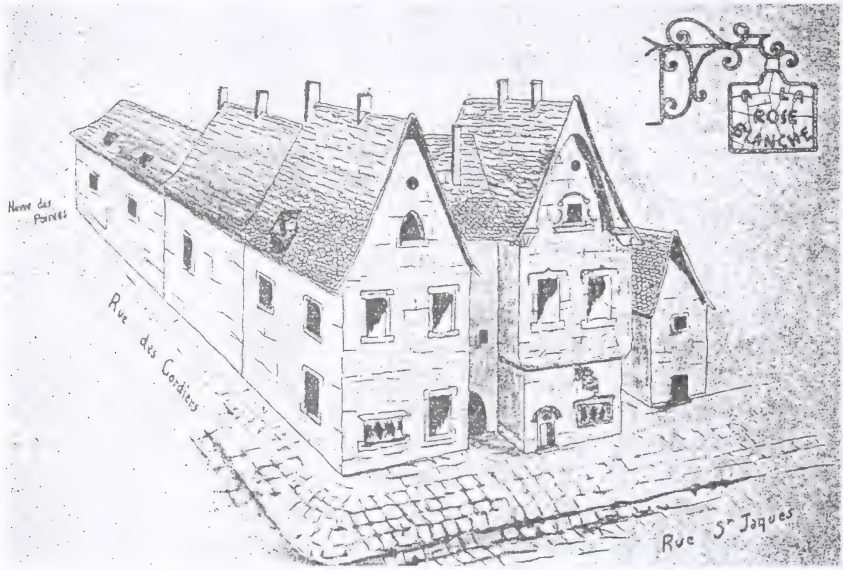
É então que um acontecimento vai iluminar Cláudio sobre o que Deus espera dele: o seu encontro com um "estudante pobre" privado de tudo. Cláudio toma-o ao seu cuidado. A João Baptista Faulconnier, vem logo juntar-se um segundo e depois outros. Cláudio recebe-os a todos e busca-lhes meios de subsistência, paga-lhes o aluguer dos quartos e cuida da sua formação. Acabava de encontrar a sua verdadeira vocação. Ao seu amigo de infância, Luís Grignion de Montfort, Cláudio faz-lhe esta confidência: *"Sabes que há algum tempo distribuo o que tenho ao meu dispor para ajudar os "estudantes pobres" a prosseguirem os seus estudos. Conheço muitos dotados de grandes qualidades, mas que por falta de ajuda não as podem fazer render, sendo obrigados a enterrar talentos que seriam muito úteis à Igreja. É por isso que vou dedicar-me a eles acolhendo-os numa mesma casa. Creio que é isso o que Deus espera de mim".*

Luís Grignion de Montfort estava de passagem por Paris e projectava fundar uma sociedade de sacerdotes destinados às missões populares. Visita Cláudio e pede-lhe para unir-se a ele para juntos levarem por diante esse seu projecto. Cláudio não se sentia chamado a este género de trabalho. Em vez disso propõe ao seu amigo formar-lhe sacerdotes que ele poderia depois enviar em missão: *"Eu forneço-te missionários, e tu, campo de trabalho para eles".* Esta parceria manteve-se por muitos anos.

A partir do começo da Quaresma de 1703, a pedido dos seus protegidos, Cláudio deixa o colégio, onde era interno, para ir viver com os seus estudantes numa casa por ele alugada. Espera a festa de Pentecostes desse ano, ou seja, no dia 27 de Maio de 1703, para consagrar a sua obra ao Espírito Santo sob a protecção da Virgem concebida sem pecado. Cláudio e o seu pequeno grupo, uma dúzia de estudantes, tornam-se uma comunidade de estudantes e, na capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, na Igreja de Saint-Étienne-des-Grés, fazem a sua consagração, que foi precedida por um retiro espiritual. Na acta de fundação, consta: *"O Sr. Cláudio Poullart des Places em mil setecentos e três, na festa do Pentecostes, sendo então apenas um*

"A partir do começo da Quaresma de 1703, a pedido dos seus protegidos, Cláudio deixa o colégio, onde era interno, para ir viver com os seus estudantes numa casa por ele alugada."

[7] ***Écrits Spirituels du Vénerable Libermann, Paris, Duret, 1891, p. 193.***



O Albergue "Rose Blanche" da Rua de Saint Jacques, em Paris, comunicava com a casa do "Gros Chapelet". A comunidade nascente de Poullart des Places alojou aí uma parte dos seus estudantes pobres.

aspirante ao estado eclesiástico, começou o estabelecimento da dita comunidade e do Seminário consagrado ao Espírito Santo, sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado".

A pequena comunidade conhece um rápido crescimento. Cláudio dá-se conta que não pode dirigir sozinho a obra em constante crescimento, prosseguindo ao mesmo tempo os seus estudos de teologia. Por causa disso entra num período de secura espiritual. Após um retiro, convida os companheiros mais experientes a associarem-se à direcção da comunidade. Nos finais de 1705, o seminário conta já com cinquenta membros e mudam para uma casa maior. Posteriormente terão de procurar uma casa ainda maior, pois por ocasião de sua morte, em 1709, os seminaristas eram já cerca de setenta.

3. ORIGINALIDADE DO SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO, A MELHOR RESPOSTA AO CONCÍLIO DE TRENTO[8]

A fundação de Poullart des Places não é mais uma obra entre muitas outras comunidades de "estudantes pobres". A sua originalidade resulta de uma concepção de conjunto que, por suas exigências quanto à pobreza dos estudantes, à gratuidade e à duração de seus estudos, fazem dela, em França, a melhor realização das orientações do Concílio de Trento quanto à formação de clérigos.

[8] ***Nesta parte seguimos Michel, J., artigo in colectânea, Claude-François Poullart des Places.***

Mística da pobreza

Os regulamentos eram claros: "*Só admitiremos nesta casa indivíduos que sabemos ser pobres. Nunca será possível, seja a que pretexto for, admitir pessoas que possam pagar a sua pensão noutro lugar. Poderemos, no entanto, receber alguns estudantes que, não sendo pobres, não tenham mesmo assim os meios de fazer face a todas as despesas noutro lugar. A estes será bom pedir-lhes uma módica contribuição para as despesas da casa, para que não se tornem motivo para diminuirmos as entradas dos mais pobres, que devem ter a preferência*" (Regulamentos). O "estudante pobre" tinha a garantia de ser acolhido, alimentado de graça, por vezes vestido, até ao dia em que iniciasse o seu ministério. Liberto de toda a preocupação material, seguia os regulamentos da casa, cuja única finalidade era conseguir dar-lhe uma formação espiritual e intelectual sólidas.

Cláudio sabe persuadir os seus estudantes de que o desprendimento é o começo da perfeição de quem quer seguir Jesus Cristo. E a sua vida pessoal está conforme com suas exortações. Assim, após a tonsura, recusa um benefício, que o seu pai lhe obtém, de 4000 libras; em 1706 recusa igualmente três benefícios em seu favor e não aceita qualquer outro título clerical senão as sessenta libras de rendimento exigidas pelas regras canónicas. Cláudio considera-se igual a seus estudantes, sem regime de excepção, comendo da mesma comida, observando os mesmos regulamentos, lavando a loiça e limpando o calçado. Não pretende ser o superior deles a não ser para melhor os servir. A sua ambição é formar os seus estudantes numa mística de pobreza que ao sair da casa "*estejam preparados a tudo: a servir nos hospitais, a evangelizar os pobres e mesmo os pagãos; não somente aceitar, mas mesmo abraçar de todo o coração e a preferir os postos mais humildes e mais trabalhosos, para os quais dificilmente se encontram pessoas disponíveis*".

"Cláudio sabe persuadir os seus estudantes de que o desprendimento é o começo da perfeição de quem quer seguir Jesus Cristo."

Para fazer face às dificuldades financeiras ocasionadas pelo número crescente de estudantes, Cláudio nunca recorre à família. Graças a amigos generosos e fiéis, vai conseguindo equilibrar o orçamento. O ecónomo dos Jesuítas ajuda-o, autorizando-o a dispor das sobras de 600 refeições diárias do seu colégio. Por isso, os Jansenistas, inimigos dos Jesuítas gozam à grande os "placistas" chamando-os de "mamões dos Jesuítas": descarregam assim o seu ressentimento pelo sucesso de Poullart des Places.

"Para fazer face às dificuldades financeiras ocasionadas pelo número crescente de estudantes, Cláudio nunca recorre à família."

Ciência e virtude

Convencido de que "*as almas dos pobres não eram menos queridas a Jesus Cristo que as dos grandes senhores e que havia tantos ou mais frutos a esperar delas*", Cláudio procura preparar-lhes padres simultaneamente virtuosos e sábios e não concebia que a pobreza tivesse de ser acom-

"Todos estes requisitos estavam bem explícitos nas recomendações da Aa e esta Associação foi "um dos grandes instrumentos da reforma e da santificação do clero no antigo regime."

panhada por uma formação deficiente. Assim, entre os "estudantes pobres" que se apresentavam, ele escolhia os que julgava mais capazes de adquirir ciência e virtude. "Tinha o costume de dizer que, duvidava pelo zelo cego dum padre piedoso mas ignorante; para a fé e a submissão à Igreja, receava dum padre sábio mas desprovido de virtude". Os seus estudantes seguiam os mesmos cursos que os escolásticos da Companhia de Jesus no colégio Luís-o-Grande; os estudos duravam de seis anos, o mínimo, até nove anos, no máximo e eram formados "segundo os princípios da sã doutrina católica e romana", longe dos perigos do Jansenismo. Todos estes requisitos estavam bem explícitos nas recomendações da Aa e esta Associação foi "um dos grandes instrumentos da reforma e da santificação do clero no antigo regime".

Na dependência dos Jesuítas

O seminário do Espírito Santo é um dos mais belos rebentos da Aa; mas, é ainda muito mais estreita a sua dependência dos Jesuítas. Sem a sua autorização não teria surgido, e sem o seu apoio não se teria mantido. Os Jesuítas eram os confessores dos alunos do Seminário, orientavam os seus retiros, ministravam as aulas, e em parte alimentavam-nos. A Companhia apoia o fundador, e esta longa e sólida formação teológica e espiritual, que se assegura a estes pobres clérigos, é uma adaptação ao clero secular da espiritualidade de Santo Inácio. Um outro motivo de satisfação para os professores de teologia do colégio jesuíta, é que o número de seus escolásticos teólogos é rapidamente superado pelo número dos Espiritanos.

O cardeal Noailles, arcebispo de Paris, tenta desviar os estudantes pobres do Seminário do Espírito Santo de seguirem os estudos no colégio dos Jesuítas, mas Poullart des Places por seu ideal de dedicação desinteressada, expõe com tanta convicção os riscos da frequência das aulas na Universidade que o cardeal "aprecia as razões e não o obrigará a isso". Em 1767, depois da expulsão dos Jesuítas, o Parlamento de Paris quis obrigar os sucessores de Poullart des Places a enviar os seus alunos aos cursos da Sorbonne; o cardeal de Beaumont, segundo sucessor de Noailles, retomará por sua conta a argumentação do fundador e os alunos dos Espiritanos serão os únicos a seguir os cursos ministrados pelos seus directores.

Uma casa de caridade e berço de uma Congregação

Desde Março de 1703, a correspondência secreta da Aa [9] designa Poullart des Places como director dum seminário. Mas nos actos oficiais

[9] ***Entre as diferentes assembleias circulavam os "bilhetes de bem" que, os Jesuítas para estimular a piedade e a dedicação entre os membros, comunicavam notícias entre elas. Pelo teor da informação da Aa de Paris, referente aos anos 1702 e 1703 se depreende que se trata de Cláudio Poullart des Places.***

e nos regulamentos gerais e particulares, jamais ele fala de seminaristas ou de comunidade, mas sempre de casa de estudantes, de pessoas particulares. Legalmente a sua obra era uma obra de caridade, e isso para fugir ao decreto de 1666, que proibia rigorosamente o estabelecimento de qualquer nova comunidade canónica sem a obtenção prévia das *cartas régias*. Por esse modo Cláudio fugia ao teor desse decreto. No entanto, o estudo dos mais antigos documentos que nos chegaram, confirma que Poullart des Places não é apenas o fundador dum seminário, mas de uma nova sociedade religiosa, pai e a animador de uma família sacerdotal.

"o estudo dos mais antigos documentos que nos chegaram, confirma que Poullart des Places não é apenas o fundador dum seminário, mas de uma nova sociedade religiosa, pai e a animador de uma família sacerdotal."

Em 1731, as cartas régias serão concedidas à *Comunidade e Seminário do Espírito Santo,* instituto de direito diocesano formado por seus directores. *As Regras e Constituições,* que apresentam ao Parlamento e que se inspirarão, nos pontos essenciais, nas Constituições dos Jesuítas, serão seguidas desta declaração oficial: "Unidos no Senhor, pedimos aos nossos irmãos e sucessores de guardar com cuidado estes piedosos usos que, pela maioria, recebemos de Cláudio Francisco Poullart des Places, padre, o nosso fundador".

Sob a protecção do Espírito Santo e da Imaculada Conceição de Maria

"Todos os estudantes adorarão particularmente o Espírito Santo ao qual estão especialmente consagrados. Terão também uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob a protecção da qual os oferecemos ao Espírito Santo. Escolherão as festas do Pentecostes e da Imaculada Conceição por suas festas principais. Celebrarão a primeira para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino, e a segunda para obter da Santíssima Virgem uma pureza angélica: duas virtudes que devem fazer o fundamento de sua piedade" (Regulamentos)

Donde vem a inspiração para esta dupla consagração? No séc. XVII tinha-se difundido por toda a Bretanha a escola de espiritualidade do P. Lallement, centrada na devoção ao Espírito Santo e a Nossa Senhora. Havia mesmo uma associação de sacerdotes que, em 1683, contava com mais de mil associados. Também as congregações marianas nos colégios jesuítas juntavam a mesma dupla devoção.

O P. Joseph Michel reconhece nas meditações das Assembleias dos Amigos, a inspiração para esta dupla consagração ao Espírito Santo e à Virgem Imaculada. Dizia o manual da Associação: "No dia de Pentecostes e durante toda a semana, abrirei o meu coração ao Espírito Santo, a fim de que o encha, o possua intimamente, e seja o espírito do meu espírito e o coração do meu coração. Apresentá-lo-ei a fim de que o consuma, como uma vítima, nas chamas do seu amor (...). Na prática devo acostumar-me a considerar o Espírito Santo habitando intimamente em mim". A meditação para a festa da Imaculada Conceição desenvolve considerações sobre a pureza de Maria.

Duas vezes ao ano, no Pentecostes e na festa da Imaculada, os Espiritanos, no decorrer de uma cerimónia solene de Renovação, retomavam a inspiração e provavelmente o texto do fundador: "Santa Ma-

ria (...) ajudai-me, vosso pequeno servo, a dedicar-me, a consagrar-me e a devotar-me ao Espírito Santo, vosso celeste Esposo (...). Minha boa Mãe, escutai-me. Espírito Santo poderoso, escutai a minha boa Mãe e, por sua intercessão, dignai-vos esclarecer o meu espírito com a vossa luz e abrasar o meu coração do fogo de vosso amor".

A dupla devoção dos Espiritanos informará a sua espiritualidade. As suas orações serão as de uma comunidade dedicada ao Espírito Santo e à Virgem concebida sem pecado. Nicolau Warnet, que será o sétimo sucessor de Poullart des Places, dirá na cerimónia de Renovação do Pentecostes de 1839: "Despojados de tudo, somos bastante ricos: o amor do Espírito Santo, eis o nosso tesouro. Por isso, é necessário depositar-nos aos pés de Maria, como os primeiros cristãos depositavam os seus bens aos pés dos Apóstolos; de outro modo mentiremos ao Espírito Santo".

"Despojados de tudo, somos bastante ricos: o amor do Espírito Santo, eis o nosso tesouro. Por isso, é necessário depositar-nos aos pés de Maria, como os primeiros cristãos depositavam os seus bens aos pés dos Apóstolos; de outro modo mentiremos ao Espírito Santo".

O zelo apostólico tem a sua fonte no Espírito Santo: "Comprometemo-nos a buscar a honra do Espírito Santo, primeiro dentro de nós, por um espírito de docilidade perfeita (...). É necessário deixar-se governar pelo Espírito Santo, seguir unicamente as suas impressões. Então estaremos dispostos a preencher um outro dever: filhos de Maria e do Espírito Santo, aplicar-nos-emos por nossas palavras e por nossos exemplos, a fazê-los amar e servir. (...) Assim caminharemos nas pegadas de nossos pais, seguros de que é o caminho mais certo de fazer o que é agradável ao Espírito Santo".[10]

Desde criança que Cláudio Poullart des Places se considerava filho particular da Santíssima Virgem. A sua agregação na Aa deu um novo e poderoso impulso à sua devoção para com ela. Certamente que leu o que dizia o manual da Associação: "Reconhecemo-la como Nossa Senhora, nossa patrona e advogada junto de seu Filho e pedimos-lhe para nos receber no número de seus servos durante o curso de nossa vida e na hora da morte". Sem dúvida que Poullart des Places honra os privilégios de Nossa Senhora, de que o primeiro "é a singular predestinação pela qual o Pai Eterno a escolheu para ser sua querida Filha, para ser a digna Mãe de seu Filho e Esposa do Espírito Santo, e de que o segundo é a sua Imaculada Conceição" (cit. por Michel, Joseph, pag. 118).

4. O "ESPÍRITO" QUE ANIMAVA O SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO

O P. Joseph Lécuyer [11] ao analisar os Regulamentos de Cláudio Poullart des Places, põe em evidência o espírito que reinava no Seminá-

[10] *Extractos das alocuções de 8 de Dezembro de 1837 e de 26 de Maio de 1839, Arquivos Cssp, N.D. II, pp. 237-238.*

[11] *Nesta parte seguimos o artigo de Joseph Lécuyer, En Relisant Poullart des Places, na colectânea, Claude-François Poullart des Places (1679-1709), Congrégation du Saint Esprit, Paris.*

rio, que permanece sempre válido. Resume em quatro pontos este mesmo espírito, onde estão presentes as intenções do concílio de Trento:

• Uma comunidade de oração

A comunidade vivia a consagração ao Espírito Santo, a quem os estudantes eram consagrados, e a quem pediam o fogo do amor divino. A graça que Poullart des Places pedia a Deus é a caridade, cuja fonte está em Deus e que o Espírito derrama nos corações. Ao longo do dia os estudantes recitavam várias orações, como *Veni Sancte Spiritus* para exprimir o desejo profundo: "Vinde, Espírito Santo, enchei o coração dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor!". A obra de Poullart des Places, que será a futura Congregação do Espírito Santo, tem como primeiro fundamento, a certeza da presença do Espírito na Igreja, a quem se devem as luzes para trabalhar de modo útil na Igreja.

A comunidade amava ternamente a Maria, invocada em sua Conceição Imaculada, sob cuja protecção todos eram consagrados ao Espírito Santo. À Imaculada, Poullart des Places pedia a graça de obter uma pureza angelical, que para além da castidade, incluía a recusa de toda a mancha de pecado, a rectidão de alma e a transparência interior para poder dar-se totalmente a Deus. Os Regulamentos pedem para rezar "três vezes ao dia o Angelus, com a oração 'per sanctam', para se manterem na maior pureza de coração e de corpo. Assim, na linguagem jurídica dos regulamentos se "entrevê facilmente uma profunda atmosfera de piedade mariana, a viva consciência duma presença constante da Virgem ao longo da vida da comunidade" (Joseph Lécuyer, art. citado, pag. 261).

"A comunidade amava ternamente a Maria, invocada em sua Conceição Imaculada, sob cuja protecção todos eram consagrados ao Espírito Santo."

Pelos Regulamentos, constata-se que a vida cristã do seminário do Espírito Santo estava centrada na Eucaristia e numa vida litúrgica cuidada. A Eucaristia era a grande paixão de Cláudio e todos os estudantes deviam participar nela, mesmo que, segundo os costumes da época fosse limitada a recepção da comunhão. A devoção à Eucaristia prolongava-se pelas frequentes visitas ao Santíssimo. Em relação à vida litúrgica os Regulamentos previam aulas e ensaios regulares para aprender as cerimónias e os cânticos. Mesmo o alfaiate e cozinheiro são considerados membros da comunidade e devem participar da vida litúrgica como os estudantes.

• Uma comunidade de pobres

São os pobres que devem ser recebidos de preferência. Segundo os Regulamentos, superiores e estudantes "devem considerar um prazer ser tidos como pobres a quem a Providência oferece o alimento que se dará no refeitório". Todos também, sem distinção, devem participar das tarefas materiais da casa. Mas, como os estudantes não são religiosos, dispõem de pequenas quantias de dinheiro para comprar suplementos de vinho, pagar a passagem da roupa, mas a casa fornece a todos a alimentação, a roupa e o calçado necessário. Na casa só os doentes têm um tratamento diferente. Poullart des Places

"Poullart des Places quer viver pobre e pede aos estudantes que façam o mesmo para imitar Cristo"

quer viver pobre e pede aos estudantes que façam o mesmo para imitar Cristo que ele mesmo se humilhou voluntariamente à pobreza e ao despojamento da Cruz.

• Uma comunidade de futuros padres

Os Regulamentos escritos à mão por Poullart des Places não falam disso, mas todos os documentos ajuntam que Poullart des Places "quis por este estabelecimento formar por uma vida dura e laboriosa e num perfeito desprendimento párocos, missionários e eclesiásticos para servirem nas paróquias pobres e nos postos abandonados para os quais os Bispos quase não encontram ninguém".

A vida pobre, humilde e laboriosa da comunidade, não era apenas causada pela pobreza real de estudantes e superiores, mas devia-se à vontade de preparar padres que estivessem dispostos a guardar em toda a sua vida essa atitude de desprendimento da riqueza, de dedicação às tarefas mais obscuras e humildes do ministério sacerdotal. É o que em 1762, dirá Mons. Beaumont, Bispo de Paris: "Este Seminário tem por fim educar jovens eclesiásticos desprendidos e desligados dos bens deste mundo e dispô-los para ir aonde os seus bispos os enviarem, e a escolher de preferência os lugares mais difíceis, as tarefas mais abandonadas e, por esta razão, as mais difíceis de preencher... O Espírito do Instituto... é de temer e fugir dos lugares lucrativos e honrados do santuário, de dedicar-se aos empregos mais obscuros e mais trabalhosos, como evangelizar os pobres no campo, os doentes nos hospitais, os soldados nos exércitos, os idólatras no Novo Mundo".[12]

"Ainda dentro deste espírito de pobreza os estudantes do Seminário não buscavam graus nem diplomas universitários"

Privados dos bens deste mundo, os futuros padres eram intelectualmente bem preparados. Ainda dentro deste espírito de pobreza os estudantes do Seminário não buscavam graus nem diplomas universitários; no entanto, após o curso de teologia, podiam graduar-se em Moral e Direito Canónico, porque a soma exigida era menor e por vezes era gratuito; além disso, o curso de dois anos era insuficiente para conseguir benefícios.

• Uma comunidade de caridade fraterna

Os Regulamentos de Poullart des Places estabelecem normas muito concretas para que em casa reine uma atmosfera de caridade entre todos, de mútuo respeito, de atenção aos outros e de simplicidade. Por vezes os Regulamentos entram em muitos detalhes, o que se deve ao facto de que os alunos, vindos do meio rural, chegavam ao Seminário sem as normas mais comuns de delicadeza e polidez.

Os doentes tinham uma atenção especial e a justificação apresentada é que se devem servir "como se fosse ao próprio Cristo" (Mt 25, 40ss). Na realidade, este princípio, decorre do próprio Evangelho e inspira todos os regulamentos de Poullart des Places e a essa luz que é necessário lê-los. É também com este espírito que ele mesmo os praticou.

---

[12] *Michel, J., Claude François Poullart des Places, colectânea, pag. 195-196, citação de um manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris.*

10. A regra das origens

Uma das tarefas do P. Schwindenhammer, quando foi eleito Superior Geral, foi fazer a síntese entre a Regra de 1848 e os Regulamentos de 1849, que eram os documentos constitutivos da Congregação depois da fusão, mas que ocultavam algumas incongruências. Foi assim que ele passou grande parte do seu cargo de superior geral a conduzir o processo que levou à redacção de umas novas Constituições em 1855. Para explicar a dinâmica e a condução deste processo escreveu uma longa circular a toda a Congregação, a circular nº 11. Nesta circular apresenta como primeiro dado, um apanhado sobre a evolução das Regras das Origens até à fusão. Porque se trata de um membro da Congregação que trabalhou com Libermann e de um organizador notável, talvez o mais categorizado administrativo de toda a história da Congregação, apresentamos aqui o estudo que ele fez sobre as Regras das Origens e apresentado nessa circular.

I

Antes de vos fazer conhecer em pormenor, meus caros confrades, as diversas modificações introduzidas na nova Edição das nossas Regras e Constituições que acabamos de promulgar creio ser útil fazê-las preceder de algumas explicações preliminares a fim de compreenderdes melhor tanto a natureza como a importância das modificações.

Começo por vos expor de uma maneira sucinta a história das Regras tanto da Congregação do Espírito Santo como das do Ima-

* *Sucede ao Venerável P. Libermann, sendo o Superior Geral da Congregação do Espírito Santo de 1852 a 1881.*

culado Coração de Maria, desde a origem das duas sociedades até à fusão. Acompanhando as diversas fases por que estas Regras passaram, captareis mais facilmente o que a nova edição das Regras e Constituições apresenta de divergência em relação às precedentes.

Vejamos primeiro o que diz respeito à regra do Imaculado Coração de Maria.

II

Como todos sabemos, foi por ocasião da sua primeira viagem a Roma, quando ele gerava na dor junto do túmulo dos Santos Apóstolos a nossa pequena Sociedade do Imaculado Coração de Maria, que o nosso Venerável Padre pôs por escrito o primeiro projecto das Regras que o deviam orientar. Ele tinha pensado, e com razão, que uma Congregação destinada, pela natureza do seu fim e das suas obras, a viver longe dos olhos e da direcção imediata do seu fundador, tinha necessidade, desde os primeiros começos, de uma certa Regra comum, própria para marcar toda ela de um só e mesmo espírito e para dirigir todos os seus membros para um fim uniforme e bem determinado. Mas, por outro lado, ele estava também bem persuadido, como o viria a explicar mais de uma vez, que, a não ser por uma assistência extraordinária e uma inspiração particular de Deus, era impossível fazer tudo com antecedência, em tal matéria, um trabalho de tal maneira completo e acabado que não fosse necessário modificá-lo mais ou menos com o decorrer do tempo. Foi por isso que se consagrou, por um lado, a redigir, desde a origem da Sociedade, um certo número de regras para os seus futuros discípulos e por outro lado, não quis dar-lhe um outro título que não fosse de Regra Provisória, apesar das luzes que lhe foram dadas do alto, para este primeiro esboço das Santas Regras.

Esta Regra Provisória dos Missionários do Imaculado Coração de Maria não existiu no princípio a não ser como manuscrito. Cada noviço tinha que a copiar, a fim de ter um exemplar para seu uso. E vários de entre vós, caros confrades, com certeza que ainda não esqueceram com que espírito de fé e de felicidade transcreviam fielmente estas linhas tão venerandas e tão suavemente impregnadas do espírito religioso e apostólico do nosso bem amado Fundador.

Como quer que seja, depois de ter seguido algum tempo esta Regra Manuscrita, achou-se oportuno, como facilmente se compreende, fazê-la imprimir. De facto, foi impressa em Amiens, quando a pequena Sociedade do Imaculado Coração de Maria tinha ainda a sua sede em La Neuville, lugar do seu primeiro berço. O nosso venerável Padre teve nesta altura de lhe acrescentar algumas modificações, fruto da experiência que, entretanto se foi adquirindo.

A primeira destas modificações diz respeito aos Irmãos Co-

adjutores. Cada um de nós ouviu, com certeza, que o nosso Fundador não tinha primitivamente a intenção de fundar a não ser uma obra, uma Sociedade de Padres, e não uma Sociedade de padres e irmãos. No seu pensamento, isso seria assim, pois aqueles, por espírito de pobreza e humildade, deviam bastar-se a si mesmos, para os trabalhos materiais ordinários das comunidades. Mas, bem cedo, a experiência fez compreender que esta espécie de cuidados tomariam aos missionários um tempo demasiado precioso, que poderiam empregar muito mais utilmente no serviço da salvação das almas. Por isso, o nosso Venerável Padre decidiu-se a estabelecer na nossa pequena Sociedade uma segunda ordem de membros que sob o nome de Irmãos Coadjutores deviam ajudar os missionários no exercício das suas funções, provendo às diferentes necessidades materiais dos estabelecimentos. Consagrou o princípio da sua existência pela inserção na Regra Provisória de um artigo especial a esse respeito.

Uma segunda mudança introduzida na Regra, nesta circunstância, foi tornar mais gerais e menos determinados diversos artigos que eram demasiado detalhados, que diziam respeito tanto à vida apostólica como à vida de comunidade e onde se não tinha tomado a atenção necessária das conveniências do tempo de formação e de desenvolvimentos ulteriores da Obra nascente.

Outras modificações foram ainda feitas, aquando da nova edição mas tratava-se apenas da forma e não sobre o fundo ou sobre a distribuição das matérias.

A Regra Provisória da Sociedade do Santíssimo Coração de Maria, «tendo sido assim modificada, aquando da sua impressão em 1845, não voltou a ser modificada até à época da fusão desta Sociedade com a da Congregação do Espírito Santo.

III

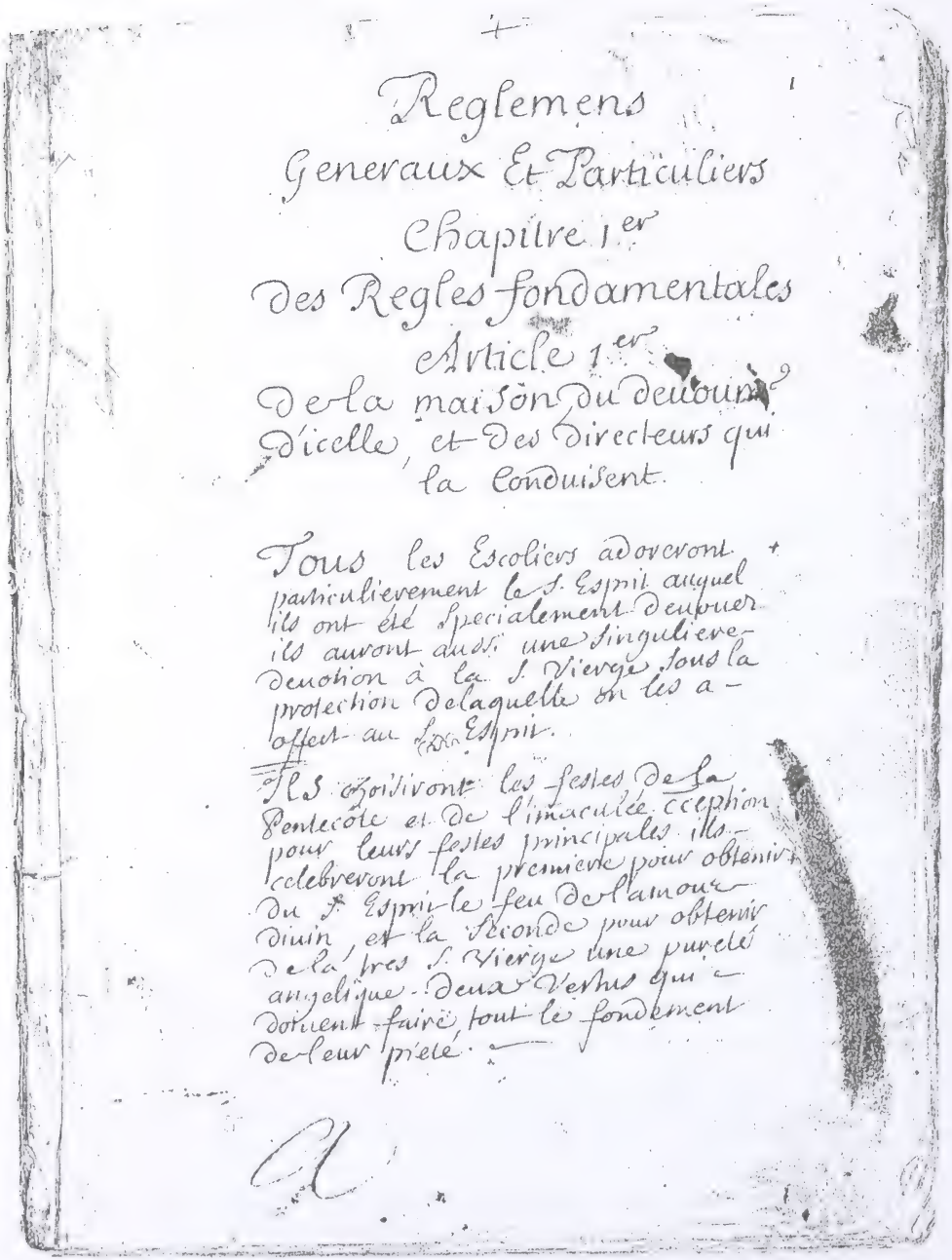
Pelo que respeita à história das Regras e Constituições da Sociedade do Espírito Santo, desde a sua fundação até à sua fusão com a Congregação do Imaculado Coração de Maria, podemos dividi-la em quatro épocas distintas.

1ª época. Desde a origem da Obra do Espírito Santo até à aprovação das Regras por Mons. De Vintimille, Arcebispo de Paris, ou seja de 1703 a 1734.

2ª época: desde a sanção dada pelo Arcebispo de Paris até à primeira aprovação pela Santa Sé ou seja: de 1734 a 1824.

3ª época: Desde a primeira aprovação de Roma até à segunda aprovação dada pela Sagrada Congregação da Propaganda, ou seja: de 1824 a 1847.

4ª época: desde esta segunda aprovação de Roma até à fusão das duas Sociedades, ou seja: de Dezembro de 1847 até ao mês de Outubro de 1848.



Reglemens
Generaux Et Particuliers
Chapitre 1.er
des Regles fondamentales
Article 1.er
de la maison du deuoum d'icelle, et des directeurs qui la conduisent.

Tous les Escoliers adoreront particulierement le S. Esprit auquel ils ont été specialement deuouez ils auront aussi une singuliere deuotion à la S. Vierge sous la protection delaquelle on les a offert au S. Esprit.

Ils choisiront les festes de la Pentecôte et de l'imaculée cception pour leurs festes principales ils celebreront la premiere pour obtenir du S. Esprit le feu de l'amour diuin, et la seconde pour obtenir de la tres S. Vierge une pureté angelique deux vertus qui doiuent faire tout le fondement de leur pieté.

Regulamentos gerais e particulares.
Primeira página de um manuscrito.

IV

Primeira Época (de 1703 a 1734).

Lançando os fundamentos de uma Obra tão bela e tão tocante dos estudantes pobres, M. Des Places não podia de modo nenhum ter no pensamento fundar uma Congregação de Padres. A julgar pelos documentos que temos, ele parece não ter isso em vista senão a simples educação clerical de jovens desprovidos de bens de fortuna, que ele destinava em seguida, a prover na Igreja de Deus, os ministérios humildes, obscuros e penosos.

Logo que, pouco depois, ele conseguiu que se lhe juntassem alguns zelosos colaboradores, para o apoiar na direcção desta obra tão cara ao seu coração, nada indica também que tivesse a intenção de formar uma Congregação propriamente dita. Com efeito, tudo o que nos resta dele, no que respeita à sua Obra, consiste unicamente numa pequena recolha de Regras compostas por ele para os estudantes pobres e de que temos a felicidade de possuir o manuscrito original.

Quanto aos seus primeiros cooperadores, não encontramos nenhum traço de Regra redigida para o seu uso particular. Parece não lhes ter deixado à sua morte, que de resto foi muito prematura, a não ser a piedosa recordação dos seus exemplos edificantes e a preciosa herança do Espírito inteiramente sacerdotal e apostólico que se tinha esforçado por comunicar durante a sua vida.

Sendo assim, os primeiros cooperadores e sucessores de M. Des Places, recrutados na sua maior parte entre os pobres estudantes do Seminário do Espírito Santo, formaram pura e simplesmente uma reunião de padres seculares, a dizer a verdade, piedosos e fervorosos, mas de nenhum modo unidos entre eles por leis fixas e determinadas, numa palavra, próprias para constituírem uma verdadeira corporação. Os únicos laços pelos quais eles estavam unidos, eram os da Caridade e não tinham, segundo parece, outra Regra comum, a não ser a do zelo ardente que os animava pelo sucesso da obra que os tinha levado quase todos ao sacerdócio.

Contudo, não passou muito tempo sem que não se apercebessem, que, para conduzir este estabelecimento com um sucesso ainda maior, e sobretudo para assegurar a estabilidade de uma instituição tão útil para a Igreja, para a salvação das almas, era indispensável que eles se constituíssem, sob o apoio de uma Regra comum, numa Sociedade propriamente dita, completamente distinta da Obra dos estudantes pobres.

Uma primeira Regra foi, portanto, composta para esse efeito. Contudo esta não foi feita senão lentamente e foi de alguma maneira o fruto da reflexão, não menos que da experiência já adquirida.

M. Bouic, segundo superior geral que sucedeu a M. Des Places, pode ser considerado como o seu principal autor. Ele a extraiu em parte dos Regulamentos deixados pelo Fundador, para os seus estudantes pobres, em parte dos usos e costumes que sucessivamente se foram assumindo, pela natureza das coisas, para a boa direcção da Obra.

Nos Regulamentos de Des Places ele bebeu sobretudo o espírito da Obra e algumas normas gerais de comportamento que podiam igualmente convir, tanto aos directores do seminário como aos alunos de cuja formação eles tinham o cuidado. Isso juntamente com os usos tradicionais que tinham herdado, como acabamos de ver, tanto de M. Des Places como de M. Garnier, seu sucessor imediato e que tinha tido ocasião de ele mesmo experimentar já durante vários anos, formou esta primeira Regra, em que ele, para dizer a verdade não fez senão coordenar os elementos persistentes e dar-lhes uma forma mais ordenada. Esta regra foi redigida em latim. Temos a felicidade de possuir vários exemplares manuscritos muito antigos, dos quais um foi mesmo escrito pela própria mão de M. Bouquet, sucessor imediato de M. Bouic.

V

Esta regra, tal como foi composta, por M. Bouic, numa época em que nos é difícil precisar a data, foi o primeiro código de Regras destinado a orientar os Directores da obra dos estudantes pobres. Contudo, ela não podia ser tomada senão como provisória, visto que não estando revestida de qualquer carácter autêntico e oficial, não tinha outra força senão a da boa vontade daqueles que queriam comprometer-se a segui-la. M. Bouic aproveitou-se também da primeira ocasião favorável que se lhe ofereceu, de resto bem cedo, para pedir a respectiva aprovação da autoridade eclesiástica.

Eis como a Divina Providência parece ter tomado a seu cuidado esta feliz conjuntura. Um eclesiástico da paróquia de S. Médard, em que o estabelecimento se encontra situado, fez um legado considerável ao Seminário do Espírito Santo. Ora, para que este legado pudesse ter efeito, segundo a legislação então em vigor, era necessário que o Estabelecimento tivesse uma existência legal; e por outro lado, este não podia ser reconhecido legalmente, se como condição prévia, não tivesse sido aprovado eclesiasticamente pelo Arcebispo de Paris. M. Bouic pediu, portanto, esta dupla aprovação tanto junto de Mons. De Vintimille como junto do Governo.

Depois de mil e uma dificuldades, que seria longo enumerar aqui, e onde ele deu provas de uma grande prudência e de uma perseverança a toda a prova, acabou finalmente por obter uma e outra aprovação, primeiro a do Arcebispo por um decreto com a data de 8 de Janeiro de 1734, depois a do Estado, por uma ordenança real, registada na Câmara das Contas, no decorrer deste mesmo ano. A sua pequena Sociedade adquiriu assim a dupla existência canónica e jurídica.[2]

Esta primeira Regra da Sociedade do Espírito Santo, assim aprovada, tem servido de base a todas as outras edições subsequen-

[2] No início da nova edição das Regras está o Decreto da Aprovação de Mons. Vintimille, nº 1.

tes, incluindo a nova que presentemente publicamos. Por isso, parece-me oportuno dar aqui uma ideia sucinta do seu conteúdo, a fim de melhor fazer compreender, a natureza e o valor das diferentes modificações que foram sucessivamente introduzidas, no decorrer dos tempos. Ela pode resumir-se nos seguintes pontos:

1. A Sociedade está centrada no Espírito Santo, sob a protecção de Maria concebida sem pecado.

2. Está sob a jurisdição e correcção imediata do Arcebispo de Paris e dos seus Superiores.

3. O seu fim é formar para o sacerdócio jovens desprovidos dos recursos necessários para subvencionar as despesas da sua educação clerical.

4. Os jovens clérigos, assim formados por ela, estão à disposição dos bispos, como padres seculares, para serem colocados a seu bel prazer, tanto em França, nos ministérios mais humildes, e mais penosos, como nos países de Missão para a conversão dos infiéis.

5. Os membros da Sociedade deverão possuir em grau eminente as qualidades e as virtudes que são chamados a cultivar nos seus alunos, nomeadamente a Caridade, que leva a esquecer-se de si mesmos para se consagrarem a Deus e ao serviço do próximo, a humildade, a pobreza, (ninguém pode possuir nada como próprio, mas tudo deve ser posto em comum e cada um deve receber da comunidade aquilo de que precisa), a obediência do juízo e da vontade, o cuidado pelo zelo nas suas funções, a modéstia, etc.; e, entre outros meios a adquirir e a aperfeiçoar, estas virtudes seguintes: a prática do silêncio, o exercício da meditação, da direcção e do exame de consciência geral e particular, a confissão semanal, a leitura da Sagrada Escritura e dos livros de piedade e finalmente frequentes retiros espirituais.

6. Os membros da Sociedade devem ser recrutados exclusivamente entre os alunos do Seminário. Antes de serem admitidos, deverão ter feito três anos de estudo, pelo menos, na Casa e dois no noviciado.

7. A admissão dos noviços na Sociedade será decidida pela pluralidade dos votos dos consultores da Congregação.

8. Aquando da sua entrada na Sociedade, o candidato se entregará a ela por um contrato civil, assinado por ele e pela Congregação.

9. O despedimento de um membro que se tenha tornado culpado de qualquer falta considerável, será igualmente decidido pela pluralidade dos votos do Conselho.

10. A Sociedade não poderá escolher o seu superior a não ser entre os próprios membros. Ele será eleito vitaliciamente, mas poderá ser mudado se o bem da Congregação o exigir ou mesmo deposto se a sua má conduta o exigir. Terá para o ajudarem nos seus conselhos e nas suas luzes, seis conselheiros, dos quais dois serão seus assistentes.

11. O superior deve ser eleito por seis delegados, escolhidos pelos membros da Sociedade e que se tornarão consultores pelo facto

mesmo da eleição do superior. A eleição do superior para ser válida, deve ter o assentimento de quatro eleitores, pelo menos. O superior deve fazer confirmar a sua eleição pelo Arcebispo de Paris, antes de fazer qualquer acto de autoridade.

12. Além do superior, para o qual são traçadas regras particulares, haverá: 1. um Prefeito encarregado de velar pelo comportamento dos seminaristas; 2. Professores que deverão ser tomados entre os membros da Sociedade e para os quais serão prescritas regras especiais; 3. um procurador, encarregado da administração geral de todos os negócios temporais; 4. enfim, um ecónomo para tudo o que diz respeito ao material, no interior da comunidade.

Tal é, em substância o código das Regras de que M. Bouic dotou a Sociedade dos Padres do Espírito Santo. Elas estarão em vigor durante um longo espaço de tempo muito considerável, ou seja, de 1934 até à Revolução Francesa. Abandonada então, na sequência da supressão das Congregações, foram retomadas, aquando do restabelecimento da Sociedade (1816) e continuaram assim a ser seguidas, até que foi do agrado da Divina Providência, juntar-lhes uma modificação importante, por ocasião de uma nova aprovação que lhe foi dada e de que vamos falar em seguida.

VI

Terceira época (de 1824 a 1847).

Esta nova aprovação das Regras e Constituições da Sociedade do Espírito Santo foi assinada já não pelo Arcebispo de Paris, mas pela própria Santa Sé.

Eis como as coisas se passaram. Pelos fins do ano de 1823, o Cardeal Prefeito da Propaganda, sem dúvida a propósito das numerosas relações da Sociedade do Espírito Santo com as Missões Coloniais, manifestou a M. Bertout, que era então Superior, o desejo de conhecer as Regras do Instituto. Este, pensou ver aí uma ocasião favorável para pedir a Roma a aprovação destas regras. O seu pedido foi efectivamente acolhido favoravelmente e as Regras e Constituições da Sociedade foram aprovadas por um decreto da Santa Sé com a data de 14 de Janeiro de 1824.[3] Contudo, Roma achou por bem colocar uma cláusula restritiva relativamente à jurisdição do Arcebispo de Paris.

Em conformidade com o que atrás ficou dito, o Instituto encontrava-se todo ele sujeito à sua pendência e correcção imediata. Ora como todos os países de Missão dependem directamente da autoridade da Propaganda, ela não podia em nenhuma circunstância deixar de reivindicar os seus direitos sobre as Missões Coloniais, dirigidas pela Sociedade e, por conseguinte, deixar de preservar a sua

[3] O decreto da Santa Sé da nova edição das Regras está no seu início.

jurisdição sobre esta parte das suas obras. Em consequência, exigiu que se juntassem estas palavras ao artigo que tratava da dependência da Sociedade do Arcebispo de Paris: *Ita tamen ut quae ad missiones illas exercendas pertinent quarum curam Sodalitii nostri sacerdotes gerunt aut gerent, ea in posterum Sacrae Congregationis de Propagande Fide tractare et expedire debeant.*

Devido a isso, como se vê, a Congregação do Espírito Santo, embora continue como Congregação sob a jurisdição e a dependência do Arcebispo de Paris, foi-lhe subtraída em parte, para depender da Propaganda, no que se refere às Missões Coloniais.

No intervalo desta mesma época, ou seja, de 1824 a 1849, foram igualmente introduzida nas Regras duas outras modificações, relativas, uma ao próprio fim do Instituto e a outra, à prática da pobreza:

1º. Relativamente ao fim da Sociedade, eis o que dizia a Regra Primitiva: *Pauperes clericos educare, qui sint in manu praelatorum parati ad omnia...et etiam infidelibus evangelizare.*

A educação dos pobres aspirantes ao sacerdócio, era primitivamente o fim único da Congregação do Espírito Santo. Contudo, desde 1787, a Congregação tinha aceitado para os seus próprios membros o serviço religioso da Guiana, das ilhas de S. Pedro e Miquelon, e da Goreia, no Senegal.

Este primeiro desvio do seu fim tinha-se alargado ainda mais, pela força das coisas, depois do seu estabelecimento em 1816.

Com efeito, tendo então sido encarregada pelo Governo de fornecer todas as colónias francesas, viu-se obrigada a enviar indistintamente Associados e não Associados, devido às imensas necessidades destas regiões, que se encontravam pouco mais ou menos completamente desprovidas de todo o auxílio religioso. Consagrado desde então pelo tempo, este desvio do fim primitivo do Instituto foi depois como que implicitamente aprovado pela Sagrada Congregação da Propaganda, a qual, apesar de não poder ignorar este estado de coisas, nunca chegou a fazer qualquer reclamação a tal respeito; pôde-se, enfim, introduzir nas regras de 1845, porque estas Regras, sendo impressas pela primeira vez, se julgou haver autorização suficiente para lhes acrescentar a nota seguinte: *Nunc Sodalitii est insuper curam gerere missionum coloniarum gallicanorum tam per sodales cum per sacerdotes ad munus in suo seminário formatos.* Ou seja: faz parte do fim da Congregação, "*o envio para as missões das colónias, não só dos sacerdotes formados no Seminário como também dos membros do Instituto*".

2º Pelo que diz respeito à prática da pobreza.

Esta virtude, conforme já vimos atrás, era primeiro praticada na Sociedade de uma maneira rigorosa. Tudo era posto em comum: e cada um devia receber da Comunidade o que precisava para as suas necessidades. Com o decorrer dos tempos, introduziu-se o costume, segundo a tradição nos leva a crer, de entregar todos os anos aos Associados residentes no seminário, uma soma de 100 francos, que,

contudo devia ser empregada em boas obras, especialmente ao serviço dos pobres. Além disso, a partir de 1835 começou a deixar-se a cada um a faculdade de dispor dos honorários de Missa. Enfim, em 1839 foi decidido que uma soma de 300 francos seria posta cada ano à disposição dos membros da Sociedade. Estes usos foram puramente tradicionais até 1845, época em que, como já foi dito, as Regras foram impressas pela primeira vez.

M. Fourdinier, que era então Superior Geral, julgou dever aproveitar esta ocasião, para os consignar por escrito, inserindo nas Regras, no capítulo da pobreza, uma nota fazendo fé que, *por consentimento unânime de todos os membros da Sociedade e com a aprovação de Mons. Quélen, arcebispo de Paris, dava-se a cada Associado uma soma determinada e além disso poderia dispor dos honorários de Missa para vestuário, viagens e outras pequenas despesas.*[4] Assim, foi introduzido e de alguma maneira sancionado, na Congregação, o primeiro relaxamento a respeito da pobreza.

VII

Quarta época (1847 a 1848)

Tendo em 1845 falecido M. Fourdinier, apesar de ser estranho à Congregação foi nomeado Superior Geral M. Leguay, que desde a sua tomada de posse se preocupou em organizar a Congregação em bases completamente novas, procurando realizar um projecto que amadurecia há já algum tempo. Este projecto consistia em não enviar mais no futuro para o serviço religioso das Colónias, a não ser os que eram membros da Congregação e por conseguinte a não receber no seminário do Espírito Santo senão os candidatos que consentissem em se tornar congreganistas e mesmo a filiar na Sociedade os Padres do Clero Colonial que nisso consentissem. Assim, M. Leguay apresentou à S. C. da Propaganda um projecto de modificações redigidas nesse sentido, a fim de adaptar as regras do Instituto à nova organização desejada. A maior parte destas modificações foram a aprovadas e consignadas numa nova edição das Regras que se imprimiram em 1848. [5] Vejamos em que é que esta edição das Regras é diferente das anteriores:

A primeira modificação diz respeito ao fim do Instituto:

Segundo o que já atrás foi exposto, o fim primitivo da Sociedade consistia pura e simplesmente na educação de jovens clérigos, destinados a ministérios obscuros, humildes e penosos. Como também já dissemos, este fim tinha sido modificado e alargado um pouco mais, por uma nota inserida nas Regras de 1845 *(O fim da Sociedade é gerir a*

[4] Ex unanime sodalium consensus, cum aprobatione RR DD de Quelen, parisiensis archiepiscopi, unicuique datur pecuniae summa determinata et aliumquantum ex missis stypendia pró vestitu, itineribus et minimis expensis.

[5] Na nova edição das Regras vem o decreto da Propaganda.

causa das missões coloniais francesas, tanto pelos seus membros como por sacerdotes formados para este múnus). Contudo, não tendo esta nota outro valor real que o da autoridade privada dos redactores, o fim da Sociedade tinha-se modificado de facto, mas não de direito.

Ora, na edição de 1848, esta modificação foi sancionada e legitimada pelo decreto da S. C. da Propaganda que autorizou M. Leguay, a substituir as palavras da Regra – *pró fine habet (Sodalitium) pauperes clericos educare* – por outras palavras: *pró fine habet sodales educare qui*...Ou seja, *o seu fim deixava de ser apenas educar os clérigos pobres para ser educar os membros da Congregação que*... Desde então, a esfera de acção da Sociedade deixou de ser restrita em direito, como o fora no passado, a formar somente jovens pobres, destinados a ser empregados, como padres seculares em ministérios obscuros, humildes e penosos, etc... mas estendeu o seu âmbito também, e sobretudo, a formar candidatos a ela pertencentes, para os empregar nos mesmos ministérios e nas mesmas funções, tanto em França, como nos países estrangeiros, ou seja nas missões. Donde resulta, evidentemente, uma diferença essencial para o fim do Instituto.

A segunda modificação refere-se à questão da dependência da Sociedade, no que respeita à autoridade eclesiástica.

Como já se disse, a Sociedade do Espírito Santo, ao princípio dependendo exclusivamente da jurisdição do Arcebispo de Paris, tinha-lhe já sido subtraída em parte, relativamente às Missões Coloniais, pelas quais ela devia depender directamente da Propaganda. Na época de que falamos, a Santa Sé, a pedido de M. Leguay, permitiu que a Congregação fosse completamente liberta, salvaguardados os direitos do Ordinário, para ser colocada totalmente dependente da jurisdição da Propaganda. E ela devia ainda, passar de Obra puramente local e diocesana, como era antes, a uma Obra geral e apostólica. Compreende-se, de resto, sem dificuldade, que não era possível que as coisas fossem de outra maneira, tendo em conta que a Sociedade do Espírito Santo, não tendo então outro estabelecimento na diocese de Paris nem mesmo em França, a não ser o Seminário das colónias, e não se ocupando de facto a não ser das Missões Coloniais, os laços de dependência que lhe restavam ainda a respeito do Arcebispo de Paris, ficassem por isso mesmo sem qualquer efeito.

A terceira modificação refere-se ao estabelecimento na Sociedade de duas espécies de membros ou Associados, ou seja: os Associados de Primeira Ordem e os Associados de Segunda Ordem.

Os Associados de Primeira Ordem põem em comum os seus bens temporais e espirituais. Como as Antigas Regras eram totalmente omissas a este respeito, M. Leguay pensou ser seu dever, nesta secção especificar nas Regras quais eram os bens temporais que os Associados de Primeira Ordem deviam pôr em comum, ou seja: os fundos provenientes dos honorários das missas, das funções do seu ministério ou das suas indústrias, adquiridos depois da entrada na Sociedade; mas não os bens patrimoniais e hereditários.

A razão pela qual a Regra primitiva não dizia uma palavra sobre a questão dos bens patrimoniais e hereditários, era, sem dúvida, por isso ser inútil e sem aplicação ou então porque, por um lado, segundo o teor desta mesma regra, a Sociedade não tinha de *se ocupar a não ser dos alunos formados no seu Seminário* e por outro lado, os alunos não podiam ser recebidos no seminário se não fossem pobres e sem fortuna.

Quanto aos *Associados de Segunda Ordem*, eles só punham em comum os bens espirituais. Eram portanto, segundo parece, mais uma espécie de filiados que de membros propriamente ditos da Sociedade. Não podiam exercer qualquer cargo nem tomar parte na administração

Como é fácil de compreender, esta distinção de duas ordens de membros na Sociedade, tinha por fim, ligar à Congregação, pelo menos por algum laço, os Padres das Colónias, a fim de por esse meio poder exercer uma influência salutar em vista do maior bem.

A quarta modificação diz respeito à prática da pobreza.

Conforme o que fica exposto atrás, tinha-se já começado a adoçar um pouco, a este respeito, o rigor da observância primitiva, dando a cada Associado uma determinada soma e deixando-lhe ainda os honorários das Missas, com a incumbência de cada um prover ao seu vestuário, às despesas de viagem, etc. Em 1847 prescreveu-se de novo nas Regras a partilha comum de tudo o que se recebesse a título de honorários ou de retribuição pelo exercício do santo ministério. Contudo, cada um podia providenciar sobre estes rendimentos para o que julgasse necessário para as suas necessidades pessoais, devendo, no fim de cada ano, remeter o remanescente à Casa Mãe, sem tão pouco ser obrigado a dar contas do emprego do dinheiro gasto.

Como vê, esta modificação, embora parecendo respeitar mais, em direito, o princípio da pobreza, de facto tornava-a na prática ainda mais suave e mais larga que no passado. De resto, é de compreender que o que se tinha proposto com isso tinha sido tornar mais fácil, tanto ao clero da França em geral como aos Padres das Colónia, em particular, a sua entrada na Congregação.

A quinta modificação consiste na adição de um capítulo inteiro, incluindo uma série de regras de comportamento para os membros destinados a viver longe da casa Mãe.

É fácil de compreender que devia haver aí uma lacuna a este respeito nas edições anteriores das Regras, pois que estas, de facto, só tinham sido feitas para os directores do Seminário Colonial. Mas desde que a Sociedade tomou como fim, segundo um novo plano de organização incluir como seus membros todos os que trabalhavam nas colónias francesas, houve necessidade, naturalmente, de traçar para estes obreiros apostólicos certas regras especiais, mais particularmente adaptadas às suas necessidades. É de notar, no entanto, que várias destas regras parecem entrar em certos pontos, nos deveres já prescritos pelas antigas Regras da Sociedade, para os directores do Seminário.

A sexta modificação é a respeito da admissão dos candidatos.

No passado, nenhum candidato podia ser admitido na Sociedade do Espírito Santo, se não tivesse seguido durante três anos, os cursos do Seminário da Congregação e feito dois anos de Noviciado. Na época de que se trata agora, a primeira destas condições, relativa aos estudos, foi suprimida, contentando-se com exigir os dois anos de noviciado para passar para a Casa Mãe. Esta mudança, de resto bem fundada, devia além disso, dar à Sociedade a possibilidade de recrutar jovens alunos dos diferentes seminários de França

Enfim, a sétima modificação diz respeito à eleição.

O capítulo que tratava desta questão foi quase completamente refeito. Precedentemente, como já foi dito atrás, o Superior era eleito por seis delegados escolhidos por todos os membros da Sociedade, os quais, pelo facto mesmo da nomeação do Superior, se tornavam por direito Consultores. Ora ficou desde então estabelecido, que à morte do Superior, os membros presentes na Casa Mãe elegeriam não um superior definitivo mas somente um Vigário Geral, esperando que todos os membros da Sociedade, informados desta notícia, pudessem enviar informações úteis sobre a escolha do Superior a eleger. A eleição deste último só se deveria fazer depois de um ano inteiro de intervalo e isso, por todos os membros presentes na Casa Mãe e arredores.

Além disso ficou regulamentado, em conformidade com a nova organização da Sociedade, que o Superior deveria fazer confirmar a sua eleição, já não como outrora, pelo Arcebispo de Paris, mas por Roma, pelo Santo Padre, por intermédio do Cardeal Prefeito da Propaganda.

Enfim, ficou ainda estatuído que o Superior em vez de ter apenas dois Assistentes, como no passado, deveria daqui para a frente ter quatro que seriam escolhidos entre os seis consultores. Até aqui ainda não pude descortinar os motivos que levaram Leguay a fazer esta última mudança.

Foram estas as principais modificações que foram introduzidas nas Regras de 1847. Fizeram-se ainda várias outras mudanças, mas de muito menos importância e que de resto, não são senão uma consequência natural e de algum modo necessária devido às modificações essenciais realizadas. Não a poderia apresentar em pormenor sem ultrapassar os limites que me tinha proposto nesta pequena excursão pela história das nossas Regras. Penso que basta dizer que em geral as modificações operadas tendem todas a suavizar, mais ou menos, o rigor da Regra primitiva, sempre com o mesmo fim, de atrair à Sociedade um maior número de candidatos a fim de que ela pudesse fazer face às novas e imensas necessidades.

VIII

Tal é o resumo histórico das Regras e Constituições tanto da Congregação do Imaculado Coração de Maria como da do Espírito Santo, desde as origens até à sua fusão.

Quando esta fusão se fez, por um efeito admirável da Divina Providência, havia apenas alguns meses que a nova edição das Regras da Sociedade do Espírito Santo recebera a aprovação da Santa Sé. Como consequência da fusão, as Regras, como nenhum de nós o ignora, tornaram-se as Regras fundamentais e canónicas das duas Congregações reunidas. Como já vos disse na 2ª circular, elas quase não diferem da antiga Regra Provisória da Congregação do Imaculado Coração de Maria, nem quanto ao fim geral que era, de ambas as partes, evangelizar os pobres e os infiéis, de, numa palavra, exercer toda a espécie de ministérios humildes, obscuros e penosos, nem quanto ao espírito eclesiástico e sacerdotal e à perfeição a que tendiam ambas as Congregações.

Mas no que respeita à vida apostólica e religiosa, não menos que à organização hierárquica e administrativa, as Regras do Espírito Santo eram muito incompletas em comparação com a Regra Provisória do Imaculado Coração de Maria.

O nosso Venerável Padre não ficou sem compreender, primeiro o que as Regras deixavam a desejar a este respeito, mas, como pensar então em colmatar esta lacuna, visto a aprovação tão recente que tinha sido concedida a estas mesmas regras pela Santa Sé Apostólica? Não só seria muito difícil, para não dizer impossível, obter nova aprovação destas Regras, retocadas de novo, mas também não seria atilado e prudente fazer essa tentativa.

O nosso Fundador contentou-se, portanto, como todos sabemos, com solicitar a Roma as três únicas modificações seguintes, que lhe pareceram as mais urgentes e que nos foram concedidas, não sem alguma dificuldade, pelo que respeita sobretudo à pobreza, ou seja:

1º a substituição das palavras titulares da Congregação. Substituir a expressão antiga da Sociedade do Espírito Santo *Sob a invocação da Imaculada Conceição* pela expressão nova de *Sob a invocação do Imaculado Coração de Maria.*

2º A conservação da prática da pobreza tal como tinha sido sempre entendida na Sociedade do Coração de Maria e que tinha sido praticada nos primeiros tempos da Sociedade do Espírito Santo.

3º Enfim, a abolição da Segunda Ordem de membros, de que falamos acima, que estavam ligados à Sociedade por laços meramente espirituais.

Mas é fácil de compreender que estas pequenas modificações estavam longe de bastar para harmonizar as Regras do Espírito Santo com a nossa antiga Regra Provisória. O nosso Venerável Padre julgou então dever pedir ainda e de facto obteve do Cardeal Prefeito da Propaganda a autorização verbal de redigir alguns regulamentos adicionais, destinados a suprir ao menos até certo ponto, o que as Regras apresentavam de defeituoso e de incompleto e a manter-nos assim no estado constitutivo que tinha sido primitivamente estabelecido na pequena Sociedade do Coração de Maria.

Tal foi a ocasião e a origem dos nossos Regulamentos Constitutivos e Orgânicos (de 1849) que substituíam a antiga Regra Provisória, adaptada, tanto quanto possível, às novas Constituições Canónicas da Congregação.

Os Regulamentos (de 1849) tendo sido lidos numa reunião composta por todos os membros das duas Sociedades, presentes em Paris, foram adoptados e subscritos por comum acordo e tornaram-se assim obrigatórios para todo o Instituto, estando revestidos, ao mesmo tempo, da autoridade moral do nosso Fundador e da sanção de consentimento moralmente unânime dos membros da Congregação.

Mas, meus caros confrades, se um Superior Geral e o seu Conselho e sobretudo uma Congregação moralmente representada numa reunião geral, têm o poder de estabelecer Regulamentos obrigatórios para todos os membros da Sociedade, estes Regulamentos só serão úteis se decorrerem das Regras primeiras e fundamentais; se estas forem canonicamente aprovadas e não forem, para me servir de uma expressão do Direito canónico, *supra, ou infra ou contra as Regula*, nomeadamente no que diz respeito à *obrigação da vida comunitária, a emissão dos votos, ainda que feitos secretamente, e à existência de Irmãos,* todo um conjunto de pontos de que não há a mínima menção nas Regras.

Um estudo mais aprofundado deste estado de coisas veio de facto confirmar-nos, cada vez mais no receio disso ser anormal e defeituoso. Pareceu-nos, portanto, demasiado grave para que não pudéssemos ficar mais tempo nesta situação pouco segura e precária e de procurarmos o mais depressa possível um meio de o remediar, apesar da palavra venerável do Cardeal Prefeito da propaganda que tinha autorizado o nosso Venerável Padre a redigir os Regulamentos constitutivos e Orgânicos.

IX

Para este efeito, há duas maneiras de fazer que já vos expus na 2ª Circular:

1ª Fundir simplesmente o livro das Regras e Constituições com o dos Regulamentos num só e mesmo corpo de Regras.

2ª Conservar a distinção das Regras e Constituições com a dos regulamentos Constitutivos, contentando-se com introduzir tanto nas Regras e Constituições como nos Regulamentos Constitutivos, as modificações necessárias para completar uns com os outros e fazer deles assim uma coroa mais perfeita.

O P. Schwindenhammer optou por este segundo modelo por motivos que ele mesmo explica na 2ª Circular, dando assim origem a um processo de Novas Regras e Constituições que viriam a ser publicadas em 1855.

Cartaz comemorativo dos 300 anos da morte de Cláudio Poullart des Places – Província de Portugal. Autora: Irmã Ana Sofia, Carmelita, Coimbra.

III. A mística de um sonho

11. Um jovem rico no seguimento de Cristo pobre

A VOCAÇÃO DUM JOVEM RICO

Cláudio Francisco Poullart des Places nasceu em Rennes, a 26 de Fevereiro de 1679. Era o primeiro filho e permaneceu o único filho de Francisco Cláudio, advogado ao Parlamento e de Joana Le Meneust de la Vieuxville. Antes da reforma da nobreza bretã (1668), os Poullart tinham perdido a qualidade de escudeiro e a grande ambição de Francisco Cláudio era introduzir a sua linhagem na nobreza[2].

Muito piedosos, os pais de Cláudio vestiram-no de branco em

---

* *O P. Michel, (1912-1996), espiritano, antigo capelão geral dos estudantes do ultramar, doutor em letras, especialista da actividade missionária da Bretanha preparou uma obra fundamental sobre Poullart des Places, intitulada: Claude-François Poullart des Places, fondateur de la Congregation du Saint-Esprit, 1679-1709 (Paris, Ed. Saint Paul, 1962), uma biografia crítica de Cláudio Poullart des Places.*

[2] *As fontes principais para esta contribuição, com indicações de abreviaturas suplementares: KOREN, Escritos: Lembremos que se encontra na quarta parte do livro de CHRISTIAN DE MARE, Aux Racines de l'arbre spiritain, Mémoire Spiritaine, Estudos e Documentos, uma nova edição crítica da totalidade dos Escritos de Poullart des Places, com indicações à margem que reenviam às precedentes edições de Koren e Lécuyer. MICHEL, Poullart des Places (THOMAS Pierre), Memorando sobre Poullart des Places, publicado em: KOREN, Escritos, pag. 226-275, citado : THOMAS. Carlos BESNARD, S.M.M., A vida do Sr. Luís Maria Grignion de Monforte, padre, missionário apostólico, livro terminado por volta de 1770, publicado em Roma pro manuscripto em 1981, pelo Centro Internacional monfortino, com o título: Carlos BESNARD, A vida do Sr. Luís Maria Grignion de Monforte, em dois volumes, XIV-333 pag. + 346 pag.: o texto do manuscrito inicial de 680 páginas nessa edição, de que 34 são consagradas a Poullart des Places ou a seus discípulos, todas colocadas no primeiro volume que citaremos: Besnard, Prática de devoção e virtudes cristãs seguindo as regras das Congregações de Nossa Senhora, Paris, 1654 (Arquivos S.J. de Toulouse, CA. 109), citado: Prática.*

honra da Santíssima Virgem Maria até à idade dos sete anos. Bem cedo confiaram-no a um preceptor e, aos nove anos colocaram-no no sexto ano no colégio dos Jesuítas. No nono ou no décimo ano, criou amizade com um vizinho, Luís Grignion[3], seis anos mais velho que ele, que então frequentava as aulas de filosofia.

Fez um ano de retórica sob a orientação do P. de Longuemarre e um segundo ano em Caen, com o mesmo orientador. Regressou a Rennes com três méritos, entre os quais o de retórica. No fim dos três anos de filosofia, foi escolhido para o Grande Acto, no dia 25 de Agosto de 1698. O Mercúrio Galante (Nov. 1698) consagrou três páginas à defesa de sua tese dedicada ao Conde de Toulouse, filho de Luís XIV, governador da Bretanha, que elogiou o grande filósofo: "*Se foi bem atacado, melhor ainda se defendeu. As suas respostas pareceram engenhosas, e deu-as com tanta graça que atraiu a admiração de todos os que o ouviram*".

"As inclinações que tivera desde a sua infância para o estado eclesiástico vinham-lhe frequentemente"

Cláudio tinha 19 anos e meio. "*As inclinações que tivera desde a sua infância para o estado eclesiástico vinham-lhe frequentemente*"[4]. Pediu aos seus pais para ir estudar teologia na Sorbonne, mas vendo desmoronar-se o sonho de sua vida, o seu pai convenceu-o a começar por cursar direito em Nantes. Durante três anos, guardou silêncio sobre a sua vocação. O seu pai, que tinha uma fortuna considerável, pretendia enobrecê-lo pela aquisição do cargo de secretário do rei e fazer dele um conselheiro ao Parlamento.

Quando, na primeira metade de 1701, Cláudio se retirou do barulho do mundo para passar oito dias na solidão dum retiro, redige as suas *Reflexões sobre as verdades da religião,* interroga-se sobre a escolha dum estado de vida, vive junto com os seus pais sem exercer qualquer profissão, mas muito atento às actividades do pai, ao ponto de escrever: "*O meu pai está velho e deixará atrás dele negócios consideráveis que poucas pessoas além de mim serão capazes de pôr em ordem*"[5].

"Por vezes devoto como um anacoreta, até levar a austeridade para além do que é pedido a um homem do mundo, outras vezes mole, relaxado, morno para cumprir os seus deveres de cristão"[6], ele não está em paz: "*Tenho tudo a recear no estado em que me encontro. Não sou absolutamente, Senhor, aquele que desejais*[7]*. (...) Sei bem que não aprovais a vida que levo, que*

---

[3] ***Nascido a 31 de Janeiro de 1673, Luís Grignion entrou no colégio de Rennes, na sexta classe, em 1685. Fez dois anos de filosofia (Out. 1691 a Julho de 1693). Viveu em Paris de 1693 até a sua ordenação sacerdotal, a 5 de Junho de 1700. De Poitiers, regressa uma primeira vez a Paris no verão de 1702; uma segunda vez da Páscoa de 1703, em Março de 1704. J. Frisen, historiador monfortino, considera como muito provável uma viagem a Paris e uma visita a Poullart des Places em Maio-Junho 1709 (Boletim da história dos Monfortinos, Março 194). A última visita do santo ao Seminário do Espírito Santo aconteceu em Agosto de 1713.***

[4] ***THOMAS, pag. 240***

[5] ***LECUYER, Escritos, pag. 43 e Aux racines de l'arbre spiritain, Cláudio Francisco Poullart des Places, pag. 305***

[6] ***LECUYER, Escritos, pag. 43 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 303.***

[7] ***LECUYER, Escritos, pag. 36 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 298***

me destinais a algo de melhor[8]. *(...) Vós procurais persuadir-me que quereis servir-vos de mim nos trabalhos mais santos e mais religiosos*"[9].

Se segue a sua inclinação para o estado eclesiástico, será para "*converter almas para Deus*"[10]. O seu zelo explode em três parágrafos seguidos de suas *Reflexões*: "*Far-vos-ei conhecer aos corações que já não vos conhecem (...) Anunciarei aos pecadores o que a vossa bondade me fez ouvir (...) Comprometê-los-ei a rezar sinceramente*"[11].

Inclinado para o sacerdócio, Cláudio mostra, em várias ocasiões, a sua "*inclinação para os pobres; (gosta) de dar esmolas e combate naturalmente a miséria alheia*"[12].

Enfim, Cláudio visa a verdadeira santidade e vê na Eucaristia o meio por excelência para obter as graças necessárias para a alcançar: "*Por isso, não deixarei na minha vida de participar no sacrifício da missa. Pedir-vos-ei com insistência, ó meu Deus, ao oferecer-vos esta vítima sem mancha, de me conceder todas as graças de que tenho necessidade para me tornar um verdadeiro santo*"[13].

"Cláudio vê na Eucaristia o meio por excelência para obter as graças necessárias para a alcançar"

Ele prevê que, no caminho para a santidade, o obstáculo "*mais temível (será) a ambição, (a sua) paixão dominante*" e pede a Deus para intervir: "*Meu Deus, humilhai-me, abaixai o meu orgulho, confundi a minha glória. Que encontre por todo o lado mortificações, que os homens me rejeitem e me desprezem. Consinto nisso, meu Deus, desde que me ameis muito e que eu vos seja querido*"[14].

No fim de seu retiro de escolha, sabe que Deus o chama ao sacerdócio; o padre jesuíta a quem se confia não faz senão reforçar a sua convicção, e sugere-lhe um meio eficaz de vencer a sua ambição: em vez de fazer a sua teologia na Sorbonne, onde obteria graus universitários que lhe permitiriam brigar por altos cargos na Igreja, porque não fazê-la no colégio de Luís, o Grande, donde sairia sem licenciatura nem doutoramento, mas com uma doutrina mais segura?

NO COLÉGIO LUÍS, O GRANDE. A INFLUÊNCIA DOS AA

Cláudio fez sua a sugestão do seu conselheiro. Em Outubro, está no colégio Luís, o Grande[15]. Fiel a suas resoluções do retiro, não as

---

[8] *LECUYER, Escritos, pag. 40 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 300*
[9] *LECUYER, Escritos, pag. 17 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 281*
[10] *LECUYER, Escritos, pag. 46 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 306*
[11] *LECUYER, Escritos, pag. 25 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 288*
[12] *LECUYER, Escritos, pag. 43, 48, 51 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag.304, 308, 310*
[13] *LECUYER, Escritos, pag. 34 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 297*
[14] *LECUYER, Escritos, pag. 35 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 298*
[15] ***Seus pais realizaram as suas aspirações à nobreza casando a irmã de Cláudio com o conde H. Le Chat de Vernée, conselheiro ao Parlamento da Bretanha. Graças a esta aliança, o nome dos Poullart des Places figurará na genealogia do duque Maurício de Broglie (1875-1960), físico célebre e membro da Academia francesa, e do duque Luís, seu irmão, prémio Nobel da Física e também académico.***

conserva menos "*no exterior e em suas maneiras, um ar muito polido segundo o mundo*"[16]. No entanto, preparam-se profundas mudanças. A *vida de Michel Le Nobletz* [17] serve-lhe de grande "*ajuda para desprezar o mundo e pôr-se em tudo acima do respeito humano*"[18]. Sobretudo ele é distinguido pelos membros da Assembleia dos Amigos ou Aa, associação secreta de piedade constituída por pequeno número de estudantes de teologia que, no Colégio Luís, o Grande, como na maior parte dos colégios jesuítas, anima a Congregação mariana[19]. Depois do exame do seu carácter, de sua afeição pelas obras de misericórdia e de sua aptidão para guardar o segredo, é iniciado progressivamente no espírito e nas actividades da associação. Finalmente, foi recebido como irmão no decorrer de uma cerimónia e se lhe entregou o Manual da Aa[20].

"Cláudio recebe a tonsura a 15 de Agosto de 1702 e "vemo-lo de repente deixar o brilho dos modos do mundo para revestir-se do hábito e da simplicidade dos eclesiásticos mais fiéis à reforma."

Oração, confissões e comunhões frequentes, imitação de Cristo, terna piedade mariana, pobreza e simplicidade de vida, fuga das honras e dos benefícios, mortificações corporais são os meios de santificação dos Amigos. Cláudio vive interiormente cada um dos pontos dessa espiritualidade. Consagra mais de duas horas por dia à oração; "*purifica-se cada vez com mais frequência com o sacramento da penitência*[21]. Se abrandou um pouco as suas terríveis mortificações, foi por ordem de seu director espiritual[22]. As Regras da Aa pedem aos clérigos para não vestir batinas de pano vistoso; se estão bordadas por uma fita de seda, não deixará de retirá-la". Cláudio recebe a tonsura a 15 de Agosto de 1702 e "*vemo-lo de repente deixar o brilho dos modos do mundo para revestir-se do hábito e da simplicidade dos eclesiásticos mais fiéis à reforma*[23]". "*Era*,

---

[16] *THOMAS; pag. 272*

[17] *Sobre Michel Le Nobletz, ver: António VERJUS, A vida do Sr. Le Nobletz, padre e missionário...Nova edição, Lião, Périsse Frères, 1836, 2 Vol. (1ª edição, Paris 1666); Ferdinand RENAUD, Michel Le Nobletz et les Missions Bretonnes, Paris, Edições do Cèdre, 1955.i*

[18] *BESNARD, pag. 276*

[19] *Cf. Sobre a Aa: Dicionário de Espiritualidade, art. "Aa", t. I, Col. 1 e 2, e sobretudo art. "congregações secretas", de R. Rouquette, T. 2, Col. 1491-1507. R. Rouquette justifica assim o segredo da Aa: "Se, se quer suscitar uma elite de apóstolos a partir, não do nascimento, mas do valor espiritual, nos séc. XVII e XVIII, o segredo é estritamente indispensável (Col 1501)". Mais tarde, Libermann fará, também ele, parte de duas associações secretas, a dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria (São Sulpício) e a dos Santos Apóstolos (Issy). Lemos no regulamento da primeira: "O segredo mais inviolável será guardado sobre as operações da Associação e sobre a sua existência, quer no Seminário, quer fora do Seminário. Para nós, Espiritanos, o estudo dos registos destas duas associações é dum grande interesse.*

[20] *Este Manual, raríssimo, tem por título: Prática de devoção e das virtudes cristãs segundo as Regras das Congregações de Nossa Senhora, Paris, 1654 (Arq. S.J. de Toulouse, CA.109).*

[21] *THOMAS, pag. 264*

[22] *THOMAS, pag. 270*

[23] *THOMAS, pag. 272*

escreverá, *na participação do corpo de Jesus que auria este despojamento que me fazia desprezar o mundo e as suas maneiras*[24]. *Preocupava-me pouco de ter a sua estima. Procurava mesmo, por vezes, contrariar os seus costumes*[25].

Nos quatro pontos dum regulamento particular que contava pelo menos 16, manifesta cinco vezes a sua devoção a Maria. Pela manhã e à tarde, para se pôr sob a protecção daquela de quem *foi outrora filho particular*[26], recita a Santa Maria, oração que leu no momento de sua recepção na Assembleia dos Amigos. "*Ao longo do dia, (diz a mesma oração) para pedir as luzes do Espírito Santo e a protecção da Santíssima Virgem*[27]: "*Santa Maria, Mãe de Deus e Virgem, eu, Cláudio, escolho-vos, hoje, por minha Soberana, minha Padroeira e minha Advogada. Assumo o compromisso de nunca vos esquecer... Peço-vos, acolhei-me como vosso servo para sempre; assisti-me em todas as minhas acções e não me abandoneis na hora da minha morte*"[28].

A sua sede de perfeição é tal que cada manhã, numa longa e magnífica oração, pede a Deus para estar pronto "*a preferir mais a morte da forca ou da roda que consentir em cometer um só pecado venial por propósito deliberado*"[29].

O SEU ZELO APOSTÓLICO

O zelo apostólico dos Amigos exerce-se pela catequese das crianças das paróquias, pela visita aos hospitais e sobretudo por assumir a responsabilidade do seu ambiente de vida, cada um esforçando-se por converter um ou vários de seus condiscípulos. Manifesta-se ainda por um grande cuidado pelo pobre, considerado como um membro sofredor de Cristo, e por uma viva preocupação da população cristã que, para sair de sua ignorância religiosa, tem necessidade, não de beneficiários ociosos e ávidos, mas de apóstolos segundo o Evangelho, pobres e desinteressados. Encontra a sua inspiração num ciclo anual de meditações contido no Manual da Aa, do qual alguns extractos:

"*O amor de Jesus não pode ficar ocioso; passa do coração às mãos e do sentimento à acção. Caso contrário não é amor*[30]. *(...) Não há maior prova de amor a Deus e a Jesus que o amor ao próximo que, por substituição gloriosa de Jesus que morreu, assumiu o seu lugar na terra para ser o centro mais próximo e mais imediato de nossos afectos*[31] *(...) E como entre os nossos irmãos, os que mais precisam são os mais queridos do nosso pai e da nossa*

---

[24] ***Cláudio comungava três vezes por semana. A Aa pedia aos seus membros para comungar "todos os oito ou quinze dias segundo a opinião de seu pai espiritual".***

[25] ***LECUYER, Escritos, pag. 68 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 324.***

[26] ***LECUYER, Escritos, pag. 56 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 314***

[27] ***LECUYER, Escritos, pag. 56 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 314, nota 3***

[28] ***O texto latino desta oração encontra-se em Pratica, pag. 72***

[29] ***LECUYER, Escritos, pag. 58 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 316***

[30] ***Prática, pag. 90.***

[31] ***Prática, pag. 92***

boa mãe, serão estes também o centro de nosso amor: os pobres, os doentes, os aflitos, aos quais se juntam os pecadores[32] *(...). Os que mais precisam são os pecadores que estão na desgraça de Deus; são também os que mais devemos olhar com maior compaixão e aliviar com maiores atenções... Que o exemplo de Jesus Cristo, cujo nascimento, vida, morte, pensamentos, desejos, orações, lágrimas, suores e sangue não visaram senão a salvação dos pecadores, seja uma poderosa motivação. (...) Por isso, trabalhemos seriamente, a exemplo de Jesus Cristo, em sua conversão e em sua salvação e lembremo-nos que somos filhos de uma mãe que é o refúgio e o auxílio dos pecadores*[33].

Periodicamente, o substituto ou secretário de uma AA comunica às outras assembleias factos edificantes da vida espiritual e apostólica de seus confrades. Os *bilhetes de bem,* que constituem o essencial destas correspondências epistolares, são anónimos. São enviados, uma ou duas vezes por ano, ao director jesuíta da Assembleia que os recopia, modificando-os um pouco, antes de reenviar ao substituto.

De 1701 a 1709, só uma carta, datada de 20 de Março de 1703, foi enviada de Paris aos Arquivos da Aa da província. Dois bilhetes de bem são reproduzidos nesta carta, um de 1702, outro de 1703, dizem respeito incontestavelmente a Poullart des Places. Para acompanhar a evolução espiritual do nosso fundador e descobrir a origem de sua obra, dispomos de seus próprios escritos, do memorando de Pedro Tomás, do testemunho de Besnard na biografia de Grignion de Monfort e de uma carta de João Baptista Faulconnier: estes dois bilhetes confirmam, precisam, completam e esclarecem notavelmente o que já sabíamos[34].

"Cláudio, desde 1702, tem afeição particular pelas obras mais simples e mais abandonadas."

Cláudio, desde 1702, tem afeição particular pelas obras mais simples e mais abandonadas[35]. Dá catequese duas vezes por semana a vinte pequenos saboianos que ajuda também nas coisas temporais. Vai muitas vezes aos hospitais. Sustenta e paga a pensão de Faulconnier, estudante pobre de cerca de 16 anos, que manda de um lado para o outro a levar roupas a pobres envergonhados. Sobre o que o colégio lhe dá para alimentação, separa o que há de melhor e envia-o aos doentes e aos pobres; trata pior a si próprio que ao último de entre eles. Faulconnier vê-o comer uma mixórdia de feijões que têm por cima dois dedos de bolor[36]!

---

[32] *Prática, pag. 93*

[33] *Prática, pag. 95-96*

[34] *Eis o primeiro bilhete: "Um outro (confrade) sustenta e paga a pensão dum estudante pobre, compra roupas velhas para vestir outras pessoas pobres; o mesmo faz oito visitas ao Santíssimo Sacramento por dia e comunga três vezes por semana; visita muitas vezes os hospitais; duas vezes por semana ensina a vinte pobres saboianos e ajuda-os também nas coisas temporais; adverte caridosamente os confrades que não cumprem o seu dever. Bebe apenas água e come muito pouco e nunca o que é de seu gosto" Arquivos de Toulouse: Cartas de Aa, t. I, fº 208, C.A. 101.*

[35] *THOMAS, pag 268*

[36] *THOMAS, pag. 268; MICHEL, Poullart des Places, pag. 99*

FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO

Além de Faulconnier, no seu ambiente, Cláudio volta-se para outros estudantes pobres que, na cidade, vivem em condições desfavoráveis, tanto para o seu estudo como para a sua vida. Nesse apostolado vê apenas um meio de caridade; pensa, que as missões longínquas são a sua vocação e ambiciona o martírio[37]. No entanto, em breve, o seu zelo lhe inspira o meio de multiplicar a sua acção em favor dos pecadores, os mais miseráveis e os mais abandonados de todos os pobres. "*Sente que Deus quer servir-se dele para encher o seu santuário de mestres e guias; compreende que para consegui-lo, não pode fazer melhor que continuar a ajudar os estudantes pobres em sua subsistência e em colocá-los em condições de prosseguir os seus estudos. (...) Concebe o desígnio de reuni-los numa sala onde iria, de vez em quando, instruí-los e velar por eles tanto quanto a sua permanência no colégio lho permitia*[38]. No momento, tratava-se apenas de quatro ou cinco estudantes pobres[39]. Aprovado pelo seu director, encorajado pelas promessas do principal do colégio em conceder-lhe uma parte das sobras dos pensionistas, aluga um local nas proximidades de Luís, o Grande.

Está neste ponto quando Grignion de Monforte, no decorrer do Verão de 1702, vem vê-lo e o convida a unir-se a ele para ser a base de sua *Companhia de Maria*. Após ter informado o seu amigo do que agora considera ser a sua verdadeira vocação, Cláudio faz-lhe esta promessa: "*Se Deus me conceder a graça de ter sucesso, podes contar com missionários; eu prepará-los-ei e tu dar-lhes-ás campo de trabalho*"[40].

"Se Deus me conceder a graça de ter sucesso, podes contar com missionários; eu prepará-los-ei e tu dar-lhes-ás campo de trabalho."

A realização de seu projecto é rápida. Na sua carta de 17 de Março de 1703, o substituto da Aa parisiense, recopia o bilhete que acaba de lhe reenviar o padre espiritual: "*Um outro membro renunciou a um dote de quatro mil libras e a um alto cargo como conselheiro ao Parlamento, que os seus pais projectavam para ele para ser director de um Seminário onde não terá senão trabalhos e fadigas; não dorme mais que três horas por noite numa cadeira*[41] *e dedica o resto do tempo à oração; para se mortificar, come sempre o mesmo tipo de carne e não bebe senão água. Dá muitas esmolas e nunca menos de um meio luís*".

Um dos interesses deste texto é precisar-nos que no começo da Quaresma de 1703, Poullart des Places, director de um seminário, vive já em Gros-Chapelet, rua dos Sapateiros, com os seus estudantes pobres. Espera a festa do Pentecostes para consagrar a sua obra ao Espírito Santo sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado.

---

[37] ***LECUYER, Escritos, pag. 67 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 323***

[38] ***BESNARD, pag. 277***

[39] ***LECUYER, Escritos, pag. 74 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 330***

[40] ***BESNARD, pag. 282***

[41] ***Lê-se uma nota antiga sobre Santa Joana Delanoue (1666-1736): "Ela só dormia algumas horas, completamente vestida, sentada sobre uma cadeira e a cabeça contra a parede"***

A pequena comunidade da rua dos sapateiros cresce rapidamente. Todos os quartos do Gros-Chapelet, passado pouco de tempo, lhe serão reservados e avança em breve para a casa vizinha, a celebre *Rosa Branca* que, em meados do século anterior tinha sido o berço da primeira Aa parisiense, que esteve na origem das *Missões Estrangeiras*.

No começo de 1704, após 18 meses de um estado muito pronunciado de oração afectiva, "*O Sr. Desplaces* – assim Cláudio se faz chamar em Paris – *entra numa dolorosa provação espiritual que vai durar todo o ano*". Nas suas *Reflexões sobre o passado*, redigidas no decorrer de um retiro que faz durante as férias do Natal, tece um contraste impressionante entre o seu fervor passado e a secura presente de sua alma, que toma por tibieza. Dá-se conta que não pode dirigir sozinho, ao mesmo tempo que prossegue os seus estudos, uma comunidade em pleno crescimento. Por isso, convida Miguel Vicente Le Barbier, um amigo de infância, padre desde Setembro, que imediatamente o vem assistir. Ele mesmo, ainda simples tonsurado, apenas receberá o sacerdócio a 17 de Dezembro de 1707. No fim de 1705, a sua comunidade já contava com mais de cinquenta seminaristas, numa grande casa da rua Nova de Santo Estêvão (rua Rollin) que lhe permitirá receber 70 seminaristas.

A INFLUÊNCIA DETERMINANTE DA AA

A Aa, por sua espiritualidade, que intimamente une santidade e apostolado, transformou Poullart des Places. Em Rennes, tinha uma grande inclinação para os pobres, mas não projectava consagrar-lhes a vida e ele mesmo abraçar a pobreza ao ponto de fazer-se pobre entre os pobres. A docilidade ao seu conselheiro espiritual conduziu-o ao colégio Luís, o Grande. Depressa foi distinguido pelos membros da Aa que, após exame de seu carácter, de sua afeição pelas obras de misericórdia, de sua aptidão em guardar segredo, decidiram fazer-lhe conhecer a sua associação e admiti-lo como confrade. Entre a Aa e ele, há sintonia preestabelecida. Desde a sua recepção, acontece o voo espiritual e Deus concede-lhe de imediato a graça de entrar na oração afectiva[42]. É Libermann que, em poucas linhas, dará a explicação da admirável audácia que, simples tonsurado, manifesta na fundação de seu seminário para estudantes pobres: "*As coisas mais difíceis nada custam a uma alma que está verdadeiramente na oração afectiva. Empreende-se tudo, é-se capaz de tudo, não se delibera mais, qualquer que seja o esforço e a dificuldade que se encontre*"[43]

"As coisas mais difíceis nada custam a uma alma que está verdadeiramente na oração afectiva."

A ORIGINALIDADE DA NOVA FUNDAÇÃO

A fundação de Poullart des Places não é mais uma obra entre as comunidades de estudantes pobres. A sua originalidade resulta

[42] *MICHEL, pag. 88-94)*

[43] *Escritos Espirituais do Venerável Libermann, Paris, Duret, 1891, pag. 193*

de uma concepção de conjunto que, por suas exigências quanto à pobreza dos estudantes, a gratuidade e a duração de seus estudos, faz dela a melhor realização em França das orientações do Concílio de Trento para a formação de padres.

"Uma mística de pobreza"

1) *Uma mística de pobreza* – Os Regulamentos do seminário são categóricos: "*Não se poderá, sob qualquer pretexto, admitir aqui pessoas que tenham condições de pagar a sua pensão noutro lugar*[44]". Recrutado entre os pobres, o candidato sabe que seguirá os cursos dos Jesuítas e renuncia, por isso, desde o início, aos graus universitários e à esperança de obter benefícios lucrativos. No ideal sacerdotal de Poullart des Places, a virtude da pobreza aparece com relevo particular. Sabe persuadir os seus estudantes que "*o desprendimento é o começo da perfeição de uma alma que segue a Jesus Cristo*". A sua vida está em conformidade com as suas exortações: logo após a sua tonsura, recusa um benefício de 4 000 libras, para grande decepção de seu pai, que "*não aprovava que o seu filho tivesse tomado a virtude (pobreza) em tão alto grau*[45]". Em 1706, recusa três benefícios atribuídos em seu favor no tribunal de Roma e não aceita outro título clerical senão as sessenta libras de renda, exigidas pelos regulamentos canónicos. Sem fingimento, fez-se um de seus estudantes, partilhando a sua alimentação, praticando o seu regulamento, lavando a louça e limpando os sapatos[46]. A sua ambição é educar os seus estudantes numa tal mística de pobreza que ao sair da casa "estejam dispostos a tudo: a servir nos hospitais, a evangelizar os pobres e mesmo os pagãos; não apenas aceitar mas abraçar de todo o coração e a preferir os postos mais humildes e os mais trabalhosos para os quais dificilmente se encontram pessoas[47]".

"Ciência e virtude"

2) *Ciência e virtude* – Desde sua infância, ainda mais desde que faz parte da Aa, Poullart des Places tem o cuidado dos pobres. Convencido que "*as suas almas não eram menos queridas a Jesus Cristo que as dos senhores abastados e que havia tantos ou mais frutos a esperar deles*[48]", espera preparar-lhes padres simultaneamente virtuosos e sábios. Entre os estudantes pobres que se apresentam, depois de os ter formado, escolhe os que julga mais capazes de adquirir ciência e virtude[49]. Os estudantes admitidos, desde o começo de seus estudos clericais, têm a segurança de ser alojados e alimentados gratuitamente, às vezes mesmo vestidos, durante seis anos no mínimo e nove no máximo; libertos de todas as preocupações materiais, seguem os mesmos cursos que os escolásticos da Companhia de Jesus, são cuidadosamente formados no catecismo e na pregação. A Aa recomendava aos seus membros de estar ligados aos

---

[44] *LECUYER, Escritos, pag. 80, nº 6 e Aux racines de l'arbre spiritiain, pag. 336.*
[45] *THOMAS, pag. 272*
[46] *THOMAS, pag. 274*
[47] *Regulae, em LE FLOCH, 2ª edição, 1915, pag. 586*
[48] *THOMAS, pag. 268*
[49] *Gallia christiana, t. 7, Paris, 174, Col. 1043*

Jesuítas, de fugir das opiniões novas e de apoiar a infalibilidade do papa; Poullart des Places transmite essas recomendações aos seus discípulos; segundo a palavra do sulpiciano Grandet, seu contemporâneo, educa "*segundo os princípios da mais sã doutrina católica e romana*[50]".

R. Rouquette terminou o seu estudo sobre a Aa sublinhando que foi "*um dos grandes instrumentos da reforma e da santificação do clero no antigo regime*". Se tivesse conhecido que Poullart des Places pertenceu a esta associação, não teria deixado de assinalar a importância particular de sua obra, toda ela impregnada do espírito da Aa, que formou tantos directores para os seminários de França, do Extremo Oriente e mesmo do Canadá.

"Na dependência dos Jesuítas"

3) *Na dependência dos Jesuítas* – Tal como o seminário das Missões Estrangeiras de Paris, o seminário do Espírito Santo é um dos mais belos rebentos da Aa, mas a sua dependência dos Jesuítas é muito mais estreita[51]. Sem a sua autorização, não teria nascido, sem o seu apoio, não teria durado. Os seus estudantes só podiam escolher como confessores os Jesuítas: os seus retiros são orientados por um jesuíta; alimentam-se em parte das sobras da cozinha do colégio Luís, o Grande[52]. A Companhia apoia o fundador, porque essa longa e sólida formação teológica e espiritual que assegura aos seus clérigos pobres é uma adaptação ao clero secular de um pensamento muito inaciano[53]. Outro motivo de satisfação para os professores de teologia de Luís, o Grande: o número de seus escolásticos teólogos (45 em 1705) é rapidamente ultrapassado pelo dos espiritanos.

O que alegra os Jesuítas irrita os Jansenistas: sublinhando a dependência intelectual, espiritual e alimentar dos "Placistas" em relação ao colégio Luís, o Grande, tentam ridicularizá-los tratando-os de "*mamões dos Jesuítas*". Ao cardeal de Noailles que tenta desviá-los do colégio dos Jesuítas, Poullart des Places expõe com tanta convicção os riscos da frequência da Universidade para o seu ideal de dedicação desinteressada que o cardeal "*gosta das razões de não se submeter a isso*[54]".

Em 1767, depois da expulsão dos jesuítas, o Parlamento de Paris quererá obrigar os sucessores de Poullart des Places a enviar os seus alunos aos cursos da Sorbonne. O cardeal de Beaumont, 2º sucessor do cardeal de Noailles, retomará por sua conta a argumentação do fundador; de novo o arrazoado será eficaz e, entre todos os seminaristas de Paris, apenas os do Espírito Santo não seguirão outros cursos senão os ministrados por seus directores.

---

[50] *Joseph GRANDET, la vie de M. Louis-Marie Grignion de Montfort, prêtre, missionnaire apostolique, composée par un clergé, Nantes, 1724, pag. 563*

[51] *No seu estudo sobre "a obra de Mons Pallu" aparecida no Ecos da rua de Bac (Dez. 1984), J. GUENNOU mostra que este seminário é primeiro obra da Companhia do Santíssimo Sacramento de que cita os Anais, a 17 de Maio de 1663.*

[52] *Regulamentos, nº 3, 4 e 227, em KOREN, pag. 164 e 212*

[53] *F. de DAINVILLE, em Études, t. 317, 1962, pag. 125*

[54] *Carta de M. Bouic, 16 de Janeiro 1727, em Arquivos CSSP.*

"Uma casa de caridade, berço de uma Congregação"

4) *Uma casa de caridade, berço de uma Congregação* – Desde Março de 1703, a correspondência secreta da Aa designou Poullart des Places como *director de um seminário*. Nos actos oficiais, ele mesmo apenas assume o título de eclesiástico. Nos seus *Regulamentos gerais e particulares*, nunca fala de seminaristas ou de comunidade, mas de casa de estudantes, de particulares[55] e também de um alfaiate e de um cozinheiro, que assemelha o seu género de vida manifestamente à dos religiosos. Legalmente, a sua obra não é senão uma casa de caridade, e isso para subtraí-la ao edito de 1666, que proíbe rigorosamente o estabelecimento de toda a nova comunidade sem a prévia obtenção das cartas patentes, e ao estatuto de seminário canónico que dá aos bispos, muitas vezes Jansenistas, o direito de aceitar ou de expulsar, segundo o seu parecer, toda a pessoa encarregada da direcção dos seminaristas. Portanto, o estudo dos mais antigos documentos que nos chegaram confirma que Poullart des Places não é somente o fundador de um seminário, mas o de uma nova sociedade religiosa, pai e chefe de uma família sacerdotal[56].

Em 1713, cartas patentes foram concedidas à Comunidade e Seminário do Espírito Santo, instituto de direito diocesano formado por seus directores. As Regras e Constituições que estes apresentarão ao Parlamento e que se inspirarão, em seus pontos essenciais, nas Constituições dos Jesuítas, serão seguidas por esta declaração solene: "No Senhor pedimos a nossos irmãos e sucessores para guardar com cuidado estes piedosos usos que, pela maior parte, recebemos de Cláudio Francisco Poullart des Places, padre e nosso fundador".

Para governar a sua casa, Poullart des Places tinha associado Miguel Vicente Le Barbier (1705), primeiro padre espiritano e Tiago Jacinto Garnier, sub-diácono em 1705, padre em 1707. Luís Bouic, ordenado diácono na Bretanha em Setembro de 1708, chegou a Paris algumas semanas mais tarde. O Seminário do Espírito Santo, que só vivia de esmolas, foi tragicamente tocado pelo Inverno de 1709 e mais ainda pela penúria que se seguiu. Le Barbier deixou as suas funções em Junho e morreu na Bretanha onze meses mais tarde; Poullart des Places faleceu a 2 de Outubro e Garnier, seu sucessor, em Março de 1710. Padre desde Setembro de 1709, Bouic foi eleito superior[57]; com Pierre Thomas, o biógrafo do fundador e Caris, *o padre pobre*, orientou o Seminário e a Congregação durante mais de meio século.

---

[55] *Esta palavra, empregue dezasseis vezes nos Regulamentos, era comum, na correspondência da Aa para designar os membros de uma associação.*

[56] *THOMAS, pag. 250*

[57] *Contrariamente a uma tradição espiritana fundada num registo que não é original, Bouic viveu com Poullart des Places o ano escolar 1708-1709. As suas demissórias para o sacerdócio, assinadas pelo bispo de Saint Malo a 28 de Agosto de 1709, autorizando-o a ser ordenado pelo cardeal de Noailles. Foi durante dois anos (1741-1743) o superior de Besnard que escreve: "Confirmo que foi superior desta casa depois do Sr. Desplaces, de quem tinha sido aluno"*

"Sob a invocação do Espírito Santo e da Imaculada Conceição"

5) *Sob a invocação do Espírito Santo e da Imaculada Conceição* – "*Todos os estudantes adorarão particularmente o Espírito Santo ao qual são especialmente dedicados. Terão também uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob a protecção da qual os oferecemos ao Espírito Santo. Escolherão as festas do Pentecostes e da Imaculada Conceição para suas festas principais. Celebrarão a primeira para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino, e a segunda para obter da Virgem Santíssima uma pureza angélica: duas virtudes que devem ser o fundamento de sua piedade*"[58].

Reconhecemos facilmente nas meditações da Aa a inspiração imediata dessa dupla dedicação ao Espírito santo e à Imaculada Virgem Maria.

"*No dia de Pentecostes e durante toda a semana, abrirei o meu coração ao Espírito Santo para que o encha, o possua intimamente e seja o espírito do meu espírito e o coração do meu coração. Apresentar-lho-ei para que o consuma, como uma vítima, nas chamas do seu amor (...). A prática deve me acostumar a considerar o Espírito de Deus habitando intimamente em mim; que este espírito de amor que não pede outra coisa senão acender no meu coração as chamas de que abrasa o Pai e o Filho, e desse modo abandonar-lhe inteiramente a alma e o coração, a fim de que já não respire senão o amor de Deus (...). Suplicar ao Espírito Santo, que preparou a alma e o corpo da Virgem Maria para receber o Verbo divino, que disponha a minha alma para a caridade e o meu corpo para a pureza, a esta união inefável que o seu amor procura na Eucaristia*"[59].

A meditação para a festa da Imaculada Conceição desenvolve essas considerações sobre a pureza.

"*A Conceição Imaculada da Virgem é considerável principalmente pelas vantagens da pureza na qual ela foi concebida. Pureza da sua alma por uma inteira isenção de toda a espécie de pecado. Pureza do seu corpo por uma destruição total dessas chamas impuras que acendem a rebelião da carne contra o espírito e que se serve do espírito contra Deus. Devia ter uma e outra para ser digna Mãe de Deus e conceber um Filho que é a própria pureza. Por isso, é necessário trabalhar para adquirir uma e outra para ser filho de Maria e receber Jesus Cristo*"[60]

Esta oferenda que Poullart des Places fez ao Espírito Santo de seus discípulos por intermediário de Maria corresponde a uma característica de sua piedade. Numa de suas orações[61], dirige-se a Deus "*pelo sangue de Cristo (...) que suplico à Virgem Santíssima de oferecer-vos com os nossos corações*".

Duas vezes ao ano, no Pentecostes e a 8 de Dezembro – e isto até 1848 – os espiritanos, no decorrer de uma cerimónia solene de *Renovação*, retomarão a inspiração e provavelmente o próprio texto do fundador: "*Santa Maria (...) ajudai-me, vosso pequeno servo, a dedicar-*

[58] ***LECUYER, Escritos, pag. 79 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 333***
[59] ***Pratique, pag. 78-79.***
[60] ***Pratique, pag. 139-140.***
[61] ***LECUYER, Escritos, pag. 39 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 316***

me, a consagrar-me e a devotar-me ao Espírito Santo, o vosso celeste Esposo (...) Minha boa Mãe, escutai-me; Espírito todo-poderoso, escutai a minha boa mãe e, por seu intermédio, dignai-vos iluminar o meu espírito com a vossa luz e abrasar o meu coração do fogo do vosso amor[62] (...)

A dupla devoção dos espiritanos moldará a sua espiritualidade. As suas orações serão as de uma comunidade votada ao Espírito Santo e à Virgem concebida sem pecado: Ofício do Espírito Santo e as orações marianas, de que o *Per sanctum* é tão querida a Poullart des Places: "*Por vossa santa virgindade e vossa Imaculada Conceição, ó puríssima Virgem Maria, purificai o meu coração e os meus sentidos*".

Será também o fundamento da pobreza espiritana. Allenou de Ville-Angevin, discípulo imediato de Poullart des Places, dirá às suas Filhas do Espírito Santo: "*As Filhas que se santificam nesta missão lembrar-se-ão que, tomando o Espírito Santo por pai e a Santíssima Virgem por mãe, devem renunciar a todos os seus bens.*" Nicolau Warnet, que será o sétimo sucessor de Poullart des Places, dirá, no decorrer da cerimónia de Renovação do Pentecostes de 1839: "*Despojados de tudo, somos bastante ricos: o amor do Espírito Santo é o nosso tesouro. É necessário, portanto, depositar tudo aos pés de Maria, como os primeiros cristãos depositavam os seus bens aos pés dos Apóstolos; de outro modo, mentiríamos ao Espírito Santo*".

O zelo apostólico não tem outra origem: "*Comprometemo-nos a buscar a honra do Espírito Santo, primeiro dentro de nós, por um espírito de perfeita docilidade (...) É necessário deixar-se governar pelo Espírito Santo, não seguir senão as suas impressões. (...) Então estamos dispostos a cumprir um outro dever: filhos de Maria e do Espírito Santo, aplicar-nos-emos por nossas palavras e exemplos a fazê-los amar e servir. (...) É assim que caminharemos nas peugadas de nossos pais, seguros que é o caminho mais seguro para fazer o que é agradável ao Espírito Santo*[63]..."

Desde a sua infância, Cláudio considerou-se como *filho particular* da Santíssima Virgem Maria[64]. A sua agregação a Aa deu novo e poderoso impulso à sua piedade para com ela. Leu, meditou e pôs em prática o manual da associação, onde encontrou passagens como estas: "*Reconhecemo-la como Nossa Senhora, nossa padroeira e advogada junto de seu Filho e suplicamos-lhe que nos receba no número de seus servos durante o curso de nossa vida e na hora de nossa morte.*"

Como todo o confrade "*protesta que não pretende nunca ter qualquer acesso junto de seu Filho, que é o nosso mediador junto do Pai, senão por sua intercessão*".

Honra os privilégios de Nossa Senhora de que o primeiro "*é a singular predestinação pela qual o Pai Eterno a escolheu para ser sua querida Filha, para digna Mãe de seu Filho e para Esposa do Espírito Santo, e de que o segundo é a sua Imaculada Conceição*".

---

[62] ***Preces diurnae in Seminario S. Epiritus recitanda, Paris, 1845***

[63] **MICHEL. *pag. 300-301***

[64] ***LECUYER, Escritos, pag. 57 e Aux racines de l'arbre spiritain, pag. 314.***

Pede ao Espírito Santo que *"no dia de Pentecostes, se comunique particularmente a ela como a sua única e fiel Esposa e como a mãe de toda a Igreja*[65].

FUTURO E INFLUÊNCIA DA OBRA DE POULLART DES PLACES

1) Sobre o começo de uma colaboração com João Baptista de la Salle, remetemos ao livro do Irmão Yves Poutet, cujo artigo está integralmente reproduzido no volume "Aux racines de l'arbre spiritain", como aliás faz o próprio P. Michel.

"A partir de 1732, o apostolado nos territórios do ultramar assume uma posição crescente na orientação apostólica dos alunos do Seminário do Espírito Santo."

2) Orientação para as missões – A partir de 1732, o apostolado nos territórios do ultramar assume uma posição crescente na orientação apostólica dos alunos do Seminário do Espírito Santo (chamados espiritanos). Por volta de 1750, quatro vigários apostólicos dependendo do Seminário das Missões Estrangeiras de Paris foram formados no seminário do Espírito Santo. Outros espiritanos, recrutados pelo abade de Isle-Dieu, capelão-mor das missões da Nova França, ensinam teologia no Seminário de Quebeque; outros ainda são missionários na Acádia ou entre os Índios Micmac.

O valor e a dedicação desses espiritanos do Canadá inspiram ao abade de Isle-Dieu uma tal estima pelo seminário que os formou, que se esforça por confiar-lhe o cuidado de fornecer o clero para as colónias francesas das Antilhas e da Guiana. O seu projecto apenas se realizou em parte: o superior geral da Congregação do Espírito Santo torna-se directamente responsável pela prefeitura apostólica de São Pedro e Miquelon, erigida em 1765 e, dez anos mais tarde, da colónia da Guiana. Em 1778, pela primeira vez, dois membros da Congregação, Déglicourt e Bertout, deixam a sua cátedra de professor e embarcam para a Guiana. No ano seguinte, Déglicourt é nomeado prefeito apostólico da Costa de África. No momento de sua dissolução pela Revolução Francesa, a Congregação terá formado ao menos 1300 padres; cerca de 6% ou 7% de entre eles terão atravessado os mares.

3) O Seminário do Espírito Santo, seminário da Companhia de Maria – Em 1713, Grignion de Monfort tinha composto muito bem a Regra da Companhia, mas ainda não tinha nenhum associado. No mês de Agosto, veio "*conferenciar com os directores do Seminário do Espírito Santo e dar-lhes conhecimento do regulamento que tinha feito para os seus alunos e outros que quisessem juntar-se a ele*[66]". Bouic e seus confrades prometeram-lhe formar missionários e ele deixou Paris tendo terminando o grande assunto pelo qual tinha vindo, "*conhecer*

[65] *Pratica, pag. 2 e 26.*
[66] *BESNARD, pag. 315*

a sua união com os Srs. do Espírito Santo para ter missionários[67]. Em continuação inesperada desta santa associação, em 1716, ano de sua morte, Monfort fará seguir várias de suas assinaturas com a menção *padre missionário da Companhia do Espírito Santo.* Deste facto que intrigou os seus biógrafos, a Secção histórica da Sagrada Congregação dos Ritos concluiu que "*quando morreu, a sua Companhia (...) tinha (...) uma certa afiliação ao Seminário do Espírito Santo, que devia assegurar-lhe o pessoal*[68]".

A natureza da união entre o P. de Monfort e os filhos do Sr. des Places pode ser discutida; o mesmo não acontece com a sua importância. Sem esta união, a Companhia de Maria não teria sobrevivido.

Ao longo do século XVIII, os Monfortinos só serão conhecidos pelo nome de *padres missionários da Companhia do Espírito Santo*; é com esse nome que obterão as cartas patentes em 1765. Pelo menos dois terços de entre eles virão do Seminário do Espírito Santo, onde mesmo padres formados nos seminários diocesanos serão convidados a completar a sua formação durante dois anos. Durante mais de meio século, Monfortinos e Filhas da Sabedoria serão governadas por espiritanos. O recrutamento geográfico dos Monfortinos será o do Seminário do Espírito Santo: os missionários que terão um papel importante na Vendée durante a Revolução Francesa, não serão nem Angevins nem Poitevins, mas do Jurá, da Provença e sobretudo da Picardia.

4) Do Seminário do Espírito Santo às Filhas do Espírito Santo – Durante a vida de Poullart de Places, René Allenou de la Ville-Angevin, da diocese de São Bieuc (1687-1753) foi aluno no Seminário do Espírito Santo onde exerceu as funções de repetidor em filosofia, depois em teologia. Regressado à Bretanha em 1712, nomeado dois anos mais tarde pároco de Plérin, encontrou na sua pequena paróquia três raparigas piedosas que, sem viver em comum, dirigiam uma pequena escola, davam catequese, dedicavam-se aos pobres e aos doentes. Deste pequeno núcleo, fará sair uma Congregação dedicada ao *Espírito Santo sob a invocação da Virgem Imaculada concebida sem pecado.* Segundo o mais antigo relato desta fundação, "*ele fez um regulamento sobre o modelo daquele que se observava no Seminário do Espírito Santo*". Entre os *Regulamentos gerais e particulares* dos dois fundadores, a semelhança é estrondosa; mas enquanto que o de Poullart des Places é redigido com uma extrema sobriedade, o do seu discípulo inspira-se simultaneamente no texto e nos comentários espirituais de seu antigo superior. Allenou de la Ville-Angevin partirá para o Canadá em 1741 e lá morrerá. Mais que Jean Leuduger, é ele o fundador das Filhas do

"Entre os Regulamentos gerais e particulares dos dois fundadores, a semelhança é estrondosa"

[67] *BESNARD, pag. 338*
[68] *Nova inquisitio..., 1947, pag. 314*

Espírito Santo[69]. Em 1963, a sua Congregação contará mais de 3500 religiosas.

5) Libermann, décimo sucessor de Poullart des Places. No último quartel do século XVIII, a Congregação de Poullart des Places tinha-se preparado de longe, por sua orientação para as almas abandonadas da raça negra, a acolher em seu seio, de acordo com a hora da Providência, *a Obra dos Negros* de Libermann.

Depois da Revolução, ela só será autorizada a reconstituir-se em vista de fornecer padres para as colónias francesas. Tendo em conta a situação do clero francês, esta tarefa era tão cheia de dificuldades que será considerada por Libermann como um verdadeira maçada[70]. Em 1839, este fundou a Sociedade do Sagrado Coração de Maria. Os missionários que enviou para as colónias encontraram espiritanos, como Monnet, *o pai de Borbon.* A união das duas sociedades parecia-lhe "*na ordem da vontade de Deus. Elas propõem-se a mesma obra, caminham na mesma linha; ora não está na ordem da Providência divina suscitar duas sociedades para uma obra especial, se uma só pode bastar*[71]".

"Em 11 de Junho de 1848, o princípio da união foi aceite de uma parte e doutra"

Em 11 de Junho de 1848, o princípio da união foi aceite de uma parte e doutra; em 4 de Setembro, a Santa Sé aprovou-o, precisando que devia fazer-se de tal modo que a Sociedade do Sagrado Coração de Maria cessaria de existir e que os seus membros fossem incorporados na Sociedade do Espírito Santo. Em 23 de Novembro, por dez votos sobre onze votantes, Libermann torna-se o décimo sucessor de Poullart des Places, décimo primeiro superior geral da Congregação do Espírito Santo.

"Em 23 de Novembro, por dez votos sobre onze votantes, Libermann torna-se o décimo sucessor de Poullart des Places."

Nos seus escritos, só fala uma vez do fundador da Congregação do Espírito Santo, em termos sucintos mas correctos, no início da Notícia sobre a Congregação, composta com grande cuidado para uso do P. Le Vavasseur, no Pentecostes de 1850[72]. Libermann retocou, numa orientação totalmente espiritana, o acto de consagração que tinha redigido oito anos mais cedo para a Sociedade do Sagrado Coração de Maria[73]. Morreu quatro anos após a decisão romana. Teve como sucessor Inácio Schwindenhammer. Este e os que o rodearam "*forjaram o mito de uma sociedade nova saída de uma fusão de duas sociedades e de que Libermann teria sido o primeiro superior geral*[74].

---

[69] *MICHEL, pag. 323-338. Nota da redacção (1997): este ponto de vista de P. Joseph MICHEL, como historiador, não é o das Filhas do Espírito santo. É a Jean Leuduger a quem elas fazem referência, considerando antes de mais, que elas têm uma fundadora.*

[70] *Carta de 27 de Abril 1847: ND, IX, pag. 134*

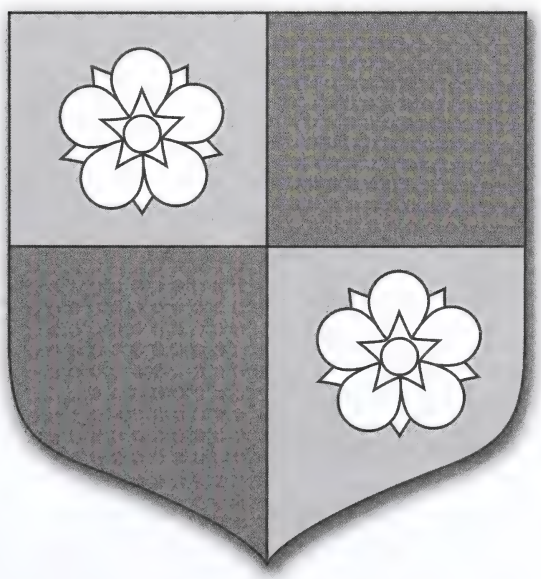
[71] *ND, X, pag. 339*

[72] *Ver: COULON, BRASSEUR, Libermann, pag. 661-669 e Aux racines de l'arbre spiritain, p. 375-388*

[73] *MICHEL, pag. 304*

[74] *KOREN, Les spiritains, pag. 397*

Em 1901, no momento da perseguição de Augusto Combes contra as congregações, Mons. Alexandre Le Roy, superior geral, foi informado que, segundo a opinião do Conselho de Estado, "*a Associação do Espírito Santo cessara de existir e que a do Sagrado Coração de Maria, que tomou o seu nome, não é uma Congregação religiosa legalmente autorizada*". O estudo dos arquivos espiritanos fez-lhe descobrir que não era, como tinha acreditado, o quinto, mas o décimo quinto Superior geral. Redigiu um memorando que se apoiava sobretudo sobre o texto da decisão romana de 1848 e apelando ao Conselho de Estado fez mudar a sua opinião. Na continuação desta alerta, Poullart des Places foi progressivamente reconhecido como o fundador da Congregação do Espírito Santo. Em 1906, o P. Le Floc'h publicou a sua biografia. Finalmente o Capítulo geral de 1919 alinhou unanimemente às conclusões seguintes: *O fundador da Congregação é Cláudio Francisco Poullart des Places (...) O Venerável Francisco Maria Paulo Libermann é honrado como o segundo fundador e pai espiritual...*"



Brasão da Família Places

Cláudio Francisco Poullart des Places (1679-1709)

Este quadro foi pintado algumas horas após a sua morte, É o único com garantia absoluta de autenticidade, embora se desconheça o seu autor. Conserva-se na Casa Mãe da Congregação do Espírito Santo em Paris.

Jean Savoie*

12. A personalidade espiritual de Poullart des Places

INTRODUÇÃO

Quando abordamos a vida de Poullart des Places, uma questão que logo se levanta é a seguinte: porventura não haverá dois Poullart des Places, um cuja imagem está muito espalhada na Congregação, o Poullart des Places activo, inovador, nobremente retratado nos retratos oficiais; e outro, o Poullart des Places dos Escritos, inquieto, escrupuloso, debruçado sobre os seus problemas interiores sempre a virem ao de cima, cada vez mais apagado, desaparecendo no bico dos pés, sem ter deixado nada de sólido. Qual é o verdadeiro Poullart des Places? Se o P. Le Floch parece ter-se inclinado sobretudo para o primeiro, o P. Thomas (o seu primeiro biógrafo) fala-nos sobretudo do segundo. Os autores mais recentes, (Koren, Joseph Michel, Lécuyer, Legrand) falam especialmente dos seus escritos.

Pela minha parte, pareceu-me que seria útil sublinhar, tanto quanto possível, a *personalidade espiritual de Cláudio Poullart des Places*. Primeiro gostaria de seguir as grandes etapas do itinerário espiritual de Poullart e daí extrair alguns traços mais significativos da sua personalidade espiritual. Isso permitir-nos-á percorrer os momentos-chave da sua vida, mas gostaria não tanto de me fixar no que ele fez, como sobretudo no porquê e como ele fez.

---

* ***Jean Savoie foi provincial de França, sua Província de origem. Depois de seis anos de vida missionária nos Camarões, foi Reitor do Seminário Francês em Roma, mais tarde, membro do Conselho Geral da Obra dos Órfãos de Auteuil, em Paris. Foi director da revista "Esprit Saint" e Postulador da Causa da Canonização de Cláudio Poullart des Places. Actual director da Revue de St Joseph. É autor de numerosos artigos sobre a história e a espiritualidade da Congregação do Espírito Santo e pregador de retiros. É o autor do livro "Orar 15 dias com Cláudio Poullart des Places". Este artigo encontra-se em Cahiers Spiritains, nº 10.***

I – O ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE POULLART DES PLACES

O primeiro testemunho que temos sobre a vida de Poullart des Places é o Memorando de M. Thomas (1687-1751) que entrou no Seminário de Poullart des Places em 1704 e que, portanto, viveu com ele durante três anos como seu seminarista. Em 1723 pensava fazer-se Monfortino, mas depois acabou por ficar Espiritano. Este Memorando é a história interior de Poullart, com longos desenvolvimentos sobre cada elemento da sua vida espiritual: oração, mortificação, vida sacramental, sentido apostólico, etc. O autor terá tido conhecimento de cartas de Poullart ao seu director e outros documentos que hoje não temos. Ele não hesita mesmo em nos informar sobre *os momentos mais humilhantes da vida de des Places*. Notemos que ele apelida-o sempre de M. des Places, excepto no princípio de cada uma das duas partes (a sua vida e a sua espiritualidade) em que ele o trata por M. Poullart des Places. É claro que algumas correcções precisavam de ser feitas à edição de Koren.[2]

Comparando o Memorial de M. Thomas e os Escritos de Poullart des Places, pareceu-me que podemos distinguir três períodos de desigual tamanho no seu itinerário espiritual:

1. **A conversão ao ministério sacerdotal** que pode figurar como seu caminho de Damasco. É o tempo dos estudos de Direito (1697-1700).

2. **A luz do Espírito** que se pode comparar com o cenáculo do Pentecostes (1701-1703).

3. **A paixão do apóstolo**, que podemos classificar como o Combate de Jacob. É o tempo das suas responsabilidades (1704- 1709).

Sem querer uniformizar demasiado, poder-se-ia mesmo encontrar uma progressão no seio de cada período:

a) **um momento de preparação e de crise:**

– 1697-1698: em Nantes: a vida mundana.

– 1701-1702: no colégio Louis-le-Grand.

– 1704: ano da dúvida e da obscuridade.

b) **um momento de reflexão e de retiro.**

– 1700: fim do Direito em Paris ou Rennes: *Verdades da Religião. Escolha do Estado de vida.*

– 1702: Agosto: retiro, tonsura.

– 1704: Natal: retiro *Reflexões sobre o passado.*

c) **um momento de decisão e compromisso**

– 1700: decisão de orientação sacerdotal: conversão do mundo.

– 1702: grande conversão.

– 1703: fundação do Seminário.

– 1704: decisão de pedir Ordens e de viver no esquecimento espiritual.

Num quadro poderíamos situar melhor:

---

[2] *Les Écrits de M. Claude François Poullart des Places, publicados com introdução e notas por Henry Koren CSSp. E Maurice Carignan p. 224*

1. PRIMEIRA ETAPA: A CONVERSÃO AO MINISTÉRIO

Para abreviar, deixamos de lado a infância de Poullart. M. Thomas dá-nos dela alguns detalhes e nós situamos o ponto de partida do itinerário de Poullart des Places em 1697, no fim do seu curso de Filosofia, depois do Grande Acto. Poullart tem 18 anos. Tinha recebido uma educação esmerada, tendo grande facilidade em se exprimir. Era um bom cavaleiro, praticava a caça. Quase matou a sua irmãzinha numa dessas brincadeira de criança. Noutra ocasião feriu-se gravemente. Pouco tinha viajado além de Nantes e Caen. Numa palavra, era um jovem apaixonado pela vida e pela glória. O seu pai enviou-o a Paris para se encontrar com uma jovem donzela da alta sociedade da família da Duquesa de Bourgogne em vista de um casamento. A maneira como Thomas nos descreve as suas pesquisas em relação ao casamento precisa de ser aprofundada, de tal maneira o facto parece inverosímil, mas talvez apropriado ao estado de espírito do jovem Poullart nesta época.[3]

Quando regressa a Rennes onde ele pôde *ver o mundo e aparecer com deslumbramento*, produz-se o primeiro abanão nesta segurança interior; *ele está certo de ter tido necessidade de fazer um retiro,* conta-nos M. Thomas. Ele sentia-se desgostoso do mundo e com vontade de servir a Deus, numa palavra, *convertido.* É o rumo que a graça vai tomar em Poullart des Places. É a obra de toda a sua vida; é o seu itinerário espiritual. Para já, a ideia estava lançada mas está ainda muito longe de se tornar realidade: *o jovem des Places não perseverará mais que 40 dias.* A vida mundana e a ambição voltam a reclamar os seus direitos. É preciso ir para a frente; com certeza que ele pensou na vida eclesiástica e não pôs de parte a ideia. O seu pai envia-o para fazer direito, curso que o prepara tanto para a magistratura como para o sacerdócio.

"É o rumo que a graça vai tomar em Poullart des Places. É a obra de toda a sua vida; é o seu itinerário espiritual."

Poullart é-nos apresentado neste momento como o jovem estudante na faculdade: livre, mundano, por vezes, recuperando o seu espaço. *É o ponto mais humilhante da vida de M. des Places,* diz Thomas que nos relata esta fase, não só por fidelidade à história, o que não é tão mal como isso, mas também para mostrar *a força da graça sobre as inclinações da natureza.*

Poullart des Places teve todas as oportunidades de ser um jovem do seu tempo; provavelmente acabou o seu curso de Direito com a licenciatura na Sorbona em 1700, alojando-se nos Jesuítas. Estava perfeitamente à vontade no seu meio, mas brilhantemente à altura.

E foi então que um segundo retiro, conforme era hábito dos jesuítas no final dos estudos, veio provocar a verdadeira primeira conversão de Cláudio Poullart des Places e a decisão de abandonar a carreira mundana para se preparar para o estado eclesiástico. Estamos em 1700 e temos as suas notas deste retiro nas *Reflexões sobre as Verdades da Religião e a Escolha de um estado de vida.*

Numa leitura de itinerário espiritual, podemos chamar a este mo-

[3] ***Koren, Écrits p. 238.***

mento o Caminho de Damasco de Poullart des Places. Acabara a sua formatura em Direito, bem instalado nos seus diplomas como Paulo no seu cavalo, a cabeça erguida, à procura de uma glória a conquistar pela honra, pelaa tradição familiar, pela grandeza da nobreza confundida com o serviço de Deus e sai do retiro dizendo: *Senhor que quereis que eu faça?* E o Senhor o manda ir ter com Ananias, seu director espiritual, que o ajuda a fazer cair as escamas dos seus olhos; e ei-lo agora orientado para o ministério sacerdotal, convertido de uma carreira mundana ao ministério sacerdotal para Deus e para os homens, sem saber ainda o que vai fazer nem o que terá de sofrer.

"No itinerário espiritual de Poullart, é a via purgativa que se vai prolongar ainda algum tempo até que este fervor o lance na luz do Espírito."

No itinerário espiritual de Poullart, é a via purgativa que se vai prolongar ainda algum tempo até que este fervor o lance na luz do Espírito.

2. SEGUNDA ETAPA: A LUZ DO ESPÍRITO

Depois de ter convencido os seus pais da sua nova orientação, Poullart começa o curso de Teologia. Volta mais uma vez para o colégio Louis-le-Grand, não só como pensionista mas agora como estudante de Teologia. A conversão é, portanto, séria; e no estado eclesiástico ele já não corre atrás dos diplomas que poderia obter na Sorbona.

Fez este primeiro ano de Teologia, 1701-1702, com os 450 estudantes de Louis-le-Grand. Conhecemos o regulamento particular que se tinha imposto ou pelo menos o seu ritmo de oração, são os "*Fragmentos de resolução para um regulamento particular*".

Precisamos de ler pelo menos a sua breve oração à Santíssima Trindade *para receber a bênção de Deus* de joelhos, todas as vezes que entra ou sai do seu quarto.[4]

O conjunto das suas orações quotidianas constitui um tempo bastante longo consagrado à oração, pelo menos uma hora de manhã e outra hora à noite, com cinco visitas por dia ao Santíssimo Sacramento. Não haja a menor dúvida que Poullart des Places se preparava com fervor…

No decorrer deste ano escolar, Poullart fazia antes de mais a Teologia. No entanto, ocupa-se em ajudar materialmente, de vez em quando, alguns imigrados Saboianos. No mês de Maio ajudava também alguns dos seus colegas de estudo que não podiam pagar a pensão no Louis-le-Grand. Sabe-se também que ele o fazia para venerar a Cristo nos seus pobres e para desagravar a Deus a quem tinha ofendido.

Prepara a tonsura como seminarista de Rennes, pelo final do ano escolar (Julho). Parece que não quis voltar à Bretanha neste verão de 1702. Foi no princípio de Agosto que fez o seu retiro antes da tonsura e foi então que uma nova graça o faz dar mais um passo na sua vida espiritual. Com a tomada da tonsura, começa um período de fervor, os 18 meses de fervor que descreverá mais tarde nas *Reflexões sobre o passado.* Foi a passagem de Poullart à via iluminativa, à meditação de afeição, à

[4] ***Koren, Écrits p. 122.***

união contínua e fervorosa a Deus, ao desejo de fazer qualquer coisa para Deus; tantos sinais que os autores espirituais apontam para qualificar este momento clássico do itinerário: Como a segunda conversão de Poullart, a *grande* conversão.

Poullart começa o 2º ano de Teologia, 1702-1703, com este grande fervor. Continua a morar no colégio, mas toma as suas refeições mais tarde com o grupo agora fixo dos estudantes pobres que ele ajuda. O grupo aumenta. Poullart procura na oração a resposta para o que Deus lhe quer pedir com este serviço que se vai tornando cada vez mais absorvente; faz as diligências necessárias junto dos Padres Jesuítas que o recomendam ao arcebispado de Paris; procura uma casa perto do colégio para o grupo. No Pentecostes de 1703 ali se instala com 12 estudantes pobres, depois de uma cerimónia na igreja de St Étienne des Grés. *Foi neste santuário silencioso e retirado que vieram, no dia de Pentecostes, ajoelhar-se como num cenáculo os (12) primeiros membros da comunidade sob a conduta daquele que eles amavam como o seu melhor amigo e veneravam já como o seu pai.*[5] Sabemos que Poullart ainda mergulhou, por algum tempo, nesta luz do Espírito do Pentecostes, mas a provação da noite não estava longe.

"Poullart mergulhou, por algum tempo, nesta luz do Espírito do Pentecostes, mas a provação da noite não estava longe."

3. TERCEIRA ETAPA: A PAIXÃO DO APÓSTOLO

A provação. Provavelmente pelos fins de 1703, quando fazia o terceiro ano de Teologia, Poullart fica privado das consolações interiores que a oração lhe proporcionava e mergulha na incerteza e na dúvida. Poullart fala desta crise que se prolongará por todo o ano de 1704, verdadeiramente o ano mais sombrio na vida de Poullart des Places; no fim do ano de 1704, faz um retiro a que se refere nas *Reflexões sobre o passado*. Este texto, por si só, diz-nos tudo: Poullart, no seu itinerário interior, na sua vida espiritual, abre-nos o seu coração com simplicidade e realismo. Talvez se pudessem ver aí piedosos exageros; eu penso, porém, que ele é muito concreto e revelador; é todo o estado clássico no itinerário espiritual em que ele agora mergulha. Eis o resumo que Koren nos dá, ao apresentar este escrito:

As delícias do Tabor são geralmente seguidas da aridez do Calvário, desta noite espiritual de que fala S. João da Cruz. Poullart des Places começava a atravessa-la um ano e meio depois da sua conversão. Perdeu o sentimento da presença divina, provou o desgosto e a aridez na sua vida espiritual. Ao mesmo tempo, sentia-se humilhado pela viva percepção do seu orgulho e da sua ambição. Repreendia-se amargamente por ter tido a inconcebível temeridade de fundar um seminário e de assim ter mergulhado numa culpável tibieza. No entanto, na provação destas tribulações, sentia soar no fundo do seu coração uma nota de optimismo: fosse qual fosse a sua degradação, Deus não o abandonará. Terá piedade do seu servo. O céu, diz ele, não será sempre de ferro para mim.[6]

---

[5] ***Henri Le Floch, Claude Poullart des Paces, citado por Jean Michel p. 140.***
[6] ***Koren, Écrits p. 130.***

Para dar alguma imagem desta noite espiritual de Poullart des Places, creio que se poderá chamar o *espinho na carne* de S. Paulo a fim de que ele não se possa vangloriar. As expressões de Poullart são muito lúcidas:

– a fonte deste meu afastamento... é de me ter afastado demasiado cêdo da *solidão, de me ter voltado para o exterior, de ter levado a cabo a constituição do grupo dos estudantes pobres e de ter querido aguentar o barco.*

– *Sei bem que, servindo-me fielmente de todas as graças de Deus podia com toda a certeza conservar-me no meio das minhas ocupações. Posso julgar isso pelos começos em que não tinha perdido ainda completamente o fervor.*

– *Contudo, era difícil que eu me aguentasse de pé e que a cabeça não me andasse às voltas.*

– *O que me aconteceu, fez-me temer que me tivesse enganado.*

– *O demónio nesta ocasião (transformou-se) em anjo de luz.*[7]

E a última frase destas reflexões diz-nos toda a profundidade da crise na linha de fundo do itinerário de Poullart. *Eu deixei o mundo para procurar a Deus, para renunciar à vaidade e para salvar a minha alma; seria possível que eu não tivesse feito mais que mudar de objecto e que tivesse sempre conservado o mesmo coração? De que me adiantou pois ter feito as diligências que fiz?*[8] Está bem claro que Poullart mantém toda a sua confiança em Deus, chegando mesmo a escrever: *Eu sei que o céu não será sempre de ferro para mim.* Mas depois desta crise, Poullart não será mais o mesmo que era antes; entrou na paixão do apóstolo, na via unitiva. Teve o seu combate com o anjo. Como Jacob no momento de entrar na terra prometida, ele fica só depois de ter feito entrar a família que tinha reunido e luta na noite, não contra o pecado, mas contra o melhor de si mesmo: a sua obra, mesmo a sua vocação; numa palavra, contra o seu Deus. Como Jacob, Poullart sai do combate vencido e abençoado, *vencido* por Deus certamente, convertido, pobre de coração, decidido a ser padre, mas agora sem obscuridade; e *abençoado* por Deus; ele segue para a Ordenação, encontra o seu equilíbrio da vida activa na oração.

"Mas depois desta crise, Poullart não será mais o mesmo que era antes; entrou na paixão do apóstolo, na via unitiva."

Poullart des Places é filho dos Jesuítas, non mihi Domine, non mihi, sed nomini tuo da gloriam (A.M.D.G.).

II – A PERSONALIDADE ESPIRITUAL DE POULLART DES PLACES

Lendo o Memorando de M. Thomas, como de resto na leitura dos Escritos de Poullart des Places, fica-se impressionado pela repetição dos temas. São algumas ideias que revêm constantemente e que são sempre de ordem espiritual. Bem entendido, isso é devido aos Escritos que, a maior parte das vezes, são notas de retiro. M. Thomas consagra mais de metade do seu Memorando (14 páginas sobre 24) a descrever os elementos da vida espiritual de Poullart des Places. Esta insistência não pode ser fruto

[7] *Koren, Écrits p. 146.*
[8] *Koren, Écrits.*

do acaso: é que Poullart des Places é sobretudo um espiritual.

Vamos procurar salientar os grandes traços da sua personalidade espiritual, mas antes sigamos M. Thomas na apresentação da espiritualidade de des Places.

A. M. Thomas enumera oito elementos que se reagrupam em três principais: a união a Deus, o desprezo do mundo e o serviço dos pobres

1. **A união a Deus.** *Deus comunica-se a ele, penetra-o com as suas vivas luzes que os mestres mais hábeis não saberiam comunicar aos seus discípulos.*[9] *Ele deplora ter começado tão tarde a amar a Deus que merece ser o único a ser amado.*[10] A sua oração nas diversas formas era a expressão contínua desta união a Deus. Esta oração era sobretudo trinitária: *Santíssima e adorável Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo que eu adoro por vossa graça e com toda a minha alma e todas as minhas forças permiti que vos ofereça muito humildemente as minhas pequenas orações, para vossa grande honra e glória.*[11]

Os *três elementos da sua meditação* são-nos assim indicados: a bondade misericordiosa de *Deus Pai* que lhe perdoou; a paixão e aniquilamento de Nosso Senhor, *Jesus Crucificado;* a Eucaristia como *amor entregue* que apela ao nosso dom sem reservas.[12]

"a bondade misericordiosa de Deus Pai que lhe perdoou; paixão e aniquilamento de Nosso Senhor, Jesus Crucificado; Eucaristia como amor entregue que apela ao nosso dom sem reservas."

A sua vida sacramental está fortemente centrada na Eucaristia com uma delicadeza a toda a prova, uma profundidade de comunhão, uma unidade da sua personalidade de que não fazemos ideia: *Comportava-se para com este sacramento de amor onde podia deleitar-se a seu gosto com este caro Mestre, expor-lhe as suas misérias e enriquecer-se com os seus tesouros, mostrar-lhe as suas chagas como a um médico e dele receber a cura, pedir-lhe perdão pelas suas ingratidões e as suas infidelidades passadas, derramar lágrimas na sua presença, oferecer-lhe os seus bens, a sua honra, a sua reputação, a sua vida e oferecer-se ele mesmo todo inteiro, como uma vítima pronta para ser imolada.*[13]

2. **O desprezo do mundo e de si mesmo.** Este traço constitui um momento muito preciso do seu itinerário espiritual. Coincide com a sua grande conversão em 1702. Ele que *até ai tinha conservado uma postura muito polida segundo o mundo, mostra-se todo outro, para se revestir do hábito e da simplicidade dos eclesiásticos mais empenhados na reforma do clero.*[14]

Era na participação do Corpo de Jesus que eu bebia este despojamento que me fazia desprezar o mundo e as suas maneiras. Preocupava-me em não gozar da tal estima, por vezes procurava mesmo desagradar-lhe.[15]

---

[9] ***Koren, Écrits p. 252.***
[10] ***KIbd. P. 254.***
[11] ***Ibid. p. 258.***
[12] ***Ibid p. 256.***
[13] ***Ibid. p- 264.***
[14] ***Ibid. p. 272.***
[15] ***Ibd. P. 264.***

M. Thomas sublinha como esta fuga do mundo em Poullart des Places chegava a ser *amor ao desprezo* e à mortificação.

M. Poullart des Places levava uma vida muito austera que iria abreviar os seus dias... ele julgava nunca fazer o bastante por Deus e entregava-se a uma vida de imolação e sacrifício, tanto pela sua própria santificação como para atrair as graças e as bênçãos do céu sobre os seus caros seminaristas.[16]

3. **O serviço dos pobres.** É preciso sublinhar muito fortemente que este serviço dos pobres não surgiu na vida de Poullart des Places como um serviço que hoje diríamos apostólico e mesmo como uma acção humanitária. É-nos apresentado como uma acção espiritual, uma obra de amor a Deus: *Um coração assim sensível ao amor do seu Deus e tão generoso tinha pejo em faltar ao reconhecimento que devia ao seu Libertador... Era uma consolação muito grande para ele poder aliviar na sua pessoa pobres que são seus membros.*[17] *Se as necessidades corporais dos membros de Jesus Cristo tocavam tão fortemente o coração de Poullart des Places, ele era ainda mais sensível às necessidades espirituais... De resto, nisso seguia "o exemplo do seu caro Mestre que veio anunciar o Evangelho aos pobres. Para desagravar a Deus a quem julgava ter tão mal servido até então, não há nada que não estivesse pronto a fazer para lhe procurar servidões fiéis.*[18]

"as necessidades corporais dos membros de Jesus Cristo tocavam tão fortemente o coração de Poullart des Places"

Esta motivação toda espiritual do serviço dos pobres em Poullart des Places é, segundo cremos, de grande importância para compreender a sua personalidade espiritual. Ele não é um activo, não é antes de mais um fundador, mas sim um espiritual que vive em Deus e para Deus.

É o que agora vamos sublinhar.

B. Os grandes traços da personalidade espiritual de Poullart des Places

O próprio Poullart des Places fez a análise da sua personalidade psicológica.[19] E o P. Michel sublinha a lucidez que ele manifesta a seu respeito. Mas nós sabemos bem que uma personalidade espiritual manifesta-se mais na sua evolução interior, nas suas grandes linhas directrizes, que na análise dos diversos elementos que a compõem.

1. A pobreza espiritual (despojamento interior, disponibilidade diante de Deus)

Examinando a direcção que Poullart des Places seguiu no seu itinerário interior, não podemos deixar de ver aí um sentido preciso que se afirma cada vez mais e que define a personalidade espiritual de Poullart mais que qualquer outra coisa. Parece-me que toda a vida de Poullart consistiu em lutar contra a sua ambição, a sua vaidade, a sua paixão pela glória, para se tornar o espiritual humilde, despojado de si mesmo, disponível diante de Deus.

---

[16] *Biographies 1703, 1803 P. Schwindenhammer. 1908 p. 15.*
[17] *Koren, Écrits p. 266.*
[18] *Ibid. p. 268.*
[19] *Koren, Écrits p. 92-94.*

Retenhamos alguns factos da sua vida.

– No fim do seu curso de Filosofia, na tarde do Grande Acto, *a sua paixão era a glória e a reputação*, diz-nos M Thomas, [20] mas a tal ponto que nem sequer queria ser embaraçado por uma mulher no casamento – de resto só tinha 18 anos.

– Em Rennes, *exerceu um pouco a carreira. Era natural que lhe deixassem a liberdade de ver mundo mais do que até esse momento tinha feito, e de lhe fornecerem dinheiro para aparecer com destaque. Isso era do seu gosto e para isso não se coibirá nas suas despesas.*[21]

– Mesmo quando pensa tornar-se padre em 1697, ao pretender estudar a Teologia na Sorbona e não em Rennes: *a sua visão do estado eclesiástico não era tão pura que não desejasse ter mais liberdade que a que lhe deixavam os seus pais.*[22] *Ele mal imaginava que este amor pela sua liberdade lhe provocaria para o resto da vida, os mais pungentes desgostos e os mais amargos arrependimentos.*[23] *Ele via-se em estado de fazer figura no mundo,*[24] *a fragilidade, a vaidade, o respeito humano tinham nisso mais parte que a malícia.*[25]

Assim era o jovem des Places aos 18 – 20 anos. Foi este o ponto de partida de uma personalidade espiritual que pouca coisa tem a ver com a humildade, o despojamento, a disponibilidade interior. Vários golpes sucessivos vão-no conduzir a isso. Uma primeira conversão, no final dos estudos de Direito, em 1700, fê-lo abandonar a carreira da magistratura para se orientar para o estado eclesiástico. *Que loucura encher o coração de coisas do mundo e ter a cabeça inchada de vanglória! Que restará de mim em toda a terra depois da minha morte? Uma vala de seis pés, um meio fato semi-usado e uma caixa de quatro ou cinco pedaços de madeira podre juntos.*[26]

Eu sou um miserável…se não abandono seriamente todas as coisas da terra e se não penso noutra coisa que não seja morrer santamente.[27]

Ele sabe que Deus não obriga somente a fugir do mal mas também a fazer o bem e as coisas simples. Mais vale tê-lo no coração que no papel. *…Que se diga tudo o que se quiser, quer se aprove quer se despreze, que me tratem como visionário, hipócrita ou homem de bem, tudo isso deve ser-me indiferente daqui para a frente. "Ego Deum meum quaero".*[28]

"Ele sabe que Deus não obriga somente a fugir do mal mas também a fazer o bem e o pormenor."

- Defendei-me, Senhor contra estes tentadores e pois que o mais temível é a ambição que é a paixão dominante, humilhai-me, abatei o meu orgulho, confundi a minha glória; …eu não estou de modo nenhum no estado que Vós quereis; …é preciso que eu siga o caminho que me indicares…[29]

---

[20] *Ibid. p. 238.*
[21] *Bid 240.*
[22] *Ibid. 242.*
[23] *Ibid. p. 244.*
[24] *Ibid. p. 246.*
[25] *Ibid. p. 248.*
[26] *Ibid. p.70.*
[27] *Ibid p. 70.*
[28] *Ibid. p. 80.*
[29] *Ibid. p. 82.*

- Ó meu Deus que conduzis à Jerusalém celeste os homens que confiam verdadeiramente em vós, eu recorro à Vossa Divina Providência, abandono-me inteiramente a ela, renuncio à minha inclinação, aos meus apetites e à minha própria vontade para seguir cegamente a vossa.[30]

- Desprendo-me, meu Deus, de todos pontos de vista humanos que até hoje tenho tido, em todas as escolhas de vida em que pensei.[31]

É preciso reparar bem, no exame que Poullart des Places faz de cada um dos estados de vida: para ele, o seu principal critério é saber se este estado o põe em condição de agir só para Deus e não para satisfazer a sua vaidade natural. A vida monástica dos Cartuxos, não seria isso por preguiça *ou pelo desgosto de não ser bastante estimado pelo mundo, de não ter um nascimento bastante ilustre ou de bens bastante grandes para te elevar até onde tu querias... Mil outros aspectos de vaidade não te levam a amar a solidão?*[32]

Para o estado eclesiástico, a *vaidade que é a paixão dominante, não seria a tua mais forte vocação? Tu só te lisonjas, se eu pudesse pregar com aplausos e, por consequência, tu lucrarias com isso glória e honra. É o ponto mais sensível para ti, pois que se eu consentir em me fazer padre com a condição de nunca subir ao púlpito, seguramente que não poderias dar o teu consentimento.*[33] Nós sabemos que Poullart des Places fará progressos neste ponto, pois que será padre e não quererá ser pregador como Grignion de Monfort.

- No mundo, Poullart não será nem militar, nem entrará nas finanças, mas apreciaria muito a Corte e a Magistratura; mas em ambos os casos, ele reconhecia que isso seria a sua perda por causa da sua vaidade e da sua ambição.

Na oração final deste exame, é ainda este sentido que ele dá à sua orientação. *Destruí em mim todas as solicitações mundanas que me seguem por toda a parte. Que eu nada tenha, no estado que escolher para sempre, outras perspectivas a não ser as que vos agradem.*[34]

"ele priva-se de qualquer espécie de diploma. Esta escolha é extremamente reveladora da direcção que toma a personalidade espiritual de Cláudio Poullart."

Sabemos que a conselho do seu director, ele escolheu o estado eclesiástico. Mas para determinar onde e como ele se vai preparar para ele, foi ainda segundo o critério de fugir à ambição pessoal e do despojamento interior. Ele irá a Paris ter com os Jesuítas onde estão os seus directores e não na sua cidade. Além disso, estudará Teologia com os Jesuítas de Louis-le-Grand e não na Sorbona. Portanto, ele priva-se de qualquer espécie de diploma, Esta escolha, ao contrário de tudo o que ele tinha imaginado até aí sobre a sua carreira eclesiástica é extremamente reveladora da direcção que toma a personalidade espiritual de Cláudio Poullart.

A escolha dos Estudos entre os Jesuítas e a Sorbona, diz respeito nesta época jansenista, a uma questão de doutrina; é verdade que este aspecto contribuirá para mais tarde continuar a enviar os estudantes do Espírito Santo para os Jesuítas, apesar de todas as pressões.

---

[30] *Ibid. p. 88.*
[31] *Ibid. 90.*
[32] *Ibid. p. 96-98.*
[33] *Bid. P. 100.*
[34] *Ibid. p. 112.*

Mas para a entrada de Poullart na Teologia, foi a busca de uma situação de boas condições de vida espiritual que jogou e o despojamento contra a vaidade natural. Para o futuro, todas as escolhas que terá de fazer serão marcadas por esta preocupação.

Ele está atento às necessidades dos **pobres de Paris** e ajuda material e espiritualmente alguns imigrados saboianos. O seu mundo não é mais o grande mundo, mas os pobres. Com certeza que ele não faz por ideologia de esquerda mas para fazer para Deus algo de concreto. Tem os olhos abertos sobre o seu próximo imediato, pois descobre também os pobres entre os seus colegas de estudo: *os estudantes pobres.*

"O seu mundo não é mais o grande mundo, mas os pobres."

No tempo em que ele andava completamente absorvido pela Sua Teologia e com a tonsura, no fim do primeiro ano de teologia, Cláudio passa as férias em Paris sem voltar à família e será nesse verão de 1702 que se vai operar a sua *grande conversão.*

- São os começos dos 18 meses de fervor de que ele falará longamente. Com o retiro da tonsura nos princípios de Agosto de 1702 começa para ele uma vida interior profunda. Tinha deixado o mundo, agora abandona-se a si mesmo, entra no espírito das bem-aventuranças evangélicas. *Vemo-lo de repente, no meio deste colégio tão povoado onde ele era conhecido, deixar todo o aparato das maneiras do século para se vestir ao mesmo tempo do hábito da simplicidade dos eclesiásticos mais empenhados na reforma do clero. Não se preocupa minimamente com o que os outros poderiam dizer.*[35]

É neste momento que ele lê a vida de Michel Le Nobletz, padre, missionário na Bretanha, *que não foi de somenos importância para aprender a desprezar o mundo e situar-se acima de todo o respeito humano,* escreve o monfortino P. Besnard. *Este livro abençoado, leu-o com vagar, meditou-o e Michel Le Nobletz tornou-se o modelo que procura imitar.*[36] Ora este Michel Le Noblez é o doutor do desprezo do mundo. *Esforçou-se por motivar vários estudantes para a piedade e de lhes incutir este desprezo generoso do mundo que tinha posto como fundamento de toda a vida espiritual que ele tinha abraçado. Privava-se de coisas que pareciam ser as mais necessárias e ordinariamente não comia carne nem bebia vinho para poupar o dinheiro que seu pai lhe enviava, para acudir aos mais necessitados de entre os mais pobres.*[37]

Foi ainda neste verão de 1702 que organizou a ajuda que já costumava dar a alguns estudantes. Ajuda J. B. Faulconier desde Maio de 1702.[38] Reencontra o seu amigo Grignion de Monfort que lhe manifesta o seu desejo de ter bons padres. Poullart compreendeu que devia continuar a ocupar-se dos estudantes pobres reunindo-os num quarto onde ia de tempos a tempos (Cf Besnard). Ele não devia ser missionário nem

---

[35] ***Ibid. p. 272.***

[36] ***Joseph MICHEL Claude Poullart des Palces p. 84.***

[37] ***Este texto, citado por J. Michel, p. 101, não se refere a Poullart des Places mas a Le Nobletz.***

[38] ***J. Michel p. 89.***

mártir. A sua vocação seria formar clérigos: *4 ou 5 estudantes pobres que procuraria alimentar discretamente sem fazer grande alarido.*[39] Vê-se bem como Poullart fugia da publicidade, da manifestação de si mesmo; ele renunciou a ser pregador e missionário, ele que tão dotado era pelo dom da eloquência.

Nunca mais acabaríamos se quiséssemos mostrar como cada decisão de Poullart des Places era tomada no sentido da humildade e de não chamar a atenção. *Quanto caminho andado em alguns meses, nota J. Michel. Este jovem que ainda ontem estava apaixonado pela vã glória, ciumento até ao desespero do sucesso dos outros, desgostoso por não ter bens bastantes, suficientes para se elevar até onde chegava a sua ambição, pede agora a Deus, no mais profundo do seu coração, que o prive completamente de todos os bens terrestres e caducos, o desprendimento absoluto de todas as criaturas e de si mesmo.*[40]

Conforme vimos, foi a mesma humildade que o fez hesitar pelo menos durante dois anos em pedir as Ordens, aquando do terrível combate interior de que nos falam as suas *Reflexões sobre o passado.*

Transpondo o texto, o P. Michel fala-nos de Poullart des Places na sua comunidade: *nas suas funções de superior, procurava sempre humilhar-se diante de Deus, reconhecendo-se interiormente indigno deste cargo e mais pecador do que qualquer dos seus estudantes.*[41]

Se quiséssemos caracterizar numa só palavra este traço fundamental da personalidade espiritual a que chega todo o itinerário interior de Poullart des Places, falaríamos de **pobreza espiritual**. Esta foi ao mesmo tempo fruto do seu esforço constante e da acção da graça. Ele não chega a empregar a palavra, fala de humildade, de amor só a Deus, de dominar a sua vaidade e a sua ambição, de desprezo da glória. Mas é bem da pobreza espiritual que se trata.

"pobreza espiritual. Foi ao mesmo tempo fruto do seu esforço constante e da acção da graça."

A pobreza espiritual aparece-nos como a consciência e o amor da nossa própria abjecção, do nosso nada diante de Deus, da nossa incapacidade no serviço de Deus e do apostolado, estando todo o nosso ter e a nossa riqueza só em Deus; desprezo e esquecimento de si mesmo e de tudo o resto; apego a Deus e confiança só nEle.[42]

- Jovem rico, ávido de sucesso e de glória, M. des Places tinha descoberto nas pegadas de M. Le Nobletz que a verdadeira grandeza consiste em viver as bem-aventuranças. Pela sua palavra e pela sua vida, tornou-se, por sua vez, pregador da humildade e do desprezo do mundo.[43]

Em perfeita conformidade com este traço fundamental da sua vida espiritual, situa-se uma segunda característica que é como que o seu prolongamento: o serviço dos pobres em Deus.

---

[39] ***Koren, Escritos p. 148.***
[40] ***J. Michel p. 87.***
[41] ***Ibid. p. 242.***
[42] ***P. Retif.Pauvrete spirituelle et Mission, a propósito de Libermann p. 82-83.***
[43] ***J. Michel p. 2444.***

4. O SERVIÇO DOS POBRES EM DEUS

É incontestável que Poullart des Places está na origem do Seminário do Espírito Santo que formou padres durante 250 anos. Ao mesmo tempo ele está também na origem da Congregação do Espírito Santo que hoje somos. No entanto, parece-me que compreenderíamos muito mal Poullart des Places, vendo nele um fundador, pelo menos no sentido jurídico e no sentido de que ele projectou uma fundação. Vejamos como ele viveu as suas actividades apostólicas.

Começou muito simplesmente por ajudar os pobres imigrados. Porque vivia pobremente, ficava-lhe ainda dinheiro da pensão que seu pai lhe ministrava. Esforçando-se por levar uma vida pobre e austera, não podia guardar para ele este dinheiro. Procurando imitar Cristo pobre e querendo servi-Lo nos seus membros que são os pobres, segundo a ideia corrente da época, ajuda ao mesmo tempo os Saboianos e os estudantes pobres. À medida que os conhece, descobre neles necessidades espirituais a que procura responder. Foi assim que acabou por se encontrar com um grupo de estudantes pobres que dependiam dele e constituirão o seu *seminário.*

Poullart des Places não está à frente deste grupo por ter descoberto as necessidades das missões, a pobreza do clero rural ou qualquer outra necessidade da Igreja, para depois lançar um projecto e meios para lhes dar resposta. Isso acontece com os fundadores, como Grignion de Monfort ou o P. Libermann.

Poullart des Places contentou-se com viver pobremente, procurar quem ele pudesse ajudar com o dinheiro que tinha, enfim, um modo de poder amar Jesus Cristo nos pobres.

O seminário dos estudantes pobres nasceu como um serviço dos pobres vivido em Deus e para Deus. Talvez que mesmo esse projecto tenha nascido porque Poullart des Places recebia uma pensão do seu pai e que não gastava para si.

"O seminário dos estudantes pobres nasceu como um serviço dos pobres vivido em Deus e para Deus."

Foi assim que Poullart des Places se encontrou à frente de um seminário sem o ter premeditado. Com certeza que reflectiu nisso, que o aceitou, mas foi a vida que o levou por aí; ele nunca o tinha projectado, bem ao contrário! Evitava tudo o que pudesse ser para ele ocasião de honra. Tal como era, Poullart des Places só se podia encontrar à frente de um seminário por força das circunstâncias e não por um projecto de fundação.

Não podemos deixar de nos perguntarmos: que é que ele quis fundar no dia do Pentecostes, 27 de Maio de 1703: um seminário, uma obra de caridade, ou a Congregação do Espírito Santo? Estes títulos não eram permitidos nem no tempo de des Places porque a lei de 1666 não permitia fundar uma congregação ou uma comunidade, nem depois de Poullart des Places, pois foi preciso jogar com todas as astúcias possíveis para receber a herança de Lebègue que tinha legado seu testamento à *Comunidade do Espírito Santo.*

A maneira mais segura de saber o que Poullart des Places quis começar naquele 27 de Maio de 1703 será ainda ir procurar à sua busca interior daqueles 18 meses de fervor e no que ele próprio diz de si mesmo.

Tinha-se já ultrapassado o grupo dos 4 ou 5 estudantes pobres do princípio do ano escolar de 1702-1703 para os quais Poullart des Places tinha obtido autorização do seu director, como também do P. Mégret, prefeito dos pensionistas do Colégio dos Jesuítas; esta ajuda era já uma primeira organização comparada com a precariedade do dia a dia do ano precedente. Embora continuando a morar no Colégio, ele estava autorizado a tomar as refeições mais tarde com os seus pensionistas num local vizinho de Louis-le-Grand.

- O número dos comensais aumentava rapidamente. Tendo começado com 5 alunos, como outrora o seminário de Claude Bernard, ao fim de seis meses a obra atingia a dúzia. (Gália Christiana)

Portanto, seria preciso, também aqui pela força das circunstâncias ir mais longe ou parar com tudo. Conhecemos estas dúvidas e suas soluções pelos biógrafos de S. Luís Grignion de Monfort que chegou a Paris pela Páscoa de 1703. Ele não conseguiu a adesão de Poullart aos seus próprios projectos, mas na oração os dois amigos viram mais claramente a vontade de Deus. Poullart continuaria a sua obra dos estudantes pobres: *ele próprio não pregava; trinta, sessenta, cem padres formados por ele pregariam em seu lugar e quando ele tivesse desaparecido, esta pregação se perpetuaria através dos anos.*[44] Poullart respondia a Grignion: *Se Deus me fizer a graça de ser bem sucedido, podemos contar com missionários. Eu prepará-los-ei e você os porá a trabalhar. Deste modo você ficará satisfeito e eu também.* [45]

A decisão tomada por Poullart des Places para obter a autorização da sua casa para seminaristas na rua des Cordiers, foi graças à recomendação dos Padres Jesuítas junto do Arcebispo de Paris; esta casa legalmente podia ser uma obra de caridade ou um seminário, mas não uma comunidade nem uma congregação por causa da ordenança real de 1666. A casa alugada por Poullart des Places estava livre no mês de Maio.[46] Foi entrando nela que teve lugar a cerimónia do Pentecostes, na Igreja de Nª Srª des Grés. M. *Poullart des Places em 1703, na festa do Pentecostes, sendo então apenas aspirante à vida eclesiástica, começou o estabelecimento da dita comunidade e seminário consagrado ao Espírito Santo, sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado e, comprometendo-se depois com o sacerdócio, governou-a até à sua morte.*

Não podemos fazer fé totalmente na letra deste texto que consta dos Arquivos C.S.Sp. para saber o significava a palavra "*estabelecimento*"; de facto, ela poderia aplicar-se à simples entrada todos juntos na sua casa. Este texto é certamente posterior a Poullart. Umas vezes este texto é referido como estabelecimento da *comunidade* e do *seminário*,[47] outras vezes como *comunidade do seminário*.[48]

---

[44] ***Klefer, III 13 Manuscrito dos Arquivos da Casa Mãe. Paris.***
[45] ***Besnard p 103-104 Cf. Michel, p 133.***
[46] ***Keffer, ibidem.***
[47] ***P. Michel p 139.***
[48] ***Henri Le Floch p 284.***

O P. Le Floch parece ultrapassar largamente os documentos que possuímos e que nos indicam o retiro preparatório, o seu tema: *Misit me evangelizare pauperibus (enviou-me a evangelizar os pobres)*, o seu pregador: Poullart des Places, a sua solenidade, etc. Ele pode também ter visto nesta data de que não verificou o dia (27 de Maio e não 20), a *acta do nascimento da Congregação do Espírito Santo.*[49]

Não é certamente o estilo de Poullart des Places. A redigir o seu *Regulamento*, ele nunca emprega a palavra *seminário* nem, bem entendido, *comunidade* nem congregação, por precaução de jurista; é bem possível ainda que ele tivesse podido falar juridicamente de seminário – nas *Reflexões sobre o passado*, 1704, ele emprega a palavra *Casa* [50] e não *seminário.*

Eu seria antes levado a crer que no dia do Pentecostes, se juntaram estudantes sob a iniciativa de Poullart des Places e sob a sua dependência material, com a benevolente autorização dos Jesuítas e todos continuaram a seguir as aulas no Colégio. A casa será dirigida pelos Rev Padres Jesuítas, diz o Regulamento – (art. 4) – mas o grupo de estudantes da rua des Cordiers tem a sua autonomia de ritmo de vida, de estilo pobre, de oração comunitária.

Concretamente, é preciso ver aí o princípio do Seminário do Espírito Santo, mas não certamente o princípio da Congregação. Cláudio Poullart que sabe tão bem distribuir as tarefas para a marcha do seminário, não indica nenhum papel particular aos *associados* que, no entanto, já os tinha. Ele fala sempre do Sr. Superior (depois risca a palavra Senhor) mas não de outros animadores. Mesmo os *repetidores* são estudantes. Ele aparece verdadeiramente como autoridade única. Trata de todos os detalhes da vida dos seminaristas e da sua formação. Mas não parece preocupado com o estabelecimento da obra como tal. Ele próprio não tem pressa em avançar às Ordens quando um superior que fosse padre era então bastante indicado.

Desde 1705, que há um padre entre os estudantes: Jean Le Roy (de Gourin), chamado para a Bretanha em 1707. Mesmo a sua ordenação em 1707 que coincidira provavelmente com a de dois dos seus colaboradores: Vincent Le Barber e Jacques-Hyacinthe Garnier, não parece ter modificado sensivelmente a instituição; os estudante continuarão a dirigir-se aos Padres Jesuítas. Só a missa, é em casa.

O momento verdadeiramente revelador da instituição iniciada por Poullart des Places foi a morte de M. Garnier em 1710. É com certeza uma prova. Poullart des Places tinha morrido quase de imprevisto em 1709 e M Garnier no ano seguinte. Le Barbier tinha sido chamado para a Bretanha. Mas a verdade é que não havia ninguém no seminário para lhe suceder. M. Bouic foi eleito superior quando tinha chegado ao seminário, apenas há quatro meses, e não era ainda *associado;* é verdade que era diácono! Vê-se bem que se escolheu aquele que parecia mais capaz no conjunto do Seminário e não entre os *associados*, quer dizer

[49] ***Henri Le Fçoch p. 286.***
[50] ***Koren, Escritos p. 142.***

que estes, entre os quais M. Caris, o *Padre Pobre*, não constituíam entre eles uma Comunidade particular nem uma Congregação.

Uma outra indicação sobre a fundação de Poullart é-nos dada pela situação canónica dos estudantes. Os seminaristas continuavam sob a autoridade e a jurisdição dos bispos. Ele próprio em 1705 recebeu as Cartas Demissórias do bispo de Rennes. O Seminário do Espírito Santo não podia reter ninguém. Le Roy, provavelmente o primeiro padre colaborador de Poullart, é chamado para a Bretanha em 1707, dois anos depois da sua ordenação como qualquer outro estudante. Vincent Le Barbier também, quando era um dos primeiros colaboradores. Nenhuma comunidade particular ligava os dois de maneira um pouco estável.

"Poullart des Places começou um seminário para pobres, com o desejo de os preparar perfeitamente para tarefas humildes e sem compensações."

Diríamos de bom grado que Poullart des Places começou um seminário para pobres, com o desejo de os preparar perfeitamente para tarefas humildes e sem compensações. Fez-se ajudar por um ou outro dos melhores entre eles. Chegou mesmo a admitir alguns mais ricos, depois de terem renunciado aos seus bens, em vista a continuarem talvez o trabalho com ou depois dele, mas certamente não se preocupou em ter à sua volta uma comunidade que se organizaria para assegurar a permanência da obra. Em todo o caso, nada o prova e se ele o tivesse tentado, com certeza que teria sido mal sucedido.

Foi só com M. Bouic que a necessidade de organização se fez sentir. Foi a vitalidade do Seminário que fundou a Congregação, ainda aqui pela força das circunstâncias e nomeadamente pela obrigação de precisar a instituição com o legado Le Bègue. Foram precisos anos para ver claro e obter a aprovação definitiva como Congregação em 1734. Foi às exigências do Parlamento que se devem as suas primeiras Constituições.

3) DONDE SE CONCLUI, QUE POULLART DES PLACES ERA ANTES DE MAIS NADA UM ESPIRITUAL

"Poullart des Places é um espiritual que se abandona ao Espírito Santo conforme as circunstâncias que a vida lhe apresenta."

Penso que era necessário acompanhar todo este desenvolvimento para precisar este aspecto importante da personalidade espiritual de Poullart des Places. Ele não foi um inovador; mesmo o seu seminário não o credita como um projecto a realizar, ele vê-o como uma obra a fazer. Sobretudo, não sonhava com o projecto de uma congregação. Ele é um espiritual que se abandona ao Espírito Santo conforme as circunstâncias que a vida lhe apresenta. Capta os apelos do Espírito através das pessoas que encontra; ele imita, antes de mais, Cristo, seu Mestre; imita Michel Le Nobletz, mestre da pobreza espiritual; imita o abade Gourdan, de S. Victor; imita M. Chancierques que, por humildade fica diácono permanente toda a vida e que tinha fundado seminários para pobres, de quem copia os Regulamentos. Poullart não teoriza, vive. É mais uma testemunha que um mestre. É um espiritual que pouco a pouco se deixou vencer e conduzir por Deus.[51]

[51] ***O P. Legrain na sua tese sobre a Fusão, nota (p. 27) que também M. Olier ao fundar um seminário fundou uma congregação.***

CONCLUSÃO

Tinha pensado concluir esboçando uma comparação entre a personalidade espiritual de Libermann e a de Poullart des Places. Mas é um duplo risco que prefiro não correr. Tanto mais que encontrei uma conferência do P. Le Floch (2 de Fevereiro de 1902) onde esta comparação é largamente desenvolvida. Ele chega mesmo a dizer que a nossa Congregação tem o seu Antigo Testamento com Poullart des Places e o seu novo com Libermann. Confesso que não me reconheço muito nesta comparação: prefiro ficar com Poullart des Places comparando os retratos que dele temos.

a) O ponto de partida da sua evolução espiritual, vejo-o no retrato do jovem Poullart com as obras de Cícero nas mãos (na pinamoteca de Munique) do pintor Jean Jouvenet (1717), trabalhando no Parlamento de Rennes.

Se se lhe tirar o peitilho sobreposto, é bem o Poullart des Places de 1697, mesmo se se trata de 1685. É a versão mundana de Saulo, no caminho de Damasco. Jovem de boa família, *bem educado* (Thomas) e brilhante nos estudos e no mundo. O olhar directo e seguro, o queixo decidido e sobretudo um rosto suave, cheio de bondade e mesmo de inocência. A mão segura com firmeza o seu livro fechado, como um ponto de partida para uma outra coisa, uma nova etapa bem aberta.

Neste caso, juntar-lhe a batina e o peitilho, como se Poullart ficasse o mesmo depois, é um grave erro.

b) O que Poullart des Places veio a ser na tradição espiritana exprime-se melhor na heliogravura Dujardin, em medalhão-recordação do 2º centenário, 1903, onde como padre ele segura a hóstia e o cálice com a inspiração da pomba e no ângulo: M. Poullart des Places, fundador da Comunidade e do Seminário do Espírito Santo em 1703.

Não me parece muito justo, mesmo se se trata de uma obra de Jouvenet e provavelmente depois da morte de Poullart

c) Poullart no seu leito de morte – crucifixo na mão – parece-me ser o verdadeiro retrato de Poullart. Figura jovem, emagrecido sem exageros, pacificado; recolhido como que em oração, mas com certeza morto para o mundo e para os seus faustos; como que enterrado na sua batina com grande peitilho; todo de Deus, testemunha do trabalho da graça.

É esse que eu guardo para mim diante dos olhos e a quem dirijo esta carta ou antes esta oração.

Oração filial a Poullart des Places
(No 300º aniversário da sua morte)

É com alegria que nos reunimos à tua volta para o 300º centenário da tua morte. É uma ocasião para nos dizeres a história que nos reúne e o espírito que nos anima. E tu entras nesta celebração mais que ninguém.

Não é tanto a nostalgia que sentimos das origens em que "tudo era simples" nem nos move muito o desejo de reproduzir o que tu fizeste. Há muito que não temos o teu Regulamento nos nossos seminários. A vida mexeu connosco e renovou-nos. Mas nem por isso estamos muito orgulhosos do que hoje fazemos. Nem tão pouco estamos muito seguros. Junto de ti, procuramos inspiração e dinamismo espiritual.

Tu, o jovem perfeitamente à vontade na tua pele e no teu meio, competente e ardente, soubeste antes de todos, lançar-te na vida, pôr a questão fundamental: "Senhor que quereis que eu faça?" Tu és testemunha das prioridades evangélicas para os jovens que querem uma vida jogada por qualquer coisa que hoje valha a pena.

Tu, o discípulo de Cristo e do seu Espírito, tu ouviste o apelo em formas humildes e concretas do serviço quotidiano, sê o guia daqueles que procuram os sinais do Espírito e que lhe querem ser fiéis na Igreja serva e pobre de hoje.

Tu és o apóstolo que dedicou o seu trabalho e a sua vida e que soube fazer confiança continuando a viver para os outros com o risco da sua própria vida; tu és a testemunha da fidelidade de Deus na obra começada, para todos os apóstolos que hesitaram no meio da sua vida; e tu pudeste testemunhar que Deus está nas provações com a sua presença e com todo o seu amor.

Tu que descobriste na contemplação de Cristo Crucificado a sua solidariedade para com os homens e os pobres; ajuda-nos a encontrar na vida religiosa, no seguimento de Cristo pobre, casto e obediente, a fonte de inspiração da nossa vida missionária, em comunidades e obras que sejam para nós mediadoras da Igreja e de Cristo.

Tu aprendeste a ler o Evangelho como um livro de vida; nele encontraste uma Palavra que iluminou a tua vida porque ela era maior que a tua ambição, maior que o teu coração; e tu deste esse passo na fé, na confiança, no abandono e na pobreza espiritual. À medida que te despojaste de ti mesmo foste enriquecido da vida de Deus.

Assim te tornaste o guia de uma multidão, pela verdade da tua fé, pelo ardor do teu coração, pelo compromisso da tua caridade. Eles vieram ter contigo, eles leram o Evangelhos contigo e todos caminhamos juntos no caminho da vida, os olhos abertos para a paisagem eclesial que se nos oferecia.

Tu não elaboraste nenhum projecto especializado, mas tornaste-nos capazes de responder desinteressadamente a todos os necessitados, abandonados, a todas as missões impossíveis.

Tu deixaste-te mergulhar de tal maneira em Deus e te despojaste de toda e qualquer ambição, que depois de ti, nada se tornou impossível a Deus.

Assim, nós os estudantes pobres de hoje, filialmente mas com a humilde confiança dos discípulos diante do seu guia, nós te dizemos:

Com a graça de Deus e a tua bênção, estamos dispostos a continuar.

13. Maria inspiradora da missão sua presença na vida e obra de Cláudio-Francisco Poullart des Places

Por ocasião da celebração dos 300 anos da morte de Cláudio-Francisco Poullart des Places, é significativo refletir e meditar sobre a presença de Maria em sua vida, e ver como ele encontrou nela a inspiração para a fundação de uma obra missionária, cuja presença e ação se estende até os nossos dias.

Na sua essência a vida religiosa consagrada brota do evangelho, da doutrina e da obra de Cristo, pois sem o seu exemplo não teria surgido essa forma peculiar de vida cristã, sob o impulso do Espírito Santo, que continua atuando na Igreja. O Espírito Santo é o princípio, o promotor e o criador das comunidades de fé, que se formaram depois da páscoa. É ele quem distribui os dons e carismas, e também o carisma da vida religiosa. Assim qualquer explicação da origem de uma congregação ou de uma comunidade religiosa autêntica deve ter em conta esse fator transcendente.[2]

Se bem que em toda realização histórica intervenham diversos fatores, condicionamentos e causas, mas a causa histórica mais decisiva para o surgimento da vida religiosa é a pessoa, a doutrina e a pessoa de Cristo, mas também é possível admitir, que desde as origens, a pessoa e o exemplo de Maria também contribuíram não pouco à génese e ao desenvolvimento da vida consagrada,[3] de congregações masculinas e femininas, e muitas delas orientadas para a missão, como a congregação fundada por Cláudio-

---

* *Pedro Iwashita, missionário espiritano brasileiro. Teólogo e investigador, professor de Teologia na Universidade de Assunção – S. Paulo. Foi Provincial e formador.*

[2] *Cf. Fernández, Domiciano. "Maria". In: Rodríguez, A. A.; Casas, J. C. (Org.). Dicionário teológico da vida consagrada. São Paulo: Paulus, 1994, p. 621.*

[3] *Ibidem, 621.*

Francisco Poullart des Places, que recebeu o título de *Congregação do Espírito Santo sob a proteção do Imaculado Coração de Maria.*[4]

1. O ESPÍRITO SANTO E MARIA NA VIDA DE POULLART DES PLACES.

Conforme Poullart des Places, no primeiro capítulo dos Regulamentos, "todos os estudantes adorarão de modo particular o Espírito Santo, a quem foram especialmente consagrados, e terão uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob cuja proteção foram oferecidos ao Espírito Santo",[5] e dizia ainda: "escolherão as festas de Pentecostes e da Imaculada Conceição para as festas principais. Celebrarão a primeira, para alcançar do Espírito Santo o fogo do amor divino, e a segunda, para obter da Santíssima Virgem uma pureza angélica"[6].

Pergunta-se de que fonte Poullart des Places se alimentou para dar importância a essa devoção ao Espírito Santo e à Imaculada Conceição. A origem da consagração ao Espírito Santo poderia ser procurada na data de nascimento oficial do seminário dos pobres Escolares, na festa de Pentecostes de 1703, mas se contentar com isso, seria uma solução simplista.[7] Na verdade é importante reconhecer que não é somente a data da inauguração em Pentecostes de 1703, que explica a consagração ao Espírito Santo, mas principalmente a vontade de Poullart des Places de dedicar sua obra ao Espírito Santo que é a razão maior da escolha do Pentecostes como início oficial de sua obra.[8]

"a vontade de Poullart des Places de dedicar sua obra ao Espírito Santo que é a razão maior da escolha do Pentecostes como início oficial de sua obra."

Outra teoria a respeito das fontes que influenciaram Poullart des Places, é a de que provavelmente Grignion de Monfort teria contribuído para que Poullart des Places consagrasse sua obra ao Espírito Santo e a Maria Imaculada, contudo não existem evidências históricas que comprovem isso.[9]

Para encontrar as fontes de inspiração de Poullart des Places, é preciso voltar para a Bretanha, sua terra natal. E na Bretanha os principais instrumentos de renovação espiritual, as missões e os retiros, se faziam sob o signo do Espírito Santo, e isso graças à influência do padre Louis Lallemant [10]

---

[4] *Cf. Michel, Joseph. Claude-François Poullart des Places fondateur de la Congrégation du Saint-Esprit 1679-1709. Paris: Editions Saint Paul, 1962.*

[5] *Cahiers Spiritains, nº 16, p. 79.*

[6] *Ibidem, p. 79.*

[7] *Cr. MICHEL, Joseph. Claude-François Poullart des Places fondateur de la Congrégation du Saint-Esprit – 1679-1709, p. 147.*

[8] *Ibidem, p. 148.*

[9] *Ibidem, p. 148.*

[10] *Cf. LALLEMANT, Louis. La vie et la Doctrine spirituelle du Père Louis Lallemant de Compagnie de Jésus. Paris: Desclée de Brouwer, 1979. Lallement teve importância também para Libermann: "Lisez le Père Lallemant, et vous y trouverez tous les principes, ainsi qu'en saint Jean de la Croix. La doctrine est vrai, il s'agit de la mettre en pratique et tout ira bien. Il y aura seulement plusieurs choses à ajouter pour le bien des âmes" (L.S. II, 49); cf. o artigo "Lallement et Libermann", in: Spiritus 4, 1960, p. 334.*

(nascido em 1587), jesuíta, fundador de uma escola de espiritualidade, que acentuava a importância da docilidade ao Espírito Santo, e que teve influência na formação de muitos pregadores, que atuaram na Bretanha.

Para Lallemant, os dois pólos de toda espiritualidade são a pureza de coração e o se deixar conduzir pelo Espírito Santo, sendo que o primeiro pólo é um meio em vista do segundo. Ele dizia: "O objetivo que devemos aspirar, depois que nos exercitarmos longamente na pureza de coração, é o de sermos de tal modo possuídos e governados pelo Espírito Santo, para que seja somente ele que conduza as nossas faculdades e todos os nossos sentidos, e que governe todos nossos movimentos interiores e exteriores, e que nós nos abandonemos inteiramente, por uma renúncia espiritual de nossas vontades e de nossas próprias satisfações. Deste modo, não viveremos mais por nós mesmos, mas em Jesus Cristo, por uma fiel correspondência às operações de seu divino espírito..." [11]

O caráter cristológico da *Doutrina espiritual* de Lallement é evidente, mas o acento no papel do Santo Espírito na transformação da alma em Jesus Cristo é extraordinário, porque em toda sua obra *Doutrina Espiritual,* o Espírito Santo é mencionado em quase todos os parágrafos.[12] Com certeza Lallemant não foi o único autor espiritual que influenciou Poullart des Places, mas foi um dos mais importantes.[13] Contudo a devoção ao Espírito Santo já pertencia à estrutura da vida espiritual de Poullart des Places, de modo que quando se tratou de consagrar a sua obra, o Espírito Santo se impôs naturalmente ao seu espírito, porque a fidelidade ao Espírito Santo era a súmula de sua própria vida interior.[14]

Esses autores tiveram também influência no que se refere à piedade marial. O bem aventurado Julien Maunoir havia fundado uma congregação sob o título da Imaculada Conceição, e há uma curiosa coincidência, pois em uma das cartas do P. Surin sobre a Imaculada Conceição, se encontram já reunidas, as duas graças que Poullart des Places buscava para si e para os seus do duplo devotamento de sua obra ao Espírito Santo e à Virgem Santa concebida sem pecado, como aquela em quem arde o "amor divino", e tem uma "pureza angélica". O P. Champion, por sua vez, unia também duas devoções caras a Poullart des Places, pois ele via no Coração de Maria, o "mais augusto palácio do Espírito Santo", e ele tinha uma veneração especial pela Imaculada Conceição, que ele procurava transmitir para todos.[15]

---

[11] *LALLEMANT, Louis. La vie et la Doctrine spirituelle du Père Louis Lallemant de Compagnie de Jésus, p. 177*

[12] *Cf. Michel, Joseph, op. cit., p. 154.*

[13] *Ibidem, pp. 147-158.*

[14] *Cf. LOPES, Francisco. Ao encontro dos pobres. Vida do P. Cláudio Francisco Poullart des Places, p. 71.*

[15] *Ibidem, pp. 158-159.*

"a 27 de Maio de 1703, Poullart des Places ofereceu ao Espírito Santo e a Maria todos os discípulos, do presente e do futuro"

Assim a 27 de Maio de 1703, Poullart des Places ofereceu ao Espírito Santo e a Maria todos os discípulos, do presente e do futuro, consagração essa, que os espiritanos renovaram cada ano na festa de Pentecostes e da Imaculada Conceição, e que deve remontar ao nosso fundador mesmo: "Ó minha boa Mãe e minha Soberana, santa Maria, Mãe de Deus, Virgem santa, doce refúgio dos pecadores, poderosa consoladora dos pobres, minha suave esperança nesse vale de lágrimas, eu me prosterno diante de vós, com um coração fervoroso e humilde, e recorro à vossa clemência, a fim de que possais ajudar vosso servidor a se doar, se consagrar e a se devotar ao Espírito Santo, vosso nobre Esposo, porque apesar de minha fraqueza eu desejo assumir um compromisso importante (...). Minha boa Mãe, escutai-me; Espírito todo-poderoso, escutai minha boa Mãe, e, por sua intercessão, iluminai o meu espírito com a vossa luz e envolvei o meu coração com o fogo de vosso amor a fim de que, nesta casa que vos é consagrada, eu possa realizar fielmente tudo o que vos agrada, tudo que se refere à vossa glória, à minha santificação e à edificação de meus irmãos".[16]

Padre Libermann imprimiu esse mesmo espírito de consagração a Maria, como se encontra no texto de consagração dos Missionários do Sagrado Coração de Maria, presente na Regra Provisória, composto pelo próprio Libermann desde as origens de sua congregação: "Ó minha mãe, ó soberana de minha alma, vinde em meu socorro; compadecei-vos da sorte de tantas almas, a quem eu devo ajudar para não caírem na infelicidade eterna. Se estou abandonado à minha própria fraqueza, todos eles cairão infalivelmente; mas se vós me recebeis sob a vossa proteção, do que eu não seria capaz! Dignai-vos, portanto, colocar-me no número de vossos filhos privilegiados de vosso Coração tão misericordioso. Ó santa Mãe de meu Deus, se me concedeis este grande favor, se pela autoridade de meu superior, vós me recebeis na Sociedade dos missionários de vosso Sagrado Coração, eu vos prometo de dedicar aí toda a minha vida a vosso amado filho Jesus Cristo, na maior fidelidade que me será possível; eu vos entrego a minha alma para que ela vos pertença como uma criança pertence à sua mãe; eu vos amarei toda a minha vida com um amor terno e filial; pregarei por todos os lugares vosso santo amor junto com o amor de Jesus vosso Filho".[17]

"Esta consagração faz parte essencial de nossas constituições; as santas promessas que fazemos são como que a herança que nossos pais nos deixaram."

Com efeito, a tradição espiritual de Poullart des Places, a consagração ao Espírito Santo e a Maria, se perpetuou na Congregação. Warnet, sétimo sucessor de Poullart des Places, em uma alocução de 8 de Dezembro de 1837, assim se exprimia a respeito do espírito do fundador presente na Congregação: "Esta consagração faz parte essencial de nossas constituições; as santas promessas que fazemos são como que a herança que nossos pais nos deixaram. Eles eram pobres de bens do

[16] *Michel, Joseph, op. cit., p. 298-299.*
[17] *N. D., t. XII, p. 133.*

mundo e queriam ser ricos somente dos dons do Espírito Santo, que constituíam todo o tesouro deles. Da mesma forma nos legaram um testemunho dos seus sentimentos piedosos em uma fórmula de consagração que devemos honrar com uma veneração toda religiosa, porque ela é como se fosse o testamento espiritual deles. E se os filhos respeitam as últimas vontades de seus pais ao ponto de se crerem obrigados de as executarem religiosamente, não devíamos nos impor de nos conformarmos àquelas de nossos piedosos fundadores? Eles se consagraram ao Espírito Santo sob a invocação de Maria concebida sem pecado e fomos oferecidos também juntos com eles. Não podemos pertencer a mestre melhor que o Espírito Santo, e nem estar sob uma salvaguarda melhor que a de Maria. Consagremo-nos, portanto, ao Espírito Santo e a Maria, segundo a intenção dos nossos pais"[18].

"Não podemos pertencer a mestre melhor que o Espírito Santo, e nem estar sob uma salvaguarda melhor que a de Maria."

A espiritualidade da consagração ao Espírito Santo e a Maria nos coloca no interior mesmo da vida apostólica, pois sendo fiéis como Maria e com ela ao Espírito de santidade e de Pentecostes, é que seremos assegurados da santidade que vem do Espírito Santo, e de uma autêntica fecundidade apostólica, assim como se expressava Padre Libermann: "Nós somos chamados ao apostolado; ora, para exercer o apostolado com fruto, de que devemos nos embeber, a não ser do espírito apostólico? E este espírito apostólico, onde é que podemos encontrá-lo o mais perfeito e mais abundante, segundo Nosso Senhor, a não ser no Coração de Maria, que dele estava todo cheio, Coração eminentemente apostólico e todo inflamado de desejos pela glória de Deus e a salvação das almas? Sem dúvida, ela não percorreu os mares e países distantes, como Pedro, Paulo e os outros apóstolos. Por quê? Porque não era seu destino; mas se tal tivesse sido a vontade de Deus a respeito dela, nada lhe teria faltado; este espírito apostólico, que a preenchia, a teria colocado em ação, segundo os desígnios de Deus sobre ela. Mas Deus não quis assim, e Maria devia, em seu retiro, dirigir os Apóstolos, comunicar-lhes seu espírito apostólico e atrair sobre as almas as graças de conversão e de santificação. Do alto do céu, ela continua, para a dilatação da Igreja, o que ela fez no seu início. Devemos, portanto, considerar o Coração de Maria, como o modelo perfeito do zelo do qual devemos estar impregnados, e como uma fonte abundante de onde devemos sem cessar nos embeber" [19].

2. Maria e a missão – uma perspectiva latino-americana.

O espírito apostólico de Maria sob o influxo do Espírito Santo tem sido vivenciado e transmitido por tantos e tantos filhos de Poullart des Places e de Libermann, que já doaram suas vidas no Brasil e em outros países das Américas.

---

[18] *Apud Gilbert, Alphonse. Esprit-Saint et Marie dans la tradition spiritaine. In: Cahiers Spiritains nº 22, p.53.*

[19] *Glose 18, apud Alphonse. Esprit-Saint et Marie dans la tradition spiritaine. In: Cahiers Spiritains nº 22, p.66-67.*

"Maria tem chamado a Igreja a deslocar-se do centro de poder para os lugares sociais mais relegados nas periferias"

Aqui na América Latina, a revelação do rosto materno de Deus tem acontecido através da presença de Maria desde o início da evangelização. Maria tem chamado a Igreja a deslocar-se do centro de poder para os lugares sociais mais relegados nas periferias, porque na perspectiva de Nossa Senhora de Guadalupe, a missão da Igreja é colocar-se a serviço da luta pela vida abundante para todos, principalmente para os mais pobres, e excluídos da sociedade.[20]

Segundo o Documento de Aparecida, Maria tornou-se parte do caminhar dos povos deste continente entrando profundamente no tecido de sua história e acolhendo os aspectos mais nobres e significativos de sua gente, e ela lhes pertence e eles a sentem como mãe e irmã, e encontram no rosto de Maria a ternura e o amor de Deus (DAp 265).[21]

A Conferência de Aparecida demonstrou que a Igreja da América Latina e do Caribe deseja se lançar com novo ardor em sua missão permanente, neste tempo de mudanças profundas, e olha para Maria como um modelo, porque em Guadalupe, Maria fez seus filhos se sentirem no abrigo de seu manto, mas também os tratou como sujeitos da missão, convocando a todos, especialmente os filhos pequenos e humildes a deixarem as redes (DAp 265), e se tornarem missionários e missionárias no mutirão que recolhe destroços, reconstrói a vida com sua dignidade, tece redes solidárias, e forma o povo na justiça e na fraternidade.[22]

A Conferência de Aparecida viu em Maria a figura da discípula perfeita: "A máxima realização da existência cristã como um viver de 'filhos de Deus' nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (cf. Lc 1, 45) e obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1, 38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2, 19, 51), é a discípula mais perfeita do Senhor. Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos. Sua figura de mulher livre e forte, emerge do Evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo. Ela viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou desta forma, o fato de estar ao pé da cruz em comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança" (DAp 266).

"Maria a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários"

O Documento de Aparecida vê em Maria a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários

[20] *Domezi, Maria Cecília. Maria de Guadalupe e de Aparecida. In: Ameríndia (Org.). V Conferência de Aparecida. Renascer de uma esperança. São Paulo: Ameríndia/Paulinas, 2008.*

[21] *Ibidem, p. 274.*

[22] *Ibidem, p. 275.*

(DAp 269), e da mesma forma ela formou os discípulos de Poullart des Places e de Francisco Libermann como missionários para a missão ad gentes.

CONCLUSÃO

A inspiração que os nossos fundadores, Poullart des Places e Francisco Libermann, de consagrarem seus membros e suas obras ao Espírito Santo e a Maria Imaculada, tem raízes profundamente na fé em Deus, que escolheu Maria para ser a Mãe do Redentor, sua geradora, a Theotokos, educadora, e depois seguidora e discípula fiel, também ela tem um papel fundamental, primeiro de amparo materno, mas também de educadora, e de convocadora para a missão. Ontem e hoje o espiritano vê em Maria a incentivadora para a missão.

"Ontem e hoje o espiritano vê em Maria a incentivadora para a missão."

BIBLIOGRAFIA

AMERINDIA (Org.). *V Conferência de Aparecida. Renascer de uma esperança.* São Paulo: Ameríndia/Paulinas, 2008.

CAHIERS SPIRITAINS nº 16. Roma: Maison Généralice, 1983.

CAHIERS SPIRITAINS nº 22. Roma: Maison Généralice, 1988.

CELAM. *Documento de Aparecida.* Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13-31 de Maio de 2007. São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

DE MARE, Christian (Org.). *Aux racines de l'arbre spiritain – Claude-François Poullart des Places (1679-1709 – Écrits et Études.* Mémoire Spiritaine, 4. Paris, 1998.

LALLEMANT, Louis. *La vie et la Doctrine spirituelle du Père Louis Lallemant de Compagnie de Jésus.* Paris: Desclée de Brouwer, 1979.

LITHARD, V. M. *Le coeur immaculé de Marie et la Congrégation du Saint-Esprit – Graces reçues – culte rendu.* Paris: Maison Mère, 1923.

LOPES, Francisco. *Ao encontro dos pobres. Vida do P. Cláudio Francisco Poullart des Places.* Lisboa, 1983.

MICHEL, Joseph. *Claude-François Poullart des Places fondateur de la Congrégation du Saint-Esprit – 1679-1709.* Paris: Editions Saint-Paul, 1962.

PENTECÔTE SUR LE MONDE nº 844, Mars/Avril 2009, Paris.

SAVOIE, Jean. *Orar 15 dias com Cláudio Poullart des Places.* Lisboa: Paulus, 2008.

Notre-Dame de Bonne Délivrance

Nossa Senhora do Bom Sucesso

Foi diante desta imagem da Virgem Negra de Paris, na Igreja de Saint-Etienne des Grés, que Cláudio e seus companheiros se consagraram no dia de Pentecostes, 27 de Maio de 1703. As vicissitudes da Revolução francesa fizeram com que a imagem agora esteja confiada às Irmãs de S. Tomás numa capela que lhe foi dedicada em Neuilly, na avenida de Argenson, nos arredores de Paris.

14. Ensaio sobre o Carisma Espiritano

Entre os anos 1703 – 1839

– 1 –

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA IDEIA INICIAL

Introdução

Na primeira parte do texto aqui traduzido, o P. Koren estuda quatro figuras de fundadores que nitidamente se demarcaram dos caminhos habituais da vida religiosa praticada no tempo deles e fizeram obra de inovadores que teve futuro. Debruça-se em primeiro lugar sobre o carisma de S. Bento, depois sobre o de S. Francisco de Assis, em seguida sobre o de Santo Inácio; por último, estuda a obra de Poullart des Places e de Libermann, embora sem expormos o que se refere ao último.

A apresentação que faz do carisma de Poullart deve entender-se tendo em conta quem liga as figuras deste artigo: todos eles são precursores da novidade, ou seja da liberdade. Poullart é apresentado como um fundador que, a exemplo de S. Francisco, inspirou mais um espírito do que uma estrutura. No seguimento desta intuição, a regra de 1734, bem marcada pelo espírito inaciano, permanece sóbria acerca das disposições jurídicas próprias para a consolidação da Congregação do Espírito Santo. Menos preocupada com o seu crescimento, do que com o valor da formação que ela podia oferecer, a Congregação viu-se definitivamente enfraquecida depois da Revolução francesa que a aniquilou.

---

* ***Henry J Koren, (1912- 2002) missionário espiritano holandês, reconhecido historiador e investigador das fontes espiritanas em língua inglesa, visto ter passado grande parte da sua vida na universidade de Duquesne, nos Estados Unidos. Várias publicações, entre as quais se destaca "The Spiritans, 300 years of religious and missionary History of the Congregation of the Holy Spirit."***

O P. Koren acha que foi a fraqueza das estruturas jurídicas que levou a Congregação, restabelecida por Luís XVIII, a não poder evitar o declínio, no começo do século XIX. Mas é preciso ter também em conta o facto de que as novas orientações recebidas pelo instituto da autoridade real, após a Revolução e o Império, eram muito diferentes do objectivo inicial do fundador. Não diz o P. Koren que des Places não havia previsto para a sua comunidade trabalhos nas missões distantes? E a razão era: eram inacessíveis.

A leitura deste estudo põe bem a claro o grande desapego que Poullart des Places soube transmitir aos seus discípulos, e que bem os preparou para tempos imprevisíveis. O espírito sobreviveu, e Francisco Libermann, trazendo à Congregação envelhecida o vigor da sua direcção e da sua inspiração, dava prova do mesmo desapego de disponibilidade evangélica para com os pobres e necessitados.

UMA HISTÓRIA EXTRAORDINÁRIA

Entre os institutos religiosos, poucos "tiveram uma história tão extraordinária como os espiritanos", escreveu um historiador jesuíta em 1986. A obra fundada em 1703 por um estudante do Colégio Louis-le-Grand, de 24 anos, permaneceu sem existência legal durante uns trinta anos, quer como casa religiosa quer como seminário, embora estivesse inteiramente conforme com as orientações dadas pelo Concílio de Trento. Durante sessenta anos, o seminário foi dirigido por superiores que não tinham muito mais de vinte anos; os seminaristas participavam também na sua escolha, como se fosse uma república de estudantes. O programa de estudos exigia em primeiro lugar três anos de filosofia, compreendendo matemática e a nova teoria da física newtoniana, depois cinco anos de teologia; finalmente, se necessário, dois anos de direito canónico ou de Sagrada Escritura. No fim dos estudos os padres optavam pelos trabalhos apostólicos mais modestos entre os pobres e os abandonados.

"O fundador morreu dois anos depois da sua ordenação, precisamente com 30 anos; o sucessor morreu seis meses mais tarde; em seguida veio Luís Bouic, que entrou em funções aos 26 anos e dirigiu o instituto durante 53."

O fundador morreu dois anos depois da sua ordenação, precisamente com 30 anos; o sucessor morreu seis meses mais tarde; em seguida veio Luís Bouic, que entrou em funções aos 26 anos e dirigiu o instituto durante 53. Um tempo de direcção que foi ultrapassado em poucos institutos; o único caso que conheço é o de S. Hugo de Cluny que foi abade em 1049 e permaneceu 60 anos. A respeito do programa de estudos, a atitude de Poullart des Places era muito diferente da do sulpiciano Etienne Mollevault, o qual, – numa época diferente, é certo, em 1825 – dava a um director de seminário, do tempo de Libermann, o seguinte aviso: «Evite alimentar o espírito de curiosidade que mata a acção da graça, pense que a maior parte dos seus ouvintes vai exercer o ministério nas aldeias entre os camponeses e veja o que lhes poderá ser mais útil». Escrevia estas linhas numa época em que Félicité de Lammenais podia considerar em 1828: «Nunca, há tantos séculos, o clero em geral, foi tão ignorante como hoje, e nunca, todavia, a verdadeira ciência foi mais necessária».

Durante muitos anos (podemos dizer quase 150), a fundação espiritana foi mais um movimento que uma organização e quando, em 1734, adquire uma estrutura visível, esta consistia apenas num corpo de directores exigido pela lei civil para que se pudesse falar de personalidade legal. Os directores não tomavam compromisso religioso sob a forma de votos ou promessas, mas assinavam um contrato em que se obrigavam a observar os estatutos que, no dizer de um jurista oficial, dois séculos mais tarde, eram de uma concisão extrema.

O vigor da fundação de Poullart des Places não vinha da sua organização, mas do seu carisma. Todos os membros – fosse qual fosse a qualificação que pudessem ter – foram reconhecidos como espiritanos e não tiveram outros compromissos religiosos particulares senão os do seu sacerdócio. O que tinham em comum, era a concepção de sacerdócio. Ser padre significava para eles uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos pobres e dos abandonados, acompanhada de pobreza voluntária. Eles sabiam, sem dúvida, que esta concepção de sacerdócio bastava para os fazer viver a vida religiosa na sua verdade e qualquer acréscimo aos seus compromissos apostólicos, por votos ou promessas, só seria inútil ou fictício.

"O vigor da fundação de Poullart des Places não vinha da sua organização, mas do seu carisma."

O que Poullart des Places queria era a verdade: não só a aparência; mas a identificação real com os pobres através duma vida frugal. Para ele, a opção evangélica pelos pobres era fidelidade ao Espírito. Não havia coisa mais urgente, porque nesse tempo, contavam-se bem poucos padres verdadeiramente entregues ao seu serviço. A mesma penúria existe agora nos nossos tempos.

A REGRA DE POULLART DES PLACES E A DE S. BENTO

Se compararmos as regras de Poullart des Places e de S. Bento, encontramos algumas semelhanças úteis. Como a de S. Bento, a regra do nosso fundador, terminada à volta de 1706, era apenas uma regra interior; ela apresentava linhas de conduta para certos serviços da casa, vida de oração e estudos. Pressupunha mais do que descrevia o espírito da casa. Como a vida mudou bastante depois disso, a maior parte destas prescrições são agora obsoletas, assim como as de S. Bento.

Os beneditinos continuaram a conservar a regra original, como um texto venerável, frequentemente lido e comentado se bem que todos os costumeiros e constituições respondam às actuais necessidades. Nos espiritanos, as regras de Poullart des Places há muito tempo baixaram aos arquivos; e aí ficaram até à sua publicação em 1959.[2] As nossas regras e constituições reeditadas em 1986, nem referência fazem às anti-

[2] *Estas duas citações são extractos de: G. BERTIER de SAUVIGNY, Au soir de la Monarchie. La Restauration, Paris, Flammarion, 3ª edição revista e aumentada, 1974, p. 309. Na página seguinte, encontra-se a saborosa reflexão dum bispo, D. Leblanc de Beaulieu: «Prefiro trabalhar a vinha do Senhor com burros a deixá-la em baldio».*

gas, como uma das suas fontes, muito menos à regra de 1734, que era uma versão revista e actualizada da de 1706. Contudo a regra de 1734 apresentava explicitamente o carisma espiritano de disponibilidade evangélica, na fidelidade ao Espírito, ao serviço dos pobres.

A REGRA DE POULLART DES PLACES E A DE S. FRANCISCO

Se compararmos a regra de Poullart des Places com a de S. Francisco de Assis, vemos que ambos põem o acento na pobreza evangélica. Mas o nosso fundador viu a pobreza como uma realidade subordinada ao serviço da pregação do Evangelho, mesmo que fosse exigida incondicionalmente por este serviço. Chamados a servir os pobres, os seus discípulos deviam mostrar, pelo seu estilo de vida, que se identificavam com eles. A prioridade está na pregação do evangelho, mas esta não se faz apenas com palavras, mas pela sobriedade do estilo de vida.

"o nosso fundador viu a pobreza como uma realidade subordinada ao serviço da pregação do Evangelho"

A REGRA DE POULLART DES PLACES E A DE SANTO INÁCIO

No que diz respeito à regra de Santo Inácio vê-se logo que até o programa de estudos mostra quanto o nosso fundador foi profundamente influenciado pelos jesuítas. Lembrar-nos-emos que ele havia sido educado por eles durante doze anos mais ou menos. Depois, durante muito tempo, os jesuítas exerceram função de directores espirituais no Seminário do Espírito Santo.[3] Influência de Santo Inácio é ainda mais visível na regra de 1734 que é largamente baseada nos regulamentos e costumes introduzidos por Poullart des Places. Enquanto que a regra de 1706 reclama uma obediência cega, a de 1734 retoma quase palavra por palavra a exigência inaciana de obediência *perfeita sob todos os aspectos, quanto à execução, julgamento e vontade.* O mesmo acerca da prática da pobreza: *que a alimentação, o vestuário, a cama e o quarto sejam o que convém a pobres* e *o mesmo para todos.* Tal como os jesuítas, os espiritanos tinham por regra que o Superior Geral era eleito sem limite de tempo, mas podia ser exonerado pela maioria dos conselheiros. Estes reuniam-se todos os três anos na sua ausência para consultas, a ver se não era tempo para eleger um novo Superior geral. Se quatro dos seis conselheiros respondessem afirmativamente a esta consulta, era exonerado do seu cargo.[4]

---

[3] *Henri J.KOREN e Maurice CARRIGNAN (ed.) Les écrits spirituels de M. Claude-Francois Poullart de Places, ed. francês-inglês, Pittsburgh, Duquesne University; Louvai, Nauwelaerts; Rhenen, Spiritus, 1959. Em 1983, nos Cahiers spiritains, nº 16, o P. Joseph Lécuyer fez uma nova edição (reed. em 1988) na qual os Règlements não são integralmente transcritos. Nesta obra de agora apresentar-se-ão na íntegra os Règlements généraux et particuliers, p. 331-367.*

[4] *As regras 3 e 4 da casa exigem-no explicitamente. Foram posteriormente suprimidas (riscadas no texto), sem dúvida na época em que os Jesuítas conheceram dificuldades que trouxeram a sua supressão em França (1763).*

AS MISSÕES LONGÍNQUAS

A primeira menção específica de trabalho em missões longínquas não aparece antes da regra de 1734, onde figura como uma tarefa entre muitas outras que os espiritanos poderão empreender. Se o fundador não fala de missões longínquas não é que se lhe oponha, ou que não tenha pensado nisso; mas é porque circunstâncias particulares do fim do século XVIII as tornarem praticamente inacessíveis àqueles que desejassem dedicar-se a isso. O principal obstáculo é que os espiritanos só se podiam entregar a elas por intermédio da Sociedade das Missões Estrangeiras, e este instituto estava contaminado de jansenismo.

Diz-se, por vezes, que os espiritanos foram sempre, e sobretudo, missionários; mas o único argumento para tanto está no desejo de des Places, no tempo da sua conversão (1701), de se consagrar às missões longínquas. Este argumento não parece muito convincente. Quase todos os jovens com uma sólida educação católica, e especialmente os que desejavam ser padres, eram atraídos por esta vocação, mas para a maioria deles, ficou num desejo pio e efémero. Se, em vez de serem missionários, os espiritanos fossem contemplativos, poderíamos justificá-lo, de maneira talvez ainda melhor, recorrendo à ideia, também simples, que o fundador formara os seus discípulos como membros de uma ordem contemplativa rigorosa.[5]

Logo que as circunstâncias históricas permitiram aos espiritanos ser missionários (por 1730), as missões longínquas foram agregadas à lista das tarefas preferenciais com os pobres e abandonados. Então o trabalho magnífico realizado por algumas dúzias de padres que partiram para o Canadá e Extremo Oriente, levou o capelão geral das colónias a propor que a Congregação aceitasse oficialmente a responsabilidade do ultramar. Quando esta proposta foi aceite, a nova situação conduziu os superiores da Congregação e do seminário (os quais constituíam legalmente o instituto) a aceitar missionários como associados. Isto entrou em prática a partir de 1775 mais ou menos. Temos então o primeiro exemplo claro duma associação com missionários da Guiana (saber que o termo *associado* significava, então, ser membro da Congregação, inscrito no *registo de associados*).

Depois da Revolução francesa, os trabalhos missionários tornaram-se prioritários para os espiritanos e, de repente, a incorporação de missionários era olhada como normal, como está patente

---

[5] ***Tal demissão nunca aconteceu. A nossa história lembra que 1865, Inácio Schwindenhammer, Superior geral, se opôs vigorosamente a qualquer crítica da parte destas consultas trienais: iliminou-as praticamente. Encontrou-se posteriormente outra maneira, mais comum, de exercer controlo de modo equilibrado: o Superior geral só era eleito por um mandato limitado. Ver: Amadeu MARTINS, «Exposição de alguns membros da Congregação contra a administração do Padre Schwindenhammer», Cahiers spiritains, n 14, jan-jun 1981, p.29-35.***

numa carta do P. Jean Perrin, primeiro prefeito apostólico espiritano: «Todos os padres que forem enviados, escreve ele em 1807, serão membros da Congregação [...]; todos os missionários doentes e na reforma serão cuidados nos seus estabelecimentos». Mas as contingências políticas impediram por várias vezes a plena execução desta decisão, até que em 1848 pôde ser enfim firmada.

À parte a aceitação de missionários pela Congregação, não houve grande preocupação com a expansão do instituto, pelo menos em sentido estrito, como fruto duma política de crescimento. A única expansão que houve foi consequência de factores externos: os pedidos dos bispos de Meaux e de Verdun para se encarregarem dos seus seminários diocesanos e a aceitação de missões nas Américas e na África.[6] Até ao generalato de M. Leguay, por fim dos anos 1840, a Congregação não aceitou mais tomar conta de outros seminários, quer em França quer nas missões fora do império francês, nos Estados Unidos ou lá longe como na Nova Zelândia. Sem que fosse falta sua, não o podia fazer.

"A situação da Congregação depois da Revolução mostrou a fraqueza que arrastava o facto de ser um movimento e não uma organização ou seja um instituto estruturado."

A situação da Congregação depois da Revolução mostrou a fraqueza que arrastava o facto de ser um movimento e não uma organização ou seja um instituto estruturado. A Congregação não previra nada que permitisse a sua expansão e crescimento; não tinha mesmo estruturas jurídicas suficientes para exercer a sua autoridade sobre os seus padres uma vez fora do seminário; não tinha o poder de manter no lugar o pessoal necessário para assegurar a sua sobrevivência. O seu carisma conseguiu manter-se vivo, mas, por si só, foi incapaz de impedir o declínio. A chegada do P. Libermann e dos seus discípulos em 1848 salvou-a do desaparecimento iminente trazendo-lhe as estruturas necessárias, o pessoal e uma direcção capazes não só de manter, mas de devolver vigor ao seu ideal de disponibilidade evangélica.

– 2 –

A TRADIÇÃO ESPIRITUAL DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Introdução

Esta segunda parte aborda o mesmo tema que a precedente, mas procurando apreender de maneira mais completa os elementos que entram no carisma espiritano. É uma tentativa de síntese que oferece muito inte-

[6] ***Ver: «Mémoire sur la vie de M. Claude-Francois Poullart des Places, atribuída a Pierre Thomas,cssp», in KOREN, Écrits, p. 270: «Acrescente-se que M. des Places a princípio não tinha tido a ideia de formar eclesiásticos, mas religiosos santos que se entregassem aos rigores da penitência se Deus os chamasse ao claustro».***

resse a todos aqueles que desejam compreender melhor a tradição espiritual da Congregação do Espírito Santo.

O P. Koren resume assim estes diversos elementos: «Parece-me que a nossa espiritualidade viva pode ser descrita como uma disponibilidade evangélica que permanece atenta ao Espírito Santo que se manifesta nas situações concretas da vida». Estes traços fundamentais condizem, tanto com a herança de Poullart des Places apresentada nestas páginas, como com a de Libermann que não é tratada aqui.

O P. Koren mostra em seguida, como estes traços se encontram, não só na vida de Poullart des Places, mas também na dos seus discípulos no curso dos anos 1703-1839. A investigação do P. Koren sobre os espiritanos, tendo trabalhado nas missões da Acádia, do Extremo-Este dos Estados Unidos e do Canadá (e também nas do Extremo Oriente) permitem-lhe citar testemunhos de que se fala pouco.

Lembremo-nos de que o termo espiritano *designava então os padres formados pelo seminário do Espírito Santo, sob a direcção e o carisma vivido e transmitido pelos* Messieurs du Saint-Esprit, *seus formadores, herdeiros da obra de Poullart des Places.*

Pela leitura do P. Koren, compreendemos a justeza do que M. Nicolas Warnet (1795-1863), membro da Congregação do Espírito Santo, depois Superior geral provisoriamente (de 7 de Janeiro a 28 de Abril de 1845), dizia nas suas famosas homilias, nas festas do padroeiro do seminário: a tradição espiritana manteve-se não só nos textos mas, sobretudo, no modo de viver de muitos espiritanos *anteriores à fusão de 1848.*

OS DOIS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO CARISMA ESPIRITANO [7]

A disponibilidade evangélica

"disponibilidade diante de Nosso Senhor"

O primeiro traço característico do carisma espiritano é sem dúvida alguma a disponibilidade evangélica nos seus dois aspectos. Em primeiro lugar, disponibilidade diante de Nosso Senhor: colocamo-nos diante de Deus, desejosos de estar inteiramente à sua disposição. Tal é a santidade a que cada um de nós é chamado, dizendo simplesmente a Deus: «*Eis-me aqui, Senhor*». Depois, disponibilidade para os irmãos e irmãs, o que nos leva a ajuntar a «*Eis-me aqui*», as palavras «*Enviai-me*». Esta é a base da nossa vida apostólica: a nossa disponibilidade diante de Deus, donde devemos inferir que os dois aspectos são facetas duma só e mesma disponibilidade, como o amor a Deus e aos irmãos é uma só realidade.

"Depois, disponibilidade para os irmãos e irmãs"

"Esta é a base da nossa vida apostólica"

Esta dupla disponibilidade implica, em primeiro lugar, uma vida interior de união a Deus, ou seja uma vida de oração e, depois

[7] ***Houve também a misteriosa aceitação dum seminário na Córsega, talvez ligada a um projecto de missão no Próximo-Oriente; os historiadores nunca estudaram este caso obscuro.***

uma pobreza evangélica feita de pobreza material e pobreza espiritual. A compenetração destes dois aspectos da nossa disponibilidade fornece, em princípio, a chave a um problema eterno: o da reconciliação entre vida apostólica e religiosa. Se os dois constituírem uma só e mesma realidade, então a santidade à qual somos chamados – a nossa presença contínua diante de Deus numa atitude de disponibilidade – é a própria essência duma vida verdadeiramente consagrada ao serviço do Evangelho entre os irmãos.

"O segundo elemento duma autêntica disponibilidade evangélica, é a pobreza evangélica na sua dupla dimensão: pobreza material e pobreza espiritual."

O segundo elemento duma autêntica disponibilidade evangélica, é a pobreza evangélica na sua dupla dimensão: pobreza material e pobreza espiritual. A primeira pode exprimir-se em algumas palavras: respeitando as necessidades fundamentais da vida, ter uma atitude moderada em relação aos bens materiais, quer a nível pessoal, quer a nível comunitário. A nível espiritual, a pobreza evangélica exige uma atenção constante ao que a vida nos oferece nas suas mudanças contínuas: uma atitude de abertura ao mundo.

A atenção ao Espírito Santo que se manifesta nas situações concretas da vida.

Esta abertura à experiência requer o nosso desapego ao passado. Sendo o passado realmente passado, torna-se um museu do que foi a vida. Já não diz nada ao homem, a não ser que tenha interesse por antiguidades. Se o espiritano não quer pregar a mortos, deve ater-se ao que se vive entre os que o escutam. É na realidade de hoje que ele vai escutar os cochichos do Espírito Santo. É só esta atenção ao Espírito que permite discernir o que vem de Deus (incluindo o passado, os que não partilham das nossas convicções, ou até que nos atacam) e o que vem doutras fontes. Discernir é uma necessidade constante a fim de diminuir a margem dos nossos erros. Mas a docilidade de espírito, que deveria caracterizar o espiritano, exige dele o abandono das posições tomadas, das orientações segundo as quais gastou, sabe Deus quantos anos, de trabalho árduo, sem lamentações, sem se agarrar ao passado, desde que a experiência lhe mostre que estava num caminho sem saída. *Maria é nosso modelo em tudo isto:* foi sempre fiel ao seu divino Esposo, numa atitude inteiramente evangélica...

ESPIRITANOS FIÉIS A ESTE ESPÍRITO[8], DE 1703 A 1839

Poullart des Places escreveu uma regra unicamente para o seminário do Espírito Santo. Nela pode ler-se a menção a uma consagração especial de todos os estudantes ao Espírito Santo; formadores e estudantes «terão singular devoção à Santíssima Virgem, sob a pro-

[8] *Damos uma versão condensada e adaptada das páginas 15-18 de KOREN, Essays.*

tecção da qual nos oferecemos ao Espírito Santo».[9] Em todas estas regras, descobrimos uma insistência sobre a oração exprimindo esta dupla consagração.

A primeira regra oficialmente aprovada, a de 1734, que assenta largamente sobre a tradição proveniente do fundador, retoma esta consagração e indica os objectivos da Congregação: formar padres pobres que estarão prontos para tudo, para anunciar o evangelho aos pobres e até aos incrédulos, prontos igualmente a aceitar os ministérios mais abandonados e mais difíceis na Igreja.[10] Os historiadores dão testemunho de que o apostolado dos espiritanos tinha por base *uma mística de pobreza*: pobreza não por não ter nada mas pelo seu valor de testemunho ao evangelho.

Citemos alguns exemplos vividos e alguns testemunhos. O *espiritano* [11] Charles Besnard, terceiro superior geral dos monfortinos, escrevia no sec. XVIII que os espiritanos estão prontos a «dirigir-se para qualquer lado onde haja que trabalhar pela salvação das almas, devotando-se de preferência à obra das missões, estrangeiras ou nacionais; oferecendo-se para residir nos locais mais pobres e abandonados, para os quais dificilmente se encontra gente».[12] No mesmo século, l'Abbé de L'Isle-Dieu escreve ao duque de Choiseul, em 1763, que, para prover ao cargo de vigários apostólicos nas colónias, «seria preciso não homens tomados ao calha, mas homens escolhidos e de elite... homens que tivessem espírito evangélico e verdadeiramente apostólico, homens que tivessem sido educados (se possível) em seminários como o do Espírito Santo...». De facto, neste seminário, «educam as pessoas que aí são formadas, para os postos mais penosos, mais fatigantes, menos lucrativos e mais abandonados».[13]

"educam as pessoas que aí são formadas, para os postos mais penosos, mais fatigantes, menos lucrativos e mais abandonados."

Para citar exemplos pessoais de espiritanos, comecemos pelo Monsieur Caris,[14] falecido «em odor de santidade», conhecido em Paris inteiro como o lendário *padre pobre*. A sua pedra tumular, hoje desaparecida, tinha esta inscrição: «Aqui jaz Pierre Caris, padre po-

---

[9] *Damos aqui a tradução de KOREN, Essays, p.18-21.*

[10] *Poullart des Places, Règlements Généreaux et Particuliers, 1706, Regra 1: KOREN, Écrits, p. 164; LECUYER, Écrits, p. 79; nesta obra, p. 333*

[11] *LE FLOCH, Poullart de Places, Nova Edição 1915, p. 586. Para uma edição crítica, ver: A.BOUCHARD & NICOLAS (ed.), Synopse des Règles de Libermann, précédée de la première Règle spiritaine, Paris, 30. rue Lhomond, 1968, renotée, p. 8.*

[12] *Lembramos que o termo «espiritano» designava no séc. XVIII um padre formado no Seminário do Espírito Santo.*

[13] *KOREN, Écrits, p. 288. Texto ligeiramente corrigido na edição recente: Charles BESNARD, Vie de M. Louis-Marie Grignion de Montfort, Roma, Centro Internacional Monfortino, 1981, «Documents et Re-cherches IV», p. 283.*

[14] *Albert DAVID, Les Missionnaires du Séminaire du Saint-Esprit à Québec et en Acadie au XVIII siècle, Mamers, impr. Gabriel Enault / Paris, Société d'Histoire du Canada, 1926, p. 57 e 53 para as duas citações.*

bre, Escravo de Maria, Procurador deste seminário: viveu sempre para Deus e para o próximo; para ele, nunca! Morreu a 21 de Junho de 1757. Reza. Imita».[15]

M. Allenou de Ville-Angevin entrou no seminário do Espírito Santo em 1703 e tornou-se cónego de Quebec. Deu todos os seus bens ao bispo para os pobres; morreu também «em odor de santidade».[16]

M. Le Loutre gastou todo o seu património para socorrer os Acadianos exilados e recusou toda a compensação pessoal do seu ministério por parte do governo. A acta da sua morte traz igualmente a menção: «morto em odor de santidade».

Monsenhor Pierre Kerhervé, a trabalhar em Sião, nomeado vigário apostólico na China (mas, ficando quase cego, declinou esta responsabilidade) tinha um roupeiro que consistia numa batina velha e num par de sapatos mais que usados. Sem um único tostão no bolso empreende uma viagem a fim de restaurar a paz e morre no mar.[17]

M. Maillard morreu também «em odor de santidade» em Halifax em 1762. O segredo do seu sucesso entre os índios Micmac é atribuído ao facto de ele se ter indentificado totalmente com eles. Para as suas refeições contentava-se com partilhar a sopa mal cheirosa deles, feita de foca. À sua morte deixou apenas alguns móveis em mau estado e manuscritos em Micmac. Os seus escritos sustentaram a fé dos índios durante mais de um século, na ausência de padres.[18]

"Tenhamos o mínimo possível de necessidades, e seremos sempre ricos."

Monsenhor Pottier, vigário apostólico de Su-Tchuan na China, escrevia: «Tenhamos o mínimo possível de necessidades, e seremos sempre ricos. Só custa o primeiro passo. Àparte a vida e o hábito, que mais há de razoável que pudéssemos desejar?».[19]

---

[15] *Conservamos a expressão francesa de «Monsieur», tradicional até ao sec. XIX (e mesmo depois) para chamar os eclesiásticos que não pertenciam a uma Ordem: assim os Messieurs de S. Sulpício, os Messieurs do Espírito Santo, mas um Padre jesuíta, um Capuchinho...*

[16] *H. LE FLOCH, Poullart des Places, Nova edição 1915, p. 401. É uma tradução que damos aqui, porque o original é em latim: «Hic jacet Petrus Caris, pauper sacerdos, Servus Mariae, hujus seminarii procurator: Deo et próximo vixit, nunquam sibi. Obiit die 21 junii 1757. Ora. Imitare». Este epitáfio hoje desaparecido é referido por Charles BESNARD, op. cit., p. 332.*

[17] *MICHEL, Poullart des Places, p. 289 ss.*

[18] *Henri J. KOREN, knaves or knights? A history of the Spiritan Missionaires in Acadia and North Ame-rica, 1732-1839 (Pittsburgh, Duquesne University, 1962), p. 85 ss. Esta obra do P. Koren foi traduzida em francês, sob o título: Chenapans ou chevaliers? (knaves or Knights?), traduzida do inglês pela equipa espiritana: P. Armand Larose, P. Henri Lestage, P. Antoine Mercier, Montreal, Casa Provincial, 1979, 201 p. Ver também: H.J.KOREN, Les Spiritains, p. 52-96, a parte sobre «Les Missions en Acadie, auprès des Indiens, 1755-1763; p.89-92 por Le Loutre.*

[19] *J.MICHEL, Poullart des Places, p. 310 ss.*

Citemos ainda M. Lanoë, missionário dos Índios na Guiana (falecido em 1791), que escrevia: «A minha única ambição foi cooperar com a obra de Deus; tenho a certeza de ter de mendigar o meu pão no fim dos meus dias, com nada me inquietarei. J.C. (Jesus Cristo) meu divino Mestre era de condição diferente da minha; prefiro a pobreza e a ignomínia da Cruz a todas as riquezas e honras do mundo». Ele queria que os missionários da Guiana seguissem os mesmos princípios que no Seminário do Espírito Santo. «Peço ao Senhor que vos dê a graça de encontrar verdadeiros missionários, cheios do espírito do seu ideal e inteiramente desapegados do mundo e do dinheiro. Gostaria que todos fôssemos um só coração e uma só alma, e que não conhecêssemos o funesto *meu* e *teu*, que causa tantas desordens; que disséssemos e praticássemos todos os dias estas doces palavras *Dominus pars haereditatis meae etc.* Mas infelizmente vemos que a mudança de clima muda também os costumes».

E há também os testemunhos dos herdeiros da tradição de Poullart des Places que trabalharam nos Estados Unidos, o último dos quais morreu em 1839, justamente antes de Libermann fundar a sua *Obra dos Negros*. M. Jean-François Moranvillé era um deles. Antigo missionário na Guiana, prestou o juramento constitucional do Clero, arrependeu-se do erro e chegou aos Estados Unidos no fim de 1794. Foi o primeiro cidadão americano membro da nossa Congregação (1804). Durante trinta anos fez severa penitência pelos seus pecados. Levantava-se muito cedo todas as manhãs e ficava em oração três horas; nunca acendeu a braseira no seu quarto, no presbitério de S. Patrício de Baltimore, e gastou todos os seus recursos em favor dos pobres. Alguns meses após a sua morte (também «em odor de santidade»), em 1824, o seu arcebispo escreveu ao bispo de Bóston: «Considero a sua perda uma calamidade maior que a de vinte outros padres». E o arcebispo dizia isto num momento em que vinte padres representavam 10% de todo o clero dos Estados Unidos.[20]

M. Matthieu Hérard, também ele refugiado da Guiana, trabalhou nas Ilhas Virgens, Martinica e Estados Unidos, em Pittsburgh. Ainda que a trabalhar em locais de grande pobreza, fez ofertas consideráveis aos sulpicianos, aos carmelitas enclausurados de Baltimore e ao Seminário do Espírito Santo. Deu a M. Bertout, Superior geral, o dinheiro que lhe faltava para abrir o primeiro seminário menor das missões em França (mesmo ao lado da casa mãe). Devia viver muito frugalmente para fazer tais ofertas.[21]

Por estes exemplos se vê (e poderíamos juntar muitos outros), como os espiritanos de ontem viviam a sua vida apostólica baseados sobre o fundamento da disponibilidade evangélica, diante de Deus e dos homens. Em situações concretas da sua vida ficavam à escuta do Espírito Santo, em primeiro lugar, escutando a voz dos seus superio-

[20] *H. J. KOREN, knaves..., p. 78 ss.*
[21] *J. MICHEL,op. cit., p. 311.*

res e, depois, dispersos pela perseguição, procurando nas diversas situações o apelo evangélico que lhes era dirigido nos acontecimentos concretos.

O ESPÍRITO SOPRA AONDE QUER

Para terminar, voltemos um instante a M. Hérard, o último missionário espiritano do séc. XVIII que trabalhou no Novo Mundo. Tomou o navio em 1837 para regressar a França e celebrar as bodas de ouro com os seus confrades de Paris. Em 1839, enquanto visitava a família, morreu na sua aldeia natal de Ampuis, perto de Lião, a 17 de Outubro de 1839, com a idade de 75 anos.[22] Alguns dias mais tarde – e o acaso desta coincidência bem podia ter outro nome – dia 28 de Outubro de 1839, Libermann, ainda mestre de noviços dos Eudistas, em Rennes, recebia «uma luzinha» impelindo-o a juntar-se à *Obra dos Negros,* ao lado de Levavasseur e Tisserant. Em breve seria a viagem a Roma para submeter o projecto, e a abertura do noviciado dos Missionários do Sagrado Coração de Maria em La Neuville, perto de Amiens, a 14 de Setembro de 1841. E sete anos mais tarde, com a «fusão» de 1848, o P. Libermann tornar-se-ia o décimo primeiro Superior geral da Congregação do Espírito Santo, renovando-a com um espírito de disponibilidade evangélica, de pobreza e de atenção aos sinais do Espírito Santo, numa espantosa continuidade com a tradição espiritual recebida de Poullart des Places.

Henri J. KOREN, *A spiritan Who Was Who in North América and Trinidad,* Pittsburgh, PA, 1983, notícia 24, p. 11-12. Jean-François Moranvillé nascera em 1760 em Cagny, perto de Amiens onde iria morrer a 16 de maio de 1824.

H.J.KOREN, *knaves…*, p. 149, 160 ss.

H.J.KOREN, *A Spiritan Who Was Who…,op. cit.,* notícia 26, p. 13-14.10

[22] *Carta de M.Lanoë a M. Bécquet, Superior geral, 6 de Nov. 1784, Arch.CSSp.4-B-III (cópia).*

15. O itinerário espiritual da Congregação ao longo da sua história

1. A COMUNIDADE DAS ORIGENS

Os "Regulamentos" de Poullart des Places são a fonte de inspiração para as primeiras Regras da Congregação de 1734. Da Regra das origens que Poullart des Places deve ter elaborado, restam apenas umas pequenas referências.

As características fundamentais destes Regulamentos são:

1. Uma comunidade de oração.

"Uma comunidade de oração."

– que vive uma consagração especial ao Espírito Santo;
– que ama ternamente Maria concebida sem pecado, sob cuja protecção, todos os membros são consagrados ao Espírito Santo;
– uma vida eucarística e uma vivência litúrgica esmeradas;
– com um espírito de oração que anima o dia inteiro, vivendo intensamente a presença do Espírito Santo e buscando continuamente a vontade de Deus.

2. Uma comunidade de pobres.

"Uma comunidade de pobres."

Os aspirantes devem ser pobres e viver como pobres, preparando-se para preferir e assumir com alegria as tarefas mais humildes com uma total disponibilidade evangélica.

---

* ***Adélio Torres Neiva, missionário espiritano, licenciado em História pela Universidade de Coimbra, professor de Missiologia na Universidade Católica, Chefe de Redacção da revista Portugal em África, Director da Revista Encontro. Foi Conselheiro Geral da Congregação do Espírito Santo de 1974 a 1986 e tem escrito vários livros, dezenas de artigos e proferido centenas de conferências, merecendo particular destaque a Historia da Província Portuguesa. Actualmente é o Redactor chefe da revista "Missão Espiritana"***

"Uma comunidade apostólica."

3. Uma comunidade apostólica.

O fim da sociedade é formar sacerdotes para os ministérios mais humildes, desprendidos dos bens do mundo, dispostos a ir para onde os bispos os enviarem; sacerdotes, com ciência e virtude, capazes de exercer digna e eficazmente o ministério pastoral.

"Uma comunidade fraterna."

4. Uma comunidade fraterna.

Poullart des Places quer que reine em casa uma grande atmosfera de caridade entre todos, de respeito mútuo, de atenção aos outros e de simplicidade, disposições que hão-de acompanhar os mais pequenos detalhes e atitudes, na linguagem, no trato, com uma caridade particular para com os doentes.

Os traços fundamentais desta comunidade são portanto:

– a consagração e doação total a Deus com docilidade ao Espírito Santo, sob a tutela de Maria concebida sem pecado;
– ciência e virtude intensas para um apostolado autêntico e eficaz;
– uma mística de pobreza espiritual e material que permita viver em profundidade a união com Deus;
– um zelo apostólico ardente para preferir e amar com alegria, em permanente disponibilidade, os lugares mais humildes na Igreja, aqueles que ninguém quer, inclusive, entre os infiéis.

Poullart des Places, por recomendação dos Jesuítas, conseguiu autorização do Arcebispo de Paris para abrir uma casa na Rua des Cordiers para seminaristas. Esta casa podia ser legalmente uma casa de caridade ou um seminário mas não uma comunidade religiosa ou uma congregação, pois para isso precisava das Cartas Patentes do rei, segundo uma lei que vigorava desde 1666. Sabemos que na verdade, essa casa era mais que um seminário e tinha todos os contornos de uma comunidade religiosa, pois a ela eram admitidos leigos, como o alfaiate e o cozinheiro, que se inseriam na dinâmica do grupo. O nome que aparece nos Regulamentos é sempre *casa*.

Por aqui vemos que a herança que recebemos de Poullart des Places foi mais um espírito que uma comunidade religiosa. Efectivamente os Regulamentos não falam de votos religiosos, embora tenham um artigo sobre a modéstia, outro sobre a obediência e são muito exigentes a respeito da pobreza.

O P. Louis Bouic, segundo sucessor de Poullart des Places e Superior Geral durante 53 anos, foi o instrumento providencial para consolidar sua obra. Bouic depressa assimilou o espírito do fundador, tanto mais que se fez rodear de companheiros contemporâneos de Poullart des Places: os PP. Pierre Caris, que foi o ecónomo da comunidade durante muitos anos e o P. Thomas, que viria a escrever a primeira biografia do fundador.

A Bouic devemos:
– o reconhecimento legal da Congregação pelo rei da França, Luís XV, através das Cartas Patentes de 25 de Março de 1726;
– a redacção das primeiras Regras e Constituições.da Congregação;
– a aprovação canónica destas Regras pelo Arcebispo de Paris Mons. William de Vintimille em 1734;
– o estabelecimento do Seminário do Espírito Santo em edifício próprio na rua des Postes (hoje Rua Lhomond);
– a abertura dos Espiritanos às missões longínquas, nomeadamente às missões no Ultramar e às missões entre os infiéis.

As "Cartas Patentes" de 1726 dão-nos a primeira formulação do que os imediatos sucessores de Poullart des Places criam ser os objectivos da comunidade e do seminário do Espírito Santo. O texto fala de uma fundação em 1703 e de um estabelecimento consagrado ao Espírito Santo e à Virgem Maria concebida sem pecado, cuja finalidade era "*formar, mediante uma vida dura, laboriosa e desinteressada, vigários, missionários e eclesiásticos que sirvam nos hospitais, nas paróquias pobres e nos postos abandonados para os quais os Bispos não encontram ninguém*". [2] [3]

Em 1733, Bouic, assistido por quatro directores do Seminário entre os quais os PP. Caris e Thomas que estavam no seminário desde o ano de 1704, primeiro como alunos, depois como directores, lançaram mãos à obra para compor as Regras.

O seu objectivo era juntar aos elementos já contidos nos Regulamentos Gerais e Particulares de Poullart des Places, os usos não escritos que tivessem sido adoptados, permanecendo inteiramente fiéis ao espírito do fundador.

Estes estatutos foram aprovados por Mons. Vintimille, Arcebispo de Paris e sucessor do Cardeal de Nouailles, a 2 de Janeiro de 1734 com o título latino de "*Regras e Constituições da Sociedade e Seminário do Espírito Santo sob a tutela da Virgem Imaculada*" [4] com a condição da Sociedade ficar sob a sua jurisdição.

A 30 de Julho de 1734 a Câmara das Contas registava as Cartas Patentes do Rei e reconhecia, portanto, a existência legal da Comunidade.

Nestas Regras, a comunidade é reconhecida como Sociedade, sujeita à jurisdição imediata do Arcebispo de Paris e seus sucessores. De notar que os bispos, em geral, não favoreciam a fundação de novas congregações e opunham-se à emissão de Votos, sobretudo os Votos Solenes, pois isso limitava a sua jurisdição sobre eles. Os próprios votos simples, então quase sempre privados, eram muitas vezes obstáculo à

[2] *Notes et Documents. Comp. 1703-1914 p. 3-6*
[3] *Joseph Michel. Poullart des Places p 218-219; Ramos Seixas. Antologia Espiritana I p. 212*
[4] *Le Floch. Vie de Poullart des Places p. 596*

sua aprovação. Para prevenir conflitos, a maior parte dos fundadores renunciava a impor Votos aos seus discípulos. Os termos *Irmãos, Comunidade, Regras, Votos* provocava alergia na Corte e na Cúria.[5]

"O seu perfil espiritual é o de uma congregação religiosa em todas as suas coordenadas: espiritualidade, organização e formação."

O seu perfil espiritual é o de uma congregação religiosa em todas as suas coordenadas: espiritualidade, organização e formação.

Nestas Regras a Sociedade é apresentada como tendo por finalidade *educar os clérigos pobres no zelo e na disciplina eclesiástica e no amor fiel, nas virtudes principalmente na obediência e na pobreza, para que estejam nas mãos dos Prelados, preparados para tudo, para servir nos hospitais, evangelizar os pobres, inclusive os infiéis, não só a preferir mas a amar de todo o coração as tarefas eclesiásticas para as suais dificilmente se encontram obreiros (Cap. I).*

O que deve caracterizar os padres que saem do Seminário é a sua disponibilidade total (*paratus ad omnia*) nas mãos dos Prelados. Esta disponibilidade deve-os tornar aptos não só para aceitar mas também para amar de todo o coração e preferir a todos os outros, os ministérios eclesiásticos mais humildes e os mais penosos, para os quais dificilmente se encontram obreiros. O texto precisa estas funções: o serviço dos hospitais, anunciar o Evangelho aos pobres e mesmo *entre os infiéis*, um horizonte novo na vocação espiritana.

O núcleo da sua espiritualidade desbobina-se através das seguintes linhas de força:

1. *Consagração ao Espírito Santo*, com total entrega, docilidade e adoração; para serem animados pelo fogo do amor divino e com renovação anual desta consagração no dia do Pentecostes. A fórmula da consagração é a mesma de Poullart des Places de 27 de Maio de 1703.

2. *Filial devoção a Maria Imaculada*, com plena docilidade ao Espírito Santo; com uma vida de pureza angelical.

3. *Espírito apostólico*: vivido em profunda união com Deus ao serviço dos mais pobres.

4. *Disponibilidade evangélica*: O núcleo vital da espiritualidade espiritana é a disponibilidade. A Regra de 1734, que é a versão que actualiza a Regra das Origens (1706) apresenta o carisma espiritano como um carisma de disponibilidade evangélica na fidelidade ao Espírito para o serviço dos pobres. Muitos dos tesouros da tradição espiritana são traduzidos em expressões que atravessaram sucessivas gerações durante trezentos anos de história, como por exemplo: "um só coração e uma só alma", "preparados para tudo", "os lugares mais abandonados na Igreja de Deus, para os quais dificilmente se encontram obreiros".

Os três grandes traços da espiritualidade espiritana podem resumir-se em: união com Deus, desprezo do mundo e serviço aos mais pobres.

Os três grandes traços da espiritualidade espiritana podem resumir-se em: união com Deus, desprezo do mundo e serviço aos mais pobres. O P. Besnard, na sua biografia de Luís Grignion de Monfort, define assim a espiritualidade dos Espiritanos: "*Formados em todas as*

[5] *Joseph Michel. Poullart des Places p 218-219; Ramos Seixas. Antologia Espiritana I p. 212*

funções do ministério sagrado e no exercício de todas as virtudes, têm um elevado espírito de desprendimento, de zelo, de obediência; dedicam-se às necessidades da Igreja, sem outro cuidado a não ser de a servir e de lhe serem úteis. Nas mãos dos Superiores imediatos, ao primeiro sinal da sua vontade (sempre segundo o beneplácito dos Bispos) formam como que um corpo de tropas auxiliares, sempre dispostos a ir para onde haja almas a salvar, dedicando-se preferentemente à Obra das Missões, tanto estrangeiras como nacionais. Oferecem-se para residir nos lugares mais pobres, mais abandonados, para os quais dificilmente se encontram obreiros. Se é necessário mergulhar numa zona rural ou enterrar-se nos recônditos de um hospital, ensinar num colégio ou num seminário, dirigir uma comunidade pobre, ainda que seja necessário atravessar os mares e ir até ao fim do mundo para ganhar uma alma para Jesus Cristo, a sua divisa é: ecce ego, mitte me (Is. 6.8)...aqui estou, enviai-me".[6]

5. Abandono total e confiante na Providência de Deus.

6. Espírito de simplicidade e pobreza pessoal, partilhando com alegria a fraternidade, as privações e os postos mais difíceis. É a mística da pobreza de Poullart des Places.

7. Profunda vida eucarística e esmerada vivência litúrgica.

8. Sólida formação intelectual, ortodoxia doutrinal e fidelidade à Igreja. [7]

Segundo Koren, os dois elementos fundamentais do carisma espiritano, segundo as Regras de 1734 são a disponibilidade evangélica e a atenção ao Espírito Santo manifestado nas circunstâncias concretas da vida.

1. A disponibilidade evangélica

"A disponibilidade evangélica."

A primeira característica do carisma espiritano das origens é sem dúvida a disponibilidade evangélica. Esta disponibilidade tem dois aspectos: O primeiro é a disponibilidade para com Nosso Senhor: nós colocamo-nos diante de Deus para nos pormos à sua disposição. "Eis-me aqui, Senhor". Em segundo lugar disponibilidade para com os irmãos: "Eis-me aqui, enviai-me". Tal é a base da nossa vida apostólica.

Esta dupla disponibilidade implica antes de mais uma intimidade com Deus, através da oração e da pobreza evangélica.

O segundo elemento da disponibilidade é a pobreza evangélica, na sua dupla dimensão: pobreza material e pobreza espiritual A pobreza espiritual manifesta-se sobretudo por uma atenção permanente de abertura ao mundo: é a abertura aos sinais dos tempos.

2. A atenção ao Espírito Santo no quotidiano da vida.

"A atenção ao Espírito Santo no quotidiano da vida."

É a atenção ao Espírito Santo que permite discernir os caminhos e os apelos de Deus. *A abertura aos sinais dos tempos* é parte

[6] ***Besnard in Koren Les Spiritains p 286-288***

[7] ***Ramos Seixas. Antologia Espiritna I p. 232-237***

constitutiva da nossa espiritualidade. Maria é o modelo desta abertura aos sinais de Deus e aos tempos novos.[8]

2. A ABERTURA ÀS MISSÕES LONGÍNQUAS

Uma das novidades das Regras de 1734 foi a abertura da Sociedade às missões longínquas. É a primeira menção específica das missões longínquas nas nossas Regras. Se o fundador não faz menção deste campo de apostolado, não é porque não tivesse pensado nele; de facto sabemos que, no momento da sua conversão ele confessou pensar em consagrar a sua vida aos infiéis. Mas no século XVIII os Espiritanos não podiam ir para as missões a não ser por intermédio das Missões Estrangeiras; ora este instituto era acusado de Jansenismo. Mas logo que as circunstâncias permitiram a ida dos Espiritanos para as missões, eles imediatamente se abriram a esta fronteira. Isto aconteceu porque em 1732 o bispo do Quebec se dirigiu ao Seminário do Espírito Santo a pedir missionários para a sua diocese. Assim se abriria um processo que acabaria por voltar os Espiritanos decididamente para as colónias francesas e para as missões longínquas.

3. A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DA CONGREGAÇÃO

Esta abertura de horizontes no campo apostólico, interessou muito à Propaganda Fide, que acabou por pedir para conhecer as Regras e Constituições dos Espiritanos. Aproveitou-se então para pedir a aprovação da Santa Sé, que foi obtida a 11 de Janeiro de 1824. Por este decreto da Propaganda, a Congregação era elevada a Sociedade canonicamente instituída, dependendo da Santa Sé e actuando sobre a jurisdição da Propaganda para "tudo o que diz respeito às missões, presentes e futuras".[9] Canonicamente a Sociedade continuava sujeita à autoridade diocesana no que se referia à Casa Mãe, ao Seminário, e eleição do superior. Como o campo das missões longínquas ultrapassava a jurisdição do Arcebispo de Paris, neste domínio a Sociedade estava dependente da Santa Sé.

Esta mudança de agulha iniciou um processo que só terminaria com o decreto da Propaganda em 1855, em que a Sociedade passaria de Sociedade de Vida Apostólica, a Congregação Religiosa. Em 1856 aparecerão as novas *Regras e Constituições da Congregação do Espírito Santo*, agora totalmente dependentes da Santa Sé.

Nestas novas Regras o fim da Sociedade em nada mudou, pois continua a ser "educar os clérigos pobres" prontos para qualquer trabalho. No entanto, como a partir de 1802, a Concordata fornecia bolsas

---

[8] *Henry Koren Essai sur le charisme spiritain au fil de l´histoire de 1703 à1839, in Christian de Mare. Aux racines de l´arbre spiritaine p. 179-180*

[9] *Ramos Seixas I p. 287*

de estudo a todos os seminaristas de França e os bispos diocesanos começam a assumir o encargo da formação dos estudantes pobres das suas dioceses, o Seminário do Espírito Santo, segundo a Ordenação Real de 1819 foi especialmente encarregado de formar padres para as colónias francesas, ficando a chamar-se *Seminário Colonial*.

É portanto de presumir que, com esta orientação do Seminário cada vez mais exclusivamente missionária, a cláusula da pobreza começasse a ser cada vez menos relevante. Já na Regra de 1734, a pobreza era a última das três condições para a admissão.

"com esta orientação do Seminário cada vez mais exclusivamente missionária, a cláusula da pobreza começa a ser cada vez menos relevante."

Que pensar desta orientação cada vez mais missionária a partir de 1734 e do seu carácter exclusivamente missionário a partir da Revolução Francesa?

Na sua carta de 27 de Dezembro de 1855, o P. Schwindenhammer fala de desvio do fim primitivo da Congregação. Mas talvez seja mais justo falar de evolução progressiva, devido às novas circunstâncias. Com efeito, as circunstâncias que tinham motivado a fundação do Seminário de Poullart des Places tinham progressivamente desaparecido durante o século XVIII e sobretudo depois da Revolução, com a criação dos Seminários maiores, tais como hoje os conhecemos. Bolsas de estudo abriam as portas aos seminaristas pobres.

Diante desta evolução, é natural que os directores do Seminário tenham procurado para os seus alunos, sectores de apostolado, fora do quadro dos seminários diocesanos, ou seja, as missões em geral, como indica a Regra de 1734 e depois, de uma maneira precisa, as missões confiadas à Congregação.

4. OS ANOS DA CRISE E O PROJECTO FOURDINIER

A organização das missões coloniais deixava muito a desejar. O Seminário fornecia padres para as colónias, mas uma vez saídos do seminário, os antigos alunos escapavam à autoridade superior que não tinha nenhum poder sobre eles, apesar de ter a responsabilidade. Muitas vezes eram mesmo obrigados a mandar para as missões padres que vinham directamente das suas dioceses de origem. Havia queixas sobre o testemunho apostólico negativo destes padres, mas o superior nada podia fazer: não os podia chamar nem fazer mudar de lugar.

O novo Superior Geral, P. Fourdinier, eleito em 1832, querendo reformar o clero das colónias concebeu o projecto de associar todos estes padres à Congregação. Ficariam sujeitos ao Superior, seguiriam a Regra com exercícios regulares. Cada membro deveria prestar obediência ao Superior Geral, que o poderia chamar para a França ou fazê-lo mudar de lugar. Viveriam em comunidade com um superior local. Os bens deveriam ser postos em comum e o que sobejasse seria enviado para o Prefeito Apostólico que era também o superior local. Este guardaria um terço para a missão e mandaria o resto para a Casa Mãe. Cada membro guardaria o seu património pessoal e re-

cebia roupa para vestir e os estipêndios da missa. O resto do fundo pertencia, à Congregação.[10]

Diante da oposição dos Prefeitos Apostólicos que não estavam interessado em ter outra autoridade superior à deles e diante das reticências do Arcebispo de Paris e dos próprios padres, este projecto não vingou.

Então Fourdinier procurou uma solução mais branda, publicando o livro "*Excerta ex Regulis et Constitutionibus Sodalitii Sancti Spiritus sub Imaculatae Virginis tutela*" em que acrescenta umas pequenas modificações à revisão da Regra de 1824. Nelas se relaxa um pouco a pobreza, introduzindo a possibilidade de cada um poder reter um pecúlio ou dinheiro próprio. Cada um poderia guardar um pouco de dinheiro, bem como o estipêndio de missa para roupa e outras despesas pessoais.

Uma outra modificação era que a Sociedade tinha a responsabilidade das missões nas colónias francesas, tanto pelos seus membros como pelos padres formados para isso no Seminário.[11]

Logo após a morte de Fourdinier. em 1845, foi feita uma nova revisão das Regras que era idêntica à de 1824, com o acrescento dos *Excerta* de Fourdinier [12] A modificação relativamente às anteriores era muito pequena.

5. RELANÇAMENTO DA CONGREGAÇÃO. A REGRA DE 1848: A MISSÃO UNIVERSAL

A seguir a Fourdinier foi superior geral o P. Leguay (o P. Warnet foi apenas superior interino), que nem sequer era membro do Instituto e por isso foi necessário pedir a respectiva dispensa à Santa Sé. Era um bom amigo do Seminário e em geral concordava com as políticas dos seus predecessores.

Leguay estudou o texto das Regras e Constituições e concluiu que elas precisavam de uma reforma substancial. A Congregação de 1847 era já muito diferente da de 1724. Temos as Actas de uma reunião do Conselho Geral de 14 de Dezembro de 1847 em que são apresentados os motivos que inspiravam as mudanças introduzidas na edição das Regras de 1848. A cópia desta minuta foi enviada para a Propaganda juntamente com o texto das Constituições e ajudam-nos a fazer o estudo do texto.

Segundo estas minutas, a Congregação no princípio era uma Sociedade de Padres cuja finalidade era preparar jovens para o sacerdócio que, devido à sua pobreza, não podiam pagar as despesas no seminário.

Era uma Congregação puramente diocesana, que não podia enviar os seus membros para fora da diocese de Paris; os estudantes

[10] *ND IX p. 1-7*
[11] *ND. IX ap. 66*
[12] *ND IX ap. 3-7*

que deixavam o seminário iam trabalhar para outras dioceses de França e para as missões mas não eram membros da Congregação.

Há muito, sobretudo desde 1816, a Congregação já não trabalhava exclusivamente com estudantes pobres, mas admitia estudantes da classe média e mesmo ricos. Também desde essa data deixou de enviar os estudantes para os hospícios ou paróquias pobres, como o fizera no passado.

Desde 1816 a Congregação foi encarregada de fornecer o pessoal para as colónias francesas, mesmo para cargos mais elevados e isto com a permissão da Santa Sé.

"Desde 1816 a Congregação foi encarregada de fornecer o pessoal para as colónias francesas"

Para cumprimento desta missão o Seminário foi obrigado a recrutar padres nas várias dioceses, bem como estudantes do seu próprio seminário. Os que não pertenciam à Congregação estavam ordinariamente menos bem preparados, menos disciplinados e menos bem dirigidos. A Congregação só deveria aceitar candidatos para o noviciado que quisessem passar pelo seminário e que fossem destinados a ser membros da Congregação.

Esta Congregação deveria portanto ser completamente diferente da Congregação do Espírito Santo original, pois que tinha uma finalidade diferente. Precisava de deixar de ser congregação diocesana, dependente do Arcebispo de Paris, para ser congregação apostólica, dependente directamente da Propaganda.

Para a mudança da sua finalidade bastava mudar a palavra "clérigos" por "membros".

Assim, o seminário não devia aceitar senão aspirantes a espiritanos e os padres das colónias seriam convidados a filiar-se na Congregação.

Para facilitar as coisas, instituir-se-ia uma Segunda Ordem, cujos membros só ficariam unidos à Congregação por laços espirituais enquanto os da Primeira Ordem poriam em comum o que sobejasse dos honorários das missas e dos rendimentos do ministério, depois de reterem o que lhes fizesse falta, sem necessidade de dar conta das despesas feitas. Era um grave entorse à Regra de 1734, que previa a partilha comum de todos os fundos, encarregando-se a Sociedade de providenciar a tudo o que fosse necessário. Este projecto adoptado pelo Conselho Geral a 14 de Dezembro de 1847 foi submetido a Roma, que aprovou as Novas Regras a 11 de Março de 1848.

O fim da Congregação, tal como aparece nestas Regras apresenta algumas diferenças relativamente às Regras de 1734 e de 1824. O fim do Instituto já não é formar clérigos pobres, mas formar membros (*sodales*), o que se compreende pois que se pretendia enviar para as missões todos os membros (da 1ª e da 2ª Ordem) da Congregação. O erro foi mudar simplesmente uma palavra (*membros* em vez de *clérigos*) quando era toda a frase que deveria ter sido mudada. O P. Libermann diria mais tarde que o nosso fim não é simplesmente formar membros nessas virtudes, mas abraçar as obras apostólicas que nos são propostas. É para isso que se formam os membros: a formação não é um fim mas um meio. Mas só em

"o nosso fim não é simplesmente formar membros nessas virtudes, mas abraçar as obras apostólicas que nos são propostas."

1922 é que as Regras passarão a dizer que "a Congregação tem por fim próprio e distintivo os ministérios humildes e penosos".

Aqui o fim continua a ser "*a formação dos membros no zelo e na disciplina eclesiástica, amor das virtudes, sobretudo da obediência e da pobreza, para que estejam dispostos a tudo, nas mãos dos Prelados, para evangelizar os pobres em qualquer parte, inclusive entre os infiéis, não só aceitando como preferindo e amando as tarefas eclesiásticas mais humildes e mais laboriosas. Finalmente, formar e dirigir os clérigos nos seminários diocesanos, cujos bispos nos chamem.*[13] Esta pequena palavra "mesmo os infiéis" tem um grande alcance pois que foi acrescentado "ubicumque", ou seja: *em qualquer parte*. "*Evangelizar os pobres e os infiéis onde quer que eles estejam*" – o que dá ao instituto uma vocação missionária universal: Em toda parte onde haja pobres e infiéis – ficaria a ser o horizonte da vocação espiritana.

Uma frase nova termina a alínea: "*Enfim, a Congregação encarregar-se-á da direcção dos seminários diocesanos, quando os bispos o solicitarem*".

Desde 1737, os Espiritanos tinham dirigido durante alguns anos os seminários de Meaux e Verdun e em 1777 tinham aceitado em princípio dirigir o seminário da Córsega. Havia portanto uma tradição espiritana nesta vertente.

Duas hipóteses podem justificar este acrescento às Regras: deixar aos Espiritanos uma porta aberta, caso esta reorganização não resultasse ou então, na hipótese de as missões coloniais lhes serem retiradas terem um campo de acção ou ainda a hipótese de se colocarem ao serviço das igrejas de França numa altura em que o galicanismo estava em nítido recuo. O seminário era um dos centros mais activos do ultramontanismo: era possível que certos bispos que tivessem frequentado o seminário do Espírito Santo viessem a chamar os Espiritanos para dirigir os seus seminários.

Esta cláusula virá a ser suprimida em 1855.

De notar ainda a obrigatoriedade da vida comunitária, recentemente introduzida.

Relançava-se também o poder central do qual dependiam tanto os missionários como os superiores eclesiásticos.

O ponto débil destas Regras era a prática da pobreza: os honorários seriam deixados ao arbítrio de cada um, com a simples condição de entregar o supérfluo no fim do ano para a caixa comum.

Também a existência de uma "segunda ordem" que só tinha vínculos espirituais com a Congregação não estava ainda digerida.

Foi também decidido fazer, ao lado da versão latina, como habitualmente se fazia, uma versão em francês, que deveria também ser aprovada pela Santa Sé.

Esta Regra foi aprovada em 21 de Fevereiro de 1848, quando o P. Leguay já tinha resignado em favor do P. Monnet e Libermann tinha já feito a sua aparição. Efectivamente o P. Monnet com as suas

[13] *ND IX. Apêndice p. 180-192*

ideias em favor da abolição da escravatura tinha mais hipótese de garantir as boas graças do Governo para com a Congregação.

6. A HERANÇA DE UM ESPÍRITO

De Poullart des Places, diz Henri Koren, recebemos mais um espírito que uma estrutura. Durante quase 150 anos a Congregação do Espírito Santo foi mais um movimento que uma organização e quando em 1734 ela assumiu uma estrutura visível, necessária para aceitar o legado da Rua Lhomomd, esta estrutura consistia apenas num corpo de factores requeridos pela lei civil para que pudesse ter personalidade jurídica. Os directores não faziam promessas nem votos de religião, mas apenas subscreviam um contrato em que se comprometiam a observar os estatutos, que, de resto, eram de extrema concisão. Isto permitiu-lhes exercer com zelo uma grande diversidade de actividades pastorais, incluindo as missões no Extremo Oriente e no Novo Mundo.

Como diz Koren, o vigor desta fundação, não provinha da sua organização mas do seu carisma. Todos os seus membros eram reconhecidos como espiritanos, sem que precisassem de assumir qualquer compromisso religioso, a não ser o do seu sacerdócio. O que tinham em comum era a mesma concepção do sacerdócio. Ser padre para eles significava uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos mais pobres e abandonados, acompanhada de uma pobreza voluntária e exigente. Sem dúvida que eles pensavam que viver esta concepção do sacerdócio bastava para lhes fazer viver a vida religiosa na sua radicalidade e que os seus compromissos apostólicos não precisavam de qualquer voto ou promessa. O que os motivava não era o quadro legal, mas a fidelidade ao Espírito que os comprometia com os pobres.

"O que tinham em comum era a mesma concepção do sacerdócio. Ser padre para eles significava uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos mais pobres e abandonados, acompanhada de uma pobreza voluntária e exigente."

A situação da Congregação depois da Revolução Francesa mostrará a sua fragilidade resultante do facto de ela ser mais um movimento que uma organização ou seja: um instituto estruturado. A Congregação nada tinha previsto para a sua expansão e crescimento: ela não tinha estruturas jurídicas suficientes para exercer a sua autoridade sobre os padres que formava: estes, uma vez formados, deixavam o Seminário e a Congregação perdia o poder sobre eles e não tinha quadros suficientes para se manter. O seu espírito podia permanecer vivo, mas não tinha força suficiente para evitar o seu declínio. Esse foi o drama de Fourdinier que Leguay herdou. [14]

7. A GÉNESE DA REGRA PROVISÓRIA (1840 -1849)

A Regra Provisória de 1840 é o texto inspirador na sua pureza original do projecto missionário de Libermann. Este texto completa-

[14] *Henry Koren, Essai sur le charisme spiritain au fil de l´histoire de 1703 a 1839, in C. De Mare, Aux racines de l´arbre spiritain p. 171-186*

se com os comentários que ele mesmo fez aos noviços em La Neuville, com o nome de "Glosas".

Esta Regra tem a sua base em dois documentos: o Memorial de Le Vavasseur a M. Galais, director do Seminário de S. Sulpício em Issy (1839) [15] e o Memorial de Libermann ao Secretário da Propaganda em 1840,[16] em que lhe pedia autorização para formar uma comunidade para ir em auxílio dos povos abandonados de Bourbon e de S. Domingos.

Le Vavaseur discutira as suas ideias sobre o seu projecto com dois professores do seminário de S. Sulpício, Galais e Pinault, e com o P. Desgenettes, reitor de Nossa Senhora das Vitórias. Este Memorial de Le Vavasseur insistia em três pontos essenciais que seriam retomados na Regra Provisória e nos Regulamentos de 1849:

1. Uma obra em favor dos mais abandonados e mais carenciados de assistência pastoral;

2. a vida de comunidade com obediência a um superior;

3. a prática da pobreza e da obediência, no contexto de uma Regra, acolhida pelos membros e em dependência da Santa Sé.

O Memorial de Libermann à Propaganda [17] tinha como objectivo:

1. A salvação do negros, que então eram os mais miseráveis e mais abandonados na Igreja de Deus, nomeadamente os das ilhas Bourbon e S. Domingos;

2. a vida de comunidade e a dependência da Santa Sé, em correspondência com o Memorial de Le Vavasseur.

Segundo Libermann não havia na Igreja ainda nenhuma congregação com esta finalidade.

As grandes linhas de força desta Regra Provisória são as seguintes:

1. O fim da Sociedade do Coração de Maria era anunciar o Evangelho e estabelecer o Reino de Deus entre os mais pobres e abandonados na Igreja de Deus. (Art.1 e 5). Portanto, objectivos idênticos aos de Poullart des Places. Trata-se de uma congregação apostólica e não simplesmente para santificação dos seus membros.

2. O que nos distingue de todos os outros obreiros do Senhor, é uma consagração muito especial de todo e cada um dos seus membros, de todas as obras e trabalhos, ao Coração eminentemente apostólico de Maria, modelo perfeito do zelo apostólico (cap. II, art. 3).

3. Os espaços da missão: a Congregação é destinada às missões longínquas e às missões estrangeiras, concretamente, aos negros, que são hoje os mais pobres na Igreja de Deus (Cap. III). Na Europa só devem permanecer ao serviço das missões longínquas.

4. Na segunda parte são relevados os valores que fazem a sua

[15] *ND II p. 63-67*
[16] *ND. II p.69-76*
[17] *ND. II p 68-76*

espiritualidade. Três coisas constituem a espiritualidade da Congregação: a vida comunitária, o apostolado e o espírito de religião ou consagração a Deus: Seria de desejar que todos fizessem os três votos, que nesse caso, serão feitos em particular. De qualquer modo para entrar na Congregação é exigido um acto solene de consagração e entrega a Deus.

Depois de desenvolver a doutrina e a prática dos três votos, (pobreza, castidade e obediência) a Regra passa para a vida de comunidade e o apostolado.

É uma regra fundamental na Congregação que todos os membros vivam em comunidade, em obediência a uma Regra comum. A caridade fraterna é a alma da Congregação (Cap V art.1).

"É uma regra fundamental na Congregação que todos os membros vivam em comunidade. A caridade fraterna é a alma da Congregação."

O zelo apostólico: os missionários do Coração de Maria devem considerar o zelo apostólico como a essência do espírito apostólico. A alma desse zelo é uma grande paixão por Deus (Cap. VIII art.1).

A vida apostólica: ela não é senão a vida toda de amor e santidade que o Filho de Deus levou sobre a terra para salvar e santificar todas as almas e pelas quais se sacrificou para a glória do Pai. Esta vida apostólica exige uma entrega total a Deus pela salvação dos que nos são confiados (Cap. IX art. 1).

O ministério da Palavra será o seu ministério principal e mais importante.

A terceira e a quarta parte tratam respectivamente da administração e a quarta da formação.

Esta Regra Provisória é uma fonte inesgotável onde passa toda a inspiração missionária de Libermann. Ela é um dos tesouros mais ricos da nossa espiritualidade. O seu conceito-chave é a vida apostólica, que vai ao fundo do mistério da missão. Esta Regra Apostólica será retomada por Libermann nos "Regulamentos" de 1849.[18]

8. A FUSÃO DAS REGRAS DAS SOCIEDADES DO ESPÍRITO SANTO E DO CORAÇÃO DE MARIA: OS REGULAMENTOS DE 1849

Entre os Missionários do Espírito Santo e os da Sociedade do Coração de Maria, que acabavam de fazer a fusão das duas Sociedades, havia várias divergências, consignadas nas respectivas Regras:

1. Libermann concebia os missionários trabalhando não como párocos, como queriam os Espiritanos, mas como auxiliares do clero paroquial, vivendo em comunidade e entregues ao serviço dos mais abandonados.

2. A intenção de Leguay era fazer de todos os estudantes do seminário colonial membros da Congregação. Libermann era de opinião que os espiritanos deveriam viver em comunidade e os estudan-

[18] ***Regra Provisória in ND. II p 235-265***

tes do seminário colonial eram para cobrir o quadro paroquial das colónias.

3. Libermann era de opinião que o Coração de Maria deveria figurar no título da Congregação e quanto à pobreza, todos os bens deviam ser postos em comum, ao contrário do que a Regra de 1848 estabelecia.

4. Libermann não era adepto de uma "segunda ordem" dentro da Congregação como a Regra de 1848 permitia.

5. Libermann pensava ainda que as Regras de 1848 não eram suficientemente explícitas sobre as relações dos confrades com a Casa Mãe.

6. Por sua vez, Libermann estava disposto a rever a Regra Provisória e a ajustá-la com a Regra de 1848.

Do acordo das duas partes resultaram os *Regulamentos de 1849*. Estes Regulamentos incluem duas partes: uma administrativa, os Regulamentos Constitutivos e Orgânicos e outra de espiritualidade: o espírito da Congregação. Na primeira parte estão misturadas as Constituições de 1848, os Regulamentos acrescidos por Libermann; na segunda parte está o espírito dos "Regulamentos" também da autoria de Libermann. Ambas as partes são desenvolvidas a partir de três elementos fundamentais: a Vida Apostólica, a Vida de comunidade e a Vida Religiosa.

A segunda parte é baseada directamente na Regra Provisória. O objectivo de Libermann era fundir as duas partes numa só, coisa que só Schwindenhammer viria a fazer. Este, porém, conservou as duas partes jurídicas e suprimiu parte da espiritualidade que era alma das Constituições. A *Ecclesiam Sanctam* de 1966 pediria precisamente para incluir nas Constituições estas duas vertentes da Vida Consagrada. A Regra de Vida Espiritana de 1887 responderia precisamente a esta exigência.

Segundo estes *Regulamentos*:

"A Congregação chamar-se-á Congregação do Espírito Santo sob a invocação do Imaculado Coração de Maria."

1. A Congregação chamar-se-á Congregação do Espírito Santo sob a invocação do Imaculado Coração de Maria.

2. As Constituições do Espírito Santo de 1848, recentemente aprovadas, seriam mantidas com excepção dos pontos que faziam problema à Sociedade do Coração de Maria, ou seja:

a) Os seus membros deveriam renunciar ao uso dos bens e seus rendimentos, enquanto estivessem na Congregação: Era a adopção da pobreza com todas as suas exigências.

b) A admissão de membros da "segunda ordem" ficaria suspensa até decisão da Propaganda.

3. Libermann acrescentou-lhes todo o contributo da espiritualidade e dos valores da Regra Provisória, nomeadamente a Vida Apostólica, a Vida de Comunidade e a Vida Religiosa. Estes títulos abrangem a primeira parte e voltam na segunda como as grandes linhas de força da sua espiritualidade.

O ponto mais delicado era o das exigências da pobreza. A Propaganda receava que os membros do Espírito Santo o aceitassem; mas a verdade é que dos 7 espiritanos que a Congregação do Espírito Santo então contava, 6 acabaram por assinar as novas exigências. Os 49 membros do Coração de Maria estavam todos de acordo.

Também a mudança da dependência da Congregação do Arcebispo de Paris para a Propaganda abriu um conflito com o Arcebispo que só viria ser sanado com Schwindenhammer em 1854.

Assim, a Regra Provisória deixava de existir e as Constituições dos Espiritanos de 1848 tornavam-se as Constituições de todos, com as correcções atrás indicadas: "*As nossas duas sociedades, escreve Libermann às comunidades do Coração de Maria, em Dezembro de 1848, propõem-se a mesma obra, caminham na mesma linha; ora não está na ordem da Providência suscitar duas sociedades para uma obra especial, se uma só pode bastar*".[19]

O volume das Regras apareceu impresso em Outubro de 1849 sob o título de "*Regulamentos da Congregação do Espírito Santo sob a invocação do Imaculado Coração de Maria*".[20]

Estes *Regulamentos* recolhem o essencial do projecto de Poullart des Places e da visão missionária e apostólica de Libermann. Foram escritos a partir da espiritualidade de Libermann, da sua experiência de vida comunitária e da visão da missão partilhada com os seus confrades da agora extinta Sociedade do Coração de Maria. Eles têm, portanto, uma importância-chave para captar o espírito e a visão de Poullart des Places vista através da inspiração de Libermann. Nestes Regulamentos encontramos o pensamento conjunto dos dois fundadores. Para os sucessores de Libermann eles são a interpretação original e autêntica das intuições de Poullart des Places e de Libermann. Por um lado, Libermann respeita escrupulosamente os fins do Instituto segundo as Regras Espiritanas acrescentando-lhes o que de melhor havia na Regra Provisória. O que Libermann queria salvaguardar a todo o custo era que o espírito da Sociedade do Coração de Maria que ele tinha fundado, ou seja: o espírito da Regra Provisória, fosse mantido após a dissolução da sua Sociedade.

Libermann deu-lhes o título de *Regulamentos*, pois era ainda prematuro fazer novas Constituições. O que interessava neste momento era renovar o espírito e não as Constituições enquanto tais...

Linhas de força dos *Regulamentos* na sua ***expressão jurídica***:

1. O *fim especial da Congregação* são as almas mais abandonadas e necessitadas entre as quais podemos distinguir:

a) as missões longínquas que são o objectivo principal do zelo e da dedicação dos Espiritanos;

---

[19] *ND X p. 339*

[20] *ND X p. 450-451*

b) as obras na Europa, que são objecto secundário e que não podem prejudicar gravemente o fim principal.

A novidade são as obras na Europa. Vários motivos levaram Libermann a esta abertura, mas que não vem aqui a propósito desenvolver. De qualquer maneira esta abertura à Europa, estará sempre ao serviço da prioridade principal (1ª Parte, secção 1ª). O seu objectivo principal era consolidar a Congregação.

"De qualquer maneira esta abertura à Europa, estará sempre ao serviço da prioridade principal"

2. A *vida de comunidade* é a maneira de ser da Congregação: "*Para o aperfeiçoamento da vida apostólica que é o seu fim, para a estabilidade e extensão das suas obras e para a santificação dos seus membros, a Congregação toma como sua regra fundamental a vida em comum. Todos os seus membros viverão sempre em comunidade*" (*Secção II, art.º 1º*).

3. A *Vida Apostólica, vida de amor e santidade que o Filho do Homem levou sobre a terra para salvar e santificar as almas e pelas quais ele se sacrificou continuamente à glória do Pai, para a salvação do mundo* (II parte, artigo I). Como exigências da vida apostólica: o zelo apostólico, o apostolado, o zelo pela animação dos sacerdotes, o ministério da Palavra.

3. A *Vida Religiosa*: A Congregação, para além da sua entrega a Deus pelo apostolado que é o seu fim, quer ainda ser consagrada especialmente, tanto quanto a natureza da sua constituição o permite, por uma vida religiosa, sob os auspícios do Espírito Santo e a invocação do Imaculado Coração de Maria (Secção III art. 1º). Para isso é necessário que os compromissos, dos seus membros, ao entrar na Congregação, sejam marcados por um acto religioso, um *acto de consagração* de todo o seu ser. Além disso, todos são autorizados a emitir, em privado, perpetuamente os três vistos de religião nas mãos dos superiores ou de um outro membro por ele delegado. Estes votos serão secretos para sempre (Cap. II).

As devoções da Congregação são o Espírito Santo e o Imaculado Coração de Maria, como pedras basilares da nossa espiritualidade.

Linhas de força dos *Regulamentos* na sua ***vertente da espiritualidade***:

A segunda parte dos Regulamentos retoma as três grandes linhas de força da primeira parte: a Vida Apostólica, a Vida de Comunidade e a Vida Religiosa.

1. A vida Apostólica

No pensamento de Libermann, o Espiritano é, com efeito, antes de mais um apóstolo, que reproduz com os seus irmãos, na sua vida, a marcha itinerante de Jesus e dos seus apóstolos para a salvação dos homens em particular dos mais abandonados. A vida comunitária e a vida religiosa não são realidades "em si"; elas são pensadas em função da vida apostólica e fortemente coloridas por ela.

Libermann estava convencido de que a vida apostólica encerrava nela mesma a perfeição de Nosso Senhor, sobre a qual a nossa é

modelada. Ela inclui a vida comunitária e a vida religiosa.[21] Para Libermann a vida apostólica compreende dois aspectos: a) *um espírito*, que é o mesmo de Jesus para com seu Pai e que é uma *exigência particular de santidade*, que leva ao dom total de si mesmo e ao emprego de todas as suas capacidades (*zelo apostólico*, que é a qualidade específica do espiritano) ao serviço do Evangelho. b) *uma forma particular de vida* que é a de Jesus com os seus apóstolos e cujos elementos específicos são: 1. O anúncio da Boa Nova aos pobres; 2. a vivência de situações de fundação; 3. a disponibilidade apostólica.

O *zelo apostólico* não é senão os dons do Espírito Santo: a sabedoria, a força, a prudência, etc. ao serviço do apostolado. Ele ocupa um lugar importante na Regra de Libermann.

O *anúncio da Boa Nova aos pobres* inscreve-se na corrente moderna da Vida Religiosa, que depois de Santo Inácio, é orientada para a missão. Os pobres em que pensa Libermann são os mais desprovidos tanto sob o ponto de vista económico, social ou pessoal como e sobretudo os mais afastados e abandonados em relação à Igreja. No momento da fundação da Obra dos Negros, ele descobrirá o imenso apelo da África. Quando escreve os Regulamentos em 1849 Libermann pensa na Europa, com a nova consciência da subida da miséria nas grande cidades, em particular os portos, no mundo industrial do século XIX. Para Libermann o anúncio da Boa Nova é também obra dos leigos.[22] Os Irmãos têm uma responsabilidade particular no "desenvolvimento".

"Os pobres em que pensa Libermann são os mais desprovidos tanto sob o ponto de vista económico, social ou pessoal como e sobretudo os mais afastados e abandonados em relação à Igreja."

Viver em situações de fundação. Segundo Libermann nós temos na Igreja um papel de fundação e não simplesmente de pastoral. O missionário é um pioneiro que funda comunidades; para isso é preciso formar líderes. O modelo é Maria que esteve na origem da Igreja.

Na disponibilidade apostólica. A vida de Jesus com os seus Apóstolos foi uma vida itinerante, aberta a todas as situações, por mais imprevistas que fossem. Itinerância em ordem ao diferente, tanto cultural como geograficamente; itinerância no sentido de capacidade para passarmos a mão aos outros, onde tivermos acabado o nosso trabalho de fundação e responder aos novos apelos e às novas urgências. Libermann passará a vida à escuta dos sinais dos tempos ou seja, das novas situações.

2. A vida de comunidade

A vida apostólica é essencialmente construída a partir da comunidade, a tal ponto que Libermann diz que sem comunidade não há vida espiritana. A comunidade impõe-se por duas razões: o apostolado e a santificação dos seus membros. A Congregação seria uma Congregação de comunidades animadas na caridade pela Casa Mãe. O superior antes de ser um administrador é um apóstolo, o ministro

[21] *ND XIII p. 353*
[22] *ND X p. 109*

da comunhão na comunidade. O seu papel é manter viva em cada um a chama missionária. Um dos mais belos capítulos de Libermann é o dos deveres dos membros da Congregação de uns para com os outros. O ministério da comunhão e da unidade tem o seu pólo de referência na Trindade de Deus.

3. A Vida Religiosa.

Para Libermann a consagração a Deus pela vida religiosa é a conclusão normal da consagração a Deus pela vida apostólica, pelo menos da vida apostólica missionária tal como ele a concebe ao serviço dos mais abandonados, em particular nos países de missão. Mesmo não havendo votos públicos, a vida religiosa nem por isso deixa de ser pedida a todos. O *Acto de Consagração* era a expressão deste compromisso total da nossa vida: ele resume o que os Espiritanos devem viver publicamente diante de Deus e diante dos homens. Esta *consagração* é feita "sob os auspícios do Espírito Santo e do Coração de Maria e repete os artigos 1º e 2º da vida religiosa. "A *Congregação consagra os seus membros especialmente ao Espírito Santo, autor e consumador de toda a santidade e inspirador do espírito apostólico e ao Imaculado Coração de Maria, superabundantemente cumulado pelo divino Espírito da plenitude da santidade e do apostolado e participando o mais perfeitamente possível da vida e do sacrifício de Jesus Cristo, para a redenção do mundo*".[23] *Eles considerarão o Imaculado Coração de Maria como o modelo perfeito da fidelidade a todas as santas inspirações do divino Espírito e da prática interior das virtudes da vida religiosa e apostólica: eles aí encontrarão seu refúgio nos seus trabalhos e nas suas penas...*" [24] Esta dupla devoção, conclui Libermann, é o distintivo da Congregação.

"A pobreza é uma das virtudes mais fundamentais e mais importantes da Vida religiosa. A nossa pobreza tem sempre uma finalidade apostólica."

Em seguida Libermann desenvolve os capítulos da Pobreza, Castidade e Obediência. A *pobreza* é uma das virtudes mais fundamentais e mais importantes da Vida religiosa. [25] A nossa pobreza tem sempre uma finalidade apostólica.

A *castidade*. Naquele tempo colonial, poucos acreditavam na virtude da vida celibatária. Dizia-se mesmo que o fundador arriscava muito enviando missionários muito jovens para esses países. Para Libermann a defesa da castidade estava na observância da Regra.

A *obediência*. A obediência para Libermann era o fundamento da vida apostólica, estava no coração da missão.[26] A obediência é uma consequência da nossa participação na vida de Cristo. A obediência pelo Reino é o prolongamento da disponibilidade do Filho para a missão recebida pelo Pai. A nossa obediência tem origem Trinitária. Ela tem um fundamento teológico.[27]

---

[23] *ND X p. 568*
[24] *ND X p. 568*
[25] *ND X p. 449*
[26] *ND X p. 564 e Glosa p.90 e sts*
[27] *François Nicolas. Comment être fidèle à la Règle des Origines. In Cahiers Spiritains n. 18 p. 32-58*

Libermann desenvolve todos estes elementos da vida apostólica, tanto na sua Regra de 1840 como nos Regulamentas de 1849.

9. A REVISÃO DE SCHWINDENHAMMER: A PASSAGEM DE SOCIEDADE DE VIDA APOSTÓLICA A CONGREGAÇÃO RELIGIOSA. AS REGRAS E CONSTITUIÇÕES DE 1855 E 1878

O P. Schwindenhammer, superior geral desde 1853 e sucessor de Libermann, procurou ultrapassar algumas dificuldades que os *Regulamentos de 1849* levantavam:

1. As Constituições aprovadas por Roma eram as da Congregação do Espírito Santo de 1848. Constituíam o primeiro livro dos Regulamentos de 1849. O segundo livro era formado pelos Regulamentos que não tinham a aprovação de Roma.

Estes dois volumes tinham muitos inconvenientes: nas Constituições aprovadas, havia alíneas já modificadas pelos Regulamentos; por sua vez, certos pontos importantes dos Regulamentos não constavam nas Constituições; por exemplo: a vida comunitária, a possibilidade de emitir votos, os irmãos e a adopção de um hábito religioso.

De resto havia mais apreço pelos Regulamentos que pelas Constituições. Libermann tinha tentado fundir os dois textos num só volume, mas a ideia não vingou, pois que se se unisse as Constituições aos Regulamentos, a aprovação da Santa Sé abrangia todo o conjunto e então já se não podia tocar nos Regulamentos. O espírito do fundador transparecia mais nos Regulamentos que nas Constituições.

"O espírito do fundador transparecia mais nos Regulamentos que nas Constituições."

O P. Schwindenhammer, tendo em conta estas discrepâncias, manifestou desejo de levar a cabo esse trabalho, pedindo o assentimento do Capítulo Geral, no que foi aprovado por unanimidade. Além disso ele tinha ainda a intenção de lhe acrescentar um pequeno suplemento com orações e alguns pontos disciplinares, tais como: o capítulo, a vida de comunidade, os votos religiosos, os irmãos e as eleições. No fundo, o que ele pretendia era dar à Congregação uma formação sólida: Ao profeta sucedia assim o jurista. Ele próprio se encarregou, depois de num questionário enviado aos confrades, rever todas as matérias, não se contentando com uma simples lista de emendas às Constituições.

Na sequência dessas diligências, por proposta do Capítulo Geral, foram concedidos à Congregação os Votos Religiosos públicos por decreto da Propaganda de 6 de Maio de 1855, passando a Congregação de Sociedade de Vida Apostólica a Congregação Religiosa.

De facto, o que o P. Schwindenhammer fez não foi completar o trabalho de Libermann mas rever as Constituições de 1848 incorporando nelas as alterações concedidas pela Propaganda em 1850 e as mudanças requeridas pela adopção dos Votos Religiosos de 1855.

A sua revisão foi de grande porte, construindo um novo edifício com as pedras do antigo. Eis as suas linhas de força:

1. Quanto aos fins da Congregação foi acrescentado um novo parágrafo: "*Para maior perfeição dos seus membros, cada membro para entrar na Sociedade deve emitir os três votos simples de pobreza, castidade e obediência; a primeira vez por três anos, depois segundo a vontade de cada um e o consentimento do Superior Geral e seu conselho, de cinco em cinco anos ou para sempre…*". De resto, "*o fim da Congregação continuava o mesmo: a evangelização dos infiéis, dos pobres e infelizes ou* seja os ministérios obscuros e humildes para os quais dificilmente se encontravam obreiros".

"o fim da Congregação continuava o mesmo: a evangelização dos infiéis, dos pobres e infelizes ou seja os ministérios obscuros e humildes para os quais dificilmente se encontravam obreiros."

2. Novos parágrafos foram incluídos no referente à pobreza, castidade e obediência em conformidade com as Constituições anteriores.

3. Foi introduzido um novo capítulo sobre o Governo. A Congregação torna-se muito centralizada, dependendo qualquer acto administrativo do Superior Geral ou do Capítulo Geral, que se deveria reunir de 10 em 10 anos. Foi ele que introduziu os Capítulos Gerais. Os confrades deviam estar preparados para tudo já não nas mãos dos prelados mas nas "nãos dos superiores".

4. Foi suprimida a passagem inserida na regra de 1848, relativa à direcção dos seminários diocesanos.[28]

Estas Regras aprovadas em 1855 e publicadas em 1856, reproduzem as de 1848 com as variantes motivadas pela mudança da Sociedade em Congregação Religiosa.

Schwindenhammer acabou por fundir a primeira parte dos Regulamentos com as antigas Regras ficando a chamar-lhes "*Regras*" e a segunda parte dos Regulamentos – o espírito da Congregação, com o nome de "*Constituições*".

Mas no pensamento de Schwindenhammer, estas Regras e Constituições não deviam ser senão uma etapa deste processo: as Constituições definitivas viriam mais tarde. No fim da circular em que anunciava estas Regras e Constituições ele convidava todos os membros a fazer e a enviar ao Superior Geral todas as observações que achassem úteis para o seu aperfeiçoamento. Mas o seu pedido pouco eco encontrou.

Então, em 1862, ele lança todo o processo para uma nova revisão das Constituições. Sucedem-se as circulares e é posta em marcha toda uma organização para esta revisão: todos foram convidados a enviar sugestões e as comunidades deveriam examinar e discutir o texto das Constituições num prazo de três anos. O trabalho avançou lentamente pois entretanto meteu-se de permeio o Concílio Vaticano I e a doença do Superior Geral. Só em 1875 é que foi convocado o Capítulo Geral onde foi apresentado um novo esquema para as Constituições. Estas foram promulgadas e aprovadas por Roma em 1878. Enfim, tínhamos Constituições claras e precisas que seriam "a

[28] *ND XII p. 529*

grande obra de Schwindenhammer". No ano seguinte apareceu uma edição abreviada, de mais fácil acesso, aprovada por Roma, como sendo apenas uma explanação das Regras já aprovadas.

Coordenadas das Constituições de 1878:

1. Os fins da Congregação são tratados em cinco artigos. Aparecem, primeiro os fins gerais, comuns a todas as Congregações: a glória de Deus, a perfeição dos seus membros e a santificação das almas. É uma novidade relativamente às Constituições de 1855.

O fim específico é os infiéis, especialmente os de raça negra como sendo os mais abandonados na Igreja de Deus; eventualmente outras raças, com a aprovação da Propaganda. Fim secundário: todos os cristãos.

Relativamente às Constituições de 1855, os horizontes são mais vastos e aproximam-se da Regra Provisória e dos Regulamentos de 1849.

Os campos de apostolado são os mesmos: os países estrangeiros, especialmente a África e as colónias francesas, a Europa, sobretudo as classes mais desprotegidas da sociedade.

Os ministérios são os mesmos: os mais humildes e penosos para os quais dificilmente se encontram obreiros.

Uma segunda alínea, porém, dizia: *"Nada impede, contudo, que se aceitem outras obras e ministérios conforme as circunstâncias o exijam"*. Foi devido a esta abertura que na Congregação se abriu a época dos colégios, que nem sempre eram para o serviço dos mais pobres. Schwindenhammer tinha escrito a Mons. Kobès em 1853: *"O nosso fim são os mais abandonados e mais especialmente os da raça negra. Quero que isso fique bem claro para que ninguém seja tentado a acusar-me um dia de ter mudado o fim da Congregação"*. Mas mais à frente dizia que *"era necessário criar estabelecimentos em França para assegurar o recrutamento das vocações"*. O pior é que em vez de se ficar nas escolas apostólicas, se aventurou pela via dos colégios. De facto Schwindenhammer teve um conflito com Mons. Kobês. Este acusava-o de ter abandonado a vocação missionária para se fixar na Europa. Efectivamente Schwindenhammer voltou a Congregação para as obras da Europa, particularmente interessado a fomentar o seu aspecto organizativo e a vivência da vida religiosa.

Será necessário esperar por Mons. Le Roy para de novo se lançar plena luz sobre o nosso fim e remeter a Congregação à sua vocação essencialmente missionária.

2. A *Profissão Religiosa*:

"A admissão dos membros faz-se pela Profissão Religiosa, a qual consiste na entrega ou doação se si próprio a Deus no Instituto e na emissão dos três votos simples de religião, aceite uma e outra pelos superiores" (Cap. XI).

"Os primeiros votos fazem-se somente por três anos. Cada um renova-os depois sucessivamente por cinco anos ou então fá-los perpétuos,

conforme os seus desejos e a autorização da Casa Mãe" (Cap. XII). Depois tem ainda um capítulo sobre o voto e outro sobre a virtude de cada um dos três votos (Cap. XXIII-XXVIII).

10. MONS. LE ROY: O REGRESSO À PRIORIDADE MISSIONÁRIA. AS CONSTITUIÇÕES DE 1909

Mons. Le Roy assumiu o cargo de Superior Geral em 1896. Missionário como era, desde o início do seu mandato começou por pôr a tónica do seu mandato no fim específico da Congregação: O apostolado junto dos mais abandonados, a necessidade de desenvolver as nossas missões, a manutenção das obras na Europa destinadas aos pobres e abandonados que podemos considerar como missões. Daí se foi caminhando para o abandono progressivo de certas obras menos condizentes com esta finalidade, como os colégios.

O Capítulo de 1896 criou uma Comissão Permanente para a revisão das Constituições composta pelo Conselho Geral e seis padres. O projecto foi trabalhado durante 12 anos e apresentado ao Capítulo Geral de 1906.

Em 1901 a Santa Sé tinha dado instruções detalhadas para a elaboração das Regras e Constituições e as novas Constituições da Congregação foram elaboradas em obediência a essas normas. A Congregação passou da jurisdição da Propaganda para a Congregação dos Religiosos, sendo esta Congregação a aprová-las em 1909.

"A Congregação passou da jurisdição da Propaganda para a Congregação dos Religiosos, sendo esta Congregação a aprová-las em 1909."

As Constituições aparecem como uma explanação das Regras, exactamente como Libermann tinha pensado os Regulamentos de 1849 como explanação das Constituições de 1848.

Segundo Mons. Le Roy, ao promulgar as novas Constituições, "a natureza e os fins da Congregação não mudaram, mas são precisados num sentido mais nitidamente apostólico. Nelas remontamos ao clima e à inspiração dos Regulamentos de 1849. "*A Congregação tem por fim próprio e específico formar na disciplina eclesiástica e no amor às almas abandonadas, religiosos prontos para tudo, nas mãos dos superiores, a evangelização dos infiéis, especialmente os «infiéis de raça negra»; as obras penosas e os ministérios humildes e laboriosos, para os quais a Santa Igreja dificilmente encontra obreiros apostólicos*".

Pela primeira vez as Constituições são aprovadas já não pela Propaganda Fide mas pela Congregação dos Religiosos.

11. O DIREITO CANÓNICO E AS REGRAS E CONSTITUIÇÕES (1922 E 1956)

A aparição do Direito Canónico em 1917 tornou necessária uma nova revisão das Constituições de todas as Congregações Religiosas, como mais tarde faria o Vaticano II. Era preciso compaginar as Constituições com o Direito Canónico.

A nova revisão foi feita em 1922 e promulgada em 1923. Mons.

Le Roy, nessa promulgação, diz que o fim apostólico da Congregação é mais nitidamente afirmado, sempre que a ocasião se oferece ao longo do texto.

A sua natureza é claramente definida agora segundo as orientações do Direito Canónico: "*A Congregação é um instituto religioso dedicado ao apostolado. Ela pertence à categoria dos Institutos religiosos de votos simples, de direito pontifício e não isentos*" (*Const. 2 Can. 488*).

O fim da Congregação aparece reconfirmado: "*O seu fim próprio e específico são os ministérios humildes e penosos para os quais a Santa Igreja dificilmente encontra obreiros, especialmente os infiéis e os infiéis de raça negra*". (Const. 2, 7).

Fora deste género de obras, a Congregação só aceitará aquelas que lhe sejam expressamente pedidas pela Santa Sé e excepcionalmente outras obras úteis à Igreja e conformes aos interesses do Instituto (Const.2,7).

A *Congregação depende da Congregação dos Religiosos e para tudo o que diz respeito às missões, da Propaganda Fide e tem em Roma um cardeal Protector* (Const. 4. Can. 494-1, 251 e 252).

"Os votos simples de Pobreza, Castidade e Obediência são uma condição essencial para ser membro da Congregação; nenhum professo pode ficar sem votos (156). Como as Regras anteriores, também estas apresentam um capítulo para o voto e outro para a virtude de cada um dos três votos.

A última edição das Constituições antes do Vaticano II foi a edição de 1956, que reproduz a de 1922. O texto aprovado já não é o latino mas o francês.

As normas da Santa Sé de 1901 e o Código do Direito Canónico de 1917 tornaram as Nossas Constituições, mesmo nos seus pormenores, em tudo semelhantes às das outras Congregações do mesmo tipo. Praticamente todas as Constituições se uniformizaram, obedecendo ao mesmo padrão, imposto pela Santa Sé e pelo Direito Canónico.

CONCLUSÃO

Desta viagem através da nossa história, acompanhando o itinerário espiritual da Congregação, podemos tirar as seguintes conclusões:

1. A primeira constante que se manteve inalterável ao longo da nossa história foi o nosso fim próprio e distintivo da Congregação: o ministério junto dos pobres e abandonados, especialmente entre os infiéis. É o único ponto que se encontra, sem excepção, em todas as edições das nossas Regras e Constituições.

2. O importante é a nossa fidelidade à vocação espiritana, ou seja, à luz da leitura da intuição dos nossos fundadores e segundo as nossas tradições autênticas. São estas intuições e estas tradições que

"o ministério junto dos pobres e abandonados, especialmente entre os infiéis. É o único ponto que se encontra, sem excepção, em todas as edições das nossas Regras e Constituições."

o Vaticano II nos propõe como caminho para a nossa renovação e que a Regra de Vida tomará em consideração.

3. De todas as Regras e Constituições que marcam a nossa história parecem ocupar um lugar de relevo, pelo espírito que nos transmitem, os *Regulamentos de 1849*. Estes Regulamentos constituem um lugar privilegiado onde poderemos encontrar o pensamento comum dos nossos dois fundadores. Eles pretendem ser por um lado um comentário à Regra de 1734, que é um reflexo do espírito de Poullart des Places e um comentário à Regra Provisória de Libermann. Efectivamente aqui encontramos o que há de melhor na Regra Provisória. Por isso, a leitura destes *Regulamentos* exige necessariamente a leitura da Regra Provisória, como um texto-chave da nossa espiritualidade.[29]

"A leitura destes Regulamentos exige necessariamente a leitura da Regra Provisória, como um texto-chave da nossa espiritualidade."

[29] *Henry Litnner NOS RÈGLES ET CONSTITUTIONS A TRAVERS NOTRE HISTOIRE in Cahiers Spiritains nº 18 p. 19-31*

16. Trabalhar com os pobres com os olhos de Poullart des Places

O OLHAR DE POULLART DES PLACES SOBRE OS POBRES

Cláudio Poullart des Places nasceu de uma família abastada, com raízes aristocráticas, sedenta de restaurar uma glória social e uma opulência económica que tivera no passado e que percebia como a sua grande prioridade. Os pais de Cláudio eram gente de fé e de piedade cristã sólida, mas era a ambição social que marcava a sua vida. Na esmerada educação de Cláudio a aproximação aos pobres nunca foi um valor decisivo, a não ser enquanto exercício pontual de piedade, requerido pela sólida formação cristã que recebera dos pais. Mesmo assim, ainda enquanto estudante de filosofia em Rennes, Cláudio recebeu a forte influência do P. Julien Bellier, que o impulsionou para a visita regular aos doentes e para o compromisso com os mais pobres, visitando-os e acompanhando jovens estudantes de teologia de um colégio destinado a alunos pobres, cujo capelão era o mesmo P. Bellier. Cláudio desenvolveu assim uma enorme sensibilidade aos mais pobres, alicerçada numa fé recebida dos pais e educada solidamente ao longo de toda a sua infância e adolescência.

"Cláudio desenvolveu uma enorme sensibilidade aos mais pobres, alicerçada numa fé recebida dos pais"

COM OS OLHOS NUM FUTURO AUSPICIOSO

Aluno brilhante, Cláudio era visto pelo pai como o seu grande recurso para alcançar o estatuto aristocrático perdido. De facto, Pierre Thomas, seu primeiro biógrafo, dá-nos conta de como a sua educação escolar era seriamente seguida pelos pais, sequiosos de o ver brilhar, melhor entre os melhores, até ao reconhecimento público da

* *Pedro Fernandes, espiritano português. Licenciado em Teologia. Mestrado no Instituto Católico de Paris. Missionário em Moçambique, na nova Missão de Itóculo, Diocese de Nacala.*

sua excelência e até à abertura das portas que lhe permitiriam a ascensão à vida na corte. Em 1698, por ser o melhor aluno do colégio de Jesuítas que frequentava, recebe a honra de apresentar a sua tese final de filosofia na sala nobre do parlamento da Bretanha, dedicando-a ao conde de Toulouse e tornando-se o grande centro das atenções da aristocracia da sua cidade, Rennes. Piedoso, homem de honra, Cláudio é acima de tudo um homem da sociedade do seu tempo, comprometido no mundo de interesses e de valores sociais da sua família. Orgulhoso, incapaz de sofrer afrontas sem ripostar, zeloso da sua imagem pública e do seu prestígio, Cláudio parece reunir as condições para o futuro auspicioso em que o fantasia o pai.

Em Agosto desse mesmo ano de 1698, faz um retiro de discernimento vocacional habitualmente exigido aos finalistas de filosofia nos colégios jesuíticos de então. Ali toma uma primeira resolução de ser padre, contrastando com tudo o que parecia ter construído enquanto estudante. Diante desta decisão, o seu pai habilmente contorna a sua intenção de estudar teologia, sem propriamente a contrariar... Prosseguirá os seus estudos em direito, e passa os dois anos seguintes numa tensão interior provocada pela falta de motivação para o que fazia e pela ausência de clareza quanto ao seu futuro. Em 1700 termina finalmente os estudos e, num gesto quase dramático, comunica à família que jamais exercerá as funções de jurista. Permanece ainda com o pai, por mais um ano, ajudando-o nos seus negócios. Mas em 1701 Cláudio faz um segundo retiro que, desta vez, é determinante para o seu futuro: ali consolida a sua decisão de se tornar padre, mas sem pretensões de fazer carreira eclesiástica nem de obter títulos académicos. Vai para Paris e inicia os seus estudos de teologia com os jesuítas, no colégio de Luís-o-Grande.

O OLHAR NOVO DO POBRE DE DEUS

"A nova orientação que Cláudio dá à sua vida está longe de ser, uma simples viragem de opção profissional. Ela resulta de uma profunda e radical experiência espiritual"

A nova orientação que Cláudio dá à sua vida está longe de ser, como é evidente, uma simples viragem de opção profissional. Ela resulta de uma profunda e radical experiência espiritual, feita ao ritmo dos exercícios espirituais de Santo Inácio, como o atestam os escritos por ele produzidos na altura: "Reflexões sobre as verdades da Religião" e "Escolha de um estado de vida". O jesuíta que o acompanhou neste retiro aconselha-o a vencer em si a ambição de grandeza e de glória social, cortando, desde logo, toda a perspectiva de fazer da sua nova escolha um outro caminho para a mesma ambição. Por isso, Cláudio é aconselhado a não seguir o curso teológico da Universidade da Sorbona, que lhe traria diplomas e prestígio na Igreja, mas a optar pelo curso teológico dos jesuítas, menos cotado nos ambientes católicos de então, dado o seu total distanciamento relativamente ao jansenismo e ao galicanismo, que se tinham tornado uma verdadeira "doutrina da moda" na Igreja francesa da época. Em Luís-o-Grande, com os jesuítas, Cláudio tinha a garantia de uma sólida formação

teológica, perfeitamente fiel à grande tradição católica da Igreja e, ao mesmo tempo, assegurava uma motivação inteiramente liberta de ambição ou de auto-promoção social.

Foi neste ambiente jesuítico, em que Cláudio já se movia desde os sete anos de idade, mas que agora assumia com mais seriedade, que o jovem estudante de teologia encetou uma nova fase da sua vida. Em Paris, dentro do colégio, integra a "Assembleia dos Amigos" (AA), grupo de piedade e de serviço cristão que funcionava dentro do colégio, também ela dependente da Companhia de Jesus. Era uma associação secreta, ao serviço de uma vivência espiritual autêntica, não fundada na condição social advinda do nascimento, mas na virtude e na prática cristã: "se se quer suscitar uma elite de apóstolos fundados, não no nascimento, mas no valor espiritual, o segredo, nos sécs. XVII e XVIII, é estritamente indispensável" (R. Rouquette, cit. in J. Michel, *Du nouveau sur les sources de la spiritualité*, Mémoire Spiritaine 4, Paris 1998, p.105, nota 18). O carácter discreto de Cláudio, a sua piedade e a sua sensibilidade à misericórdia e ao serviço ao próximo o fizeram digno de ser convidado a pertencer a este grupo secreto. E a pertença de Cláudio Poullart des Places a esta associação situa-o numa nova lógica de vivência cristã: a afirmação do *status* social e da própria imagem deixa de ter importância e é o seguimento de Cristo enquanto tal que absorve todo o investimento das suas energias. Cláudio desprende-se de si mesmo e centra-se cada vez mais radicalmente em Cristo.

Nesta associação inaciana, Cláudio encontra uma intensa vida de piedade: oração pessoal comprometida, confissão regular, centralidade da Eucaristia e da comunhão frequente, grande devoção mariana e mística de um seguimento de Cristo na abnegação de si mesmo, através da simplicidade de vida, da pobreza, da renúncia, do serviço gratuito aos outros, tornando-se imagem viva de Cristo junto daqueles que mais precisavam. Os membros da AA empenhavam-se, na linha da grande tradição jesuítica, na catequização das crianças, na visita aos doentes nos hospitais e no zelo pela conversão e santificação das pessoas e, em particular, dos mais pobres, como membros sofredores de Cristo (Cf. J. Michel, op. cit., p.107). Tratava-se de um verdadeiro zelo evangelizador, apostado em ir ao encontro daqueles que vivem mais afastados de Cristo e daqueles que, por muitas razões, mais obstáculos encontrarão para se aproximarem dele. Neste contexto, são os mais pobres que aparecem em primeiro lugar.

"Tratava-se de um verdadeiro zelo evangelizador, apostado em ir ao encontro daqueles que vivem mais afastados de Cristo"

É neste ambiente que Cláudio se compromete em ajudar jovens estudantes pobres, oriundos da Savoia. Faulcaunnier aparece entre os primeiros, já em 1702; mas um número considerável se lhe seguirá nos tempos seguintes. Com a promessa de receber do colégio dos jesuítas, onde ele próprio vivia, os restos das refeições, Poullart des Places multiplicará o número dos seus bolsistas e dos quartos que alugara em seu favor.

No Verão de 1702 Luís de Monfort convida-o a juntar-se a ele na sua fundação da Companhia de Maria. Cláudio recusa, mas compro-

te-se a fornecer missionários àquela nova obra. A sua vocação vai assim ganhando contornos cada vez mais claros: diante de uma sociedade empobrecida e distante de Deus, Poullart des Places parte dos próprios pobres para evangelizar os pobres. Aquilo que começou por ser iniciativa pontual de ajudar um ou outro pobre torna-se um verdadeiro programa: fornecer apóstolos aos pobres; ajudar os pobres, não apenas dando-lhes a Palavra de Deus, mas suscitando entre eles novos anunciadores desta Palavra, apaixonados, fiéis, cheios de Deus, para o poderem transmitir aos outros. Esse é o projecto da sua vida e nele mergulha por inteiro. No primeiro trimestre de 1703, Cláudio já não residirá no colégio dos jesuítas, mas viverá já com os estudantes pobres organizando esta obra como um verdadeiro Seminário. Segundo uma carta de 17 de Março de 1703, da autoria de um líder das AA, Poullart des Places é "director de um seminário, onde não terá senão muitas penas e fadigas; não dorme cada dia mais que três horas sentado numa cadeira e emprega o resto do seu tempo na oração (...)" (Op. Cit., p. 110).

"Aquilo que começou por ser iniciativa pontual de ajudar um ou outro pobre torna-se um verdadeiro programa: fornecer apóstolos aos pobres; ajudar os pobres, não apenas dando-lhes a Palavra de Deus, mas suscitando entre eles novos anunciadores desta Palavra"

POBRES PARA OS POBRES

A opção de Cláudio pelos estudantes pobres é clara: fazer deles apóstolos de elite, gente abnegada até ao extremo, totalmente entregue a Cristo e à Sua Igreja, de modo a enviá-los aos meios onde mais necessidade haja destes apóstolos. Prioridade absoluta é dada à formação para a santidade, mas, ao mesmo tempo, também a uma formação teológica sólida, inequivocamente enraizada na fé católica e na fidelidade ao Papa, por oposição às correntes galicanas e jansenistas, que tinham tomado a dianteira na Igreja do seu tempo. Este duplo objectivo – santidade de vida e solidez teológica – determinava que na excelência da formação destes estudantes não se pudesse ocultar uma motivação que buscasse promoção social ou económica. Estes estudantes pobres não poderiam, pelo facto mesmo de terem que estudar nos jesuítas, conseguir diplomas ou graus académicos. Este facto tinha uma razão clara: sem graus académicos não era possível conseguir benefícios financeiros e, por ser essa intenção totalmente proibitiva para os estudantes de Cláudio, os diplomas tornavam-se assim igualmente proibitivos. Acrescia ainda que só na Sorbona se poderiam conseguir tais graus académicos; o zelo de ortodoxia de Cláudio afastava, também por essa razão, tal possibilidade. No entanto, curiosamente, era permitido aos estudantes fazerem uma pós-graduação em moral ou em Direito Canónico e, nesse caso, poderiam obter diplomas; a razão para esta concessão parece simples: diplomas em moral ou direito canónico não davam direito a benefícios económicos nem implicavam especial estatuto social... Esta qualidade da formação viria a determinar que os espiritanos, durante o século XVIII, assumissem a direcção de vários seminários e lugares de responsabilidade na condução pastoral das dioceses para onde eram enviados.

Por outro lado, esta solidez doutrinal tem uma relação com a Companhia de Jesus que não é meramente circunstancial: Cláudio constitui a sua obra sob a protecção logística dos jesuítas de Luís-o-Grande, mas para além deste apoio material (sem o qual tudo teria estado seriamente comprometido), a própria identidade da obra se enraíza na pertença de Cláudio às AA e na sua estrutural formação jesuítica, e é por isso que ele deixa tão clara esta inspiração na letra e no espírito dos seus "Regulamentos gerais e particulares": os estudantes deverão necessariamente estudar com os jesuítas e não com outros; os seus retiros deverão necessariamente ser pregados por jesuítas e não por outros; os seus directores espirituais deverão ser jesuítas, não outros; a estruturação da sua espiritualidade é determinada pela própria espiritualidade inaciana que Cláudio tinha bebido, e não por outra. Quando o Cardeal de Paris, simpatizante do jansenismo, tenta levar os estudantes de Poullart des Places a afastarem-se desta dependência jesuítica e a ligarem-se à Sorbona, Cláudio opõe-se tão frontalmente e com tais argumentos, que o próprio Cardeal acaba por aceitar que a obra siga este rumo. E quando, em 1767, os jesuítas forem expulsos de França, os estudantes espiritanos serão os únicos a resistir, ainda, aos estudos na Sorbona, ficando toda a sua formação assegurada apenas por formadores do próprio seminário.

Poullart des Places não se preocupou em fundar uma *instituição*: o que ele pretendeu foi formar homens de Deus, que tanto poderiam seguir para as suas dioceses de origem, colocando-se à disposição dos seus bispos, como poderiam ingressar na clausura religiosa, como poderiam ainda ser disponibilizados para a obra de Luís de Monfort, com o qual Cláudio estabelecera um compromisso, secundado depois pelos seus sucessores na condução da comunidade.

A obra de Cláudio era, porém, forçosamente uma obra de pobres: "só se receberá nesta casa indivíduos de quem se conheça a pobreza, a moral e a aptidão para os estudos" (Regulamentos gerais e particulares, nº 5). O seu objectivo era a própria santificação dos sujeitos e a evangelização de todos os outros, através deles. Os membros da comunidade serão particularmente dedicados ao Espírito Santo e terão também uma devoção especial pela Imaculada Conceição, com uma dupla prece: "obter do Espírito o fogo do amor divino" e "obter da Santíssima Virgem uma pureza angélica: duas virtudes que devem constituir todo o fundamento da sua piedade" (Regulamentos Gerais e particulares, nº 2). Tratava-se, evidentemente, de assumir na vida o amor de Deus que se abre aos homens para os salvar, vivendo isto na "pureza angélica" que, no pensar de J. Lecuyer, aqui não se refere apenas à castidade, mas à totalidade de uma vida distante do pecado, inspirada na própria vida da Virgem, concebida sem pecado.

"A obra de Cláudio era forçosamente uma obra de pobres"

EM MISSÃO COM O OLHAR DE POULLART DES PLACES

O carisma pessoal de Cláudio iniciou um caminho de construção da identidade espiritana que, século e meio mais tarde, atingiu a sua

Painel comemorativo da missão espiritana para a celebração dos 300 anos da morte do seu fundador. Autor: Damasceno dos Reis, Cssp

maturidade e estabilidade com Francisco Libermann, que é como que o outro parâmetro da definição desta identidade. Foram cento e cinquenta anos de amadurecimento e desenvolvimento de muitos elementos essenciais que, embrionariamente, já estavam presentes na experiência espiritual de Cláudio e que, na caminhada subsequente, se foram colocando nas suas justas posições. A relação com os pobres faz parte do património espiritual que nos é legado pelo primeiro fundador. Esta relação atravessa a génese da sua obra e a sua razão mesma de ser.

Hoje, trezentos anos depois da morte de Cláudio, uma grande parte das inserções missionárias em que se encontram os espiritanos é marcada, tal como nos primórdios da fundação, pela presença e relação com os pobres. Como é que a experiência de Cláudio pode, não apenas inspirar, mas propriamente moldar a nossa própria relação com os pobres? Quais os elementos estruturais da relação de Cláudio com os pobres que deverão hoje determinar a nossa própria postura?

"Como é que a experiência de Cláudio pode, não apenas inspirar, mas propriamente moldar a nossa própria relação com os pobres?"

SEGUIMENTO RADICAL DE JESUS POBRE

A experiência de Poullart des Places não parte de um choque diante das injustiças e dos desníveis sociais do seu tempo. Aquilo que toca o jovem Cláudio não é o contraste gritante entre o mundo de opulência em que ele se movia e que ele queria cultivar e a imensa multidão de indigentes da França do último quartel do séc. XVII. O que faz desmoronar as certezas e os projectos de Cláudio é o seu encontro com Cristo, lentamente acontecido ao longo de toda a sua vida e educação cristã, mas particularmente intenso nos retiros e experiências espirituais que fez com os jesuítas. Este encontro com Jesus realiza-se particularmente na oração e no silêncio, na busca apaixonada da vontade de Deus para a sua vida, que tão claramente transparece na seriedade com que se deixou guiar pela direção espiritual.

O encontro com Jesus fê-lo, antes de mais, desejar ardentemente despojar-se de tudo para o seguir. A sua entranhada ambição pessoal cedeu perante o Cristo que o chamava a segui-Lo. Antes de encontrar os pobres, Cláudio encontrou a pobreza evangélica e encontrou-a porque encontrou o próprio Evangelho em pessoa, o Cristo pobre, feito homem com os homens, crucificado, ressuscitado para ressuscitar os pecadores. O seu encontro com os *savoyards* acontece no coração desta experiência de despojamento interior, de paixão por Deus e de busca do seu rosto no rosto dos outros. Era preciso restaurar este rosto de Cristo aí onde ele corria o risco de mais se desfigurar: a pobreza material e a vulnerabilidade social deixava estes estudantes pobres à mercê da corrupção, muito mais expostos às influências jansenistas, com menos possibilidades para uma formação espiritual e doutrinal consistente. Mas eram também, ao mesmo tempo, um terreno fértil para fazer germinar a semente do Evangelho, eram a imagem viva do Cristo pobre à espera de ser servido e honrado.

"Antes de encontrar os pobres, Cláudio encontrou a pobreza evangélica e encontrou-a porque encontrou o próprio Evangelho em pessoa, o Cristo pobre, feito homem com os homens, crucificado, ressuscitado para ressuscitar os pecadores."

Em África, na América do Sul e mesmo na Ásia, os espiritanos encontram-se hoje com o rosto gritante e chocante da pobreza extrema. No mundo em que vivemos, o abismo entre ricos e pobres não é em nada menos profundo que na França de Poullart des Places, mas é hoje sensível a uma escala global. A relação que Poullart des Places estabeleceu com os pobres nasceu da sua vivência pessoal da pobreza evangélica, e é esse caminho que ele abriu também para nós, espiritanos. E esta pobreza evangélica não é simples solidariedade com os pobres, um "ir lá viver com eles", mas é antes de mais um seguir Jesus Cristo, um despojamento radical de si mesmo, para lhe dar espaço a Ele. É neste movimento de lhe dar espaço a Ele que se torna urgente anunciá-lo aos mais pobres e escutá-Lo neles. O nosso encontro com os pobres, muito antes de ser uma experiência de solidariedade e de compromisso, é uma experiência mística, um desvelamento de Cristo na nossa vida, um deixar-se tocar por ele, renunciando aos próprios planos e certezas e pondo-se em tudo à sua disposição. Muito antes de ser ação, o nosso encontro com os pobres é paixão, configuração com Cristo agonizante, crucificado. É um "vigiai e orai" que, precisamente por ser autêntico, descobre na própria vigilância o rosto de Jesus presente nos pobres. Na nossa pobreza religiosa, como na nossa relação com os pobres, a referência a Cristo não é um elemento acrescido, não é um enriquecimento, mas é a própria alma, única e exclusiva, dessa mesma relação com os pobres.

"Muito antes de ser ação, o nosso encontro com os pobres é paixão, configuração com Cristo agonizante, crucificado. É um "vigiai e orai" que, precisamente por ser autêntico, descobre na própria vigilância o rosto de Jesus presente nos pobres."

Os vários serviços, compromissos, actividades que, no terreno da missão nos consomem o tempo e as energias mais não são que a irradiação dessa experiência espiritual fundante e unificadora. Entretanto, esses nossos compromissos concretos em muitos aspectos se identificam com a acção e compromisso de tantos homens e mulheres de boa vontade, que, mesmo sem fé, lutam a nosso lado, com objectivos pontuais semelhantes. De facto, proliferam as organizações que tentam, às vezes bastante desajeitadamente, responder aos desafios da pobreza no nosso mundo e, sobretudo em ambientes ditos de terceiro mundo; não faltam hoje inúmeros activistas investidos em apagar os vários "fogos" da pobreza, deflagrados sob várias formas. Abundam os "projectos", as "parcerias", os ambiciosos planos de erradicação da pobreza, protagonizados por muita gente de boa vontade, empenhada na construção de um mundo novo, com mais justiça e mais paz.

Vivendo as afinidades com muitas dessas pessoas de boa vontade, que, como nós, até dão a vida pela causa humanista em que acreditam, nós, missionários espiritanos, podemos correr o risco de crer que o que nos distingue é acidental ou de pouca monta, caindo num equívoco que nos faria perder o pé da nossa identidade e mais profunda razão de ser: trabalhar com os pobres com os olhos de Poullart des Places é partir da mais firme e inalienável convicção de que o que nos distingue é o Cristo mesmo, o Senhor Ressuscitado que mudou a nossa vida e que nos impele para a acção. O específico

da nossa identidade e da nossa atitude missionária é esse "fogo do amor divino", que Poullart des Places mandava pedir ao Espírito Santo. Este é o primeiro e mais importante dado sobre o olhar de Cláudio sobre os pobres; e nós, ainda que movamos montanhas ou entreguemos o nosso corpo às chamas, se não estivermos imbuídos desta mesma espiritualidade, em nada nos poderemos considerar "homens de Poullart des Places"...

"O específico da nossa identidade e da nossa atitude missionária é esse "fogo do amor divino", que Poullart des Places mandava pedir ao Espírito Santo."

Em muitos países onde os espiritanos se encontram a Igreja é frequentemente percebida ao nível das muitas ONG's que ali operam. As próprias conferências episcopais se empenham em contrariar a tendência de captar a acção missionária dos institutos religiosos como assimilada à acção humanitária de tantas organizações. A questão não está, evidentemente, em dar à Igreja (ou aos institutos missionários) uma valorização institucional que a distinga, por razões meramente institucionais, das várias organizações e entidades de promoção humana. A diferenciação necessária prende-se com a eficácia mesma da nossa missão, no que ela tem de mais essencial e decisivo: a visibilidade da nossa presença no meio das sociedades pobres, a confundir-se com a presença das organizações humanitárias, trai radicalmente a nossa razão de ser e o sentido da nossa missão. E é também neste ponto que o olhar de Cláudio sobre os pobres nos pode ajudar a situarmo-nos.

URGÊNCIA DE EVANGELIZAR

A formação do clero, na cidade de Paris dos finais de seiscentos, era de uma precariedade extrema, sobretudo no que se referia aos mais pobres. Se, durante o século, várias tinham sido as instituições abertas ao serviço da formação sacerdotal dos mais pobres (no final do século serão 38!), a verdade é que, por várias razões, grande parte delas tinha soçobrado ao peso das dificuldades financeiras ou sob a influência do jansenismo. Os jovens estudantes sem recursos tinham muito poucas possibilidades de crescer espiritualmente e de se formarem, com qualidade, para o serviço da Igreja, absorvidos que estavam pela busca de meios que assegurassem a própria sobrevivência ou assediados que eram pelas correntes doutrinais não católicas, mas contra as quais não tinham defesa.

Cláudio Poullart des Places viu estes estudantes pobres como homens capazes de se tornarem verdadeiros apóstolos, viu neles gente chamada por Cristo para o seu serviço, na sua Igreja. A prioridade era a evangelização, o serviço à Igreja com qualidade e santidade de vida. Para tal, aos olhos de Cláudio, só a formação de padres santos e sábios poderia ser resposta conveniente. Assim o entendeu tão claramente que investiu o resto da sua vida ao serviço deste projecto e foi por isso que, quando Luís de Monfort o convidou para se juntar a ele no lançamento do seu projecto missionário, Poullart des Places lhe fez ver que a sua vocação era a formação de apóstolos dos pobres,

"O olhar de Poullart des Places sobre estes jovens estudantes é, portanto, de profundo respeito: ele acreditava neles, reconhecia o seu valor, acreditava na sua dignidade e no amor de Deus que os criara e chamara. É um olhar de fé"

e não tanto a acção directa nas missões populares, para as quais Luís de Monfort destinava os seus missionários.

A obra que Cláudio montou é pois uma obra ao serviço da evangelização, e a sua opção de servir os pobres não se separa, de todo, de os enviar a anunciar Cristo, de qualquer modo que seja. Servir os pobres era, para Cláudio, servir a causa da sua santificação e já que eles eram filhos amados de Deus, era preciso ajudá-los a viver essa sua condição eliminando do seu caminho os obstáculos e impedimentos que os desviassem da sua verdadeira vocação. O olhar de Poullart des Places sobre estes jovens estudantes é, portanto, de profundo respeito: ele acreditava neles, reconhecia o seu valor, acreditava na sua dignidade e no amor de Deus que os criara e chamara. É um olhar de fé: promover os pobres é levá-los a Cristo, dar-lhes condições para se encontrarem com Ele, fazerem uma profunda experiência de fé, transformando-se por ela e dela partindo como verdadeiros discípulos enviados pelo seu Senhor. A obra de Cláudio é uma iniciativa de reequilíbrio: cria-se igualdade de oportunidades para gente que, à partida, estaria privada de acesso a essas mesmas oportunidades.

Trabalhar com os pobres com os olhos de Poullart des Places é viver a missão nesta perspectiva evangelizadora, que lhe é essencial. Cláudio foi um facilitador do encontro dos seus estudantes com a pessoa viva de Jesus: essa é a posição fundamental em que nos devemos situar na nossa relação concreta com os pobres com que somos chamados a trabalhar e com a pobreza, em geral, que fere o mundo em que vivemos. Não se trata aqui de proselitismo, ou de falta de gratuidade nos serviços que possamos prestar, pois o que está em causa não é o alargamento institucional da Igreja, enquanto tal, mas uma relação integral com as pessoas, na qual estas sejam vistas na totalidade da sua dignidade de filhos de Deus e na qual essa sua condição não apenas não seja omitida, mas lhes seja anunciada explicitamente. Não se trata, tampouco, de nos relacionarmos com as pessoas com uma atitude agressiva de endoutrinamento religioso, já que a proposta de fé tem que acontecer, pela própria natureza do que anunciamos, numa atitude de diálogo, de escuta de Deus nos outros e de respeito pelas suas diferenças. De facto, e porque o objecto do anúncio é o próprio amor de Deus, jamais o processo desse anúncio poderia ser de imposição, sob pena de desvirtuar o que lhe é mais essencial.

AOS POBRES PELOS POBRES

O projecto de Cláudio não tem nada de paternalista ou assistencialista. Aliás, no estrito rigor de só aceitar pobres absolutos, o fundador introduziu uma concessão: poderiam ser admitidas pessoas que, não sendo inteiramente indigentes, também não tivessem condições de custear as suas despesas noutra instituição. Essas poderiam ser rece-

bidas, mas, nesse caso, também convidadas a contribuir com as suas possibilidades reais para as despesas da comunidade (Cf. Regulamentos art. 2, §6). Os jovens estudantes pobres recebidos na comunidade serão formados para o envio a situações semelhantes àquelas em que se constituiu o próprio Seminário do Espírito Santo, isto é, de extrema necessidade, sem alternativa viável, sem mais solução dada por outrem. Nas constituições de 1734, inspiradas no pensamento e orientações deixados pelo fundador, lê-se, relativamente ao objectivo da comunidade: "Formar, no amor à obediência e à pobreza, estudantes pobres que estejam, nas mãos dos seus prelados, dispostos a tudo, a servir nos hospitais, a levar o Evangelho aos pobres e mesmo aos infiéis, dispostos não apenas a aceitar, mas a amar de todo o coração, e a preferir a quaisquer outros, os lugares mais humildes e mais penosos, para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros" (J. Michel, L'ambiance doctrinale d'une fondation, op.cit., p. 144).

Os pobres, aos olhos de Poullart des Places, são de tal modo responsabilizados que é a eles mesmos que se confia a mais urgente e prioritária tarefa apostólica da Igreja: a evangelização e o serviço aos mais pobres. Porque são levados a sério, o relacionamento com eles é marcado pela exigência e pela seriedade: nos regulamentos de Cláudio, previa-se que cada estudante fosse, duas vezes por ano (no fim da quaresma e no fim de Julho), minuciosamente examinado sobre o seu aproveitamento escolar e sobre o seu comportamento moral e, caso não satisfizesse as exigências da comunidade, deveria ser mandado embora. Em todo o texto dos regulamentos se nota uma arrepiante austeridade de vida, um nível quase surrealista de exigência e rigor, a todos os níveis: trabalho, oração, ascese, pobreza e obediência, vida comunitária, lazer, alimentação...

"Os pobres, aos olhos de Poullart des Places, são de tal modo responsabilizados que é a eles mesmos que se confia a mais urgente e prioritária tarefa apostólica da Igreja: a evangelização e o serviço aos mais pobres."

Como constante em todo este trabalho de rigor e seriedade está a fidelidade à verdade: a obra de Cláudio era um acto de resistência às correntes teológicas dominantes, que muitos prestigiados homens de Igreja assumiam e difundiam. Mais tarde, tanto o jansenismo como o galicanismo foram inequivocamente rejeitados pela Igreja, mas no contexto próprio em que se movia Cláudio resistir ao jansenismo era um acto de coragem e determinação. Também nisso consistia o seu olhar de pobre: resistir à vanglória das modas ideológicas, e permanecer na humildade e na serena fidelidade à verdade, em absoluta liberdade de espírito.

Em suma, a comunidade de Cláudio não era uma obra "para" os estudantes, mas era um trabalho conjunto feito com os estudantes pobres e a partir deles. Eles tomavam parte integrante e deles se exigia muitíssimo, precisamente porque eram levados a sério e se acreditava nas suas possibilidades. O olhar de Cláudio sobre os estudantes pobres não tem nada de comiseração ou falsa piedade: eles eram tomados como sujeitos no seu próprio processo de crescimento e formação e eram gravemente responsabilizados por todo o caminho que faziam.

"Recuperar o olhar de Poullart des Places no nosso trabalho de missionários do séc. XXI é, antes de mais, renunciar a toda a forma de paternalismo e comiseração."

Recuperar o olhar de Poullart des Places no nosso trabalho de missionários do séc. XXI é, antes de mais, renunciar a toda a forma de paternalismo e comiseração. As pessoas com quem trabalhamos podem e devem ser sujeitos da sua própria história e são responsáveis por isso, com todas as consequências da responsabilidade. Como missionários, temos por vezes alguma tendência para nos sentirmos culpados sempre que as coisas não correm como planeado, julgamo-nos chamados a ter sempre as soluções na manga e as garantias de que os "nossos pobres" não deixarão de ser salvos... Os pobres não são nossos, a sua história é deles e devemos respeitar a autonomia que têm na condução dos seus próprios caminhos. Em ambientes de pobreza absoluta, como são aqueles em que com frequência trabalhamos, pode ser uma tentação a distribuição de coisas, a busca de soluções materiais dadas gratuitamente, ou quase. Quando o que é mais visível é a carência material, pode ser uma tentação entrar pelo atalho ilusório de que estamos a construir alguma coisa quando injectamos soluções económicas a partir dos nossos recursos importados. Este tipo de paternalismo passa por vezes por mecanismos muito subtis como, por exemplo, o pagamento de salários desproporcionadamente elevados para o meio local, ou pelo fornecimento exagerado de recursos, mesmo que sejam para a criação de nova riqueza. Os pobres não são matéria-prima que nos é dada para fazermos ricos e é por isso que a nossa presença no seu meio deve ser marcada sobretudo pela humildade, pela serenidade diante da lentidão dos processos que talvez nunca cheguemos a ver concluídos, pela abnegação e gratuidade com que trabalhamos com gente que, porventura, nos mostraria mais gratidão e apreço se enveredássemos por caminhos mais populistas, mas não necessariamente mais promotores do autêntico desenvolvimento.

ABNEGAÇÃO, HUMILDADE E EXIGÊNCIA

"Estar e caminhar com os pobres é respeitar o seu ritmo, caminhar com eles, ser fiel à verdade que nos move e que queremos anunciar, mesmo que isso nos tire de todas as seguranças e confortos, mais existenciais que materiais."

O total despojamento material que Cláudio assumiu é antes de mais um acto de ascese, de seguimento de Cristo, de pobreza interior que não pode não ser também exterior. Deste despojamento interior nasce o encontro efectivo com os pobres que, mais que material, é relacional. Esta dimensão relacional não é feita de rasgos exteriorista fáceis, superficiais e até, por vezes, mais ao serviço do nosso narcisismo que do bem comum. Quer dizer, estar com os pobres, fazer-se "negro com os negros" (para usar a expressão de Libermann, que é o "outro lado" de Poullart des Places), não é necessariamente pôr chinelo no pé, ir viver na palhota ou comer chima com feijão em vez de bife e batata frita... Estar e caminhar com os pobres é respeitar o seu ritmo, caminhar com eles, ser fiel à verdade que nos move e que queremos anunciar, mesmo que isso nos tire de todas as seguranças e confortos, mais existenciais que materiais.

A abnegação e renúncia pessoal vividas por Cláudio Poullart des Places e, na mesma linha, por Francisco Libermann, são antes de mais

a condição para viver com serenidade os processos de interação com as pessoas com quem trabalhamos. Estes processos são, também no campo da pastoral, por vezes extenuantes, apetece encontrar caminhos alternativos à lentidão dos outros, que façam chegar à solução prevista, aparentemente possível, mas exasperantemente distante nos rumos que os outros tomam, nas opções que fazem. E é aí que a nossa mal educada impaciência de missionários da acção, mais que da paixão, começa a falar mais alto e a inventar as soluções pastorais que, perfeitas como são, deixam de ser solução, pelo facto mesmo de serem inventadas por nós, de serem só nossas ou sobretudo nossas. A abnegação e esquecimento de si, assumidas por Cláudio, ajudam-nos a renunciar ao sucesso sensível do nosso trabalho, ajudam-nos a não precisar de gratificação nem de popularidade, para nos mantermos fiéis à verdade de processos missionários que, ainda que de algum modo tenham sido desencadeados por nós, deixaram de ser nossos no momento em que começaram a andar. Só a fé, cultivada no silêncio e na gratuidade da oração, pode dar-nos essa força sobre-humana, sobrenatural, que nos faz ser capazes de prescindir de frutos e resultados, para esperarmos em Deus a sonhada eficácia dos nossos esforços.

"A abnegação e esquecimento de si, assumidas por Cláudio, ajudam-nos a renunciar ao sucesso sensível do nosso trabalho"

Por outro lado, nessa interação que vivemos com as pessoas –pobres ou ricas- há uma espécie de "acordo" (explicito ou não) que se estabelece e que define os papéis de cada um. Na comunidade de Poullart des Places este acordo não poderia ser mais formal: chamava-se "Regulamentos Gerais e Particulares" e precisava todos os pormenores, até ao mais enervante milímetro. Na nossa pastoral, paroquial ou outra, nem sempre as coisas são assim tão exactas, mas, mesmo assim, é importante que seja exigida a contribuição que cada um supostamente deve dar. Em Poullart des Places essa exigência era radical, com uma seriedade levada ao extremo e é nela que devemos inspirar-nos para assumirmos com a mesma seriedade o que fazemos. A exigência dirige-se antes de mais para nós mesmos: como missionários religiosos, muitas vezes padres, somos chamados a um estilo de vida e de seguimento de Cristo que não deve ser vivido no "mais ou menos". O povo de Deus e as pessoas com quem trabalhamos esperam de nós muita seriedade de vida e cada vez que falhamos nisso de forma significativa abrimos na Igreja uma ferida que nem sempre é fácil de curar. A castidade, a pobreza e a obediência que professamos devem ser assumidas com a radicalidade de mártir com que Cláudio as assumiu e isso está longe de ser alheio à eficácia do nosso trabalho com os outros irmãos. Não se trata apenas do testemunho, porque nesse caso bastar-nos-ia desenvolver boas técnicas de dissimulação. Trata-se da autenticidade, da verdade do que somos, da qual depende a verdade das nossas relações, mesmo nas pequenas coisas.

Pela mesma razão que, à semelhança de Poullart des Places, somos exigentes connosco mesmos, também na relação com os outros o devemos ser, na medida em que os tais "termos do acordo" no-lo permitirem. No olhar de Cláudio, os pobres têm direito à verdade e à santidade: é na de-

fesa desse direito que nos comprometemos, para que cresçam, e nós com eles, na conversão à verdade e na assunção da santidade, na Igreja, com a Igreja.

Em 1704, Cláudio enfrenta um período difícil de crise espiritual, pontuada por dúvidas quanto à pertinência do seu projecto, de aridez na relação com Deus, um tempo de depressão e de *noite espiritual*. Mesmo assim, a comunidade, que nessa altura já contava com uns quarenta estudantes, continua a crescer e a consolidar-se. A atitude de Cláudio, no meio do seu inverno interior, é de perseverança, de inquebrantável fidelidade à voz do Espírito, apesar de falharem todas as consolações sensíveis. Em Janeiro de 1705, num novo retiro no noviciado da Companhia de Jesus, Cláudio redige as suas *Reflexões sobre o passado*, que marcam o fim da sua crise interior. A sua obra sobrevivera e crescera no meio da provação. O trabalho com os pobres, vivido enquanto experiência espiritual está sujeito, efectivamente, a crises inevitáveis de dúvida, de aridez interior, de desconsolo, e é precisamente aí que se manifesta a sua maior fecundidade, já que é na fraqueza humana que o protagonismo de Deus se evidencia. Trabalhar com os pobres com os olhos de Cláudio é reconciliar-se com a própria fragilidade e ausência de gratificação e consolação interior, mantendo a inquebrantável firmeza de Maria e João, no Calvário, junto à cruz de Cristo agonizante.

CONCLUSÃO

Trabalhar com os pobres com os olhos de Poullart des Places implica, antes de mais, descobrir o olhar dele, entrar no coração do fundador, perceber a sua lógica, reencontrá-lo, trezentos anos depois. Cláudio é um apaixonado de Cristo e é no coração de Cristo e no fulgor desta paixão que ele descobre os estudantes pobres a quem dedica a sua vida. A fé não é um dado enriquecedor para um compromisso social ou eclesial: a fé é a fonte, a razão de ser, o motor mesmo de tudo o que Cláudio viveu e produziu. Missionários hoje, é da relação viva com Cristo que devemos alimentar a nossa relação com os pobres com quem trabalhamos. A nossa oração, a nossa ascese, a nossa renúncia a nós mesmos, a nossa entrega ao serviço da Igreja, a nossa escuta de Deus nos sinais dos tempos, tudo isso se expressa no nosso trabalho com os pobres. O amor a Cristo e o amor aos pobres acontecem num único movimento. A renovação da vida missionária espiritana, que todos reconhecemos necessária e urgente, passa por esta reconversão do nosso olhar, que inevitavelmente levará à conversão da nossa vida, com Poullart des Places.

"Cláudio é um apaixonado de Cristo e é no coração de Cristo e no fulgor desta paixão que ele descobre os estudantes pobres a quem dedica a sua vida."

IV.
Testemunhos

Apresentamos duas séries de testemunhos. A primeira de contemporâneos de Cláudio Poullart des Places: o testemunho do P. Pedro Tomás, um dos seus primeiros discípulos e o testemunho do P. Carlos Besnard, alguém próximo da sua memória ainda bem viva na comunidade por ele fundada. A segunda série de testemunhos é dos nossos dias: o testemunho do P. Ramos Seixas, estudioso do jovem fundador, e o testemunho de uma leiga associada cujas decisões missionárias foram influenciadas pela vida de Cláudio.

17. Testemunho do P. Pedro Tomás[1]

Cláudio Francisco Poulart[2] [sic] des Places, nasceu em Rennes, e foi batizado na paróquia de São Pedro, contígua à Abadia. Foi seu padrinho o Sr. Cláudio de Marbeuf, presidente do Parlamento da Bretanha; Francisca Truillot, Senhora de Ferret, foi a madrinha. Recebeu o nome de Cláudio Francisco, que é também o nome do senhor seu pai. Os pais, pessoas piedosas e bem formadas, tinham pedido a Deus que abençoasse o seu casamento com um filho varão. Foram ouvidos; consagraram-no àquele que lho tinha concedido e vestiram-no de branco durante sete anos (em honra da Santíssima Virgem).

Gostava muito de repetir sozinho as cerimónias religiosas que tinha visto na igreja. Quando os seus pais começavam a mostrar-se já incomodados, ele parava, por obediência, mas depressa voltava às suas brincadeiras. [...] [3] Fundou uma associação de piedade com os seus amigos, sem que nem os pais nem o seu precetor o soubessem. [...] Tinham as suas regras sobre a oração, o silêncio e a mortificação que às vezes incluía o uso do cilício. [...]

"Gostava muito de repetir sozinho as cerimónias religiosas que tinha visto na igreja."

[1] *Pedro Tomás é um dos primeiros discípulos de Cláudio Francisco Poullart des Places; entrou na Comunidade do Espírito Santo no dia 27 de março de 1704, onde fez toda a sua formação: tornou-se "padre do Espírito Santo" em 1712; foi, portanto, testemunha ocular de Cláudio ao longo de cinco anos e meio. O seu testemunho – a primeira parte sobretudo – está cheio de referências à personalidade e aos "gostos" do jovem Cláudio. Mostra-nos a caminhada que o conduziu à conversão, com as etapas decisivas dos seus grandes retiros de 1701 e 1702*

[2] *A ortografia de POULLART aparece também grafada como POULLARD ou POULART em certos documentos da época; igualmente "des Places" pode ser escrito "Desplaces".*

[3] *Os três pontos entre parênteses rectos assinalam que o texto original foi aligeirado pela supressão de detalhes edificantes mas sem grande interesse histórico.*

Estas inclinações do jovem Cláudio eram tanto mais de admirar quanto o seu temperamento vivo e turbulento o puxava para outras coisas muito diferentes. [...] Um padre jesuíta, diretor espiritual do nosso jovem estudante, teve conhecimento disso. Mandou-os parar com essas reuniões, receando, dizia-lhes ele, que o amor-próprio prevalecesse ou viesse mais tarde a prevalecer sobre o amor de Deus. Havia ainda o perigo de que o fervor, que já os levava talvez um pouco longe de mais, os levasse a não serem comedidos. Obedeceu ao diretor, mas esta obediência foi para o jovem penitente uma mortificação mais sentida do que as outras.

No entanto, teve de travar duros combates para resistir à tentação do prazer. O seu temperamento levava-o a isso; os convites e os exemplos dos seus colegas aumentavam essa inclinação; mas o amor ao dever e a vigilância do pai e da mãe, muito atentos à educação do filho, não permitiam que ele se desencaminhasse.

[...] Uma vez terminados os estudos primários e o curso de retórica no colégio de Rennes, seu pai, a conselho do seu professor, que tinha uma predileção especial pelo seu aluno, quis que Poullart frequentasse um segundo ano de oratória no colégio jesuíta de Caen, onde aquele ia dar aulas. [...] Ali adquiriu uma grande facilidade de expressão e uma base de eloquência que, mais tarde, lhe serviriam para fazer valer as razões a que recorria para instar à prática da virtude.

[...] Tendo regressado a Rennes, iniciou a filosofia. Normalmente, trata-se de um tempo crítico para os jovens. É que nesse nível são bem menos controlados do que o eram até aí. [...] Como quer que fosse, ele estudou e conseguiu bons resultados em filosofia a ponto de ser escolhido para defender uma tese dedicada ao Conde de Toulouse. Foi uma festa em que não se olhou a despesas. O presidente e os conselheiros do Parlamento participaram no ato, com todas as pessoas da classe alta da cidade e arredores.

Uma vez concluído o curso filosófico, o pai propôs-lhe uma viagem a Paris, não sabemos bem com que objetivo. Talvez a verdadeira e principal razão fosse a de o levar a avistar-se com uma jovem da classe alta que lhe propunham para esposa. Tinha ele, nessa altura, dezoito ou dezanove anos. Essa jovem era dama de honor da Duquesa de Borgonha. Encontrei isto referido numa memória escrita que me foi dada por um dos alunos da Comunidade em quem Cláudio depositava mais confiança e a quem tinha confidenciado pormenores da sua vida.

[...] O jovem des Places, com a firmeza de espírito que o caracterizava, e que o amor não conseguia cegar, não pensava em compro-

meter-se tão cedo. A sua paixão era a glória e a fama; ligar-se a uma mulher pelo casamento seria um obstáculo para avançar nesse caminho. [...] Aliás, a sua inclinação para o estado eclesiástico, revelada já na sua infância, aflorava muitas vezes. Deus dispunha tudo para a realização dos seus desígnios. Foi fácil ao jovem des Places desenvencilhar-se do projeto paterno de querer levá-lo a decidir-se por algo que não lhe agradava de maneira nenhuma.

Tendo regressado a Rennes, parece que se permitiu certas liberdades. Era normal que o deixassem frequentar o mundo mais do que até então, e que lhe dessem dinheiro para se apresentar condignamente. Isso vinha ao encontro dos seus desejos; assim, não olhava a despesas, mas, como os pais não eram mãos largas, tinha de recorrer a expedientes para pagar as contas ou contrair empréstimos, tendo, no entanto, o cuidado de ocultar sob uma boa aparência qualquer irregularidade na sua conduta.

[...] Para fazer as pazes com Deus e recuperar a paz de consciência, um retiro ser-lhe-ia útil. Por outro lado, era tempo de pensar na escolha dum estado de vida; já lhe tinham proposto o casamento, mas ele ainda não tinha refletido bem sobre isso, à vontade. Começou o retiro. Deus falou-lhe ao coração. Ele respondeu com fidelidade às graças que Deus costuma conceder com abundância em circunstâncias como esta. Descobriu que estava desiludido do mundo e ansioso por servir a Deus; ou seja, convertido. [...] Mas não basta formular boas resoluções e começar a pô-las em prática com coragem, há que perseverar até ao fim. [...]. O jovem des Places não perseverou mais do que quarenta dias.

"Para fazer as pazes com Deus e recuperar a paz de consciência, um retiro ser-lhe-ia útil."

[...] Parece que foi então que ele propôs aos pais o projeto de abraçar o estado eclesiástico, pedindo-lhes que o deixassem ir para Paris com o fim de estudar na Sorbona. O Sr. des Places e a esposa eram pessoas religiosas, incapazes de se oporem à vocação do filho. Experimentar era lógico, pensaram eles, quanto a perseverar ou não logo se veria. [...] Responderam-lhe que para ser um bom padre não era preciso ir para Paris, nem ser doutorado pela Sorbona, o que era preciso era ter uma boa formação; [...] e que poderia muito bem fazer a sua teologia em Rennes. Tal proposta não agradou a Poullart, porque a suas ideias sobre o estado eclesiástico não eram tão desinteressadas que não ansiasse por mais liberdade, que de modo nenhum conseguiria se continuasse sob o olhar constante dos pais. Ficou decidido que iria para Nantes estudar direito. Esta decisão ia perfeitamente ao encontro do desejo dos pais e do filho. Permitia-lhe amadurecer a sua vocação; o estudo do direito era necessário no caso de

vir a ser conselheiro e também seria útil para o estado eclesiástico; além disso, o filho desejava ter mais liberdade.

[...] Ter-lhe-ia sido preciso então recordar as grandes verdades que tinha meditado durante o seu retiro, seguir os conselhos de pessoas prudentes, ler livros de piedade, procurar o recolhimento de vez em quando, e deixar de se entregar a uma vida mundana, tal como até ali. [...] Costuma ser desta maneira que a Providência age para conseguir os seus fins. Não nos agrada um certo estado de vida e nem sabemos bem porquê: é uma predisposição para realizarmos os desígnios de Deus. Perturbamo-nos, aborrecemo-nos até que chega o tempo em que reconhecemos que não tínhamos razão para isso porque Deus sabe tirar o bem até duma situação que só víamos como motivo de desagrado.

18. Carlos Besnard[1] – Vida de Luís Grignion de Montfort

Cláudio Poullart des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo, pertencia a uma família muito antiga de Bretanha, da diocese de Saint Brieuc. Nasceu em Rennes a 27[2] de fevereiro de 1679 na paróquia de São Pedro, em São Jorge, e nela foi batizado no mesmo dia do nascimento. A sua mãe consagrou-o à Santíssima Virgem, e em honra dela vestiu-o de branco até à idade de sete anos. Estudou humanidades e filosofia no colégio de Rennes. Foi ali que estabeleceu uma relação estreita com o Sr. de Montfort. Os dois concordaram formar uma associação para honrar de maneira especial a Santíssima Virgem. Reuniam-se em dias determinados, num quarto emprestado por uma pessoa piedosa. [...] Esta associação permaneceu ativa, mesmo depois da saída do Sr. Grignion [sic] para Paris, devido ao zelo e ao esforço do jovem des Places a quem a associação ficara entregue. Foi ele quem a animou e a manteve de pé.

Entretanto, os sonhos da família iam no sentido de Cláudio se mostrar ao mundo. Ele consentiu, talvez até em excesso. A sua paixão dominante era a de sobressair na sociedade. Temos de reconhecer que ele tinha todos os requisitos para se fazer notar. Seu pai resolveu fazer dele conselheiro do Parlamento da Bretanha e a mãe estava tão convencida de que esse ia ser o seu futuro que até lhe tinha comprado a

"os sonhos da família iam no sentido de Cláudio se mostrar ao mundo."

[1] *Carlos Besnard entrou no Seminário do Espírito Santo pouco depois da morte de Poullart des Places. Besnard fez uma recolha de memórias e recordações ainda muito frescas; a relação entre Poullart e Grignion de Montfort confirmou-o na fidelidade à sua vocação; fez-se monfortino, e chegou a ocupar até o cargo de Superior Geral; embora não seja testemunha ocular de Poullart, é uma testemunha muito próxima pela sua história pessoal e pela do seu instituto. Consagrou-lhe uma parte do livro 5 da sua obra sobre Luís Maria Grignion de Montfort.*

[2] *Besnard erra quanto a esta data; Cláudio Francisco foi baptizado a 27 de fevereiro, mas nasceu a 26.*

toga de magistrado [...] Mas Deus iluminou-o com uma luz viva que o levou a dar-se conta de que não era essa a sua vocação. Pediu autorização a seu pai para frequentar a Sorbona e ingressar no estado eclesiástico. Esta opção foi como um raio que fulminasse este respeitável cavalheiro, uma vez que o filho era o único que poderia perpetuar o seu nome e suceder-lhe no cargo. Fez tudo o que estava ao seu alcance para o desviar desse projeto; mas Cláudio permaneceu inflexível e os pais não se atreveram a contrariar uma vocação tão evidente.

Tendo chegado a Paris, entrou no colégio de Clermont [...] A leitura da vida do P. Le Nobletz,[3] missionário, falecido em odor de santidade na Bretanha, ajudou-o muito a desprezar o mundo e a vencer todo e qualquer respeito humano[4].

A partir de então, dedicou as suas poupanças[5] e até parte do necessário, para ajudar uns estudantes pobres a prosseguir os seus estudos; já antes dava todos os dias metade da sua comida a um desses estudantes pobres, que vivia perto do colégio. Isto era o prenúncio do que iria fazer daí a pouco com tal zelo que os frutos perduram ainda hoje. A amizade profunda que nascera entre ele e Grignion, em Rennes, longe de esmorecer com o tempo, aumentava cada vez mais. [...] Desplaces sentiu que Deus queria servir-se dele para povoar o seu santuário e para formar guias e mestres para o seu povo. Descobriu ainda que para o conseguir, o melhor que tinha a fazer era continuar a prover à subsistência dos estudantes pobres, de maneira a eles poderem prosseguir os seus estudos. Não se limitou a estas ajudas materiais. Concebeu o plano de os juntar num apartamento onde ele iria de tempos a tempos fazer-lhes palestras, e de olhar por eles tanto quanto lho permitisse a sua vida no colégio. Deu a conhecer este projeto ao seu confessor, que o aprovou. O

"A amizade profunda que nascera entre ele e Grignion, em Rennes, longe de esmorecer com o tempo, aumentava cada vez mais."

[3] *Michel Le Nobletz (†1652) empreendeu a reevangelização da Bretanha na primeira metade do século XVII, juntando um constante zelo pastoral à prática duma rigorosa disciplina. O livro La vie de M. Le Nobletz, prêtre et missionaire, escrito pelo P. Verjus, Paris 1666, impressionou muito Poullart.*

[4] *Joseph Michel, CSSp, insiste sobre a influência da Assembleia dos Amigos (AA) na consolidação da vida cristã de Poullart, jovem teólogo em Luís-o-Grande, e sobre a sua orientação de fundador. Tendo descoberto nos arquivos s.j. de Toulouse um " billet de bien", reconhece lá Poullart sob anonimato: "Um outro (confrade) sustenta um estudante pobre e paga-lhe a pensão, compra roupas usadas para vestir outras pessoas pobres; faz ainda oito visitas por dia ao SS. Sacramento e comunga três vezes por semana; faz frequentes visitas aos hospitais; duas vezes por semana dá catequese a vinte saboianos (limpa-chaminés) pobres e ajuda-os também materialmente; adverte caritativamente os confrades que não cumprem os seus deveres; bebe só água e come muito pouco e nunca aquilo de que gosta mais". (J. Michel, L"Influence de l'AA sur Claude François Poullart des Places, Paris, 1992).*

[5] *Thomas escreve nas suas Memórias: "O senhor seu seu pai, que sabia economizar, só lhe dava uma pensão de oitocentas libras. Era uma pensão bastante módica para um jovem da sua idade. No entanto, ele arranjava maneira de dar grande parte dela aos pobres. Ajudava preferencialmente os pobres envergonhados, e tinha um jeito maravilhoso de os poupar a constrangimentos".*

diretor do colégio foi mais longe: prometeu secundá-lo nesta boa obra concedendo-lhe uma parte da comida que sobrava das mesas dos alunos do colégio para ajudar à subsistência de seus estudantes pobres.

Ao mesmo tempo, o Sr. de Montfort concebia também um outro projeto digno do seu grande coração. Consistia em procurar clérigos animados de um mesmo espírito e associá-los a si para formar com eles uma Companhia de homens apostólicos. [...] Logo pôs os olhos em Desplaces pedindo-lhe que o ajudasse na realização desse projeto. Foi vê-lo, apresentou-lhe o seu plano e convidou-o a juntar-se a ele para a fundação dessa boa obra. Desplaces respondeu-lhe com toda a franqueza: " *Não me sinto nada atraído pelas missões; estou, porém, consciente do enorme bem que nelas se pode fazer e, por isso, tudo farei para colaborar consigo, fielmente e com afinco. Sabe que, já desde há uns tempos, estou a repartir tudo aquilo de que disponho com uns estudantes pobres para os ajudar a prosseguir os seus estudos. Conheço alguns com grandes qualidades e que, por falta de recursos, as não podem fazer render, e são obrigados a enterrar talentos que poderiam ser muito úteis à Igreja se fossem cultivados. Quero dedicar-me a esta tarefa juntando-os todos numa só casa. Parece-me que é isto o que Deus me pede e fui confirmado nesta minha ideia por pessoas esclarecidas, uma das quais até me deu a entender que me ajudaria no sustento destes estudantes. Se Deus me conceder a graça de ser bem sucedido, poderá contar com missionários. Eu preparo-os e você emprega-os. Assim ficaremos os dois satisfeitos". [...]*

Des Places começou por alugar um quarto na rua dos Cordiers, perto do colégio, e ali acolheu os estudantes pobres a quem já prestava assistência e cujas boas disposições bem conhecia. Os progressos em toda a linha destes primeiros discípulos era muito notório o que atraiu outros excelentes candidatos. Pensou, por isso, em alugar uma casa para terem mais espaço. Em pouco tempo formou-se uma comunidade de clérigos[6], para os quais redigiu regras cheias de sabedoria, examinadas e aprovadas por pessoas de grande experiência. Ele mesmo era o primeiro a cumprir o que recomendava aos outros. Não se contentava só com fazer-lhes frequentes preleções, tinha o cuidado de lhes proporcionar retiros, convidando para os orientar pessoas de entre as mais qualificadas neste ministério. Aproveitava mesmo todas as oportunidades para lhes facultar alguns exercícios de piedade. Convidava a acompanharem-no à sua comunidade alguns dos seus amigos que o iam ver e que tinham o dom da palavra. [...]

"Des Places começou por alugar um quarto na rua dos Cordiers, perto do colégio, e ali acolheu os estudantes pobres a quem já prestava assistência e cujas boas disposições bem conhecia."

Mas quando Des Places[7] se entregava totalmente aos cuidados exigidos pela sua comunidade nascente, e se esgotava com austerida-

[6] ***"O Sr. Cláudio Francisco Poullart des Places, em mil setecentos e três, na Festa de Pentecostes, sendo ainda aspirante ao estado eclesiástico, começou a fundação da dita Comunidade e Seminário consagrado ao Espírito Santo sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado" (extrato dum registo CSSp, copiado in "Gallia Christiana", 1744).***

[7] ***Graças à partilha das suas responsabilidades, Poullart pôde concluir os estudos teológicos; foi ordenado subdiácono a 18 de dezembro de 1706, diácono a 19 de março de 1707 e padre a 17 de dezembro seguinte.***

des, foi atacado por uma pleurisia aliada a uma febre persistente e a cólicas violentas que durante quatro dias lhe provocaram dores horríveis. Estas dores não conseguiram arrancar-lhe nenhum queixume, nem sequer uma só palavra de impaciência. Davam-se conta da atrocidade dos seus sofrimentos apenas pelos atos de resignação que recitava. O desfalecimento da sua natureza parecia emprestar-lhe novas forças para constantemente repetir as palavras do santo rei David: "*Como são amáveis as vossas moradas, Senhor do universo! A minha alma suspira e anseia pelos átrios do Senhor!* (Sl. 83, 2-3).

Logo que se soube em Paris da gravidade da sua doença, muitas pessoas distintas por sua piedade e posição social, vieram visitá-lo [...]. De manhã cedo recebeu a unção dos enfermos em perfeita consciência e plena liberdade de espírito, e expirou docemente às 5 horas da tarde do dia 2 de outubro do ano de 1709, com a idade de 30 anos e 7 meses.

"Assim foi a vida do santo e célebre P. Des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo em Paris..."

Assim foi a vida do santo e célebre P. Des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo em Paris...

Todos sabem qual o destino dos jovens clérigos educados no Seminário do Espírito Santo. Formados para o exercício de todas as funções próprias do ministério sagrado e para a prática de todas as virtudes sacerdotais, e estimulados ainda pelo exemplo de diretores sábios, são dotados em alto grau de capacidade de desprendimento, de zelo, e de obediência. Dedicam-se ao serviço e às necessidades da Igreja com a única intenção de a servir e de lhe ser úteis. Vemo-los dóceis aos seus superiores e prontos, ao mínimo sinal de comando (sempre de acordo com os bispos), a responderem qual corpo de reservistas, dispostos a irem para qualquer lado em que seja preciso trabalhar pela salvação das almas, dedicando-se de preferência à obra das missões, tanto estrangeiras como nacionais, oferecendo-se para viver nos lugares mais pobres e abandonados, para onde é mais difícil achar quem queira ir. Quer se trate de ser mandado para um lugar remoto de província ou sepultado num canto qualquer dum hospital, de dar aulas num colégio ou num seminário, ou de ser diretor duma comunidade pobre, deslocar-se até aos confins do reino ou levar nele uma vida sacrificada, quer se trate até de cruzar os mares e ir até aos confins do mundo para conquistar uma alma para Jesus Cristo, a divisa deles é: "*ecce ego, mitte me*"[8] (Is.6, 8).

[8] *"Eis-me aqui, enviai-me".*

19. Na intimidade com Poullart des Places

Lembrai-vos daqueles que vos pregaram a palavra de Deus, considerai o êxito da sua conduta e imitai a sua fé. (Heb. 13, 7). Para ter o espírito de uma Congregação é necessário tratar de tomar o do seu fundador (P. Libermann, ND. I, p. 385). Reverte em bem da Igreja que os Institutos mantenham a sua índole e função particular; por isso sejam fielmente reconhecidos e guardados o espírito e propósitos dos Fundadores bem como as suas tradições, que constituem o património de cada Instituto (P. C. 2b).

Um ano jubilar para inspirar-se e ganhar coragem – Quando me dispunha a redigir um comentário sobre os escritos do nosso primeiro Fundador, que me foi pedido para este número especial de "*Missão Espiritana*", comemorativo do tricentenário da sua morte, lembrei-me de que já tinha sido publicado no nº 3, de Fevereiro de 2003 (pp.105-122) desta revista, um artigo meu titulado "Com a força do Espírito ao encontro dos pobres", baseado nesses escritos. Seria quase impossível, portanto, não repetir-me. Por outro lado, sobre esse tema dispomos de um esplêndido comentário da autoria do falecido Superior Geral, o bom e sábio P. Joseph Lécuyer: "*Relendo Poullart des Places*", publicado nos números 3, 4 e 5 de "*Cahiers Spiritains*" (1977-78), boletim do Grupo de Estudos Espiritanos.

Muitos outros trabalhos têm sido feitos nos últimos anos, trabalhos de revisão crítica, de estudo da personalidade do nosso jovem

---

* *Joaquim Ramos Seixas, espiritano português. Vive e trabalha na Província espiritana de Espanha desde 1960 onde, para além de formador, animador missionário e muitos outros serviços e funções, também foi provincial. Foi membro do grupo de especialistas e estudiosos da espiritualidade espiritana, formado pelo Conselho Geral em 1979. Levou a cabo um vasto trabalho de tradução para castelhano dos textos fundacionais da Congregação em 6 volumes.*

Fundador, da sua espiritualidade em que esses escritos são base e, ao mesmo tempo, fonte de inspiração de oportunas reflexões sobre a actualidade das suas intuições evangélicas e apostólicas, facilitando assim a sua aplicação, com verdadeira fidelidade criativa, no nosso serviço à Missão universal da Igreja nas situações de maior pobreza, abandono e necessidade.

Como vamos ter a rica oportunidade de celebrar o tricentenário da sua morte, pensei que se nos oferecia, como na ainda recente celebração do "ano jubilar espiritano", (2002-2003) uma nova ocasião propícia para acabar, de uma vez, com esse histórico "esquecimento" a que tinha estado votado o P. Poullart des Places. É edificante a humildade da "confissão" que faz o P. Lécuyer, (de cujo amor à Congregação e seus Fundadores ninguém duvida) na introdução ao tema "*En relisant Poullart des Places*": "*Com confusão o digo, descuidei muito o conhecimento dos escritos e da obra de Poullart des Places. Seria temerário pensar que, provavelmente se passa o mesmo com muitos dos meus confrades espiritanos?*"[2]. Também não esquecerei nunca a admiração que me causou o desabafo espontâneo de outro alto cargo da Congregação que, assistindo a uma conferência que me tinha sido pedida sobre o carisma espiritano, me dizia: "Nunca ouvi falar do P. Poullart des Places como hoje; confesso a minha ignorância! Urge dar a conhecer a grande figura que é o nosso primeiro Fundador."

"Urge dar a conhecer a grande figura que é o nosso primeiro Fundador."

A este anelo urgente de o conhecer e tornar conhecido responde, sem dúvida, com todas as suas propostas, sugestões e programas, a circular do nosso Superior Geral e seu Conselho convocando toda a Família Espiritana à celebração do tricentenário da morte de Poullart des Places, "*nova ocasião de encontrar coragem e inspiração na vida do nosso primeiro Fundador*".[3] E notemos que não se trata só de conhecer melhor a nossa história e o nosso Fundador: trata-se de amá-lo, venerá-lo, reconhecendo a santidade da sua vida e, portanto, tomá-lo como modelo de doação a Deus ao serviço da salvação dos homens mais necessitados.

O que podia eu fazer, portanto? Declinar o pedido teria sido o mais fácil. No entanto, parecia-me uma cobardia. Surgiu-me então a ideia de que podia ser útil falar com simplicidade da minha experiência pessoal, tanto no referente às principais facetas e atitudes inspiradoras que capto na leitura dos seus escritos e na sua conduta, como na ajuda e encorajamento que recebi em determinados momentos e dificuldades, podendo despertar, deste modo, interesse, afecto e "*devoção*" pelo nosso "*santo fundador*" (é a minha convicção particular e íntima...).

Confio que isto não seja tomado como presunção da minha parte, pois não pretendo pôr-me como modelo para ninguém e muito menos como juiz. Unicamente testemunho que vale a pena essa inti-

[2] ***Cahiers Spiritains, nº 3, p. 3.***

[3] ***Carta do Superior Geral de 26 de Fevereiro de 2009.***

midade com Poullart des Places e deixar-se interpelar por um homem que, vivendo uma vida cristã bastante séria e intensa, no entanto sentia insatisfação íntima com o seu modo de vida; parecia-lhe que Deus tinha para ele desígnios de predilecção e o chamava a um estado mais elevado de perfeição. Tendo reconhecido a ingrata indiferença e fuga à "perseguição" amorosa de Deus, dispôs-se com valentia e generosidade a deixar-se guiar docilmente pelo caminho que lhe fosse mostrado, tornando-se o instrumento eficaz para realizar a obra que lhe foi inspirada e modelo de como dar atenção, acolher e deixar-se conduzir no cumprimento da vontade de Deus.

Com esse propósito procurarei apontar: 1º as disposições mais significativas que nos desperta Cláudio acompanhando-o nas suas reflexões espirituais; 2º um pequeno testemunho pessoal; e reunir num pequeno ramalhete espiritual[4] alguns pensamentos de Poullart des Places que nos ensinem e estimulem a seguir o seu exemplo para nos sentirmos verdadeiros discípulos seus.

1 – MEDITAÇÃO PESSOAL DOS SEUS ESCRITOS: CLÁUDIO NOS INTERPELA E INSPIRA...

Ninguém, entre nós, menos familiarizado com esta parte da nossa história, pelo motivo que seja, deixe passar esta oportunidade para fazer uma leitura pessoal desse rico tesouro, hoje, felizmente, já ao alcance de toda a Família Espiritana em diversas línguas, podendo assim entrar na intimidade com Poullart des Places, conhecê-lo por dentro através do que ele próprio escreveu e nos revelou da sua vida com comovedora sinceridade e simplicidade.

"entrar na intimidade com Poullart des Places, conhecê-lo por dentro através do que ele próprio escreveu e nos revelou da sua vida com comovedora sinceridade e simplicidade."

Mais autêntico e benéfico do que ler o que outros dizem ter captado e sentido ao ler esses escritos, é fazer uma experiência pessoal directa, entrar em empatia com a sua alma inquieta que se abre através das suas próprias expressões de homem culto e maduro, senti-la vibrar com a sua experiência de Deus, as suas reacções humanas, as suas debilidades e virtudes, os conflitos da sua delicada consciência e a grandeza de alma por ele posta nas opções que fez, na sua firmeza moral para ser-lhes fiel com a ajuda da graça divina, custasse o que custasse, na sua docilidade a Deus cheia de amor, de confiança e abandono, de humildade e de generosidade.

Com esta afirmação não quero negar o valor do que escrevem os biógrafos, os investigadores, os comentaristas (estaria atirando pedras ao meu próprio telhado!), e a importância que tem a sua leitura para ampliar conhecimentos, comparar experiências e sensibilidades. Mas esta será enriquecedora sobretudo quando se tem a experiência pessoal, particularmente quando se trata da vida espiritual. Expondo esta opinião recordo o conselho do Venerável P. Libermann a respei-

[4] *Nota da edição: Este conjunto de Pensamentos encontra-se em secção à parte, nesta publicação.*

to da leitura dos comentários bíblicos: esta não podia nunca dispensar, e muito menos substituir, a leitura directa da Palavra de Deus e a acção interior do Espírito Santo, o verdadeiro Mestre espiritual, através da "lectio divina".

Ponto de partida: conversão a uma vida de fé comprometida – Sobre toda essa história de fé comprometida, de caridade ardente e de generoso sacrifício, que nos é revelada em primeira mão pelo protagonista nas suas "*Reflexões sobre as verdades da fé*"[5], e "*eleição de um estado de vida*" foi alicerçada e posta em pé a obra apostólica e missionária pela qual o nosso venerando Fundador, tendo experimentado e saboreado a benevolência e ternura amorosa de Deus, anelava retribuir-lhe tanto amor, paciência e bondade a seu favor, dando-o a conhecer aos pagãos, aos pecadores, à gente mais pobre e abandonada da sociedade, que não têm a felicidade de conhecer esse amor misericordioso no meio de todo o drama do seu sofrimento, dor e pecado.

Este duplo amor a Deus e aos homens, (na realidade, é um único e mesmo amor por inseparáveis que são) que está na génese da obra de Poullart des Places é o fundamento da nossa vocação missionária estabelecido na Regra de Vida Espiritana e experimentado por cada um de nós no contexto da própria história: "*O Espírito derrama em nossos corações o amor do Pai (cf Rom. 5,5), que suscita em nós o zelo apostólico. Este manifesta-se por um grande desejo de ver este amor estabelecer-se em todos os homens.*"[6]

"Com uma fortaleza moral admirável, feita de abnegação e renúncia bem alicerçadas em fortes motivações de fé e humildade, controla e domina a sua tendência predominante e inimiga mais sensível, a ambição e vanglória, elegendo uma vida pobre e humilde"

Para bem compreender todo o seu alcance e descobrir em profundidade a quinta essência do seu carisma, é necessário "escutar" a conversa íntima e confidencial que ele mantém com a sua consciência e com o seu coração, os desabafos com Deus em forma de oração filial espontânea, a confissão das suas culpas, cobardias e indelicadezas como resposta ingrata a tantas mostras de amor, de ternura e paciência de Deus, sentindo o seu coração pulsar de penitência e dor, de amor fiel e sem limite, total e exclusivo, comprometer tudo quanto é e pode, com a ajuda da graça divina, numa luta sem quartel para não o perder nem lhe desagradar.

Com uma fortaleza moral admirável, feita de abnegação e renúncia bem alicerçadas em fortes motivações de fé e humildade, controla e domina a sua tendência predominante e inimiga mais sensível, a ambição e vanglória, elegendo uma vida pobre e humilde, aceitando e até pedindo a Deus desprezos e humilhações para abater o seu orgulho e vanglória: uma verdadeira conversão contínua!

A leitura frequente e familiar das reflexões dos escritos de Poullart des Places e da sua história, sobretudo em ocasiões de certa tibieza e relaxamento espiritual a que nos sujeita a nossa debilidade humana, da qual fazemos tão triste experiência cada dia nas complexas situações e

[5] ***Nota da edição: Ver Escritos de Poullart des Places, nesta publicação, pg. 17-70.***
[6] ***RVE nº 9.***

condicionamentos do nosso trabalho missionário, as suas reflexões e conduta, repito, são uma forte e revulsiva interpelação que, por outro lado, dispõe, anima e conduz a retomar o caminho de uma conversão contínua, se queremos ser dóceis ao Espírito, como nos adverte a nossa Regra de Vida Espiritana: *"O Espírito chama-nos a uma conversão contínua... e prepara-nos para o dom total de nós mesmos pelo Reino"*[7].

Exemplar discernimento vocacional – Em momentos de dúvidas e hesitações que exigem discernimento no Espírito e decisão, Cláudio é um modelo de procedimento tanto no aspecto humano e psicológico como no aspecto espiritual. Na segunda parte do seu "retiro de conversão" destinada à eleição do estado de vida concreto no qual há-de levar à prática os desejos, os propósitos e promessas de conversão a uma vida nova, é particularmente exemplar e fascinante o processo e método que utiliza e descreve no seu caderno *"Eleição de um estado de vida"*[8]. Com a introspecção e o auto-retrato que faz da sua personalidade, o exame rigoroso, detalhado e íntimo a que submete com sincera objectividade a sua consciência, pesando prós e contras para descontaminar de preconceitos e paixões a mente e o coração, logra, junto com a oração, definir as motivações, uma verdadeira pureza de intenção e liberdade de espírito, desprendimento e disponibilidade, que são o clima psicológico e espiritual necessário para descobrir e acolher docilmente a manifestação do Espírito e a vontade de Deus que são o objectivo de todo discernimento espiritual. Por isso, lograda essa "santa indiferença" e confiando na força da graça divina, pôde comprometer-se de forma tão categórica: *"Estou decidido, Senhor, a seguir o caminho que me indicardes"*[9].

"Estou decidido, Senhor, a seguir o caminho que me indicardes."

A eleição desta atitude de disponibilidade de Poullart des Places como lema para a celebração do novo ano jubilar aponta-nos uma das grandes necessidades da nossa vida comunitária e individual no meio da complexidade de situações em que nos movemos: o discernimento espiritual. Poullart des Places dá-nos um bom exemplo de como prepará-lo, realizá-lo (disposições humanas e espirituais) e cumpri-lo.

"uma das grandes necessidades da nossa vida comunitária e individual no meio da complexidade de situações em que nos movemos: o discernimento espiritual."

Espírito de fé nas mediações divinas – Neste discernimento espiritual de Cláudio, além do processo de análise e introspecção, há outra faceta importante que é o espírito de fé na mediação divina através dos meios humanos propícios para melhor conhecer os objectivos, julgar os prós e contras das possíveis soluções e lograr uma verdadeira liberdade e indiferença indispensáveis para a disponibilidade da vontade e para a docilidade na acção. Destas mediações na

[7] *RVE nº10.*

[8] *Nota da edição: Ver Escritos de Poullart des Places, nesta publicação, pp.....*

[9] *Nota da edição: Este é o lema escolhido pelo Conselho Geral para a celebração do tricentésimo aniversário da morte de Cláudio Poullart des Places.*

conduta de Poullart des Places destaco o papel do diretor espiritual a cuja direção se confia com total confiança e submissão porque vê nele o representante de Deus. Sem dúvida que esta atitude interpela fortemente a mentalidade independentista de individualismo, auto-suficiência e liberdade, tantas vezes mal compreendida, do nosso tempo em que, por falta de uma séria escala de valores morais, de informação e conselho, a reserva, a imprudência e a precipitação são causa de tantos erros e tragédias.

"Com a ajuda do seu diretor espiritual, Cláudio superou o estado angustioso de indecisão"

Com a ajuda do seu diretor espiritual, Cláudio superou o estado angustioso de indecisão a que o conduziu o rigoroso juízo a que tinha submetido o seu coração: a eleição final foi seguir a vida eclesiástica para a qual iniciou a sua formação teológica no colégio Luís-o-Grande dos Jesuítas, em Paris.

Um regulamento particular – É igualmente edificante o procedimento do jovem advogado convertido a uma vida nova de fé e piedade, decidindo consagrar-se ao serviço de Deus e tomando todas as precauções para cumprir com fidelidade as resoluções tomadas no seu retiro e realizar o seu projecto de vida: os estudos eram, certamente, parte importante, mas sempre tinha sido um excelente aluno nas ciências humanas e as suas disposições eram esplêndidas para o estudo das ciências eclesiásticas. Porém, era imprescindível alimentar e desenvolver as disposições espirituais que Deus lhe tinha feito experimentar durante o retiro, e que eram fundamentais da nova vida pela qual tinha optado. Se ele tinha, por temperamento, certa tendência para o conforto e a "preguiça", mas porque não era homem de fazer as coisas a meias, impôs-se um "*regulamento particular*" e o propósito firme de regularidade.

Desse programa pessoal que considerava vontade de Deus, só chegaram até nós alguns fragmentos. Porém, os temas que eram objecto das suas meditações (os seus pecados, não por temor ao castigo mas sim pelo amor de Deus, a Paixão e morte de Jesus, o Santíssimo Sacramento do altar) assim como as práticas de devoção e exercícios de piedade descritos nesses fragmentos, revelam muito de como era a vida espiritual do jovem advogado clérigo: uma intensa vida de oração, de austeridade e mortificação, sustida pelos sacramentos da Eucaristia e Penitência, alimentava os seus anelos de amor de Deus, o horror ao pecado ou às imperfeições que pudessem debilitar esse amor ou dificultar-lhe a presença habitual de Deus.

Todo o alcance deste regulamento e programa é completado pelo que nos revela a sua "revisão de vida" que faz num novo retiro, atormentado por uma angustiosa "crise" espiritual, a verdadeira "noite escura" de que falam os autores místicos, e nos deixou relatada no seu caderno de "*Reflexões sobre o passado*".

A vida diária de regularidade, de piedade e de docilidade aos propósitos tomados foi para ele de aprofundamento espiritual e de preparação para grandes decisões das quais a primeira foi, ao receber a

tonsura e vestir a batina de clérigo, assumir o espírito da sua nova condição eclesiástica que o apartava do espírito do mundo. Foi tão notória a mudança que o P. Thomas, seu companheiro e primeiro biógrafo, escreveu: "*Viram-no, dum momento para o outro, no meio do colégio tão numeroso onde era conhecido, abandonar o brilho e as maneiras do mundo para se revestir ao mesmo tempo do hábito e da simplicidade dos eclesiásticos mais reformados. Não se incomodou com o que poderiam dizer*". [10]

A EUFORIA ESPIRITUAL DO "TABOR" DISPÕE PARA A RENÚNCIA E O MISTÉRIO DA CRUZ

Na primeira parte das suas "*Reflexões sobre o passado*" Cláudio recorda os momentos de fervor que teve a felicidade de experimentar no começo do seu regresso a Deus, de tal maneira que "*não podia pensar senão em Deus*": era tal o desejo de amá-lo que "*renunciaria aos mais legítimos apegos da vida*". E confessava cheio de amor: "*Tive o prazer de viver deste modo durante dezoito meses, demasiado feliz por ter aumentado, como devia estes começos de regularidade*". A imagem que utiliza, e que eu sublinho, é bem expressiva do enlevo da sua felicidade: "*Os meus olhos não secavam quando podia estar sozinho meditando os meus desvarios e a misericórdia de Deus. A qualquer esforço meu de aproximação do Senhor,* ***este Mestre carinhoso levava-me léguas inteiras sobre os seus ombros.***"[11]

Dois factores externos ao seu projecto pessoal contribuíram para intensificar e orientar este fervor sensível: a leitura da vida do P. Nobletz e uma associação piedosa, a "Assembleia de amigos" formada pelos alunos mais piedosos do colégio. A reputação de santidade do seu patrício Nobletz e certas coincidências da vida de ambos, sobretudo a tendência dominante de ambição, vanglória e vaidade que lhes era comum, arrastaram Cláudio a seguir o seu exemplo de renúncia e desprendimento do mundo, uma aceitação até mesmo alegre, do desprezo e das humilhações: uma vida de humildade e de pobreza voluntária, cada dia mais intensa e rigorosa, por amor a Deus e aos pobres.

Estas disposições encontravam no ambiente, orientações e actividades da "Assembleia de amigos" um clima propício de animação que contribuía ao mesmo tempo para motivá-las, dar-lhes o espírito evangélico e orientá-las para um apostolado especialmente com os mais pobres e necessitados. Poullart des Places, que no seu tempo de adolescente e mais jovem tinha praticado este género de apostolado, retomava-o agora com renovado espírito de caridade, prática da humildade em seguimento de Jesus pobre e amigo dos pobres e dos humildes.

Neste clima espiritual de fervor crescia necessariamente o seu espírito e zelo apostólico que abrangia os necessitados de Deus, os

[10] *Koren, Écrits Spirituels... Mémoire Thomas, p.256.*

[11] *Cf. Écrits- Réflexions sur le passé, pp.66...69.*

"A sua fé e a sua caridade se uniam ao desejo de humildade, de desprendimento e de renúncia dando satisfação às suas ânsias de santidade."

pagãos que não o conheciam, os pecadores que viviam afastados dEle, e todos quantos sofriam física, material ou espiritualmente. A sua fé e a sua caridade se uniam ao desejo de humildade, de desprendimento e de renúncia dando satisfação às suas ânsias de santidade. Estas encontrariam a plena realização se pudesse gastar-se levando Deus às almas e as almas a Deus e culminasse a sua existência dando a vida "*até à última gota do seu sangue por Aquele cujos benefícios tinha sempre presentes*".

Cláudio Fundador. Este dinamismo espiritual e apostólico permitiu que Cláudio entrasse em contacto com o ambiente social do bairro, especialmente com o mundo juvenil indo de encontro a dois sectores de pobreza aos quais dedicou a sua atenção: primeiro os jovens saboianos dedicados ao duro trabalho de limpa-chaminés com os quais contactava e lhes dava catequese. Outro sector jovem e pobre, cuja situação tinha um alcance para além das necessidades pessoais e familiares, era o numeroso grupo conhecido como "*os escolares pobres*": jovens aspirantes à vida sacerdotal, sem recursos económicos, vindos das diferentes zonas de França, que eram obrigados a buscar-se um trabalho para sobreviver, restando-lhes pouco tempo para os estudos e formação espiritual. As consequências desta situação eram incalculáveis humana e espiritualmente para a pessoa mesma dos futuros sacerdotes (os que conseguiam superar exames e ser ordenados), para a qualidade da sua acção sacerdotal e para as futuras comunidades cristãs confiadas à sua acção pastoral. A história da Igreja é dolorosamente eloquente ao expor este inqualificável problema que estremece qualquer pessoa de fé e amor à Igreja.

Conhecendo a alma de Cláudio Poullart des Places e o entusiasmo eufórico, expresso nas suas reflexões, de entregar-se à vida missionária entre infiéis, podemos calibrar os seus sentimentos ante tal situação, quer pelo número de jovens afectados por ela, quer por todas as suas consequências. Solidarizando-se com o sofrimento destes estudantes pobres, a sua espontânea reacção foi deitar mão dos poucos meios ao seu alcance e ajudar aqueles que pudesse nas suas necessidades materiais e espirituais, começando por privar-se de parte do seu alimento, reduzir ao indispensável os gastos pessoais, buscar ajudas entre amigos e conhecidos, reunir as sobras do refeitório do colégio...

"Solidarizando-se com o sofrimento destes estudantes pobres, a sua espontânea reacção foi deitar mão dos poucos meios ao seu alcance e ajudar aqueles que pudesse nas suas necessidades materiais e espirituais"

A experiência era demasiado forte para ficar-se na simples compaixão. Reflexivo e observador como era, zeloso dos interesses de Deus e da Igreja, solidário com os pobres e necessitados, foi tomando consciência do gravíssimo problema vocacional dos jovens que aspiravam ao sacerdócio que, por falta de recursos económicos, ou não podiam aceder a ele ou, se o conseguiam, era com uma formação intelectual, teológica e espiritual muito deficiente.

Esta problemática vocacional preocupava-o deveras, tanto mais que estava na história de todos os sacerdotes que formavam o

numerosíssimo sector do chamado "baixo-clero" que, em geral, assistia as paróquias rurais, onde era cada dia mais palpável a degradação da vida cristã por falta de formação religiosa, indiferença pela vida da Igreja ou afastamento total por causa da falta de bom exemplo dos seus pastores. Os leitores conhecem bem esta etapa histórica da Igreja e como o Concílio de Trento procurou solucionar este grave problema com a reforma do clero que, por razões políticas, a Igreja de França, assolada pelo galicanismo, tardou em pôr em prática.

"*No coração de Cláudio,* – resume Henry Le Floch *o estado de alma do piedoso advogado clérigo – cresciam dois sentimentos: o zelo apostólico e o amor ao pobre. A chispa do Alto saltou e estes dois sentimentos que, apesar da sua afinidade, estavam separados, de repente fundiram-se intimamente*".

Cláudio, desde a sua adolescência, tinha a sensação de que "*Deus queria servir-se dele para encher o seu santuário de mestres e guias*", sentimento que lhe esteve muito presente durante o seu retiro de conversão. Sem pensá-lo, a experiência dos seminaristas pobres tinha-o posto providencialmente nesse caminho: a sua caridade divulgou-se rapidamente e o número dos necessitados cresceu: não só os socorria materialmente senão que procurava reuni-los num quarto para ajudá-los na sua formação intelectual e espiritual. Cláudio vai sendo levado pela força irresistível de dar assistência ao pequeno grupo: já é para ele como a sua família cujas necessidades tem que resolver dia a dia. Pouco a pouco, foi alugando quartos para eles no mesmo edifício. Simultaneamente foi nascendo na sua mente e no seu coração um possível projecto que expôs com simplicidade ao seu confessor, e este deu-lhe a sua aprovação, assim como outras pessoas por ele consultadas.

"Cláudio, desde a sua adolescência, tinha a sensação de que "Deus queria servir-se dele para encher o seu santuário de mestres e guias", sentimento que lhe esteve muito presente durante o seu retiro de conversão."

Entretanto, surge no cenário o grande amigo e companheiro de estudos e vida de piedade, dos tempos de Rennes, Luís Grignion de Monfort, que lhe propõe um projecto apostólico totalmente coincidente com os anseios de Cláudio: santificar-se e servir a Deus. Tratava-se da fundação de uma congregação de pregadores de missões para a qual esperava contar com ele. O momento da manifestação dos desígnios de Deus tinha chegado para que Cláudio se decidisse e declarasse o rumo definitivo da sua vida: a obra das vocações sacerdotais pobres e a sua formação em ciência e em virtude para exercer dignamente o seu ministério sacerdotal. E não só que fossem santos sacerdotes, senão que, desejando seguir a Jesus pobre e obediente, amigo dos pobres e humildes, estivessem dispostos e disponíveis para os ministérios mais humildes e ao serviço dos mais necessitados.

À proposta do seu amigo, Poullart des Places respondeu de forma concisa, mas explícita e sem dar lugar a réplica: "*Não me sinto atraído pelas missões, mas reconheço o muito bem que por elas se pode fazer... Há já algum tempo que eu distribuo tudo o que está ao meu alcance para ajudar estudantes pobres a fazerem os estudos. Conheço vários que teriam disposições admiráveis e, por falta de ajuda não as podem fazer*

valer, sendo obrigados a enterrar os talentos que seriam úteis à Igreja, se fossem cultivados. Desejaria dedicar-me a isso juntando-os numa casa. Creio que é o que Deus me pede e várias pessoas esclarecidas mo confirmaram e tenho esperança na sua ajuda para a subsistência".[12]

Nesta poucas palavras Cláudio revela quanto é sensível aos problemas da Igreja e da sociedade do seu tempo: abrange três graves situações: as vocações sacerdotais, a formação, organização e distribuição do clero e, como consequência de tudo isto, a deficiente vida cristã das comunidades e a sua evangelização. Os objectivos da obra cujos alicerces ele estava começando a lançar, eram evidentes ainda que não fosse possível adivinhar-lhe a sua futura evolução segundo as exigências das mudanças contínuas que sofre a comunidade humana.

De todos é conhecido o resultado da entrevista: Cláudio decidiu deixar o colégio dos Jesuítas e, com o seu apoio e amizade, passou a viver com os seus rapazes pobremente como eles e em comunhão com eles, pondo ao serviço do grupo a pensão que recebia dos seus pais, ao mesmo tempo que procurava ajudas para que todos pudessem sobreviver e estudar. Com a sua presença e assistência a experiência comunitária do grupo foi tão benéfica que no dia 27 de Maio de 1703, depois de um retiro espiritual de preparação, o grupo (Cláudio e 12 estudantes), perante a imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Igreja de "Saint-Etienne-des-Grés de Paris, se consagrou ao Espírito Santo sob a protecção da Santíssima Virgem concebida sem pecado.

Este acto inaugura formalmente a obra que no futuro se chamará Seminário do Espírito Santo, exclusivamente para seminaristas verdadeiramente pobres, berço da Congregação do mesmo nome que, desde então, mantém vivo o espírito apostólico inspirado pelo Espírito Santo ao jovem advogado clérigo para servir a Missão salvífica universal da Igreja entre as gentes mais pobres, material e espiritualmente e nos ministérios mais humildes, menos desejados, para os quais a Igreja mais dificilmente encontra obreiros.

Se a "Obra dos escolares pobres" nasceu espontaneamente da fé, caridade e zelo apostólico ardente de Cláudio Poullart des Places, não podia crescer e desenvolver-se deixada à mesma espontaneidade, sem definir bem os seus fins e os meios adequados para os realizar. Confiando, sem dúvida, na acção da Providência que se manifestará nos acontecimentos da experiência quotidiana, atitude que vai ser fundamental no espírito da obra que há de viver a pobreza e servir os pobres, Cláudio redige com espírito de fé, sabedoria e esmero, os *Regulamentos gerais e particulares*[13] nos quais plasma as coordenadas do espírito da obra, as suas intuições e alcance da inspiração fundacional. "*Em pouco tempo* – escreverá o P. Besnard – *ele formou uma comunidade de eclesiásticos a quem deu regras cheias de sabedoria*".[14]

"Em pouco tempo ele formou uma comunidade de eclesiásticos a quem deu regras cheias de sabedoria."

[12] ***Koren: Besnard p. 280.***

[13] ***Nota da edição: Ver Escritos de Poullart des Places, nesta publicação, pp.....***

[14] ***Koren, Besnard, p. 284.***

Este escrito estabelece os fundamentos da selecção, admissão e formação dos candidatos, as normas para a vida diária da comunidade a todos os níveis. Sobre ele será elaborada a primeira Regra da Congregação e estabelece os pilares sobre os quais Poullart des Places fundou a sua obra e que o Superior Geral, P. Hoch, sintetizou em três: "*conversão pessoal, vida comunitária e serviço aos pobres*", que tomarei como tema noutra oportunidade. Não menos importante é a segunda parte das "*Reflexões sobre o passado*" que dão o verdadeiro relevo à figura do Fundador e à acção fecunda do Espírito Santo que "sopra" onde, como e quando quer para conduzir "suave e fortemente" as almas que escolhe como instrumentos para a salvação do mundo.

2 – O EXEMPLO DE CLÁUDIO ARRASTA E DÁ CORAGEM: TESTEMUNHO PESSOAL

O meu primeiro retiro e Poullart des Places. É lógico que me interpele: e qual é minha experiência e o grau de devoção por Poullart des Places?

Pois bem! Eu ia fazer 14 anos quando ouvi falar pela primeira vez de Cláudio Poullart des Places. O então diretor do Seminário menor do Espírito Santo na Guarda-Gare, o P. Fernando Moreira, de santa memória, pregava o nosso primeiro retiro de seminaristas espiritanos do primeiro ano de formação, na Quaresma de 1938. Era a primeira vez que eu fazia um retiro... Já não conservo o que então escrevi.. Mas ficou-me gravado para sempre o exemplo que o nosso diretor nos deu explicando-nos como o nosso Fundador fez um retiro para escolher o seu definitivo "estado de vida", discernir a sua vocação.

Impressionou-me como esse jovem advogado experimentou, no desenrolar da sua história, o amor misericordioso de Deus cuja graça derrubou a sua pertinácia em fugir à amorosa "perseguição" divina que o convidava a dar melhor destino aos seus talentos. Sobretudo, nunca mais esqueci a admiração que me causou o retrato que esboçou da sua personalidade, o "diálogo com o seu coração", ou "juízo a que o submeteu" interiorizando as suas mais íntimas disposições nas diferentes alternativas para a escolha do estado de vida. Sobressaía de maneira impressionante a sinceridade da sua autocrítica, a análise realista das reações favoráveis ou desfavoráveis ante as diferentes propostas de opção e definição do seu futuro nas quais estava em jogo a sua felicidade temporal e, sobretudo, a glória de Deus e a sua salvação eterna, que tomou como critério e fiel da balança para a decisão.

Um momento difícil. Muitos anos depois (1963), durante o mês de recolecção em Chevilly (Paris) pude ler a vida de Cláudio escrita pelo P. Henry Le Floch e os seus escritos que o autor citava. Desfrutei com a leitura, emocionado e reconfortado, pois tinha regressado da Missão do Lobito (Angola) num estado anímico bastante

débil ao qual não eram alheios certo esgotamento nervoso e debilidade física, as penosas experiências, primeiro da morte repentina do único companheiro que tinha e, segundo, o ambiente de terrorismo, no qual a nossa acção missionária com os nativos era vista com desconfiança e mal interpretada nos meios políticos: a nossa Missão, onde tive depois por companheiro um sacerdote nativo, o P. Ernesto João, zeloso sacerdote e pessoa bondosa e sensata, estava submetida a uma solapada vigilância policial até nas homilias que fazíamos; passamos dificuldades em várias escolas com maus tratos aos catequistas, tivemos ameaças, levantaram-se boatos, criando-se um ambiente de desconfiança entre a população branca dispersa pela área da Missão e da cidade.

A leitura de Poullart des Places no ambiente de recolhimento desse mês de recolecção e a convivência com tantos companheiros vindos de tantas e tão diferentes Missões, cujas experiências e dificuldades partilhávamos nas horas de recreio e nas excursões, deram-me novos ânimos ajudando-me a ver as coisas por prisma diferente, o prisma da Providência, sucedendo-me algo parecido com o que passou ao personagem do filme "Histoire d'un missionnaire", guião do P. Bernier: o missionário regressa de África desanimado e sente vacilar o seu entusiasmo apostólico. Em Chevilly assiste à consagração ao apostolado e cerimónia de despedida de umas dezenas de missionários jovens, Espiritanos como ele, que acabavam de receber a nomeação para as Missões. O entusiasmo e alegria que os seus rostos manifestavam revolveram o mais íntimo do seu coração que, anos atrás, nessa mesma igreja, também ele tinha vivido essa mesma felicidade. Sentiu certa vergonha da sua fraqueza e de que se tivesse esfriado o seu "amor primeiro" de missionário e espiritano. A consagração dos seus companheiros reanimou esse amor e voltou à Missão para seguir a sua consagração ao apostolado com renovado entusiasmo.

"O perfil espiritual do nosso Fundador acendeu em mim novo espírito apostólico para ver a acção da Providência divina nos acontecimentos"

O perfil espiritual do nosso Fundador, posto à prova nas múltiplas e difíceis situações que teve de enfrentar, acendeu em mim novo espírito apostólico para ver a acção da Providência divina nos acontecimentos, convencido de que a vida do missionário, como a de Jesus, é inseparável do Calvário e da Cruz, mistério que se realiza cada dia nas novas condições sociais e políticas dos povos a que somos enviados.

Regressei de Chevilly, passando por Lourdes como um peregrino que confia à Mãe de Jesus os seus medos (talvez fosse essa a atitude dos Apóstolos ao iniciar o seu trabalho apostólico depois de ter ficado sem a presença física do Mestre no dia da Ascensão); aproveitei a passar por Madrid, que não conhecia, com a convicção de ser a minha única oportunidade antes de regressar a África. Tinha particular interesse em conhecer a obra na qual tinha sacrificado tão generosamente a sua vida o saudoso P. Felgueiras com quem tinha trabalhado no Huambo quando eu era pároco da catedral de Nossa Senhora da Conceição da então chamada cidade de Nova Lisboa, e ele Reitor do Seminário

Maior de Cristo Rei. As boas disposições interiores e a paz que desfrutava foram, com certeza, a graça que eu vinha a necessitar ao chegar a Portugal. O meu propósito de ver a Providência nos acontecimentos, fossem quais fossem, não tardou em ser posto à prova e desafiada a minha capacidade de disponibilidade, com o inesperado destino que a obediência me marcou, mandando-me a trabalhar na obra espiritana de Espanha, ainda em período de fundação.

Não se tratava só de dizer adeus ao trabalho de evangelização directa e ao ambiente e modo de vida tão peculiar das Missões e de África vivido durante cerca de 13 anos. A obediência "cega" tradicional sem a mínima informação dos motivos de mudança de destino (já tinha data de regresso à Missão...) dava ocasião a inevitáveis e penosas perguntas e dúvidas que superei lentamente graças ao retiro de recolecção e, certamente, ao exemplo de Poullart des Places, sobretudo quando superou, como por uma segunda conversão, a angustiosa crise que o assaltou depois de fundar o Seminário do Espírito Santo, graça que nos confia de maneira tão comovedora nas suas "*Reflexões sobre o passado*".

São uma edificante revisão de vida que nos revela a profundidade do combate espiritual em que se debatia o jovem fundador quem, amando profundamente a Deus a quem servia cuidando e formando os seus futuros ministros para atender os mais pobres, sobrecarregado com tantos trabalhos, cuidados e preocupações para cumprir a missão que considerava a vontade divina, apenas tinha tempo para a oração: se sentia culpável de perder a presença de Deus, de rotina e desleixo nos seus exercícios de piedade, e o mais doloroso ainda era duvidar da sua recta intenção ao assumir a obra dos seminaristas pobres e de ter sido enganado pela sua ambição e vanglória que ele tanto queria superar e que agora o assaltava ao constatar o desenvolvimento que a obra tinha atingido em tão pouco tempo e a presunção de ser o autor de uma obra benéfica tão admirada...

A *prova da evolução pos-conciliar* – A minha nova situação punha-me diante de vários desafios. O mais imediato era aprender nova língua, a adaptação ao país e ao género de actividades (animação missionária). Não menos importante foi o conhecimento e a adaptação à nova mentalidade e vida da Igreja nascidas do concílio Vaticano II, que em Espanha se vivia de maneira muito sensível, com grande entusiasmo pela novidade e o abandono do que fosse antigo. Os novos horizontes dados à eclesiologia, à natureza e missão da Igreja, as relações e diálogo desta com a sociedade moderna, a nova evangelização e o papel dos Institutos religiosos e missionários segundo os seus carismas, foram desafios com risco, mas também fontes de graça que me beneficiaram no seio da nossa Congregação em Espanha e nas diferentes actividades que ela me confiou a nível local e internacional.

O conhecimento dos nossos Fundadores não era profundo, pois não se fazia um curso sistemático da sua espiritualidade, mas eu

sentia muita veneração por Poullart des Places e Libermann, fruto do ambiente vivido durante a minha formação em Portugal, já mesmo desde o Seminário menor. Formado no ambiente missionário e religioso anterior ao Concílio, ainda que sentisse, como tantos, a necessidade de certas mudanças na Congregação, eu não estava isento da natural crise a que sucumbiu gente muito válida que eu respeitava e apreciava, abandonando a Congregação ou fechando-se a toda criatividade e abertura, com um imobilismo terrivelmente negativo e nefasto para a nossa vida apostólica e comunitária, a pretexto de que "essa não era a Congregação em que tinham professado"...

Nomeado Provincial da recém-criada Província de Espanha, participei na segunda sessão (1969) do Capítulo Geral da renovação. As tensões provocadas pela diversidade de opiniões e os confrontos entre "progressistas" e "conservadores" na discussão dos documentos ameaçavam a unidade e até a natureza da Congregação. Foi um grande desafio às minhas convicções de Espiritano para poder contemplar, aceitar e amar a Congregação com um novo rosto: a mesma, mas rejuvenecida, revigorizada.

O desafio não afectava só a minha pessoa como membro: repercutia de forma inexorável na evolução da nova Província à qual eu tinha que apresentar esse novo rosto e animá-la na redacção de um Directório e de um projecto apostólico provinciais em consonância com as Directrizes e Decisões de este Capítulo Geral de renovação que determinariam as características da Província de Espanha no seu estilo de vida comunitária, na sua opção apostólica, na comunhão e colaboração com a Igreja local, com as Famílias Religiosas e Missionárias nas actividades da animação vocacional e da formação.

O exemplo e ensinamentos de Poullart des Places e de Libermann que eu meditava com frequência para poder apresentá-los, nas minhas conferências de animação missionária, como jovens que fizeram um sério discernimento vocacional, as referências à Palavra de Deus e aos escritos dos nossos Fundadores citados pelos novos documentos capitulares assim como os documentos conciliares, foram o meu grande apoio no meio desta tormenta tão agitada.

O desafio, longe de desviar-me, aumentou a minha veneração e devoção aos nossos "santos" Fundadores e um redobrado interesse de conhecer a fundo e dar a conhecer a sua personalidade humano-espiritual e a graça carismática de fundadores que receberam de Deus e chegou até nós através das sucessivas gerações dos seus discípulos. Depois, com a participação nos trabalhos do Grupo de Estudos espiritanos, o encargo dos cursos de espiritualidade espiritana e história da Congregação nos Noviciados de Espanha, Portugal e Porto Rico e, por fim, a preparação do Tomo I, *Cláudio Poullart des Places,* da Antologia Espiritana levada a cabo pela Província de Espanha, foi-me proporcionada uma familiaridade intensa com os escritos de Poullart des Places e Libermann, umas vezes por necessidade de trabalho e outras vezes em busca de ajuda e apoio espiritual.

Por outro lado, no ambiente espiritual e apostólico das nossas comunidades, onde não era possível evitar o contágio da febre da "novidade" vivia-se, no entanto, grande interesse pelos nossos Fundadores, pela vida missionária de primeira evangelização e o ministério ao serviço dos mais pobres.

Testemunhando a importância que teve na minha vida a familiaridade com Poullart des Places e Libermann através dos seus escritos, vem-me à memória a preocupação manifestada no último Capítulo Geral da Torre d'Aguilha, sobre a "transmissão do nosso carisma", esse "dom que recebemos de Deus através dos nossos Fundadores", às gerações futuras. É certo que o carisma "tem de ser vivido e incarnado", e a aprendizagem "faz-se a partir daqueles com quem vivemos" e "é transmitido através do modo como vivemos, como rezamos e participamos na missão da Igreja e da Congregação"... Mas, recalca o documento capitular, "*não será constitutivo do nosso estilo de vida e missão sem conhecimento dos Fundadores, da sua experiência espiritual e da história da fundação a que eles deram origem*".[15]

Em síntese, na complexa situação de diversidade que afecta a Congregação pela sua internacionalidade e multiculturalidade, só uma verdadeira intimidade com os seus Fundadores pela leitura assídua e meditação dos seus escritos e conduta, iluminados pelo Espírito de Jesus para saber interpretar e incarnar o carisma da suas obras, poderá salvaguardar no futuro a sua identidade e unidade.

"na complexa situação de diversidade que afecta a Congregação pela sua internacionalidade e multiculturalidade, só uma verdadeira intimidade com os seus Fundadores iluminados pelo Espírito de Jesus para saber interpretar e encarnar o carisma da suas obras, poderá salvaguardar no futuro a sua identidade e unidade."

[15] *Cf. TA. 1.2.*

20. As pegadas de Poullart des Places na minha vida

- ESTOU DECIDIDA A SEGUIR
O CAMINHO QUE ME INDICARES -

Eu sei que a Vossa ternura é infinita, pois não se esgotou com as minhas inumeráveis ingratidões. Há muito tempo que me quereis falar intimamente, há muito tempo que eu Vos não quero escutar; procurais persuadir-me que quereis servir-Vos de mim nos mais santos e religiosos trabalhos, mas eu teimo em não acreditar. Se a Vossa graça impressiona algumas vezes o meu espírito, o mundo, num instante depois, apaga as marcas da Vossa graça. Há quantos anos procurais restabelecer o que as minhas paixões continuamente destroem? [Escritos 48]

Ninguém pode escolher o dia do seu nascimento! Ninguém, até hoje, foi capaz de o fazer. Quando aqui chegamos, o dia do nosso aniversário já está definido. E, apesar do progresso da moderna ciência médica, não é fácil escolher a data do nascimento de outro ser humano. A conversão é-nos apresentada nas Escrituras como um novo nascimento. É o início da vida espiritual. E, tal como na vida física, também não podemos escolher a data do nosso nascimento espiritual... é Graça!

Durante grande parte, ou todo o tempo da minha juventude oscilei entre duas convicções que se substituíam constantemente. Uma era a certeza da minha fé, acreditava. Outra, porém, era a certeza da necessidade da minha conversão. Se por um lado sempre

* ***Fátima Monteiro, Licenciada em Teologia, Professora de Educação Moral e Religiosa, leiga associada espiritana, membro da Fraternidade Espiritana "Família Missionária", tendo pertencido e animado grupos de Jovens Sem Fronteiras.***

tinha estado 'dentro', por outro, sempre senti que algo me faltava e esse algo demorou muito tempo a ser substituído por Alguém. A partir de determinada altura esperava uma experiência como a da Estrada de Damasco... nunca aconteceu. Substitui-a pela dedicação a Cristo, na resposta aos apelos quer da paróquia, quer dos JSF, nas vivências espirituais (hoje sei que mais emocionais) da oração e do serviço, mas... o milagre não se operava.

A insatisfação era um estado constante da minha alma, embora por vezes o não revelasse e quase ninguém o pressentisse. Procurava e quase nunca encontrava a água que me pudesse matar uma sede 'esquisita' que ia crescendo dentro de mim e que, não raras vezes, quase me fez desistir.

O excesso da sua paciência começou a penetrar-me o coração. [Escritos 130]

Foram as pegadas que ficaram na areia que pisei que me fizeram lentamente compreender a presença silenciosa de Deus a meu lado e começar a compreender que *«eu, porém, encontro-me no número daqueles filhos queridos, a quem o meu Pai e Criador oferece muitas vezes meios fáceis e admiráveis para me reconciliar com Ele»*. [Escritos 46]

"Apesar de todas as minhas infidelidades, o meu Deus estava mais uma vez ali convidando-me a uma vida de maior intimidade com Ele."

Apesar de todas as minhas infidelidades, o meu Deus estava mais uma vez ali convidando-me a uma vida de maior intimidade com Ele. Desde que conheci a Congregação do Espírito Santo e durante os primeiros anos, a minha atenção prendia-se na descoberta constante de uma forma de viver distinta, a cada dia conhecia pessoas que valorizavam coisas diferentes das minhas, que se comportavam de uma forma nova face às várias descobertas da vida. A minha vida foi-se revolucionando e tomando contornos novos, mas ainda muito longe de perceber o que significava ser espiritano, na medida em que se está em relação/comunhão com espiritanos.

"Hoje sei, que foi no encontro com o jovem Cláudio que a minha vida se começou a transformar."

Hoje sei, que foi no encontro com o jovem Cláudio que a minha vida se começou a transformar. Não que a minha vida seja de alguma forma parecida com a sua, nem de longe nem de perto, mas porque os seus escritos me faziam acreditar que sim, era possível ser diferente.

Como Cláudio eu não viva satisfeita com o rumo que a minha vida tomava, embora estivesse a anos-luz da pureza deste jovem fundador. E... o que fazer da minha vida? As solicitações, as indecisões, os avanços, os recuos... *«Vós me procuráveis, Senhor, e eu fugia de Vós. Tínheis-me dado a razão, mas eu não queria servir-me dela. Queria indispor-me convosco e Vós não queríeis consentir nisso. Não merecia eu que me abandonásseis, que vos cansásseis de me fazer bem e começásseis a fazer-me mal?»* [Escritos 48]

Foi na leitura dos Escritos de Poullart des Places, que embora se diga serem poucos, para mim valem por uma imensidão, que percebi 'que tudo posso naquele que me dá vida'. E, mais uma vez Deus mostra-me o quanto *é amável e que outra coisa não quer senão a minha conversão*

quando quase em simultâneo me põe em contacto com a espiritualidade Inaciana. É no encontro entre estas duas correntes espirituais, e à luz das duas, que a minha vida realmente se transforma progressivamente.

Dai-me a conhecer o que quereis que eu faça. [Escritos 88]

É ainda à luz das [algumas] Reflexões que Poullart des Places escreve durante o retiro que realiza sob a orientação dos padres Jesuítas, que me proponho a participar nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio em Fevereiro de 2003 e *foi nesse retiro que Deus falou ao meu coração e me tirou, pela Sua misericórdia, das embaraçosas inquietações em que me lançava a minha indecisão. Naquele momento senti com toda a certeza que Deus não aprovava a vida que levava, que me tinha destinado a algo melhor e que era preciso eu tomasse um partido fixo e razoável para pensar seriamente na minha salvação.* [Escritos 88 e 90, *adaptado*]

Com Cláudio ganhei esta imensa ânsia de retribuir o amor misericordioso que Deus tem por mim, tornando-O presente onde quer que me encontre e com quem quer que eu esteja, especialmente com aqueles que como eu viveram afastados do Seu amor, para que percebam como eu que é possível encontrar Deus nos nossos dias, nos nossos afãs, nas nossas angústias e alegrias, porque Ele caminha ao nosso lado e quantas vezes, sem que o percebamos, nos sustém em Seus ternos braços de Pai.

"Com Cláudio ganhei esta imensa ânsia de retribuir o amor misericordioso que Deus tem por mim, tornando-O presente onde quer que me encontre"

Com Cláudio quero perceber quem é o pobre hoje e acolhê-lo na minha vida, na minha casa, estar atenta aos apelos da Igreja que sofre e dos missionários que a confortam. Com Cláudio continuo a examinar o meu temperamento e, por vezes, a muito custo, corrigi-lo, para que cada vez mais a minha vida se transfigure e que pelo meu agir, pelo meu ser, eu seja um espelho cada vez mais fiel do rosto de Deus para o mundo.

Devo crer que Deus ainda se afeiçoará de mim, se regresso a Ele de todo o coração.

Se, no início de um novo século [XVII-XVIII] Cláudio Poullart des Places lançou uma semente que viria a germinar e a transformar a vida de milhares de pessoas, posso dizer que passados trezentos anos, no início de um novo século Cláudio deixou que através dele Jesus reconfigurasse a minha vida. Sem dúvida que por vezes, às vezes muitas, ela é atacada por algum vírus, mas sei onde encontrar o anti-vírus, a cura, o alento para recomeçar desde o ponto onde me perdi.

Da comunhão com o jovem Cláudio fica-me a certeza que Deus sempre espera o meu regresso a casa quando me afasto. Na leitura dos seus Escritos fica-me o conforto do acolhimento divino, do imenso amor que me aguarda quando lá chegar…

Feliz o dia em que nos encontrámos!

V. Arquivo

21. A causa da beatificação do servo de Deus Claudio-Francisco Poullart des Places[2]

O facto de um religioso ser encarregado de apresentar o seu próprio fundador ao tribunal da Igreja é na verdade uma experiência excepcional. Tive a alegria e a responsabilidade de apresentar a causa do nosso fundador, Cláudio Poullart des Places, ao tribunal da diocese de Paris, entre os anos 1988 e 2005, em nome da Congregação no que diz respeito ao meu conhecimento da pessoa e da vida do nosso fundador. Tive de preencher muitas lacunas mas a gratificação foi grande.

No caso da beatificação, o que a Igreja procura, antes de mais, é a santidade da vida. A fidelidade da pessoa à acção interior do Espírito Santo, a doação de si mesmo aos outros e à Igreja abrem caminho a uma santidade que outros podem imitar. Neste sentido, a santidade de Cláudio foi sempre reconhecida dentro da Congregação por ele fundada pelos membros que se sentiram inspirados a seguir o exemplo da sua vida.

---

* *Jean Savoie foi provincial de França, sua Província de origem. Depois de seis anos de vida missionária nos Camarões, foi Reitor do Seminário Francês em Roma, mais tarde, membro do Conselho Geral da Obra dos Órfãos de Auteuil, em Paris. Foi director da revista "Esprit Saint" e Postulador da Causa da Canonização de Cláudio Poullart des Places. Actual director da Revue de St Joseph. É autor de numerosos artigos sobre a história e a espiritualidade da Congregação do Espírito Santo e pregador de retiros.*

[2] *Cláudio Poullart des Places (1679-1709) é o fundador da Congregação do Espírito Santo. Nascido na Bretanha, de família nobre, foi educado pelos jesuítas e, depois, decidiu ser sacerdote em Paris. Fundou e dirigiu uma comunidade destinada a acolher jovens pobres que aspiravam ser sacerdotes. Morreu aos 30 anos de idade. O seminário por ele fundado tornou-se a Congregação do Espírito Santo.*

1. HISTÓRIA DA CAUSA DE POULLART DES PLACES

[*...a doação de si mesmo aos outros e à Igreja deveria abrir caminho a uma santidade que outros, ainda hoje, podem imitar*]

Logo que se decidiu apresentar Poullart des Places para ser oficialmente reconhecido pela Igreja como santo, imediatamente se levantaram duas perguntas:
– que reputação de santidade tem ele dentro da Igreja universal?
– porque é que a Congregação tinha esperado 300 anos para reconhecer a sua santidade e apresentá-lo, agora, à Igreja para ser beatificado?

Para responder a estas perguntas o melhor método a seguir será descrever as diversas etapas desta sua Causa.

POULLART DES PLACES NA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E NA IGREJA

Cláudio foi muito admirado durante a sua vida e nos anos que seguiram à sua morte. São muitas as testemunhas deste facto, quer entre os que tinham frequentado o seu seminário quer entre os membros de associações religiosas de Paris, no seu tempo. Os ataques virulentos provenientes dos Jansenistas nunca foram dirigidos contra a sua pessoa. Os 'placistas' eram de facto alvo das maldições dos galicanos, mas a pessoa de Cláudio não. Os elogios proferidos na altura da sua morte são muito claros. Uma delas concluía com estas palavras: "Assim foi o célebre e santo fundador do Seminário do Espírito Santo em Paris, o Senhor Des Places.[3]

A HISTÓRIA DA CAUSA

[*A causa de beatificação de Cláudio Poullart des Places foi introduzida somente em 1988*].

A causa de beatificação de Cláudio Poullart des Places foi introduzida somente em 1988, quer dizer 280 anos depois da sua morte! Estamos muito além dos cinco anos prescritos.

Nas décadas que seguiram à sua morte, o Seminário do Espírito Santo experimentou um grau de pobreza espiritual tão grande que ninguém poderia ter-se atrevido a sonhar com tal honra para o seu fundador.

* Desde 1805 a 1848, o Seminário não pôs a questão porque estava completamente absorvido com a recuperação das proprieda-

[3] *Claude Besnard: Vida do Sr. Luís Maria Grignion de Monfort, Centro salesiano, Roma 1981, Documentos IV, p.282; Christian de Mare: Cláudio Francisco Poullart des Places (1679-1709), Escritos e Estudos pp. 369-370.*

des, após a Revolução Francesa, e atarefado com seu trabalho missionário dentro do contexto da nova situação internacional.

* Entre 1848 e 1901 a "fusão" da Sociedade do Coração Imaculado de Maria com a Congregação do Espírito Santo teve como resultado sublinhar a importância do P. Libermann como mestre de espiritualidade. Embora Poullart des Places continuasse a ser considerado o fundador original da Congregação do Espírito Santo, na prática ele era pouco nomeado e por isso não pareceu conveniente levantar o problema da sua beatificação nessa altura.

* Em 1901, com o fim de evitar a dissolução da Congregação, foi de novo examinado minuciosamente o texto da "fusão"; ficou claro que somente a Congregação de Poullart des Places, e não a do Imaculado Coração de Maria, continuava a gozar de existência jurídica. No entanto, esta descoberta não teve impacto imediato no seio da Congregação.

* A partir de 1906, com a publicação do livro do P. Henri Le Floch, de novo se levantou a questão de maneira explícita. As reacções a este facto, registadas pelo P. Le Floch[4] na segunda edição,[5] dissiparam qualquer dúvida sobre a pessoa e a santidade do fundador, mas limitaram-se a destacar a importância ligada à fusão de 1848 e a falta de conhecimento, entre os espiritanos, da verdadeira situação da sua Congregação. Em 1915 havia ainda muito desentendimento sobre a "fusão"; como consequência o ambiente de polémica descartou a possibilidade de um exame pacífico e unificador do tema da Causa (da beatificação).

[Sem um deles nunca teríamos existido, sem o outro, teríamos deixado de existir].

* Em 1919, o Capítulo Geral reconheceu Poullart des Places como fundador da Congregação do Espírito Santo e Libermann como *o "segundo fundador e seu pai espiritual"*. Isto ficou resumido na célebre frase de Mons. Le Roy :"*Sem um deles nunca teríamos existido, sem o outro, teríamos deixado de existir*".[6]

* A 4 de Novembro de 1959, o Conselho Geral da Congregação pediu ao Procurador junto da Santa Sé que contactasse a Sagrada Congregação dos Ritos com o fim de introduzir a Causa de Poullart des Places.[7] No dia 9, o P. Antoine Soirat começou a organizar o dossier da Causa. Mas escreveu ao Superior Geral: *"Seria prudente nada iniciar sem ter recebido a autorização da Congregação dos Ritos"*.

---

[4] ***Henri le Floch: Cláudio Poullart des Places, fundador do Seminário e da Congregação do Espírito Santo, Paris Lethielleux, 1905.***

[5] ***A segunda edição foi publicada em 1915. Cf. ainda Henri Le Floch: Nota para a nova edição da Vida de Poullart des Places, Roma, 1915, pp.35***

[6] ***Actas do Capítulo Geral Espiritano de 1919.***

[7] ***Carta S/1245/59 do Conselho Geral ao Procurador Geral, P. Daniel Murphy***

Por seu lado, o P. Michel escreveu ao Superior Geral em Janeiro de 1960: *"Embora lamentando o atraso, qualquer iniciativa que se tomasse num futuro próximo correria o risco de ser prematura e comprometer até as possibilidades de sucesso a longo prazo. Seria melhor começar por garantir que o nosso fundador se torne mais conhecido".*

[*Construiu-se um memorial a Poullart des Places na capela dos Espiritanos da rua Lhomond (Paris) em frente do túmulo de Francisco Libermann*]

Fizeram-se então algumas pesquisas no campo da espiritualidade e da história: os livros e as traduções dos Padre Koren,[8] Carignan, Lécuyer, Michel[9] e as conferências dadas por ocasião do 300º aniversário do nascimento de Cláudio Poullart des Places (1979). Construiu-se um memorial a Poullart des Places na capela dos Espiritanos da rua Lhomond, (Paris) em frente do túmulo de Francisco Libermann.

* No Capítulo Geral de 1986 foi apresentada uma moção solicitando ao Conselho Geral que encarregasse a confrades competentes o estudo necessário em ordem a um maior conhecimento de Cláudio Poullart des Places e à introdução da sua Causa; a moção foi adoptada por 70 votos entre os 81 votantes.[10]

Em Agosto de 1987 um breve inquérito feito por escrito pelo Provincial de França concluiu que a Congregação estava pronta a pedir a sua beatificação. Tudo o que se conhecia sobre Poullart des Places, todos os escritos provenientes quer do P. Michel, do P. Koren e outros, Martin, Metzger, Riaud, Derrien e Haas, o Superior Geral da altura, tudo foi compilado e analisado.

No dia 3 de Novembro de 1988, o P. Jean Savoie foi nomeado Postulador[11] (da Causa) para a diocese de Paris. O pedido de introdução da Causa da Canonização de Poullart des Places foi apresentado com a respectiva documentação ao Arcebispo de Paris no dia 24 de Dezembro de 1988.

O cardeal Lustiger assinou o Decreto da abertura da investigação canónica em 1 de Outubro de 1989. Os teológicos examinadores dos trabalhos de Poullart des Places apresentaram o seu relatório nos começos de 2003. O cardeal estabeleceu uma comissão histórica no dia 9 de Abril de 2003; esta comissão apresentou o seu relatório no dia 16 de Outubro. No dia 12 de Outubro de 2004, foi constituído o tribunal canónico para examinar a Causa de Poullart des Places. A sessão pública de abertura da Causa teve lugar a 16 de Dezembro de

---

[8] *Henry Koren: Os Espiritanos, Universidade de Duquesne, Pitsburgo, Pa, 1958.*

[9] *Escritos Espirituais de Poullart des Places, Universidade de Duquesne, Pitsburgo, Pa 1959.*

[10] *Joseph Michel, Cláudio Poullart des Places, fundador da Congregação do Espírito Santo, 1679-1709, Editorial São Paulo, Paris 1962.*

[11] *Actas do Capítulo Geral de 1986.*

2004. No ano de 2005 este tribunal reuniu-se dez vezes; finalmente, no dia 16 de Novembro de 2005 o dossier foi transferido para Roma. O processo romano tinha começado.

2. A EFICÁCIA DO CARISMA DE POULLART DES PLACES

Parece providencial que a fundação de Cláudio Poullart des Places tenha sobrevivido vários séculos, tendo em conta que não teve uma evolução natural quer como seminário quer como Congregação, que na França está sujeita ao decreto real de 1666. A obra atingiu a sua maturidade um século depois da sua morte. O P. José Michel fala de *"o grande milagre da sobrevivência da Congregação"*.[12]

A fragilidade aparente da obra deixada por Cláudio Poullart.

A obra deverá ser avaliada não pelos seus começos mas antes pela sua capacidade de sobreviver às muitas mudanças de tempos e lugares. O próprio Libermann disse: *"O método para educar os jovens seminaristas do nosso tempo tem de ser completamente diferente do que se usou, logo a seguir à Revolução de 1793. A experiência tem mostrado que os velhos métodos já não servem..."*[13]

[*Tinha fundado um seminário que ele mesmo dirigiu durante seis anos, mas sem reconhecimento oficial nem estabilidade*]

Na altura da sua morte, a obra que Poullart des Places deixava atrás de si não tinha grande solidez. Tinha fundado um seminário que ele mesmo dirigiu durante seis anos, mas sem reconhecimento oficial nem estabilidade. Não havia estrutura que o pudesse lançar para o futuro. A equipa de formadores era pequena e sem garantia de continuidade; dois dos seus companheiros retiraram-se no mesmo ano da sua morte. Também não tinha qualquer estabilidade económica, uma vez que era considerada uma obra de caridade para "estudantes pobres". Mas era a resposta a uma verdadeira necessidade de Igreja, de maneira que os recursos económicos e estruturais foram encontrados.

Isto é uma boa amostra do carisma de Poullart des Places; era tão querido de Deus e tão fiel ao Espírito Santo que os alicerces por ele colocados viriam a prestar um serviço duradoiro e importante à Igreja. As fortes convicções e a dedicação dos superiores que lhe sucederam garantiram a sobrevivência ao seminário fundado por Poullart des Places.

---

[12] *Decisão 81/88 do Conselho Geral.*

[13] *Carta de 12 de Janeiro de 1960 ao Superior Geral.*

A excepcional influência da obra

[*A amizade entre Poullart des Places e Grignion de Monfort teve como fruto a colaboração mútua entre as duas Congregações por eles fundadas*]

Foram necessários 25 anos para que a obra obtivesse o reconhecimento oficial e dispusesse de casa própria (1732). Nos sessenta anos seguintes funcionou como um seminário para pobres (1732-1792). Com a chegada da Revolução Francesa houve anos de rejeição quase contínua: o projecto permanecia válido mas não produzia frutos (1792-1832). Estes anos foram seguidos de 15 anos de crescentes pedidos provenientes quer de Roma quer do Governo Francês (1832-1848). A consolidação veio através da fundação de Francisco Libermann, a Sociedade do Imaculado Coração de Maria, cujos membros entraram na Congregação do Espírito Santo em 1848.

A amizade entre Poullart des Places e Grignion de Monfort teve como fruto a colaboração mútua entre as duas Congregações por eles fundadas. No decurso do século XVIII o Seminário do Espírito Santo formou dois terços dos membros da Companhia de Maria, entre eles, três Superiores Gerais.

Logo desde o começo, os alunos do Seminário foram enviados às missões do exterior, especialmente para o Canadá, o Extremo Oriente, a Guiana e o Senegal. Depois da Revolução, a Congregação de Poullart des Places, com a autorização do rei Luís XVIII retomou as suas actividades mas com a finalidade exclusiva de fornecer sacerdotes às colónias francesas.

Ao longo da história da Congregação há muitas referências a Poullart des Places e ao seu carisma. Depois da sua morte, a memória da sua reputação atraiu muitos a entregar as suas vidas para a realização do seu ideal.[14] Os seus escritos não são muitos, mas são de boa qualidade espiritual e testemunham a sua constante busca da união com Deus. No seu conjunto, revelam-no como o fundador de uma comunidade de oração e acção apostólica e missionária.

A força do carisma de Poullart des Places

[*O carisma do fundador é pessoal, mas prolonga-se na obra por ele inspirada*].

Podemos constatar uma grande evolução entre a obra iniciada por Poullart des Places e o que viria a ser a Congregação, hoje em dia. O seu carisma não se limitou ao que ele conseguiu pessoalmente mas ao que Deus quis fazer com a sua fundação. O carisma do fundador é pessoal, mas prolonga-se na obra por ele inspirada.

[14] ***Notas e Documentos, XII, p.525.***

O P. Henry Koren, historiador espiritano, escreveu o seguinte sobre o carisma do fundador:

"A força da fundação de Poullart des Places não reside na sua obra mas no seu carisma. Todos os formados na sua Congregação foram conhecidos como Espiritanos, mas não possuíam qualquer outro certificado religioso além da sua ordenação; o que os unia era a maneira como todos encaravam o seu sacerdócio... Para eles, ser sacerdote significava estar disponível e obedecer ao Espírito para servir os mais pobres e abandonados numa pobreza pessoal e voluntária. Esta concepção do sacerdócio, para eles, era mais do que suficiente para viverem uma vida religiosa autêntica a ponto de considerarem que qualquer outro título seria inútil ou até hipócrita".

O que Poullart des Places procurava era a realidade não a formalidade; a identificação com os pobres através duma vida sóbria; para ele a opção evangélica pelos pobres era a fidelidade ao Espírito. Isto era tanto mais urgente quanto menos eram, no seu tempo, os sacerdotes verdadeiramente comprometidos no serviço de tais pessoas. Essa falta é praticamente a mesma hoje.[15]

[*Poullart des Places era, antes de mais, um homem espiritual atento às necessidades espirituais*]

Poullart des Places era, antes de mais, um homem espiritual atento às necessidades espirituais. Não considerou o seu seminário como uma tarefa a realizar mas como um trabalho a levar a cabo para Deus. Não tinha planificado fundar uma Congregação religiosa.

"Era um homem espiritual que se entregou ao Espírito Santo nas circunstâncias que a vida lhe brindou. Escutou a chamada do Espírito através das pessoas que ia encontrando. Imitou Cristo, o seu único Mestre. Imitou Michel Nobletz, o mestre da pobreza espiritual. Imitou o Padre Gourdan de S. Vítor. Imitou o Sr. Chanciergues, que por humildade escolheu ser diácono permanente e que fundou seminários para os pobres – chegou até a copiar a sua regra de vida. Poullart não se entreteve com teorias. Viveu a vida. É mais testemunha do que professor. É um homem espiritual que se deixou conquistar e guiar por Deus, pouco a pouco".[16]

[*Deixou como herança aos seus seguidores este espírito de objectividade desinteressada e assim os preparou para uma evolução futura imprevisível*]

Ele seguiu a vocação e o carisma, a ele concedido, para levar a cabo a sua missão. Este é o segredo da sua santidade e da sua eficácia. Deixou como herança aos seus seguidores este espírito de objectivi-

---

[15] ***Como um exemplo entre outros referimos a perseverança heróica do Superior Geral Monsenhor Bertout.***

[16] ***Henry J. Koren: Ensaio sobre o Carisma Espiritano e a História Espiritana, Spiritus Press Bethel Park, Pa pp. 48-49***

dade desinteressada e assim os preparou para uma evolução futura imprevisível. Para começar, seguiu o chamamento a tornar-se sacerdote para servir os pobres. Depois da sua morte, as necessidades da França, das colónias e dos homens de cor, orientaram a sua Congregação a colocar-se ao serviço da Propagação da Fé. Finalmente, o objectivo foi focado mais claramente na evangelização dos pobres no mundo.[17]

Conclusão: A personalidade espiritual de Cláudio Poullart

[*O seu objectivo primeiro era encontrar Deus e ser fiel ao seu amor em tudo o que Deus lhe pedisse*]

A pessoa de Poullart des Places é caracterizada, a cima de tudo, pela sua busca duma vida espiritual e pela sua fidelidade ao Espírito Santo, a quem consagrou a sua vida. As diversas etapas da sua vida foram marcadas por uma progressiva clarificação e concretização do dom de si mesmo a Deus. Empreendeu uma tarefa muito importante para a Igreja, mas a sua prioridade não era essa; o seu objectivo primeiro era encontrar Deus e ser fiel ao seu amor em tudo o que Deus lhe pedisse. O preço que pagou foi alto. Deixou o seu ambiente confortável e a sociedade refinada onde estava submerso. Desprendeu-se da ambição de se mostrar aos olhos dos outros para seguir a luz do Espírito Santo num serviço apagado. No curto espaço de tempo que lhe foi concedido, seguiu um itinerário de serviço desinteressado a exemplo de Jesus Cristo. Poullart des Places mostra-nos um caminho que leva à santidade. Mostrou-no-lo como pai fundador que só teve tempo para semear a semente. Outros iriam regá-la e ajudá-la a crescer, mas foi Deus quem a fez frutificar. Uma mensagem destas na Igreja de hoje certamente que produziria o mesmo fruto.

[17] *J. Savoie: A personalidade espiritual de Cláudio Poullart des Places. Papeis Espiritanos nº 10 Set-Dez.1979, Casa Generalícia, Roma p. 23.*

22. As cartas patentes da Congregação

"Cláudio Francisco Poullart des Places em mil setecentos e três, na festa do Pentecostes, sendo ainda apenas aspirante ao estado eclesiástico, começou o estabelecimento da **Comunidade e Seminário consagrado ao Espírito Santo, sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado.** Assumindo o estado eclesiástico até ao sacerdócio, governou-a até à morte, que aconteceu a dois do mês de Outubro de mil setecentos e nove"

[*Extracto do Registo do Associados da Comunidade e Seminário do Espírito Santo, sob a invocação da Santíssima Virgem, concebida sem pecado, estabelecida em Paris, na rua des Postes (Arquivos da Congregação)*]

Poullart des Places faleceu, portanto a 2 de Outubro de 1709 com a idade de 30 anos e 7 meses. Sucedeu-lhe, na direcção da Comunidade e Seminário, Jacques Hyacinthe Garnier, originário da diocese de Rennes, que veio também a morrer no ano seguinte, em Março de 1710.

Louis Bouic, diácono da diocese de Saint Malo, sucedeu a M. Garnier. Seria superior geral da Congregação durante 53 anos.

A pequena comunidade ocupou, primeiro, uma casa na rua des Cordiers, na paróquia de S. Bento (igreja e rua hoje desaparecidas) à sombra da velha Sorbona e do grande convento dos Jacobinos ou Dominicanos da rua de S. Jacques. Ali perto ficava o colégio Louis-le-Grand, dirigido pelos Jesuítas, onde os estudantes de Poullart des Places frequentavam as aulas.

O número dos candidatos tinha aumentado – eram 70 em 1709 – e por isso a comunidade viu-se obrigada a passar para a rua de Sainte Geneviêve (actualmente rua Tournefort) na paróquia de Saint Étienne-du-Mont.

Finalmente em 1727, passou para a rua des Postes, perto da comunidade dos Eudistas e do Seminário Inglês.

Esta última mudança aconteceu devido a um legado de 44.000 libras, que Charles Labaigue, pároco da igreja de Saint-Médard, deixou ao seminário no seu testamento de 7 de Setembro de 1723, com a condição de a comunidade se estabelecer o mais cedo possível na paróquia de Saint Médard.

O testamento só foi aberto em 1726. Confiando na sequência que lhe seria dada, M. Bouic, em 1727 comprou na dita paróquia o terreno onde se encontra o seminário actual, por 37.000 libras. Fez construir imediatamente o corpo das construções ao longo da rua des Vignes (hoje rua Bataud). Esta construção foi paga, em parte com empréstimos que a seguir seriam reembolsados e outra parte com "esmolas dos príncipes, senhores e damas da côrte, arcebispos e bispos e sobretudo pelo Cardeal Fluery, então ministro de Luís XV, que foi o único a suportar a maioria das despesas e que, por esse título, é considerado com razão o principal fundador da casa" (*Arquivos da Congregação*).

Mas para entrar na posse do legado Le Baigue, a pequena comunidade devia, antes de mais, ter existência legal como personalidade civil; e esta só podia ser concedida pelo poder real, com o consentimento e recomendação da autoridade eclesiástica. Efectivamente Luís XIV tinha publicado em 1666 um decreto em que estipulava que o estabelecimento de novas comunidades religiosas ou seculares ou colégios só poderiam ser criadas com a licença real expressa por Cartas Patentes, devidamente registadas nas Cortes e no Parlamento. Para o caso dos seminários, ou comunidades religiosas deviam ser precedidas do consentimento e da recomendação das autoridades eclesiásticas.

Uma e outra viriam a ser obtidas no correr dos anos seguintes, mas só depois de longos processos, de múltiplas inquisições e de fortes oposições levantadas pelo Jansenismo contra a obra de Poullart des Places. De 1726 a 1739, Bouic teve que lutar sucessivamente ao mesmo tempo contra os herdeiros de Le Baigue, o clero de Saint Médard, o arcebispo de Paris (Cardeal de Nouailles) a Universidade e o Parlamento: felizmente a sua infatigável e inteligente energia triunfou de todas as dificuldades.

2. Assim, a 2 de Maio de 1726 eram assinadas por Luís XV as primeiras Cartas patentes que confirmavam o estabelecimento de uma comunidade de Estudantes com o título de Espírito Santo e da Imaculada Conceição. Eis o texto, que é o bilhete de identidade da Congregação:

"Luís, pela graça de Deus, Rei da França e de Navarra, a todos os presentes e futuros, saúde.

Fomos informados que o falecido Sr. Cláudio Poullart des Places, sacerdote da diocese de Rennes, movido por um impulso particular do Espírito de Deus, tendo então 30 anos, começou no ano de 1703, na nossa cidade de Paris, um estabelecimento consagrado ao Espírito Santo sob

a invocação da Santíssima Virgem, concebida sem pecado, cuja finalidade deste estabelecimento foi socorrer e ajudar os estudantes pobres no seus estudos e na sua educação em ordem a servir utilmente a Igreja.

E como há muitos seminários no nosso Reino onde são recebidos os jovens eclesiásticos que pagam, pelo menos em parte, a sua pensão, o P. Des Places quis que na sua comunidade fossem recebidos somente os Estudantes pobres, que, apesar das suas boas disposições, não têm as ajudas necessárias para conseguir a piedade e a ciência que o estado eclesiástico exige. Além disso, quis, com este estabelecimento, formar, numa vida dura e laboriosa, e perfeitamente desinteressada, vigários, missionários e eclesiásticos para servir nos hospitais, nas paróquias pobres, e nos demais postos abandonados, para os quais os Bispos não encontram quase ninguém.

E para que este estabelecimento pudesse manter o maior número de indivíduos, quis que nele fossem recebidos apenas aqueles que podem entrar na Filosofia e na Teologia e os que tenham terminado a Filosofia e a Teologia possam permanecer ainda dois anos na Comunidade para conseguir uma verdadeira capacidade, revigorar-se na virtude e formar-se nas funções sacerdotais; que nele não seja permitido receber graus académicos, a fim de manter os que ali se formam numa vida apagada e humilde e afastar deles o que possa provocar a aversão aos cargos eclesiásticos mais humildes e receber as Ordens quando os Bispos o considerem oportuno; que tendo falecido o P. Des Places em 1709, esta comunidade tem sido governada, desde então, por eclesiásticos que nele foram formados; e que ela é actualmente governada por seis deles e composta por cerca de 80 pessoas.

E como o espírito desta comunidade é o de pôr a sua confiança na Providência, até ao momento não possuiu nenhum fundo e só tem subsistido por esmolas casuais recebidas de pessoas piedosas.

Estamos informados que o Senhor tem abençoado de tal forma esta boa obra, que, de quantos foram formados nesta Comunidade, nenhum pediu nem mandou solicitar para si nenhum benefício, nem desmereceu pelos seus costumes e doutrina. Isso nos levou a conceder a esta Comunidade 600 libras das nossas grandes esmolas e um aumento posterior do nosso tesouro particular, e vários prelados, edificados com este estabelecimento, cujas vantagens para a Igreja lhes são conhecidas, o têm ajudado com a sua caridade e levaram a Assembleia do Clero a conceder-lhe em 1723 uma pensão de mil libras; várias outras pessoas estão dispostas a ajudar esta piedosa instituição que, há pouco tempo o sr. Charles Le Baigue, sacerdote habitual da diocese de Saint Médard de Paris lhe legou em testamento um fundo de 44.000 libras sobre os "echots" da nossa cidade de Paris, com a condição de um aniversário perpétuo e que alguns dos componentes da Comunidade assistam, em festas e domingos ao ofício divino da paróquia. Mas para responder à caridade dos fiéis dispostos a ajudar ainda mais este estabelecimento, é necessário conceder-lhes as nossas Cartas patentes para convalidar este legado e outros que possam ser feitos no futuro.

Por todos estes motivos, depois de ter apresentado ao nosso Conselho a aprovação do nosso muito querido e amado primo, o cardeal Nouailles,

Arcebispo de Paris e com o selo da nossa Chancelaria e desejando contribuir, com todo o nosso poder para um estabelecimento reconhecido como muito vantajoso para a Igreja e único no seu género no nosso Reino,

Nós, que, por graça especial, com o poder e a autoridade real, havíamos louvado aprovado, e confirmado, louvamos, aprovamos e confirmamos pelas presentes Cartas assinadas pela nossa mão, o estabelecimento da dita Comunidade com o título do **Espírito Santo e da Imaculada Conceição**. *Em consequência, queremos e é do nosso agrado que a dita Comunidade seja governada como foi até ao presente pelos padres entre aqueles que aí foram educados, que um de entre eles seja eleito Superior com a maioria de votos com o poder de inspecção e autoridade não só sobre os estudantes mas também sobre aqueles que sejam associados à educação desses estudantes com a faculdade de admitir no número dos estudantes aqueles que sejam considerados capazes de cumprir o espírito da instituição e de despedir os que julgarem incapazes. Permitimos à referida Comunidade adquirir uma casa local e os espaços necessários para o seu estabelecimento, os quais, casa, local fechado e jardim são só de sua dependência, pela nossa mesma graça e autoridade, amortizamos perpetuamente como consagrados a Deus para desfrutar da dita Comunidade, franca e pacificamente, sem obrigação de os deixar nem de nos pagar, nem a Nós nem aos nossos Reis sucessores, nenhuma quantidade de dinheiro, seja qual for a soma, da qual fazemos dom e doação pelas presentes, com a obrigação de pagar as despesas, direitos e obrigações devidas a outros. Permitimos à dita Comunidade aceitar todos os dons, legados e fundações até à concorrência de seis mil libras de renda somente; consolidamos segundo a necessidade, o legado feito pelo referido Sr. Le Baigue à Comunidade antes de ter obtido as nossas presentes Cartas, as quais queremos que tenham a este respeito, inteira e plena execução.*

Ordenamos aos nossos amados e leais conselheiros do Parlamento, Câmara de Contas de Paris e todos os demais nossos oficiais, a quem dirão respeito estas nossas presentes Cartas de confirmação; e cujo conteúdo lhes cabe conservar, guardar e observar sem qualquer espécie de impedimento, não obstante todos os decretos e Ordenações contrárias que temos revogado e revogamos somente para este caso e sem mais consequências – pois tal é o nosso prazer.

E porque este é o nosso desejo e para que seja firme e estável para sempre, mandamos pôr o nosso selo nas presentes, dadas em Versailles, no mês de Maio, ano da graça de mil setecentos e vinte e seis, undécimo ano do nosso reinado.

Pelo Rei Phelipeaux
Luís
(Texto em ND, Compl. 1703-1914 p. 3-6)

AS NOVAS PATENTES

O Arcebispo de Paris, Cardeal de Nouailles deu o seu consentimento ao registo das Cartas patentes. Mas os herdeiros do sr. Le Baigue, juntamente com a Universidade da Sorbona interpuseram recurso, sob o pretexto de que nelas não se fazia menção ao que estabelecia o decreto de 1666. Então Luís XV, com a data de 1726, rectificou a sua aprovação à Comunidade do Espírito Santo com novas Patentes que confirmam as primeiras e declaram que o Seminário do Espírito Santo não tinha sido extinto pelo decreto de 1666.

Transcrevemos as novas Cartas patentes:

"*Luís pela garça de Deus, rei da França e de Navarra, a todos os que as presentes Cartas virem, saúde. Os nossos caros e muito amados Superior e directores da Comunidade do Espírito Santo, fizeram-nos saber que pelas nossas Cartas patentes do mês de Maio último, pelos motivos e considerações nelas contidas, nós tínhamos aprovado e confirmado o seu estabelecimento com o título de Comunidade do Espírito Santo sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado. Este estabelecimento, tendo-nos parecido útil e necessário para a Igreja do nosso reino, nós o tínhamos gratificado com uma pensão anual extraída das nossas grandes esmolas e de algumas outras das nossas liberalidades. O clero também entrou nesta boa obra, concedendo à dita Comunidade uma pensão anual de mil libras e o sr. Baigue, presbítero habitual da paróquia de Saint Médard da nossa boa cidade de Paris quis concorrer com um legado de quarenta mil libras para este estabelecimento em contratos que ele fez no seu testamento de sete de Setembro de mil e setecentos e vinte e três com os encargos e condições aí referidos. O qual legado nós aprovamos e validamos, como ele exigia; contudo a execução das nossas Cartas encontra-se contestada e impedida, tanto por parte dos herdeiros do Sr. Le Baigue que se opuseram ao seu registo, sob o pretexto, que, apesar de termos revogado todos os decretos, declarações contrárias para a execução das ditas Cartas, não fizemos menção expressa do nosso decreto de 1670 (sic) que exige revogação especial, quer por parte da Universidade de Paris, pois os estudantes da dita Comunidade estão impedidos de obter graus na referida Universidade. Pelo que nos pediam que declarássemos as nossas intenções sobre essas exposições, que não têm fundamento legítimo. A Comunidade dos pobres Estudantes, devendo ser considerada como um verdadeiro seminário, para cujo estabelecimento o nosso querido e muito estimado primo Cardeal de Nouailles, Arcebispo de Paris consentiu que como simples comunidade tivesse capacidade para receber, nos termos do nosso decreto de 1666, o legado do sr. Le baigue. Este Decreto, ao fazer excepção expressa dos Seminários, o do Espírito Santo, no qual se realizam todos os exercícios dos demais seminários, devia gozar de todas as vantagens concedidas aos Seminários, pois os prelados admitem às Ordens sagradas os eclesiásticos formados nesta Comunidade, sem exigir que frequentem outros seminários.*

Que, além disso, a Universidade não tenha motivo para lamentar que os pobres Estudantes não tomem graus, pois que se destinam a ocupar os pos-

tos inferiores da Igreja, que não exigem grau académico; que sendo pobres e a casa não tem possibilidades de pagar as despesas necessárias à obtenção dos graus. Que, não obstante, se os padres considerarem conveniente fazer as despesas para que algum desses Escolásticos possa ocupar altos cargos que exijam graduação, os ditos Superior e Directores não o poderão impedir, sempre que os ditos Eclesiásticos estejam já fora do Seminário, para conservar a uniformidade requerida para o bom governo da Casa:

Por tais motivos, e querendo tratar favoravelmente os requerentes e o Estabelecimento dos pobres Estudantes, novamente e quanto for necessário, o tivermos aprovado e confirmado, o aprovamos e confirmamos sob o título de ***Comunidade e Seminário do Espírito Santo sob a invocação da santíssima Virgem concebida sem peado*** *e ordenado que as nossas Cartas patentes do mês de Maio último, sejam executadas segundo a forma e teor, sem que as disposições do Decreto de 1666 se lhe possam opor, fazer dano ou prejudicar e revogando para esse efeito somente o que diz respeito aos graus da universidade, tendo em conta o espírito e a instituição dos Estudantes, que os destina a cargos simples na Igreja, para conservar a uniformidade da sua educação e prevenir toda a inveja entre eles, não poderão ser promovidos a graus enquanto forem estudantes e residentes neste Seminário. Poderão, contudo os Prelados que os considerem aptos para funções superiores, tirá-los para os enviar a estudar na dita Universidade e que façam os graus convenientes para os cargos a que são destinados.*

Ordenamos aos nossos amados e leais Conselheiros e gentes do Parlamento e Tribunal de Contas de Paris, que as presentes sejam registadas e o seu conteúdo executado, guardado e observado, cessando e fazendo cessar todas as dissenções e impedimentos contrários. Tal é a nossa vontade.

Dado em Versailles, a 17 de Dezembro do ano da graça de 1726 e décimo segundo do nosso Reinado.

Pelo Rei Phelipeaux
Luís
(Texto em ND. Compl. 1703-1914 p. 7-9)

A polémica não ficou completamente extinta e depois de várias contendas as Cartas Regias acabaram por ser finalmente aprovadas pela Câmara a 19 de Março de 1731. Foi uma batalha que durou 11 anos, de que a Congregação saiu vitoriosa graças à protecção do Cardeal Fleury, ministro de Estado do Rei e do sucessor do Cardeal de Nouailles (falecido em 1729) no arcebispado de Paris, Mons. De Vintmille. O tribunal de Contas, para proceder ao registo das cartas, exigiu que o Superior e os Directores elaborassem sem demora, os Estatutos pelos quais seria governada a Comunidade, devendo apresentá-los ao Arcebispo de Paris, que os examinaria e aprovaria. Assim nasceram as primeiras Constituições de 1734. Com a aprovação do Tribunal de Contas a 25 de Fevereiro de 1739, a Congregação regulou a sua situação civil e canónica, como *Sociedade do Espírito Santo sob a tutela da Virgem concebida sem pecado.*

23. O segundo centenário da Congregação 1703-1903

Em 1903, quando anunciava a celebração do segundo centenário da Congregação, o Superior Geral de então, Mons. Alexandre Le Roy, escreveu uma circular que foi publicada no Boletim Geral da Congregação, nº 195, Maio de 1903 e que aqui reproduzimos.

A 20 de Maio de 1703, na festa do Pentecostes, um jovem e brilhante estudante de 24 anos, Cláudio Poullart des Places, que só viria a ser ordenado sacerdote em 1707 e que a morte devia levar dois anos depois, reunia em Paris, perto da Sorbone, doze "estudantes pobres" que ele se propunha educar e formar para o sacerdócio, para os ministérios mais humildes, mais difíceis e menos desejados.

A obra foi consagrada ao Espírito Santo e colocada sob a tutela de Maria Imaculada.

Foi daí que nós partimos.

Bem depressa Poullart des Places sentiu a necessidade de se rodear de colaboradores e aquando da sua morte, prematura e santa, seria um deles, Jacques – Hiacynthe Garnier que lhe sucederia. Seis meses depois, também este por sua vez, falecia; mas foi imediatamente substituído por um diácono de Saint-Malo, que só há quatro meses era conhecido, Louis Bouic. Louis Bouic e François Becquet, um depois do outro, conduziram a obra desde 1710 a 1788.

Durante este longo intervalo, o Seminário estabeleceu-se na rua des Postes, onde ainda hoje se encontra. Construíram-se os actuais edifícios e a capela, a Sociedade organizou-se, foram redigidas as Regras, que Mons. De Vintimille, arcebispo de Paris, sancionou com a

* *Alexandre Le Roy, foi superior geral da Congregação do Espírito Santo de 1896-1926.*

sua autoridade (1731) e alguns anos mais tarde (1824) a Santa Sé julgá-las-á "*prudentes, sábias e muito aptas para formar missionários*"; os estatutos foram aprovados pelo poder civil e os "estudantes pobres" que em 1703 não passavam de doze, pouco a pouco tinham chegado a 80.

Quanto aos directores, eles que sozinhos constituíam a Sociedade ou Congregação do Espírito Santo, nunca foram numerosos nem o queriam ser: apenas 62 tinham sido recebidos na Sociedade até à Revolução (1792). Mas a sua acção sacerdotal e apostólica foi admirável. Nem um deles nem tão pouco um dos seus alunos caiu no Jansenismo, então muito poderoso e espalhado e também nenhum deles se envolveu nas perturbações de toda a espécie que a Revolução Francesa provocou.

Desde o princípio, foram os alunos do Espírito Santo que forneceram a Luís Maria Grignion de Monfort os primeiros membros da sua Congregação dos "Missionários da Companhia de Maria", a qual cedo deu origem aos "Irmãos do Espírito Santo", mais tarde chamados de S. Gabriel (do nome Gabriel Deshayes que os reformou em 1820) e às *Irmãs da Sabedoria* (1703) que contam hoje cinco mil membros.

Um outro discípulo e amigo de Poullart des Places, M. Lenduger, missionário célebre, fundava em 1706 no Légué, perto de St-Brieuc a Congregação das " *Filhas do Espírito Santo*".

Vários dos alunos do Espírito Santo entraram nas Missões Estrangeiras, entre os quais Mons. Blaundin, Vigário Apostólico de Tonkin, e Mons. Pothier que pode ser considerado o fundador da grande Missão do Su-Tchuen, na China.

Outros passaram para a Arcádia e para o Canadá: Mons. Bosquet, bispo do Quebec de 1733 a 1739 foi um dos principais benfeitores do Seminário.

Enfim, foi à Congregação do Espírito Santo que o Governo Francês se dirigiu para a evangelização das colónias de S. Pedro e Miquelon, da Guiana, do Senegal, etc.

Mas não tardaria a rebentar a Revolução Francesa, acumulando ruínas, de tal maneira que o primeiro centenário da fundação (1803) se concluiu com a morte do Venerável Jean Marie Duflos, quinto Superior Geral, que se extinguia com a idade de 78 anos, depois de ter assistido à dispersão do seus confrades e dos seus filhos.

Tinha-se a impressão que no túmulo deste santo velho também a própria congregação era sepultada; mas o Espírito de Deus que a tinha feito nascer também a iria fazer reviver.

Entre os raros sobreviventes da Sociedade encontrava-se Jacques –Madeleine Bertout, sobrinho do P. Duflos, homem de natureza vigorosa e fé profunda, uma energia incansável e uma delicadeza maravilhosa, que pelas suas iniciativas, as suas relações, as suas instâncias, conseguiu só e sem recursos, restabelecer a Congregação do Espírito Santo e fazê-la recuperar os imóveis da rua des Postes e fazê-la aprovar em 1805 por Napoleão, em 1806 por Luís XVIII, em 1824 pela Santa Sé e abri-la a ela e aos seus alunos para as Missões coloniais.

Mas, o seu sobrinho e sucessor, o P. Fourdinier e mais tarde o P. Leguay e o P. Monet, cedo se viram a braços com uma imensa e dolorosa provação: a impossibilidade de fazer face, com o seu pessoal, à evangelização das populações que lhes tinham sido confiadas, especialmente as da raça negra, cuja libertação da escravatura era então o grande problema e que a Revolução de 1848 iria decretar de uma só penada.

Ora há já seis anos, que missionários conhecidos por "Padres do Coração de Maria" se estavam lançando no apostolado com um fervor, um zelo e uma eficácia admiráveis. Na Maurícia, na Reunião, no Haiti, eles faziam maravilhas. Providencialmente chamados para a costa ocidental da África, estes novos apóstolos tinham herdado de Mons. Barron, que as recentes Igrejas dos Estados Unidos da América tinham enviado para a Africa pagã, o imenso Vicariato das Duas Guinés; e já os túmulos dos seus mártires marcavam o lugar onde surgiriam cristandades futuras, no Senegal, no Cabo das Palmas, no Grande Bassan, no Gabão...o seu fundador era um santo: chamava-se P. Libermann.

No espírito de uns e outros, a ideia de uma "fusão" nasceu por ela mesma: efectivamente ela foi selada a 10 de Junho de 1848, na véspera do Pentecostes; mas só a 26 de Setembro seguinte é que a Propaganda a tornou efectiva. Segundo um decreto datado deste dia, a Sociedade do Coração de Maria deixava de existir e os seus membros deviam incorporar-se na Congregação do Espírito Santo.

A 3 de Outubro o P. Monet, superior geral, era nomeado Vigário Apostólico de Madagáscar; viria a morrer alguns meses depois. A 22 de Novembro pedia a sua demissão de superior geral e, no dia seguinte, 23 a unanimidade dos antigos e novos membros da Congregação renovada escolhia, para o substituir, aquele que a nossa afeição, reconhecida e piedosa, costuma chamar "Nosso Venerável Padre". A Providência o tinha destinado, na hora querida, para dar à obra de Poullart des Places a sua forma definitiva e o fervor apostólico que a viria a distinguir.

Com Libermann e seus sucessores, vemos com efeito, a Congregação do Espírito Santo a reorganizar-se: e ao mesmo tempo que estreita os laços que a uniam numa disciplina mais precisa, dá ao clero colonial propriamente dito a direcção regular para se poder consagrar ela mesma ao seu apostolado específico: estende-se à Irlanda, a Portugal, à Alemanha, à Bélgica, à medida que é guiada pelo Espírito de Deus que a anima, para a partir daí, lançar os seus ilhós nas terras dos infiéis que a Europa tinha conquistado e ás quais ela deve a civilização com a verdade cristã.

Uma crise de perseguição religiosa expulsa-a da Alemanha em 1874 e isso foi ocasião providencial para ela se fixar na terra hospitaleira e fecunda dos Estados Unidos da América.

Precisamente nos tempos que correm, uma tempestade semelhante se abate sobre a França. Esta borrasca que já dispersou muitas

famílias religiosas; não nos atingirá também a nós como já atinge a muitos, depois de provações que podem ser duras, o ponto de partida para reformas úteis e uma acção mais alargada? Em todo o caso, a nossa própria história – a história destes 200 anos – deve ensinar-nos a nunca desesperar, pois única razão que temos para viver é viver para Deus e Deus nunca abandona aqueles que são dignos de os servir.

Em todo o caso, as circunstâncias actuais não nos permitem celebrar o segundo centenário da nossa fundação com a alegria e a solenidade que desejaríamos. Mas nem por isso a nossa acção de graças deve ser silenciada e as nossas orações menos fervorosas.

Por isso, faremos o nosso possível, para em toda a Congregação observar as disposições seguintes:

1. A novena preparatória para a festa do Pentecostes, prescrita por S.S. Leão XIII será celebrada este ano nas nossas casas com uma solenidade particular – Todas as tardes, na bênção do Santíssimo Sacramento se cantará o hino "*Veni, Sancte Spiritus*".

2. Na bênção da festa do Pentecostes, se cantará o Te Deum com a oração correspondente. Acrescentar-se-á o *Sub tuum* em honra da Santíssima Virgem.

3. Nas casas de formação, paróquias e diferentes obras que nos estão confiadas, far-se-á tanto quanto seja possível e oportuno, uma conferência ou uma exposição sobre a Congregação do Espírito Santo e o seu desenvolvimento.

4. As comunidades mais afastadas que receberem a presente comunicação já depois da festa do Pentecostes cantarão pelo menos o *Te Deum* em acção de garças com o *Sub tuum praesidium* na festa do Imaculado Coração de Maria.

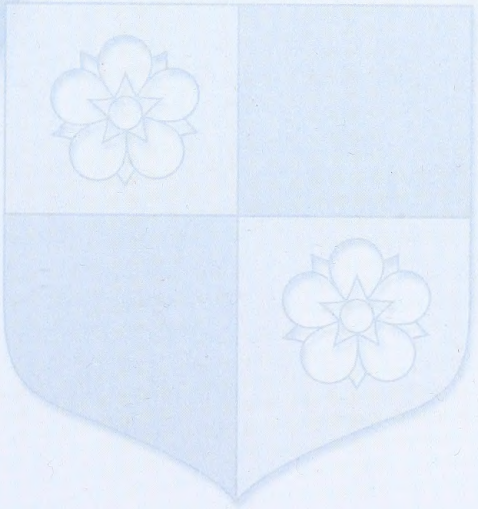
5. Como recordação deste centenário, os retratos do Servo de Deus, Cláudio Poullart des Places e o do Venerável Padre Libermann serão distribuídos aos membros da Congregação.

A *Vida* do nosso primeiro fundador, (referia-se à biografia de Poullart des Places do P. Le Floch) já começada, será publicada logo que possível. Enfim, uma notícia histórica da Congregação do Espírito Santo aparecerá, assim o esperamos, durante o ano corrente.

Paris, 15 de Abril de 1903
Alexandre Le Roy, Bispo de Olinda, Superior Geral

COR UNUM ET ANIMA UNA

SEMINAIRE DU ST ESPRIT
PARIS



«Estou decidido a seguir
o caminho que me indicares»

Poullart des Places

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO